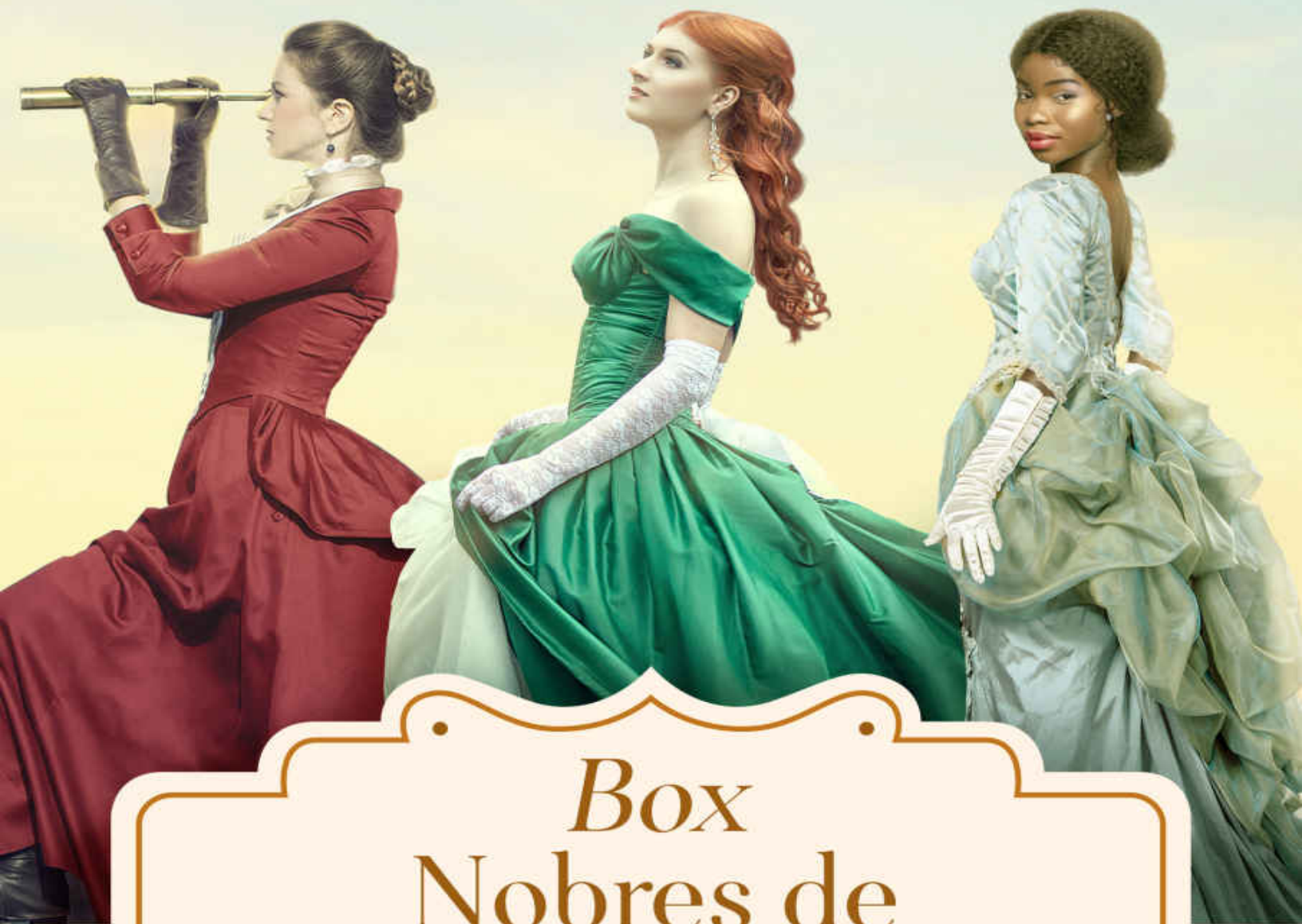




Box
Nobres de
Andaluzia

Sarah
Summers



NOBRES DE ANDALUZIA

BOX DE LIVROS DIGITAIS

SARAH SUMMERS

CONTENTS

A Promessa de uma Dama

Prólogo

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Agradecimentos

A Vingança de uma Duquesa

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

[Capítulo 07](#)
[Capítulo 08](#)
[Capítulo 09](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Epílogo](#)
[Nota da Autora](#)

[O Destino de uma Bastarda](#)

[Capítulo 01](#)
[Capítulo 02](#)
[Capítulo 03](#)
[Capítulo 04](#)
[Capítulo 05](#)
[Capítulo 06](#)
[Capítulo 07](#)
[Capítulo 08](#)
[Capítulo 09](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre Sarah Summers](#)

NOBRES DE ANDALUZIA. Copyright © 2022 SARAH SUMMERS

Capas: Sarah Libna

Diagramação: Tatiana Mareto

Revisão: Elen Arcangelo

1. Romance de Época

2. Literatura Brasileira

Edição digital. Criado no Brasil.

1ª edição / 2022.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

A história aqui reproduzida não expressa a opinião pessoal da autora.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

✿ Created with Vellum

A promessa de uma
DAMA

Série
Nobres de
Andaluzia

Livro I

Sarah
Summers

Para os amores impossíveis.

*Poderá nublar-se o sol eternamente;
Poderá secar-se num instante o mar;
Poderá romper-se o eixo da terra
Como um débil cristal.
Tudo sucederá! Poderá a morte
cobrir-me com seu fúnebre manto;
Porém, jamais, em mim, poderá apagar-se
a chama do teu amor.*

— GUSTAVO ADOLFO BECQUER

PRÓLOGO

CONVENTO NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA – 1895

ILHA DE TENERIFE. CONVENTO DA NOSSA SENHORA DA
CANDELÁRIA - 1895. PRESENTE

A hóspede havia estado ausente outra vez das orações matinais, constatava a madre superiora com um suspiro resignado de quem chegava a uma resiliente opinião, enquanto o jovem recém-chegado ao seu lado tamborilava os dedos sobre sua cartola com curiosidade, observando a mulher logo à frente, distante e perdida em si mesma.

Doña Isabel Casanova.

Não havia um só lugar em toda a Andaluzia que não falasse da maldição abatida sobre a família Casanova. Talvez toda a Espanha estivesse sob os efeitos dos maledicentes comentários que retratavam como obras malignas o que, na verdade, poderia ser encarado como tragédia. A madre superiora conhecia o mal e as calamidades. E os jovens casais tinham sempre mais possibilidade de atrair tragédias do que maldições demoníacas. Ela viveu o suficiente para saber e ver por conta própria.

— Então, essa é a senhora Casanova? — adiantado, o jovem falou ao seu lado.

— Infelizmente sim — a madre respondeu, e o homem a olhou com uma sobranceira em pé. — Todas nós aqui do convento a conhecemos antes... e agora. *Doña Isabel Casanova* é a sombra da mulher que um dia vimos chegar aqui.

— Disseram-me em Sevilha que está assim desde...

— Sim, é verdade — interrompeu.

— Muito bem, só me resta começar o que vim fazer. — O jovem empertigou-se.

— E quanto tempo levará?

— Isso... só ela é quem poderá nos dizer.



Isabel sabia quando era observada.

Nunca foi uma jovem que gostasse de atrair atenção para si mesma, nem mesmo quando estava solteira, em idade para casar-se, mas nos últimos anos acostumou-se a ser o centro das atenções, mesmo a contragosto.

Era sempre algo no ar, uma mudança no vento que fazia a concentração em seus pensamentos interromper-se e a certeza de que alguém detinha a atenção nela, como se pudesse senti-lo. Farejá-lo.

Vivendo confinada como estava, fazia tudo ser ainda mais suscetível. Encarou a grande porção azul do oceano à sua frente com os raios finos e tranquilizantes da manhã e virou-se para descobrir, uma vez mais, que não estava errada. Tinha companhia.

— *Señora Casanova*, desculpe incomodá-la... — a madre disse brevemente, aproximando-se.

— Sim — respondeu Isabel, atenta ao homem que acompanhava a mais velha das freiras do convento.

— É que acaba de chegar esse senhor e ele gostaria de vê-la.

Isabel fez um leve gracejo com a cabeça e segurou seu vestido por um instante.

— *Señora Casanova*? Sei que chego abruptamente, mas venho a pedido de *Don Ramiro Fuentes*.

— Tio Ramiro? Ele está bem?

O jovem médico encarou a madre superiora um tanto curioso e, em seguida, voltou a olhar a dama.

— Sim, não há nada errado com ele. Estou aqui para vê-la.

— A mim? Quem é você? E por que Eric não está aqui? Eu vi o navio desembarcar esta manhã, pensei ser ele...

O homem permaneceu em silêncio com os olhos arregalados, enquanto a madre superiora apenas se aproximou de Isabel segurando suas mãos suavemente.

— Sinto muito, senhora Casanova, mas o senhor Casanova não veio comigo nessa viagem, e eu também não trago notícias dele. — Isabel fechou os olhos com força e suspirou. — Sou David Walker e vim ver como se encontra a pedido de seu tio. Sou médico.

Isabel acenou para os tapinhas suaves da madre superiora em sua mão, tentando entender o que o estranho dizia. David Walker. Seu nome era estrangeiro, assim como sua forma de falar. Vestia-se com cores escuras e soturnas demais para alguém da sociedade andaluz.

— Médico? Para mim? Mas me encontro em perfeito estado. — Sutilmente, deu dois passos de um lado para o outro. — Madre, não há mais rezas suficientes que me façam ter paciência para esperar notícias de meu marido — disse, aflita.

— Talvez este seja o motivo de seu tio ter enviado alguém para verificar sua saúde, *señora*. Não fará mal nenhum e dará ainda mais força à sua espera.

— Acha mesmo?

— Creio ser o que Deus está providenciando para você nesse momento.

— *Muy bién*, e de onde é o senhor, doutor Walker? — Isabel quis saber.

— Sou inglês, mas fui à faculdade de medicina na Prússia.

— E o que o traz à Espanha?

— Vim expandir alguns dos meus estudos em determinados hospitais do país.

— Se me permitem, retornarei para minhas atividades. *Doña* Isabel, sabe onde me encontrar se precisar de qualquer coisa.

— Claro que sim, madre.

A velha mulher se despediu e caminhou lentamente para o largo pátio em busca do abrigo da casa paroquial.

— Sabe, meu pai também era médico — Isabel voltou a dizer quando estavam em silêncio outra vez.

— Sim, ao menos foi isso que me disse o doutor Simarro. Eles estiveram juntos em alguns hospitais.

— Simarro? Doutor Luis Simarro? O médico de loucos? *Señor* Walker, o senhor trabalha para ele? — perguntou com os olhos arregalados.

— Estou mais como um aprendiz. Vim ao país para observar o avanço dos tratamentos nos hospitais. É o que estudo na Prússia, no momento.

— Por que meu tio me enviou um médico de loucos?

— Ainda sou médico antes de tudo, senhora Casanova, e vim como um favor pessoal a seu tio. Antes da medicina, eu acreditava que o meu futuro era o celibato.

Ambos começaram a caminhar, afastando-se do jardim.

— Foi seminarista? — Isabel questionou, espantada.

— Até o último ano.

— *Perdón*, doutor Walker, agora entendo por que foi enviado para uma visita tão enfadonha e distante. Sinto muito se pareço zangada ou até

mesmo distraída, mas eu esperava por notícias diferentes — parou desapontada —, não pude dormir e vi, ao alvorecer, a chegada da embarcação. Minha vontade foi de ir até o caminho do penhasco para olhar melhor o porto, mas as freiras se colocam histéricas todas as vezes que vou lá, não faço ideia do porquê. — Isabel apontou para o local sobre as construções paroquiais, enormes montes rochosos cercados por vegetação em um pequeno caminho limpo guiado por corda. — Então, fiquei aqui, onde me encontrou ainda há pouco.

— *Perdón*, mas a senhora parece precisar mais de alguém que a escute nesse momento do que de um exame.

Isabel sorriu.

— É uma longa história.

— Acredite, senhora Casanova, vim preparado. Temos bastante tempo.



Honra e Escândalo



CAPÍTULO 01

SEVILHA, 1893.

D OIS ANOS ANTES

O dia ensolarado resplandecia sobre a ruidosa cidade. A agitação fazia das ruas ambiente impossível para a mais simples das conversas. Cada carruagem levava cidadãos ansiosos e ocupados, vide a importância do dia. Os arredores da Praça de Toros, *La Maestranza*, ferviam de gente, sujeira e apostas.

Ali, com os corações quase saltando pela boca, três damas desacompanhadas faziam uma incursão conscientemente proibida. Sabendo que não deviam estar ali, elas caminhavam de braços dados entre as pessoas que se espreitavam para entrar na praça. Contudo a insistência e a teimosia foram protagonistas na grande mansão dos Fuentes nesta manhã e, assim, Isabel se viu arrastada junto à prima Letizia e sua dama de companhia, Juana.

— Ainda não posso crer que concordei com essa loucura — Isabel disse, puxando a barra de seu vestido azul enquanto se apressava ao caminhar.

— Um pouco de insanidade fará bem à sua saúde, prima. Desde que chegou de Madrid tem estado presa em casa, e não foi a nenhum dos eventos sociais conosco... Estou feliz que tenha decidido finalmente sair do luto e mudar suas cores — a jovem disse, ajeitando o lenço que escondia firmemente os fios acobreados em sua cabeça.

— Ainda não sei se sair do luto foi uma boa decisão, afinal, passaram-se apenas três meses que *papá* se foi... — Isabel voltou a cochichar, mas foi interrompida por um encontrão de um homem. — Isso está cheio demais, Juana, você parece-me mais sensata que minha prima, como concordou com esse despropósito? — Viu-se obrigada a terminar sua frase aos berros por estarem rodeadas de pessoas que não paravam de empurrá-las de um lado para o outro.

— Não vai encontrar sensatez em Juana quando se trata de touradas, é fascinada por elas — gritou Letizia.

A jovem de pele escura sorriu com timidez.

— Aqui é onde eu fico — disse Juana com o rosto próximo ao de Letizia.

— Tudo bem.

— Lembre-se, mantenha a mantilha sobre a cabeça, ninguém...

— *Sí... sí...* eu sei, não devo ser reconhecida.

— Onde ela foi? — questionou Isabel ao ver a moça correr entre a multidão após despedir-se brevemente.

— Foi ver um amigo. Precisamos entrar e achar um bom lugar para sentar-nos.

La Real Maestranza de Sevilha estava coberta de pessoas que apontavam aos berros para um espaço circular coberto de areia. O vento soprava poeira para o lado mais alto da praça, o terraço, para onde Letizia havia guiado Isabel. De mãos e braços dados, as duas espreitavam anônimas o espetáculo a céu aberto entre uma larga pilastra.

— Como faremos para encontrar Juana antes de voltarmos?

— Não se preocupe, ela irá nos achar. Ao menos, ela sempre me acha — murmurou Letizia com um sorriso.

— Espere, já fizeram isso outras vezes?

— Shiii! — Ela pôs um dedo sobre os lábios.

Isabel não gostou da ideia da prima andando sozinha entre uma multidão nas corridas de touros. Juana e Letizia tinham quase a mesma idade, mas, afinal, o que ela sabia da silenciosa dama de companhia desde que havia chegado na casa do tio, três meses antes?

Viera de Madrid e conhecera Juana, de quem antes só ouvira falar pela prima, que dizia ser alguém que vivia na fazenda da família. Entretanto Juana deixava Letizia andar sozinha em plena corrida de touros para ver um amigo? Bom, talvez houvesse outra explicação...

— Olhe, aí vem *El Fantasma*!

Uma voz gritou, chamando a atenção de todos e de Isabel. Os gritos se transformaram em assobios e palmas. As damas acompanhadas ao redor acenavam com seus pequenos lenços de seda. O som de um tambor regia os passos dos toureiros que adentravam a arena em marcha lenta e organizada. Depois vieram os *matadores*, *picadores* e todos os que tinham sua parte no espetáculo a seguir. Era um ritual centenário e conhecido.

Os cavalos que desfilavam sobre o chão arenoso relinchavam, enquanto todos ao redor bradavam gritos de guerra pedindo pelo início do embate

entre homens e animais. Uma figura montada sobre uma sela dourada prendeu a atenção de Isabel.

— Quem é aquele? — Fez-se ouvir para a prima ao lado.

— É *El Fantasma*! — Letizia gritou batendo palmas. — Ninguém sabe sua identidade, suas aparições nos eventos são todas enigmáticas.

— Quer dizer que não é um toureiro?

— Não, todos o chamam de um grande exibicionista.

— E por que dizem isso?

— Espere um momento... e entenderá — a jovem respondeu com os olhos presos no centro da praça.

El Fantasma seguia sobre o cavalo rodeando o picadeiro até restar somente ele. Outros cavalos foram liberados de volta à arena, dessa vez sozinhos, sem cavaleiros. Os olhos de Isabel se espantaram ao ver que os cavalos pareciam saber exatamente o que fazer.

Sob o comando de *El Fantasma*, havia oito cavalos trotando em círculos, eles se dividiam em pares; na frente, o indivíduo em traje de toureiro e o rosto oculto por uma máscara de cetim branco domava os animais. Todo o povo uivava quando, em seguida, ele se pôs de pé, uma perna em cada cavalo que guiava, correndo ferozmente na arena.

Espantoso.

Isabel levou uma mão aos lábios, incrédula. Seus olhos agora seguiam a figura desbravadora na arena com intensa curiosidade. Dessa vez, os cavalos se detiveram em uma só fileira, e a figura em seu meio levava a mão às costas. É só então que ela reparou no arco que *El Fantasma* carregava. Com uma flecha retirada de uma bolsa de couro em seu cavalo, ele apontou para um local acima da multidão. Isabel reconheceu o camarote vazio da família real. A flechada foi rápida e atingiu uma corda que se rompeu e revelou um rico e largo instrumento de tapeçaria. Nela, as cores da bandeira nacional.

— *Madre de Diós*, sinto meu coração bater veloz apenas de vê-lo — Letizia disse com uma mão sobre o peito, enquanto a outra segurava fortemente o tecido rendado que cobria sua cabeça.

Isabel concordou, fascinada demais para reagir de qualquer outra forma ao mesmo tempo em que enxergava *El Fantasma* se despedir e desaparecer sob a estrutura da praça.

O som de um clarinete anunciava a entrada de um toureiro e o presságio do que viria a seguir.

— Estamos muito longe, quero ficar mais perto para assistir — Letizia disse, tocando levemente o braço de Isabel e movendo-se logo em seguida.

— Letizia, espere! — Isabel tentou inutilmente alcançar o ombro da prima, que saiu apressada pelo pequeno espaço em degraus, lado a lado na multidão.

O barulho do povo ao redor indicava que algo acontecera na arena. A curiosidade venceu Isabel por um instante. Enquanto visualizava a prima distanciar-se, ela encarava o centro da praça. O embate entre o toureiro e o touro se iniciava.

Piscando rapidamente para a direção anterior, já não pôde encontrar Letizia. Isabel saltou entre os degraus, ignorando os gritos inflamados ao seu redor e a própria precaução de evitar uma mancha à casa de seu tio. Já próxima à arena, com o peito apertado pelo espetáculo sangrento à frente, seus olhos escrutinavam cada parte da praça de touros.

Lembrou-se dos livros de história que o pai lhe presenteara e uma imagem do Coliseu romano veio à mente. A estrutura e a finalidade da praça eram assustadoramente similares, quando via a dança sinistra entre homem e animal à sua frente.

Seus olhos não paravam de buscar a familiar figura da prima entre a multidão e, pronto, através da familiaridade, a encontrou. Distante, a muitos passos, Letizia maravilhava-se em sua inocente liberdade, completamente absorta entre a multidão, enquanto seus fios firmemente presos em um robusto penteado escapavam, o lenço completamente esquecido em seus ombros.

Ao se aproximar a passos trôpegos, notou a presença de Juana ao lado da prima.

— O que estava pensando? — cuspiu a frase assim que esteve perto o suficiente das duas.

— Perdoe-me, Isabel, quando olhei para trás, não consegui vê-la... Estou acostumada a assistir desse local.

— Acaso está dizendo que já fizeram esse despautério outra vez? Não enxergam como é perigoso? — bradou em direção a Juana, que apenas levantou as sobrancelhas.

O barulho de madeira partindo-se, seguido de gritos apavorados, chamou a atenção. Os olhos de Isabel se voltaram para a arena e enxergaram apenas o toureiro que jazia no chão, enquanto o oponente enfurecido invadia os assentos da praça, levando o caos aos espectadores.

— Precisamos sair daqui — aflita, ela disse ao mesmo tempo em que a prima cobria os lábios com a mão enluvada, cheia de horror.

— Venham comigo. — A voz de Juana em comando se fez presente.

De braços dados, as três passaram a correr entre uma multidão cada vez mais apavorada.

— Só deixem de se mover quando eu disser. — A frase da dama de companhia soava perdida no alvoroço.

Impelida pela falta de familiaridade com o local e a tensão em volta, Isabel continuou a correr, obediente, guiada por Juana, ao passo que protegia Letizia a todo custo. Seus olhos observaram com descrença quando passaram direto, contra o curso aterrorizado de pessoas, em frente à entrada principal, e se viu correr a toda pressa em direção oposta à multidão.

— O que está fazendo? — gritou, agarrando a prima com ainda mais força quando viu Juana saltar do estreito caminho para o lado inferior da arena, desbocando diretamente na entrada de onde saíam alguns animais.

— Confie em mim, sei o que faço. — Ouviu a resposta da ousada dama, que puxava as próprias saias com uma mão e guiava Letizia para pular para junto de si. Aparentemente parecia não temer a nada no mundo.

Firmando os joelhos, Isabel não viu outra escapatória além de juntar-se a elas. A poeira da arena recebeu seus pés com dureza, enquanto um caminho desconhecido se insinuava logo à frente.

Seus olhos enxergaram um largo e escuro corredor, de onde saíam homens aos gritos, apressados com a intenção de remediar a situação descontrolada.

— Haja o que houver, mantenham-se próximas à parede. — Ouviu Juana dizer, embrenhando-se na galeria oculta.

As lamparinas impediam a escuridão total, e um odor pungente de suor e esterco invadia as narinas, deixando clara a presença próxima de animais em alguma parte. Os passos da jovem guia eram rápidos e precisos e, enquanto Letizia parecia acostumada, Isabel encontrava dificuldades para acompanhar. Seus instintos todos em alerta diziam-lhe que a fuga não tinha como acabar bem.

Se ao menos tivesse conseguido convencer a prima a desistir da ideia absurda de aventurar-se na corrida de touros nesta manhã, claramente não estariam nessa confusão.

De volta à galeria, Juana estacou, fazendo com que os corpos das três se chocassem. Com mãos hábeis, ela puxou a maçaneta de uma pesada porta e abriu caminho para Isabel e a prima. No instante seguinte, estavam em outro grande corredor, mas dessa vez deserto e iluminado pela luz do dia. O barulho de gente e carruagens era alto, indicando que apenas a parede de pedra à direita separava-as da rua. O caminho era largo o suficiente para que andassem uma ao lado da outra, e a tensão não lhes permitia falar. Quando atravessaram um grande portão de ferro e pisaram sobre o chão pedregoso, a aventura demonstrava sinais de finalizar-se com sucesso.

O caminho agora era um beco um pouco mais apertado, porém não mais deserto. Poucos passos à frente dobraram na esquina sem saída e viram-se em frente a um pequeno grupo de homens.

Não eram cavalheiros.— Concluiu Isabel ao notar as vestes do bando à frente.

Bandoleiros. — Sim, foi sua afirmação mais próxima, apesar de um deles estar vestido demasiadamente bem para alguém que vivia escondido, às margens da lei. As touradas eram eventos altamente lucrativos para a cidade e atraíam todo tipo de gente nessa época do ano.

Arfante, Isabel viu Juana retroceder com passos lentos enquanto tomava o braço de Letizia com ainda mais força. Como ela, a dama parecia farejar o perigo.

Nenhum dos homens as vira ainda. Eles pareciam estar em uma espécie de discussão, distraídos demais para notarem três mulheres perdidas.

— Quando eu disser que é o momento, nos viramos e caminhamos na direção oposta o mais rápido que conseguirmos, e só paramos tão logo estivermos na rua outra vez — Juana disse em um sussurro.

Seu plano era bom, mas o que nenhuma delas contava era que a discussão dos homens à frente saísse de controle. O maior e mais bem-vestido deles segurava o cabo de sua pistola e, com ela, desferiu um golpe na cabeça do homem indefeso, que foi ao chão.

A cena era atemorizante, pois não havia dúvida que algo ainda pior poderia acontecer, e o grito assustado de Letizia delatou que o crime teve testemunhas. Os homens tardaram a reagir, incrédulos de verem as três ali.

Juana aproveitou o instante e pôs-se a correr, sem deixar Letizia para trás. Levantando as saias do vestido, Isabel correu junto a elas, o grito da prima ainda ecoando em sua mente.

A fuga se viu impossível quando um corpo pesado e forte a agarrou por trás, tirando-a do chão. Os pés de Isabel movimentavam-se no ar enquanto ela assistia a prima e Juana serem capturadas da mesma forma. Leticia gritou e Juana enfiou os dedos nos olhos do homem que a segurava, fazendo-o urrar de dor.

— Solte-a! — disse, chutando o brutamonte sujo que segurava Letizia.

Isabel tentou inutilmente trazer o peso de seu corpo de volta para o chão, Juana foi agarrada outra vez, agora por dois pares de braços.

— Afinal, o que temos aqui? — uma voz masculina disse presunçosamente.

Isabel encarou o agressor e só então percebeu que ele vestia as cores da guarda civil.

— Vamos, senhoritas, digam-me, o que fazem perdidas por aqui? — Seu tom jocoso continha uma violência controlada. Isabel sentiu suas costas retesarem em apreensão.

Buscando a todas com os olhos, Juana fez um leve sinal negativo com a cabeça. Nenhuma das moças respondeu uma só palavra.

— Meu humor não anda muito bom para charadas, muito menos para donzelas. Assim, comecem a fazer isso que vocês, tagarelas, fazem. Desembuchem. — Sua voz soou agressiva. — Não tenho tempo para isso. — Bufou. — Juntem vocês dois e sumam com aquele idiota daqui. — Ele apontou para o indivíduo gemendo de dor no chão.

Um dos homens acenou e partiu logo em seguida. Para Isabel, ele tinha a aparência mais perigosa de todos os seis homens ali. Um cabelo comprido até o ombro, um cavanhaque sob o fino bigode bem aparado e uma barba que se moldava em sua mandíbula firme e quadrada.

Isabel não conseguiu disfarçar a expressão de asco quando o indivíduo agredido pelo bando foi carregado pelos dois homens à sua frente, enquanto Letizia fechava os olhos em um choro silencioso. O líder, com a vestimenta da guarda civil, avançou com seu olhar fixo em Isabel.

— Olhe só você — ele disse. — Tanta doçura... — Como um predador, ele se aproximou e tocou em seu rosto. — Uma pena — sussurrou.

Enojada, Isabel cuspiu no rosto dele, que riu, limpando-se com um lenço em seguida.

— Vamos ver por quanto tempo. Coloque-as ajoelhadas.

Com brutalidade, Isabel foi atirada sobre o chão de pedras. A superfície estava úmida e com musgos. Ao seu lado, Juana e Letizia foram jogadas com um baque surdo. Juana, que até momentos atrás esbanjava um olhar destemido, agora mantinha sua cabeça baixa, mas foram seus punhos fechados que chamaram mais a atenção de Isabel.

— Que demônios acontece aqui? — Uma voz grave ergueu-se na viela.

Com os olhos fixos no chão de pedras, Isabel ouviu passos se aproximarem, pesados e ruidosos, seguidos de mais pés com botas barulhentas.

Um homem alto e forte, ela poderia jurar que assim ele era, se deteve frente ao seu algoz. Com os olhos fixos no chão, Isabel apenas continuava sua rápida prece mentalmente enquanto escutava os soluços baixos de Letizia ao seu lado.

O silêncio dos homens parecia ainda mais assustador do que qualquer ameaça já dita. O aumento da tensão no ar era palpável, e Isabel sabia que, quem quer que fosse o que acabava de chegar, ele tinha poder suficiente para enfrentar o estranho que as perseguia. Só lhe restava saber qual dos dois poderia representar um risco menor para ela e suas companheiras.

— Dramático, como sempre — o oficial disse, no seu tom havia escárnio. — Não há nada demais acontecendo aqui.

— Nada? Então porque as damas estão no chão, assustadas? — A voz do recém-chegado se fez ainda mais inquiridora. Em tempo, todo o ambiente parecia tornar-se menor com seus passos. Firmes e expansivos. Ele andava entre todos como se tudo que tocasse o chão pertencesse a ele.

Suas botas eram bem lustradas, caras. Com coragem, Isabel se permitiu levantar os olhos para observar o estranho. Seus trajes eram alinhados como os de um cavalheiro, mas as cores delatavam a indisciplina de um aventureiro. Um casaco azul sobre a calça bege que evidenciava pernas longas e coxas poderosas. Respirando fundo, Isabel continuou com um rápido reconhecimento no desconhecido. Sua aparência denotava uma bruta sofisticação, seus cabelos eram negros, tal qual a parte mais escura da noite, e longos até o ombro, para seu espanto. Não usava cartola, mas prendia os fios junto à nuca. Seu rosto tinha traços duros e olhos profundos enquanto

aparentava uma carranca. Parado a poucos metros dela, o homem irradiava uma presença avassaladora em uma aura cheia de masculinidade. Era como se o perigo estivesse materializado, a um toque de suas mãos.

— Damas? Por favor... não passam de prostitutas. Não vê a negra?

O tom de mofa do homem à sua frente fez a cena de instantes atrás voltar à mente de Isabel. A chegada do novo indivíduo indicava ainda mais perigo à incursão das jovens. Ao seu lado, Letizia continuava a rezar com seus grandes olhos claros semicerrados, e Juana tinha sua cabeça voltada para as pedras no chão. Seus olhos não piscavam, seu peito nem ao menos movia-se com a respiração, mas Isabel podia jurar que ela estava conscientemente alerta, vigilante, em busca de uma pequena chance para escapar.

Foi quando ela soube que as chances estavam desfavoráveis para as três. O destino de todas elas dependia da resolução entre os dois sujeitos. Eram como cabeças a prêmio, não importava que fossem de carne e osso, o que acontecesse a seguir independia de suas vontades.

Era como quando seu pai lhe ensinava a fazer curativos nos doentes que o ajudava a atender. “Apresente ao enfermo o toque para a cura e deixe que a enfermidade descubra o caminho para passar”.

Isabel sabia que ali teria apenas uma chance. Por isso, quando o estranho corpulento se aproximou ainda mais, seu rosto manteve-se altivo. Seu olhar ganhou um ar de curiosidade sobre ela e Isabel soube que era a hora. Lentamente pôs-se de pé.

— Afinal, o que quer? Desde quando se preocupa tanto com prostitutas?
— disse o oficial ao lado, ainda em tom jocoso.

Olhando atentamente para Isabel, o desconhecido manteve seu maxilar tensionado, ele parecia altamente desgostoso. Sua vista pousou brevemente sobre Letizia e Juana, que ainda jaziam no chão, para depois encontrarem os olhos dela outra vez.

— É uma prostituta? — exigiu em seu tom firme e grave.

— Não — respondeu prontamente, desafiando o perseguidor ao seu lado. O recém-chegado podia ver claramente sua feição, o vestido da moda e sua mantilha branca. Um homem inteligente saberia reconhecer uma dama. Um homem justo e honrado se colocaria em risco para salvá-las. Se seu desconhecido fosse isso, ele seria sua salvação. O caminho para

continuar a viver. — Não sou uma prostituta, nenhuma de nós é — voltou a dizer.

O mundo inteiro caberia nos olhos escuros e penetrantes que a encaravam.

— *Don Guillermo* está à sua procura há bastante tempo. Acredito que não quer que ele vá procurá-lo no prédio da guarda nacional.

— Não há nada que não possa ser resolvido mais tarde...

— Se não for agora, farei questão que saibam e investiguem o que quer que tenha ocorrido aqui. E não falo apenas das senhoritas — disse com os olhos nas pequenas manchas de sangue à frente.

O oficial soltou o ar com irritação.

— Juan, leve as “*damas*” para um local seguro e... — o oficial começou a dizer.

— Não sou estúpido, Alonso. Suma da minha frente antes que me arrependa de ameaçá-lo tão brandamente. Eu me encarregarei de deixar as senhoritas em real segurança.

— Se acha um verdadeiro herói, não é mesmo?

— O que pretendia fazer com elas, afinal? Se não havia más intenções, não vejo por que está incomodado com minha ajuda. — Ambos se puseram frente a frente, em uma batalha muda.

— Que fique claro que a última palavra não foi sua, *hermano*. — Ele assobiou e com o dedo fez um sinal, indicando para os homens que o acompanhavam irem embora.

Isabel pôde jurar que seu coração estava pesando uma tonelada nesse momento.

— *Señorita*, acredito que, para o bem de todas vocês, o mais inteligente seja irem para suas casas o mais rápido possível.

— *Sí, sí*, claro! *Señor*, me faltam palavras para agradecer por interceder por mim e pelas damas que me acompanham.

— Se aceita um conselho, *señorita*, entre todos os dias, este não é o melhor momento para estar na cidade, ao menos não sem uma proteção masculina.

Isabel sentiu-se tola com a afirmação.

— Entendo seu conselho e mais uma vez obrigada por evitar que algo pior acontecesse.

O cavalheiro a encarou com seriedade um momento.

— Sinto dizer, o que quer que tenham presenciado causará muito menos comoção em suas vidas do que o fato de explicarem por que andavam por essas vielas.

Isabel engoliu em seco.

— Eu... eu... nós...

O choramingo alto de Letizia se fez presente outra vez quando a jovem buscava equilibrar-se sobre os próprios pés, procurando o auxílio do corpo da prima.

— Acalme-se, Leti, está tudo bem agora. — As mãos suadas pelo terror se encontraram. — Perdão, *señor*... creio que ainda não formos apresentados...

— Largue-me, posso muito bem me levantar sozinha. — A voz de Juana fora de si as alcançou.

Todos encararam o homem que buscava, inutilmente, auxiliar Juana. Ele não se vestia como um cavalheiro. Seus cabelos também eram mais compridos do que o apropriado para a sociedade, e ele vestia um colete repleto de arabescos dourados. Isabel podia apostar seu camafeu mais valioso que nas veias daquele enorme homem corria sangue cigano.

— Apenas busco ajudá-la — ele disse em uma voz assustadoramente grossa.

— Não preciso de sua ajuda — a dama de companhia rebateu.

— Juana, acho que não é o melhor momento para tratarmos assim nossos salvadores. — Isabel tentou aconselhá-la.

— Estarei agradecida quando deixarem claro o que querem em troca.

Os olhos de Isabel se arregalaram.

— Perdoe-a, *señor*. Creio que estamos todas alteradas pelos acontecimentos. Obviamente, estamos altamente gratas por sua intervenção. Se nos permite, devemos agora retornar à casa.

— Que espécie de salvador eu seria permitindo que se colocassem em risco outra vez? — A boca da jovem se abriu em protesto, em vão. — A cidade está em festa, as ruas, repletas de multidões. Permitam-me que eu e os homens de minha confiança as acompanhem.

— Obrigada, mas não acho necessário que... — Juana tomou a frente, mas foi interrompida.

— Aceito sua oferta.

— Aceita? — As sobancelhas de Juana se curvaram em um desafio.

— É o mais prudente. Você se deixou levar pela absurda ideia de Letizia de sairmos para as touradas hoje. — Os olhos da acompanhante se tornaram faíscas, e Isabel continuou: — Seu dever é sempre deixar minha prima em segurança, e veja só onde estamos agora?

— Meu dever? O que, por acaso, sabe você sobre meus deveres nessa família?

A jovem dama de companhia não gostava dela. Isabel havia pressentido desde a primeira semana após sua chegada à casa do tio. Naquele momento, achou que talvez fosse pela pequena perda de mordomia de Juana em deixar de dormir no enorme quarto junto a Letizia e ver-se sozinha em um cômodo mais simples. Os olhos da acompanhante agora revelavam haver algo maior em sua negativa.

— Eu apenas quero minha prima segura em casa, de onde jamais deveríamos ter saído essa manhã. — Com determinação, Isabel se voltou ao desconhecido, que aguardava pacientemente.

— *Señor*, seria de grande valia sua escolta até em casa.

— Sendo assim, não há mais o que ser decidido. Zalo, certifique-se que as duas jovens cheguem intactas ao seu destino. Use meu coche particular se isso as deixar mais confortáveis. Quanto a mim, eu levarei a *señorita*... — Seus dedos estalaram com um pedido.

— Isabel, Isabel Fuentes — ela disse ansiosamente.

— Quanto a mim, eu mesmo levarei a *señorita* Fuentes em casa. Será uma breve caminhada, asseguro.

— A pé? Mas por que eu iria separada de minha prima e...

— Esses são meus termos, *señorita*. É pegar ou largar.

Isabel engoliu em seco, sentindo a tensão voltar ao seu ventre. Por acaso estaria ela trocando um perigo por outro ainda maior?

Os olhos do desconhecido não desviavam dos seus, inspecionando cada parte de seu rosto. Em busca de falhas? Reconhecimento? Ela não sabia, mas o que ela, sim, sabia, é que o homem à sua frente a intrigava. Ele andava como se cada pedaço de chão lhe pertencesse e ainda assim não aparentava ser esnobe. Seus trejeitos não demonstravam pompa, como os de qualquer outro nobre, mas ela poderia jurar que suas roupas, apesar de inusuais, eram caras de um modo que apenas um homem com acesso à aristocracia poderia se dar ao luxo de ter.

Estranhamente o cavalheiro não emanava um ar de perigo, como o infeliz oficial que acabou de retirar-se. Suas feições eram garbosas e ao mesmo tempo transpareciam um espírito indomável, feroz. Para o terror de Isabel, nada disso lhe dava um motivo sequer para sentir medo. Descamando as convenções sociais, o pudor... tudo que lhe restava sobre o desconhecido era curiosidade.

— Senhor... Zalo? — chamou timidamente.

— Gonzalo Montoya, para servir a Deus e às *señoritas* — a montanha de pele e músculos disse em forte voz, cujo eco poderia ser capaz de fazer tremer qualquer frágil construção ao redor.

— Prometa que levará minha prima e sua acompanhante sãs e salvas para casa — proferiu em tom de aviso.

— Tem a minha palavra, *señorita* Fuentes. — O rosto do homem transformou-se em uma expressão suave e comprometida. Com a experiência de ver os mais bravos homens confessarem seus pecados em leitos de morte nos atendimentos médicos junto ao pai, Isabel sabia que Gonzalo não estava mentindo. Ela apenas acenou em resposta.

— O *señor* Montoya a levará à casa, querida. Logo tomaremos um chá juntas para aliviar a tensão do dia. — Usando seu olhar bonançoso, ela segurou a mão da prima por um momento e a guiou para o lado de Zalo.

— Isabel... — A voz de Juana foi interrompida pelo braço apaziguador de Letizia.

— Nita, é o melhor. — Com um suspiro, Juana aparentou resignar-se e concordar com a nova empreitada.

— Permita-me, *señorita*. — Zalo, em um cavalheirismo desajustado, ofereceu o braço a Juana.

— Nem se eu estivesse louca. — O homem ouviu e sorriu pela primeira vez.

Os passos dos três foram ouvidos pela galeria enquanto Isabel e o desconhecido examinaram-se.

— Também me deixará em segurança? — murmurou.

— Se houvesse tempo para nos conhecermos, *señorita* Fuentes, aprenderia que não há nada mais valioso em todas as minhas posses do que minha palavra. — Ele lhe ofereceu o braço ao mesmo tempo em seus olhos faziam um questionamento inaudível. E foi com completo espanto que

Isabel percebeu que faria algo que prometeu a seu pai jamais fazer: ela confiaria em um estranho.

De volta ao caos das avenidas, Isabel manteve-se ereta e constrangida pela proximidade com o corpo masculino ao seu lado. Caminhavam lentamente, desviando-se dos coches e da gente desesperada por chegar em algum lugar.

Ela perguntava-se o que dizer a ele. O desconhecido não tinha um ar vanglorioso de quem carrega uma bela dama nos braços. Isso a inquietava, de certo modo. Ela teve uma criação honesta o bastante da parte de seus pais para saber que ninguém era bondoso assim.

— Se não me disser para onde vamos, logo andaremos em círculos, minha cara.

— Perdoe-me, é claro. Como poderia o senhor saber onde estou hospedada?

— Hospedada? Então, não é sevilhana? — O homem sorriu com o canto dos lábios, despertando sensações em Isabel que quase a fizeram corar.

— Eu disse hospedada? Que cabeça a minha! Vivi toda a vida em Madri, junto a meus pais, apenas recentemente cheguei à cidade. Talvez ainda não esteja encarando-a como um lar. Afinal, esta é a primeira vez que tenho coragem para uma incursão, com o luto...

Ele interrompeu os próprios passos e pôs-se frente a ela.

— Está de luto? — Seus olhos escrutinaram o vestido de Isabel, dessa vez com um respeito solene. — Sinto muito por sua perda, quem quer que tenha sido, *señorita*. — Os olhos dele se voltaram para seu rosto, profundos outra vez. Ela viu a verdade de sua declaração e intrigou-se ainda mais com seu salvador.

— Perdi meu pai recentemente. Ele era o que me restava em nossa casa, minha mãe... já se foi há bastante tempo. — Sua voz soava resignada, para sua própria surpresa.

— Meus mais sinceros pêsames. Vê-se que é uma sobrevivente. — O robusto braço de seu acompanhante voltou a estar junto ao seu.

— Não me vejo de uma forma tão dramática — falou, tentando ignorar de todas as maneiras o calor que voltava a emanar pela proximidade dos corpos. — De toda forma, a vida deve seguir em frente, foi assim que vim parar aqui... em Sevilha. — Seus passos, mesmos rápidos, sofriam para acompanhar a potente caminhada. — Vivo com meu tio, próximo à

Alameda de Hércules. Uma casa que pode ser vista desde a praça... Meu tio a comprou recentemente...

— Do Marquês de Miraflores. É sobrinha de *Don* Ramiro Fuentes? — Sua frase soava mais como uma afirmação do que uma pergunta. Seu olhar denotava surpresa.

— Conhece meu tio?

— Bom... todos temos alguma peça da cerâmica Fuentes em casa.

— Sim, posso entender. Os negócios realmente foram muito bons para ele.

— Não há dúvidas que sim. Entretanto, nunca ouvi notícias de que ele tivesse alguém mais na família, além da filha. Sua prima, que estava com você, certo?

— Bom, ele e meu pai não se falavam muito, mas nossas visitas sempre foram muito mais frequentes na fazenda da família, ao norte, do que aqui, na Andaluzia.

— E a que se dedicava seu pai? — perguntou após cruzar uma enorme avenida com a Alameda logo à frente.

— A salvar vidas. Era médico e seus pacientes eram sua maior preocupação. Depois de mim, é claro. Talvez por isso tenha me permitido passar tanto tempo ao seu lado enquanto clinicava.

O homem a encarava com gentileza. Isabel não encontrou mais rudeza em seu olhar, talvez porque agora ele tivesse um vislumbre de quem ela é.

Continuaram a caminhada com presteza. Logo contornavam a Alameda Hércules em desconfortante silêncio. Ele estava cumprindo sua palavra, mas Isabel não deixava de sentir-se angustiada com a situação.

— Sabe que cometeu uma grande tolice arriscando-se hoje, *señorita*.

— Não há necessidade de me dizer isso. Fui contra essa loucura desde o início. Pergunto-me se eu não estivesse junto algo pior poderia ter se passado. — O breve vislumbre dela encurralada nas vielas saltou a sua mente outra vez, dando calafrios.

— Sei que a modernidade em Madri causa uma sensação de maior liberdade, mas há muitos perigos escondidos para uma dama em toda a Andaluzia, *señorita* Fuentes. — Sua voz de advertência estava de volta.

— Não duvido que haja, *señor*.

E ali estava a imensa casa dos Fuentes, só a alguns metros de distância.

— Salvaste-me a vida. Vê-se que é um homem honrado, muito obrigada — soltou as frases quando sua mão tocou um dos ferros do enorme portão.

— Não sou um homem honrado, sou um homem de negócios. — Os olhos do desconhecido se tornaram implacáveis outra vez.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que minhas ações na vida sempre são baseadas em uma oportunidade de ganho. — Isabel já não enxergava nele a feição polida. Ela começou a sentir-se próxima do próprio diabo estendendo-lhe a pena e o tinteiro para a assinatura de um pacto.

— Não entendo... isso quer dizer que estou em dívida com o senhor?

— Pode pensar em algo mais valioso do que sua vida e reputação? — o homem zombou.

Com reprimida fúria, ela respondeu:

— Minha honra e caráter, que, a propósito, não estão à venda. Pois, diga-me quanto quer — cuspiu as palavras com os olhos cheios de revolta.

— Gosto do seu modo de pensar, e não, isso não envolve dinheiro, Isabel...

— Fuentes. *Señorita* Fuentes! E ao senhor, a quem devo a vida, como devo chamar?

A visão de Juana espiando da porta fez o homem esboçar um sorriso por alguns instantes. Como se chamado pelas forças do pensamento, um coche negro parou em frente a eles. Quando a porta se abriu, Zalo a cumprimentou com um menear de cabeça.

— Acredito, *señorita* Fuentes, que no que diz respeito a minha pessoa, quanto menos souber, melhor será para a sua saúde. — Sem permissão, o homem segurou sua mão direita e depositou um beijo. O toque, mesmo sobre a pele enluvada, eriçou sua pele.

Sem mais, o desconhecido partiu na carruagem.

Quando Isabel finalmente pôs os pés no piso de mármore da casa dos Fuentes, ela estava sã e salva, mas ainda não sabia que acabava de selar seu destino.

CAPÍTULO 02

Nenhuma das jovens conseguira dormir bem nesta noite. Em um acordo coletivo, sentaram-se juntas à luz da lamparina no quarto principal, encarando-se e fazendo leves piadas enquanto tentavam digerir o ocorrido do dia. Era quase manhã quando o sono falou mais alto para todas.

O choque contra algo frio e volumoso fez Isabel despertar assustada. Debatendo-se com os olhos fechados, a voz inflexível de Juana se fez presente.

— Acorde, temos problemas — a jovem dama de companhia disse, jogando-lhe outra almofada no rosto.

— A casa está pegando fogo? — murmurou, bocejando.

— Se *Don* Ramiro descobrir o que aconteceu ontem, pode ter certeza que sim.

Isabel sentou-se na cama com os olhos arregalados.

— O que está dizendo? — perguntou em desespero para a jovem.

Juana encontrava-se próxima à penteadeira, já completamente vestida para o dia. Suas roupas não esbanjavam luxo, mas eram absolutamente modernas. Hoje, sobre a longa blusa branca de algodão com babados no colo, sua cintura era marcada por um *corset* vinho, combinando com a longa saia carmim. Não usava anquinhas, mas a saia era generosamente volumosa. Os cachos estavam perfeitamente arrumados em um coque.

— O homem que a trouxe para casa ontem chama-se Eric Casanova, e lá embaixo, neste momento, seu tio está conversando com ninguém mais, ninguém menos que *Don* Guillermo Casanova. O pai dele. O que acha que ele veio fazer aqui tão cedo? Trocar fitas de cetim com o *señor* Fuentes?

Eric Casanova.

Então assim chamava-se o misterioso homem que a salvou ontem. Mas por que havia decidido não revelar o nome?

— Você sabia quem ele era o tempo todo e não achou que seria importante dizer? — questionou.

— Não achei prudente dizer no momento, se esquecêssemos o que se passou ontem, ainda faríamos muito bem, mas já vi que tão cedo não será

possível.

Sem tempo para pensar nos pormenores, Isabel aceitou a ajuda de Juana para trocar-se. Usando um vestido cinza-escuro por não se sentir bem ainda em sair do luto e prendendo os fios loiros às pressas, as duas saíram porta afora, rumo à sala de visitas.

Encontraram Letizia, ainda em roupas de dormir, com os ouvidos pregados à porta do escritório de *Don Ramiro*.

— O que está fazendo? — perguntou Isabel, e foi silenciada pela prima.

— Fale baixo — murmurou a jovem sonolenta.

— Há quanto tempo estão aí? — Isabel questionou Juana.

— Há uns vinte minutos, talvez.

Uma tosse seca se sobressaiu entre o murmúrio de conversa no escritório.

— Espere. — Isabel empurrou Letizia, que caiu sentada no chão, e olhou pelo buraco da fechadura para dentro da sala. — Esse homem já esteve aqui antes... Ele vem quase todas as semanas conversar com tio Ramiro.

— O Barão de Altamira e papai são amigos há muitos anos. Eu disse a Juana que a presença dele aqui não deve ser nada demais, mas ela insiste em ficar desesperada...

— Você também sabia quem eram aqueles homens ontem? — perguntou ela à prima.

— Eu não fazia ideia. Os filhos do barão nunca visitam essa casa, eu apenas os conheço de nome. Papai nunca me leva aos eventos sociais. Este ano será minha primeira temporada. Como eu poderia saber?

Juana revirou os olhos. O ruído de homem tossindo atravessou a porta novamente.

— Eu tenho uma ideia! — Levantando as saias do vestido, Isabel saiu em disparada pelas escadas, outra vez em direção ao quarto.

Alguns minutos depois, ela estava de volta com um pequeno frasco nas mãos.

— O que vai fazer? Envenenar o homem? — Os olhos de Juana arregalaram-se.

— Claro que não. — Isabel levou a mão ao peito, horrorizada demais com a ideia. — Farei algo dentro da lei. Espionarei a conversa de forma honesta. Me ajudaria a preparar uma bandeja de chá e biscoitos?

— Então, quer que eu sirva chá e biscoitos? — A dama de companhia parecia ultrajada.

— Eu não disse isso. Quero que me ajude a preparar, não sei onde fica nada na cozinha. Eu mesma levarei, prometo.

Juana a encarou por uns instantes com os olhos semicerrados. Cedendo, ela a levou, empurrando-a pelo braço até a cozinha.

Sob o olhar atento da jovem de cabelos negros e cacheados, Isabel arrumava a bandeja com esmero. Em uma das taças, despejou cuidadosamente um pouco do conteúdo de um misterioso líquido.

— Não vai dizer o que é isso? — curiosa, Juana perguntou.

— É o meu pretexto — respondeu, concentrada.

Com leves passos, ela encaminhou-se para a porta do escritório uma vez mais, onde Letizia seguia com os ouvidos atentos. A prima ajudou, batendo suavemente na espessa madeira polida.

— Com licença, tio Ramiro? — A jovem adentrou alguns centímetros na sala sem esperar pela permissão. — Desculpe-me se incomodo, mas decidi atrever-me a trazer esta bandeja com alguns quitutes. Não creio que tenha tido tempo para um breve desjejum essa manhã. — Sua voz soava dócil, e seus olhos brilhavam em uma modesta inocência.

Os homens sentados um em frente ao outro na larga mesa de mogno interromperam o assunto e a miraram com curiosidade, seguida de cortesia. Isabel examinou rapidamente ao redor. O escritório era grande, repleto de estantes que cobriam as paredes até o teto. Grande parte eram livros financeiros. Um enorme sofá forrado em um veludo sem brilho ocupava um dos cantos, ao lado de uma confortável poltrona do mesmo tecido.

— Adiante, minha querida. — Com um breve sorriso, *Don Ramiro* indicou-lhe com o dedo para que fosse até eles. — Memo, esta é a sobrinha de quem tenho falado. Isabel, a filha de meu falecido irmão, que agora vive sob minha proteção. Querida, cumprimente esse que é um grande amigo de seu velho tio, o Barão de Altamira, *Don Guillermo Casanova*.

— *Don Casanova*, é um prazer conhecê-lo — com uma leve mesura, ela o cumprimentou.

— É um gosto conhecê-la, *señorita*. — Com um leve aceno, ele devolveu o cumprimento. — Que maravilha encontrar algo melhor que essa sua carcaça, Ramiro, quando vir visitá-lo. E desde quando você me trata com tanta educação? ...Meu velho amigo... o Barão de Altamira... — disse

jocosos, revirando os olhos. — Isabel, esse seu tio sovina, em todos esses anos de negócios, jamais me ofereceu um biscoito sequer. Apenas o mais barato dos licores que importa de Portugal...

— Ah, cale-se, Guillermo — *Don Ramiro* interrompeu.

Com um leve sorriso, Isabel continuou.

— Pois aproveite, *señor*, e sirva-se à vontade. Garanto que os biscoitos são o que de melhor preparamos nessa casa.

— Primeiro Letizia, agora vai esconder também essa joia de tudo e de todos? — O homem terminou a frase com uma ligeira tosse.

Era o momento que Isabel esperava.

— *Don Casanova*, peço perdão se estiver sendo muito atrevida, mas não pude deixar de ouvir sua atormentação por essa tosse. Fiz questão de preparar sua xícara com um láudano que ajudará a aliviar seu problema. Acredito que esteja assim desde uma gripe mal curada, estou certa?

Don Guillermo arregalou os olhos levemente.

— Ramiro, leve-a para a praça e ficará ainda mais rico com essa jovem. Além de bela, tem poderes místicos de adivinhação. — O *señor Fuentes* acenou, ignorando o comentário do amigo. — De fato, esse pigarro não me deixa em paz, menina.

— É muito amável da sua parte querida, obrigado — o tio a agradeceu.

— Caso queira, *señor*, gostaria de oferecer-lhe o láudano por completo. É um dos melhores medicamentos que meu pai usava. Ele foi um grande médico, me ensinou muitas coisas. Por isso, me sinto na obrigação de ajudá-lo. — Isabel ofereceu o frasco em uma suave reverência a *Don Casanova*.

— É muito gentil da sua parte, minha jovem. Não deixe que seu tio a esconda atrás dessas paredes, ouviu bem? — o barão disse após retirar o frasco delicadamente das mãos de Isabel.

O tio acenou, parecendo enfastiado.

— Pois trate de levá-la à recepção em minha casa, e a Letizia. Tire essas beldades desse mausoléu e embeleze os salões um pouco com algo melhor que essa carranca. Você as esconde tão bem quanto ao seu dinheiro — ele completou com uma gargalhada.

Isabel encarou o tio sem entender, que levantou as mãos num gesto apaziguador.

— Obrigado mais uma vez, querida. Mais tarde conversaremos sobre esse assunto.

— Certamente, com sua licença. — Em uma rápida reverência, Isabel se virou e caminhou em direção à porta.

No corredor, os pares de olhos atentos a esperavam.

— E então? — Juana inquiriu curiosa.

— Não é nada. — Isabel movimentou a mão em desdém. — Estão falando de negócios e de uma recepção na casa do barão.

— O barão se mostrou surpreso em vê-la? Percebeu se falavam de algo muito sério? — Letizia sussurrou, segurando a touca com força.

— Absolutamente. Estão distraídos conversando, e *Don Casanova* apenas se mostrou surpreso em me conhecer.

— *Gracias a Diós!* — Isabel viu a prima recostar-se de olhos fechados na parede, enquanto Juana encarava-a com um olhar indecifrável.

— O que foi? — perguntou.

— Não é o que eu pensei que fosse.

— O que pensou que eu fosse?

— Estúpida — disse como quem repara no céu prestes a chover. Logo em seguida puxou Letizia para as escadas a fim de ajudá-la a vestir-se.

— Obrigada? — Isabel declarou em choque quando se viu sozinha no corredor.



Era fim de tarde quando o tio pediu a uma das criadas que chamasse Isabel. Ela entrou no escritório com passos leves pela segunda vez naquele dia e sentou-se na confortável cadeira em frente a quem agora era seu protetor.

Ela colocou-se ereta e com os pés e as mãos unidas, esperando pelas palavras de *Don Ramiro*. Sem rodeios, o homem largou os papéis de carta sobre a mesa e começou a falar:

— Em dois dias, haverá um baile na casa do Barão de Altamira. Será uma recepção formal, uma noite para prestigiar o Duque de Granada, que

estará na cidade após longa ausência.

— Entendo.

— Há boatos de que o homem está em busca de uma esposa... E, bem, com você aqui para apoiá-la, creio que será aceitável para Letizia que comece a frequentar os eventos sociais. Não que existam planos arranjados..., mas pensar em um título não faz mal a ninguém.

O ventre de Isabel apertou-se com força ao pensar na prima e no possível casamento com um completo desconhecido. Se ele pensava isso para a filha, que era mais nova que ela, que dirá o que o tio planejava para ela mesma. Agora, esse era o momento de falar sobre seus planos para a faculdade de medicina. Que seu dote fora todo economizado para isso, que esse era seu grande sonho e que até mesmo seu pai via com bons olhos esse plano.

Talvez esperar até o fim da temporada para que o tio percebesse que ela era nada além do que normal e enfadonha para o círculo social não fosse surtir tanto efeito.

— Bem, isso me faz pensar que... — ela começou, mas foi interrompida.

— Quero que ajude sua prima a preparar-se para o baile. Leve-a à modista, ao joalheiro... O que necessário for. E faça o mesmo para você, acredito que seja a hora de trocar o preto, não acha?

— Eu estava pensando em seguir o ano inteiro, o período oficial de luto...

— Um ano completo? Acho que é comiseração demais, querida. Certamente seu pai não gostaria disso. E não se preocupe com falatórios, se não comentarmos muito, ninguém se perguntará por que não está mais de luto.

Isabel respirou fundo com a derrota. O luto era um grande trunfo do seu plano.

— Já é difícil ser encarado como o “comerciante de cerâmica”, mesmo que meus bolsos estejam cheios de dinheiro — o tio continuou a falar —, por isso comprei esta casa, pois as portas começaram a se abrir. — O homem apertou as têmporas com os dedos da mão esquerda. — Deixarei Letizia como sua responsabilidade. Deus é testemunha que posterguei esse momento por muito tempo, minha úlcera que o diga.

— Não acha melhor pedir o auxílio de Juana? Ela também ajuda a cuidar de Letizia e a conhece melhor...

— Não. Por que faria isso? Ela tem seus próprios afazeres.

Que afazeres seriam esses? Isabel perguntava-se. Além de companhia para a prima, ela não via a jovem ocupar-se muito pela casa. Não que isso a incomodasse, mas gerava curiosidade.

— Está bem — Isabel afirmou, concordando. O tio aparentava estar cansado e estressado. Não era o melhor momento para jogar o peso de seus planos. Ela esperaria até alguns dias depois do evento, afinal, o que de mal poderia acontecer em um baile?

CAPÍTULO 03

O mais velho dos filhos do Barão de Altamira estava entediado.

Eric Casanova enfadava-se constantemente em terra firme.

Acostumado com as longas viagens de navio nos últimos anos, ele sempre temia deixar um pouco de seu eu sociável nos oceanos.

Caixotes, barris, carvão, uísque, homens suados e sujos faziam-no estar mais à vontade. Diferente de onde estava agora. O Palácio dos Casanova, como seu pai, o Barão de Altamira, bem gostava de chamar, estava em festa nesta noite. Do parapeito de um dos corredores do segundo piso, Eric podia observar o pátio de casa completamente tomado pela decoração ornamentada com candelabros, castiçais e flores. Em algumas paredes, espelhos refletiam os pares dançantes enquanto um exagerado jantar era servido para os convidados. Exagero, a palavra que definia aquela casa.

Após os eventos no festival, na Praça de Touros, Alonso estava em viagem para as Astúrias outra vez. O pai ficou chateado; para Eric, era menos um problema. O irmão viveu no norte nos últimos anos apenas pedindo dinheiro. O poder advindo de seu cargo na guarda civil parecia não lhe ter trazido nenhuma responsabilidade, apenas mais soberba.

A fila de convidados recém-chegados à festa chamou a atenção de Eric por um momento. Não as matronas com suas debutantes pintadas a dedo, mas sim o homem ladeado por duas jovens: *Don Ramiro Fuentes*, sua filha e ela...

Senhorita Fuentes... Isabel.

Diferente da prima — Letizia, se ele bem recordava —, que usava um vestido rosa repleto de flores que mais a deixava parecida com um bolo, Isabel trajava um vestido de noite em tom azul-celeste, sereno e quase virginal. O tom acentuava sua pele, o que o fez pensar nos olhos da mulher a quem salvou.

Desde seu encontro com a sobrinha de Fuentes dias atrás, Eric perguntava-se se aquela dama realmente precisava de ajuda. Com tristeza, encarava o fato de não poder ter certeza sobre a sorte dos possíveis acontecimentos em nome do irmão. Dividiam o mesmo sangue, mas há

muito Eric aprendeu que jamais seriam amigos. Eram distintos demais... E Alonso, concluía amargamente, não era digno de confiança.

Deixando de lado a careta de indignação ao pensar no irmão, Eric apertou a taça sem perceber ao notar os cavalheiros encararem indiscretamente a senhorita Fuentes à distância. O olhar da dama era cabisbaixo, e suas mãos iam constantemente ao braço da prima, que parecia encantada com todas as atenções que recebia.

Um quarto de hora mais tarde, Eric descia as escadas do Palácio Casanova em direção à festa. O pai encontrava-se entretido com os velhos aristocratas tão sisudos como ele enquanto gabavam-se da amizade com o homenageado da noite, o Duque de Granada. Sem pensar, fez uma careta, o homem tinha um pouco menos que sua idade e ainda não conquistara nada em sua vida por métodos próprios. Um título herdado nesses tempos era apenas isso, um título. A aristocracia se deixava comprar e vender pelo lance mais alto nas últimas décadas, esta foi uma lição importante que aprendeu ao longo de seus trinta e três anos.

Desviando-se dos convidados dispostos a qualquer coisa por um minuto de conversa inútil, aproximou-se da família Fuentes, que se encontrava à beira da pista de dança.

— *Don* Ramiro Fuentes, é um prazer vê-lo em nossa casa — cumprimentou o homem que esbanjava orgulho e dentes.

A senhorita Isabel pareceu reconhecer a voz e, com os olhos alarmados, levantou a vista. Eric estava lá para agarrar-lhe o olhar.

— *Señor* Casanova...

— Eric, por favor... Sei que meu pai faz muito gosto em sua presença — interrompeu, simpático.

— Eric, é uma ótima noite. Tenho muita gratidão a seu pai pelo convite...

Observar a reação da senhorita Fuentes era divertido. Uma combinação de pânico e petulância.

— Está acompanhado de belas damas, *Don* Ramiro — falou com um sorriso ensaiado pelo próprio demônio.

— Ora, deixe-me apresentá-lo. Como deve lembrar-se, tenho uma filha. Essa é Letizia, a mais jovem das primulas de minha casa.

Prímulas? — perguntou-se Eric.

— Encantada. — A jovem corava como tomates na época da colheita. E acabou equilibrada pelo pai ao fazer uma longa medida. Eric sentiu a urgência de conter-se ante a vontade de rir. Não queria deixá-la ainda mais embaraçada.

Ao menos, não essa primula.

— Muito prazer, *señorita*. — Seus olhos agora estavam com total atenção em Isabel. — Não me recorde de saber que tinha mais que uma filha, *Don Ramiro*.

— *Bueno...* — o homem tossiu e bateu ao peito com ansiedade, como se acabasse de engolir dez charutos de uma só vez —, essa é, na realidade, minha sobrinha. Isabel, filha de meu falecido irmão, que agora alegra minha casa — o velho miúdo disse entre pigarros.

— *Señorita Fuentes*, sinto-me fascinado em conhecê-la. — Seu olhar escondia uma diversão por trás do sorriso polido que apenas Isabel percebia.

— A mim, apenas prazer em conhecê-lo, *señor*. — Seu tom era educado e firme.

Eric quase se esqueceu de sua obrigação de não gargalhar.

— *Señorita Fuentes*, por acaso seu cartão de dança está completo? Eu gostaria muito de convidá-la para a próxima valsa. Com sua permissão, é claro, *Don Ramiro*.

— Na verdade, esta noite estou acompanhando Letizia e... — tentou escapar a pobre dama.

— E está inquieta para dançar. Sinta-se à vontade, *señor Casanova*. — O homem deu um leve empurrão na sobrinha, deixando Eric pasmo.

Com um leve pigarro, ele se recompôs, oferecendo a mão a Isabel. Ela o aceitou em uma leve reverência. Ambos caminharam em círculos pelo salão à espera da próxima música. Quando o ritmo foi trocado após um breve descanso dos músicos, Eric encaminhou a jovem para o centro do salão, entre os casais. No primeiro acorde do violino, os dois ficaram frente a frente nos passos clássicos.

— Encontra-se muito calada hoje, *señorita Fuentes* — instigou-a uns instantes depois.

— Temo não ter muito a dizer essa noite, *señor Casanova*.

— Ah, por favor, *señorita Fuentes*, assim me decepçiona. Acredito muito em seu potencial para conversas sociais. — Ambos flutuavam pelo

salão calmamente.

A mulher tinha braços macios como o algodão. Pensou em quão escandaloso seria se deixasse sua mão deslizar pela longa extensão de seu braço.

— Parece ansiosa demais para voltar para o lado de seu tio — murmurou quando a viu voltar a vista.

— Pois bem, se quer tanto que falemos de algo, fale-me sobre o Duque de Granada. — Parecia aborrecida.

Com a visão privilegiada por sua altura, Eric encontrou o pai e o duque agora ao lado de Fuentes e da filha.

— Acaso teve tempo para mais incursões? Se posso dar um conselho, socializar nos bailes da temporada é algo muito mais seguro e...

— Não é nada disso. Apenas ouvi falar a respeito do homem e fiquei intrigada. — Vê-la ficar sem paciência era ainda mais divertido do que vê-la constrangida.

— Nesse caso... tenho para mim que deve haver algum motivo para um homem ser apelidado de *Don Diablo*.

— *Don Diablo*? As pessoas o chamam assim? — Se não fossem pelos músicos a tocar em volume consideravelmente alto, todo o salão seria capaz de escutá-la. — Por que razões o fazem?

— Não se sabe ao certo. Talvez seja por ser tão recluso. Não convida ninguém a sua casa ou dá grandes festas. Na verdade, dizem viver muito estranhamente e tem muito apreço pela força militar do país.

— É uma forma de dizer que ele gosta de mortes?

— A sua interpretação, minha cara, é algo que não posso comandar.

— Entendo... — Parecia curiosamente satisfeita com a resposta, recolhendo-se ao silêncio outra vez.

— Nesta casa, houve grandes relatos de suas habilidades curativas.

— E o seu pai, como está? — Demonstrou arrepender-se do tom íntimo. — O barão, como está a saúde dele?

— Não o escutei tossir uma só vez desde ontem. Está profundamente agradecido por sua preocupação e ajuda, ousou dizer em seu nome.

— Fico feliz... Tudo que sei aprendi com meu pai. Não sou nenhuma médica formada, mas o acompanhei várias vezes, até mesmo em grandes cirurgias.

— Não duvido de sua habilidade. Pelo contrário, a felicito uma vez mais...

— Talvez não devesse ficar a falar tanto de minhas habilidades. Muito mais em um local como esse... — Mordeu o lábio por um instante, e os pelos da nuca de Eric se arrepiaram com a visão.

— Não se preocupe, *señorita* Fuentes, essa é uma casa onde guardamos muito bem os segredos. — Ele encarava as feições delicadas da jovem. Ela retribuiu com os grandes olhos inquisitivos.

— Talvez devesse contar-me algum deles, assim manteríamos tudo em igualdade.

Ele riu.

— E que graça há na igualdade? Dançaria comigo se não sentisse medo de que revele seu segredo?

— Sim. — Os dois pareciam espantados com a rápida afirmação dela. Isabel prendeu a respiração como quem deixa escapar informações secretas da realeza.

— Choca-me a verdade em seus olhos — sua voz murmurou sobre os acordes da canção de forma clara. Tudo que pôde pensar é na proximidade que a valsa trazia a seus corpos e no leve perfume flutuando ao redor de Isabel a cada rodopio.

— Sempre digo a verdade. — Ela não piscou nem uma só vez.

— Sempre?

— Sim — confirmou, e ele acreditou.

— Não sabe o quão perigoso isso é para uma dama? — Ele quis sacar dela todas as reações possíveis. Sabia que não tinha muito tempo. Nunca mais teria.

— Talvez.

— Talvez? O que talvez devesse fazer, *señorita*, é começar a aprender a mentir. — Isabel sorriu. — Acha engraçado?

— Um pouco — ela prosseguiu ao vê-lo sem compreender sua reação. — Opina tanto sobre os perigos femininos, e não sabe que nós, mulheres, mentimos dizendo a verdade?

A música foi pausada nesse instante e os casais começaram a caminhar lentamente para fora da pista de dança. Menos eles.

Eric Casanova estava fascinado demais pela dama à sua frente para conseguir esboçar qualquer reação. Nenhuma das donzelas do baile poderia

superá-la em habilidades ou esperteza.

Ainda assim, parecia aflita esperando uma resposta sua.

— *Señor Casanova?* — Ouviu-a chamá-lo quando a guiava para a extremidade do salão. Olhou-a brevemente. — Ainda estou em dívida com o senhor?

Em uma última volta pelos casais em círculo, dispersando-se da valsa, ele beijou sua mão enluvada brevemente e murmurou:

— De onde venho, se paga uma vida por uma vida.

Com lentidão, a deixou próxima aos familiares, não sem antes notar seu choque ao perceber que um objeto metálico foi colocado em sua mão.

Retirou-se do salão sabendo que sua afirmativa perturbaria aquela dama pelo resto da noite. E, por um breve momento, sentiu um leve queimar no peito ao constatar que jamais se aproximaria dela outra vez.

Pela primeira vez em muito tempo, Eric Casanova, o futuro Barão de Altamira, sentiu-se entusiasmado em terra firme.

CAPÍTULO 04

Duas noites depois, Isabel ainda pensava no baile.

A breve luz da lua iluminava a fina moeda de pouco valor em sua mão. Ainda a intrigava o fato de Eric Casanova a ter dado a ela. Seria a resposta para o local de onde ele vinha?

Analisava o objeto no mais parco escuro e ainda assim era possível distinguir a forma em alto relevo: um barco em alto-mar.

Dentre as tantas conversas na noite, uma das matronas da alta sociedade comentara que ele cuidava dos negócios da família, viajando sempre de navio, até mesmo para outros países.

Que negócios seriam esses?

Virando-se, avistou a prima dormindo suavemente, sempre com grande facilidade. Invejava isso em Letizia. A jovem estava encantada com toda a atenção recebida no baile e com algumas visitas à casa nos dias que se seguiram. Enquanto isso, Isabel preocupava-se com Diego Navarro, o Duque de Granada.

Seu último pensamento antes de conseguir alcançar o sono foi que talvez se preocupasse demais com tudo.

Acordou algum tempo depois, em sobressalto. Uma mão grande e suja cobria sua boca, tentava gritar e pedir ajuda, mas os dedos apertavam-se sobre seus lábios.

— Preciso que venha comigo — uma voz grossa masculina falou em seu ouvido.

Com os olhos arregalados na escuridão disforme, banhada pela própria luz da noite, ela conseguiu distinguir o rosto do estranho invasor:

Zalo.

Decidiu acalmar-se e manteve seus olhos fixos nos dele.

— Eric sofreu uma emboscada, está ferido. A última coisa que disse antes de desmaiar era para encontrar você e levá-la até ele. Disse que você saberia ajudar — murmurou. — Vai ajudar?

Ela assentiu.

— Vista-se, esperarei lá embaixo.

E, como uma aparição fantasmagórica, o homem desapareceu, mas não sem fazê-la esquecer do pedido que trouxera.

Eric Casanova estava ferido e precisava de ajuda. Sua ajuda, especificamente. Será que havia mesmo uma dívida entre os dois e agora o senhor Casanova estava cobrando?

“Uma vida por outra vida”.

Sem pensar duas vezes se devia ir ou não, Isabel saltou da cama e começou a vestir-se, vigiando atentamente se a prima não despertava. Com o vestido mais fácil de colocar no corpo e munida da antiga maleta médica de seu pai, ela saiu do quarto. Carregando uma lamparina que pegou no corredor, desceu a escada em direção ao primeiro andar da casa.

A madrugada dava um tom ainda mais perigoso à escapada. Arrastando-se pelos cômodos, chegou à cozinha sem encontrar indícios de Gonzalo.

Talvez tenha sido um sonho.

— Señor Zalo? — chamou baixinho.

Respirou fundo ao não obter resposta. Estava prestes a voltar pela escadaria quando a voz gutural devolveu:

— Estou aqui. — Tão baixo que poderia comparar-se a um prego caindo ao chão. O profundo silêncio ressaltava o ruído.

— Ah, não estou louca. — Ao seu lado, próximo à mesa repleta de frutas, a figura corpulenta materializou-se. — Por que não busca um médico de verdade?

— Porque Eric também disse para não confiar em ninguém.

Não confiar em ninguém, exceto ela: a dama que nunca mentia. Com um suspiro, Isabel confirmou mais uma vez sua presença na empreitada.

— Vamos. — Ainda com a lamparina na mão, ela o guiou em direção à porta dos fundos. Antes de tocar a maçaneta, um vento leve e desavisado tocou a sua mão.

Uma faca acabava de ser cravada na porta em alta velocidade.

— Onde pensa que a está levando? — A voz de Juana saltou o silêncio.

Assustada, Isabel pegou-se à parede, enquanto Zalo retirou o pequeno punhal da porta, admirando-o.

— Só vou perguntar mais uma vez, onde pensa que vai? — Usando um simples vestido, a jovem tinha seus cachos todos soltos, à sombra.

— Juana, você nos assustou — disse à dama de companhia.

— Sinal de que está para fazer algo errado.

— Salvar uma vida não é errado — interpôs Zalo.

— Juana... o senhor que nos salvou no outro dia... o amigo dele... está muito ferido. Precisa de ajuda, e eu posso ajudar.

— Láudanos não são para ferimentos — disparou.

— Não vou dar a ele um láudano. Ao menos, não como o que dei ao barão. — A jovem encarava-a com desconfiança e hesitação. Não tinha tempo para isso. — Sei que parece muito difícil de entender, e errado, mas não temos muito tempo para explicações. O senhor Casanova, aparentemente, corre muito perigo. Tenho que ir com ele.

— Não só você... agora ela vem conosco também. — A voz firme de Zalo invadiu a cozinha outra vez.

— O quê? — ambas as mulheres disseram.

— Não confiar em ninguém, lembra-se? — O homenzarrão deu um passo à frente em direção a Juana. — *Señorita*, com a sua licença — disse e, cobrindo-lhe a boca com uma mão, tomou-a nos braços como se pegasse um grande saco de batatas.

— Isso é realmente necessário? — Isabel questionou ao ver a situação, horrorizada.

— Momentos desesperados, medidas desesperadas — ele rebateu.

Com Juana em seus ombros sacudindo-se e murmurando impropérios nada dignos de uma dama, puseram-se em marcha. Instantes depois, estavam os três encarando-se na carruagem sacolejante.

— Como ousa tratar-me de maneira tão desprovida de modos? — Sem nenhuma cerimônia, Juana desferiu um tapa na bochecha de Zalo. — Escute bem, não permitirei que olhe para mim e veja alguém para pisar ou tratar indecentemente...

A diversão no rosto do homem pelo tabefe desapareceu ao ouvir as últimas duras palavras da dama de companhia.

— De todas as coisas que desejaria fazer, *señorita*, tratá-la desrespeitosamente é a última delas.

Um arfar cheio de raiva escapou dos lábios de Juana. O embate entre os dois em meio à emergência parecia inevitável. Isabel decidiu intervir.

— Bem... *señor* Zalo, quão ruim é a situação do *señor* Casanova? — disse entre um pigarro e olhos suplicantes para a parceira de fuga.

— Terrível! Foram cinco contra um só homem. Uma grande covardia.

— Quer dizer que cinco homens o atacaram? — indagou Isabel com espanto.

— *Díos mio...* — murmurou Juana e, com as mãos, fez o sinal da cruz.

— Estávamos em uma taverna, ao norte da cidade. Fui ao fim da rua buscar o coche e, quando voltei, ele estava caído, os desgraçados em fuga.

— Santo Deus, que horror. Pobre *señor* Casanova...

Isabel sentiu-se mal ao pensar no homem tão forte e enérgico que conheceu, completamente humilhado e ferido em uma sarjeta. Seu peito doeu ao imaginá-lo dessa forma. Suspeitava ter a mesma garra que o pai para ajudar a salvar vidas. Gostava dos livros de biologia e medicina ao redor com os quais fora criada e algo em seu coração sempre se alegrava na menor oportunidade de ajudar os demais.

Só isso explicaria tamanha compaixão para com um desconhecido como Eric Casanova.

O cocheiro deteve a carruagem, e Zalo logo se pôs para fora a fim de ajudar as damas a descerem do veículo. Isabel pôs os pés sobre o chão empoeirado e viu a lua banhando o mar à sua frente.

Estavam no Porto de Sevilha. Ajeitou a mantilha fortemente sobre a cabeça e observou o local. Os grandes barcos abrigavam caixotes e homens descansando ou jogando conversa fora na quietude da escuridão.

— Não concordo com essa loucura, mas ajudarei no que precisar — a voz sussurrante de Juana se interpôs.

— *Gracias* — murmurou, agradecida.

— Não agradeça, estarei aqui para que chegue em casa em segurança. — Ela encarou Zalo com seus grandes olhos. — Temos que estar em casa antes do amanhecer. Nem um momento a mais.

— Tem a minha palavra — o homem assentiu. — Vamos, *señorita* Fuentes, Eric já aguarda há muito tempo.

Zalo conduziu as duas damas clandestinas por uma pequena ponte de madeira. Logo à frente, um navio repousava tranquilamente. Um cruzador, Isabel imaginava. As cores do brasão Casanova despontavam junto à bandeira espanhola, ela pôde assim enxergar brevemente.

O interior de um navio mercante era mais acolhedor do que Isabel havia imaginado. Não era exatamente sujo e cheio de homens de péssima saúde e moral como as histórias de navios piratas gostavam de propagar.

Após descer as escadas do deque, ela deparou-se com uma larga sala, onde, ao fundo, havia um bar e uma grande mesa de jantar, ocupada com mapas, bússolas e uma luneta brilhantemente dourada.

Zalo a guiou para uma porta à esquerda e um quarto de decoração opulenta surgiu. Tudo cheirava a madeira ricamente polida. Portas feitas de pinho ou mogno. O quarto estava quase às escuras, mas foi impossível não notar a decoração em um requintado veludo.

Quatro homens guardavam a habitação, todos de diferentes idades e aspectos. O mais novo não deveria ter nem ao menos dezenove anos. Com as lamparinas nas mãos, pareciam velar um ente querido.

— A *señorita* Fuentes está aqui para cuidar de Eric — declarou Zalo e, com voz de comando, continuou: — Deem a ela tudo que necessitar, principalmente o máximo respeito.

Dois dos homens tiraram os chapéus da cabeça em cumprimento a Isabel. Ela assentiu e aproximou-se da cama.

— *Santo Cielo* — ela exclamou ao finalmente pôr os olhos em Eric sobre a cama.

O homem estava encharcado de sangue e suor. Seus olhos fechados davam a assustadora impressão de morte, mas o leve sobe e desce de seu peito contrastava a teoria. Sem pensar duas vezes, ela afastou ainda mais as cortinas do dossel e arregaçou as mangas do vestido.

— Precisarei de panos limpos, uma tigela com água morna regularmente e claridade, muita claridade — Isabel disse enquanto colocava a mão no corpo de Eric, tirando as roupas sem nenhuma cerimônia. Vira o pai fazer o mesmo em casos assim inúmeras vezes. Ajudara-o inúmeras vezes a atender todos os tipos de pacientes, ricos e pobres, com os mais graves ferimentos. Não se podia ter pudor quando há risco, a morte não faz distinção entre classes e gêneros.

— Terá tudo o que pedir, *señorita* Fuentes. — Zalo estalou os dedos em direção aos homens, que pareciam relutantes em deixar Eric sozinho.

Um a um eles saíram apressadamente do quarto e uma grande movimentação teve início na embarcação.

— Me fale o que fazer, e eu ajudarei — Juana disse, aproximando-se.

— Você será meus outros olhos e mãos. Tem pavor de sangue? — A jovem negou. — Veremos muito mais por aqui.

O sangue de Eric alastrou-se pela cama quando Isabel deixou-o apenas em ceroulas. Rasgou o pano em sua coxa esquerda, pois muito sangue provinha dessa região.

— Eu ouvi um disparo enquanto buscava o coche... — A voz de Zalo se apresentou no silêncio da cabine. Trazia consigo mais quatro lamparinas.

— *Diós*, aparece do nada como uma assombração. — Juana, assustada, pôs uma mão no coração.

— Não é um fantasma, *señor* Zalo, é um anjo. Salvou a vida de seu amigo. Se não agisse prontamente, o *señor* Casanova teria perdido muito mais sangue. — Respirou fundo. — Pelos céus, tenho que dar um jeito de estancar tudo isso.

— *Señorita* Fuentes? — A voz de um jovem marujo adentrou o agora bem iluminado espaço. — É todo o pano limpo que consegui. — Ele mostrou três pedaços de pano de linho brancos.

— Não será suficiente — Isabel falou em desespero.

— Saia e procure panos limpos por todo o porto — Zalo comandou ao marujo.

— Não temos tempo para isso — Juana vociferou.

Agachando-se, a dama de companhia levantou as próprias saias e começou a rasgar suas anáguas.

— Excelente ideia — murmurou Isabel, fazendo o mesmo.

Fascinado, Gonzalo assistiu às damas à sua frente rasgando seus próprios vestidos. Nunca encontrara mulheres tão práticas e desprovidas de materialismo.

— Ajude-me fazendo pequenos panos — pediu Isabel a Juana, que concordou. A moça segurou os metros de tecidos arrancados do próprio corpo e da companheira e rapidamente atarefou-se.

Pondo-se sobre Eric, Isabel voltou a analisar os ferimentos.

— Definitivamente tomou um tiro... — Pousando os dedos delicadamente sobre os ombros do homem semiconsciente, ela analisou: — Há uma entrada e uma saída no ferimento.

— O que isso quer dizer? — perguntou Zalo do outro lado da cama.

— Quer dizer que a munição entrou no corpo dele e saiu. É mais fácil de tratar. — Limpando o abdômen de Eric, a pena invadiu Isabel. — Pobre homem, também bateram muito nele... Provavelmente chutes.

— Desgraçados — amaldiçoou Zalo. — Não o deixe morrer, Isabel.

— Não posso prometer isso, Zalo, e o *señor* sabe. Não sou médica, tudo que sei aprendi de meu pai. Ele, sim, foi o melhor médico que conheci.

— E o que pode prometer?

— Prometo fazer o que estiver ao meu alcance para salvá-lo.

— Então faça... — Seus olhos ficaram tristes ao olhar o rosto machucado de Eric. — Não é só meu amigo... é também o homem mais honrado que já conheci. Daria minha vida para estar em seu lugar.

— E eu daria a minha para salvá-lo. Tem a minha palavra.

— Quando estamos no navio, *señorita* Fuentes, a palavra é tudo que mais importa — o homem respondeu em tom misterioso.

Isabel fez o possível para limpar os ferimentos de Eric. Juana ajudou, entregando pequenos pedaços de pano limpo, feitos com as anáguas.

— Há um corte em sua perna, provavelmente também levou uma facada. Não é muito fundo, mas necessita cuidados. — Abrindo a maleta médica de seu pai, Isabel notou que suas mãos tremiam levemente.

Parou por um momento e respirou fundo.

— *Señor* Zalo, preciso que o *señor* Casanova fique completamente acordado. Ele está em dor e sofrimento, e necessito medicá-lo. Terá um urso para controlar.

— Está bem.

— *Señor* Casanova... *Señor* Casanova... — Isabel desferia leve tapas no rosto do homem convalescido. — Eric... por favor, acorde. — Por fim, sacudiu um pouco o rosto.

As pálpebras de Eric se movimentaram e abriram levemente. Um gemido agudo saiu de sua garganta.

— Posso... posso ouvir — disse entre gemidos.

— Isso é ótimo, *señor* Casanova. Vou dar a você um medicamento para ajudar a diminuir a dor.

— É mais fácil... ficar... de olhos fechados. — Sua boca estava seca.

— Não, por favor, *señor* Casanova... Abra os olhos...

— Eric... estou aqui — Zalo disse.

— *Señor* Casanova, escute minha voz e abra os olhos. — A voz de Isabel era dominante e firme.

Lentamente as pálpebras de Eric Casanova se abriram. Seus olhos estavam vermelhos e confusos.

— Sol... Sol... — ele balbuciava, olhando Isabel.

— O quê? Quem fez isso com você, Eric? — o amigo lhe perguntou.

— Você parece... com um sol — ele disse, fitando diretamente a Isabel.

— Pelo amor de Deus, o maldito está entre a vida e a morte e ainda assim pensa em cortejos — Zalo comentou, rindo.

Isabel não se lembrava da última vez em que ficou corada com tanta facilidade. O fato de Eric Casanova estar em poucas roupas parecia finalmente ter tocado sua mente.

— *Señor Casanova*, abra a boca, por favor — ela pediu.

— Sim... seus lábios... parecem doces — ele sussurrou.

Zalo gargalhou.

— Já a... beijaram, *mi sol*? — Isabel não respondeu. — A beijarei da próxima vez que estiver de pé.

— Poderá beijar todas as donzelas que quiser, *señor Casanova*, quando recuperar-se. — Ela encarou os dois pares de olhos que observavam tudo atentamente. — Está delirando pela dor — ela disse.

Zalo, em respeito, parou de sorrir, enquanto Juana observava a tudo em silêncio.

— Vamos, seu grande cortejador, abra a boca. — Ele ajudou o amigo.

— Vou dar estes comprimidos junto a um láudano.

— Espere, o que é isso? Nunca vi pastilhas tão pequenas — Zalo perguntou, receoso.

— São comprimidos, remédio. São mais eficazes que os láudanos e agem mais rápido no corpo. Meu pai os comprava de um boticário que importava de Portugal. Há uma companhia que os produz lá.

— Não lhe fará mal? Então, por que não dar todos?

— Quero aliviar a dor, não o matar, dopando-o — ela disse.

Com dificuldades, eles fizeram Eric ingerir as medicações. Em seguida, Isabel voltou-se para as feridas de Eric.

— Juana, preciso que use panos para pressionar a ferida na coxa do *señor Casanova*, enquanto trato do ombro primeiro. Deus, são tantas, não sei por onde começar. Pode fazê-lo?

— Sim. — Com seriedade, Juana aproximou-se e fez o que foi pedido.

As duas se perderam em comandos e mãos, tentando de todas as formas estancar o sangue que jorrava das feridas de Eric. Zalo também ajudou, entregando-lhes panos e limpando os que eram entregues sujos na bacia de

água morna. Elas lavavam as mãos repetidas vezes, e Isabel, por fim, decidiu arriscar-se com os instrumentos cirúrgicos da maleta.

— Parece que conseguiu, ele não está mais perdendo sangue — Zalo disse, impressionado.

— Sim — com os olhos marejados, Isabel respondeu. — É um grande passo.

— É hora de irmos — Juana disse, olhando o relógio que guardava dentro da bota.

— O quê? Mas ainda há muito trabalho a fazer. — Isabel a encarou perplexa.

— Ela está certa, os arranjos para o barco partir também já estão prontos. Não é seguro que Eric esteja aqui por muito mais tempo.

— Está próximo do amanhecer e temos que estar em casa antes que o sol apareça, ou notarão nossa ausência. — Juana começou a arrumar as coisas.

— *Diós mio*, mas o *señor* Casanova ainda não está fora de perigo. Conseguirá um médico para ele?

— Sim, assim que chegarmos ao esconderijo.

— E quando será isso?

— Em três noites. — Zalo assumiu com sinceridade.

— Três noites? — Isabel exaltou-se horrorizada. — Ele não vai aguentar tudo isso sem cuidados.

— Talvez duas, colocaremos o barco a todo vapor, levando apenas o necessário.

— Ainda assim não é o suficiente. Ele precisa de um médico. Suturas, curativos... Há tantas coisas que podem dar erradas.

— É hora de ir, Isabel, você já fez o suficiente. — Juana a tomou pelo braço.

— Não, não estamos nem perto do suficiente. As feridas podem infeccionar se ficarem abertas, ele provavelmente terá febre, entrará em colapso... e os remédios... — Ela limpou as mãos sujas de sangue no próprio vestido em desespero.

— Deixe os remédios, eu os aplicarei.

Isabel suspirou.

— Deixarei o láudano e os comprimidos, ele precisa ingeri-los a cada dez horas. Apenas um comprimido por vez, nada além disso. Prometa-me.

Zalo assentiu.

O jovem marujo adentrou a cabine com pressa.

— Zalo, estamos prontos. Aguardamos a ordem de partida. — Ele encarou as damas com um olhar interrogativo.

— As damas irão para casa e, em seguida, partiremos. — O marujo assentiu e logo se foi.

— É o momento de irmos, Isabel. — Juana a puxou outra vez.

— Ela está certa. Já fez tudo que podia, todos neste barco serão eternamente gratos.

Ele as acompanhou para fora da embarcação. Isabel caminhava com os ombros derrotados. A imagem de Eric Casanova surrado e ferido não saía de sua mente. Ela sabia que o que fez não foi o bastante e que havia muitas chances de que seu estado piorasse.

De súbito, percebeu que não suportaria a notícia da morte de Eric.

Zalo as acompanhou cortesmente entre a ponte de madeira e a rua do porto outra vez. Com as mantilhas de volta à cabeça, entraram rapidamente na carruagem para chamar o mínimo de atenção possível.

— O cocheiro que as levará é alguém da minha total confiança. Ele se certificará que cheguem em casa em segurança e com discrição.

— *Señor Zalo...* devo dizer que o que está fazendo é loucura. O *señor* Casanova precisa de ajuda. Informe ao barão, avise-o, tenho certeza de que moverá céu e terra pelo filho — Isabel implorou quando o homem fechou a porta da carruagem.

— Todo o tempo no mar, *señorita* Fuentes, só sobrevivemos se confiarmos em nosso capitão. Se Eric disse para não confiar em ninguém e irmos diretamente para o esconderijo... farei o que pediu.

Isabel ficou sem palavras.

— Obrigado mais uma vez, *señoritas*. — Ele acenou e se foi.

Isabel observava Gonzalo afastar-se, caminhando rapidamente de volta para o cruzador. Enquanto isso, o cocheiro preparava os cavalos para partirem.

— Espere! — Ela bateu na cabine. — Espere, por favor. — Seu tom era desesperado.

— Isabel, por *Diós*, temos que ir — Juana implorou. — Por que quer esperar?

— Quero... quero vê-los partir. — A dama de companhia bufou ao seu lado.

Logo à frente, o sino da embarcação dos Casanova começou a tocar. Era o sinal que estavam prestes a partir. Em seu coração, Isabel percebeu que provavelmente jamais veria Eric outra vez.

Ferido ou são.

Por que doía deixá-lo ir? Sua dívida estava paga, se é que um dia existiu. Ele era apenas um homem que ela conheceu ao acaso. Ela o ajudou, fez tudo para o que foi treinada.

Não... não fez. Fez quase tudo.

— Vamos embora. — Juana bateu na cabine de comunicação com o cocheiro. O sino soou estridente e o barco começou a afastar-se de seu lugar no porto.

— Não! — A negativa de Isabel soava violenta dentro da carruagem.

— O que foi agora? — perguntou Juana impaciente.

— Diga a meu tio que estou bem... e que sinto muito. — Isabel abriu a porta da carruagem e saltou.

A mantilha caiu e seus cabelos voaram ao vento, na noite, dourados sob a luz fraca da lua que se despedia dando vida ao alvorecer.

— Isabel, espere. Isso é loucura! — Juana gritou quando viu a companheira correr em direção ao cais.

Os pés dela não parariam agora. Isabel pensava, ou melhor, deixava de pensar. Tudo que seu corpo gritava era que deveria estar dentro daquele navio.

— Señor Zalo! — ela gritou ao aproximar-se cada vez mais da água, vendo o barco partir. — *Señor* Zalo, espere!

Do deque, Gonzalo escutou o grito feminino. Ele se virou em direção ao cais e olhou fixamente para Isabel. Ela sabia que ele a viu, mas ainda assim permaneceu parado, incrédulo. Apenas quando ela se jogou ao mar, abraçada à maleta, ele sucumbiu ao seu torpor e gritou:

— Mulher ao mar! — avisou a todos a bordo.

A água era fria e cortante sobre a pele de Isabel. O vestido parecia dobrar de peso e a impedia de nadar corretamente. O navio se deteve e um bote foi colocado no mar com dois dos marujos a remar em sua direção.

Isabel foi resgatada com cuidado, sob a incredulidade dos marujos.

Molhada e com frio, ficou frente a frente a Zalo.

— *Señorita* Fuentes, tem alguma ideia do que está fazendo?

— Não, mas sei que jamais viverei em paz se não o fizer. Vou com vocês. Vou aonde Eric Casanova for.

CAPÍTULO 05

Com cuidado, Isabel terminou de fazer uma série de nós no último corte a ser suturado no corpo de Eric. Ela largou a tesoura, com a qual cortou o fio na pele ferida, com um alívio descomunal.

Pela primeira vez em muitas horas, ela sentou-se, fechou os olhos por um momento e torceu para que tudo que tivesse feito fosse o suficiente. Ela fez uma prece silenciosa.

Hoje não.

Que a morte não levasse o sopro da vida do homem deitado à sua frente.

O primeiro dia. Agente o primeiro dia, Eric.

Ela ansiava. Recordava-se exatamente de seu pai dizendo tantas vezes que o primeiro dia era vital para um paciente. Se ele superasse e aguentasse firme um primeiro dia... então as chances de recuperação eram boas.

Encarou Eric Casanova, deitado e abatido na cama. Os olhos fechados pesadamente e sua respiração alta, porém incrivelmente consistente. Coberto com o lençol de algodão egípcio, reparou como sua pele refletia nas luzes dançantes das lamparinas. O tom ricamente bronzeado recordava o mais puro dos cobres. A tez parecia uma obra de arte. Um rosto bem formado, que agora tinha alguns tons arroxeados pela maldade da emboscada. Ela ainda podia ver os finos pelos sobressalentes de seu peito, que o lençol não cobria...

Isabel decidiu fechar os olhos, ainda que a imagem do corpo e do torso de Eric repousasse em sua mente. O homem era forte como um touro. Alto e corpulento. Cinco homens contra um... E Eric Casanova levava a melhor, sobrevivendo. Deve ter sido uma boa briga.

Ela despertou com a fina luz do sol intrometendo-se na cabine e um gemido angustiado ao seu lado.

Eric.

Seus olhos pousaram rapidamente no enfermo a quem velava e arregalaram-se com a surpresa de vê-lo coberto de suor e com o queixo tremendo.

Eric estava ardendo em febre, constatou após tocar a sua testa. Rapidamente buscou tecidos limpos e lavados para esfriar o corpo, além de

forçá-lo a tomar mais do comprimido e do láudano. Isso devia fazer o corpo reagir e recuperar-se mais rapidamente do impacto que as feridas causaram.

A única coisa a fazer era esperar. E esperar doía demais para Isabel. Ela ajoelhou-se e tomou a mão esquerda de Eric para si. Ela acreditava nos avanços da medicina, mas também acreditava nos milagres. Pedidos movidos por ações podiam se realizar.

— É apenas o corpo reagindo ao impacto dos ferimentos... — murmurava ela como em uma oração.

Se dependesse de sua fé, Eric viveria uma longa e plena vida.

— Sinto... frio — a voz gutural sussurrou no cômodo com a luz irradiando o amanhecer do dia.

— Já o cobri com tudo que tenho. É uma febre, mas logo irá passar — ela disse quando o viu de olhos abertos e assustados.

— Vou morrer? — perguntou meio sorrindo, meio atontado.

— Não, se depender de mim — respondeu com sinceridade.

“*Você não pode prometer o futuro da vida ao paciente*” — seu pai dizia.

— Prometa... — ele molhou os lábios, provavelmente com a garganta seca —, prometa que não vou morrer.

Respirando fundo, Isabel fechou os olhos por um instante.

O que fazer?

— Prometo que, enquanto eu estiver aqui, farei o possível para que esteja vivo.

— Não é o mesmo... Não tenho pelo que viver... Se nem você acredita... — Seus olhos pareciam perdidos, mas ainda assim conscientes.

— Não é verdade, não só quero como acredito que viverá. Dou minha palavra... Viva e lhe darei o que de mais precioso tenho.

— O quê... — ele disse em um fio de voz.

— Meu primeiro beijo — ela prometeu, mas Eric Casanova já estava de olhos fechados, imerso na escuridão outra vez.

A longa *chaise* de veludo na extremidade da cabine foi o local de descanso de Isabel por praticamente todo o dia. Zalo ia e vinha para ajudar a vigiar o amigo. No entardecer, com o ar gelado proveniente das águas, ela despertou de um de seus mais longos cochilos do dia. Sua mente não se assustou em despertar em uma habitação não costumeira, pelo contrário, os olhos já se familiarizavam com os móveis e o ar da cabine.

De pé, alongou os braços doloridos por um instante e aproximou-se da cama. A febre de Eric havia cedido logo cedo e o homem caiu em um sono profundo depois disso. Suas feições estavam calmas e relaxadas. Apenas sua respiração e as marcas inchadas por seu corpo demonstravam que o homem lutara pela própria vida na noite anterior.

Mas não agora, porque Eric Casanova estava com os olhos bem abertos, olhando fixamente em sua direção. Sua pele corada e o peito completamente nu, exceto pelos curativos que fizera, irradiavam virilidade. O rosto com uma leve barba por fazer e os fios do cabelo soltos sobre a nuca.

Corando, Isabel não conseguiu sustentar seu olhar frente a frente por muito mais tempo. Não era mais sua cuidadora ou a mulher que bancava a médica para salvar sua vida. Eram agora uma dama e um cavalheiro de reputação repreensível sozinhos em um quarto.

— Quando abri os olhos, me perguntei por um bom tempo porque você estava aqui — o futuro barão falou com voz firme e clara, levando um alerta à espinha de Isabel.

— É bom vê-lo acordado, senhor Casanova, fico feliz em observar que de certa forma já está se recuperando. — Os olhos negros de Eric continuavam cravados em seu rosto. — Quanto à minha presença nesse barco... foi uma decisão de minha parte estar aqui. Minha consciência não encontraria paz se não fizesse tudo que pudesse estar ao meu alcance para ajudá-lo. — Deixou cair os olhos ao chão outra vez.

— E o fez, Zalo me informou de sua astúcia para salvar-me. Devo-te a vida, *señorita* Fuentes. Creio que chegamos a um impasse em nossa dívida. — Seus olhos agora eram leves e brilharam ao ver Isabel aproximar-se do local onde repousava com valentia.

— Creio que ambos saldamos nossas pendências um com o outro, *mi señor*. — Próxima a Eric agora, Isabel buscou no bolso do vestido a moeda que tanto a intrigava. — Uma vida por uma vida, foi o que me disse. Estamos quites, *señor* Casanova. — Com a mão estendida, mostrou o dobrão de pequeno valor.

Surpreso, Eric arregalou os olhos e, em seguida, sorriu para Isabel. A moça quase perdeu o ar. Qualquer movimento de Eric Casanova encantava damas de toda parte. Isabel se ressentia consigo mesma por não ser imune. Ele tinha dentes fortes e lábios luxuriantes. Claramente um homem

experiente, que se satisfazia com aventuras, tanto femininas quanto em seus afazeres no mar.

— Nunca terei palavras para agradecer o que fez por mim, *señorita* Fuentes.

— *Señor* Casanova, eu...

— Eric... Por favor, apenas Eric. Creio que estamos muito além das formalidades.

Não estava errado, mas ela ficou surpresa.

— Tudo bem... Eric — murmurou.

— Isabel — disse em tom sussurrante tal qual o seu. A seguir, pousou a mão sobre a dela estendida e beijou o pulso.

Um calor permeou todo o corpo de Isabel. Os lábios quentes tocaram sua pele rapidamente, como uma leve carícia agradecida para, em seguida, continuarem de mãos dadas, encarando-se. O pequeno dobrão entre os dois, pactuando o momento.

Isabel soltou um leve pigarro e foi quem retirou a mão para guardá-la... sem saber onde.

— Teve sorte, Eric, a bala e a faca não atingiram nenhuma região importante. Em poucos dias estará por aí, aterrorizando donzelas outra vez — disse, tratando de soar graciosa.

— Eu a aterrorizo? — perguntou com intensidade.

— Não — ela respondeu, devolvendo o olhar.



As Ilhas Canárias abrigavam portos e os mais diversos navios. Era o ponto de encontro entre a Espanha e a África, viu invasões, corsários e sobreviveu ao encontro dos mais temidos piratas nos últimos séculos.

O navio dos Casanova aportou na ilha de Tenerife com o sol a pino no dia seguinte.

Eric sabia que nem o mais astuto de seus inimigos imaginaria que seu esconderijo mais importante era um convento. Com tantos imóveis e rendas retidos pela coroa, a igreja passava por maus bocados para sobreviver,

quando encontrada nos lugares menos populosos. Já que as freiras precisavam de auxílio, Eric viu a oportunidade de expurgar seus pecados e esconder-se ao mesmo tempo. O dinheiro era sempre muito bem aceito pelas irmãs, assim como seus homens nos alojamentos.

Dessa vez não foi diferente.

Estava há quatro dias enfiado em uma cama sob a tirania dos cuidados de uma mulher que media um pouco mais de um metro e meio. Como ele permitia, ainda não sabia, mas, desde que desembarcaram na praia próxima ao convento, Isabel Fuentes não fez outra coisa que dar ordens sobre sua recuperação. Zalo, o pobre coitado, não pôde nem ao menos descansar, e saiu em busca de um médico que agora o visitava todos os dias pelas manhãs. As freiras, horrorizadas com a notícia e a visão dos graves ferimentos de Eric, mostraram-se solícitas e mandaram rezar até mesmo uma missa em nome de seu benfeitor. Entretanto, não foi apenas Eric quem ganhou cuidados. As irmãs mostravam-se encantadas por Isabel, a quem todos os marujos também se rasgavam para demonstrar gratidão e generosidade cada vez que a viam. Alguns ofereceram-lhe flores em uma noite, após o jantar, deixando-a fascinada. Era Zalo quem todos os dias lhe informava sobre os passos da senhorita Fuentes, fazendo Eric pensar até se o amigo, e segundo em comando no navio, não fazia as vezes de alcoviteiro para com a dama. Afinal, para que dizer-lhe todos os dias os afazeres dela?

O que estava enervando-o, em todo caso, era o próprio estado em que se encontrava. Quatro dias parado e sendo tratado como um aleijado por todos, quando na realidade não era, estava deixando-o louco como um leão enjaulado. Empurrando a bandeja do jantar, Eric decidiu levantar-se e sair para caminhar antes que seu corpo desaprendesse a fazê-lo.

Ainda era cedo, o sol nem havia se posto. Não o tratavam apenas como enfermo, mas como um ancião que janta quando todos estão tomando chá.

Vestiu-se e saiu pelos pátios em busca de seus homens. Sentia um repuxar na perna ferida, mas nada que o impedisse de seguir a vida normalmente. Desde ontem fingia ingerir os medicamentos que Isabel tanto insistia que tomasse, pois eles o deixavam completamente zonzo e o faziam dormir. Estava vivo, descansaria quando morresse.

Encontrou os homens em um dos refeitórios falando alto e rindo como costumavam fazer. Demoraram a perceber sua presença até que Victor, o

mais jovem de seus homens, o viu e pôs-se de pé. Os risos cessaram e tornaram-se cumprimentos.

— Estava esperando todos dormirem para contar uma coisa — Zalo disse, enquanto Eric se servia do vinho sobre a mesa.

— Não me interessa saber a cor dos bordados da *señorita* Fuentes hoje — murmurou, dando um longo gole no copo.

Gonzalo riu por um momento para, em seguida, colocar-se sério outra vez. Com cuidado, retirou um envelope do bolso e o pôs sobre a mesa.

— O que é isso? — perguntou Eric.

— O motivo pelo qual minha cabeça vem latejando todo o dia. A madre superiora me entregou nesta tarde. É um telegrama... para você.

Eric quase cuspiu o vinho.

— Mas que diabos... — verbalizou.

— Sim, penso o mesmo.

Eric se levantou e se aproximou da parede de uma das extremidades do refeitório, enquanto os marujos continuavam a conversar distraidamente.

— Quem poderia saber que estamos aqui? Inferno!

— O mesmo homem interessado em que você deixasse de respirar — Gonzalo desembuchou.

— Acha... — Eric olhou para os lados e murmurou: — acha que Alonso poderia ter nos descoberto aqui? Ele não é tão esperto para isso, e é um covarde, lembra-se? Preparou uma emboscada estando no norte do país. Não teria culhões de enfrentar-me assim, em uma carta.

— Não? Pois olhe o brasão sobre o lacre — Gonzalo afirmou.

Eric rasgou o lacre do telegrama, deixando irreconhecível o brasão dos Casanova. As palavras no papel eram curtas e claras.

“Que demônios estava pensando ao fugir com a sobrinha de Ramiro Fuentes? Devolva-a ou faça o que deve ser feito”.

A assinatura era breve, porém inconfundível.

— É de meu pai — Eric disse, amassando a folha com desgosto.

— O barão? Mas como...

— Meu pai é uma raposa. Deve ter pagado a todos os bordéis da Andaluzia para descobrir uma pista que eu, ou qualquer um dos meus homens, possamos ter deixado. — Com um suspiro alto, golpeou a parede.

— Maldição!

— Eric...

— Não me venha com essa. — Sua voz agora estava alterada. — Como deixamos isso chegar a esse ponto?

— Do que está falando? O que há na carta?

— Ela! Ela está aqui. Isabel, uma dama com a reputação arruinada por minha causa, e que agora está sob minha responsabilidade — vociferou.

O silêncio em todo o pátio chamou a atenção de Eric. Olhou para os lados e viu seus homens, companheiros e trabalhadores de longa data, encarando-o estremecido.

— Chefe... — murmurou o jovem Victor, aproximando-se —, o que há de errado com a *señorita* Fuentes?

— O que passa é que, ao vir conosco, a reputação da *señorita* Fuentes ficou arruinada. A notícia é que toda Sevilha deve estar em chamas por conta disso — quem falou foi Zalo, mas olhando diretamente para o amigo desconcertado à sua frente.

— *Cielo santo*, Zalo... — murmurou Eric.

No pátio, instalou-se um caos. Os homens começaram a vociferar todos ao mesmo tempo com opiniões e desgarros pela mais recente pupila do barco Casanova. Os marujos praticamente canonizaram Isabel após os últimos acontecimentos envolvendo a saúde de Eric.

Eric Casanova, que via seus homens discutirem sobre a vida de uma mulher arruinada por salvar a sua. Os remédios o deixavam letárgico demais para pensar... Assim foi fácil passar os primeiros dias sem questionar a si mesmo sobre este problema, mas, desde que deixara de tomá-los, sua consciência disparava como balas de canhão.

Nunca considerou a si mesmo nenhum santo, porém sua honra sempre fora algo de grande importância para ele. Um nome sem máculas, tanto na vida pessoal como nos negócios. O dinheiro não era para Eric a fonte de seu grande sucesso, como para o pai. A honra, sim, o levava longe, uma integridade firme nos negócios e que faria dele um barão ímpar.

Isabel não era um estorvo para ele, no entanto, a situação o deixou inquieto como nunca. E com isso, sim, não sabia lidar.

— Não seja estúpido, ela não pode voltar para casa como se nada tivesse acontecido. A família não irá aceitá-la — um dos homens bradava.

— E o que ela deve fazer? Transformar-se em meretriz? — outro disse, indignado.

— O que ela precisa é de um marido! — gritou outro, levando silêncio ao pátio.

Vários dos homens ali eram casados e, de cabeça baixa, concordavam. Eric assistia a tudo estupefato, e o que se desenrolou a seguir o fez crer se a equipe de brutamontes que chefiava não havia sido trocada por outra.

— Muito bem, *señores*... — Ernesto, um dos mais velhos, retirava palitos do bolso e das mesas. — A sorte decidirá. Aquele que desejar salvar a *señorita* Fuentes desposando-a pegue um palito. Já sabem, quem estiver com o menor de todos é o grande sortudo.

O velho começou a passar por entre as mesas e, para espanto de Eric, até mesmo Zalo prontificou-se a tomar um palito para si, regressando ao seu lado com um de seus sorrisos desgraçados.

— Parem já com isso! — ordenou Eric. — Se alguém tem que salvar a *señorita* Fuentes tomando sua mão, esse alguém sou eu.

— Por que haveria alguém de salvar-me? — Isabel disse com a voz clara e alta o suficiente para todos ouvirem desde uma das portas.

A tosse incessante de Zalo, engasgado com o próprio riso, foi a única coisa possível de se ouvir em todo o recinto.

CAPÍTULO 06

— Precisamos conversar — Eric disse ao ficar frente a frente com Isabel.

— Há algo que queira me contar? — falou, encarando a todos os homens do salão.

— Acompanhe-me. — Usando o braço cujo ombro não estava ferido, ele a guiou para fora do local.

Caminhando pelo imenso jardim, cercados pelo gramado com altas árvores e algumas espécies de flores, o silêncio se fez presente. O som dos passos foi dando espaço ao das ondas do mar, vindo do caminho de pedras que se insinuava logo à frente, levando ao muro do qual se observava toda a praia.

— E, então, não vai me explicar o que acontecia no refeitório? — Isabel perguntou.

— Recebi um telegrama esta tarde — Eric informou.

— Você recebeu um telegrama? E... espere! — Seus olhos se alargaram. — Supostamente, não era para ninguém saber onde você estava?

— Eu também achava isso, mas a pessoa que o enviou é a única mais astuta do que eu — ele disse com um sorriso espirituoso.

— E esse alguém seria...

— Meu pai!

— Seu pai... O barão enviou um telegrama? O homem provavelmente ouviu histórias de que estava morto, imagino...

— Não exatamente. — Seu rosto perdeu toda a graça. — É sobre você, meu pai me escreveu para falar de você.

— Oh, Deus... — murmurou; em sua mente, já imaginava o problema.

— Aparentemente, comenta-se que fugimos juntos e...

— Seu pai acredita que fugimos juntos? Dirá que não é verdade, certo?

— Pelo tom da carta... não apenas meu pai..., mas aparentemente toda Sevilha. — Seu tom era sério e preocupado, buscando compreender as expressões da mulher à sua frente.

— *Cielo santo*..., mas se nem sou conhecida na cidade! É bem verdade que minha ida ao navio não foi nada menos que curiosa, no entanto, isso

não deveria afetar minha identidade...

— Acredito que seu tio possa estar preocupado com seu paradeiro. Pelo que me contou no navio, a dama de companhia de sua prima não deveria comentar sobre sua saída comigo... Ele provavelmente foi atrás de ajuda para encontrá-la. Entre isso e até coincidir com meu pai para somar os fatos... as notícias correm — falava com calma, fazendo-a raciocinar para o que viria agora.

— Acha que foi isso que aconteceu?

— Acho que há uma grande possibilidade. O que realmente sabemos é que agora não há mais espaço para sua reputação em casa. Eu sinto muito, Isabel. — O pior é que ele sentia, não era um mentiroso.

— Ah, Eric, não sinta. Eu fiz minha escolha, e faria de novo. Não só por dever minha vida ao senhor, mas porque sei que poderia salvá-lo.

— E salvou. Você salvou minha vida, Isabel. Isso me torna responsável pelo que quer que aconteça a você a partir de agora.

— Eu acho que está levando para um lado muito sério, não está? — Seus olhos agora denotavam desconfiança.

— Podemos nos casar aqui mesmo, no convento. Esperaremos vários dias antes de regressarmos. Terá um nome e estabilidade. Tem a minha palavra que ninguém ousará tratá-la mal ou te fecharão uma porta em toda Andaluzia. — Aprumando-se, ele se aproximou a ela.

Com os olhos arregalados e a boca entreaberta, Isabel se afastou.

— O que... o que está dizendo? — sussurrou.

— Estou informando que não fugirei de meus deveres contigo. Nos casaremos para remediar o escândalo. Não era algo que estava disposto a fazer tão cedo..., mas serei barão algum dia, preciso de uma esposa. Salvar minha vida a torna a melhor das candidatas. Salvou-me, e agora estou disposto a salvar-lhe... outra vez — as últimas palavras foram ditas quase inaudivelmente.

Isabel encarava-o como se fosse um humano, mas com uma cabeça de touro. Como se chifres saíssem por sua testa.

— Você enlouqueceu? Não, não nos casaremos. Não me casarei com você, não preciso ser salva.

— Perdão? — murmurou Eric, confuso.

— *No!* A resposta é não, mesmo se isso fosse um pedido, e não uma espécie de comunicado que resolve o futuro de minha vida. *Minha vida* —

ela vociferou a última parte. Ao longe, gaivotas começaram a gritar.

— Não aceita casar-se comigo?

— Não. — Com uma mão na cintura e outra apontando um dedo negador a Eric, ela voltou a falar: — Não me casarei com você para salvar-me — repetiu ela, imitando a voz do homem à sua frente. — Em que está pensando? Não podemos nos casar.

— Estou pensando em não deixar que fique na ruína, que se torne uma pária. Acaso é isso que quer?

— Não, claro que não é o que quero. Mas também não desejo entrar em um casamento que está fadado ao fracasso com um desconhecido. Não me interessa ser uma baronesa, não se isso fará de mim a próxima mulher infeliz da sociedade.

— Ah, então, é sobre isso... — Ele revirou os olhos.

— Claro que é sobre isso. Não se importa?

— Se não me importo? Estou aqui, neste momento, cumprindo o meu dever e oferecendo o meu nome. O que não está certo? — As mãos de Eric também começaram a bailar frente ao rosto de Isabel.

— Casar-se sem amor não é o certo.

— Por Deus... — Com a mão sobre a testa, ele fechou os olhos por um momento.

— Pode ser que você, nascido e criado em seu palácio, não entenda, mas meus pais se amavam. Eu quero viver como eles... Não como as pessoas que saem nas colunas dos jornais.

— Não sou arrogante, Isabel... sou prático. — Pareceu ofendido.

— Desculpe, Eric... por mais que seu... comunicado de casamento... venha com boas intenções, eu me vejo na obrigação de decliná-lo. Acabaríamos nos odiando em pouco tempo e ficaríamos presos em um matrimônio pesado e sem amor. Não sobraria nem mesmo respeito. — Isabel começou a afastar-se. — E por mais que pareça perdida, já sei o que devo fazer com relação à minha reputação.

— Posso ser informado sobre seus planos, pelo menos?

— É claro. Tornar-me-ei freira. Uma das irmãs desse convento.

Um zumbido começava a fluir nos ouvidos de Eric.

Ela não poderia estar mesmo pensando naquilo. Poderia?

— Freira?

— Bom, creio que, se o boato acerca de nossa fuga juntos é mesmo real, isso amenizará as coisas tal qual um casamento. Casar-me-ei com Deus para abafar os maledicentes e, se for da vontade Dele, seguirei meus planos na medicina.

— Mais planos?

— Meu pai me incentivava a ir à universidade. Por mim, gostaria de ajudar as pessoas com tudo que ele me ensinou.

— Universidade, sendo noviça? Isabel, ao menos sabe quantas moças conseguiram se graduar em toda a Espanha? Eu poderia arrancar alguns dedos de uma mão e fazer as contas e ainda assim me sobriariam dedos.

— Não seja absurdo... Não há nada que proíba uma mulher de ir à universidade...

— Sim, mas uma rica e com o apoio da família. Há casos de moças que precisaram de escolta para não serem apedrejadas nos campus.

— Entendo que pareça loucura para você, Eric, mas loucura maior seria aceitar viver em algo do qual sei que você se arrependerá. — Aproximou-se para segurar a sua mão, mas desistiu do ato.

— Não estou retirando a oferta, Isabel. Pense a respeito.

Ela assentiu apenas para não o magoar e virou-se para partir.

— Isabel!

— Sim — respondeu ao encará-lo outra vez.

— Falo sério em tudo que digo. Você não é a única afetada, sabe disso. O convento não é para você. Creio que sabe disso também.

Ela não respondeu, apenas assentiu outra vez e preparou-se para voltar para o interior do convento.

— Isabel!

A dama revirou os olhos com pressa para cortar o incômodo assunto e mirou o homem que a chamava mais uma vez.

— Pois não, Eric — disse entredentes.

— Mesmo que se torne uma freira... ainda me deve algo. — Com muito custo, ele controlava sua expressão triunfante.

— E o que seria? — perguntou intrigada.

— Seu primeiro beijo.

Eric Casanova viu Isabel Fuentes corar como a donzela que era.

No fim desse dia, ele soube de duas coisas: a primeira era que, à sua frente, estava a mulher mais admirável que já encontrara em toda a sua vida

nos sete mares. A outra era que Isabel teria o sobrenome Casanova muito em breve.

Ele apostaria seu futuro baronato nisso.



Eric Casanova a pediu em casamento.

Isabel encarava o teto do dormitório que dividia com várias das freiras com a mesma frase ressoando sem parar. Não era apenas o fato de ele propor casamento que a atormentava. Era o despertar que a conversa lhe deu. Quando esteve no barco, não quis pensar sobre as consequências de seus atos ao escapar para o mar a fim de estar com Eric.

Para salvá-lo, é claro.

Ao descobrir que Eric Casanova fazia do convento um refúgio, seu coração interpretou como um sinal. Ela sabia que o que havia feito, e não tinha volta. Não poderia pisar outra vez na casa do tio como se nada tivesse acontecido. Assim, pensou em criar a narrativa de que fugira para tornar-se noviça. Não era uma prática incomum entre algumas moças.

O que também não era incomum eram os escândalos, e ela tinha certeza de que um deles devia ter se formado na cidade. A dama que pulou no mar para fugir no barco Casanova. O tio desesperado, indo de posto em posto da guarda civil, não deve ter ajudado muito.

Ele era um homem bom, mas tudo tinha limite. Acaso Juana estava sofrendo algo por acobertá-la?

Letizia devia estar morrendo de preocupação, tanto por ela quanto por ver o pai bravo.

A vida de uma mulher com a reputação arruinada era infernal. As fofocas se espalhavam com a velocidade que o vento que espalha as fogueiras nas noites de São João, no verão. As pessoas não esqueciam o rosto de uma mulher malfalada, mesmo se não fizesse mal a ninguém, e sim apenas a ela mesma. Sua fama chegava aos lugares antes dela e a impediam de entrar. Ela poderia não ter nascido uma meretriz, mas os outros

decidiriam por ela que assim seria. Os homens a tratariam como tal por onde quer que passasse, e as mulheres sempre a veriam como uma ameaça.

Sentando-se na solidão da cama apertada e simples, Isabel encarou a escuridão abraçando as próprias pernas e chorou. Lembrou-se de Sofia, a vizinha e amiga de infância que cometeu a insensatez de deixar-se levar pelo sentimento por um homem casado. Eles trocaram beijos em um parque deserto... Não estava deserto.

Um beijo.

Ela foi enviada para o interior aos dezoito anos e trocaram cartas pelos seis meses seguintes. Até que não teve mais notícias dela.

Nunca mais.

Sofia, primeiro, deixou de existir para o mundo. E, depois, para si mesma.

E assim seria com ela. Mesmo com o hábito de freira. Porque o boato era que Eric Casanova a levou para longe para desonrá-la. E, quando ele voltasse sem ela ao seu lado com o sobrenome Casanova, isso seria tido como uma verdade universal. E a conclusão seria que ela se tornara freira porque fora descartada.

Nenhuma universidade aceitaria isso.

Onde estava com a cabeça?

E sua família... Isabel pensava. Jamais teria aquilo que nenhum dinheiro poderia comprar: prestígio.

O esforço do tio em ser um homem bem-sucedido cairia por terra, pois seria marcado pela mancha da sobrinha que desonrou sua casa.

Letizia cairia em desgraça igual a ela.

Letizia.

A prima jamais conseguiria um casamento decente, mesmo com um homem a quem viesse a amar. Se tornaria uma pária, tal qual ela, por algo que nunca fez e nunca escolheu fazer.

As lágrimas de Isabel rolaram com ainda mais intensidade. O tio e a prima eram a única família no mundo que lhe restava, doía a alma pensar em feri-los dessa forma. Até mesmo Juana, que demonstrara tamanha coragem e lealdade, sairia dessa história prejudicada.

Ela não poderia mais usar o coração para agir primeiro e pensar depois.

Dessa vez ela deveria pensar com cuidado sobre como prosseguir.

E dessa vez Isabel sabia muito bem o que fazer.



Quando os primeiros raios do sol surgiram, as lágrimas de Isabel desapareceram. Uma noite era o bastante para remoer a sua sina. Ela não morreria, não se anularia e não se tornaria a próxima troça de uma sociedade.

Ela faria seu destino à sua maneira.

Convencida disso, Isabel acompanhou as freiras ao amanhecer na primeira missa do dia e rezou junto às irmãs sob os pés da Virgem da Candelária. Sua mãe, Marcela Fuentes, era fiel e temente a Deus. E acreditava que a Rainha Isabel I, homenageada no nome de sua filha, merecia a canonização, como a igreja pedia.

E pensar que a Rainha Isabel fugiu para casar-se com o então príncipe da coroa de Aragão para, assim, unificarem a Espanha... O que pensaria sua mãe ao vê-la repetir a história, mas por motivos não tão nobres?

Mais tarde, Isabel procurou por Eric. Encontrou-o no refeitório outra vez, fazendo o desjejum junto aos homens sob sua tutela.

— Você tem um minuto para mim? — perguntou após aproximar-se silenciosamente.

Ele não demonstrou nenhuma emoção, apenas assentiu, dando o braço uma vez mais e guiando-a para fora, com exceção de que dessa vez começaram a caminhar em direção à pequena trilha que levava ao alto de um penhasco com visão ampla da ilha e do convento.

Em silêncio outra vez, Isabel suspeitou que a perna de Eric deveria estar doendo pelo esforço, ao vê-lo fazer uma careta.

— Essa caminhada não deve fazer bem aos seus ferimentos — falou quando se aproximavam do limite do penhasco.

— E quando estarei completamente bem?

— Quando conseguir subir esse pequeno morro sem sentir dor, por exemplo.

Ele apenas a encarou com um olhar enigmático.

— Muito bem, aqui estamos — murmurou para ela.

— Sim, estamos. — Respirou fundo para mirar-lhe nos olhos. — Vim para pedir que proponha outra vez... melhor, para que peça que me case

contigo.

Ela pensou que Eric iria sorrir, vangloriar-se e tripudiar sobre sua decisão tão rápida de voltar atrás em negar sua oferta.

— Eu tive tempo para pensar noite passada e...

— Não tem mais a intenção de me assumir? — Seu tom soou mais desesperado do que ela pretendia.

— Não, não é isso. — Eric caminhou de um lado para o outro por um momento. — Posso entender sua revolta em ser tão incisiva em negar minha oferta. Afinal, foi o que fiz, impus um casamento.

— Aparentemente, soube usar muito bem o tempo livre para reflexão.

— Se não parar de me insultar petulantemente, retirarei a proposta. — Viu-a morder os lábios em decoro. — Sinto muito... é embaraçoso para mim, assim como é para você.

— Façamos isso de uma vez — replicou.

— Muito bem... Isabel Fuentes, quer se casar comigo? — perguntou olhando-a nos olhos.

— Sim — ele assentiu com um sorriso —, mas tenho algumas condições.

— É claro que tem. — O leve sorriso abandonou os lábios de Eric, substituído por um suspiro.

— Sei que o que está fazendo é nobre, e não estou em posição de exigir muita coisa..., mas gostaria de pedir... quero dizer... Olhe, meus pais viveram um casamento muito feliz... eu os admirava e...

— Isabel... apenas fale — ele murmurou com suavidade ante os rodeios dela.

— Quero que nos esforcemos para que este seja um casamento de verdade — falou com a mesma ânsia de quem retira chumbo dos ombros.

— E quando foi que propus uma farsa? — Eric soou indignado.

— Sabe muito bem o que quero dizer. Muitos casais... são de um jeito na frente das pessoas... e de outro quando estão a sós. Eu ficaria muito triste se fôssemos assim.

Eric demorou a responder, deixando-a inquieta. Quando falou, segurou a sua mão esquerda.

— Quero que saiba que a admiro, Isabel. Sua sinceridade é sua maior força. Não aceita meios termos e nada que a faça infeliz. Não só salvar minha vida lhe torna digna de meu nome e de minha honra, mas seu

coração prova a cada instante que é merecedora de minha proteção. Embarcarei nessa jornada com você com verdade. O mar não será mais minha amante, você será.

— Eric...

— “Por um olhar, o mundo. Por um sorriso, o céu. Por um beijo... não sei o que te daria por um beijo” — declamou.

Com um leve suspiro, Isabel o olhou nos olhos, e Eric se aproximou cada vez mais.

— Bécquer? Não para de me surpreender — falou em um murmúrio, tentando soar engraçada, mas apenas pareceu ansiosa.

— Também sei ler. — Ela sorriu, mas Eric se manteve sério. — Quero que o primeiro beijo de minha esposa seja especial.

Não deu tempo para se preparar. Seus lábios tocaram os de Isabel. Ele a estava beijando.

Ele a estava beijando. — Pensava ela enquanto tratava de entender as reações de seu corpo.

Um abraço apertava sua cintura, nunca tinha estado tão próxima a um homem, além de lábios quentes e vibrantes em sua boca, invasores que a obrigaram a abrir-se e a tocá-lo com a língua.

O tórax de Eric roçava os seus seios, que arfavam por tal comportamento. Como explicar que queria mais? Não sabia, mas apenas sentia.

Isabel tocou o queixo de Eric suavemente, e ele segurou-a pela nuca quando sua boca possuiu a dela com fervor ainda maior. Queria que lhe dissesse o que fazer. Correspondia-o ansiosa enquanto corava. O rubor acalentador subia pelo colo e levava embora seu ar.

Ele tinha cheiro de pinho e maresia. As ondas do mar voltaram a fazer ruído em seus ouvidos, e os pássaros a cantar distantes.

Estava se afastando.

Com as duas mãos, tocou o rosto, angustiada pelo abandono iminente. Eric sorria e, tomando as suas mãos, beijou cada dedo com lenta adoração.

— Será a futura Baronesa de Altamira? — perguntou com os lábios pregados à sua orelha.

— Sim.

Foi tudo que conseguiu dizer, e Isabel agradeceu aos céus por não precisar resistir aos encantos de Eric Casanova.

Seu futuro marido.

CAPÍTULO 07

Era um lindo dia para um casamento.

As freiras não paravam de falar ao borboletearem ao redor de Isabel durante todo o tempo. A cerimônia estava marcada para começar às onze da manhã, na basílica que se situava aos pés do convento.

Isabel tentava desmanchar a ruga em seu vestido de noiva pela décima vez na última hora. Talvez fosse o momento de admitir que estava ansiosa, pensava. Ainda estava perplexa por todos os documentos terem sido adiantados em dois dias, e um vestido de noiva ter sido aprontado para ela em igual velocidade. Com prazer, fora levada ao pequeno vilarejo próximo ao convento, e conheceram uma simpática e simples modista que lhe vendeu um encantador vestido de noite branco, que agora caía como uma luva ao ser apertado pelas mãos cuidadosas das freiras, servindo como vestido de noiva. O longo véu fora um presente da madre superiora, que dizia bordar as rendas para passar o tempo. Para Isabel, era a coisa mais linda e fina que já lhe deram na vida.

— Muito bem, todas prontas, pois estamos prestes a estar atrasadas — a madre disse docemente ao entrar no quarto. Isabel sorriu para ela pelo reflexo do espelho. — É isso, minha querida, vamos agora arrumar esse véu.

A superior das irmãs candelárias buscou a *peineta* de cobre com dentes de marfim para colocar em sua cabeça. Por fim, ajeitou os fios loiros com alguns grampos. Isabel teve certeza de que, se usasse aquilo por muito tempo, teria dores de cabeça, pois era mais pesada do que as simples *peinetas* a que estava acostumada.

— Aqui está! — disse a irmã após colocar o véu sobre o acessório e o rosto de Isabel. — Não por acaso tens um futuro marido nervoso à sua espera na igreja.

— Eric está ansioso à minha espera? — indagou surpresa.

— Já perguntou por você três vezes. Anda igual a uma raposa no altar. Foi difícil certificar a ele que eu mesma faria com que chegasse até lá na hora adequada. Tanto que enviou um dos seus homens para acompanhá-la.

— Enviou um dos marujos? Sinto muito, madre, isso é desnecessário...

— Não conhece bem o homem com quem vai se casar, *verdad*? — Com leves palminhas em suas mãos, a madre sorria para ela. — Deixe-me dizer uma coisa: sem o senhor Casanova, estaríamos perto da miséria e da fome aqui, nesse lugar. Sua ajuda salvou o convento. Ele sempre terá uma casa aqui... A partir de agora, você também.

Eric era um benfeitor para o convento. Aportado nas Ilhas Canárias, ele não passava os dias na esbórnica dos bordéis e tavernas, mas acomodava-se em um convento com dificuldades financeiras. O futuro marido não era um santo, no entanto, mostrava-se de tremendo valor.

Com cuidado, a madre superiora ajudava com os ajustes finais. Olhou-se no espelho uma última vez e não mais enxergou a ruga no tecido. O cetim perolado encaixava-se com perfeição em seu corpo. As anquinhas na longa saia davam sofisticação ao vestido, além do bordado dourado em seu colo. Flores feitas com linhas tão brilhantes que pareciam puro ouro. Não duvidava que Eric tivesse exigido o de melhor para ela.

— Foi você o enviado para certificar de que eu chegue ao altar? — Isabel brincou ao ver Zalo parado e bem-vestido ao abrir a porta.

— Se não encontra dificuldades em acreditar, minha cara, me voluntariei para a difícil empreitada — ele rebateu, sorrindo.

Zalo era bem-apessoado, grande e forte. Se não fosse dado ao bom humor, assustaria a qualquer um que estivesse ao lado. Por um momento, Isabel pensou que não gostaria de vê-lo zangado e disposto a usar toda a força.

— Isabel... sabe que serei o padrinho da cerimônia, certo? — ele disse após um pigarro.

— Sim, assim como a madre será nossa madrinha. O que há? — perguntou ela enquanto caminhavam entre os arcos dos corredores que levavam ao jardim do convento.

— Não trago comigo nem ouro nem prata para presentear os recém-casados...

— Zalo, não há necessidade... — ela começou a dizer, mas foi interrompida.

— Mas nada me deixaria mais feliz e com a consciência de padrinho tranquila do que acompanhar até ao altar a corajosa dama que salvou a vida do meu melhor amigo. — Seus olhos exprimiam tanta verdade que os lábios de Isabel se abriram em surpresa.

— Será um prazer para mim também permitir tal afeto — ela murmurou, e ele ofereceu o braço. Isabel aceitou com um breve aceno.

Caminharam devagar até a entrada da basílica. A madre superiora entrou discretamente, enquanto duas freiras fecharam as pesadas portas novamente.

— Pronta para tornar-se *Doña* Isabel Casanova? — perguntou Zalo, encantador, com uma piscadela.

Isabel respirou fundo e assentiu. Quando as portas se abriram outra vez, ela estava em frente ao corredor da basílica. A igreja era relativamente pequena, se comparada com as que se acostumou a visitar em Madri, porém era acolhedora. Imagens barrocas ilustravam o sagrado católico pelas paredes, além da nave, que era ricamente polida com elementos em ouro maciço, enquanto, ao fundo, se encontrava um altar também ricamente dourado, com a grande imagem de Nossa Senhora da Candelária.

Lá também se encontrava Eric, em um alinhado fraque preto, com um broche com as cores dos Casanova na lapela. Nem as freiras nem os marujos a sua volta, e nem mesmo a jovem e rechonchuda noviça tocando suavemente a melodia da marcha de Wagner em uma harpa, conseguiram fazê-la esquecer que esse era seu destino agora. Uma Casanova. Uma futura baronesa. Uma responsabilidade com a qual não sabia muito bem se conseguiria lidar. Agora teria ainda mais normas e etiquetas para prestar atenção. As pessoas a tratariam com parcialidade social e, acima de tudo, quando chegasse o momento, a chamariam de *Doña* Isabel. Talvez até chamassem a partir de agora, para dar-lhe posição e respeito, mesmo ainda não sendo uma baronesa. O fato de a marcha nupcial estar tocando, a ópera tão requisitada pelas jovens aristocratas em toda Europa desde as bodas da filha da Rainha Vitória, mostrava bem a importância do momento. Não estava salvando apenas a si mesma. Estava prestes a tornar-se nobre.

— Obrigado por permitir-me assistir a isso — Zalo murmurou. Confusa, ela o encarou, e ele apenas apontou para a frente.

E lá estava Eric Casanova. Preso em um olhar de fascínio, esperando sua chegada ao altar, mas também com uma leve carranca ilustrada por seus dentes apertados.

— Você não informou a ele que me levaria ao altar? — Isabel murmurou de volta.

— O que você acha? — Zalo falou sob a melodiosa marcha.

Isabel tentou manter-se séria, mas acabou juntando-se a Gonzalo em uma sonora gargalhada, em frente ao altar. O padre, sem entender, continuou encarando a chegada da noiva, enquanto a fascinação abandonava os olhos de Eric, deixando-os em pura chama.

— Já está aqui a sua senhora — Zalo murmurou ao amigo, entregando-a.

— *Sí*, minha — respondeu Eric ao companheiro de longa data quase rangendo os dentes. Isabel não teve muito tempo para reagir à frase possessiva, pois logo os olhos do futuro marido se suavizaram e a encararam acalentadores.

Descobrindo o véu de seu rosto, Isabel se viu sorrindo frente a Eric.

— Está radiante como o sol, Isabel — ele disse, beijando sua mão e virando-se em direção ao sacerdote.

Corando, Isabel também passou a prestar atenção no velho padre.

Foi uma cerimônia rápida, palavras sobre futuro, responsabilidade e pertencimento. Assim que se ajoelharam diante do padre, os padrinhos os cobriram com o véu bordado apressadamente por algumas freiras, uma parte sobre a cabeça de Isabel e a outra sobre o ombro de Eric. Em seguida, após alguns dizeres, foi a vez do *lazo* ser colocado sobre os ombros dos noivos pelas mãos de Zalo e da madre superiora. O *lazo* foi preparado também com a ajuda das freiras e era composto por uma fina corda arranjada do barco de Eric, presa a flores e folhas. Sempre iria significar a união de um casal perante Deus. Quase ao fim, foram entregues por Zalo as *arras*, um pequeno conjunto de treze moedas de ouro — Isabel tinha certeza devido ao brilho dourado —, antecedendo a fina aliança.

— Eu os declaro marido e mulher — o padre já idoso anunciou, para o frio na espinha de Isabel.

Ela agora era uma Casanova.

Eric se aproximou unindo suas mãos nas dele. Com cuidado, pousou os lábios sobre os dela. Quentes e castos dessa vez, mas conseguindo deixá-la incrivelmente curiosa. Quando se separaram, os marujos batiam palmas e assobiavam pela igreja, para horror das irmãs.

Seguiu-se um grande almoço em um dos pátios externos do convento. As freiras continuaram sentando-se separadas dos marujos, que riam, bebiam e contavam histórias. Sentada ao lado de seu marido, Isabel tentava controlar-se sobre a expectativa do que viria a seguir.

Sentia o corpo estremecer e uma comichão no estômago quando seu joelho, sem querer, roçava levemente a perna de Eric, sentado ao seu lado.

Todos ao redor pareciam contentes e distraídos na enorme mesa. Zalo parecia entreter-se, oferecendo a Isabel os pratos chegados à mesa, enquanto, com um resmungo, Eric tomava a frente do amigo e servia a recém-desposada. A jovem noviça continuava a manter o fundo musical da ocasião, tocando agora, na harpa, antigas canções populares. A tarde passava feliz, como se aquele realmente fosse um casamento por amor, e não por obrigação, pensava Isabel.

— Acho que já podemos nos recolher — Eric murmurou quando o sol começou a se pôr.

— Sim, penso que já é de bom tom — sussurrou Isabel, tratando de afastar sua apreensão ao sorrir para o agora marido. — Acha que darão conta da tarefa? — ela disse em cumplicidade para ele, vendo Gonzalo e a madre superiora servirem os pedaços do bolo aos convidados.

— Creio que conseguirão se virar — Eric respondeu enquanto via o amigo ser repreendido pela madre por lamber um pouco do confeito do bolo.

Isabel o acompanhou na visão, e ambos riram da cena.

— A madre prometeu deixar um pedaço do bolo para nosso desjejum amanhã.

— Talvez precise do bolo inteiro para repor as energias, minha cara.

Sentindo-se corar dos pés à cabeça, Isabel partiu junto ao marido em direção aos aposentos reservados para eles, agora casados.

Entram na habitação já com o dia às escuras. A festa agora era um leve som de algazarra e notas musicais.

Eric tratou de logo acender as lamparinas do lugar, enquanto Isabel buscou a bacia com água na mesinha próxima à cama para refrescar o colo e o rosto. Alguns instantes depois, ela sentiu a presença dele às suas costas.

— Jamais esquecerei como ficou bonita nesse vestido. — Sua voz rouca soou próxima a seu ouvido.

— Obrigada — murmurou ela após engolir seco a saliva.

— Quer ajuda para tirá-lo? — disse sem rodeios, para espanto de Isabel.

Então, ela tratou de virar-se e encará-lo com os olhos arregalados. Sua surpresa tinha um misto de pânico e excitação.

— Acaso consegue tirá-lo sozinha? — perguntou quando viu a estranheza em seus olhos.

— Não — sussurrou, mais para si mesma do que para ele.

Como uma raposa rondando sua presa, Eric posicionou-se às costas de Isabel outra vez. Com cuidado, passou a soltar os botões de cetim estrategicamente posicionados. Os dedos grandes e grossos não se atrapalhavam com os pequenos instrumentos, para surpresa de Isabel.

Sentiu a suave brisa da noite tocar a pele desnuda das costas. Logo percebeu que eram os lábios do esposo que sopravam um leve frescor em sua pele. Em seguida, a palma firme plantou-se na parte descoberta de suas costas, causando um leve sobressalto.

Empertigou-se quando os lábios tocaram suas omoplatas, divididas entre pele e espartilho. Por onde Eric depositava leves carícias, ela sentia arder, uma sensação nunca experimentada em toda sua vida. Nuca, ombros e a parte de trás de sua orelha não foram ignorados pelo marido. Quando ele se pôs frente a ela em busca de seu olhar, ela tremeu em um torpor inexplicável.

— Está tremendo — afirmou e beijou a mão de Isabel. — Tem medo? — interrogou, escrutinando.

— Um pouco — ela respondeu com a verdade, porque jurou um dia que não mentia. Mas omitia por não dizer o que temia. Ao desconhecido prazer que a fazia sentir.

— Não pedirei permissão para beijar minha esposa. — Tocou suavemente sua bochecha.

— Não farei com que peça — afirmou ela, rendendo-se ao toque.

Beijou sua jovem mulher, com paixão e luxúria. Com toda a volúpia que foi obrigado a reprimir ao beijá-la no altar, frente a Deus e aos demais. Não iria esconder que a desejava, mas não queria assustá-la.

Com os dentes, mordiscou os lábios até fazer com que os abrisse, permitindo a entrada de sua língua invasora e brincalhona. Jogou com o prazer dela, sentindo-a estremecer levemente, e quase perdeu o controle quando Isabel o abraçou de volta, segurando os seus ombros com as mãos femininas firmes e quentes sobre o tecido de sua roupa.

Eric Casanova quase rugiu ao pensar que a mulher em seus braços tinha seu sobrenome e lhe correspondia com incerteza e paixão.

Deteve-se porque não se via capaz de tê-la dessa forma. Para Eric, a incerteza de Isabel tornava o que fazia o mesmo que violá-la.

— O que é isso? — perguntou ela afastando-se e aproximando-se da janela.

O barulho de algazarra era tanto que seus homens pareciam estar no corredor, mas estavam no pátio com Victor, o mais novo dos marujos, tocando a gaita, e Maciel, o mais velho, o violão flamenco.

Após abrir a porta da sacada, Eric cobriu as costas de Isabel com seu fraque e abraçou sua cintura, vendo-a tentando entender o que se passava no pátio abaixo.

— É seu presente de casamento — murmurou em seu ouvido. Ela o encarou com os olhos interrogativos. — Pediram minha permissão para dar-lhe um presente de casamento. Creio que seja isso.

— Ah... — foi o que Isabel murmurou, ouvindo os doces acordes e a voz de barítono de um dos marujos. — Estão cantando para mim? — perguntou, mas parecia não precisar de uma resposta.

Ainda assim, Eric confirmou.

*“Se uma pomba vier para sua janela
Trate-a com carinho, ela sou eu
Conte sobre seus amores, meu bem
Coroe-a com flores que ela é coisa minha
Ai, querida, sim, ai, dê-me o seu amor
Ai, venha comigo, querida
Para o lugar que eu vivo”.*

Isabel observava encantada os homens cantando “*La Paloma*”, a famosa canção criada na costa das colônias espanholas na América, que era uma das preferidas de seu pai.

Os homens assobiavam e batiam palmas com as taças de vinho na mão, enquanto um deles estava sentado sobre um tonel.

— Aquilo é um barril? — perguntou.

— Sim, comprei para eles em comemoração ao nosso casamento. Um barril de xerez.

— Isso não pode acabar bem.

Nesse instante, uma das noviças passou correndo e gargalhando nos fundos do pátio enquanto um dos homens ria e tropeçava correndo atrás dela. A madre surgiu furiosa em meio aos marujos, e foi Zalo quem paralisou a orquestra improvisada.

— Senhor Casanova, eu exijo que controle seus homens. Sabe o quanto é bem-vindo a esta casa, mas isso aqui ainda é um lugar sagrado. Não estão em um Porto de Tortuga — a mulher de idade esbravejou.

Respirando fundo, Eric virou-se para Isabel.

— Tenho que ir e dar uma dura nos rapazes e levá-los a outro lugar ao menos essa noite. Ficar bem? — Isabel assentiu.

Com um aceno para a madre, ambos fecharam a porta da sacada e regressaram ao calor do quarto. Isabel retirou o terno de seus ombros e se aproximou da cama.

Eric já estava em frente à porta quando foi atraído outra vez para perto da esposa. Olhando-a nos olhos, segurou em seus ombros e a beijou outra vez.

Ele sabia que os lábios daquela mulher poderiam viciá-lo e que seriam sua perdição, mesmo que essa mulher fosse sua esposa.

— Não a tomarei enquanto não desejar. Virá

à minha cama por sua própria vontade — sua voz rouca e profunda murmurou para, em seguida, abandonar o quarto.

A Isabel, só restou refrescar-se e se deitar na enorme cama, imaginando que, em breve, conheceria toda a paixão do marido.



Duelo e Paixão



CAPÍTULO 08

ILHA TENERIFE. CONVENTO NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA – 1895. PRESENTE

A imagem da santa adornada em dourado trazia recordações doces a Isabel. O frio do amanhecer era diminuído pela igreja ornada com velas.

Ela reconheceu os passos do homem a suas costas.

— Senhora Casanova — o Dr. Walker disse suavemente. — Bom dia.

— Já é dia? — ela perguntou.

— O sol já está para sair. Espanta-me vê-la de pé tão cedo.

— Gosto de vir e rezar antes da missa da manhã.

— Se estou correto, foi esse o lugar onde a senhora e o senhor Casanova se casaram, como me contou. — Ele se sentou ao seu lado, mesmo sem pedir permissão.

Estava na ilha já há alguns dias e, para ela, era bom ter alguém com quem partilhar o tempo que não fossem apenas as freiras e o jardineiro.

— Sim, foi exatamente neste lugar — Isabel respondeu com brilho nos olhos.

— Permita-me perguntar, senhora Casanova... Como era o senhor Casanova como marido? — O médico a analisava com os olhos gentis.

— Eric tem senso de justiça e é muito honrado. Às vezes penso que é honra até demais. — Após alguns instantes em silêncio, seu olhar se voltou questionador para o médico: — Mas porque pergunta, como se meu marido não mais existisse?

— Diga-me, senhora Casanova, há quanto tempo está aqui neste convento? Talvez devesse considerar que ele já não esteja... com a senhora. Que a tenha deixado para trás, de certo modo.

— Dr. Walker, por que me toma dessa forma? Não permitirei que insinue algo tão grave sobre meu marido. Não o conhece, não conhece nem a mim. Não importa há quantos dias estou aqui, o que importa é que esperarei por meu marido onde prometi esperá-lo. — Ela se levantou, desistindo da reza.

— Senhora Casanova — o jovem médico a deteve —, sei que posso soar insolente, mas busco alertá-la.

— Alertar-me? Sobre o quê?

— Talvez possamos descobrir juntos. Diga-me, quantas vezes o senhor seu marido disse que a amava?

— Dr. Walker, quem pensa que é? Não ficarei aqui para que meça com quantas frases se constrói um casamento. — Ameaçou partir, girando nos calcanhares.

— Então, nunca falou, não é mesmo? — Ele levantou-se, seguindo-a.

— Nunca foi necessário — Isabel disse de costas.

— Não acha o amor necessário, senhora Casanova?

Isabel virou-se para encarar o médico, seus olhos cobertos de lágrimas desta vez.

— O amor é uma palavra. Pode dizê-la inúmeras vezes a alguém e jamais senti-lo. Com meu marido, sentia todo o tempo. Nunca foi necessário dizer se o amor estava nas ações.

— Faze-o costumeiramente, senhora Casanova?

— Faço o quê?

— Engana a si mesma! — Ele viu o ultraje no rosto da dama assim que suas palavras foram ditas.

— Da minha vida, doutor, cuido eu. Mas, quanto a mim, esperarei por meu marido. Não que seja assunto seu, mas nós, os Casanova, não costumamos mentir. — Ela preparou-se para ir embora, puxando a saia do longo vestido.

— Prometeu que conversaria comigo todos os dias de minha estada, senhora.

— Como disse, doutor, sou uma Casanova. Não minto. Se prometi, assim o farei. — Com os sapatos ecoando na silenciosa basílica, ela começou a ir embora. — Com a sua licença — murmurou Isabel.

Talvez fosse o momento de estar só e ir encarar o mar mais uma vez.

CAPÍTULO 09

ILHA TENERIFE, 1893. PASSADO.

Uma semana depois do casamento, a vista da ilha desde a parte mais alta do convento se mostrava esplêndida. O sol reluzente da manhã combinava com o vento do mar, preenchendo o ambiente com o cheiro da maresia.

Eric observava Isabel cortar os fios dos pontos da perna com rapidez e cuidado. Haviam acabado de chegar ao topo da encosta.

— E, então? Não irá me dizer por que fez questão de trazer-me aqui para retirar seu curativo? — perguntou ela, guardando os objetos na maleta.

— Para mostrar que posso vir pelo caminho mais alto sem que me doa a perna — soou triunfante.

— Devo parabenizá-lo, meu marido? Muito bem. Fico feliz de vê-lo tão bem em tão pouco tempo.

— Sabe que só estou aqui por sua dedicação. Nunca fui atendido por um médico tão linha dura.

— Não sou médica. Não se esqueça disso. — Pôs-se de pé e caminhou uns tantos passos para a borda do penhasco.

— Isabel, quero que... — começou a dizer, mas foi interrompido por ela.

— Eric, o que espera de mim? — Seus olhos eram hesitantes e seu sorriso, trêmulo.

— O que espero de você? — perguntou com as sobrancelhas levantadas, encarando-a com incerteza.

— Sim, o que espera de mim como sua esposa. Como uma Casanova. — A cabeça de Isabel se pôs baixa. — Não venho de berço ou família aristocrata. Fui criada com conforto, mas não com luxo ou etiqueta. Sei apenas o básico de como me portar. Tenho medo de não ser boa o bastante ao cuidar da casa, de não ser boa esposa ou — oh, Deus, não permita — uma baronesa.

Eric levantou-se e, em um ligeiro passo, alcançou-a. Segurou suas mãos e tocou seu queixo, levantando os olhos da dama até os seus. Os lábios de Isabel estavam apertados em austera preocupação.

Santo céu, há quanto tempo isso a estava corroendo? — pensou Eric.

— Não espero nada de você, Isabel. — Os olhos dela se abriram aflitos.

Ele quis praguejar por sua falta de tato. Obviamente era um assunto delicado para ela.

— O que quero dizer é que não necessita buscar minha admiração ou a de qualquer outra pessoa em minha casa... nossa casa. Já a tem. Logo todos perceberão sua intrepidez e valor. Isso sempre será o mais importante. Quanto aos afazeres domésticos... contrate quantas empregadas mais quiser, uma governanta nova... Lembre-se sempre que você agora é Isabel Casanova. Não há mais certo ou errado, apenas um mundo inteiro a seus pés.

— É assim que se sente? Com o mundo a seus pés, todo o tempo?

— Não... É assim que quero que se sinta.

Seus lábios se abriram em surpresa. Astuto como só um Casanova poderia ser, Eric aproveitou para possuí-los. Cada vez que a beijava, era como descobrir um novo pedaço de terra. Um lugar límpido e refrescante. Beijos não deveriam empolgar tanto um homem vivido como ele, mas nenhum beijo antes fora dado nos lábios de Isabel. Possuir aquela boca era como reclamar para si o paraíso. Todo o tempo, Eric pensava em beijá-la de todas as formas. Gentil, forte, emocionado, intrépido. Sempre ansiando novas maneiras de roubar o fôlego de sua nova e doce esposa.

Ele sabia o que viria agora. Se separariam e ela estaria corada, como as rosas que enfeitavam os penteados das ciganas.

Encarando-a instantes depois, não pôde deixar de sorrir ao notar que estava certo. Isabel devolveu um tímido sorriso. Suas largas mãos tocaram a face dela, segurando-a por um instante com gentileza.

— Há muita bravura dentro de você, Isabel, uma delicadeza, confiança e paixão... mas, sobretudo, bravura, e isso não deve ser ocultado.

— O que está tentando dizer?

— Sabe que não posso garantir que vá à universidade, não sabe? — Ela abriu os lábios em surpresa outra vez, os olhos grandes brilhando. — Mas prometo a você que farei todo o possível para realizar seu desejo. Conversarei com o barão, meu pai, para que arranjemos uma recomendação real. Ainda assim não trará certeza, mas poderá abrir muitas portas.

— Eric... — murmurou, levando a mão aos lábios.

— Ainda assim, se não for possível, farei que os médicos conhecidos da família a aceitem como voluntária em algum hospital de Sevilha. Poderá ajudar os necessitados com seus talentos. Salvar outros, como salvou a mim.

— Ah, Eric... Eric... — Radiante, Isabel pulou no pescoço do marido, distribuindo beijos pelo rosto recém-curado de ferimentos. — É maravilhoso, mal posso acreditar. — E, desprendendo-se de toda formalidade tão presente em seu comportamento para com ele, levou os lábios aos do marido. Pela primeira vez, por iniciativa própria.

Ele a trouxe para seus braços, as mãos apoiando suas costas e fazendo com que os pequenos pés saíssem do chão. Com um gemido de surpresa, ela abriu os olhos e viu o marido sorrir de volta ante a doce iniciativa de beijá-lo. Ambos passaram a gargalhar enquanto Eric dava piruetas com Isabel em seus braços.

E, naquele momento, em um penhasco frente a uma vista paradisíaca, com o mar e o sol como testemunhas, eles formavam um pacto de pertencer um ao outro.



A volta para casa ocorreu dois dias depois. Com o navio abastecido para a viagem e uma longa despedida de todos os habitantes do convento, a tripulação do cruzador, junto aos recém-casados, embarcou na jornada de volta à realidade.

Um telegrama havia sido enviado três dias antes para o pai de Eric, informando-o do casamento e de seu regresso. Certamente o homem estaria como um pavão, pronto para mostrar as penas em uma recepção para a chegada do filho e futuro barão. Eric tinha certeza.

Isabel esteve um pouco enjoada na primeira noite no mar. Talvez a tensão da última viagem não a tenha deixado perceber o balanço do barco. Assim, repousou muito durante o tempo na cabine.

O Porto de Sevilha parecia tal qual sempre Eric o encontrava. Gente ocupada e amante de dinheiro empilhando caixotes e pertences de quem

chegava e partia.

Na carruagem, trajando um dos vestidos novos providenciados com a modista da ilha, as mãos de Isabel moviam-se constantemente sobre seu colo. Do outro lado da cabine, Eric sorriu e lhe segurou as duas mãos trêmulas.

— Acalme-se. Ele já te adora — murmurou para ela.

— Não é somente seu pai quem me preocupa. Terei que enfrentar um tio furioso também.

— Não perca o sono por conta disso. Do *señor* Fuentes, cuido eu. Ele tem uma sobrinha que será baronesa um dia, tem todos os motivos do mundo para sorrir para você. — Tratou de acalmá-la com os olhos apaziguadores.

Quando os cavalos passaram a diminuir sua velocidade, Isabel se pôs a olhar para fora, e a fresta revelou os jardins do Palácio Casanova. Uma fila de empregados os aguardava na escadaria principal.

— *Diós*, será que estamos preparados para lidar com as consequências? — A voz dela soava incerta.

— Ainda que fôssemos você e eu contra o mundo inteiro... seria apenas o que necessitaríamos.

Isabel sorriu para o marido. Poderia ele estar certo? Ela havia pedido um casamento de verdade, onde os dois se esforçassem para conviver bem, mesmo sem amor. Ele estava cumprindo até o momento.

Poderia Eric ser seu porto seguro em meio às tempestades que viriam? Encarando o maxilar quadrado, os olhos escuros e seu nariz alvo, ela percebeu pela primeira vez que daria tudo para ser o mundo para ele.

— *Cielo santo*! Mas quem pariu esse aí que quase deixa a noiva cair ao entrar em casa! — falava *Don* Casanova aos berros, depois de ver Isabel tropeçar ao entrar no portão da casa e ser amparada pelo marido. — Então é assim que regressa a essa casa, com uma nova filha para mim. — Seus olhos eram simpáticos para o filho e a nora.

Isabel encarava o marido, que sorria para o pai, o homem enorme como ele, porém muito mais velho. Embora fosse um dos homens mais importantes da região, emanava carinho e felicidade em ver o filho.

— Fico feliz em encontrá-lo em boa saúde, senhor meu pai. — O abraço entre os homens foi rápido e cheio de tapas. Típico masculino. — Conheça sua nora, Isabel Casanova.

— Senhor barão, é um prazer encontrá-lo novamente. — Ela fez uma reverência ao velho homem. — Sinto muito por causar tantos transtornos. Espero poder remediar o mais pronto possível.

— Já o tem feito com sua presença, minha querida. — Um beijo quente foi depositado em sua mão. *Don Casanova* não era idoso, ainda irradiava energia e galanteios. — Vamos, vamos entrar que todos estão ansiosos para conhecê-la.

— Alonso já chegou de viagem? — Com a expressão séria, Eric perguntou.

— O menino ainda está viajando. Astúrias não é tão perto quanto parece, mas chegará para o baile.

— Baile? — questionou Isabel sem pensar.

— Ah, claro, não pensou que meu herdeiro iria casar-se às escondidas e ficar por isso mesmo, não é? O futuro Barão de Altamira terá a recepção que merece. Toda a região foi convidada. Amanhã terão uma noite ocupada.

— Amanhã? Você sabia disso?

— Quando se tratam das recepções de meu pai, eu sempre prevejo algo como isso, minha querida.

— Deixemos de conversa, ao menos do lado de fora da casa. Eric, faça direito desta vez. Pegue-a no colo. Tudo que essa casa menos precisa é má sorte para recém-casados.

Sorrindo, Eric obedeceu ao pai, para espanto de Isabel, que disparou um leve grito ao ser erguida pelo esposo. Os empregados sorriam disfarçadamente ao verem o futuro barão carregando a esposa para dentro do Palácio.

A enorme sala da mansão era mobiliada por móveis de mogno e imensos vasos de Alhambra. Um enorme lustre com cristais brilhantes como o dia situava-se no teto, trazendo ainda mais luxo à decoração.

Depois que todos os empregados foram apresentados, o mordomo levou até o barão uma bandeja com uma peculiar caixa de veludo. *Don Casanova* tomou a caixa em uma das mãos com cuidado e virou-se em direção à nora.

— Que todos saibam que essa casa agora tem uma nova dona. Bem-vinda ao seu lar, Isabel Casanova. Futura Baronesa de Altamira.

A caixa foi entregue aberta a Isabel que, para sua surpresa, encontrou uma chave em ouro. As chaves do palácio. O barão lhe dava um presente de

boas-vindas. Logo a ela que, por pouco, não jogou o nome Casanova na lama.

Emocionada, Isabel agradeceu ao sogro. E percebeu que não apenas ganhou um sobrenome, mas também uma nova família.

— Obrigada, *Don* Casanova. Sinto-me lisonjeada por tamanha recepção.

— Tenho sabido sobre sua situação, minha querida. Saiba que o meu carinho de sogro já tem.

Orgulhoso, Eric observava o encontro entre o pai e a esposa. O barão mostrou que não fazia cerimônia quando se tratava em ajustar a vida no palácio para a chegada dos recém-casados.

No dia que se seguiu, Isabel descobriu que suas coisas já haviam sido trazidas da casa de seu tio e devidamente arrumadas no quarto que lhe pertencia. Dormiria em um quarto interligado ao de Eric. Passou a primeira noite na casa sozinha, pensando se deveria propor de continuarem a dormir no mesmo leito. Algo estava faltando durante a noite.

A casa na manhã seguinte estava em polvorosa pelo baile. Todos os empregados faziam questão de lhe dizer que tudo já foi devidamente cuidado. Na décima vez que ouviu isso, decidiu acreditar que sua interferência não era necessária para o evento e decidiu começar a se aprontar para a noite.

Colocou um elegante vestido azul-marinho, trazido para ela especialmente para a ocasião. Isabel era encantada por tons escuros e, ao menos agora, depois de casada, poderia usá-los. Seu espartilho moldava melhor a cintura e o decote estava um pouco maior. Renda preta e pedrarias enfeitavam o tecido.

— Tenho algo para você. — A voz de Eric a fez mover-se com um salto.

— Assustou-me! — A mão elevada ao peito comprovava.

— *Perdón!* Não foi minha intenção. — Parecia fitá-la encantado.

— Precisa parar de aparecer do nada, sei que não gosta da porta de comunicação entre os quartos...

— Não, não gosto.

O assunto o havia deixado desgostoso na noite anterior. Isabel preferiu levar a conversa para outro rumo.

— O que o traz aqui? — perguntou, aproximando-se do marido.

— O barão... — pigarreou suavemente —, o barão e eu ficaríamos encantados se usasse isso esta noite. — Ela percebeu que o marido trazia consigo uma caixa de joia também em veludo como a do dia anterior, porém maior. — Considere como meu presente de casamento.

— *Diós mio...* — murmurou Isabel com os olhos abertos em par ao ver o conjunto de safiras com diamantes. — Eric...

— Pertenceu à minha mãe... E agora é seu.

— Não posso negar, *verdad?*

— Não, não pode.

Sorrindo, ele a levou até o espelho e a ajudou a colocar o colar e os brincos.

— Sinto-me honrada em usá-lo. Por ser de sua mãe. Obrigada, Eric.

— Está linda. — Olhavam-se através do espelho.

Logo, Isabel se viu nos braços dele com as costas apoiadas no peito másculo.

— Tenho algo a te dizer — sussurrou o marido, cheirando seu pescoço, cabelo...

— Então diga... — murmurou ela de olhos fechados, as mãos, dela e dele, encontrando-se sobre seu ventre.

— Não quero... Destruirá esse momento... — Ele parecia em conflito, enquanto suas mãos subiam e desciam sobre o tecido do vestido, firmes e persuasivas, um convite para algo maior. Algo que Isabel não sabia, mas queria cada vez mais. — É importante... — falou em um suspiro agoniado.

— Então diga! — Os olhos dela se abriram junto de uma leve batida na porta. — Quem é? — perguntou.

— Rápido, enganei os empregados e subi para te ver — a voz conhecida disse.

— Letizia? — perguntou para si mesma enquanto saía dos braços do marido e corria em direção à porta. — Letizia! — Sorriu, animada ao ver a prima.

— Tem uns minutos para mim, *Doña Isabel?* — a jovem perguntou, fazendo uma reverência exagerada, quase se desequilibrando.

— Não seja boba. Deixe-me apenas... — Olhou para trás em busca do marido e encontrou o vislumbre da porta de comunicação entres os quartos se fechando. Eric havia partido. — Nada. Apenas entre.

— Que quarto mais lindo. — Os olhos de Letizia pareciam inspecionar até mesmo as minúsculas partes do ambiente. — Não deixo de estar impressionada, apesar de estarmos na casa do Barão de Altamira... — ela disse com pompa.

— Deixe disso, ainda estou me acostumando a todo esse luxo.

— E pensar que ficamos tão preocupados com você...

— Ah, Leti, sinto tanto por isso. Não faz ideia.

— Juana demorou a me contar o que realmente havia acontecido. Só após papai saber sobre a jovem que se jogou no mar ao amanhecer no porto que ela disse a verdade. O pobre ouviu tantas histórias...

Isabel pediu incansáveis desculpas ao tio no dia anterior, quando ele foi visitá-la no fim da tarde. Ele não pareceu abatido, mas ficou um bom tempo conversando com Eric e com o barão no escritório. Para os homens, tudo havia se resolvido; para ela, ainda ficava a marca de que algo muito errado havia sido feito.

— Mas não falemos mais disso. Você está tão linda com esse vestido. Ah, meu Deus, que joias são essas? Você está feliz? Como é o *señor* Casanova? Ele parece tão sério... — Letizia não parava de falar e soltar perguntas enquanto se sentava sobre a *chaise*.

— Não consigo responder tantos questionamentos ao mesmo tempo...

— Isabel fingiu sentir dor de cabeça. Ambas riram. — Eric é bom. Ele é muito bom para mim.

— Se me dissesse isso antes de... bom, antes de partir, eu não a entenderia, entretanto, agora a entendo perfeitamente. — Os olhos da jovem pareciam sonhadores.

— Entende?

— Sim, sinto o mesmo por Diego... Quero dizer, *Don* Diego Navarro.

O nome soou familiar para Isabel.

— *Don* Diego Navarro? — com os olhos abertos, vociferou. — O Duque de Granada? Por que está falando com intimidade sobre *Don Diablo*?

— Psiu, fale baixo! Papai não pode saber que o chamo assim. Deve ser algo apenas entre nós. E não o chame de *Don Diablo*, me deixa triste ver as pessoas tratando-o assim.

— Bom e por que *você* o está tratando dessa forma? — questionou Isabel.

— Ah, Isabel, tanta coisa aconteceu enquanto você não estava, minha prima. — Mostrou-se corada, as bochechas rosadas tal qual a cor do longo e brilhante vestido que usava. — *Don Diego* pediu permissão para me cortejar e eu aceitei... Quero dizer, papai aprovou após uma breve consulta.

— *Don Diablo* está... O Duque de Granada está cortejando você? Céus...

— O que há de mal? Acaso só você pode se casar?

— Casamento, Letizia? Não acha muito cedo?

— Não! Quero dizer... sim. Quero conhecer melhor o duque, apesar da palavra já ter sido usada algumas vezes...

— Se casaria com ele após tê-lo visto tão poucas vezes?

— A verdade é que me sinto confusa. Diego é muito encantador e logo partirá para Granada, não quero deixar de vê-lo. Ao mesmo tempo quero conhecê-lo melhor, não sei se sou boa o bastante para ser uma duquesa. — Os olhos da prima se tornaram pensativos.

— Bom, talvez devêssemos marcar um jantar aqui em casa, onde possamos convidar o duque para darmos uma boa olhada nele, não acha? Eric e ele são velhos conhecidos, de certa forma, talvez possamos descobrir suas verdadeiras intenções.

— Ah, prima, faria isso por mim?

— É claro, você é tudo que tenho. Mas diga-me o que acha Juana de tudo isso?

— Ah, sabe como é, Juana não gosta de ninguém. — Fez uma careta e suspirou ao dizer: — Passa todo o tempo na sala quando estou com o duque.

— Faz ela muito bem, não é certo uma moça ficar a sós com um cavalheiro.

— Nem tampouco jogar-se ao mar atrás de um. — Isabel apenas revirou os olhos com a fala. — De qualquer forma, em seu último bilhete deixado ao final de nossa visita, ele disse que queria me beijar — a última palavra dita quase aos sussurros.

— Ele disse o quê?

— Sabe o que falei e não irei repetir.

— Letizia... Estou feliz por você e espero que o duque mantenha o respeito que você merece. Prometa que não fará nenhuma besteira... Algo como eu fiz. — Segurou nas mãos da prima. — Prometa-me isso.

— Prometo. Não se preocupe. O senhor duque é muito respeitador.

— Fico feliz em saber, Leti. — Ainda assim, Isabel não queria para prima a mesma escolha que teve que tomar recentemente. Ela ficaria com os olhos muito abertos para cima do duque.



A noite estava fabulosa. O Barão de Altamira sabia dar recepções como ninguém, e o baile em comemoração do matrimônio de seu herdeiro não poderia ser diferente. Tudo era em quantidades numerosas. A comida servida, os garçons com o vinho, a orquestra com o dobro de músicos, além dos castiçais dourados que ornavam o salão. As pessoas riam e reparavam umas nas outras. Ela e o marido entraram no salão sob uma grandiosa salva de palmas.

Isabel buscava-o agora com o olhar e o via preso em intermináveis círculos masculinos. Compartilharam um breve olhar angustiado e, com os lábios, leu a mensagem para aguentar um pouco mais.

Não poderia haver espaço para timidez em seu desempenho como uma Casanova. Valsou com o barão, que pavoneava com a nova integrante da família, fazendo questão de apresentar Isabel a todos. Um sorriso colava-se em seu rosto. Ria de piadas das quais não achava graça e desviava-se de assuntos que não entendia.

A prima valsava com o Duque de Granada pela terceira vez seguida, e Isabel temia que uma dança mais pudesse ser perigosa para a etiqueta da ocasião.

— Fico feliz em vê-lo divertir-se, senhor duque — felicitou Isabel, abanando-se com um leque quando ele devolve a prima à sua companhia.

— De fato é um belíssimo baile, *señora* Casanova. — Ela assentiu. — Seria uma enorme honra se me concedesse a próxima contradança. — O duque ofereceu a mão cortesmente.

— Temo frustrar seus planos, *Don* Diego. — Foi a voz de Eric que se interpôs às costas de todos. — Minha esposa e eu dançaremos algo especial.

— Iremos? — questionou Isabel quando o marido tomou a sua mão.

— *Sí, cariño.* — Seu sorriso era polido e predatório para o Duque de Granada. — Com a sua licença.

— Tem toda. — O duque voltou a sua atenção para Letizia, que observava tudo e todos encantada.

— Ciúmes de sua esposa, *Don Eric*? — Isabel disse jocosa, após chamarem a atenção ao irem para o centro do salão.

— Na verdade, estava a caminho de resgatá-la de tão enfadonho entretenimento.

— Não gosta dele, *verdad*? — Isabel olhou ao redor e todos prestavam atenção nela e no marido.

— Isso conversaremos depois, temos coisas mais importantes que fazer no momento.

— A valsa, é claro — comentou, reparando que os músicos demoravam a começar a tocar. — Por que hesitam?

— Porque falta isso. — Eric tirou do bolso duas castanholas.

Isabel arregalou os olhos ante a visão dos objetos.

— Já não causamos demasiados escândalos? — murmurou.

— Na verdade sim, e colocaremos um mais na conta, dançando como se estivéssemos em uma taverna. — Ele viu a indecisão nos olhos dela. — Sabe que será um escândalo maior se deixar-me aqui plantado.

Com um suspiro resignado, ela tomou os instrumentos de sua mão.

— Conversaremos depois — devolveu ela.

— Depois beijarei os lábios de minha esposa no jardim. — Seu sorriso era triunfante, sabedor da possibilidade de tornar o pensamento real.

Ao som das palmas de Eric, os músicos usaram o violão flamenco para invadir o ambiente com a canção ritmada em palmeados e sapateados.

— Olhe apenas em meus olhos — instruiu Eric.

O violino indicou o passo a seguir com Eric e Isabel encarando-se frente a frente, pé ante pé, como os cumprimentos de um touro e um toureiro. Jamais chegaram a tocar-se, todos os movimentos eram coordenados pelos instrumentos e as passadas tão pertencentes às castanholas.

Ao fim, sorrindo um ao outro, arrancaram aplausos dos convidados. Ninguém seria descortês com um futuro barão e sua baronesa. Não em sua própria casa.

— Encontre-me no jardim em alguns minutos — pediu Eric, e Isabel apenas assentiu.

Os cumprimentos dos convidados a cansaram. Ou talvez o baile estivesse muito cansativo por causa de seu nervosismo. A recepção parecia longe de terminar, com os casais voltando à valsa no salão. Isabel fugiu de tantos círculos de conversa quanto foi possível. Não viu Eric em nenhum lado, provavelmente já a esperava nos jardins, o homem tinha o dom de desaparecer.

Isabel atravessou as colunas divididas por arcos próximos ao teto, torcendo para que encontrasse o caminho mais fácil para o jardim. Decidiu-se pelo trajeto mais silencioso de todos. As escadarias a levaram diretamente a uma trilha de pedras que finalizava em um imenso jardim, repleto de estátuas de grama e cravos. Um chafariz, que provavelmente demarcava o meio do jardim, chamou-lhe a atenção, detendo-a.

O ruído leve do cair da água e o vento noturno a fizeram acalmar-se por um instante.

Passos pesados se aproximaram.

Eric.

— Creio que a senhorita esteja perdida — a voz falou com suavidade, porém firme.

E Isabel já havia escutado essa voz antes. Estivera em seus pesadelos nos últimos dias.

— Posso ajudá-la, *señorita*?

Isabel virou-se devagar para comprovar que o dono da voz que falava com tanta educação vestia o uniforme da guarda civil e a encarava com curiosidade. Era o mesmo homem que a encurralou no dia em que fugiu junto de Juana e Letizia para ver as touradas.

— Não vai me responder? — Ele se aproximava devagar, o que fez Isabel dar um passo atrás instintivamente.

Não a havia reconhecido ainda. Isso poderia ser de grande valia.

— Não, estou bem, obrigada — respondeu em um tom moderado e abaixou a cabeça.

Não gostava do olhar desse homem. Não confiaria jamais em alguém como ele. Seus olhos eram mentirosos. Sempre mentiam, e sorria como uma hiena pronta para se alimentar.

— Posso acompanhá-la, se quiser. — Impediu a passagem. — É perigoso andar desacompanhada, mesmo em um baile. — Ofertou o braço educadamente.

Não sabia o que fazer. Queria escapar imediatamente, chamar Eric. Sentir-se segura outra vez.

— Vamos? — Encarando-a fixamente de perto, com a luz próxima ao rosto, Isabel nada pôde fazer quando os olhos do homem denotaram a revelação. — Você?

O rosto de Isabel tornou-se pálido, e seu corpo tremeu sem que ela nada pudesse fazer.

— Eu a conheço, pequena intrometida. Temos assunto a acertar. O que faz em minha casa?

Minha casa?

A frase cortou a mente de Isabel, levando um soluço aos lábios. Algo pesado revolveu-lhe o estômago. Até que sua confusão mental se dissipou. Ela soube quem ele era em um instante. A testa franzida, os olhos escuros e o nariz proeminente... Sim, aquela era sua casa porque aquele homem perigoso era um Casanova.

Para ele, ela era uma intrusa. E só Deus sabia o que ele fazia com intrusos.

Tentou falar, mas as palavras fugiram da boca. Com a respiração rápida, tentou outra vez.

— Solte-me. — Encarava o braço preso sob a mão de seu cunhado.

— Dê-me um motivo para isso. — Os olhos do homem agora irradiavam selvageria.

Ela era sua presa, a testemunha de algo corrupto que fizera.

— Se arrependerá quando souber quem sou.

— Não tenho medo, estou acima de qualquer um que esteja naqueles salões. — Ele apertou ainda mais o braço de Isabel. — Posso estar acima de você também, doçura. — Seus lábios sorriram com malícia enquanto seu corpo se aproximava ainda mais de Isabel.

Ela tentou inutilmente se soltar das mãos poderosas e frias que insistiam em apertar seus braços com a promessa de deixá-los marcados. O corpo masculino pressionou o seu, cheirando a cravo e tabaco. O rosto do homem aproximou-se perigosamente de sua boca e instintivamente ela desferiu um golpe no oficial com a mão esquerda, fazendo o homem uivar de dor, soltando-a de seu aprisionamento.

Seu braço doía e ela levantou as saias para pôr-se a correr, não sem antes sentir a mão de Alonso em seu ombro, tratando de segurá-la outra vez.

Foi inútil, mas a mão pesada rasgou o tecido do caro vestido. Isabel passou a correr pelo jardim, amedrontada pelo escândalo. Um grito de socorro preso na garganta e os olhos que cruzavam a semiescuridão. Os passos de bota e o farfalhar da grama logo atrás de si faziam-na temer pelo pior.

Olhou para trás em busca de seu perseguidor e não viu o corpo forte e viril logo adiante. Trombou na montanha humana com desespero nos olhos e o ar em suspenso.

— Isabel, o que houve? — perguntou Eric, os olhos inquisidores.

Seu vestido aos pedaços e os olhos aterrorizados contaram ao marido toda a história que precisava.

Dos arbustos, apareceu o único homem na terra capaz de deixar Eric com os olhos cobertos de cólera e os lábios apertados.

Uma tempestade se aproximava da mansão Casanova.

CAPÍTULO 10

Eric não esperou que o irmão saísse completamente das sombras, desferiu um soco no queixo de Alonso que o deixou perdido e com ainda mais dor.

— Acaso há algum combinado para me surrarem esta noite? — perguntou ele, vendo apenas o irmão. Seus olhos, em seguida, se cravaram em Isabel, que foi colocada protetoramente atrás de Eric.

A tensão entre os irmãos poderia ser cortada com uma faca.

— Ela está usando o que estou vendo? As joias de nossa mãe? — Alonso tinha os olhos sobre Isabel. — Então é verdade, está casado. Logo, vejo por que ama defender essa rameira...

Forte e rápido como o vento, Eric pôs-se sobre o irmão. A gola da farda apertada em seus dedos, enquanto o outro estranhava a alterada reação.

— Dê-me um só motivo para não o matar agora. Apenas um, para não me esquecer de que somos irmãos e acabar com você aqui mesmo! — falou Eric entredentes, de uma forma que apenas Alonso poderia escutar.

— Você mesmo não acredita em suas próprias palavras, irmãozinho.

— É a última vez que ofende minha esposa. Não sairá com todos os dentes na próxima — falou em um tom baixo e rascante que impelia fúria controlada.

— Por que não resolvemos isso agora? — perguntou Alonso.

— Tem razão, me dê um motivo para não acabar com você aqui mesmo.

— Eric o empurrou para cima dos arbustos e se pôs em posição de combate.

— Eric, por favor — rogou Isabel ao mesmo tempo em que um casal os avistava do outro lado do jardim.

— Fique fora disso, Isabel.

— Isabel, venha comigo... — Zalo apareceu dizendo em tom apaziguador, cobrindo-a com seu próprio terno e tentando levá-la para longe.

— Não, não irei embora. — Soltou-se. — Eric, não faça algo estúpido.

— Sim, Eric, não cometa uma estupidez contra seu próprio irmão. — Alonso sorria. — Escute sua esposa, é uma festa, não é mesmo? Tudo não passou de um mal-entendido.

— Ouça-me e ouça bem, você e eu temos algo a resolver. — Aproximou-se de Alonso outra vez.

— Diga a hora e o lugar e ali me terá. — Frente a frente, os dois poderiam facilmente iniciar um duelo por combate ali mesmo.

Um duelo, Isabel pensou.

— Não, Eric, não, não permitirei que faça isso. Duelos são proibidos e claramente perigosos, não percebe? — Pôs-se entre os dois, golpeando o tórax do marido inutilmente.

— Zalo, leve-a daqui — vociferou Eric.

— Não, não...

— Vamos, Isabel... — Zalo a arrastou para fora do jardim, de volta aos pátios.

— Faremos à moda antiga — Eric voltou a dizer com a face contorcida de dor, após escutar os gritos de protestos de Isabel por vários instantes. — Leve uma espada, o encontrarei no bosque.

— Estarei lá. Veremos se tem sete vidas como dizem, *hermano*.

Quando esteve outra vez na casa, Zalo informou que havia levado Isabel até o quarto. Ao fechar a porta da alcova, encontrou-a andando de um lado a outro.

— Não vai fazer o que prometeu lá embaixo, não é? Não cometerá essa loucura.

— Isabel...

— Não, não pode estar falando sério. Vai enfrentar a morte sem garantia nenhuma de ganho.

— Escute-me — aproximou-se —, escute, Isabel. Prometo que voltarei para você.

— Não, não pode prometer-me isso. É um duelo, apenas um sairá vivo.

— E serei eu!

— Então, está mesmo disposto a matar seu irmão? O irmão que não me contou quem era, afinal. — Ambos se olhavam com indignação. — Mentiu para mim, Eric.

— Não, jamais faria algo assim. Apenas não encontrei o melhor momento para contar quem era Alonso.

— É mentira do mesmo jeito!

— Acha que foi fácil para mim saber que meu irmão a havia encurralado em uma viela? Que ele é quem é?

Isabel permaneceu em silêncio, mesmo que com o rosto erguido. Eric pousou a mão sobre a cabeça, bagunçando os próprios fios, enquanto caminhava frente à esposa.

— Olhe para si mesma. Seu cabelo, seu vestido, seus olhos... jamais esquecerei como veio aterrorizada até meus braços. Não quero imaginar o que poderia acontecer se não estivesse no jardim no momento certo. Como quer que eu passe por cima disso? Como quer que eu siga os dias com um irmão que... — Seu tom era atormentado.

— Quer vê-lo morto?

Ele a encarava incrédulo quando ela continuou dizendo: — Foi ele, não foi? A emboscada... não foi um simples furto...

— Isabel...

— Quer você morto! Vi nos olhos dele. Não há amor, carinho, admiração por você. Se parecem fisicamente, mas são como água e azeite. — Sentou-se na cama com o olhar perdido. — Não consegue ver? Se morrer, estarei arruinada outra vez. Salvei sua vida, salvou-me da ruína para nada... nem ao menos consumamos o casamento. Não temos um herdeiro a caminho. Com você morto, seu irmão terá tudo que ele quer.

— Fala como se tivesse certeza de que irei perecer. Tão pouca fé tem em mim? — Ajoelhou-se frente a ela.

— Sabe que colocaria minha vida em suas mãos.

— Então coloque, esposa. — Depositou um suave beijo em seu lábio inferior. — Prometa que confiará em meu retorno. Estarei em seus braços quando voltar e, como recompensa, a terei em minha cama. Nada mais de quartos separados.

— Fique comigo, hoje. — Isabel agarrou o marido pelos ombros. Estava desesperada para impedir o duelo de qualquer forma. Entregar-se ao marido seria o menor de seus sacrifícios. Com rubor, percebeu que talvez fosse um prazer.

Reclamando os lábios de Isabel, Eric a beijou, trazendo seu corpo para junto dele sobre a cama. Era um toque calmo e profundo em sua boca. A carícia fazendo com que um prazer se acendesse no corpo dela, não apenas em seus lábios. O marido era gentil em seus carinhos e podia perceber a paixão contida em seu corpo. Isabel ansiava por algo mais e, recostando-se melhor sobre o colchão, moveu as coxas instintivamente. Ele separou os lábios dos seus com um pesado olhar de covardia.

— “Mas mudo e absorto e de joelhos, como Deus é adorado diante de um altar, como eu te quis ... engana-te, não te quererão jamais!” — Eric recitou os versos de Bécquer, trazendo a esposa de volta a sentar-se na beira da cama. — Não a terei às pressas, próximo à luta. Te amarei devagar, com o tempo que nos resta em nossa longa vida.

Como poderia ele negar-lhe a única coisa que os salvaria nesse derradeiro momento?

Com um soluço, Isabel desvencilhhou-se do marido e se levantou sem dizer uma só palavra, dando a ele as costas ao ficar parada próxima às janelas.

— Isabel... — continuou a não obter nenhuma resposta e, com um suspiro, prosseguiu a dizer —, apronte-se para dormir, meu bem. Pedirei que lhe tragam chá para o seu descanso.

A porta se fechou pesadamente às costas de Eric.

— E, então, como ela está? — foi Zalo quem perguntou do outro lado do corredor.

— Zangada, mas era o esperado.

— Se o desgraçado não o matar, tenha certeza de que a fera do outro lado dessa porta o fará.

— Não diga bobagens. — Eric revirou os olhos para o amigo. — Preciso conversar com você.

— Há algum dia em que isso não aconteça? Ultimamente estamos iguais a duas donzelas maricotas, os assuntos acumulando-se.

— Escute, estou falando sério. — Zalo logo tratou de tirar o sorriso debochado do rosto. — Preciso que cuide dela. — Encarou o amigo, o único a quem confiaria a vida. — Preciso que cuide de Isabel se algo me acontecer.

— Você sabe que a sua senhora tem a minha admiração. Cuidarei dela com a minha vida.

— Zalo, não está entendendo. Preciso que se case com ela. Se Alonso torna-se barão um dia, a deixará na miséria, ou sabe-se lá que atrocidades fará.

— Eric, me pede como se houvesse algo que pudesse fazer contra um barão... — Ele viu os olhos do amigo vidrados em seu rosto e enxergou a verdade. — Pede-me mais do que posso dar, meu amigo. Sabe que não sou ninguém de onde vim. O conde me despreza, não há títulos para mim.

— Essas coisas não dependem dele...
— Ainda assim, não posso prometer algo que não poderei cumprir. Mas irei me casar com ela, se é a sua vontade.
— Sabe que faria o mesmo por uma dama que estivesse sob seu nome.
— O problema, meu caro, é que meu nome não vale nada em toda Sevilha.
— Não seja dramático. — Eles se puseram a andar pelo corredor. — Será meu padrinho neste duelo.
— Na saúde, na doença e até que os duelos nos separem.



Isabel deixou de chorar no instante em que ouviu a conversa entre os homens.

Escutar atrás da porta não era de sua natureza, mas, quando estava disposta a ir atrás do marido para implorar que não fosse ao duelo, as vozes do outro lado da porta lhe chamaram a atenção.

O que uma mulher escuta pode ser mortal. Com as bochechas molhadas de lágrimas, sua fúria quase a sufocou instantaneamente.

Assim, na sua frente, o homem mostrava valor e jurava a vitória, mas preferia mostrar suas fraquezas ao amigo e pedir que se casasse com ela. Outra vez decidindo o destino sem consultá-la.

Eric Casanova aprenderia muito cedo que ela era quem ditava as regras de seu destino. E agora seu destino mandava impedir aquele duelo.

Isabel apenas não sabia ainda como.

Pensando em ganhar tempo quando o marido saísse, ela apenas trocou de vestido por um mais leve e atirou-se debaixo dos lençóis. Uma criada surgiu com chá e pãozinhos. Aceitou o chá e o tomou enquanto continuava a pensar em uma forma de parar a desgraça iminente.

Quando Eric retornou ao quarto uma hora mais tarde, ela fingia dormir. Deitou-se a seu lado na cama, o corpo quente e imenso na cama causando uma espécie de tremor no colchão. Ele tomou sua mão com cuidado e a beijou com leves estalos sobre sua pele.

— Sei que não está dormindo, ou não está completamente. — Isabel manteve-se imóvel e respirando levemente. — Sei por que sua testa está com rugas de preocupação assustadoras. Mas quero dizer que voltarei. Aguarde por mim, *mi sol*. — Pousou levemente os lábios em sua mão novamente e se foi.

Sem escutá-la ou fazer caso a suas súplicas, preferiu a batalha a seu corpo. Nunca pensou que tal situação a magoaria, mas magoou.

Levantando-se da cama, Isabel terminou de vestir-se e parou para pensar no que poderia fazer. Se seguisse o marido, ele descobriria. Se pedisse ajuda a um dos marujos, perderia tempo até encontrar alguém que soubesse onde Eric estava.

Quem poderia parar essa barbaridade de uma só vez e agilmente?

Ela fechou os olhos por um instante para pensar com clareza. Todas as suas opções pareciam estúpidas. Até que sua mente pareceu ter dado um salto e, abrindo os olhos, ela sentiu-se de volta à chocante realidade. As ideias atropelavam-se em seus pensamentos, uma atrás da outra, mas uma certeza ela já tinha: sabia exatamente a quem recorrer.

Buscando sua mantilha e a pequena bolsinha de moedas, Isabel deixou o quarto e correu pelos largos corredores do Palácio Casanova. O lugar estava quase às escuras e chegar ao do aposento de *Don* Guillermo demorou mais do que ela pensava. Arfante, bateu na porta incessantemente até que ela se abriu.

— É um incêndio? — O homem a olhava com curiosidade enquanto se escondia em sua camisa de dormir.

— Não, mas tão grave quanto. Há algo que está para acontecer e só o senhor pode me ajudar.

Suas palavras a seguir trariam caos ao mundo dos Casanova.



O sol escondia-se preguiçosamente sob a intensa neblina no bosque quando Eric e Zalo chegaram ao local acordado. Os pássaros cantavam em um tom melancólico, sem alegria.

Sangue seria derramado naquele lugar.

A clareira estava vazia, mas logo chegou o juiz do duelo, *Don Álvaro* Montero, e trazia consigo uma pesada caixa de madeira com as espadas. Ele era o dono de quase todos os clubes masculinos de Sevilha, um sujeito exibido, entretanto, de confiança. Em seguida foi a vez de Alonso chegar, montado em seu cavalo, em companhia de Diego Navarro, o Duque de Granada, e seu sempre anônimo homem de recados, Juan. Que o irmão tivesse um dos bandoleiros mais temidos da região como fiel escudeiro sempre fez Eric duvidar dos altos ganhos dele nos últimos anos. A guarda civil não pagava tão bem, e ele sabia que o pai nada deixava faltar, mas a casa de solteiro do irmão em um lado afastado da cidade não se pagava com os cheques do barão. E o duque... bem, para Eric, um homem que não buscava nenhum tipo de ocupação, mesmo tendo um título, era um homem vadio.

— Senhores, tudo que peço é que mantenham a honra que o ato requer — Álvaro falou e abriu a caixa de madeira. Dentro dela, aninhadas em veludo, as espadas reluziam.

Ambos se aproximam, Eric e Alonso. O silêncio e o orvalho sobre o corpo deles eram cortantes.

— É um duelo entre irmãos, Álvaro, a honra já abandonou esse lugar há muito tempo. — Alonso riu.

— E desde quando alguém como você conhece algo sobre honra? — Eric avançou, mas foi contido por Zalo.

— Guarde para a espada — o homem murmurou para o amigo.

Diego Navarro acompanhava tudo com os olhos escrutinadores.

— Ouvi dizer que está cortejando a prima de minha esposa. — Apontou Eric ao homem.

— É verdade. Mas espero que minha presença aqui não nos faça inimigos. — Seu sorriso era debochado tal qual o de Alonso.

— Se pensa entrar para a família, escolheu o oponente errado para torcer, meu caro.

Os homens escolheram suas armas e caminharam lentamente para o centro da clareira.

— Não esqueça do que lhe pedi — murmurou Eric para o amigo uma última vez enquanto Zalo apenas assentiu.

Em algum lugar, de alguma forma, o dia começava normalmente com galos e pássaros cantando e os raios solares despontando no céu. Mas não naquele bosque. Ali, foi o soar das espadas encaixando-se no alto para posição de luta que abençoou o amanhecer.

— Em guarda! — bradou Álvaro Montero.

E a luta começava. O braço de Eric levando sua espada direto para cima do mais novo dos Casanova. Seu urro monumental de ataque reverberando sobre o solo como o de seus ancestrais nas antigas cruzadas. Alonso se defendeu, e uma lenta dança mortal se iniciava, onde os irmãos transformavam a fina grama em arena.

Sangue manchou a camisa de Eric quando uma investida veloz de Alonso o feriu no braço esquerdo. Seus olhos se abriram ainda mais e, em um controle de ferro, pôs a si mesmo no embate outra vez. Ambos os irmãos se olhavam como *icebergs* no oceano.

Não havia camaradagem ali.

Apenas sangue.

Olhos nos olhos, os irmãos continuavam a mover-se lentamente em círculos, um rondando o outro com fúria controlada e sede de sangue e poder.

O sangue que fala mais alto quando se ama e quando se odeia. E Eric Casanova sabia que seu oponente o odiava, mesmo sendo seu próprio irmão. A constatação era como uma adaga em seu peito, capaz de ferir, assim como a lâmina que acabava de rasgá-lo.

— Quando foi... que você se tornou isso? — evocou Eric em posição e desferiu um golpe, que Alonso prontamente bloqueou no ar.

— Minha existência sempre o assustou — respondeu ao irmão.

— Age com inconsequência, fere aos demais por prazer... humilha donzelas. Não é possível que venhamos da mesma carne.

— Retorne ao pó, irmão, e prove por você mesmo!

Era ódio ou rancor o que movia o irmão?

Eric não sabia, mas o que ele, sim, sabia, é que se um dia houve a remota chance de serem amigos, isso não mais seria possível a partir de hoje.

Não porque o sangue falava mais alto e perdoava-se tudo, mas porque ele entendeu que seu irmão não era o tipo de pessoa que colecionava afetos.

Apenas interesses.

Alonso investia profundamente contra Eric, que se defendia em um largo recuo. Os homens ao redor acompanhavam em silêncio a imensa tensão do momento. Com agilidade, Eric investiu contra Alonso, que se desequilibrou e caiu ao chão.

— Não voltará a destratar minha esposa. Não tocará em nenhum outro fio de seus cabelos. É uma Casanova agora.

— É por isso que está aqui? Para honrar sua meretriz? — Gargalhou ante a espada em seu pescoço.

— Levante-se e continue a luta com dignidade. — Com dois passos, Eric se afastou do irmão e pôs-se em guarda outra vez.

— Sua honra ainda será o grande motivo de sua derrocada, *hermano*.

Levantando-se rapidamente sem o apoio das mãos, Alonso passou a usar a espada outra vez contra Eric, recomeçando o embate. A guarda de ambos fechadas fazia com que a luta se tornasse ruidosa por conta do constante tilintar das espadas. Em uma estocada firme, Eric rasgou o colete de seda do irmão.

— Então, essa é sua vingança. Patético como sempre, Eric. — Rodeou o homem à sua frente com os lábios cerrados e os olhos atentos.

Ambos voltaram a lutar, as espadas chocando-se e os corpos movendo-se com ainda mais rapidez e agilidade.

Os outros assistiam a luta apreensivos com o resultado que dali sairia. A dança mortal entre os irmãos continuava, e quem observava sabia que, mesmo que o final fosse uma lição ou uma tragédia, o grande resultado desse embate seria a rivalidade crescente entre os herdeiros Casanova.

A respiração de Eric estava ofegante, e as investidas de Alonso se tornaram mais duras. Queria cansar o irmão, investindo e acuando até ensinar-lhe uma grande lição. Alguns pontos e uns dias de repouso como os que ficou na ilha iriam lhe fazer bem.

— Dê-me um motivo para não o cortar ao meio! — berrou Alonso.

Em seguida, o barulho de apitos e cavalos trotando fortemente distraíram a atenção dos homens.

— Por acaso vangloriou-se nas tavernas que estaria em um duelo ao amanhecer? — perguntou Eric ao irmão ao ver o carro da guarda civil chegar.

Não encontrou resposta de Alonso, que se pôs a correr junto a Juan e do Duque de Granada por entre as árvores. Suspirando, ele apenas jogou a

espada ao chão e, quando viu o pai sair de uma das carruagens, soube como o velho chegou até ali.

Teria uma longa conversa com sua esposa.

— Se seus homens correrem, encontrarão a quem também buscam na mata — falou quando o chefe da guarda se aproximou.

— Sei muito bem o que ocorre aqui nesta manhã, senhor Casanova.

— Se o senhor já sabe, então o pouparei de minhas desculpas.

— Pensava que, com você casado, os problemas diminuiriam. — Era seu pai quem agora se aproximava em um de seus ternos polidos e bem cortados, com um longo sobretudo negro. — Chegou-me a informação de que duelava como um desses homens das ruas com seu próprio irmão. Sabe o que ocorrerá quando toda a cidade ficar sabendo? Não cansam de colocar o nome da família na lama?

— A informação chegou por...? — questionou, e o pai apenas deu um aceno.

— Leve-o e o deixe um tempo em uma de suas celas para refletir sobre o que fez. E, quando vir meu outro filho, senhor chefe de polícia, coloque-o na cela ao lado. Não importa a patente dele nessa organização. Cometeu um erro igual ao irmão mais velho.

Olhando para o céu enquanto respirava fundo, Eric Casanova observou os raios de sol agora saindo entre as nuvens sem nenhuma timidez e pensou que esse seria um longo dia.

Na carruagem, escondida em um manto e o véu negro em sua cabeça, uma dama observava atentamente as prisões serem feitas enquanto o Barão de Altamira esbravejava com os dois filhos.

Quando o homem de idade entrou outra vez no veículo para acompanhá-la à casa, seu coração parecia saltar pela boca em ansiedade por notícias.

— E então? Vi uma mancha de sangue em Eric, como ele está?

— Vivo e em grandes problemas. Preciso visitar um amigo juiz para abafar toda essa situação... Deus, nem poderei fazer o desjejum.

Aliviada, mas ainda não satisfeita, Isabel decidiu manter-se calada. Seu sogro parecia mais zangado do que preocupado.

— Agora, senhora Casanova, irá começar a me dizer tudo o que sabe.

— Perdão? — murmurou com um frio percorrendo o estômago.

— Irá começar a me dizer por que meus filhos duelavam como ciganos em uma mata fechada.

E Isabel soube que seu plano de ficar calada até em casa não daria muito certo.

CAPÍTULO II

A cela onde Eric Casanova estava era quente, úmida e fedida. Estava sozinho, pelo menos, pagando por algo de que Alonso livrou-se na primeira hora após a chegada na estação da guarda civil. O pai havia colocado ele e o irmão na prisão, uma inútil tentativa de esfriarem a cabeça. Seu sangue fervera ainda mais quando o irmão não passou mais do que meia hora em sua cela, sendo solto por seus próprios guardas, deixando ordens de não o alimentarem durante o dia.

Grande família.

O pai era cego para o caráter de Alonso. Desde criança, seu comportamento era um tanto deturpado. Na adolescência mostrou-se amoral e agora, na fase adulta, deixava claro o quanto preocupava-se somente consigo mesmo. Juan, o bandoleiro canalha que havia acompanhado Alonso no duelo essa manhã, foi um dos cinco homens a roubá-lo e surrá-lo.

Sua relação com o irmão vivia entre altos e baixos há anos. Uma competição inventada pelo mais novo que sempre fazia Eric revirar os olhos. Se Isabel estivesse certa, talvez o maior interesse de Alonso fosse tomar-lhe o lugar.

Nem por cima de seu cadáver.

O dia passou devagar e, no fim da tarde, um dos guardas o conduziu para fora da cela, devolvendo seus pertences.

— Senhor Casanova, sua fiança foi paga.

— Já era hora!

Com um suspiro mal-humorado, deixou a estação da guarda. Do lado de fora, para sua surpresa, estavam sua esposa e Zalo. Isabel trajava um vestido vinho e uma mantilha negra que escondia os fios dourados. Linda como sempre, entretanto, com uma cara de poucos amigos.

— O que fiz para merecer tão bela recepção? — Sorriu ao caminhar para eles, enquanto Zalo fazia um sinal de pescoço arrancado. — Disse que voltaria, minha esposa, pois aqui est...

Teve sua tentativa de abraço reprimida pela mão de Isabel, que habilmente dirigiu-se para o corte em seu braço esquerdo e o apertou, a dor

lembrando-o do pequeno ferimento. Um gemido afogado escapou do homem.

— Quanta animosidade — falou Eric, cobrindo o braço.

— Vim apenas me certificar de que está vivo e bem de saúde. Assim, já cumpri com minha visita, estou de regresso à casa — Isabel disse em tom severo, virando-se em direção ao abrigo da carruagem.

— Bom, um dia na prisão cansa um homem, concordo que é o momento de irmos. — Caminhou para o veículo e teve sua entrada impedida pelo amigo.

— E agora, o que foi? — murmurou, fatigado.

— Concordo que é o momento de ir para casa, mas eu irei nesta carruagem... sozinha. Encontre outro meio de voltar.

— Deixo-a um dia sob sua tutela e transforma minha doce esposa em uma anarquista?

— Confesso que não tenho nada a ver com esse... — Zalo tentou dizer, porém foi interrompido.

— Gonzalo não fez mais que sua obrigação como meu marido substituto — disse ela com o rosto para fora da carruagem, acomodando-se outra vez em seguida.

— Explique-se. Agora mesmo — esbravejou Eric, sentindo um lado de seu corpo dormente ao imaginar o amigo como marido substituto para a esposa.

— Não há muito o que dizer, ela pediu para você não ir duelar e mesmo assim foi, e ainda por cima ouviu nossa conversa essa noite...

— Com mil demônios... Isabel, deixe-me entrar nessa maldita carruagem. — Pôs-se abrir a porta, mas a dama a segurou com toda a sua força.

— Ache um cavalo e trote até seu quarto, melhor, use seus pés.

Foi uma queda de braço para abrir a porta, mas o futuro barão se saiu melhor, conseguindo entrar na carruagem em uma só pisada.

Instantes depois, enquanto o cocheiro percorria as ruas da cidade, o clima na cabina não havia amenizado.

— Pensei que veria mais camaradagem da sua parte — murmurou Eric para Zalo.

— Já viu como ela está uma fera?

— Desde quando tem medo de cara feia?

— Não tenho, mas se a cara feia em questão é capaz de me salvar quando eu estiver ferido, é do lado dela que eu fico — o amigo respondeu em um sussurro que poderia ser ouvido a quilômetros de distância.

Isabel soltou um leve pigarro enquanto fitava brevemente a rua.

— Não quis dizer que sua cara é feia..., doce Isabel. — Levou uma cotovelada de Eric.

— Covarde.

Ao chegar no palácio dos Casanova, Isabel não esperou pelo marido para entrar. Logo cumprimentou os empregados e, com o máximo de velocidade que suas saias permitiam, subiu as escadas até seu quarto.

Casou-se com um fanfarrão. — Constatava ela, andando de um lado para o outro. Não bastou deixar-se levar pela emoção de um duelo e a insensatez da busca por uma inalcançável honra. A mesma honra que os levou ao altar poderia tê-los destruído em um piscar de olhos nessa manhã.

Como poderia o destino de uma mulher nunca estar em suas mãos?

O pensamento a enchia de debilidade e amargura, enquanto o eco de seus passos soava cada vez mais alto devido ao peso de seu caminhar. Talvez fosse a hora de fazer algo por si mesma, nem que isso fosse dizer umas boas verdades ao seu marido.

Saiu pisando alto, entrando no quarto interligado sem pedir nenhuma licença, apenas para parar de um só golpe no meio do cômodo, chocada demais pela porta do quarto de banho estar aberta e o marido se encontrar de pé, nu como veio ao mundo, recém-saído da banheira.

Eric a encarava com curiosidade.

— A que devo a honra? — disse em tom diabólico, vendo-a corar.

— Eu... eu... — começou a dizer, mas estava absorta com a montanha de pele bronzeada pelo sol do oceano à sua frente, o tronco largo que ela já conhecia, agora curado dos ferimentos de outrora, e uma floresta de pelos que demarcavam o tórax de Eric com propriedade, fazendo um caminho direto à sua cintura.

Cielo Santo.

Isabel virou-se de costas e fechou os olhos, pudica demais ante a cena. Já vira a nudez humana antes, por que aquela lhe transtornava de um modo tão... distinto?

— Vim para conversarmos — falou finalmente.

— Conversar? Pareceu vir pronta para uma boa briga — reagiu ele.

Ela prestou atenção em seu corpo e reparou que seus punhos estavam fechados, um em cada lado do corpo. Uma boa briga, sim, era isso que seu marido merecia por toda a angústia que lhe causou naquele dia, e não uma contemplação mundana ao seu corpo.

— Temos que conversar. Pode vestir-se?

— Se isso a faz feliz... — Ouviu-o dizer para, em seguida, passos se fazerem presentes pelo quarto e um leve farfalhar de roupas. — Já me tem aqui, vestido — ele sussurrou em seu ouvido instantes depois, fazendo-a sobressaltar-se.

Eric vestia a calça escura que fazia conjunto com um de seus recortados ternos, enquanto encontrava-se descalço, com a camisa branca de linho aberta em seu peito.

— Assim, o que deseja conversar?

— Exato... — Encarou Isabel ao marido, ainda com os olhos tentados.

— Exatamente. Como o trataram na prisão? — Sua preocupação era genuína.

— Bem, melhor que das últimas vezes. — Sorriu.

— Já foi preso outras vezes?

— Umas tantas... já fui jovem e imaturo.

— De certo é uma lisonja para um futuro barão.

— Eu queria liberdade e acabava preso, o mar me deu o que eu precisava.

— E o que buscava?

— Já disse, liberdade. — Deu de ombros.

— Não buscava emoção? Talvez por isso se jogue a duelar e a brigar...

— Isabel... não farei isso. Diga o que quer dizer, mas não permitirei que duvide de minhas intenções ou da minha honra.

— Honra... sua honra... sempre em nome da honra. Casou-se comigo por conta da honra e quase morreu por conta dela...

— Tudo que queria era resolver as coisas com meu irmão e...

— Resolver as coisas? Com Alonso? O homem que o quer morto. — Silêncio no quarto. — Acaso não enxerga que é isso que teria acontecido se... — Ela estava a ponto de falar demais. Respirou fundo por um momento.

— Termine, esposa, termine o que estava a dizer. Se acaso não houvesse interferido junto a meu pai, não é mesmo?

Isabel coçou a nuca e corou.

— Jamais saberá mentir, minha querida. Crê que não desconfiaria? Meu pai aparecendo no exato momento em que duelava com Alonso?

— Não me deixou outra opção, Eric. Não percebe? Escolhe por mim todo o tempo. Escolhe que nos casemos, como será nosso matrimônio, sobre como defender-me... Não tenho controle sobre meu próprio destino. Ontem se pôs a decidir por mim outra vez. Estava a fazer planos com Zalo.

— Sei que isso a chateia...

— Se me chateia? — Bufou. — A chuva em um piquenique me chateia, um vestido rasgado me chateia... Você disposto a fazer planos sem me consultar... me decepciona — suas últimas palavras foram ditas quase em sussurro.

Os olhos de Eric se arregalaram para caírem pesados em seguida.

— Isabel... tudo que faço... não é para machucá-la... *Diós*, preferiria cortar minha própria mão a fazê-lo.

— Pedi para que nosso casamento fosse de verdade. Essa sou eu lutando para que seja.

Ele andou com passos rápidos e silenciosos como os de um jaguar até estar tão perto que ela podia sentir o perfume de sua loção.

— Não sei o que quer de mim..., mas sei que sempre a protegerei — sua voz rouca falou com honestidade.

— Quero que sejamos eu e você contra o que quer que seja... não apenas você contra o que for e comigo às suas costas.

Eric pareceu refletir por um instante e buscar compreender o pedido da esposa. E, então, assentiu brevemente.

— Terá que lidar com meu lado mandão, mulher. Não será fácil — murmurou à espera de uma resposta.

— Posso conviver com isso, contanto que me inclua em seus pensamentos.

— Sempre está em meus pensamentos, Isabel, desde que a conheci. — Tocou sua bochecha com suavidade, e ela fechou os olhos por um instante, quase esquecendo-se da importância do assunto.

— Pare de me distrair, Eric.

— Há outro lado meu com que terá que aprender a lidar, esposa. — Continuou a tocar seu rosto com o dedão até chegar em seus lábios. Em seguida, deu um beijo na ponta do nariz.

— E qual seria? — disse antes de engolir em seco.

— Minha paixão. — Seus braços abraçaram sua cintura coberta pelo vestido em tafetá, levando até ela todo o calor de seu corpo.

Isabel abriu os lábios em surpresa, arrebatada nos braços do marido. Ele a tomou para si e seu próximo passo foi domar os lábios dela, entreabertos com sofreguidão na ânsia por aquilo que há tanto desejava.

A língua de Eric Casanova levou arrepios de desejo através de seu corpo, deixando-a tonta de prazer e surpresa. Para ela, os beijos do marido eram quentes e prometedores de algo mais.

Será que finalmente descobriria o que os mistérios do quarto guardavam?

Seu gemido foi um convite para que Eric possuísse ainda mais sua boca, trazendo um rastro de calor a todo seu corpo. A mão quente e poderosa foi para debaixo de seu vestido, acariciando suas coxas até a cintura.

— Eric... — ela murmurou sem fôlego.

— Com mil demônios, Isabel, não me faça parar agora.

— Não farei. — Ela acariciou seu queixo para beijar o ângulo quadrado.

Ele se afastou com alguns passos, seus olhos irradiando luxúria e desejo. Trancou ambas as portas do quarto.

— Sevilha pode estar em chamas, Deus me ajude, mas a farei minha esta noite.

Uma luz sensual cruzou o ambiente, vinda diretamente da janela. Era a lua que se insinuava no céu nas primeiras horas do anoitecer, transformando o quarto em quase penumbra, a não ser pela única lamparina acesa na mesinha de canto.

À meia-luz, ele retornou para seu lado. Havia tanto a dizer, tanto a tocar, mas, no momento, ambos decidiram sentir. O rosto de Isabel se pôs a ruborizar quando Eric a levou novamente para seus braços, tirando os pés da esposa do chão e encaminhando-se para a cama.

O fino tecido do lençol de seda tocou as costas dela enquanto o homem robusto com quem se casara cobriu a frente. Beijos passaram a ser distribuídos em seu colo, um rastro de fascínio e adoração lhe marcava, uma carta de amor parecia estar sendo escrita em sua pele.

O primeiro item a ir para o chão foi a camisa de Eric, pela facilidade com que se encontrava a ser retirada. A própria Isabel o ajudou, tocando os ombros másculos, um perfume âmbar de frescor, a pele em tom de canela

limpa. Os olhos de Eric voltaram-se em puro fogo quando os dedos gentis da esposa começaram a inspecionar a sua pele, no início, na altura das omoplatas, buscando com curiosidade algo que só ela sabia, até o tórax.

Ele passou a baixar as alças do vestido, descobrindo um mundo novo através do colo de Isabel, que arfava a cada toque. A massagem gentil enviava correntes de desejo por todo o seu ser. Eric desabotoou o seu vestido e a desprende do material resistente do espartilho que marcava a doce pele de porcelana. Cada pedaço de Isabel descoberto fascinava Eric. Ela cheirava a loção de lavanda e fazia sons deixando-o alucinado e viciado em tocá-la. Ele a levaria ao limite, queria tudo dela, ao mesmo tempo em que prolongar a expectativa era quase insuportável.

Isabel arfou, seus olhos presos ao de Eric, que lhe guiava em cada nova sensação. Ele parecia um deus do desejo, e ela, sua ninfa, sua própria existência parecia ser preenchida pela vontade de esperar por suas carícias. Ela não sabia que poderia ser assim, que o ato poderia ser... feliz? Não... essa não era a palavra, mas ainda assim chegava perto de expressar o deleite que sentia.

Não houve uma só parte de si que não estivesse sendo tocada por ele, que parecia querer aprender as linhas de seu corpo, enquanto ela estava, sem dúvidas, cega pela atração que a dominava.

Isabel pensava que por isso tudo era muito secreto, misterioso. Era muito fácil desfazer-se em carícias com um homem a quem se desejava, mas ela não estava nem um pouco arrependida em perder-se nos braços do marido, pensou instantes depois quando Eric voltou a beijá-la.

— Shii, shiii... — murmurou ele com carinho.

E, então, ela estava outra vez imersa em suas próprias sensações, causadas pelo corpo do marido, a pressão leve em sua espinha voltou a se repetir, enchendo seu mundo de delícia e contentamento.

A ternura no olhar de Eric Casanova ao possuir sua mulher era dilacerante. Isabel pensava que, se seu corpo tivesse uma chave, ele acabava de destrancar a sua alma e o seu coração.

Desnudos sobre a enorme cama de dossel, com o vento da noite de lua cheia preenchendo o quarto, Eric acariciava lentamente as costas da esposa, que sorria para si mesma em silêncio. Os lábios de ambos ainda quentes e úmidos dos beijos trocados.

— Eric — chamou na semiescuridão.

— Sim.

— Há um lado meu com que precisará aprender a lidar.

Ele beijou a pele fina de porcelana e os cabelos dourados à sua frente, primeiro com os olhos e depois com os lábios, fazendo-a se encolher e soltar um risinho.

— E qual seria? — perguntou ele depois de um tempo.

— Sou possessiva. — Virou-se para estar frente a frente com ele. — O proíbo de repetir o que fizemos com qualquer outra mulher que seja.

O silêncio no quarto foi quebrado pelas suaves gargalhadas de Eric; ele parou de sorrir quando viu a sobancelha curvada da mulher deitada ao seu lado.

— Como quiser, esposa.

E Eric Casanova jamais fazia uma promessa em vão.

CAPÍTULO 12

Quando Isabel despertou na manhã seguinte, Eric já se vestia.

— Sairia sem se despedir?

— Pensava acordá-la..., mas está tentadora demais apenas para um bom-dia — falou, colocando as abotoaduras.

Ela espreguiçou-se languidamente sobre a cama, atraindo o olhar do marido para suas pernas nuas sob os finos raios de sol, vindos da janela.

— Preciso ir — Eric disse mais para si mesmo do que para ela.

— Tudo bem — murmurou Isabel.

— Me encontrarei com Zalo para verificar umas mercadorias que chegaram em um navio alugado. — Depositou um doce beijo em seus lábios. — Provavelmente só a verei à noite. Mande me chamar se precisar de algo urgente. Victor estará pela casa à sua disposição.

— Victor será meu guarda? — Sorriu ao referir-se ao mais jovem dos marujos.

— Não, ele estará por aí apenas para o caso de você precisar ir a algum lugar. Me preocupo com sua segurança, mas também que esteja bem atendida. Não estou impondo nada, *mi sol*.

— Está bem, Eric, obrigada.

Ele se foi, mas não sem antes arrancar-lhe um beijo arrebatador de bom-dia. Quando a porta do agora único quarto do casal bateu, Isabel tinha os dedos nos lábios, sorridente demais para se importar com qualquer outra coisa.

O café da manhã era servido na enorme mesa na sala de jantar. Isabel desceu nos degraus da escadaria principal ainda memorizando cada peça das enormes salas. O universo luxuoso e próspero era ainda mais assustador do que havia se habituado na casa do tio. Para todos os lados, havia empregados correndo com bandejas e sinos. Uma criada foi indicada para servi-la com exclusividade, enquanto medidas eram feitas por onde passasse, além de ter como obrigação palpar no que seria servido nas refeições. Não podia usar as roupas confortáveis que gostava no dia a dia, mas, nessa manhã, vestia-se com esmero, em um dos seus novos vestidos na

cor verde-escura. Os tons soturnos eram seus favoritos, e ao menos isso a encantava, poder finalmente exibi-los.

— Ah, minha nora. Muito bom dia. — O barão levantou-se educadamente, enquanto ela se sentava à mesa.

— Bom dia, *Don* Guillermo, como está sua manhã? — Sorriu genuinamente ao ver o sogro.

— Acaba de ser destruída com você ainda tratando-me com tanta formalidade. Já lhe disse, ao menos me chame de *Don* Memo. A mim, faz menos mal e me permite esquecer um pouco da velhice.

Isabel gargalhou.

— Tudo bem... *Don* Memo. Se isso o faz feliz, assim será. — Ajeitou o guardanapo para, em seguida, buscar algo entre as delícias da mesa. — Isso é rosca de reis? Estamos a meses do Natal...

— E o que são roscas de reis se não pães? E digo mais, minha cara, são os melhores pães já criados. Esqueça isso de *croissant* pelos quais todos são tão encantados. — Seu sotaque francês fez Isabel rir outra vez. — Não há nada melhor que essas coisinhas aqui cheias de açúcar.

— Bom, isso me faz recordar de sempre pedir aos criados que façam para o senhor.

— Ah, não se preocupe com isso, querida, todos já sabem. Duas vezes na semana, no mínimo, rosca de reis para todos na casa — comentou com a boca coberta de açúcar. — Deixe-me dizer uma coisa, minha querida, passei toda a infância vendendo jornais por aí. Não podia gastar o que ganhava, se não minha mãe e meus irmãos morreriam de fome e, no Natal, eu não queria presentes... Eu só queria poder comer quantas roscas de reis eu conseguisse. Mas os pobres não têm desejos realizados. Por isso, agora faço questão de recuperar o tempo perdido. — Ele deu mais uma mordida no pão. — Precisou uma guerra entre a rainha com o mesmo nome que o seu e o tio dela para que os Casanova pudessem ganhar um título e comer o quanto quisessem. Sendo assim, nada de culpa ou desperdício.

— Quem sou eu para tirar sua razão, meu sogro — ela disse com os olhos esfomeados por um dos pães com açúcar e damasco.

— Sirva-se, querida, fique à vontade. — O barão se levantou, mordendo o pão em seu prato como se tivesse pena de deixá-lo, partindo em seguida.

Isabel seguiu tomando o desjejum com esmero. Perguntava-se por que tamanha fome naquela manhã e logo sentiu as bochechas corarem ao

recordar a noite de paixão junto ao marido. Sentia o corpo dolorido em partes inapropriadas para uma dama sequer pensar, porém não podia deixar de sorrir.

— Há algo mais que deseje, *Doña* Isabel? — a criada perguntou polidamente.

— Não, está tudo óti... — Gritos advindos do outro salão ecoaram pelo ambiente. — Mas o que será isso? — Ela e a criada se encararam interrogativamente e partiram em direção ao salão de entrada.

Isabel caminhou angustiada até os gritos, vozes de um homem e uma mulher preenchiam os corredores. Ao chegar no salão principal, seus olhos se arregalaram em choque. Juana tentava desvencilhar-se de Alonso, que a puxava sem pudores em direção à porta. Antes que Isabel pudesse esboçar qualquer reação, a jovem dama de companhia mordeu a mão do mais novo dos Casanova, que a agarrava pelo braço, e o chutou no tornozelo em seguida.

— Maldita! Animal insolente! — o homem gritou após urrar de dor.

Tratando de disfarçar a satisfação da cena em ver o cunhado gemer de dor, Isabel voltou-se para a jovem amiga.

— Juana, o que houve? — Buscou a dama pela mão e a levou gentilmente alguns passos distante do homem.

— Isabel... vim, pois algo que demanda sua presença ocorreu na casa de seu tio. Mas, assim que cheguei, esse... senhor... veio de uma das portas laterais e tentou me expulsar... — ela falava com os olhos em chamas.

— Sim, a quero fora de minha casa. Já disse que não precisamos de criados novos, muito menos crioulas — Alonso cuspiu as palavras com desdém.

— Que fique claro, Alonso, que, no que depender de mim, Juana sempre será uma convidada nesta casa. — Isabel segurou a mão de Juana, acalmando-a. — Vamos para o meu quarto para conversarmos...

— Isabel, precisa vir comigo.

O tom de Juana soava urgente e não apenas pelo interlúdio escandaloso com Alonso Casanova. Isabel considerou.

— Muito bem. — Encarou a criada que acompanhava toda a cena chocada. — Leve-a para a sala de visitas e sirva chá e biscoitos, por gentileza. — A criada apenas assentiu. — Buscarei um lenço e me aprontarei para sairmos. — A criada guiou Juana para o corredor, e Isabel

ficou a sós com Alonso. — Sinto muito que o mal-entendido tenha terminado dessa forma... para você. — Ela rezava aos céus que seus olhos demonstrassem o que seus lábios diziam, porque sua alma certamente não o fazia.

— Um mal-entendido... sim — o homem murmurou.

— Em uma próxima vez, gostaria que tratasse meus visitantes com mais respeito, cunhado. — Seu tom se tornou frio.

— É claro... cunhada. — Os olhares se cruzam como pura neve caída no inverno.

Isabel apenas assentiu e saiu do salão.

Apressadas, Isabel e Juana partiram com a tutela do jovem Víctor guiando a carruagem para o bairro próximo, recheado de mansões aristocratas, onde abrigava a família de *Don Ramiro Fuentes*.

— O que de tão importante tem a me dizer? — perguntou Isabel afoita quando a carruagem iniciou a viagem.

— Letizia está noiva de *Don Diablo* — Juana disse com a clara reprovação no olhar.

— Noiva? Mas se há apenas dois dias ambos estavam iniciando a corte...

— Houve um escândalo... ontem. E seu tio foi enfático ao dizer que a obrigação do duque é casar-se com Letizia.

— Céus... um escândalo? O que poderá ter acontecido?

— Letizia está trancada no quarto, apenas chora. Não quis me contar o que ocorre... apenas me proibiu de fazer algo contra o *Duque Diablo* quando o visse outra vez.

— Assim, não sabe o que passou?

— *Don Ramiro* está em silêncio, e eu não estava em casa quando tudo ocorreu. O maldito aproveitou minha ausência e certamente tomou liberdades.

— Pobre Letizia... e pensar que prometeu-me tomar cuidado.

Chegaram à casa um tempo depois. O tio, ocupado na fábrica de cerâmica, permitiu que as moças tivessem tempo para pensar na melhor forma de lidar com Letizia. Com uma bandeja repleta das guloseimas favoritas da jovem, ambas se aproximaram do quarto.

— Leti... sou eu. Abra a porta — falou Isabel, batendo suavemente.

Passaram-se vários instantes, mas o ruído de passos alcançou o ouvido de ambas na porta. Quando ela se abriu, lá estava Letizia, ou que havia sobrado dela após o que parecia ter sido uma longa noite de insônia e choro.

— Ah, prima... — Isabel murmurou e teve tempo apenas de passar a bandeja para as mãos de Juana antes que a prima a engolissem em um abraço.

— Deu tudo errado! — ela murmurou entre soluços.

Dentro do quarto, sob os grunhidos de Letizia, Isabel e Juana finalmente entenderam o que havia se passado.

— Estávamos conversando normalmente na estufa... e, quando dei por mim, a língua dele estava na minha boca. Papai chegou em seguida... E tudo se transformou em um caos.

— Aquele desgraçado. É claro que ele tem que se casar com você agora — Juana disse injuriada.

— Mas, espere..., ele não deu nenhum sinal de que iria beijá-la... ou algo assim? — Isabel perguntou.

— Não... Quando me virei depois de cheirar uma das flores, ele me abraçou e colocou a boca... na minha boca. — Voltou a choramingar. — O meu primeiro beijo foi horrível. Eu não sabia o que fazer, só sabia que talvez alguém pudesse aparecer em algum momento, pois estávamos há muito tempo sozinhos no jardim... e, bom, apareceu.

— Mas que enorme confusão. E ele aceitou o casamento? — Isabel alisava o cabelo da prima, que chorava em seu colo.

— Papai disse que ele foi um grande cavalheiro com respeito a isso. Até mesmo o dote já foi acertado. Nos casaremos em um mês, ele disse que não se importa com o falatório.

— Grande cavalheiro! — mofou Juana. — Levantem-se, estou cansada de vê-las se lamentando. As duas! — disse.

— Mas para onde vamos? — Letizia perguntou, secando as lágrimas.

— Vou fazer algo que já deveria ter sido feito há muito tempo.

O jardim da mansão dos Fuentes era enorme, e na lateral esquerda, na parte mais escondida, próximo a uma grande árvore, Juana mantinha seu passatempo mais secreto.

— Ah, meu Deus... isso é o que eu estou pensando? — murmurou Isabel com o queixo caído.

— É isso que faz aqui quando some?

— Bom, eu preciso de algo para me distrair.

— Mas e o barulho? — questionou Letizia.

— Você dorme demais, e *Don Ramiro* sempre está na fábrica. Em casa, já acalmei as criadas.

— Inacreditável — a jovem murmurou.

As três encaravam os objetos favoritos de Juana para diversão. Inocentes quadros de pintura em branco pregados à árvore e uma mesa que dispunha de facas com finíssimos cabos e uma pistola que caberia na palma da mão.

— Onde você aprendeu a manusear tudo isso? — Isabel encarou a dama ainda sem crer no que via.

— Cresci na fazenda dos Fuentes, fui criada com os cinco filhos dos caseiros. Eles não iam me ensinar só a bordar. Acredite.

— Não duvide que Juana saiba fazer de tudo! — exclamou Letizia, orgulhosa da amiga.

— Muito bem — apontou o dedo para o par de primas —, escolham a arma que preferirem e comecemos a praticar.

— Por que tem tanto interesse em ensinar isso a mim e a Letizia?

— Porque os homens não são ensinados a serem gentis, como nos ensinam a sermos complacentes. Considerem isso um presente de casamento. — As duas continuaram encarando-a chocadas. — Andem, escolham logo.

Dando de ombros, Letizia encarava a mesa à sua frente, movendo as mãos como quem escolhe doces em uma delicatessen. Sem dar tempo de nenhuma instrução, a jovem pegou a pistola sobre a bancada e apontou para um dos quadros. O disparo saiu ao mesmo tempo em que seu braço se balançou no ar. Isabel abaixou-se enquanto gritava. Os pássaros fugiram da árvore, velozes, e Juana praguejou.

— Certo, talvez você precise aprender umas coisas antes de tentar outra vez...

— Ou matar todas nós — Isabel completou.

— Foi divertido..., mas sinto como se não estivesse fazendo nada direito... nunca — murmurou a mais jovem.

— Querida, não fique assim, jamais conseguiria fazer um bordado tão bonito quanto o seu. — Isabel abraçou a prima e olhou para Juana como se estivesse pedindo ajuda.

— Sim, Leti, é tudo uma questão de prática. Verá. Em breve conseguirá atirar no alvo mais longínquo.

— Não sei... não quero mais. Tente você, prima. — Interrompeu o abraço, tratando de animar-se outra vez.

— Não tocarei nisso... Talvez nas lâminas... elas me lembram um bisturi.

— Sabia que se interessaria por elas. — Juana colocou-se ao lado de Isabel, que retrucou:

— O que devo fazer?

— Está vendo essa parte maior? É onde deve segurar. Levante o braço em que tem confiança, dobre o cotovelo e mire diretamente no alvo — Juana instruiu, enquanto Isabel prestou atenção copiosamente.

— Entendi... acho. — Isabel preocupou-se em recordar as ordens recém-ditas. Levantando o braço direito como mostrado, ela apontou e atirou com precisão.

Juana arregalou os olhos e correu até um dos quadros que serviam como alvo.

— Excelente! — ela disse para a recém-casada.

Isabel e Letizia soltaram gritinhos e se abraçaram em comemoração.

— É divertido! — Isabel confessou. — Posso fazer outra vez?

— Temos a manhã toda para isso. — A dama de companhia sorriu pela primeira vez para Isabel e apertou o braço de Letizia com implicância.

Ali, três mulheres passaram o dia aprendendo sobre si mesmas e suas forças.



Isabel já dormia no aposento principal quando Eric retornou à casa naquela noite. Ele deitou-se na cama e depositou um beijo em sua bochecha, que logo se estendeu por seu queixo e lábios.

Despertando docemente de seu sono, Isabel sorriu.

— É um bom jeito de ser acordada... — murmurou quase ronronando.

— Não pude resistir. — Deu um beijo quente e pretensioso. Os lábios de Eric tinham um sabor salgado e sua pele úmida, provavelmente por haver se lavado, a encheu de expectativa. Sua mão pousou sobre o tórax do marido, fazendo-a perceber que ele se deitara na cama nu. A falta de inibição de Eric sempre contrastava com o exagero dela em pudor. Ele parecia ler os seus pensamentos e sorriu em seguida.

— Gosto de dormir assim, não pretendo atirar-me sobre você... ainda.

Isabel pôde sentir-se corar da cabeça aos pés.

— Como foi seu dia? — perguntou para mudar de assunto.

— Cansativo, com homens berrando por todo lado, e desagradável, porque não vi você nem uma só vez. — Beijou a ponta do nariz, fazendo-a sorrir.

— Mentiroso, você adora ficar entre os marujos. Aquele porto é a sua vida. — Deu um leve tapa no braço.

— Não digo nenhuma mentira... Homens encrenqueiros, suados e sujos que preferem beber cerveja a acatar a mais mínima ordem. — Ele se aproximou, destapando-a do lençol que a cobria quase até o pescoço. — Nada é tão prazeroso quanto vê-la. E os malditos canais do porto nunca cheirarão tão bem como você. — Seu nariz explorou o colo de Isabel, subindo até seu pescoço, arrancando suspiros da jovem. — Conte-me sobre seu dia. — Mordiscou a orelha e a fez dar um leve gritinho.

Isabel tinha o marido serpenteando-se sobre seu corpo em um emaranhado de lençóis quando disse:

— Apreendi sobre arremesso de facas com Juana e Letizia.

Eric parou de movimentar-se sobre a esposa e a encarou, buscando a diversão que delataria uma piada.

— Como?

— Isso, Juana passou todo o dia mostrando como arremessar facas em um alvo. Bom, não foi algo que combinamos. Letizia estava triste, e começamos a nos distrair.

— Juana? A dama de companhia arremessando facas?

— Pergunte a Zalo, ele já a viu fazer! — jurou.

— E quão boa minha esposa é?

— Mmm, o suficiente, Letizia é quem precisa praticar mais. A pobre poderia arremessar facas em si mesma em vez do alvo.

Eric gargalhou a ponto de voltar e se deitar em seu lado da cama outra vez.

— Não ria... temos um problema sério, Eric. — Ela contou ao marido sobre o escândalo e o noivado de Letizia.

— Esqueci de dizer, o duque esteve no duelo como padrinho de Alonso.

— Você jura? — Ele assentiu. — Não confio nesse homem, Eric, não gosto de pensar nele como alguém para ser o marido de Letizia.

— Aparentemente é isso que irá acontecer.

— Há algo que possamos fazer?

— Por acaso sua prima quer que algo seja feito?

Essa era uma pergunta que Isabel não soube responder. Apesar de tudo, Letizia parecia resignada com seu destino, e Isabel acreditava fielmente que as mudanças no destino de alguém deveriam ser feitas naturalmente. Era perigoso demais intrometer-se.

Entretanto seus pensamentos ficaram perdidos demais quando Eric voltou a beijá-la e fazer coisas que a deixavam corada até a raiz dos cabelos. Cabelos estes que ele cheirou e beijou com carinho e cuidado.

A porta dos mistérios do quarto apenas havia sido aberta para ela. Isabel prometeu a si mesma certificar-se de descobrir tudo o que pudesse.

CAPÍTULO 13

Isabel tomou o desjejum sozinha na manhã seguinte. Eric a deixou outra vez bem cedo e não havia nenhum sinal do barão. Nada de rosca de reis à mesa nessa manhã. Apenas pãezinhos de batata, presunto parma e café preto bem forte.

— Senhora Casanova, perdão incomodá-la tão cedo, mas preciso de ordens para os preparativos do jantar de logo mais à noite — sua criada pessoal lhe perguntou.

— Diga a todos que façam o de sempre e que seja de agrado do barão.

— Mas, minha senhora, são ordens do barão de que algo especial seja feito essa noite...

— Perdão? — ela disse a meio caminho de levar uma uva à boca.

— Sim, aparentemente *Don Guillermo* tem planos para esta noite e ordenou que obedecêssemos a senhora para que tudo ocorra perfeitamente.

— *Diós mio...* Quando ele disse isso, Sofia?

— Esta manhã, antes de partir.

— E o que mais falou o homem?

— Nada, apenas que o jantar deve ser especial e que será familiar.

De súbito, Isabel perdeu o apetite com a preocupação subindo aos ossos. Ela percebeu que toda aquela casa estava em suas mãos nos últimos dias. O olhar ansioso de Sofia indicava isso, que as ordens deveriam ser dadas, pois havia pessoas ansiosas a cumpri-las. Um dia a chamariam de baronesa, entretanto, ela deveria portar-se como uma desde já.

Pensou um instante nas atitudes do marido, em como ele era honrado, justo, ligeiro em dar ordens e mostrava-se acostumado a ouvir e dialogar. Não era um barão..., mas também o seria um dia. Precisavam manter-se juntos em suas atitudes perante a sociedade.

O dia seguiu sob a enorme responsabilidade de seu primeiro jantar. Pela primeira vez passou grande parte da manhã na cozinha e na despensa, conversando com os criados, procurando saber sobre os hábitos e gostos do barão. Todos a tratavam com bastante cordialidade e mostravam-se dispostos a cumprir qualquer fosse a missão dada por ela. Victor, o jovem marujo, a seguia como uma sombra pela casa. Calado e com os olhos

atentos, a ponto de Isabel mandá-lo à banca de flores durante a tarde para comprar ramalhetes frescos apenas para tirar a sombra de suas costas.

Os móveis foram limpos com extrema cautela e porcelanas foram polidas com a máxima delicadeza. Isabel descobriu que os Casanova tinham até mesmo um jogo de talheres de ouro, o que fez seus olhos arregalarem ante a caixa como se estivesse vendo o próprio pecado original. Esperava que usar a prataria fosse suficiente aos olhos do sogro.

Quando o momento de se preparar para o jantar chegou, sentia-se exausta e nervosa. Lavou-se, perfumou-se e, com a ajuda da criada, colocou o vestido que considerava mais apropriado para o jantar. Era vermelho, feito de cetim e tafetá, marcava bem a cintura por causa do espartilho apertado e tinha um leve decote, além das mangas finas. O bordado dourado em uma das alças dava um ar de luxo à vestimenta.

Sozinha no quarto, Isabel se apressava, para poder conferir se tudo estava conforme o combinado na cozinha.

— Que postura tensa, *mi sol*.

Isabel gritou ao ouvir a voz masculina ao mesmo tempo em que sentia as mãos do marido em seus ombros.

— Eric, pelos santos, quase me mata de susto. — O homem sorriu.

— O que a tem tão distraída?

— Seu pai.

— Meu pai? — Os olhos de Eric se apertaram em interrogação.

— Sim, deixou um recado para que organizasse um jantar especial nessa noite para a família... Me dei conta de que é a primeira vez que tomo as rédeas de algo assim... Não sei se estou fazendo as coisas direito e...

Foi interrompida por um leve beijo de Eric em seus lábios, outro em sua testa, seguindo por seu nariz e bochechas.

— Eric...o que está fazendo... — tratou de dizer quando o marido a abraçou com possessividade e massageou os seus ombros.

— Espere, Eric, não podemos...

— Vou fazer você se distrair um pouco... está muito nervosa, *mi sol*.

— Não, nada disso — falou entre os beijos —, já estou pronta para o jantar, não posso pedir à criada que me ajude a me pentear e vestir outra vez... — mais beijos — morreria de vergonha, Eric.

— Prometo que o que quer que eu desabotoe, colocarei no lugar. — Sua boca invadiu a dela outra vez com maestria e ansiedade. Foi um longo dia

em que ficara pensando demais no corpo quente e acolhedor que deixara essa manhã.

Eric distribuiu beijos por todo o pescoço de Isabel, fazendo-a arfar ardentemente, sua necessidade de possuí-la aumentando a cada instante.

— Não podemos ir para a cama, vamos nos atrasar — murmurou Isabel, mesmo que completamente rendida.

— Quem falou em cama? — Ele a elevou com seus braços fortes, carregando-a até a penteadeira, onde a fez sentar-se, ficando entre suas pernas e a confusão de tecidos. — Faremos de um modo especial... bom, rápido e quente.

Seus lábios a devoraram enquanto suas mãos hábeis tocavam cada centímetro possível da pele desnuda. Para Eric, era encantador sentir Isabel derreter-se em seus braços, observá-la aprender a tocá-lo e perder cada vez mais a timidez em se soltar para o mundo do prazer.

Quando ela se desse conta de que era uma ninfa, uma joia rara, com seu corpo delicado e esguio, a pele cremosa e perfumada, ele estaria perdido. Tocá-la era como se embriagar no êxtase da carne e da luxúria. Tudo nela o impressionava, o viciava, tanto a mulher como a amante.

Sorrindo com as testas coladas, ele levantou o vestido de Isabel até a altura da cintura. As bochechas dela, coradas, se avivaram como um caminho iluminado em pólvora. Ele soube que ela estava completamente perdida no momento junto com ele quando a beijou novamente e Isabel soltou um leve risinho, como quem aprontava algo escondido, proibido.

Eric só conseguia pensar em como sua esposa o enlouquecia. Foi então que seu peito encheu de prazer e orgulho ao entender que ela não era apenas sua esposa, era também sua mulher. Seus gemidos contidos, recatados, eram dele... apenas dele. Que o céu se abrisse se um dia alguém tentasse tomar Isabel dele.

O interlúdio foi exatamente como ele prometera. Isabel sabia que não tinha condições de suportar o peso de seus pés no chão, suas pernas pareciam geleias. Ainda tinha o torso colado ao do marido, ambos ofegantes quando mordeu o lábio, pensando que talvez não estivesse mais nervosa, estava... feliz?

— Não resisto a você, senhora Casanova. — Ele beijava os seus cabelos.

— Farei o possível para ser menos tentadora.

— Creio que isso será impossível, *mi sol*. — Afagou os cabelos dela.

— Eric, meu penteado... devo estar horrível. — Posta de volta ao chão, ela disse, como quem volta à realidade após um sonho. Ele começou a rir, tratando de beijá-la outra vez. — Pare de rir e pare com isso.

— Isso o quê?

— Isso... sabe muito bem do que estou falando.

— Não, não sei.

— Suas sutilezas! — respondeu como quem repreende uma criança.

— Precitaria de muito mais que minhas “sutilezas” para deixá-la horrível. Venha, a ajudarei.

E ele ajudou com a destreza de quem já abotoara diversos botões femininos antes, fato que não passou despercebido na mente de Isabel.

Um tempo depois estavam prontos para o jantar. De mãos dadas, desceram a escadaria principal, palmas solitárias vindas do salão à frente chamaram a atenção dos dois.

— Que belo casal! *Hermano*, ainda não tive a oportunidade de felicitá-lo pelo casamento. — Foi Alonso quem apareceu ao pé da escadaria. Ele tentou tomar a mão de Isabel para beijá-la em cumprimento, mas ela se fez de desentendida, levando as duas mãos ao braço do marido.

Ambos se encararam em confusão por um momento.

— Boa noite, Alonso — foi Isabel quem falou. — Se me dão licença, preciso verificar se tudo está pronto para o jantar ser servido.

Ela não ficou para presenciar a conversa entre os irmãos, apesar de isso deixá-la apreensiva. Enquanto se dirigia à cozinha em busca da governanta, Isabel ouviu a voz do barão no salão, junto aos rapazes, o que lhe aliviou um pouco o peso no coração.

O jantar foi servido em completo silêncio. O ruído dos criados andando de um lado a outro era o único som presente, além dos talheres enroscando-se à rica porcelana. Estavam os quatro à mesa, com os homens provando cada um dos pratos com guloso apetite, enquanto Isabel, apreensiva, sentia como se o ambiente fosse uma arma pesada prestes a explodir.

Ao menos, pareciam gostar de tudo cuidadosamente planejado por ela. A entrada com a sopa de tomate fria, *salmorejo*, os pães que a acompanhavam, depois um guisado de carne bovina, um enorme pedaço de presunto serrano e verduras frescas cozidas. Se tudo corresse bem, a torta de figo completaria o pedido do barão de um jantar em família.

O silêncio era incômodo e assustador para ela. Nem mesmo Alonso ousava soltar alguma embustice em frente ao pai. Talvez fosse ela quem devesse falar algo delicadamente.

Isabel pensou por um momento o que deveria dizer, mas suas ideias foram interrompidas pela voz do barão, que não parecia de bons amores esta noite.

— Ao menos os talheres estão conversando nessa casa — disse o homem enquanto levava um pedaço de carne à boca.

— Do que quer falar, senhor meu pai? — Com os olhos abertos, Isabel escutou a voz suave de Alonso em direção ao barão.

Uma raposa era menos perigosa do que aquele homem.

— Não sei, Alonso, talvez de como você e seu irmão quase se matam às escondidas, ou de como essa família é uma árvore de escândalos.

Mais silêncio.

Eric não dizia absolutamente nada, apenas continuava a comer, ao contrário do irmão, que parecia pálido e subitamente perdera o apetite.

Se alguém comete um crime e está prestes a ser enforcado, fome é a última coisa que irá sentir.

— Não sei sobre o que está falando... — continuou o mais jovem Casanova...

— As notícias voam, Alonso. Isso nem ao menos se parece com uma família. Irmãos que não se falam, casamentos escondidos — sua mão afagou o vento com amabilidade em direção a Isabel. Essa guerra não é sobre ela — e, quando menos espero, descubro que aprontou nas Astúrias.

— Foi um mal-entendido, meu pai, não dê tanta importância...

— Um mal-entendido que quase o expulsa da guarda civil. — Com a voz alterada, o barão dá um tapa sobre a mesa, que reverbera por todos os objetos.

Isabel se espremeu na cadeira, assustada. Eric tomou a mão e beijou-a suavemente, acalmando-a.

— E vocês dois não sabem fazer outra coisa além de namorarem... — desdenhou Alonso.

— Arrume uma esposa, Alonso, isso talvez ponha um pouco de juízo em sua cabeça e diminua o peso morto de seu coração.

— Então ele rapta uma dama e ganha a admiração de todos, enquanto passo por uma noite de bebedeira e viro o vilão da família.

— Isabel não foi raptada! — Eric disse entredentes.

— Não? — O barão tinha um olhar astuto.

Após o duelo, o homem havia feito o impossível para arrancar informações de Isabel. Ela sabia que ele ainda deveria ter uma pulga atrás da orelha pelas motivações de Eric e Alonso. Se a verdade viesse à tona, que os céus ajudassem essa casa.

— Também quero saber, afinal, se a dama em questão não foi raptada... como tornou-se uma Casanova? — com os olhos brilhando, Alonso jogou a pergunta a Eric, que, por sua vez, terminou de mastigar calmamente e tomou um longo gole de vinho antes de dizer:

— Talvez — soltou um leve pigarro — devamos esclarecer ao nosso pai o porquê de tamanha animosidade nos últimos tempos. — Seu olhar era calmo e frio ao mesmo tempo. Como um estrategista de xadrez, as informações valiam ouro, e Eric estava usando essa para dar um xeque-mate.

— Os dois, agora, para a biblioteca. Vamos esclarecer as coisas de uma vez por todas. — O barão levantou-se e aguardou enquanto os filhos faziam o mesmo.

Eric deu apenas uma piscadela à esposa antes de levantar-se e ir-se.

— Com licença, minha querida — seu sogro disse, sumindo junto aos filhos pelo corredor.

Instantes depois, o Barão de Altamira encontrava-se estarecido, sentado em sua confortável poltrona na biblioteca dos Casanova. Os filhos sentados à sua frente não baixavam o olhar, mas sentiam a energia exasperada do pai.

Tirando lentamente os óculos de grau do rosto, *Don Guillermo* encarou o filho mais novo.

— Essa história tenebrosa que acaba de contar o seu irmão, é verdade? Ousou levantar um só dedo que fosse para Isabel? Para uma mulher? — esbravejou.

— Veja bem, pensei ser uma rameira e...

— Cale-se! Como ousa! Era noite de festa em nossa casa, não convido rameiras para pisar em meu palácio. Com razão, seu irmão está enfurecido. Eu mesmo quero desafiá-lo por amedrontar aquela criatura angelical lá fora. — O homem colocou a mão sobre o estômago. — Ainda romperá minha úlcera, Alonso. Não sei mais o que fazer contigo.

— Ora, papai, já está tudo resolvido, Eric é um exagerado e...

— Ainda não terminei! — Levantando-se, serviu uma taça de xerez, que engoliu de uma só vez. — Escute aqui, e escute-me bem, Alonso Casanova... Não serei mais responsável por suas delinquências. Não ganhará mais mesada, nem pagarei suas dívidas de jogo ou de prostitutas. Arque com seu próprio soldo por suas besteiras. Honre suas calças e faça por merecer seu nome em meu testamento.

— Acaso está ameaçando me deserdar? — Levantou-se de um só golpe e esmurrou a mesa. — Porque não nomeia Eric como barão de uma vez e me joga na sarjeta. É o que quer fazer desde sempre! — vociferou com o dedo apontado para o pai.

— Entenda como quiser, só estou dizendo que não custearei mais esse tipo de comportamento.

— Também sou um Casanova. — Levou a mão ao peito, dando leves tapas.

— Honre esse nome e aja como tal. — Apontou o barão para o brasão da família no quadro na parede.

— Regressarei às Astúrias, o lugar de onde jamais deveria ter saído. Não é assim que gosta que eu esteja? Distante? Lá é o meu lugar, minha casa.

Eric, que assistia a tudo em completo silêncio, se moveu na poltrona, mostrando-se incomodado pela primeira vez.

— Se quer regressar à casa nas Astúrias, terá que pedir permissão ao seu irmão.

Caminhando a passos pesados até a porta, Alonso se deteve subitamente.

— Que disse?

— Que a casa nas Astúrias não está mais sob sua tutela. Ela agora é de Eric, foi dada como presente de casamento.

Qualquer um pensaria que esse seria o momento em que Alonso Casanova perderia a cabeça de vez, mas sua respiração apenas tornou-se ofegante por alguns instantes e seus olhos pareceram crescer e diminuir de tamanho assustadoramente. Ele engoliu em seco, encarando o pai como quem via a um desconhecido fazer algo absurdo. Olhou para Eric, o irmão, e depois para o pai mais uma vez, e saiu da sala sem dizer uma só palavra mais.



Isabel se sobressaltou assim que a porta do quarto foi aberta, pôs-se sentada na cama com as costas apoiadas próxima ao dossel.

— O que aconteceu? Pude ouvir berros no salão.

— É muito tarde para falar de dramas familiares, mas digamos que meu irmão tenha perdido algumas batalhas nessa noite.

— Tão má assim foi a situação?

— O barão nos deu a casa de Astúrias como presente de casamento. Ela é onde Alonso permanecia até agora.

— Céus... deve estar enfurecido.

— Se está, escondeu-o muito bem. — Foi em direção ao quarto de vestir e trocou de roupa rapidamente. — Já deixe de falar disso. Preciso dizer, *mi sol*, que estava radiantemente linda nessa noite, me encantou o vestido. Queria eu ter tido o prazer de tirá-lo... outra vez.

Isabel corou com o comentário do marido.

— Tem uma maneira muito incomum de elogiar uma mulher, Eric Casanova. — Olhou nos olhos dele, sorrindo quando se sentou ao seu lado na cama.

— Apenas porque me faz feliz, minha cara. — Tomou o pequeno rosto em formato coração nas mãos e a beijou suavemente. Quando se separaram, deu um tapa na própria testa, praguejando.

— O que ocorre?

— Me distraí com seu corpo e estava esquecendo outra vez de dar um recado. — Ela esperou em um silêncio repleto de expectativa. — Estive conversando com um médico amigo da família. Ele aceitou tê-la no hospital por alguns dias, durante a semana.

O rosto de Isabel iluminou-se em surpresa.

— Ah, Eric, cumpriu o que prometeu. Mal posso acreditar.

— É um homem mais idoso, mas perdeu uma filha de sua idade recentemente. Talvez isso o tenha abrandado. E ele logo verá seu talento.

Ela se colocou sobre ele, beijando sua bochecha com carinho.

— Obrigada... por cumprir sua promessa.

— Sou um Casanova, sempre...

— Sim, sim, eu sei. Mas isso vai além de seu nome. Obrigada por ser quem é. — Isabel, então, beijou o marido não só para agradecer, mas porque adorava beijá-lo.

— Servindo nos hospitais e treinando arremessos... creio que não terá mais tanto tempo para mim.

— Há uma parte de meu tempo reservada apenas a você. — Seus dedos começaram a brincar nos pelos escuros do tórax do marido. Eric suspirou.

— Que bom.

— Não só o tempo... sou sua, Eric Casanova, completamente sua. — Não se sabe quem tomou a iniciativa primeiro ante a declaração, mas os lábios se encontraram vorazmente, as línguas em uma dança incrível, simulando o prazer terreno da carne. — Você é meu?

— Todo seu — respondeu a beijando outra vez, trazendo Isabel ainda mais para seus braços.

— É fácil se apaixonar por você, meu marido — falou um tempo depois, com a cabeça sobre o peito dele, ouvindo docemente as batidas do coração. — Imagino quantos corações partidos não há nos portos pelo mundo afora...

— Até poderia haver — interrompeu-a —, se amor não passasse de uma tolice.

Isabel sentiu todo seu corpo encher-se de frio.

— Não crê no amor?

— É bonito demais ouvir canções, poemas sobre o amor e as paixões, mas um homem pode jurar amor a várias mulheres e estar mentindo a todas elas. Para mim, juras de amor eterno não passam de palavras. Seria necessário ser devoto a alguém, como uma religião. É loucura.

Isabel não respondeu.

— Está chateada? Não lhe jurei amor, Isabel, mas jurei sempre dizer a verdade.

— Não estou chateada, estou satisfeita com sua sinceridade.

E ela estava. Contudo, como toda mulher, Isabel mentia dizendo verdades ao marido. Estava, sim, satisfeita por ser poupada e saber o que Eric pensava, mas essa constatação a havia destruído por dentro.

CAPÍTULO 14

Dois dias depois, Eric partiu para Portugal junto a Zalo e os marujos no navio Casanova. Foi uma despedida longa, porém sem melancolia por parte de Isabel. Ela estava prestes a começar sua empreitada no hospital e, após a noite em que Eric verbalizou não acreditar no amor, seu foco estava em muito mais proteger seu coração das artimanhas doces que aquele casamento lhe reservava.

— Será um mês muito longo sem você ao meu lado, *mi sol* — ele disse quando ficaram a sós para despedirem-se na sala de visitas.

— Trate de voltar logo. Seus beijos são ternos demais para estarmos tanto tempo separados.

Ele sorriu presunçoso, e ela devolveu uma piscadela.

— Estará atarefada demais com o hospital para sentir minha falta.

— Isso é você quem está dizendo, senhor meu marido.

— Não irá assumir que sentirá minha falta?

— Estarei nas docas, serei a primeira pessoa que verá quando o barco aportar — sussurrou em seu ouvido. Ele tomou a boca na sua.

— É uma promessa?

— Sim! E sabe o que dizem sobre os Casanova... — murmurou, marota.

Os olhos de Eric passaram a brilhar e seu peito inchou de orgulho ante a afirmação da esposa.

— Trate de cumprir sua promessa, *señora* Casanova.

Ele se foi e, de certa forma, Isabel soube que uma parte de seu coração ia com ele. Contudo, ela aproveitaria esse tempo sozinha para restabelecer suas prioridades e encarar que viveria para sempre em um casamento respeitoso, entretanto, sem amor.



Quando desembarcou da carruagem em frente ao hospital *Las Cinco Llagas*, ela imaginava que teria um dia repleto de estranheza e hostilidade por parte das pessoas.

Vestida de modo simples com um dos seus antigos vestidos cinza sem graça e nenhuma joia além da aliança, com os fios loiros devidamente arrumados em um coque, ela pensava em misturar-se às enfermeiras e freiras voluntárias do hospital. Não poderia estar mais enganada. Aparentemente, o sobrenome Casanova não havia sido deixado de lado, apesar de seu modo de vestir. Foi guiada pela enfermeira-chefe ao conhecer todo o local. Passou várias horas entre pessoas que faziam de tudo para bajulá-la. O hospital havia sido construído na Idade Média por intermédio de Catalina de Ribera, uma importante nobre da época. Com pátios e largos corredores, a arquitetura mourisca era ainda sua maior marca.

Ao meio-dia, Isabel foi levada ao encontro do doutor Velásquez. Um senhor de idade que Isabel logo reconheceu como o homem a quem Eric deve tê-la recomendado. Teve certeza disso quando o senhor baixinho e careca, com um grosso bigode branco, a examinou de cima abaixo e disse:

— Ouvi dizer que entende de medicina.

— Meu pai foi um grande médico e me ensinou muitas coisas. Gosto de ajudar.

— Muito bem, senhora Casanova, no que depender de mim, não encontrará adulações, apenas trabalho duro.

— É exatamente o que desejo, doutor Velásquez. — Ele assentiu.

No restante do dia, ela passou lado a lado do velho doutor, auxiliando-o nos diagnósticos e aprendendo a dar suturas melhores e acalmando pacientes com quadros graves.

O local não era assustador, mas, como todo hospital, cheirava a doenças e morte. Era o único lugar de socorro para os mais pobres e carecia de muita atenção. Isabel não conseguia pensar em mais nada a não ser dar o auxílio necessário a todos aqueles enfermos. Eram muitos e não paravam de chegar. Sabia que ali sempre haveria bastante o que fazer e ajudar.

Chegou em casa ao anoitecer, sentindo como se sacos de batatas pesados houvessem caído sobre si. Estava prestes a pedir à criada que levasse seu jantar no quarto quando se recordou do barão. Não queria deixar o sogro jantar solitário, muito mais após a noite anterior.

Fora rápida a afeição que criara para com o homem turrão e ao mesmo tempo gentil. Ela se colocaria ante a uma manada de elefantes por ele, e tinha certeza de que ele guiaria o bando por ela.

— Perdão pelo atraso, *Don Memo*. — Sentou-se à mesa quando o sogro se levantou educadamente para recebê-la.

— Estava prestes a começar a comer, você sabe, na minha idade, não se pode esperar muito pelas coisas boas.

No silêncio que se seguiu, Isabel reparou nos olhos cansados do sogro. Suas marcas de expressão denotavam seu aborrecimento com os acontecimentos recentes.

— Se me permite, senhor meu sogro... gostaria de desculpar-me por haver evitado mencionar o porquê da briga entre Eric e Alonso.

O homem limpou a boca com o guardanapo de seda e buscou o enorme pernil sobre a mesa para servir-se de mais um pedaço.

— É uma mulher muito sábia, Isabel. Fez o que foi preciso para impedir uma tragédia, mas evitou uma discórdia ainda maior na família. Sou eu quem sinto muito pelo que meu filho a fez passar. — Largou os talheres por um momento e tratou de refletir, encarando-a. — Na noite da festa de suas bodas... ele a arruinou para você. Qualquer outra dama teria armado um escândalo com a confusão causada por ele. Sabe, minha querida..., às vezes penso se não é errado agradecer por minha Matilde não estar mais entre nós e ver no que nosso filho se transformou.

— *Don Memo*, não diga isso...

— *Sí, sí...* sei que soa errado, mas olhe para o rapaz: um bêbado, encostado ao dinheiro da família, que usa a inteligência para ganhos próprios. Até o posto na guarda nacional foi comprado com o dinheiro Casanova. — O homem suspirou. — Já não sei o que pensar, onde errei, para que irmãos duelassem como inimigos. Em que estavam pensando, diabos, poderiam ferir-se mortalmente com uma paspalhice dessas.

O barão voltou a comer, e Isabel calou-se, mexendo nas verduras em seu prato, resignada. Ela, então, entendeu que nem todos os pais ousavam ver aquilo que estava à sua frente.

O amor também cegava.

Após a sobremesa, o Barão de Altamira levou Isabel até a biblioteca. Com o ar preso nos pulmões pela perplexidade, ela viu o homem dar-lhe uma chave.

— Isso será seu de qualquer forma, talvez não devesse esperar até que eu bata as botas — ele disse, brincalhão.

Com mãos trêmulas, ela projetou a enorme caixa de madeira no meio da mesa e destrancou o cadeado. Ao abrir, seus olhos brilharam tanto ou mais que as joias ali guardadas.

— *Don Casanova*... — foi tudo que ela conseguiu dizer.

— Foram da minha baronesa, *Doña Matilde Casanova*. Agora são suas, como deve ser.

— Cuidarei de todas com a minha vida.

— Sei que o fará. — Ele colocou a corrente que envolvia a chave no pescoço de Isabel. Qualquer pessoa diria que aquele era um colar.

Ser uma Casanova ganhava cada vez mais peso e responsabilidade para Isabel.

No dia seguinte, um chá ao ar livre fora marcado para que Letizia e Juana visitassem a mansão.

Atendendo a pedidos, Juana levou sua coleção de facas escondidas em uma trouxinha. Victor fez questão de ajudar Isabel a encontrar o local perfeito nos jardins para o treino. Quando todas chegaram, ele as deixou sozinhas, dando privacidade.

— Não adianta, eu jamais serei boa nisso — murmurou Letizia

— Você se precipita demais, Leti, por isso acaba errando o alvo — disse Juana.

— Minha vez, e então entramos para tomar um chá gelado. Estamos ficando muito coradas com esse sol.

Isabel, olhando as facas, escolheu a que já tinha como preferida e arremessou com maestria.

Ela poderia jurar ver um olhar orgulhoso nos olhos de Juana.

Por fim, todas se dirigiram à biblioteca a pedido de Letizia, que a cada visita parecia disposta a conhecer todos os cômodos da casa. Isabel desejava boa sorte à prima, pois morando lá, ainda não havia conseguido saber com exatidão quantos cômodos o lugar escondia.

— São tantos livros... posso levar um emprestado? — murmurou Letizia, encarando a enorme estante.

— Verifique se não há o nome do barão no que deseja, caso contrário, melhor não levar.

— Está bem.

— Escolha um livro também, Juana. — Isabel aproximou-se da jovem que tomava o chá como se aquilo fosse a ação mais importante do mundo.

— Não quero — falou cortante.

Isabel franziu o cenho. Juana havia sido muito enfática em sua negativa. Como se escondesse algo. Isabel deixaria isso passar..., mas tinha a perturbadora sensação de que Juana não sabia ler.

Tratou de pensar nos momentos em que a vira ler ou escrever algo enquanto estava na casa do tio e recriou a si mesma por não prestar melhor atenção a este fato. Fez uma nota mental para encontrar uma forma de tocar no assunto com a dama de companhia.

Mais tarde, quando ambas as donzelas haviam partido, Isabel regressava dos jardins e caminhava placidamente em direção à escadaria quando viu o vulto de Alonso passar pelo corredor.

O homem parecia obstinado, com uma missão em mente. Sem pensar no que a impelia, a futura baronesa se pôs no encalço do cunhado e viu o exato momento em que o homem entrou na biblioteca.

Isabel sabia que o barão não se encontrava ali, pois era o momento da sesta, e ela mesma acabava de deixar o local. Com a porta entreaberta, ela viu Alonso revirar gavetas e caixas, maldizendo ao não encontrar aquilo que tanto buscava. Seu olhar parou exatamente sobre o local onde antes ficava a enorme caixa de joias, cujo novo abrigo era o quarto de vestir de Isabel.

Precisou se esconder em uma pilastra quando Alonso saiu com passos reverberantes do local e a corrente em seu pescoço, com a chave repousando escondida entre seu colo, pareceu guardar não só as joias mais preciosas da família, mas também o futuro daquela casa.

CAPÍTULO 15

O primeiro telegrama de Eric chegou dois dias depois, após noites insones por parte de Isabel. A ausência do marido era cortante como o frio no inverno. Não durante o dia, quando ela estava atarefada com a casa, ou com as visitas ao hospital.

Eram as noites.

A enorme cama vazia, o dossel, como uma alegoria fantasmagórica, os travesseiros com o cheiro do homem que aprendeu a ter por perto. Não havia ninguém com quem compartilhar suas andanças, novidades, ou os seus pensamentos, mesmo que os mais corriqueiros. A mão que enlaçava a sua no escuro, os fortes batimentos que soavam como uma canção popular de ninar.

Eric Casanova era a força vital que estava conduzindo a vida de Isabel, e isso a assustava. Tudo em seu corpo gritava por ele, implorando por seu toque, suas carícias e ecoando o som de sua voz.

Por conta disso, quando o primeiro telegrama chegou com a notícia de que ele também “já sentia sua falta”, foi impossível para ela não sorrir como as crianças em Dia de Reis. Percebeu-se exagerada quando ouviu os risinhos das criadas à sua frente, que aguardavam ansiosas após entregarem a carta.

Cinco dias depois, o segundo telegrama não chegou com frases saudosistas. O recado era intenso e direto, assim como o seu remetente:

“Trinta dias ao mar e enlouquecerei. Acabo de encurtar a viagem, para a alegria de meus homens. Regresso em duas semanas”.

Dessa vez, as criadas observaram Isabel levar o bilhete ao peito e sorrir ainda mais esperançosa. Tentou dar-lhes um olhar de reprimenda por meterem-se em seus assuntos, mas acabaram todas gargalhando.

O terceiro e último telegrama chegou ainda pela manhã, quando o sono digladiava com o despertar de Isabel. Com os olhos semiabertos, as letras borradas à sua frente, acabou lendo a notícia que tanto ansiava:

“Não há lugar no mundo onde o sol brilhe mais do que em seus olhos. Espere por mim como o farol que guia meu retorno. Regresso

no domingo, à primeira hora.

*Seu,
Eric”.*

Quando as palavras penetraram com sentido à mente de Isabel, ela levantou-se de um só golpe. Eric regressava à casa depois de amanhã. A criada, sem nada entender, viu a futura baronesa correr pela habitação com a carta em mãos e a chemise balançando-se no ar.

Eric traria consigo o sossego que seu coração tanto merecia.



A neblina salpicava o ar do início da manhã, enquanto a embarcação se aproximava da Baía de Sevilha. Eric Casanova pensava em uma só coisa: rever sua esposa.

Foram dias miseráveis, trancado no que antes lhe era o paraíso. A comida estava sempre salgada demais ou com sabor de menos. O vinho o embriagava e lhe lembrava cada vez mais daquilo que queria esquecer. Seus homens assistiram à derrocada de um gigante. Gonzalo não perdeu nenhuma oportunidade de ficar em seu encalço a cada praguejo mal-humorado. Fora do amigo a decisão final de encurtar a viagem, simplesmente porque Eric não tinha mais coragem, muito menos dignidade.

Sua mente estava atada a Isabel. Seu lar não era mais o mar, nem a sala de comando a bordo, muito menos o porto. Seu lar era a alma da jovem que compromissado desposou.

Como pôde uma criatura tão pequena e falante dominar sua vida em tão pouco tempo? As noites em alto-mar estavam agora frias e excruciantes. A tempestade, que golpeava sempre o navio lhe enchendo de emoção e o fazia conduzir os homens aos berros, mostrou um lado solitário nunca imaginado.

— Afinal, quando irá parar de resmungar? — disse Zalo com as mãos no timão.

— Não estou resmungando. — Os olhos de Eric se reviraram e ele continuou a andar de um lado para o outro.

— Claro que não, são só os peixes que estão cantando — debochou do amigo. — Já estamos chegando. Olhe para os lados, estamos em Sevilha. Logo a encontrará em casa.

Eric apenas bufou em um som afogado em resposta enquanto sentia o coração acelerar enquanto o navio avançava no estreito canal rumo ao seu local no porto.

Foi quando a viu.

Com Victor ao seu lado, cuidando dela exatamente como lhe pedira. Ela tinha uma luneta de bronze nas mãos e parecia sorrir. Usava um dos vestidos que a deixavam coberta tal qual as freiras do convento em que se casaram, nem uma só camada de pele à mostra. O tom carmesim da roupa, entretanto, fazia jogo com seus cachos dourados delicadamente cobertos por um chapéu.

O navio avançava já em velocidade reduzida para seu local no cais, e ela, ao reparar e vê-los, começou a acenar, claramente sorrindo.

— De volta ao lar — murmurou Zalo após aportarem.

— Sim, de volta ao lar. — Eric via Isabel parada nas docas, conversando com Victor.

— E bem a tempo das touradas — um dos homens que se preparava para o desembarque disse, e Zalo concordou, sorrindo.

— Fizeram o que pedi? — perguntou Eric indo em direção à cabine.

— Sim, senhor — responderam os homens em uníssono.

Isabel esperou pelo marido em local seguro nas docas, ao lado de Victor. Recebeu ao longe o cumprimento dos marujos que desembarcavam com olhares cansados, porém animados por estarem em casa. Zalo foi um dos últimos a descer e foi encontrá-la, junto a Eric.

— Fez boa viagem? — perguntou ao agora amigo, sempre impressionada por sua estatura alta.

— Digamos que foi interessante — ele disse e, com um aceno de cabeça, se foi.

— Bom dia, senhor, espero que tenha feito uma boa viagem — o jovem acompanhante da esposa o cumprimentou.

— A melhor parte é o retorno. — Eric e Isabel se encaravam com os olhos brilhantes. — Tire o dia de folga, Victor. Obrigado por cuidar de

minha Isabel.

O jovem bateu na aba da boina em um aceno e partiu atrás de Zalo.

— Sua Isabel? — perguntou, sorrindo.

— Sabe o que quero dizer. — Seu tom era gutural, porém jocoso. Eric rodeou Isabel pela cintura e buscou seus lábios.

— Senhor Casanova, devo adverti-lo que não desejo outro escândalo envolvendo minha honra neste porto — ela disse, impedindo-o de beijá-la. — Vamos para casa — sussurrou.

— Tenho uma ideia melhor — disse ao seu ouvido, devagar e baixinho. Ela o encarou sem entender. — Já estamos em casa, *mi sol*.

Tomando as mãos nas suas, ele a guiou em direção ao navio. Com um olhar surpreso, Isabel subiu a bordo do mercante Casanova e cumprimentou um par de marujos que se encontravam próximos ao timão. Eric apenas acenou quando abriu a porta que os levava direto para a cabine do capitão, decorada tal qual ela se recordava.

Quando ela foi fechada, o primeiro beijo foi iniciado. Um encontro de ânsias se apoderava de ambos. Lábios famintos e arfantes. Nada mais parecia existir, a porta fechada os isolou no tempo e no espaço. Era assim que Isabel se sentia cada vez que o marido a beijava. Seu rosto corou quando a gargalhadas de ambos se atropelaram ao chegarem ao quarto.

Quando a embarcação se moveu, Isabel pôs as mãos nos ombros do marido, assustada.

— Estou passando mal ou o navio está se movendo?

Eric gargalhou.

— Vamos fazer um passeio hoje, na nossa segunda casa.

— E por que não vamos para nossa primeira casa? — Ela o encarava de soslaio.

— Porque sei que problemas me esperam, quero evitá-los ficando com você.

Ela pensou em tudo que gostaria de dizer enquanto ele esteve ausente, principalmente suas suspeitas sobre o cunhado, mas achou melhor manter-se calada. Ela bem sabia que os problemas os esperavam em casa.

Qualquer pergunta que Isabel tivesse sobre se Eric sentiu-se como ela — se sonhou com tocá-la, ou que o tempo tenha passado como uma eternidade enquanto estiveram afastados — foi encoberta pelos beijos do homem.

Eric Casanova falou mais com os lábios sobre os seus do que qualquer outra vez em que conversaram. Tinha paixão, ternura e saudade. Ela podia jurar que o beijo do marido, assim que entraram na cabine usada como quarto, durou ao menos meia hora. Não que Isabel reclamasse, mas, quando deu por si e abriu os olhos outra vez, os casarões e galpões do canal de Sevilha já não podiam mais serem vistos. Estavam em alto-mar.

Ao mesmo tempo em que o desnudava e deixava desnudar-se, Isabel pensava no que faria com o que sentia pelo marido. A ausência de Eric a fez perceber que seus sentimentos por ele eram mais fortes do que havia planejado. Fora tola demais ao imaginar que emoções eram planejáveis. Em algum lugar, em algum tempo, casais se casavam por amor, mas o marido já dissera o que pensava sobre isso... mesmo que seus toques gentis e beijos apaixonados a levassem a pensar outra coisa a todo instante.

Não poderia ser tola e sonhar com palavras de amor. Deveria ser prática e aproveitar que se casara com um homem bom e que a fazia tremer, acalentando-a, como Eric fazia agora.

Seu contato era cálido e ardoroso, suas mãos percorriam cada parte de seu corpo como se quisesse ter a certeza de que sua presença era real. Seu sorriso conversava com seus olhos, os dentes fortes a instigavam, mordendo seu lábio. Era tola por entregar-se assim, de corpo e alma, porém não conhecia outra forma de mostrar-se ao marido. Ele teria que aceitá-la da forma que era. Talvez um dia aprendesse a amá-la, com o tipo de amor que enlouquece, o tipo de amor pelo qual se morre e mata.

Para Isabel, só existia uma forma de amar e só havia um jeito de entregar-se a um homem... por amor.

Os lençóis de linho tocavam seu corpo da mesma forma que o jeito de ser de Eric tocava sua alma. Como foram achar-se em um mundo tão grande, em uma vida tão longa?

Os gemidos de Isabel eram afogados, desesperados, enquanto os pensamentos apagavam-se em sua mente. Todas as vezes em que estava com o marido era como se o mundo fosse para sempre. E, com Eric repousando em seus braços, sussurrando o quanto sentiu sua falta, percebeu que ambos eram o mundo um do outro.

Acordou de um leve cochilo com o barulho de água corrente. O vapor invadia a cabine, exalando diretamente de uma espécie de banheira em madeira.

Era Eric quem cuidava de tudo, inclusive media a temperatura com as próprias mãos e o restante do corpo, assim como gostava de comportar-se.

Uma olhada para o lado e ele a viu com os olhos abertos, um sorriso alargando os finos lábios. *Doce Isabel*, ele pensou. Que coisa estranha era essa que sentia a cada vez que a olhava? Um aperto no peito, um orgulho e alegria sem fim. A vontade de protegê-la e tê-la... possuir seu corpo a cada instante e para sempre. Eric buscava entender a si mesmo pela primeira vez na vida.

— Venha. — Ofereceu a mão a esposa. Ela aceitou e suas bochechas coraram quando entendeu os caminhos que ele pensava em fazê-la seguir.

Guiou-a até que estivesse sentada sob a água morna, um alento a seu esbelto corpo também desnudo. Pegou uma esponja e passou a acariciar toda a extensão da pele. Primeiro parecia tê-la deixado nervosa, mas aos poucos a massagem fazia efeito, relaxando a tão corajosa mulher à sua frente.

— Me encanta o fato de sempre aceitar minhas ideias — ele falou simplesmente.

— Gosto da sua criatividade — ela disse com os olhos fechados para, em seguida, morder o lábio, fazendo-o suspirar.

Eric sabia que tê-la era como provar a mais deliciosa das frutas. Olhar nos olhos de Isabel era enxergar um caminho, ela tinha olhos profundos, ternos, que o enfeitiçavam... Quase o fazendo ganhar poderes paranormais.

Ele daria qualquer coisa a ela.

Talvez devesse dar a ela a única coisa que jamais pensou que daria a uma mulher. Prometeu a si mesmo buscar coragem para colocar a si mesmo nessa posição.

Hoje... apenas hoje, eles seriam merecedores de pertencerem um ao outro.

E, enquanto o navio levava os amantes afortunados por águas calmas, o mal tempo se formava na vida daquela família, desencadeando uma guerra entre os Casanova.



Amar até a morte



CAPÍTULO 16

ILHA TENERIFE – CONVENTO – NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA – 1895

O dia havia amanhecido encoberto naquela manhã. Isabel detestava dias nublados, pois ocultavam a beleza do sol, traziam a possibilidade de chuvas e ofuscavam a chance de qualquer passeio. Quem lhe ensinou isso foi o marido, que também odiava dias cinzentos.

Ainda assim, deixou de acompanhar as freiras nas orações matinais mais uma vez para ficar em seu local predileto encarando o mar. O jovem jardineiro já começara cedo seu dia, ela podia ver do local onde estava, e algumas freiras recolhiam verduras na horta para a cozinha.

A borda do jardim do convento era um dos melhores lugares para observar o mar adiante. Só não era melhor que o pequeno cume com o caminho de pedras, que as freiras insistiam em ficar nervosas a cada vez que subia, entretanto era um bom lugar de observação.

Foi quando ao longe ela observou um navio.

A neblina não lhe permitia distinguir a distância ao certo, mas lá estava mais uma embarcação a se aproximar da ilha.

— Bom dia. — Era a voz de Dr. Walker.

— Bom dia, doutor — respondeu com os olhos fixos no horizonte.

— Parece zangada.

— Estou arrependida de não ter trazido minha luneta — disse ainda de costas. — Consegue enxergar o navio?

— Infelizmente não, senhora Casanova, mas não sei se conseguiria de qualquer forma, estou sem meus óculos.

Isabel suspirou.

— *Doña* Isabel... — ela deu uma leve risada por causa do sotaque dele e passou a encará-lo —, Isabel... gostaria de desculpar-me se, nos últimos dias, meu tom em nossas conversas a tenha chateado.

Isabel contemplou o doutor Walker pela primeira vez naquele dia. Seus olhos eram claros, e seu rosto bem-apessoado, assim como seus ombros. As linhas de expressão em seu rosto começavam a pontilhar-se ao redor das pálpebras, nariz e boca. Muitas diriam ser um homem belo, provavelmente seria disputado pelas mães casamenteiras na sociedade londrina.

— Ainda não me falou muito sobre o senhor, Dr. Walker. Não leva aliança, sei que não é casado. Há alguém em sua vida? Alguém que o espera na Inglaterra?

Ele pareceu desconcertado um momento por ser o foco da atenção na conversa, claramente não esperava pelo desvio no assunto.

— Sou noivo, uma doce senhorita de Hampshire.

— E o senhor a ama?

— Bom... claro... quero dizer, nos conhecemos pouco e creio que o casamento...

— Não estou em busca de vingança aqui, Dr. Walker, apenas busco saber se pode me compreender. — Foi a vez de ele manter-se em silêncio. — Ama tanto a sua noiva a ponto de voltar para casa apenas para vê-la? Ou que te atonteie pensar no fato de estar um dia sem ela?

— Senhora Casanova...

— Ama, Dr. Walker, a ponto de perder o fôlego só de pensar nela? De tocá-la? — Isabel elevou a voz. — Acaso sabe do que estou falando? Acaso sente? — Ambos se olharam seriamente. — É óbvio que Eric voltará; sem ele, não há vida... e eu sinto vida em mim. Eu sou tão melhor depois que o conheci... isso é amor. É como religião. Guia nossos passos. Amar é ter fé no outro.

Houve um silêncio por vários instantes entre os dois. Sem sombra de dúvida, o homem parecia encabulado. Foi a voz da madre superiora que cortou a quietude:

— *Doña* Isabel... há algo que precisa saber! — Seu tom era arriscado e dolorido.

— Não, não, madre, esse não é o melhor momento para isso e... — Dr. Walker foi interrompido.

— Já esperamos demais, doutor..., precisamos tentar contar-lhe outra vez.

— Céus, o que tanto querem me dizer?

— Vamos, minha querida...

A madre guiou Isabel pelos jardins até sua sala. Um ambiente similar a um escritório, porém repleto de imagens e quadros sacros.

— Madre, sei que posso estar sendo um peso para o convento com minha presença...

A mulher negou com a mão.

— Sua presença jamais será um peso para nós, minha querida, mas saiba que estamos preocupadas... — Uma noviça deixou sobre a mesa a longa mesa da madre uma bandeja com chá.

— Preocupadas? Ah, sim... sei que a falta de notícias de meu marido é um inconveniente, há algo que as aflige? Por favor, me diga e providenciarei...

Um pesado silêncio recaiu sobre a sala. A noviça, jovem e usualmente alegre, abaixou a cabeça em um ar soturno. Ao seu lado, o doutor Walker parecia desconcertado.

— Me digam de uma vez o que...

— É sobre seu esposo, Isabel — a madre disse cortante.

— Eric? Chegaram notícias dele? Quando volta?

Um suspiro pesado exalou das narinas da Madre.

— Eu temo, minha filha..., que as notícias não sejam as que deseja.

Isabel contorceu-se na cadeira.

— Pois diga de uma vez.

— Já faz muito, sabemos que o senhor Casanova não irá voltar, minha querida... Ele... seu esposo...

Isabel olhou para cada pessoa no recinto nos olhos, ela viu a pena em todos eles. Enxergou as palavras que a madre diria a seguir sobre Eric... que seu coração sabia não serem verdadeiras.

— É mentira, o que diz é uma mentira, madre. Comete um pecado! — gritou, erguendo-se.

— Isabel, querida...

— Não me toque! — Com um tapa, afastou as mãos da noviça que vinham em seu encontro. — Basta, não permitirei que continuem a envenenar minha mente — pôs as mãos sobre a cabeça —, não sei mais o que pensar, mas não permitirei que me façam crer que Eric... esteja... — com um grunhido, saiu em disparada pela porta apenas para encontrar com uma fila de freiras pelo salão afora. Todos os olhares com a mesma expressão. — Vocês estão todas erradas! Estão todas erradas! — gritou, apontando o dedo enquanto lágrimas começavam a cair.

— Senhora Casanova... Isabel, não fique assim! — murmurou David Walker, aproximando-se.

Isabel se voltou e golpeou o ombro do homem.

— Estão mentindo, doutor David. Ele não está... ele não pode estar... eu nem ao menos consigo dizer.

— Senhora Casanova... — O tom apiedado do homem a entristeceu.

Ele tentou abraçá-la, completamente abismado pela dor da mulher à sua frente, mas ela caiu de joelhos, aos prantos. Até mesmo o jovem jardineiro aproximou-se, compadecido com a cena.

E até que o médico preenchesse o vazio de Isabel com uma medicação calmante, os soluços da jovem senhora eram a única coisa a ser ouvida no enorme salão.

CAPÍTULO 17

SEVILHA, 1893. PASSADO

Quando Isabel decidiu colocar um pequeno lenço bordado com o brasão dos Casanova sob sua roupa para ir ao Festival de Touros, ela não fazia ideia dos eventos que mudariam a família para sempre naquela manhã.

Trajando um elegante vestido vermelho com pedras negras bordadas em toda sua extensão, Isabel desfilava ao lado do sogro e do marido entre os nobres nos camarotes da Praça de Touros, *La Maestranza*. Caminhando com a cabeça ereta por conta da enorme *peineta* no topo dos cabelos, ela usava a mantilha negra da moda e portava elegantemente um volumoso leque nas mãos. Aquele era oficialmente seu primeiro evento de grande visibilidade como a futura baronesa. O barão ia na frente e, ao seu lado, caminhava Eric com o braço possessivamente no seu. O rosto de Isabel se iluminou ao ver a família vindo em sua direção desde o outro lado dos camarotes. As apresentações ainda não haviam começado, e as pessoas não paravam de cumprimentar umas às outras. O tio, *Don Ramiro Fuentes*, vinha ao lado de Letizia e do infame Duque de Granada.

Para Isabel, o homem teria que tornar-se um santo para mudar sua opinião sobre ele e sobre o relacionamento com a prima.

— A família Casanova — murmurou *Don Ramiro*. — Querida Isabel — falou com suavidade.

— Tio Ramiro. — Ela deixou o espaço junto ao marido por um momento e abraçou brevemente o tio e depois a prima.

Os homens passaram a se cumprimentar, e Isabel aproveitou para puxar a prima para o lado.

— Como você está?

— Bem... acho que bem — respondeu Letizia, mordendo o lábio.

— Não existe isso, Leti, você está bem ou não...

— Eu estava muito animada..., mas... você acha que estou feia nesse vestido?

Isabel olhou bem para prima, apenas como um reflexo, ela tinha certeza de que aquilo era bobagem. Letizia usava um de seus vestidos cor-de-rosa,

mas, em tom claro. E talvez estivesse um pouco apertado demais no busto, mas a prima sempre foi mais avantajada do que ela.

— Óbvio que não. Por que diz isso?

— Ouvi o duque rir com os amigos..., acho que falavam algo do meu vestido.

— Ah, Leti — ela abraçou a prima —, precisa conversar com seu pai e ter a certeza de que quer se casar com esse homem.

— Mas que outra coisa eu faria?

— Damas, com a sua licença — foi o duque quem apareceu, praticamente arrastando Letizia para si —, mas tomarei minha noiva de volta. — Isabel e o homem poderiam trocar farpas através do olhar.

— Venha, querida, a primeira apresentação já vai começar — Eric interrompeu o ambiente animoso.

— Não gosto dele — murmurou Isabel, sentada ao lado do marido.

— Também não sou um grande admirador do homem. — Ambos sorriram e deram as mãos discretamente.

Na arena abaixo, os preparativos começavam. O público dos lugares-comuns se agitou e começou a bater palmas. Flores foram jogadas e o desfile de todos que participariam das touradas começou. Isabel acompanhou tudo e se recordou da última vez que estivera ali. Sua vida não era mais a mesma.

E, então, começou o desfile dos participantes das touradas. Ajudantes, toureiros... Todos recebiam a adoração do grande público. As pessoas pareciam sedentas por um bom espetáculo, e os homens abaixo, dispostos a dá-lo.

Nos camarotes, a elite de toda Andaluzia batia palmas e sorria entre si. Os leques não paravam de mover-se entre as damas.

Ao lado do duque, Letizia mostrava-se inquieta, Isabel percebeu. Queria poder estar mais perto da prima, mas uns tantos lugares com nobres mesquinhos as separavam.

A seguir, sob forte ovação, vestido dos pés à cabeça em roupa de toureiro, *El Fantasma* surgiu na arena. Montado em seu cavalo, começou a exhibir-se para o público, que retribuía enlouquecido. Isabel já sabia o que vinha adiante, o homem pegaria uma flecha e, com um arco, atiraria em direção ao local que agora ela assistia. Mas não foi o que aconteceu. *El*

Fantasma empinou em uma de suas exhibições e, graças a sela que se soltou, foi ao chão.

Uma horda de suspiros pesados tomou conta do local. Nem uma só vivalma se moveu nos lugares por alguns instantes.

O grito de Letizia no momento da queda de *El Fantasma* anunciava a tragédia. Todos ao redor olharam para a jovem sem entender.

Logo abaixo, os ajudantes começavam a se aproximar para ajudar *El Fantasma*. Um homem, aproveitando-se da situação, saiu em disparada da plateia até a arena e deu ao público a informação que todos desejavam. A identidade de *El Fantasma* e, para horror de Isabel, ela o conhecia. Pois quando a máscara de *El Fantasma* foi retirada, o rosto que estava lá não era de um homem.

Era Juana.

— *Uma mulher!* — alguém gritou.

Passada a surpresa, toda a Praça de Touros se pôs em total caos. Mulheres não eram permitidas a participar como toureiras.

Um homem, ao cair na arena, receberia flores do público. Uma mulher, como Juana, ganhava objetos arremessados. Dedos apontados, vaias e palavrões eram proferidos em direção à arena onde Juana estava evidentemente desacordada.

— Temos que fazer alguma coisa, preciso chegar até ela — arfante, Isabel murmurou para o marido.

— Vamos.

Os dois saíram de seus lugares e passaram por Letizia. *Don Ramiro* e o duque seguravam a jovem a duras penas, pois ela gritava o nome da dama de companhia, desesperada.

O caminho até a arena já conhecida de Isabel foi longo e tumultuado pelas pessoas que gritavam e explodiam em palavras indecorosas. Uma olhadela à frente e Isabel viu uma montanha de carne e osso desferir um soco no homem que revelou a identidade de Juana e tratava de empurrá-la, caída no chão. Foi Zalo quem a tomou nos braços e começou a deixar o cercado de areia.

Outras pessoas se aproximavam na tentativa de impedi-lo de resgatar a jovem e, usando apenas um braço, Zalo, o gigante gentil, desferia golpes e socos nos algozes mal-intencionados.

— Zalo! Zalo! — Isabel gritava inutilmente.

Um assobio alto foi ouvido e o homem pareceu procurar o dono. Graças a Eric, Isabel agora tinha a atenção de Zalo.

— Para o túnel, o túnel! — ela gritou, apontando para o corredor de onde os toureiros saíam.

Eles enfrentaram dificuldades para passar por entre as pessoas, mas logo estavam nos arredores da arena, e dessa vez foi Isabel quem guiou o caminho, assim como no episódio da *La Maestranza*. Eles se encontraram e juntos caminharam pelos corredores internos da Praça de Touros até chegarem aos becos onde outrora Isabel e Eric se viram pela primeira vez.

— Onde estamos? — perguntou Zalo, como se carregasse o bem mais precioso nos braços.

— Onde nos conhecemos — o casal falou ao mesmo tempo.

— Vamos levá-la para casa — disse Isabel em seguida.

Com um gemido de dor, Juana se mexeu, e Zalo a apertou ainda mais entre os braços. Eric pensou rápido e conseguiu um coche de aluguel, que os encaminhou para a casa dos Fuentes, perto dali.

Na mansão, Juana foi deixada em seu quarto, e Isabel logo começou a examiná-la.

— Chame o doutor Velasquéz no hospital, peça que venha dar uma olhada nela. Diga que é para...

— Ele virá, Isabel, não precisarei dizer seu nome duas vezes — Eric disse, dando um leve beijo nos lábios da esposa e partindo.

— Não vai com ele? — perguntou ela.

— Prefiro ficar — disse Zalo com as mãos nos bolsos.

— Muito bem... e obrigada por agir tão rápido.

Pela primeira vez, o homem pareceu desconcertado.

— Terei que examiná-la, eu...

— É claro... claro... esperarei lá embaixo. Apenas quero saber se ela ficará bem.

Ele deixou o quarto, e Isabel começou a verificar o corpo de Juana. Com dificuldades, retirou a roupa brilhante e apertada de toureiro da amiga.

— Estou bem — a jovem resmungou.

— É isso que estou tentando ver... Juana, pare quieta.

— Me deixe dormir! Só estou com um pouco de dor no corpo.

— Eu vi você tomar um baita tombo de cavalo.

— Eu sei cair do cavalo, como acha que aprendi a andar? Apenas estou cansada.

Sem nenhum sangramento aparente, Isabel desistiu e decidiu esperar pelo doutor Velásquez, mas antes, foi o furacão dos Fuentes quem chegou primeiro. Barulhentos e preocupados, Letizia e *Don* Ramiro invadiram o cômodo.

— Filhinha, filhinha!!! — dizia o velho Fuentes.

E, em total choque, Isabel concluiu suas suspeitas. Juana nunca foi uma empregada naquela casa. Ela era ativa, independente e moderna..., mas também era uma Fuentes. Criada longe do berço oficial, ela era uma bastarda que vivia ao lado do pai e da irmã, como dama de companhia.

— Estou bem, estou bem — ela murmurou ainda de olhos fechados.

— Já chamei um médico para examiná-la, tio.

— Muito bem, minha querida, muito bem.

— Não tenho nada — ofegou Juana, resmungona.

— E como sabe? — Letizia aparentava ter chorado, seu rosto estava vermelho.

— Se tivesse algo grave, Isabel já teria se posto a ajudar-me.

Juana era esperta demais para seu próprio bem.

Doutor Velásquez não demorou a chegar. De fato, nada grave havia ocorrido com Juana, mas ele receitou repouso e canja de galinha para mantê-la forte, além de ser acordada algumas vezes durante a noite para verificar se tudo estava bem.

Isabel acompanhou o médico idoso até a porta, que lhe comunicara ansioso que a esperava no hospital na próxima semana. Ela apenas sorriu, confirmando.

— Bom, aparentemente foi tudo um grande susto — ela disse, voltando à sala de visitas onde todos se encontravam, incluindo Zalo.

— Se é assim, esse velho cansado irá refrescar-se para o jantar. Com licença — avisou *Don* Ramiro.

— Zalo?

— Sim. — Ele parecia abatido.

— Juana gostaria de falar com você por um momento.

Os olhos do homem se abriram calorosos apenas por um instante, para voltar a serem a máscara brincalhona que ele tanto usava.

Isabel o guiou pelos corredores, reparando o quanto ele andava como Eric, silencioso como um gato selvagem.

— Zalo está aqui para vê-la — disse Isabel, após bater na porta. Juana apenas assentiu.

O homem entrou e dominou todo o ar do ambiente. Juana já estava coberta dos pés à cabeça por cima da camisola. Seus olhos cansados o contemplaram amistosos pela primeira vez.

— Ouvi dizer que salvou minha vida na praça. — Era a primeira vez que Isabel ouvia o tom suave na voz rouca e rascante da jovem.

— Fui um pouco mais jeitoso dessa vez.

— Obrigada por não me carregar como um saco de batatas... outra vez. Ambos se olharam com cumplicidade.

— Espero que fique bem, *señorita*.

— Ficarei... graças ao *señor*.

Ele apenas assentiu e depois partiu. Para Isabel, ficou o registro das bochechas coradas de Juana.

De volta à sala, Zalo saiu sem despedir-se, enquanto Isabel e Eric apenas se observavam, confusos.

— Pronta para ir? — perguntou.

— Não, vinha exatamente dizer-lhe isso. Pretendo ficar com Juana essa noite, o doutor pediu que a acordassem algumas vezes e seria importante ela não estar sozinha... Com alguém que seja confiável. — Terminou a frase encarando a prima que dormia placidamente na *chaise* em um lado da sala.

— Tudo bem, nos vemos amanhã. — Ele a beijou com carinho. — Devo beijá-la outra vez para compensar a saudade?

— Creio que sim! — Ambos os lábios se uniram outra vez enquanto os braços de Eric envolveram a cintura de Isabel. — Até amanhã.

— Até amanhã, *mi sol*.

Quando Eric partiu, Isabel levou uma emburrada Letizia para o quarto, que pegou no sono no exato momento em que seu corpo tocou o colchão, sem nem mesmo trocar de roupa. Rindo da prima, ela foi até o quarto de Juana, agora às escuras. A leve respiração da jovem delatava o sono, Isabel decidiu, então, sentar-se na poltrona e aguardar algumas horas antes de acordá-la.

— Ele fez de propósito — a voz rouca disse com raiva, na escuridão.

Isabel franziu o cenho por um momento, tratando de entender se Juana sonhava ou não, mas logo ela repetiu.

— Eu o vi lá hoje, de longe. Sei que foi ele. Caí porque minha sela estava cortada... alguém cortou minha sela, Isabel.

Com passos firmes, Isabel se aproximou da cama e perguntou:

— De quem está falando, Juana?

— De Alonso Casanova.

Não houve noite de sono para Isabel após as palavras de Juana. Ela acordou a amiga várias vezes durante a noite e confirmou que tudo estava bem. A queda foi realmente um susto.

Levantou-se da poltrona com o corpo dolorido e a cabeça martelando. Passou toda a noite assustada com a possibilidade do que Juana lhe dissera ser real. Não porque Alonso era seu cunhado, mas porque sabia o que ele era capaz de fazer.

Ambas prometeram guardar segredo do que ocorrera. Se fosse verdade, falar só traria mais perigo, ao menos no momento.

— Bom dia! — A voz musical de Letizia invadiu sua mente enquanto repassava toda a informação sentada à mesa do café.

— Bom dia — respondeu com um meio-sorriso.

— Passei no quarto, e Juana aparenta estar muito melhor. Jamais vou me esquecer do susto que tomei ontem ao vê-la cair — disse com a mão sobre o peito.

— Por falar em ontem... precisamos conversar sobre você e o duque.

— Isabel, por que quer tirar meu apetite logo cedo? Conversei com meu ele logo depois... ele disse que era algo da minha cabeça.

— Não é apenas sobre ontem, quero falar sobre... — O barulho de passos pesados interrompeu sua fala. Ambas se encararam confusas com a movimentação e aguardaram o possível visitante, curiosas.

Victor apareceu correndo e arfante na sala de jantar.

— *Doña* Isabel, perdoe-me aparecer assim dessa forma.

— O que houve?

— É o barão, *Doña* Isabel, ele não está bem. *Señor* Eric pede que regresse à casa imediatamente.

CAPÍTULO 18

Quando a carruagem parou nos jardins do Palácio Casanova, Isabel estava frenética de preocupação. Adentrou o salão principal com passos pesados e encontrou o marido andando de um lado a outro.

— O que aconteceu? — Sua voz soou aflita.

— Acordei antes do amanhecer, com os empregados preocupados. Passou mal a noite inteira, aparentemente, é provável que seja a úlcera — Eric disse.

— Já mandou buscar o médico?

— Estava prestes a fazer isso, eu mesmo.

— Traga o doutor Velásquez.

— O pobre homem não pode ter uma noite de paz sem o incomodarmos — murmurou Eric tentando sorrir.

— Estarei junto ao barão quando voltar.

Isabel subiu as escadas quase tropeçando no tecido do longo vestido, nos degraus. No quarto do barão, uma fila de gente na porta, com preocupação em suas faces. Estava próxima ao aposento quando a governanta, saindo do quarto, disse a todos:

— Sei que estão preocupados, mas nada poderemos fazer aqui parados.

— Os empregados começaram a dispersar. — *Doña Isabel*, que alívio vê-la. O barão está demasiado inquieto, talvez possa acalmá-lo.

— Leve-me até ele — pediu com sua voz de comando, adquirida nas experiências no hospital.

A larga suíte do Barão de Altamira tinha no ar suor e febre. Na cama, Isabel enxergou o forte amigo debilitado, com os olhos pesados e o corpo trêmulo.

— *Don Memo*... sou eu, Isabel. — O olhar do homem a observava, perdido.

— Vomitou demais toda a noite... teve sangue saindo pelas narinas, além da febre e dos calafrios.

— *Cielo santo*... me diga o que sente nesse momento. — Compadecida, Isabel se aproximou ainda mais do sogro, segurando agora em sua mão.

O homem parecia focar os pensamentos nela e sua boca moveu-se lentamente.

— A... lonso — um sussurro foi tudo que o velho barão conseguiu dizer, parecendo unir toda a força de seu corpo.

— Chama por Alonso todo o tempo. Já mandei um dos criados buscá-lo. Talvez, por terem jantado juntos ontem à noite, ele esteja...

— Alonso esteve aqui com o pai ontem à noite? — Isabel perguntou cortante e curiosa.

— Sim, o *señor* Casanova mais novo chegou das touradas junto ao barão e ficou até depois que o pai foi dormir.

— E quanto a Eric?

— O outro *señor* Casanova só esteve em casa bem tarde.

— Muito bem, vou até meu quarto buscar um láudano que talvez ajude a recuperar as forças do barão. Por favor, peço que não deixe esse cômodo por nada nesse mundo.

A mulher apenas assentiu.

Isabel caminhou pela mansão em direção ao seu quarto. Algo ela devia de ter para ajudar o sogro até a chegada do médico. Assim que entrou, decidiu trocar de vestido por algo mais simples e confortável, visto estar com a mesma roupa todo um dia. Buscava por um láudano em suas coisas quando a governanta adentrou a habitação com vários travesseiros.

— *Doña* Isabel, o que acha de levarmos mais estas almofadas para o barão?

Ela contemplou a governanta de olhar cansado com curiosidade.

— O barão está com alguém? — Preocupou-se.

— Sim, jamais o deixaria sozinho. O *señor* Casanova acaba de chegar.

— Eric? Tão rápido.

— Não, o *señor* Alonso — disse calmamente.

O coração de Isabel se apertou, mesmo que sua mente lhe dissesse que talvez não devesse preocupar-se tanto. Contudo, não confiava em Alonso, e não tinha ideia de qual poderia ser o mal do barão.

Don Guillermo estava doente desde que jantara com o filho na noite anterior. O filho, que não era alguém de confiança.

Alonso, que era capaz de tudo, estava a sós com o pai.

Isabel partiu em cega corrida pelos corredores da casa em busca do quarto do sogro. Seus passos ecoando na marcha angustiante.

Quando chegou ao seu destino, ela soube que era tarde demais. Encontrou um Alonso cabisbaixo, com punhos fechados. A porta do quarto entreaberta, com ele a guardando como um anjo anunciando a destruição.

— Arrumem tudo o que for necessário. Meu pai está morto — falou simplesmente e se foi.



O aperto de outrora no peito de Isabel havia se transformado em dor. Ainda assim, as lágrimas caíram silenciosas por seu rosto enquanto acalentava Laura e os demais empregados no salão principal. Ela já vira a morte antes e, mesmo que a alma estivesse jogada ao solo nesse momento, encarava a si mesma com a missão de sempre manter a calma e pensar nos demais. Todos na casa mostravam-se inconsoláveis. E, em sua mente, giravam as possíveis circunstâncias da morte do sogro.

Alonso sofria ou fingia?

O cunhado, que apenas ontem havia atentado contra a vida de Juana.

Que os céus a ajudassem, mas tinha certeza de que não poderia dividir com ninguém sua desconfiança. Era perigoso demais.

OuvIU o barulho dos portões e o trotar dos cavalos.

Eric!

Não, ninguém a não ser ela deveria dar-lhe a terrível notícia — pensou.

Pôs-se a ir em direção à entrada da casa, e seu corpo encheu-se de tristeza ao vê-lo tão pacífico descendo do cavalo junto ao médico. Isabel parou de súbito na porta do palácio enquanto Eric subia as escadas calmamente. Estavam a metros de distância quando ele a viu, reparando em seus olhos lacrimejantes.

— *Mi sol...?* — perguntou, levantando as sobrancelhas. — O que houve?

Isabel tentou sorrir para acalmá-lo, tentou fazer um aceno para levá-lo a um local mais reservado, porém não conseguiu. Abriu a boca para falar, mas encontrava-se muda.

— Meu pai piorou? — questionou Eric em tom desconfiado. A esposa assentiu, levando os olhos até o chão. — Isabel, olhe para mim.

Ela não poderia, sabia que, assim o olhasse outra vez, ele veria a cruel verdade em seus olhos.

— Eric... — sua voz inaudível sussurrou.

Então ele soube. Soube, porque sabia que a esposa era incapaz de mentir, e isso incluía amenizar as duras notícias.

— Ele está... — não conseguiu dizer... — está, não está? — perguntou apenas, já sabendo a resposta.

Isabel assentiu, deixando as lágrimas caírem por seu rosto pela primeira vez.

— Com a sua licença — doutor Velásquez pronunciou e entrou na casa.

— *Mi Diós...* — Com os olhos arregalados, Eric andava de um lado a outro. — Mas se o deixei há apenas algumas horas... Não pode ser possível... estava bem ontem... rimos juntos...e agora... — Com um rugido poderoso, desferiu um soco na pilastra mais próxima, apoiando-se na mesma. — Nem mesmo pude me despedir, nem mesmo pude dizer adeus...

O coração de Isabel se partiu ao meio ao ver lágrimas nos olhos do marido. Eric Casanova arrastou-se até o chão como um menino que busca sentido após uma desilusão.

— Meu pai... — Ouviu-o murmurar e decidiu se aproximar. De joelhos, testa com testa, ela o abraçou.

— Me escute... escute bem. Não importa o que aconteça, estarei com você. Seremos apenas nós dois agora, estaremos juntos em qualquer coisa. Acreditaremos apenas um no outro, seremos a bússola, a religião, a riqueza um do outro. Você tem a mim, e eu sei que sempre terei a você.

Ele a abraçou de volta com força e solidez, e sabia que era real, e não precisava de garantias ditas. Para qualquer um dos dois, as ações sempre diriam mais do que qualquer palavra.

O funeral de *Don* Guillermo Casanova trouxe comoção à cidade. Pessoas de toda Andaluzia enviavam mensagens e faziam gestos de honra aos Casanova. Primeiro, foi o momento de despedida íntima da família. No próprio quarto, após o doutor Velásquez confirmar a morte, Eric acendeu velas em volta do corpo do pai e o velou pelo resto do dia junto a Isabel e alguns poucos criados da casa. Não se sabia o paradeiro de Alonso, ao não estar presente na singela homenagem.

Em seguida, durante a noite, as pessoas começaram a chegar. Um ataúde negro foi trazido e o barão foi levado até o salão principal para o início das despedidas. Foi quando Isabel percebeu que sua vida havia mudado mais uma vez, rápido demais para que ela acompanhasse. Entre dar ordens aos criados que trabalhavam e serviam petiscos aos convidados, entre as crises de choro e receber pessoas que a papericavam superficialmente, ela precisou de um momento a sós na biblioteca. Era agora oficialmente *Doña* Isabel Casanova, a Baronesa de Altamira, e não conseguia sentir prazer nenhum em ter alcançado esse título, apenas dor.

Ao amanhecer, todos se colocaram em fila para a procissão até a igreja para a primeira das várias missas encomendadas por ela e Eric em homenagem ao falecido barão. O padre, vários amigos da família e alguns tantos nobres fizeram tributo a *Don* Guillermo por quase toda a manhã. Era a hora do enterro. Ao lado de Letizia e Juana, Isabel esteve na carruagem junto à procissão, onde seu tio, *Don* Ramiro, Eric e Alonso — que finalmente apareceu — levavam *Don* Guillermo ombro a ombro até o local do sepultamento.

Não era de bom tom que as damas estivessem presentes no momento do enterro, assim, desde a capela mortuária, Isabel viu Eric e Alonso se desentendendo após os sermões finais. Com o coração pesado, Isabel pensava: o que sobraria a essa família agora que *Don* Guillermo se foi?

Quando tudo terminou, um rastro de vazio e solidão se fez presente na casa. Isabel deu o dia livre aos empregados. A ela, restou o refúgio do quarto, enquanto Eric se ocupava de procedimentos legais junto aos advogados.

Eram altas horas da madrugada, e o marido ainda não havia ido deitar-se. Isabel preocupava-se, pois Eric mostrava-se abatido com a perda do pai, apesar de seu olhar calmo e da feição polida. Quando o dia estava prestes a amanhecer, ela resolveu buscá-lo pela casa. Encontrou-o sentado no escritório junto à uma garrafa de rum.

— Eric. — Não houve resposta.

Aproximou-se e o viu encarando a parede atentamente, enquanto engolia mais do álcool.

— A *Don* Guillermo Casanova e ao péssimo filho que fui! — ele brindou, bebendo outra vez.

Isabel respirou fundo. Esse não era o Eric que conhecia. A perda do pai o estava levando a um lugar escuro, tinha que trazê-lo de volta.

— Não fale assim... — respondeu, sentando-se à sua frente.

— Devia ter estado mais presente, devia ter sido mais ajuizado em minha juventude... devia ter me preparado melhor para ser barão. — Olhou-a nos olhos pela primeira vez. — Não estou à altura dele, Isabel.

— Você é e está. Olhe para mim — segurou em seu rosto —, você é bom, justo e honesto... é tudo que seu pai prezava, terá um baronato tão exitoso quanto o dele por conta disso. Sua honra trará muitos frutos.

— Não sei como lidar com Alonso... está sofrendo de uma forma estranha... Talvez seja o momento de nos reaproximarmos e...

— Eric, há algo que preciso dizer.

Que Deus a ajudasse, mas ela diria, tiraria do peito essa dúvida, o amargor que a consumia desde o dia anterior.

— É sobre seu irmão... é algo importante. — Como sempre acontecia quando falava, ela tinha toda a atenção do marido. Levantou-se e caminhou até estar próxima da janela. — Quero que saiba que é muito difícil para mim dizer tudo que vou dizer.

— Isabel, você vai chegar a algum lugar? — falou e a viu fazer um sinal de espera.

— Muito bem... Quero falar sobre a morte de seu pai... quero falar sobre Alonso..., mas antes de tudo, quero falar sobre como nos conhecemos. — O marido apenas respirou fundo. — Seu irmão nunca me inspirou confiança, Eric. Desde o momento em que o vi. Estávamos sozinhas naquela viela e ele estava machucando um homem... sem culpa alguma. Um homem que estava sozinho, enquanto Alonso tinha mais outros com ele. E depois ele me tratou como nada nos jardins dessa casa. Sem saber quem eu era... mesmo eu sendo uma mulher sozinha. Ele usou a força, sem piedade.

Eric apenas empertigou-se na poltrona, encarando-a.

— O que quero dizer é que seu irmão demonstrou ser capaz de coisas inomináveis. Ele mandou que o surrassem, Eric, por pura inveja. Isso me fez pensar... no que mais Alonso é capaz. E agora chegou até mim...

— O que chegou até você? Exijo que me conte!

— O acidente de Juana nas touradas... tudo indica que ele tem algo a ver com aquilo e que não tenha sido um acidente...

— *Santa madre de Diós!* — murmurou Eric, levantando-se. — Tem certeza disso? Por que demônios Alonso faria algo com a dama de companhia de sua irmã?

— Elas não são apenas amigas, Eric. — Contemplando-o de perto, Isabel percebeu que ele já desconfiava daquilo que ela sabia: Juana era uma Fuentes. — Mas, sim, ela e Alonso tiveram um encontro que culminou em confusão aqui em casa, enquanto você estava de viagem.

— *Cielos!* E por isso decidiu vingar-se da pobre garota? O que Alonso tem na cabeça?

— É o que estou tentando lhe dizer, meu marido! Seu pai...

Quando as palavras foram absorvidas por Eric, ele a fitou em choque.

— Não... não, Isabel, não pode estar chegando aonde penso que está.

— Eu sinto muito, mas preciso terminar — pigarreou —, nós dois sabemos que o barão e Alonso não andavam às boas. Eric, eles jantaram juntos na noite em que seu pai passou mal, aqueles sintomas não pareciam os de quem tem úlceras... Tenho quase certeza de que seu pai foi...

— Envenenado? — murmurou. — Isabel..., tem noção da gravidade do que está dizendo?

— Tenho, porque, quando fui ao quarto, seu pai não parava de murmurar o nome de Alonso, era só o que dizia e, quando seu irmão chegou, eles ficaram sozinhos por minutos... minutos apenas, e logo seu pai estava morto — ela falou todas as frases quase atropelando as palavras enquanto lágrimas saíam de seus olhos. — Eu vi o seu pai naquela cama, ele lutava para viver. E Alonso veio como um anjo da morte e o levou — suas últimas palavras foram ditas entre gritos.

Isabel viu entre as lágrimas o marido ranger os dentes. Ele a observou por alguns instantes e, em seguida, jogou todo o conteúdo da mesa no chão, socando a madeira.

— Maldito!

— Eric...

— Alguém precisa parar esse desgraçado! — falou, buscando um revólver no cofre e guardando na cintura. Os olhos de Isabel se arregalaram.

— Eric, pelo amor de Deus, esse alguém não pode ser você. — Ela foi até ele, abraçando-o com a cintura. — Me escute, meu marido, me escute. Prometeu escutar-me, deixe isso com a justiça.

— Eu farei a justiça por meu pai. — Soltou-se do abraço da esposa e deu-lhe um leve beijo na testa. — Fique em casa e não diga a ninguém que saí.

Com profundo horror, ela observou Eric marchar rumo à porta. E, quando o barulho do trote do cavalo a levou até a janela, ela o viu partir e percebeu que mais uma tragédia estava para acontecer.

CAPÍTULO 19

Isabel andava de um lado a outro pela casa. Sabia que devia impedir Eric de uma forma ou de outra, entretanto, não sabia para onde ir. Ela mandou a criada ao porto para buscar a única pessoa que ela sabia que poderia ajudá-la.

— Seu chamado pareceu urgente — disse Zalo, entrando no salão principal da casa.

— De fato é.

— Onde está Eric?

— É o que preciso que me ajude a descobrir.

— O homem sumiu?

— Está disposto a fazer justiça com as próprias mãos. Prometo explicar no caminho, mas saiba que, onde Alonso estiver, é lá que Eric estará.

Com a ajuda da criada, terminou de colocar uma capa azul-marinho de veludo, que cobria sua cabeça e ombros, e vestiu as luvas.

— Isabel, talvez seja melhor... — começou Zalo e foi interrompido.

— Não. Sei muito bem o que vai dizer. Que será mais fácil e rápido se você for sozinho, ou que Eric se zangará se eu me meter neste assunto... Minha resposta é não. Não vou permitir que me interrompa ou que me faça esperar sentada, pacientemente, enquanto essa família se destrói — observou o amigo fixamente após ajeitar as luvas com cuidados. — Agora vamos?

— Estarei bem ao seu lado — respondeu assentindo e indicando a porta.

Juntos, com cada um montando um cavalo, partiram primeiramente em direção à casa alugada por Alonso, ao norte da cidade. As ruas ainda cobertas pela neblina do anoitecer que se retirava, e os primeiros raios de sol distantes, enquanto os trabalhadores despontavam nas vielas, prontos para mais uma jornada. Todos reparavam na velocidade da dupla que trotava, como se perseguissem o próprio demônio.

A casa do mais novo dos Casanova era uma discreta mansão em uma rua sem saída. Tinha a fachada amarela e um jardim bem cuidado, além de portões altos. O cavalo de Eric não se encontrava em frente ao local, o que

indicava que ambos os homens não deveriam estar. Ainda assim, Zalo apeou e bateu na porta do edifício.

Um mordomo de meia-idade atendeu, já vestido em um impecável uniforme, pronto para começar o dia.

— Senhora Baronesa, é um prazer vê-la. Permita-me dar-lhe os pêsames.

Aparentemente, era mais conhecida do que imaginava — pensou Isabel. Ao menos entre os criados.

— Obrigada... por favor, por favor... sem reverências. Não é necessário. Estamos aqui por seu patrão, o senhor Alonso.

— Mas que coincidência... pois, apenas uns instantes mais e encontraria os dois aqui.

— Os dois? — perguntou Zalo com a sobrancelha levantada.

— Sim! Meu patrão passou a noite jogando com alguns amigos e decidiu partir para Jaén junto deles.

— E o outro? — questionou Isabel com ansiedade.

— Ora, mas foi o próprio barão, seu esposo. Chegou com minutos de atraso. O irmão havia acabado de partir há menos de uma hora.

Isabel começou a descer as escadas imediatamente, sem esperar que o mordomo terminasse sua fala. Restou a Zalo despedir-se do homem e sair em disparada atrás da jovem baronesa.

O caminho para Jaén era curto e conhecido. Uma cidade marítima que entregava uma paisagem repleta de falésias, umidade e maresia.

Zalo seguia ao lado de Isabel na estrada, que galopava sem parar com a direção certa que a bússola em seu coração indicava.

A ela, lhe apavorava o que, de fato, encontraria onde quer que o destino os levasse. Tudo indicava que Eric alcançaria Alonso exatamente no local em que estava. As rochas ao redor e um caminho tortuoso e úmido faziam com que tudo parecesse ainda mais devagar para ela. As árvores finas, não muito frondosas, não lhe chamavam a atenção. No entanto, ao chegarem ao alto de uma passagem, Isabel viu o que mais temia.

— Ali! — Apontou para a clareira próxima a um penhasco.

Cinco homens em movimento numa espécie de terreno pedregoso moviam-se em passos de uma dança perigosa, como leões prontos a abater uma presa.

Esporeando os cavalos, Isabel e Zalo partiram em direção ao local. Em certo ponto, ela passou o amigo, deixando seu coração desesperado guiá-la de acordo com a cena desenrolada à frente.

Eric, que estava sendo segurado por dois homens, foi golpeado no estômago por Alonso. Um grito vindo do âmago de Isabel ao ver a cena chamou a atenção dos homens. Ela se interpôs na clareira frente aos homens que seguravam o marido, deixando-o de lado pela ameaça do cavalo.

— Suba! — ela gritou a Eric, que se encontrava impactado por sua chegada.

O ruído de tiro se fez presente. Antes mesmo que Eric pudesse montar sobre o animal, o bicho se assustou com o disparo e empinou no ar, levando assim Isabel ao chão e escapando em seguida.

— Isabel! — Eric e Zalo gritam.

Zalo, ao descer do cavalo, teve sua corrida interrompida por três dos capangas de Alonso. Eles o seguraram pelos braços, enquanto um lhe apontava um punhal.

Eric ajoelhou-se, tocando a esposa em todos os lugares e chamando seu nome.

— Isabel, fale comigo, *mi sol*.

— Estou bem... estou bem.

Uma risada foi ouvida a poucos metros de distância. Ainda com a pistola em punho, Alonso os observava com os olhos atentos.

— Não sei o que é mais tentador, meu irmão. Atirar em você ou naquilo que você ama — disse com um sorriso no rosto que não emanava nem um pouco de simpatia. — Ah, os Casanova que faltam sair do meu caminho.

— Você matou *Don* Guillermo! — Isabel gritou, levantando-se com a ajuda de Eric. — Não ouse negar.

— Por que eu negaria? Ao contrário de vocês, que não viverão muito mais, para afirmarem coisas por aí. — Sua pistola apontou outra vez para o casal.

— Afinal, é loucura ou ganância que o move? — questionou Eric.

— Se quer saber se estou arrependido... não estou.

Um baque surdo foi ouvido. Isabel e Eric buscaram a causa do ruído e viram Zalo ao chão, tomando chutes dos homens.

— Mande seus homens pararem de surrá-lo! — ordenou Eric ao irmão com voz firme.

— Em troca de quê? — Alonso abriu os braços, sorrindo outra vez.

— Apenas ordene! — Eric vociferou.

A cena a seguir desenrolou-se de forma improvável.

Isabel deu um passo atrás, cheia de dor ao ver o amigo apanhar a poucos metros de si. Ao seu lado, Eric a acompanhou, observando o penhasco justo atrás deles pela primeira vez.

— É hora de terminar com isso. — Com os olhos fixos no irmão e em Isabel, Alonso mirou nos dois com a certeza de que seria a última vez.

— Eric, ele vai atirar — Isabel murmurou, apreensiva.

— Confia em mim? — ele respondeu em um sopro de voz, olhando o mar outra vez.

— Com a minha vida! — respondeu.

Alonso apertou o gatilho ao mesmo tempo em que ambos pularam no oceano.



Eric Casanova era um homem cético para muitas coisas. Quando criança, convenceu a si mesmo que Deus não existia. Com o tempo e as idas à missa, aprendeu a rezar e, quando enfrentou sua primeira tempestade em alto-mar, aprendeu o que era ter fé.

Passou a acreditar que era uma criança amada ao ver que os pais não lhe batiam ao fazer travessuras. Diferente dos outros meninos de sua idade. E passou a acreditar em Isabel quando ela, em meio aos devaneios da febre e da dor, lhe prometeu fazer o possível para salvá-lo, mesmo não sendo médica.

Agora, Eric aprendeu com Isabel que era possível um homem amar uma mulher. Tão forte e tão intensamente que fazia o peito doer apenas com pensar nela. Tão forte e tão desmedido que lhe retorcia a mente a ideia de um dia ficar sem ela. Tão forte e tão caloroso que sabia que amar era uma questão de vida ou morte e que, mesmo que se passem os anos, os amores corroem e matam, mas nunca morrem.

Teve essa certeza no exato momento em que abriu os olhos debaixo d'água. Estendeu os braços e não a encontrou muito longe, mas, sim, debatendo-se e afundando no mar. Tomou-a nos braços e aproximou seu corpo do dela, acalmando-a e empurrando seus corpos de volta para a superfície.

Com um suspiro alto, Eric viu Isabel voltar a respirar quando seu rosto atingiu os ventos da superfície outra vez e, ao contemplar o penhasco do qual vieram, observou o irmão fitá-los com uma promessa mortal nos olhos, após seu tiro falhar.

— Eric! — sussurrou com voz chorosa. — Eu tive tanto medo, tanto medo de algo acontecer com você. — Passou os braços em volta dos ombros do marido. — Ele o acertou? Algo dói?

— Acho que sou eu quem deveria fazer essa pergunta. Está bem, *mi sol*?

Ela o abraçou em resposta com o corpo e a alma. E ficaram entrelaçados no meio das leves ondas, as batidas de seus corações e a certeza de que se pertenciam na vida e a qualquer lugar aonde fossem, contanto que estivessem juntos.

— Pulamos de um penhasco! — ela disse entre as investidas salgadas da água em seu rosto.

Eric começou a rir em seu ouvido, e ela o acompanhou. Juntos, começaram a gargalhar.

— O que é tão engraçado? — Foi a voz de Zalo que ecoou desde o alto do penhasco. Os amantes olharam para cima e o viram curvado, com machucados no rosto. — Talvez eu devesse deixá-los por aí, visto que as piores partes sempre sobram para mim.

Eric fez um aceno para o amigo.

Com a ajuda de cordas e dos cavalos, Eric e Isabel foram içados de volta para a terra depois de nadarem um bocado até o lado mais propício para regressar acima.

— É o nosso anjo da guarda, Zalo! — disse Isabel, abraçando o amigo com cuidado e desferindo um beijo em sua bochecha, enquanto ele continuava a resmungar.

— Estou mais para saco de pancadas! — ainda resmungou, andando devagar por causa de seus ferimentos.

— E os malditos? — perguntou Eric assim que terminou de descansar um pouco sob a sombra de uma árvore.

— Se foram, como os covardes que são, assim que vocês caíram na água. Inclusive, façam a gentileza de avisar a próxima vez que forem fazer algo assim enquanto sirvo de distração. Não dá para se fazer de morto todo o tempo.

— Obrigado, meu amigo. Sabe que jamais poderei pagar tudo que faz por mim.

Zalo apenas assentiu.

A volta para casa foi lenta, com os cavalos cansados, ainda mais com Eric e Isabel dividindo o mesmo animal. Zalo se encontrava exausto e com o corpo todo dolorido, enquanto o casal de amigos vestia as roupas úmidas e pesadas pela queda na água, por conta disso decidiram parar em uma estalagem no meio do caminho a fim de obterem roupas secas, curativos e comida. Conseguiram também um coche de aluguel, que os levaria de volta para casa com maior conforto, embora Zalo tenha preferido segui-los a cavalo, de forma solitária.

— Encontra-se bem?

— Já me fez essa pergunta mil vezes, *mi sol*. Estou bem. Apesar das circunstâncias poderem provar que isso não seria possível.

— Perdoe-me, entretanto, é que me preocupa. Alonso está enfurecido e...

— Alonso matou nosso pai, Isabel, e terá que pagar. Isso é tudo. Não voltará a apontar uma arma para você jamais. — Sua mandíbula se apertou ao dizer tais palavras.

— O que pretende fazer? — Segurou a mão do marido ao seu lado enquanto observava os raios de sol da tarde penetrar o fino vitral da carruagem.

— Farei o que devia ter feito, o denunciarei às autoridades. Não há mais misericórdia entre nós depois de hoje.

— Eu sinto muito que tudo tenha chegado a esse ponto. — Ela apertou seus dedos nos dele, que tomou sua mão e retirou a luva para beijá-la com suavidade.

— Isabel..., sabe o quão doce é, *mi sol*? — Levou os lábios ao braço desnudo, não deixando uma só parte sem seus beijos. — Temer por sua vida

não me faz bem à saúde... sinto meu coração. — Encostou a mão da esposa ao seu peito, coberto pelas roupas mais simples conseguidas na estalagem.

— É... é rápido — sussurrou.

— Veloz por você, *mi sol*. — Roçou sua bochecha com as mãos calejadas do alto-mar, sorriu-lhe com os olhos e tinha a certeza de que a amava com o coração.

Eric beijou Isabel, esquecendo-se das adversidades e dos percalços do caminho. Nos olhos dela, encontrou justiça, companhia e carinho, coisas que ansiava e admirava em uma mulher. Como poderia ele dar a essa mulher tudo o que ela merecia e sequer sonhava querer? Os braços de Isabel eram seu abrigo, farol e porto seguro. Isabel Casanova era sua única família, seu lar. Que Deus o ajudasse, pois queria tê-la ali mesmo, clandestinamente em uma carruagem no meio da estrada. Seu sentimento por ela era forte e o fazia se esquecer do certo e do errado, da moral e das regras. Se pudesse, criariam eles mesmos seu livro de boas maneiras em um mundo só dos dois, para que cada momento como esse pudesse ser vivido para sempre.

Manteve-a em seus braços até quando a carruagem parou em frente ao Palácio Casanova, ela cochilava enquanto ele murmurava gentis palavras em seu ouvido e beijava delicadamente seu rosto, demonstrando seu querer a todo instante.

— Chegamos, *mi sol* — assoprou em seu ouvido quando o coche se deteve.

— Enfim em casa — murmurou a esposa. — Obrigada, querido — falou quando ele a ajudou a descer do veículo.

Haviam acabado de passar pelo portão quando a governanta os alcançou correndo, vinda direto da casa.

— *Don* Eric, *Doña* Isabel... finalmente chegaram. — Ela arfava.

— Pelos santos, mulher, diga o que está acontecendo.

— É o *señor* Alonso... ele está na casa com os guardas e está procurando por alguma coisa.

Após uma troca de olhares, Eric e Isabel avançaram em direção ao interior da casa com Zalo vindo justo atrás, escutando as palavras da mulher.

— Maldição, o que ele está aprontando agora — murmurou Eric quando entrou no salão. — Mas que diabos passa aqui? — vociferou ao encontrar

vários homens da guarda junto a Alonso no salão principal.

— *Don* Eric Casanova... lamento informar, mas o senhor está em maus lençóis. — Era o chefe da guarda quem se aproxima dele com rispidez. — Ao que parece, a morte do barão, que Deus o tenha, não foi algo natural.

— Pelos céus, pois se estava a ponto de procurar o senhor para dizer exatamente isso e... — Eric se adiantou sobre Isabel, sendo cortado pelo homem.

— Deixemos disso, senhor barão. Infelizmente terei que prendê-lo!

— O quê? — Isabel gritou enquanto todos os empregados murmuravam. Zalo se aproximou da esposa do amigo, interpondo-se entre ela e o restante dos guardas.

— E por acaso posso saber a acusação?

— Deixe que eu mesmo revele-a a você, irmão. — Com o olhar fixo em Eric, Alonso se aproximou pomposamente. — Estive conversando junto a meu caríssimo amigo e companheiro na guarda sobre minhas suspeitas na morte de nosso pai, quando ele teve a ideia de revelá-las a você, o novo barão. — as últimas palavras foram ditas como se as saboreasse. — Mas qual foi a nossa surpresa, ao derramar o café descuidadamente em mim mesmo enquanto esperávamos sua chegada, de achar um vidro de estricnina nas suas coisas, amado irmão.

— Como explica isso, *Don* Casanova? — o chefe da guarda questionou.

— Eric, não responda — gritou Isabel, amparada por Zalo, que observava tudo com a pior das caras.

Um silêncio tomou conta do salão.

— Pois, muito bem, senhor barão, temo que o que nos resta a fazer é levá-lo para que se explique diretamente às autoridades.

Eric sabia que o irmão o havia enlaçado em uma trama sórdida que poderia custar-lhe muito caro, mas não poderia perder a cabeça agora.

— Eric, não, você é o barão, não podem levá-lo preso — Isabel disse aos prantos quando os homens cercam Eric e o algemam.

— *Mi sol*, acalme-se. Zalo, contate os advogados, todos. Faça o que tiver que fazer.

— Vamos, senhor barão, infelizmente terei que levá-lo assim — o chefe da guarda disse, e Eric apenas assentiu.

— Eric, não! Esperem, estão cometendo um engano.

— Deixe as autoridades agirem, cara cunhada. — Alonso puxou Isabel pelo braço quando ela tentou se colocar entre os guardas e Alonso.

Com agilidade, Zalo desferiu um soco no homem.

— Você não toca nela — disse. E Alonso limpou o sangue do nariz.

O chefe da guarda, chocado, encarava a cena.

— *Señor* Alonso, gostaria de reportar isso?

— Melhor não, meu caro... esse aí, não importa quanto sangue azul tenha nas veias, não passa de mais um selvagem.

Eric foi levado pelos guardas, enquanto os gritos de Isabel foram silenciados pelos braços amistosos de Zalo. Os empregados acompanhavam a cena em pura descrença e tristeza pelo barão e a baronesa.

— Bom, creio que é melhor que eu fique, já que agora não há ninguém para cuidar da casa e dos negócios da família. — Alonso se empertigou ante os empregados. — Avisem a todos que um novo Casanova comanda tudo agora e...

— Seu maldito! — Isabel atravessou a distância entre os dois e desferiu um tapa na face do cunhado. — Desgraçado! Você matou o barão, você é um assassino! Eric não vai pagar no seu lugar! — Ela passou a golpear o peito do cunhado diversas vezes enquanto falava. — Não merece esse sobrenome, não merece nada...

Foi Zalo que, após alguns instantes aproveitando a visão de Alonso apanhar, mesmo que de uma mulher, voltou a buscar os braços de Isabel e a segurou outra vez.

— Você, de dama, não tem nada. Jamais chegaria ao porte de uma baronesa. Mas gosto do seu jeito, tem fogo. Poderá ser minha amante e, se for dócil o bastante quando tiver que ser, prometo o dobro dos luxos dados por meu irmão.

Isabel cuspiu na direção do homem.

— Engula sua proposta suja e morra com seu próprio veneno — disse entredentes. — Laura, ajude-me a reunir minhas coisas. Estou saindo dessa casa agora mesmo — ela chamou a criada e foi até a escada.

— Ah, ah, se não está disposta a ficar, não levará nada pago com o dinheiro dos Casanova... meu dinheiro.

Altiva, Isabel retornou e encarou fixamente o homem à sua frente. Nunca conhecera criatura tão desprezível.

Ela despediu-se dos empregados e partiu com apenas a trouxa de roupas trazidas da estalagem. Não lhe importavam as coisas, ela tinha agora o maior desafio de sua vida.

CAPÍTULO 20

Eric Casanova estava preso há três dias.

O tempo exato de noites sem dormir de Isabel. Explicar para o tio sua situação foi humilhante, mas receber o abraço carinhoso do homem que a acolheu de volta sem ao menos pensar duas vezes foi um bálsamo de esperança.

Passava as horas entre os bordados com Letizia, praticando arremesso de facas com Juana, ou fazendo qualquer outra atividade que não a deixasse completamente louca com sua situação.

Recebia notícias de Eric por Zalo, que furtivamente visitava o amigo no posto da guarda civil.

— Muito bem, mais um bordado com o qual não chegarei a lugar algum... — suspirou, entregando suas linhas a Letizia. Juana a observava calada.

— Está cobrando demais de si mesma.

— Perdão não poder ajudá-la em seu enxoval, prima.

— Não há nenhum...

— Boa tarde! — A voz de Zalo se fez presente na sala.

Isabel o viu ser recebido pela criada e levantou-se rapidamente.

— Notícias de Eric? — questionou, esquecendo-se das boas maneiras.

— Sim, e trago algo mais que notícias. Laura e os demais criados enviaram suas coisas em trouxas escondidas de... bom, você sabe quem. — Víctor entrou no salão carregando trouxas e cumprimentando a todas com um aceno de cabeça.

— Fico feliz pela lealdade de todos naquela casa.

— Vou mostrar onde devem guardar suas coisas, prima — disse Letizia, levantando-se. — Vamos, Juana?

A dama de companhia pôs-se de pé, entretanto, observava o convidado com cuidado, como se estivesse indecisa.

— Com licença — ela disse, deixando a sala antes de Letizia, que a seguiu em seguida.

— Zalo, gostaria de beber algo?

— Não, Isabel, muito obrigado, de fato, tenho um pouco de pressa.

— A verdade, meu amigo, é que me faltam palavras para agradecer tudo que tem feito por mim e por meu marido.

Ele fez um gesto de pouca importância.

— Sabe que eu jamais os abandonaria em um momento assim.

— Muito bem, conte-me as novas.

— Consegui um jeito para que visite Eric.

— Ah, pelos céus! Você é um anjo, Zalo, muito obrigada. — Correu e o abraçou com os olhos marejados.

— Não sou tão angelical assim. Tive que subornar o dobro de guardas para conseguir algo.

— Precisa de dinheiro? Sei que, com Eric na cadeia, os pagamentos devem estar atrasados... Agora que as joias estão em minha posse outra vez, posso vender algumas coisas e...

— Não, Isabel — ele negou incisivamente —, não necessito. Eric me deixou a par de todas as transações e contas necessárias para lidar com tudo, e jamais me perdoaria se aceitasse que fizesse algo assim com seus pertences.

— Vocês, homens, sempre tão orgulhosos! — Revirou os olhos. — Pois, então, quando poderei vê-lo?

— Amanhã pela manhã, durante a troca de turno. Não terá muito tempo, Isabel, esteja ciente disso.

— Não me importo, apenas preciso vê-lo.

— Muito bem, esteja pronta amanhã, à primeira hora.

Ela assentiu.

AS HORAS CONTINUARAM se arrastando para Isabel, com a diferença que seu coração palpitava a cada instante na firme certeza de que veria Eric. O dia se foi e a noite chegou trazendo ainda muito mais angústia e ansiedade em seu peito.

— Não consegue dormir? — perguntou Juana ao entrar no escritório com a lamparina nas mãos. Usava uma camisa de dormir e touca, que escondia seus cabelos.

— Dormir se tornou um luxo para mim. Desculpe se a minha insônia a tenha atrapalhado de alguma forma — respondeu Isabel.

— Sei que sua situação é difícil... no seu lugar, não posso imaginar como eu estaria. — Isabel apenas assentiu. — E o *señor* Zalo, como está?

Isabel apertou os olhos observando a amiga, que abaixou a cabeça e piscou os olhos diversas vezes.

— Bem... acho! Ele virá outra vez amanhã, por que não pergunta você mesma?

Juana apenas deu de ombros, desinteressada. Seus olhos perpassavam as estantes do escritório, olhos aguçados e curiosos sobre os livros. Um suspiro profundo ressoou no cômodo. Em silêncio, Isabel levantou e buscou um exemplar em uma das estantes.

— Talvez devêssemos ler alguma coisa para passar o tempo — chamou a jovem para sentar-se ao lado na *chaise*. Juana deu passos vacilantes, porém sentou-se ao lado da amiga, — Esse livro foi escrito por uma mulher e, adivinhe, ela tem o mesmo nome que o seu — a dama arregalou o olho —, Sórora Juana Inés de la Cruz, é como se chama. Ela tem poemas lindos.

Isabel leu o primeiro parágrafo e entregou o livro nas mãos de Juana.

— Não sei se posso.

— Vamos, eu te ajudo, se quiser.

— Me ajudaria? Por quê?

— Porque ler é importante... é como se um mundo existisse bem aqui... na nossa cabeça. É como ir ao nosso lugar favorito e sentir-se feliz.

Com os olhos marejados, Juana respondeu:

— Eles riam de mim...

— Quem ria?

— Na fazenda onde cresci. Todos eram muito bons para mim, e *Don* Ramiro pedia que eu estudasse junto aos filhos dos caseiros..., mas eu me atrapalhava um pouco, não conseguia acompanhar o ritmo das aulas... e acabavam achando engraçado meu jeito de ler.

— Segure minha mão se quiser. Estou aqui para ajudá-la, tudo bem? Prometo que não irei soltar um riso sequer. Quero que ler seja tão maravilhoso para você como é para mim.

Juana respirou fundo e segurou na mão estendida por Isabel. Um ato de confiança que mudaria sua vida para sempre.



O POSTO da guarda civil estava com poucos homens no início da manhã do dia seguinte. Trajando um vestido cinza-escuro de gola alta, além de uma mantilha que cobria bem as madeixas loiras e escondia um pouco seu rosto, e de braço dado com Zalo, Isabel passou de cabeça baixa entre os guardas.

— Eric! — seus olhos brilharam ao vê-lo, mesmo que solitário em uma cela fria e suja.

— Isabel..., o que faz aqui, *mi sol*? Esse não é um lugar para você. — Com passos largos, aproximou-se das grades e tocou nas mãos da esposa enquanto observava que o amigo levantava os braços em um gesto de rendição.

— Meu lugar sempre será onde você estiver. — Beijou as mãos do marido com carinho e saudade. — Trouxe comida e roupas, além de cobertores. Imagino como esse lugar seja frio... Ah, Eric, não sabe o quanto sofro ao vê-lo aqui.

— Shiii, está tudo bem... tudo bem.

Com um pigarro, Zalo os interrompeu.

— Com licença, ficarei no final do corredor, caso precisem de mim. — Eric e Isabel apenas assentiram.

— Sei que está preocupada, mas estou otimista. Os advogados estão conversando com o juiz, em breve estarei em liberdade. Não se preocupe.

— Deus queira que assim seja. — Tocou-lhe o rosto, sentindo a barba de dias sem fazer crescida sobre a pele.

— Zalo tem me deixado a par de tudo que tem acontecido. Estou chateado que tenha saído de nossa casa, mas ao mesmo tempo fico feliz que esteja segura com seu tio.

— Os empregados enviaram meus pertences secretamente para a casa de tio Ramiro. São pessoas muito valiosas nas mãos de seu irmão, Eric.

Ele caminhava pela cela com as mãos sobre os cabelos.

— Não sabe o quão impotente me sinto com toda essa situação. Meu irmão é um crápula, Isabel. Juro que, quando sair daqui, o farei pagar pelo que fez a nosso pai. — Suas mãos apertavam-se nos punhos fechados.

— Eric..., seu irmão o quer mais do que longe.

— O que quer dizer com isso?

— Sabe o que quero dizer. Precisamos estar preparados... para qualquer coisa. Ele não irá parar apenas por aqui.

— Sim, eu sei. Por isso estou feliz por estar segura fora da mansão, ao menos nesse momento... Zalo tem me falado do que devemos fazer caso eu não consiga provar minha inocência a tempo.

— A tempo de quê?

Ele regressou para perto dela e segurou suas mãos novamente, as beijando com delicadeza.

— Não se preocupe, *mi sol*, dará tudo certo. De qualquer forma, estarei livre. — Tocou as bochechas rosadas, enquanto Isabel deixava cair a mantilha sobre os ombros. — Só Deus sabe o quão sortudo sou por ter te encontrado, meu bem. Me recuso a partir tão cedo.

— E eu o proíbo de ir a qualquer lugar sem mim. — Com os olhos lacrimejantes, ela sorriu. — Preciso dizer uma coisa. Algo que está dentro de mim há muito tempo... pensei ser admiração, carinho..., mas que aumenta e dói toda vez que você não está e me faz pensar em você a todo instante...

Ele a tomou e a beijou por entre as grades.

— Eric... ah, Eric...

— Isabel..., pode dizer o que é isso?

— Isso o quê?

— Isso. — Ele elevou a mão de Isabel até seu coração. — Quando penso em você, dói. Às vezes, de uma forma boa, às vezes, de uma forma ruim. Eu sinto algo que cresce a cada dia aqui dentro... Quase posso ouvir meu coração bombeando diretamente para minhas veias. Talvez, se eu fizer um corte, você possa até se ver refletida em meu sangue, te tenho dentro de mim, Isabel. É diferente de tudo que já senti. E nunca, em nenhum momento, consigo tirar você daqui. — Ele tocou a própria cabeça. — Diga... o que é isso?

— Eu sei... sei exatamente sobre o que você está falando... Eric, sinto o mesmo. Acho que já está mais do que na hora de você saber que eu t... —

Ele não a permitiu terminar a frase, a calando outra vez com um beijo.

— Eu sei... acredite em mim, eu sei. E tudo que é meu você tem de volta. — Ele segurava a mão dela sobre seu coração, como se dessa forma lhe estivesse entregando a própria vida.

— Eric, preciso dizer... — ela falou entre os beijos quando ele voltou a atormentar sua boca.

— Quando formos livres..., diremos um ao outro! — afirmou olhando em seus olhos de uma forma tão solene que não poderia ser levada como menos do que um juramento.

— Quando formos livres — sussurrou, tocando seu rosto e voltando a beijá-lo.

DOIS DIAS DEPOIS, após longas noites insones passadas na biblioteca junto a Juana, ou intermináveis sessões de bordado com Letizia, Zalo adentrou outra vez o salão da mansão dos Fuentes com notícias de Eric.

Isabel o conduziu ao escritório do tio mais uma vez.

— Você não parece muito feliz — observou Isabel.

— O desgraçado é mais influente do que pensávamos.

— O que está tentando me dizer?

— Estou dizendo que o juiz se negou a libertar Eric, e o julgamento será adiantado, a portas fechadas.

— Esse grande borra-botas, se não fosse alguém da família, teria amaldiçoado o dia em que ele nasceu!

Zalo levantou a sobancelha ao ver a baronesa praguejar.

— Isso não é tudo, Isabel.

Com a mão sobre a mesa do tio, fez um aceno para o único amigo que restava a ela e ao marido.

— Vá em frente, nada pode ser pior que isso... pode?

— Tudo está contra ele, há grandes chances de que ele seja condenado, Isabel..., provavelmente enforcado.

— Não... não... — O ar escapou dos pulmões por um instante e ela arfou. — Não podemos permitir isso, Zalo, ele não pode morrer. Eric não pode morrer!

— Escute, Isabel... preciso que mantenha a calma. — Ele a amparou pelos ombros. — Sei que tudo parece muito difícil, mas o mais importante a fazer é pensar em uma forma de ajudar Eric.

Eric está preso... talvez ele fosse morto pela mentira de Alonso... — Isabel pensava enquanto tentava não gritar desesperada.

— Quando soube disso?

— Os advogados o informaram essa manhã..., mas ele sabe do risco de enforcamento desde que foi para a prisão.

Ela respirou fundo.

Não iria permitir que Eric tomasse as decisões todas sozinho dessa vez. Ele havia lhe prometido, e teria que cumprir.

Seriam os dois contra tudo.

— Zalo, preciso que arrume as coisas para que eu o veja outra vez.

— Não acho uma boa ideia, Isabel... está mais complicado, e...

— Farei com ou sem sua ajuda, e você sabe disso. — O homem coçou a cabeça, rendido. — E dessa vez não recuse as joias... você precisará delas.

TARDOU MAIS dois dias para que os arranjos fossem feitos e Isabel pudesse visitar o marido outra vez. Dessa feita, vestia um recatado vestido azul sobre a blusa branca de mangas que se fechava com um camafeu e abotoava-se pela frente. Roupas fáceis de tirar. O caminho até o posto da guarda civil foi feito de forma silenciosa. Isabel Casanova tinha uma estratégia e precisava convencer o marido de todas as formas.

O ar da prisão a deixava doente. Quando o guarda levou-a e a Zalo à cela de Eric, ela sorriu imediatamente.

— Abra! — ordenou ao guarda no seu mais precioso tom autoritário de baronesa. Respirando fundo, entrou na cela. — Podem dar licença a mim e ao meu marido?

Sem por favor, ela lembrou a si mesma que nobres não pediam nem perdão nem licença por seus atos. Eric a observava com os olhos radiantes e ao mesmo tempo cansados.

O guarda e Zalo deram as costas e afastaram-se algumas passadas da cela. Imediatamente Isabel empurrou o marido até a parede e começou a desabotoar o vestido.

— Isabel, o que está fazendo?

— Não importa o que eu faça, apenas me escute. — Segurou em seu rosto, o beijou e, por um instante, apenas deixou-se levar pela saudade e a paixão. Os lábios do marido eram quentes e saborosos, sentia sua falta abraçando-a à noite e nos afazeres matrimoniais. Corava ao pensar, mas não ao deixar expor a parte superior do seu colo.

Eric gemeu alto.

— Isabel... Isabel..., que saudade de seus lábios, *mi sol*.

— Isso... isso... — ela gritou e, em seguida, sorriu para o marido que a encarou de olhos abertos. — Haja o que houver, devem pensar que estamos fazendo algo nesta cela — disse, levantando a camisa do marido de dentro das calças, enquanto ele tentava inutilmente detê-la. — Eric! Oh, me beije! — Ela suspirou alto e um pigarro foi ouvido desde o corredor.

— Creio que devemos dar a eles um pouco mais de privacidade... — A voz de Zalo se fez presente, seguido de um ressoar de botas caminhando.

— O que está fazendo?

— Zalo me contou tudo sobre seu julgamento e sua provável condenação. — Eric fez uma careta. — Não o culpe, eu descobriria de qualquer forma. Ouça-me, e ouça-me bem..., eu tenho um plano.

Deteve-se para beijar o marido uma vez mais e, em seguida, contou tudo que sua mente andou planejando nos últimos dias.

CAPÍTULO 21

Foram necessários treze dias para que todos os arranjos ficassem prontos, mas o momento em que Eric escaparia da prisão finalmente havia chegado.

Essa era a noite em que Isabel veria o marido fora das grades. Mal podia acreditar nisso. Com a ajuda de Victor, deixou a mansão dos Fuentes logo após o jantar, enquanto todos se retiravam para dormir.

Muito cuidado foi tomado por ela e Zalo nos últimos dias para que nesta noite se evitasse o julgamento parcial de Eric.

Não havia dúvidas de que ele seria condenado.

A ansiedade fez com que Isabel não percebesse que a carruagem se detinha pouco tempo depois do início da viagem.

— Já chegamos? — perguntou ao jovem à sua frente. Victor deu de ombros, mas colocou a mão sobre a pistola em sua cintura.

A porta do coche foi aberta com violência, e os olhos de Isabel se arregalaram quando um rosto conhecido despontou.

Juan, o capanga de Alonso. Ela gritou quando ele desferiu um soco no queixo de Victor, fazendo o rapaz desfalecer.

— Vamos, querida, pensou mesmo que suas joias fariam meus guardas serem desleais a mim? — foi Alonso quem disse quando ela foi levada para fora da carruagem.

— Onde está Eric? — perguntou, nervosa.

— Você é a minha garantia de que ele virá ao meu encontro.

Os bandoleiros de Alonso amarraram as mãos e os pés de Isabel enquanto ela se debatia na rua deserta. Quando foi carregada como um saco nas costas de um deles, soube que a única coisa que tinha a fazer era esperar o momento certo para agir. E torcer para que Eric a encontrasse e nada pior acontecesse.



Os homens desceram as escadas dos fundos da prisão. A quente noite os presenteou com suor no corpo ao correrem para longe do edifício.

Tudo que Eric conseguia pensar era em estar longe, nos braços de Isabel, ao menos por uma vez mais.

Montaram nos cavalos que os esperavam a alguns poucos metros da estação da guarda civil e partiram em direção ao Porto de Sevilha.

O caminho foi silencioso entre os homens, tratando de não chamar a atenção, mesmo que fosse noite, e na cidade fervilhante apenas quem não devia ser encontrado dava às caras. Ninguém de boa reputação passeava simplesmente pela cidade à noite, mas a boa reputação do novo barão já havia sido manchada há muito tempo.

O porto estava tal qual Eric esperava, cheio de gente e navios prontos a zarparem. Era um local um tanto sujo, com homens gritando a todo o tempo e qualquer tipo de coisa passeando em caixas e gaiolas. Subiu a bordo do barco Casanova com ansiedade, apenas para encontrar seus homens cabisbaixos e Victor, incumbido de buscar Isabel na casa dos Fuentes, com um grande roxo no rosto.

Sentiu seu estômago doer.

— Onde ela está?

— Patrão, perdoe-me, falhei com o senhor — choramingou o pobre garoto.

— Onde ela está, demônios? — Agarrou-o pelo colarinho.

— Acalme-se, Eric, deixe-o falar primeiro — intercedeu Zalo.

— Estávamos a caminho, a senhora vinha em uma charrete desconhecida, mas fomos interceptados e a levaram.

— Quem a levou, homem, diga.

— Os bandoleiros... capangas de seu irmão — balbuciou o jovem.

— Alonso, maldito! O matarei se tocarem em um só fio dela.

— Imagina para onde a possam ter levado? — questionou Zalo ao amigo.

— Há apenas um lugar aonde ele se atreveria a levá-la. A mansão.



Isabel estava cansada de estar sentada de pés e mãos atados. A mordaça na boca também lhe doía por estar mal colocada.

Nenhum empregado estava na casa, Alonso com certeza se certificou disso, o silêncio em todo o ambiente o demonstrava. Estava presa no escritório da mansão, enquanto Alonso passeava pela casa.

Tratou de aterrorizá-la várias vezes sobre um cruel destino junto a Eric, caso não repensasse sobre a proposta imunda.

Grande desgraçado.

Lembrava do punhal alocado exatamente em sua bota direita, graças a uma breve lição de Juana. “*De que lhe adianta saber lançar, se nunca a levas contigo?*”, havia dito a jovem amazona, a quem Isabel aprendeu a admirar e amar com todo o coração.

Escrutinando o silêncio da casa e sentindo-se segura para dar um próximo passo, Isabel levou as mãos amarradas por baixo da bainha do vestido e arrancou dali o punhal, levando-o diretamente à fina corda que lhe prendia os punhos. Soltando-se com rapidez, foi a vez de liberar os lábios da mordaça para, em seguida, pôr os pés em liberdade.

Bendita seja, Juana — pensou.

Andando depressa em direção à porta, pensava em qual seria seu próximo obstáculo e qual seria o caminho mais seguro para fora do palácio.

Quando sua mão tocou a maçaneta dourada da porta, ela ouviu a voz de Eric, seguida de um tiro. E seu coração parou de bater no peito, tomado pelo temor.



— Diga onde ela está, rato de duas patas, ou juro por Deus que não errarei o próximo tiro.

Fumando um charuto, recostado a uma das poltronas no salão principal, encontrava-se Alonso, que não moveu um só centímetro do corpo com a chegada do irmão.

— Por que tudo com você tem de ser tão dramático? — disse, para gargalhar em seguida. — Aliás, não deveria estar em outro lugar? Atrás das grades, por exemplo?

— Não estou com tempo para brincadeiras. Onde está Isabel?

— Isabel, Isabel..., o que há nessa maldita rameira que o faz perder a cabeça? Creio que poderia afundar seu próprio barco e se importaria menos do que com o que ocorre a essa... senhora.

— Não vou perguntar outra vez, Alonso. — Eric apontava a arma friamente ao mais novo dos Casanova.

— Onde está o fanfarrão que sempre o acompanha? Crê que não sei que arma uma das suas?

— Gonzalo está lá fora, lidando com seus capangas. Não sou um covarde como você, resolveremos isso entre nós dois.

— Muito bem — se pôs de pé —, mas não trago espadas dessa vez, *hermanito*, apenas a inteligência de quem sempre estará um passo à frente de você.

— Não preciso de armas para acabar com isso! — bradou Eric e partiu para cima do irmão, desferindo um soco no maxilar dele, deixando-o atontado por um instante.

Pondo-se em guarda, como nas lutas de boxe clandestinas, Eric aguardava que o irmão se recuperasse para enfiar-lhe um mais nas fuças, quando uma voz desesperada lhe atingiu em cheio:

— Eric! — Era Isabel, que vinha diretamente do corredor.

— Isabel! — respondeu, tirando os olhos de Alonso por um momento.

Apenas um momento e, em seguida, viu o vulto do golpe recebido em sua têmpora esquerda. Isabel gritou em desespero e aproximou-se do esposo apenas para ser empurrada para o lado por Alonso.

— É uma briga que você quer, é briga que você vai ter! — falou Alonso, limpando o canto da boca.

Encostada à pilastra, Isabel via o duelo entre os irmãos Casanova começar, e sua garganta apertava-se com o desenrolar das cenas à sua

frente. Aproveitando-se da vantagem do golpe dado de surpresa, Alonso puxou o irmão pela gola e bateu a cabeça de Eric contra a parede, fazendo-o gemer de dor.

O Barão de Altamira caiu no chão de joelhos enquanto sua testa começava a sangrar. Soube que essa era uma luta de vida ou morte quando o irmão o golpeou sem piedade no estômago com a pesada bota.

Respirando alto e de olhos arregalados, Eric observou com puro terror Isabel aproximar-se de Alonso enquanto ele pairava sobre si com um vaso de cerâmica.

— Não! Alonso, não, eu te suplico. Não faça isso — rogou agarrando os joelhos do homem.

— Temo dizer, minha cara, que, quando tudo isso terminar, já não serei tão generoso em minha proposta. — Ele a empurrou, fazendo com que caísse no chão de costas em um baque surdo.

— Tire suas mãos sujas dela! — vociferou Eric ao levantar e puxar o irmão para um soco que o atingiu bem no nariz.

Alonso Casanova urrou de dor, e Eric não interrompeu a investida, desatando em uma sucessão de socos no rosto do irmão.

Isabel, que via a cena com os olhos fixos, arrastou-se até uma pilastra, onde permaneceu assistindo a tudo com coração palpitante.

Com o rosto coberto de sangue e caído no chão, Alonso gargalhou.

— O que é tão engraçado? A forma como é um patife? — perguntou Eric entredentes.

— Não — controlou-se o Casanova mais jovem —, a forma como você é previsível! — Levantou-se com a rapidez que seus ferimentos lhe permitiam.

Aproximou-se de Eric com os olhos brilhantes em fúria controlada.

— É tão seguro de si mesmo, da sua justiça, da sua honra... que permite que me aproxime, mesmo em uma situação assim. — murmurou Alonso. — Não percebe que não quero feri-lo? Quero-te morto! — dito isso, levou as mãos com agilidade ao pescoço de Eric, empurrando-o à parede mais próxima, sem importar-se com os objetos pelo caminho.

As mãos de Alonso apertam o pescoço de Eric, para o terror de Isabel. Os irmãos se encaravam no mais elevado grau de animosidade que aquele salão poderia suportar. Como deuses do Olimpo a digladiarem em prol de suas imperfeições, riquezas e poderes.

Foi Eric quem quebrou o momento das intenções do irmão, dando-lhe um golpe com o joelho. Alonso caiu no chão uma vez mais, vociferando. Recuperando o fôlego, Eric começou a se afastar, porém foi o barulho da pistola engatilhada que lhe chamou a atenção.

— Não deveria me virar as costas — murmurou Alonso.

Eric engoliu em seco.

Tudo parecia se passar de forma muito lenta diante dos olhos de Eric. Era isso, ele sabia que Alonso iria atirar, esse era o grande objetivo da vida do irmão. Com ele morto, o irmão mais novo se tornaria barão, sob o pretexto de que tivera a casa invadida pelo irmão mais velho, que fugira da prisão.

O miserável conseguiria tudo que sempre quis, até mesmo Isabel...

Não, nunca Isabel.

Queria olhá-la, queria que ela fosse sua última visão antes da morte, porque ela era seu paraíso, mas sabia que o menor dos movimentos poderia desencadear a provável bala em seu corpo.

— Adeus, irmão! — disse Alonso com um leve sorriso ao rosto para atirar em seguida.

QUANDO ERIC CASANOVA abriu os olhos, ele ainda estava no salão principal de sua casa... e vivo. A visão à sua frente, entretanto, o impressionou. Alonso jazia caído no chão com um punhal cravado no pescoço, o ruído de soluços fez com que olhasse para trás.

— Isabel! — Estava encostada a pilastra com os olhos chorosos. — Ah, Isabel...

— Me perdoa..., Eric, eu sinto muito. Tive que fazer... — ela começou a falar, atropelando as palavras combinando com seus arfantes soluços. — Eu o matei! Matei um homem. — Voltou a soluçar.

— Olhe para mim. — Abraçou-a e limpou suas lágrimas. — Escute-me bem, *mi sol*. Salvou a minha vida. Outra vez me salvou... Uma vida por uma vida, lembra-se?

Isabel parou de soluçar por um instante e olhou para o marido como se o visse pela primeira vez.

— Está vivo! Ah, Eric, tive tanto medo de te perder.

— Não, *mi sol*, estou aqui. Sempre estarei com você.

Ele a beijou na testa, nos olhos encharcados, na ponta do nariz e, por fim, nos lábios. Tomou sua mão suavemente e levou uma das palmas aos lábios.

— Tão preciosa, é tão preciosa, Isabel!

Eric olhou para trás e fechou os olhos por um instante, fazendo uma leve prece pelo irmão que se fora. Um Casanova a menos no mundo, mesmo que com suas duras falhas. Ao mesmo tempo, seu pai fora vingado.

— Pelos céus, o que aconteceu aqui? — Zalo questionou em voz alterada ao ver a cena.

— Isabel salvou minha vida. — Balançou suavemente a esposa nos braços e assentiu para o amigo sobre a perda do irmão.

— É uma mulher e tanto, Isabel, se me permite dizer. — Ela apenas acenou com a cabeça, continuando a tranquilizar-se nos braços do marido.

— E o que farão agora?

— Seguiremos com o plano — respondeu Eric.

— Não, não quero! Escute, escute-me, Eric, agora que Alonso se foi, podemos tentar fazer isso de outra forma, não precisamos ficar separados e...

— *Mi sol...*, Isabel..., escute. Quando me convenceu a fazer isso... quando planejamos, tínhamos certeza de que esse momento chegaria. Que não suportaríamos pensar na distância, nos dias sem fim, um sem o outro.

— Mas..., mas...

— Sabe que não há outro jeito.

Se abraçaram outra vez. Passaram por tudo, a vida e a morte. Entretanto a distância ainda seria o maior desafio de todos.

Para tristeza de Isabel, ela sabia que era verdade.

Não havia outro jeito.

A despedida durou um pouco mais, entre beijos, carícias e promessas sussurradas. Então, foi o momento da partida.



Isabel abriu os olhos tratando de entender se a noite anterior não havia sido um sonho. Juana foi a única a saber todos os detalhes dos fatídicos eventos na mansão Casanova.

Com a proximidade do casamento de Letizia, decidiram poupar a doce prima de detalhes tão fortes. Sentaram-se juntas à lareira do salão e conversaram, como em tantas noites anteriores. Havia chorado e sido consolada pela amiga.

Seu coração pesava ainda com o momento da partida de Eric, mas sabia que o marido era honrado demais para apenas aceitar fugir enquanto o nome dos Casanova estivesse na lama. Ele queria justiça, e ela esperaria por ele quanto tempo fosse necessário para estarem juntos outra vez.

— Prima! — A voz de Letizia fez-se presente no quarto.

Isabel sentou-se na cama com cuidado.

— Bom dia, já está de pé? Não se levanta assim tão cedo.

— Temo que ando com muito mais afazeres que o normal por causa de minhas bodas.

— Pois, muito bem, vamos começar esse dia e eu a ajudarei a...

— Isabel, espere. Vim não apenas para acordá-la, mas vim informá-la que há uma pessoa querendo falar com você lá embaixo.

— Comigo? Sabe quem é?

Letizia assentiu.

— É o chefe da guarda.

O estômago de Isabel contorceu-se ao saber a identidade do visitante. Deus sabe que boas notícias nunca eram trazidas por esse homem, muito menos tão cedo à casa.

— Diga que logo o encontrarei na biblioteca.

— Na verdade, já o estão fazendo.

— Quem está?

— Papai e o chefe da guarda, ambos conversaram por alguns momentos e aguardam sua presença. Sinto muito, prima, mas parece algo sério.

— Muito bem, vejamos o que os senhores querem. — Isabel sorriu para a prima ao mesmo tempo em que tratava de tranquilizar-se.

Levantou-se com agilidade e, com a ajuda da jovem, arrumou-se prontamente com uma camisa branca repleta de bordados, um camafeu na gola e uma saia em tom azul-escuro, com a cintura alta marcada em tafetá também azul.

Quando chegou ao escritório do tio, encontrou todos os empregados da casa esperando-a na porta, inclusive Juana a encarava com olhar sinistro.

A porta do escritório permaneceu aberta ao entrar.

— Bom dia a todos.

— Baronesa, bom dia. — o chefe da guarda cumprimentou com gentileza. — Peço que se sente, senhora Casanova...

— Desculpe-me, mas até saber do que se trata, prefiro ficar de pé.

— Muito bem. Pois assim vamos.

— Minha querida... — *Don* Ramiro se intrometeu tocando a mão da sobrinha —, Eric escapou da prisão ontem à noite...

— Se pensam que sei algo sobre o paradeiro de meu marido, pois saibam que não o diria nem mesmo se soubesse.

— Não é apenas isso, senhora Casanova... infelizmente houve um acidente nas docas... Um navio explodiu enquanto zarpava...

Um zumbido forte começou a soar nos ouvidos de Isabel enquanto ela pensava no que faria a seguir. Não prestou atenção muito bem no que falavam os homens, mas sabiam o que diziam.

“Temo que o barão esteja morto, senhora”.

Essa era sua vida a partir de agora, e ela devia assumir como tal.

Isabel desmaiou.



Oposto exato de heróis



CAPÍTULO 22

ILHA TENERIFE – CONVENTO NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA – 1895

O doutor David Walker teve seu sono interrompido ao pressentir a presença de alguém no quarto em que dormia. Na escuridão da madrugada, o vento frio soprava vindo diretamente da janela que ele tinha certeza haver fechado antes de dormir.

Assustado, levantou-se da cama a fim de fechar a fina brecha quando se deparou com Isabel Casanova caminhando em direção aos portões do convento. Pensou em gritar, mas ao mesmo tempo lembrou-se que ela sempre caminhava pelo local à noite, como se não dormisse, vagando como uma figura fantasmagórica pelo local.

Foi quando ele a viu com as chaves nas mãos e soube que ela tentava escapar.

Era Isabel Casanova uma refém no convento? Ele sabia que não, mas também sabia que não era prudente uma dama como ela sair desacompanhada a largas horas da noite.

Queria poder ignorá-la, mas aquele caso o tinha consumido completamente já há bastante tempo apenas para regressar a cama e dormir.

Vestiu a camisa e a calça de forma atrapalhada, buscou o paletó sobre a cadeira e saiu porta afora, descalço, em busca da baronesa.

Isabel pareceu perceber que o médico a seguia, pois passou a correr desenfreada em direção à praia. A noite alta trazia consigo a neblina, o som do mar agitado atrapalhava as frágeis tentativas do homem em chamá-la.

— Isabel! Senhora Casanova! — ele clamava, porém sem resposta.

O pânico alojou-se no corpo do jovem médico quando não a viu diminuir o ritmo de seus passos ao chegar próxima ao mar. Pelo contrário. Só então ela olhou para trás e ele a viu sorrir. Os cabelos esvoaçantes, um vestido branco do mais leve tecido que ele já vira alguém usar. Ela acenou para David como se dissesse adeus e sucumbiu às ondas que tomavam o mar, com o céu de cores escuras, o ar cinzento, neblina, orvalho e a água salgada.

Nada mais o pobre médico pôde fazer. Sem seus óculos, em meio à imensidão do mar e no breu da noite, mal podia ver um palmo além de si

mesmo.

Ele foi a testemunha da última vez em que Isabel Casanova fora vista.



Dois dias depois, com o convento de luto, o navio que levaria o jovem médico à casa estava para partir.

— Obrigado, madre, por toda a hospitalidade... e outra vez, sinto muito pelo que aconteceu à senhora Casanova. Vê-se que a senhora e todos nessa ilha têm muito apreço por ela e sua família.

— Ah, meu jovem rapaz, se soubesse... se os tivesse visto juntos, com certeza poderia entender um pouco do desespero daquela jovem moça. Uma pena que nenhum tratamento pareceu suficiente para ajudá-la. Ainda tinha muita vida pela frente.

— Lamento sua dor, madre, mas acredite quando digo que a loucura da baronesa não tinha mais solução. Ela realmente acreditava em tudo que dizia, há pessoas que simplesmente não querem ser salvas. Apesar de encontrar em Isabel Casanova uma força de viver impressionante, além de ser uma mulher inigualável.

— Ela foi, senhor Walker, ela foi — a madre completou, parecendo dizer mais para si mesma do que para o doutor.

Após as breves despedidas, o médico embarcou no navio e ocupou sua cabine apertada com suas malas e alguns tantos pertences levados de recordação da ilha. As freiras fizeram questão de preparar-lhe lanches para a viagem, assim frutas, queijo, presunto e pães estavam muito bem embrulhados em uma de suas bolsas.

Sentando-se na poltrona e fechando os olhos, não pôde deixar de pensar na jovem baronesa, a paciente que o intrigou nas últimas semanas. Arriscou-se no mar em busca da dama, mas, sem os óculos, com a neblina e a maré alta, Isabel foi engolida por sua própria loucura e ousadia.

Quando o navio indicou estar zarpando, ele permitiu-se descansar.

Acordou algum tempo depois com fome, buscou o relógio no bolso de seu casaco e encontrou ali um envelope que não se lembrava ter guardado.

“*Para sua consciência*”, eram os dizeres. Na cera lacrando o pequeno quadrado, estava o timbre que passou a conhecer muito bem: o brasão Casanova.

Com curiosidade, o médico abriu a carta.

“*Caro doutor Walker,*

Desde muito cedo aprendi que para uma mulher contar uma mentira, é necessário que esteja dizendo a verdade. Ao menos, de certa forma. Quem me ensinou isso foi minha mãe, que me batizou com o nome de Isabel por amar nossa rainha católica. Gosto de pensar que ela estava certa, porque com isso ganhei o dom, e a infelicidade, de não saber mentir.

Meu marido foi um homem que muito logo entendeu que eu não sabia mentir, por isso, quando foi preciso, convenci-me que a melhor forma de enganar a todos... era dizendo a verdade.

Quando Eric foi preso, nós sabíamos que não havia como esperar pela justiça dos homens, ele seria enforcado, e a justiça divina tardaria a nos fazer encontrar-nos em alguma espécie de pós-vida. Não para mim, não para Eric. Nós, os Casanova, fazemos o nosso próprio destino. Assim, na prisão, ofereci a meu esposo a mais insultante das ideias, que ele aceitou.

Escapar não é um ato de covardia, é uma estratégia de guerra.

Conheço os loucos, assim como o senhor. Sei como se comportam, sei como andam e como acreditam no que dizem. Em minhas andanças pelos hospitais, vi vários. Gente que já era louca, gente que estava ali porque foi internada, e então ficou louca.

Uma mulher insana é algo com que a sociedade não sabe lidar, e uma viúva louca não deveria ser tão difícil de encenar. Até mesmo com um médico tão dedicado como o senhor, que transformou minha rotina para mais difícil... minha espera mais agitada.

Quando todos tentavam convencer-me da morte de Eric, lembrava-me de sua promessa, de como nunca falhou em nenhuma das que me fez na vida. E que também estar morto era parte do plano.

Assim, doutor Walker, agora estou junto ao meu marido. Não sob um manto divino, não em uma fantasia, mas em uma nova vida, no Novo Mundo.

Quantas vezes agradei por o senhor ser tão displicente e esquecer seus óculos. Na última vez, era Eric quem chegava com a bandeira, mostrando o momento em que nos encontraríamos.

Confiando no acordo médico-paciente, sei que o senhor escolherá o que fazer de melhor com essa carta. Para sua pessoa, desejo boa saúde e um bom casamento com a jovem que o aguarda.

Mas, se quer o meu conselho... não há nada na vida como o amor.

Isabel Casanova.”

Completamente afetado, o médico recostou a cabeça na poltrona, sentindo a tensão sobre o que acabava de ler dominar seu corpo. Isabel Casanova e o esposo trapacearam em nome de suas vidas, para ficarem juntos. Isso, nenhum livro de medicina lhe ensinou como lidar ou reconhecer. Talvez por isso tenha falhado miseravelmente em seu julgamento sobre os Barões de Altamira.

Não sentia nada mais que admiração e respeito pelos dois por tal feito. Para demonstrá-lo, decidiu rasgar a carta em pedacinhos para lançar no mar o mais pronto possível. O oceano que seria agora a única prova da promessa de Isabel.

Fascinado, o doutor Walker passou a comer um de seus lanches enquanto ainda pensava em toda a grandiosidade dessa história e em como, sem a carta, se um dia decidisse, faria para que acreditassem nele quando contasse. Foi quando soube que ele jamais diria uma só palavra.

Diferente da cabine silenciosa do jovem médico, nas outras ao lado, homens e mulheres folheavam os jornais intrigados com uma só coisa: A Maldição Casanova.

Nos periódicos de toda a Espanha, circulava o desenlace da história da família Casanova, e como a prisão de um grupo de bandoleiros era a prova final de que Eric Casanova, o Barão de Altamira, não era um assassino, e sim seu irmão, Alonso, o mais novo dos Casanova. Era o burburinho geral

na sociedade de que os testemunhos dos bandidos limpavam a honra de um homem inocente, cujo final trágico deixara a esposa louca.

Afinal, a vida dos nobres de Andaluzia era algo que sempre causava muita curiosidade a todos.

CAPÍTULO 23

Isabel despertou com os raios de sol em seu rosto pelas frestas da janela da cabine do que era o novo navio Casanova. Ela tratou de apoiar o braço esquerdo no colchão a fim de levantar e o sentiu dolorido por causa de dias atrás.

Estava em alto-mar outra vez havia mais de uma semana, porém o mais importante era que estava junto a Eric de novo. Ainda se perguntava se era um sonho, mas, ao olhar para o lado e ver a moeda que ele um dia lhe dera entre as coisas na mesinha do lado da cama, ela soube que seu maior desejo havia se tornado realidade.

Isabel vestiu-se sem vaidade e cuidado, coisas que o alto-mar lhe permitia, e caminhou para fora, deixando a cabine para trás da mesma forma que ela e o marido deixaram a Andaluzia em busca de sua nova vida.

Encontrou Eric no convés, distribuindo ordens aos marujos com uma luneta em mãos, aparentemente avistando algo que ninguém mais podia ver.

— Bom dia, Isabel — cumprimentou Zalo enquanto entrava na cabine.

— Bom dia, Zalo. — Acenou e fechou a porta. O marido ainda não podia vê-la, aproximou-se de suas costas com um sorriso nos lábios. — Pensei que haveria mais mordomias para mim por dormir na cabine do capitão, mas não encontrei nem mesmo o sinal de uma bandeja de café da manhã.

Eric se voltou para ela sorrindo.

— Bom dia, *mi sol*. — Estendeu a mão, e ela segurou sem pensar duas vezes. Ele depositou um beijo doce em seus lábios, como sempre fazia a cada vez que a tinha por perto. Isso quer dizer, a todo momento. — Como está seu braço? — Tocou gentilmente o lado esquerdo de Isabel, procurando pelo curativo que ele mesmo ajudou a fazer.

— Melhorando, não dói mais tanto...

— Eu estava desesperado quando a tirei para fora d'água desacordada. Não era para ter sido assim... Disse a Zalo que deveríamos ter descido até a praia...

— Você me salvou... Como sempre. — Ela tocou seu rosto e ele segurou a mão dela, aprofundando a carícia.

— Salvamos um ao outro — ele disse com um brilho nos olhos, como ela nunca havia visto. — Eu a amo, Isabel Casanova — falou simplesmente, arrancando o ar do peito de Isabel, devolvendo-lhe vida e enchendo seu olhar de felicidade.

— Eric... — Seus olhos cheios de lágrimas acompanharam o sorriso em seus lábios quando ela decidiu beijá-lo. — Céus... Deus devia castigá-lo por fazer-me esperar tanto tempo para ouvir isso. — Riram enquanto encaravam um ao outro. — Amo você, Eric Casanova, e não se atreva a escapar da minha vista por todos os anos que nos restam de vida.

— Venha, *mi sol*, venha ver nossa nova casa. — Circundou-a com os braços, entregando-lhe a luneta, enquanto observavam a magnitude do mar à sua frente, desde a proa do navio.

— É o Porto de Veracruz! — murmurou animada e saltitante nos braços do marido.

— Sim, e é nossa nova casa. — Ele a fez encará-lo. — Mas lembre-se... meu lar sempre será você.

O céu brilhava sob o sol escaldante enquanto os apaixonados faziam juras eternas. Talvez aquilo fosse realmente o brilho da luz vindo após finalmente escaparem de toda a escuridão. O brilho da liberdade, de amores que nascem e nunca morrem.

EPÍLOGO

ESPANHA 1896 – GRANADA

Para a Duquesa de Granada, Doña Letizia Fuentes de Navarro.

Estimada Duquesa,

Escrevo desde o norte do Egito, do que restou do campo de batalha, para informar-lhe que seu marido há meses desaparecido, Don Diego Navarro, Duque de Granada, foi encontrado vivo em uma de nossas brigadas.

Lamento informar que ele se encontra ainda com saúde debilitada, mas seu retorno para o lar será prontamente organizado.

Que este telegrama a encontre em muito boa saúde.

Coronel Mauricio Montero.

A jovem duquesa permitiu-se apenas um momento para reler as palavras da carta que viera atormentá-la para jogar o papel na lareira crepitante, uma vida recém-construída com muito esforço.

Diego estava vivo..., e não sentia nenhuma felicidade nisso.

O marido a transformou em um ser miserável nas poucas semanas após o casamento, enquanto viveram juntos no Castelo caindo aos pedaços em Granada.

Rato mentiroso — pensou.

Pois, muito bem, que retorne. E que esteja vivo o suficiente para aguentar a mulher que me tornei, que se reergueu sob os escombros daquela casa e pagou as inúmeras dívidas deixadas por ele.

Não era mais uma menina, não seria mais uma vítima.

Deus seria sua testemunha, seu cúmplice, do que uma mulher obstinada era capaz de fazer.

Bem-vindo ao inferno, *Don Diablo*, ela seria sua carrasca.

AGRADECIMENTOS

Se você chegou ao final deste livro, tudo que eu tenho a fazer é agradecer por lê-lo e desfrutar da história de Isabel e Eric.

Deixe-me primeiramente pedir perdão por minhas doses de licença poética em alguns fatos e locais, como distâncias geográficas e até mesmo o uso do convento de Nossa Senhora Candelária que, na verdade, abriga monges desde o tempo medieval e encontrava-se interditado na época em que este livro se passou.

Obrigada aos *podcasts* de história da Espanha que me divertiram e me fizeram entender o passado desse país maravilhoso até que eu me sentisse parte dele.

Em seguida, quero agradecer a alguém que não irá ler isso, porém mora em meu coração da mesma forma. Senhor José Maria Cano, obrigada por criar a lenda de Ana e Miguel na canção *Naturaleza Muerta* e me fazer sonhar com um final feliz para esse amor desafortunado. Foi assim que Isabel e Eric vieram parar em minha cabeça.

Ao meu grupo de betas: Nariane, Jeanne, Neila e Ivone (a melhor das tias), que aceitaram o desafio de me aturarem nessa jornada e acreditaram em mim e nesta história mais do que eu mesma. É por vocês que consegui, meninas.

À doutora Denise Medeiros pelas longas conversas sobre medicina no século XIX e por não se importar em receber mensagens às onze da noite com os seguintes dizeres: “*se eu quiser matar alguém, qual o melhor veneno?*”. Risos.

E, sem mais delongas, quero agradecer ao meu grande oráculo, a prova de que mulheres devem (e vão) comandar o mundo: Karina Heid e Tatiana Mareto. Obrigada pelo “*Comer, Escrever e Fofocar*”, obrigada por todo amor, carinho e compreensão (e puxões de orelha).

E lembrem-se, queridas leitoras: *o amor vale a pena.*

A vingança de uma DUQUESA

Série
Nobres de
Andaluzia

Livro II

Sarah
Summers

CAPÍTULO 01

GRANADA - 1896

Aquele era seu momento favorito do dia.

A parte em que tinha tempo suficiente para encarar toda a propriedade a seus pés, ficando sozinha e assim, quase ignorar que os problemas existiam. No entanto, hoje, por mais que quisesse fingir que nada de mal acontecia, a paisagem à sua frente lhe recordava o desafio que tomara para si nos últimos meses.

— *Maldición!* — praguejou Letizia.

Uma dama jamais xingava, entretanto, ela não era uma dama qualquer. Era, há exatos seis meses, a Duquesa de Granada. Levava consigo um título arruinado, assim como o castelo em que vivia.

O olhar da jovem duquesa percorreu os campos à sua frente. Do alto da campina, sob o céu azul sem nuvens, ela via o estrago causado pela chuva nos delicados pés de azeitona, que finalmente haviam começado a dar frutos, e agora encontravam-se em estado caótico. Tal qual sua vida nos últimos tempos.

A proximidade do pôr-do-sol trazia ainda mais melancolia aos seus pensamentos. Ela apostara tudo naquelas últimas sementes. Fora um grande trabalho convencer os arrendatários a ficarem em suas casas, apesar da ausência do duque, e penhorara suas últimas joias para comprar o material necessário e sobreviver até a próxima colheita.

Agora tudo estava perdido.

Não sabia como controlar a ira que sentia crescer dentro de si. Todos os dias acordava com raiva de si mesma e do grande causador de suas preocupações. Enchia-lhe de ódio o fato de estar vivendo sob circunstâncias tão desesperadas por conta de um casamento que jamais deveria ter acontecido.

Maldito seja Diego Navarro.

Amaldiçoá-lo tornou-se um hábito, como uma oração fervorosa que teimava em sair de sua boca.

Letizia sentiu o vento do fim de tarde sobre o rosto enquanto a incerteza dos próximos dias lhe abatia. Ao longe, uma voz passou a chamá-la, desesperada.

“*Doña Letizia*”.

O tom respeitoso a arrancou de seus devaneios.

“*Doña Letizia*”, a voz bradava vez após outra e a fez virar-se em direção do som. Era Santiago, o mordomo, quem corria morro acima, entre os pés de azeitona, como quem acabara de ver uma assombração.

— Santiago, *por Diós*, qual o motivo de tanta pressa?

— Perdoe-me, *señora* duquesa, mas acaba de chegar um oficial do exército que deseja muito falar-lhe.

E agora isso, mais problemas.

Com um leve suspiro, ela limpou as mãos suadas no vestido barato e puído que usava. Alcançou a égua que montara para visitar os campos e subiu na cela. A posição sobre o cavalo fazia o tecido levantar quase até seus joelhos, mas ela não se importava.

— Volte caminhando devagar, Santiago — falou, preocupada com a saúde do velho, antes de montar e sair em disparada para o castelo.

— Sim, *mi señora*.

Letizia cavalgou com pressa de volta com a firme convicção de que o dia que tanto aguardava finalmente havia chegado. Com seis meses de atraso, o anúncio sobre o futuro de sua vida acercava-se como o próprio cavalo que galopava sob ela.

Foram meses sem notícias de seu marido, Diego. Não que lhe fizesse a mais mínima falta, entretanto, a incerteza a inquietava. E agora, por fim, poderia deixar esse episódio de sua vida para trás e retornar a Sevilha, de onde jamais deveria ter saído.

De repente sentiu um aperto no peito. Granada havia se tornado seu lar nos últimos meses, e havia lutado tanto para fazer do Castelo Navarro uma casa decente que lhe partia o coração deixar tudo para trás. Pela primeira vez na vida tivera algo só seu, sob sua responsabilidade. Todos naquele lugar dependiam de seu esforço e coragem.

Como poderia deixá-los para trás, agora que nada daquilo lhe pertenceria?

Avistou a carruagem que provavelmente levara o oficial até o castelo assim que terminou de descer a campina. Juana a esperava na entrada, com seu habitual olhar desconfiado.

Apressada, desmontou e foi em direção à escadaria. Estava prestes a trocar um par de palavras com a meia-irmã quando Josefina, a cozinheira,

irrompeu porta afora com seus sapatos barulhentos e olhar assustado.

— Finalmente a senhora chegou, *Doña* Letizia, há um oficial muito sério esperando-a no vestíbulo. O homem não diz uma só palavra e não quis aceitar nada para comer.

— Acalme-se, Josefina, já vou me encontrar com ele. — Passou as mãos pelos fios rebeldes em sua cabeleira ruiva, presos por um lenço que quase enfaixava a cabeça, e levantou a sobrancelha esquerda para Juana. A outra jovem meneou a cabeça em direção ao interior da casa.

É isso. Este é o fim desse capítulo assustador de minha vida.

— Boa tarde — disse assim que entrou na enorme sala de espera. As grandes janelas douradas encontravam-se abertas, e Letizia agradeceu por ter incluído cortinas em seu enxoval, as melhores peças agora davam um ar mais respeitável ao castelo, cujo interior encontrava-se cada vez mais deplorável.

— *Señora* duquesa. — Um homem alto e loiro encontrava-se próximo à uma das paredes que mais necessitavam de uma mão de tinta. Seu olhar era curioso, porém, respeitoso o suficiente para não demonstrar o que pensava da casa. O jovem oficial fez uma mesura, e Letizia agradeceu com um leve cumprimento. — Trago uma mensagem urgente do Coronel Mauricio Montero, *señora*. — Sua mão enluvada no traje militar lhe entregou uma carta, cujo selo marcava o símbolo e a patente do dito coronel.

— Muito bem... algo mais? — perguntou, tratando de soar o mais casual possível.

— Não, *señora*.

— Necessita de algo, oficial? Talvez comida e um local para pernoitar? Perdoe-me se pareço um pouco brusca, mas me encontro sozinha nessa casa e não posso dar margem a comentários.

O homem negou com veemência.

— Tenho ordens de regressar o mais rápido possível, *señora* duquesa, então, já estou de saída.

— Que assim seja. Vou pedir que o acompanhem... — Nesse instante, Juana entrou em seu campo de visão.

Claro que não seria diferente, é óbvio que ela ficaria, como sempre, à espreita de qualquer perigo para defendê-la.

— Eu o acompanharei, oficial — a moça disse enquanto seus olhos deixavam transparecer ainda mais interesse pelo conteúdo da carta.

— Foi um prazer, *señora* duquesa. Com a sua licença.

Segurando firmemente o papel em suas mãos, Letizia observou o homem partir rumo à saída da casa com Juana. Josefina escolheu esse momento para entrar no salão e encará-la com olhos curiosos.

— Estarei no meu quarto, gostaria de não ser incomodada — disse depois de dar um leve suspiro e guardar a carta no bolso do vestido.

— Claro, *señora*.

Com passos firmes, Letizia se dirigiu à escadaria e, para sua própria surpresa, logo se viu correndo para sua suíte. Os empregados já haviam se acostumado com seus hábitos, assim, um banho já tinha sido preparado e a lareira estava acesa, a fim de não permitir que passasse frio com a noite que se aproximava.

— Muito bem, vamos ver o que o destino me reserva — disse para si mesma depois de fechar a porta e caminhar até a lareira com a carta em mãos.

Para a Duquesa de Granada, Doña Letizia Fuentes de Navarro.

Estimada duquesa,

Escrevo desde o norte do Egito, do que restou do campo de batalha, para informar-lhe que seu marido há meses desaparecido, Don Diego Navarro, Duque de Granada, foi encontrado vivo em uma de nossas brigadas.

Lamento informar que ele se encontra ainda com a saúde debilitada, mas seu retorno para o lar será prontamente organizado.

Que este telegrama a encontre em muito bom ânimo.

Coronel Mauricio Montero.

A JOVEM duquesa permitiu-se apenas um momento para reler as palavras da carta, que vieram a fim de atormentar uma vida recém-construída com muito esforço, para, em seguida, jogar o papel no fogo crepitante da lareira.

Diego estava vivo... e não sentia nenhuma felicidade nisso.

O marido a transformou em um ser miserável após o casamento, nos poucos dias que viveram juntos no castelo caindo aos pedaços em Granada.

Rato mentiroso.

Pois muito bem, que retorne. E que esteja vivo o suficiente para aguentar a mulher que me tornei. Que se reergueu dos escombros daquela casa e pagou as inúmeras dívidas deixadas por ele.

Não era mais uma menina, não seria mais uma vítima.

Deus seria sua testemunha, seu cúmplice do que uma mulher obstinada era capaz de fazer.

Bem-vindo ao inferno, *Don Diablo*, ela seria sua carrasca.

— E então? — A voz de Juana, na porta, quebrou o silêncio contemplativo no qual Letizia se encontrava. Com olhos bem abertos e cobertos de lágrimas silenciosas, ela se virou.

— Está vivo, Diego está vivo. — Caiu de joelhos.

— *Madre de Diós!* — Juana fechou a porta e foi em direção à irmã.

— Eu pensei... pensei que... — As lágrimas de Letizia se mantinham firmes em não cair, ela bateu as palmas das mãos no chão enquanto apertou o maxilar. — Todo esse tempo... todo o nosso esforço... e agora ele vai estar de volta.

— Letizia, acalme-se. — De frente uma para a outra, as jovens se encararam. — Olhe para mim. Você não estará sozinha desta vez.

— Eu o odeio, Nita... odeio com todas as minhas forças.

— Eu sei.

— Não vou permitir que me humilhe de novo... não vou permitir que...

— A duquesa engoliu seco antes de completar suas palavras. A mandíbula apertada denotava repulsa ao lembrar dos sórdidos dias ao lado do marido.

— Estarei ao seu lado, ouviu bem? Estarei com você.

As damas se abraçaram, tratando de encontrar forças no aconchego familiar. E, enquanto encarava a chama ardente na lareira, Letizia prometeu a si mesma que o marido enfrentaria uma guerra ainda pior ao voltar para casa.

Diego Navarro, o Duque de Granada, desejaria ter sido deixado para morrer no campo de batalha. Esta seria a sua vez, a sua vingança.

CAPÍTULO 02

A carruagem não parava de sacolejar, o que só piorava sua dor de cabeça. A viagem fora longa e a última etapa parecia interminável.

Afrouxou um pouco os botões de seu uniforme militar enquanto rememorava tudo que sabia desde que acordara ferido e com fome em Melilla. As coisas finalmente se acalmaram na fronteira com o Marrocos e os oficiais acharam melhor enviá-lo de volta para casa, afinal, era um duque.

Ao menos fora isso que lhe disseram. Que era um duque e que se chamava Diego, Diego Navarro, o Duque de Granada. Ainda aprendera que muitos o apelidaram de *Don Diablo* e sua cabeça confusa não fez muito caso de entender o porquê.

Tudo parecia uma grande mancha em sua mente. Despertara com pouca roupa e sem saber quem era, assim, para ele, ter um local para onde voltar era um grande luxo. Conheceu um homem na enfermaria que morreu ao seu lado, com um ferimento na barriga. Levou a mão até o braço enfaixado, onde lhe restavam apenas uns arranhões após o tempo de convalescência no acampamento.

Seu estômago se revirou.

Então seu nome era Diego Navarro... e que coisas o aguardavam ao regressar ao lugar que chamava de casa?

E, por Deus, onde era esse tal lugar, pois estava há um dia e meio na estrada e parecia não chegar a parte alguma. A carruagem sacolejou uma vez mais, quase causando-lhe náuseas, e decidiu pedir ao condutor que parasse um pouco, mas, assim que abriu a janela, viu a paisagem nova, que lhe tirou o fôlego.

Verde, muito verde, pequenas árvores plantadas em fileiras sobre um morro íngreme, fazendo um caminho rumo ao castelo.

Um castelo? Será que...

Seu questionamento foi respondido quando o cocheiro fez a volta em direção ao local.

— *Virgen Santa!* — exclamou. O lugar era imenso, um castelo, um castelo de verdade. Devia datar da Idade Média, tinha torres e era feito de

pedras. O comandante não estava errado, ele era mesmo alguém importante.

À medida em que o coche se aproximava, ele via pessoas se dirigirem à entrada do edifício. Quando o veículo se deteve, ele soube que havia chegado. Não ousou mexer na cortina e espiar o lado de fora antes de sair. Batendo os pés e suando um pouco, tratou de controlar-se.

“*Você é um homem recém-casado*”, dissera o coronel da infantaria que o encontrara. “*Volte para casa e esqueça a batalha*”, foi o conselho que o homem lhe dera.

Quis rir. Se ele ao menos se lembrasse...

Muito bem, então era isso. Havia uma esposa e um ducado à sua espera do lado de fora, este era o momento de conhecê-los. A porta da carruagem se abriu e a pequena escada foi colocada para ele. A luz do sol lhe ofuscou a vista por uns instantes enquanto descia os degraus minúsculos. Já com os pés firmes na terra, pôde olhar em volta.

Sem sombra de dúvida, esperava um pouco mais de pompa. Além do cocheiro, outras quatro pessoas se dividiam ao largo da escadaria do imponente castelo. Um homem de idade avançada e ombros um tanto curvados se adiantou.

— *Señor* duque, que alegria o ver em boa saúde... — O homem começou a dizer coisas sem parar enquanto se atarefava junto ao cocheiro para retirar suas poucas coisas da carruagem. Logo em seguida uma mulher de meia-idade, limpando as mãos sem parar em um avental, também se aproximou. Só que nada disso importava, porque, quando olhou para cima, ele a viu.

Uma espécie de ninfa, de cabelos acobreados e olhos grandes e penetrantes, que o encaravam como lâminas feitas de diamante. Sua cabeça altiva indicava autoridade e, apesar de suas roupas um tanto simples, ele teve certeza de que aquela só poderia ser ela, a sua duquesa.

Ora, afinal, se ele a escolheu uma vez, o instinto o faria reconhecê-la de novo, certo?

Ao seu lado, encontrava-se outra jovem, de pele preta, com um olhar ainda mais cortante, e juntas lhe passavam a impressão de que não estimavam muito sua presença. O que só poderia ser um engano. Quem não ansiava estar na companhia de um sobrevivente de guerra?

— *Señor* duque... o senhor trouxe apenas isso de bagagem?

A voz do velho o tirou do devaneio.

— Sim... sim, meu caro... como devo chamá-lo?

— Não se lembra de mim, *Don* Diego? — Com um olhar assustado, o homem esperava pela resposta, mal sabia a notícia desagradável que ele trazia consigo.

— Não, infelizmente meu ferimento de batalha debilitou minha memória... — falou alto o bastante para que as jovens no topo da escada também pudessem ouvir. Ela, a ninfa ruiva, levantou uma sobrancelha e mordeu o lábio inferior. O homem ao seu lado mostrou um olhar horrorizado ante sua frase e fez o sinal da cruz por duas vezes, o que quase levou Diego a rir. — Vejo, por sua reação, que provavelmente o senhor me tem em sua mais alta estima, por isso, peço que discretamente me confirme qual das damas logo acima é a dona das minhas quinzeas.

— *Doña* Letizia, supostamente — o homem afirmou, cochichando. Ao perceber que o nome não lhe servia de nada, bateu com a mão na própria cabeça. — A dama da esquerda, meu senhor.

Diego sorriu, assentindo para o velho. Acabou dando leves palmadinhas nas costas do homem, em agradecimento.

— E a você, como devo chamar? — perguntou à mulher que se adiantara a cumprimentá-lo.

— Josefina, meu *señor*, ao seu dispor. — Com o que deveria ser provavelmente a pior medida já feita no mundo, a mulher o saudou; desacostumado com tanta atenção, ele sentia vontade de rir. — Estávamos todos muito preocupados.

— Obrigado — retribuiu o cumprimento com um leve menear de cabeça.

Ela ainda estava lá em cima, observando a situação de longe, como uma pantera que aguarda pacientemente a presa se afastar do bando a fim de atacar.

Definitivamente os olhos da duquesa mostravam-se nada amistosos com sua volta.

Livrando-se do quepe, Diego partiu escada acima para conhecer sua esposa. Viu quando Letizia — o nome combinava com ela — suspirou profundamente com sua proximidade.

— Minha senhora. — Estendeu a mão a fim de segurar a dela, e recebeu o vento em resposta.

Com os lábios firmemente fechados, sua esposa o fitava, observando cada pedaço de seu rosto.

O que tanto ela procurava? Acaso pensou que regressaria amputado e coberto de cicatrizes? Por que não pulava de felicidade ao vê-lo bem e saudável e com apenas um braço enfaixado?

— Esta é sua casa, senhor meu marido. Que desfrute bem de seu retorno.

E, simples assim, deu as costas e partiu rumo ao interior do castelo.

“Que desfrute bem do seu retorno?”

O que ela queria dizer com isso?

E por que não um *“seja bem-vindo de volta”* ou um simples *“é bom vê-lo”*? Que espécie de esposa recusava o galanteio do marido recém-chegado?

Balançando a cabeça, Diego tratou de espantar os pensamentos sobre a esposa e concentrou-se em como ela era linda. A mulher tinha o mais belo par de olhos que ele recordava ter visto. É bem verdade que não se lembrava de muita coisa, entretanto, ele poderia afirmar que não deveria haver em toda Espanha par de olhos tão bonitos como os de sua esposa. Pareciam-lhe duas esmeraldas, que, além de brilhantes, eram acompanhadas pelas bochechas magras e rosadas e o cabelo vibrante como o fogo.

Em um primeiro momento, ele havia ficado sem fala, mas agora pensava o quão sortudo era.



— Onde está a duquesa? — questionou enquanto o mordomo lhe entregava a bandeja com o jantar. A tarde passara muito rápido após sua chegada e não tivera mais notícias de sua esposa. Um banho fora logo

preparado para ele pelo velho Santiago, o que se mostrou muito oportuno, pois, assim que se sentou em sua cama, de banho tomado e roupas largas e confortáveis, seu corpo mostrou-se estar mais cansado do que imaginava.

— *Doña* Letizia está jantando em seus aposentos na ala oeste, meu *señor* — o velho murmurou com certa inibição.

— Não está no quarto ao lado? — Diego encarou a porta de comunicação à direita por um instante, antes de prestar atenção na comida em seu colo.

— Bom, *señor* duque, a duquesa se mudou para a torre desde que o senhor viajou...

Diego assentiu com a boca cheia de sopa. Um pedaço de pão e um copo de água foram incluídos na bandeja, estava cheio de fome, porém a comida caiu como pedra em seu estômago. Não imaginava que estava tão mal alimentado assim na base militar. O tempero caseiro trazia ótimas sensações à sua boca, continuou a comer sem se importar se ia passar mal ou não.

— Gostaria de enviar algum recado à duquesa, *señor*?

Diego parou e pensou por um instante. A mulher não veio vê-lo nem perguntou como estava desde que havia entrado na casa. Talvez um pouco de comunicação fizesse bem.

— Diga à duquesa que desejo vê-la depois do jantar.

— É claro, direi agora mesmo.

O homem pediu licença e o deixou sozinho em seu quarto com os próprios pensamentos, e tudo que sua mente recordava eram os dias de recuperação no acampamento militar. Todos os homens magros, feridos e sujos dizendo o quanto era sortudo por ter sobrevivido. Enquanto mastigava o restante do pão molhado na sopa de vegetais, um início de dor se formou em sua cabeça. Fechou os olhos um momento, com a esperança vã de que assim poderia espantá-la.

Não soube quanto tempo ficou com eles fechados, mas quando os abriu, sua esposa o encarava da porta.

Vestia um traje diferente de quando a viu logo mais cedo. Este tinha mais classe e era de tafetá rosa. De fato, a roupa a fazia parecer mais nova, e as maçãs de seu rosto tinham mais cor, o cabelo, no entanto, agora estava preso em uma longa trança. Um perfume cítrico invadiu o quarto, fazendo com que ele sentisse vontade de aproximar-se ainda mais dela.

— Santiago disse que Vossa Graça solicitou minha presença. — Seu tom era assustadoramente amável. Assustador, pois seus olhos denotavam inquietude.

— Sim. Não gostaria de tomar um pouco de xerez junto a mim? Não a vi em todo o tempo desde que cheguei. — Tratou de soar o mais amistoso possível. Queria conhecê-la, sua esposa poderia ser a chave para tratar de entender quem realmente era.

— Não temos xerez — ouviu-a dizer com olhos semicerrados.

— Outra coisa, então. O que há para beber na casa? — Engoliu em seco. *Não havia xerez?*

— Temos chá de bergamota, caso queira, meu senhor. Infelizmente temo não poder acompanhá-lo. Levanto-me cedo e já passou do horário de me recolher, mas obviamente posso pedir a Santiago que lhe sirva um pouco.

— Não, não quero incomodar mais o pobre homem.

Um embaraçoso silêncio marcou os instantes seguintes. A duquesa o analisava à distância com olhos de águia, enquanto sua cabeça começava a latejar, apesar da bela visão à frente.

— É verdade o que disse? — questionou ela, dando um indeciso passo para dentro.

— Precisa me ajudar, pois digo muitas coisas...

— Que não se lembra... de nada. — Sua voz saiu quase como um sussurro ao terminar a frase.

— Sim, é verdade. Disseram que foi um ferimento na cabeça que o causou. Terá que ter um pouco de paciência comigo, esposa, pelo menos até que me habitue com tudo outra vez.

— E quando será isso? Quando irá se lembrar... voltar a ser quem era? — perguntou com o cuidado de quem tenta domar um cavalo arisco.

— O médico não deu nenhuma previsão se um dia voltarei a me lembrar do meu passado... peço desculpas por não recordar de você, esposa.

Ele a viu engolir em seco e abaixar o olhar, para em seguida segurar as saias do vestido e se preparar para retirar-se.

— Que tenha uma boa noite. — Ela não esperou sua resposta e se foi, com o som de seus sapatos ecoando no corredor.

Deixando o restante do jantar de lado, o duque não parava de pensar no comportamento da esposa para com ele. Seria isso o que a assustava? O fato

de que estava sem memória? Por que se recusava a se aproximar?

Ela perguntara quando iria voltar a ser quem era, e ele se incomodou por um instante com o fato de não saber o que havia sido para ela.

Tão bela e com uma voz suave como a de um anjo, tudo que a duquesa merecia era alguém que a tratasse com paixão e honestidade. Por sorte, ele era o homem destinado a isso.

CAPÍTULO 03

O primeiro tiro o fez abrir os olhos.

O segundo o fez ter certeza de que estavam sendo atacados.

No terceiro tiro, Diego Navarro, o Duque de Granada, ferindo o seu ego masculino, se deixou cair, assustado, debaixo da cama. Quando a porta de seu quarto se abriu em um leve rangido, ele teve certeza de que quem quer que estivesse atacando viera por ele.

— Bom dia, Sua Graça — ele ouviu o velho Santiago dizer com a naturalidade de quem... realmente dava bom-dia.

De olhos arregalados, Diego pôs a cabeça para cima por um momento e encarou o velho mordomo como se ele tivesse chifres em lugar da barba.

— O que está fazendo aí, de pé, homem? Venha para cá, não vê que estamos sendo atacados? — bradou Diego.

— *Perdón?* Do que o senhor duque está falando?

Mais dois tiros foram ouvidos, e Diego, de olhos esbugalhados, se encolheu sob a enorme cama.

— Os tiros, Santiago, salve-se enquanto pode. — Sua voz soou baixa por estar embaixo do móvel.

— Ah, isso... bom, o senhor não precisa se preocupar. É apenas *Doña* Letizia praticando tiro ao alvo.

O duque, de boca aberta, expôs apenas metade do rosto.

— Como?

— Sim, a duquesa pratica todas as manhãs. Devo dizer que, de início, não o fazia muito bem, mas é como dizem: a prática leva à perfeição, e agora é quase uma exímia atiradora. — O homem contornou a enorme cama de dossel e ofereceu uma mão a Diego.

— A duquesa? Letizia é quem está fazendo esse estardalhaço todo? — perguntou, aceitando a oferta de ajuda e se levantando, apoiando-se no braço bom.

— Sim, *señor*.

— *Virgen Santa* ... — o duque gargalhou —, preciso ver isso pessoalmente. — Levantou-se de súbito, começou a caminhar pelo quarto

em direção à porta quando escutou um pigarro. — O que foi? Vamos cumprimentar a duquesa, não vamos?

— Claro que sim, *señor* duque, mas recomendo que o senhor coloque algo apropriado antes.

Diego encarou a si mesmo e sorriu de volta para o velho. Estava completamente nu.



Os tiros não estavam surtindo efeito nesta manhã.

O esporte costumava acalmá-la, aplacar a raiva, a fúria que sentia desde... bom, desde que se casou. Contudo, esta manhã, particularmente, os alvos de lata a deixavam mais enfurecida.

Estava preparada para atirar de novo quando ouviu a voz masculina dizer:

— Bom dia, esposa.

Respirando fundo, virou-se. Diego colocou as mãos para cima, enquanto Santiago permanecia ao seu lado, impassível como sempre, só então percebeu que apontava a pistola direto para eles.

— Desculpe-me, Santiago — a duquesa disse, abaixando a arma.

— Ah, não tem problema algum... espere, você pediu desculpa ao mordomo? A arma estava apontada diretamente para mim.

Letizia suspirou e guardou a pistola dentro da caixa de madeira sobre a mesa.

— Há algo que posso fazer por Vossa Graça esta manhã? — perguntou quando Santiago se prontificou a pegar a caixa e guardá-la dentro da casa.

— Poderíamos começar a nos tratarmos com menos formalidade... ainda estou me acostumando com isso de ser chamado de *señor duque* por todos.

— Mas é o que você é. Aliás, sempre teve muito orgulho disso. — Cruzou os braços e o observou. Diego vestia uma calça clara com botas até o alto da panturrilha e apenas uma camisa de linho, cujos botões abertos deixavam aparecer sua clavícula.

— E o que mais eu sou? Pode me dizer?

Sentiu vontade de maldizê-lo, porém, sabia que a irritação não a levaria a lugar algum.

— Muitas coisas, Sua Graça, colocarei em minhas orações o desejo de que recupere plenamente a saúde.

— É devota à igreja, esposa?

— Cumpro com o meu dever de ir à missa todos os domingos, acredito que isso me torne uma boa cristã.

— Então é uma puritana.

— Não, não sou. — Sentiu as bochechas arderem e viu um sorriso brotar dos lábios do duque. — Aonde quer chegar com essa conversa?

— A qualquer lugar, querida esposa, visto que minha mente é um grande borrão. — Letizia assentiu.

— Desculpe a indelicadeza, mas não tenho tempo para trivialidades no momento.

— Podemos almoçar juntos, vi que o castelo abriga uma enorme sala de jantar...

Ela mordeu um lábio e levantou a sobrancelha direita.

— Se é o que deseja, Vossa Graça, ali estarei, mas não acho prudente que saia tão precocemente de seu quarto, afinal, está se recuperando de um ferimento...

— Ah, bobagem. Estive deitado tempo demais no acampamento militar.

Letizia decidiu não interferir. Que ele fizesse o que bem entendesse, no fim das contas, não seria ela quem se intrometeria na vida do marido. E realmente o duque parecia muito bem, apesar de ter chegado com o braço enfaixado.

— Como quiser.

Levantando as saias, Letizia se despediu e saiu em direção aos estábulos.

Sem memória.

Diego regressou sem memória do campo de batalha. Fora para Melilla lutar porque era disso que o infeliz do homem gostava: de sangue. Além de humilhá-la só por diversão.

Não esperou nem mesmo o fim da lua-de-mel e partiu, uma semana após o casamento, levando todo o dinheiro do dote — o dinheiro dela — para investir na campanha militar.

E agora regressava sem memória, enfermo, como um herói de guerra, a quem todos provavelmente estariam curiosos para cumprimentar e render homenagens. Passou os últimos meses tratando de esquecê-lo, de seguir em frente, apesar das dificuldades, tudo isso para que o grande Duque de Granada levasse o crédito.

Fechou os olhos com força e apoiou a cabeça em uma das baias no estábulo. *Queria saber mais dela, se aproximar...* ela não deixaria. Não se permitiria ser enganada outra vez pelo homem que a destruiu, que a arruinou. Não toleraria que ele sequer tentasse repetir o que fizera em sua horrenda noite de núpcias e nos dias que se seguiram.

Quando Diego se foi para a campanha militar, sentiu-se aliviada. Não teria que passar os dias e as noites trancada no quarto com medo do que viria a seguir. Quando a notícia de que ele estava desaparecido chegou, chorou por três dias. Não porque se preocupava por ele, mas porque, nesse momento, já tinha consciência do mar de dificuldades em que o desgraçado a deixara. As dívidas, o castelo precisando de reparos, a falta das coisas mais básicas na despensa... tudo caiu sobre ela como uma tempestade.

Depois de três dias chorando, entendeu que somente ela poderia se arrancar do abismo em que estava. Pediu ajuda ao pai, mas ele se mostrou reticente em enviar dinheiro, pois pensava que ainda contava com seu enorme dote. Não passava pela cabeça do grande industrial Fuentes que sua filha estava no limite das preocupações.

Se não fosse por Juana, não sabia onde estaria. Vendeu praticamente todas as suas joias, negociou as dívidas com cada credor que bateu em sua porta e comprou o suficiente para que o castelo conseguisse sobreviver nos próximos meses. Tudo na incerteza de saber onde estava Diego. Os arrendatários concordaram em continuar pagando e servindo-lhe, graças a Santiago, que agora ia receber o dinheiro das terras. Jamais aceitariam ordens de uma mulher.

Fez tantas coisas que surpreendeu a si mesma. No início, chorava, achando que não ia dar conta, mas sobreviveu a cada dia. O que não esperava era que a vida fosse girar outra vez e deixá-la de novo no lugar onde começara: nas mãos de Diego Navarro.

— E agora? O que será de nós, Catalina? — questionou à galinha, que ciscava entre a palha do estábulo. — O que será que ele quer? — Ouviu a galinha cacarejar. — Também não gosto do que está acontecendo... e também não confio nele.

Para dizer a verdade... jamais voltaria a confiar em homem nenhum. Enterrou dentro de si seus sonhos e vontades. Aqueles que outrora sonhara, em ser amada, desejada e rendida à paixão. Sim, à paixão que existia entre um homem e uma mulher. Levou esse desejo para o mais fundo de sua mente, trancando-o e jogando a chave fora.

Aquela era uma fraqueza que não se permitiria ter.

Decidiu caminhar para espairecer, era o que sempre fazia. Não tinha mais paciência para os bordados, sentia a urgente necessidade de se mover quando tinha algum problema. E ela sabia exatamente para onde queria ir.



— Tem certeza de que a viu sair para caminhar, Santiago?

Diego coçou a cabeça enquanto olhava para o lugar vazio do outro lado da mesa na enorme sala de jantar.

— Sim, senhor duque, ela foi pelo caminho de sempre. Não é incomum a duquesa sair para uma revigorante caminhada durante o dia...

— Mas combinamos de almoçar juntos... — Diego não obteve nenhuma resposta do velho ao seu lado, o que era bom, levando em conta o

fato de que fora deixado de lado pela própria esposa... mais uma vez.

Afinal, qual era o problema com aquela mulher? Era arredia como um potro medroso andando pela primeira vez na floresta. Nunca saberia mais dela e, no caso, de si mesmo, se continuassem a se estranhar assim.

— Vamos, me mostre exatamente para qual lado ela foi — pediu, levantando-se.

Santiago o acompanhou para os arredores do castelo e apontou em direção a um caminho de grandes árvores, numa mata quase fechada. O cheiro de pinho tomava conta do lugar, o sol do início de tarde esquentava sua pele e ofuscava sua visão, o que poderia dar-lhe uma dor de cabeça mais tarde. Com passos vigorosos, ele seguiu na direção indicada, curioso e maravilhado com o local. Andou por vários minutos até que o barulho de água corrente se fez presente.

Uma incrível cachoeira de água cristalina embelezava o local. Bem no meio dela, aparentando não ter nenhuma preocupação com a vida, estava Letizia. Boiando sorridente e de olhos fechados na água. Ele viu o vestido dela sobre uma pedra e a observou com cuidado. O ar soturno e mal-humorado havia se retirado e agora era preenchido por uma visão mais animada da esposa. Seus braços se movimentavam languidamente de um lado para o outro a fim de não se desequilibrar.

Era uma visão magnífica, Diego sentiu que lhe faltava o ar. Que bela criatura era a esposa. Se encantou com a imagem à sua frente, era como estar em um paraíso particular.

Sem pensar duas vezes, tirou as botas e entrou calmamente na água. Sentiu inveja de sua tranquilidade, queria a mesma paz que Letizia experimentava. Entretanto, o que encontrou não o deixou feliz, pois, enquanto se aproximava, a esposa sentiu a presença de um desconhecido ao seu redor. Pondo-se de pé, a jovem duquesa desferiu um golpe certo no maxilar de Diego, que urrou de dor e caiu na água.

CAPÍTULO 04

— Jesus! — gritou Letizia.

— Maria e José! — disse Diego, levantando-se com a mão sobre o queixo. — Por todos os santos, Letizia, onde aprendeu a bater assim?

— Diego, o que faz aqui?

— Creio que sou a vítima e perguntei primeiro, logo, se faz necessária uma resposta sua antes.

— Assustou-me, pensei ser alguém com más intenções.

— E pensava enfrentá-lo sozinha?

— Bom, depois do primeiro golpe, eu sairia correndo.

— Perspicaz, minha cara, muito perspicaz...

— Deixe-me ver seu rosto — pediu, pondo a mão com delicadeza em sua bochecha enquanto o marido se aproximava.

— Já sobrevivi a piores... — ele fez piada, pensando no ferimento que arrancou sua memória.

— Ora, isso não tem graça... — Ela analisou o maxilar vermelho, que logo ficaria com sombras roxas. Os braços dele eram fortes e suas pernas torneadas, as coxas grossas. Ele claramente não se parecia com um dos aristocratas velhos e barrigudos que permeiam tanto a sociedade.

— Não vai ficar tão feio assim...

Diego observou-a atentamente e acabou ajeitando um fio de cabelo que insistia em ficar sobre a testa de Letizia. O toque era quente e acolhedor. Havia uma autoridade gentil em sua mão ao tocar a pele dela.

Nos olhos dele, ela viu interesse... sedução e ousadia ao reparar em todo o seu corpo. Sentiu a resposta dentro de si, ao menos uma intenção em corresponder automaticamente ao toque. No entanto, logo se sentiu invadida pelo contato, foi quando olhou para si mesma e reparou que estava usando apenas as roupas de baixo, seu vestido jazia em uma das pedras na beira da cachoeira. Ambos estavam com os tecidos de suas roupas molhados e grudados sobre o corpo, entretanto, Letizia sentiu-se nua. Sua combinação era a única barreira que tinha contra a nudez, e encontrava-se transparente, no momento. Seguiu o olhar de Diego, que a observava

atentamente. Sentiu frio e as bochechas queimarem. Soltou-se de imediato, para escapar do olhar interessado do marido.

— Letizia, espere! — Tratou de segurá-la com mãos firmes.

— Solte-me.

— Somos marido e mulher, Letizia, não há o que temer. Olhe para mim.

— Tentou não a deixar escapar, em vão.

— Não somos nada, ouviu bem? — cuspiu as palavras. — Nunca fomos, nem nunca seremos nada. — Desvencilhou-se dele e pôs-se a nadar em direção à margem.

Estava mais acostumada à cachoeira e logo se viu entre as pedras, vestindo-se e correndo de volta à segurança da terra firme.

— Letizia, espere! — ouviu o marido chamá-la, olhou para trás e o encontrou na tentativa de andar sob a água, o que fez com que escorregasse entre as pedras no fundo da cachoeira e caísse.

Aproveitou o atrapalho de Diego para pôr-se a correr.

Como ele ousava? Como ela havia permitido que o patife se aproximasse tanto? Seus passos eram trôpegos e, ao mesmo tempo, rápidos, e tentava inutilmente manter o vestido desabotoado no corpo. Estava praticamente nua em seus braços, e aquele olhar cheio de intenções enquanto as mãos a seguravam... as mesmas mãos que antes a marcaram com violência, que fizeram questão de apontar suas falhas...

Maldito traidor. O grande Duque de Granada não esperou nem mesmo o fim da festa de casamento para mostrar quem realmente era. Ela o flagrara no jardim de sua própria casa em Sevilha com outra mulher, uma mulher de reputação duvidosa, que ele levou ao casamento para humilhá-la... e, quando foi tirar satisfações, Diego apenas riu e disse para que ela se acostumasse.

Céus... e todas as coisas que aconteceram depois... como ela pôde, por um momento, esquecer-se e deixar-se levar... deixar-se estar nos braços, naqueles braços, sendo Diego quem era? Um grande canalha!

Letizia corria com a roupa encharcada e os olhos pesados de fúria.

Não sabia se a cólera era contra o marido ou consigo mesma por sentir no corpo tensão e sentimentos afetuosos por ele, na cachoeira. Talvez fosse uma mistura dos dois, porém ambos eram perigosos.



Havia fogo nela, Diego tinha certeza.

Enquanto a teve nos braços, o duque examinou cada canto daquele rosto angelical... Letizia tinha sardas no nariz e na bochecha e, pela primeira vez desde que acordou naquele acampamento militar, ele sentiu vontade de beijar uma mulher. Provar, lamber, sentir o gosto daquele corpo tão bem escondido sob vestidos que mais pareciam trapos. Teve-a em seus braços... o corpo quente, apesar da água gelada, e um olhar inocentemente sedutor.

E ela tremeu sob suas mãos, sob seus olhos, que foram agraciados com a excelente visão de seu corpo por baixo da combinação. Era arisca, mas não era indiferente ao seu toque. Sobreviveu e voltou para casa, para uma mulher indomável.

Diego ria consigo mesmo enquanto se enxugava no quarto. Tinha um desafio à frente e ele ia aproveitar cada parte do caminho.

Acabara de descobrir uma nova batalha que valia a pena lutar.



— Está quieta demais esta manhã.

— Qual é o problema com o silêncio? Às vezes gosto de refletir. — Letizia ajeitou Catalina em seu colo, fugindo do olhar da irmã.

— Isso tem algo a ver com a volta de Diego? — questionou Juana enquanto caminhavam lado a lado pelo jardim.

— Seria tolice de minha parte não pensar nisso. Passamos meses achando que estava morto... aguardávamos apenas a confirmação oficial... e agora voltamos à estaca zero. Não posso nem mesmo fazer planos de retornar para a casa de papai.

— Mesmo sem memória... ele foi descortês com você? — Parou e segurou no braço de Letizia. — Sabe a que me refiro.

Letizia nunca pôde fugir dos olhos da irmã. Nunca conseguiu mentir para Juana, por mais difícil que fosse a situação. Não tinha a intenção de começar agora.

— Ele está... diferente.

— Diferente como?

— Quer se aproximar... e não fala como antes. Seu tom agora é suave.

— É normal que ainda não saiba quem é... veremos se continuará o mesmo quando recordar tudo.

— Nita..., confesso que tenho medo.

— Você também está diferente, Letizia. Não creio que ele saiba fazer frente à sua nova versão.

— E o que devo fazer enquanto aguardamos pelo pior?

— Rezamos pelo melhor — Juana finalizou.

Só que Letizia não acreditava nisso... para ela, nada de bom poderia surgir com a volta de Diego. Era apenas uma questão de tempo e sua vida desmoronaria de novo. E dessa vez ela tinha certeza de que as peças se espatifariam para sempre.

Letizia continuou no jardim, enquanto Juana partiu rumo ao celeiro. O sol estava a pino, e ela gostava de fazer passeios junto à galinha. Tomou afeição pelo animal quando a cozinheira ficou doente certa semana e descobriu que, para ter o ensopado à noite, teria que ela mesma abater a ave. Não teve coragem, e agora era o seu animal de estimação. Protegeria Catalina de qualquer perigo de ir para a panela.

Estava prestes a ir para o interior do castelo quando o galope de cavalos lhe chamou a atenção. Reconheceu o coche que se aproximava, assim como

o estrago em seu dia que o visitante provavelmente faria.

Martin Iglesias. A bile lhe subia à garganta só de pensar em ter que aturá-lo por uns minutos que fosse. O homem era desprezível, conseguia ser um tipo ainda pior que o primo, Diego. Gostaria de saber de que grota brotavam homens como aquele, pois passaria bem longe.

— Olá, minha pombinha! — A voz masculina soava empolgada. — Preciso dizer que sua beleza me parece ainda mais radiante hoje.

— *Don Martin*, como vai? É uma lástima não poder dizer o mesmo. — O senhor Iglesias não era feio, mas seu comportamento grotesco o deixava assustadoramente medonho, mesmo sendo alto e robusto como o primo. Vestia sempre roupas espalhafatosas e tinha um bigode enorme cobrindo os lábios. Seu interesse não era apenas por ela, o comerciante era o próximo na linha de sucessão. Desde o sumiço de Diego, se viu à mercê das maquinacões dele, que se mostrava pronto para assumir o ducado e tomar-lhe o Castelo Navarro.

— Sempre tão doce, Letizia.

— *Doña Letizia*, para você.

— Vejo que ainda não mudou de ideia a respeito da minha proposta. — Aproximou-se, alisando o bigode e ajeitando o terno, que claramente era maior do que seu corpo pedia.

— A resposta continua sendo *nunca*.

— Mmm... você é orgulhosa demais, Letizia. Sabe que, como minha amante, não precisaria mais se esconder nesses trapos, eu poderia providenciar uma casa confortável para você em Granada, ou então em Sevilha, com quantos empregados quisesse. Só o melhor para você, minha pombinha... só o melhor. — Com dois passos, logo Martin se encontrava com o corpo mais próximo que o desejado, ele a tomou pela cintura e sua cabeça caiu em direção ao rosto de Letizia.

Com pressa de fugir dos braços que se fechavam ao seu redor, Letizia soltou Catalina no ar e se abaixou, saindo pela direita do corpo de Martin.

— Ah... ah... maldição! — O homem estava agora coberto de penas enquanto Catalina pousava no chão graciosamente. — Volte aqui, não terá minha paciência para sempre... — Com os olhos em chamas, *Don Martin* se virou para Letizia, que perdeu o sorriso do rosto. A mão do homem estava no alto, pronta para esbofeteá-la, ela se contorceu enquanto

aguardava pela dor que logo viria, porém, o tapa foi interrompido por braços fortes e bronzeados.

Diego surgiu do nada e empurrou o homem, que caiu com as ancas sentadas no chafariz e as pernas para cima.

— Me dê um motivo, apenas um motivo, para não o matar agora — gritou o duque, ainda segurando Martin pelo casaco de lã.

Gaguejando e com olhos quase saltando das órbitas, Martin arfava.

— Di... Di... Diego?

— Como ousa? Como se atreve vir à minha casa e desrespeitar minha mulher? A Duquesa de Granada!

— Eu... eu..., mas...

— Quero-o fora daqui! — O duque jogou o homem no chão para em seguida chutar a terra próxima ao seu rosto, fazendo um estrago de poeira nas roupas do visitante.

— Mas... pensei que você estivesse morto. — Martin encarava Diego como quem vê um fantasma.

— E por isso achou que poderia fazer o que bem quisesse. — A voz era grave e alta, combinando com o surto de violência. — Eu o quero fora!

O senhor Iglesias ficou alguns instantes parado, observando Diego, que continuava a bradar despautérios a seu respeito e ordenava que ele fosse embora antes que o mandasse para um lugar muito mais longe dali. Por obra divina, talvez, o homem finalmente teve forças para se levantar e correr até a carruagem. Praticamente jogou-se dentro do veículo e o cocheiro deu a partida logo em seguida.

Assustada com o rumo dos acontecimentos, Letizia não tirava os olhos do marido.

— Você está bem? — Foi em direção a ela e tomou-lhe a mão. — Esposa, ele a machucou?

— Não... em absoluto. Estou bem.

— Pareceu que você precisava de ajuda.

— Estava tudo sob controle.

Diego apertou o maxilar com força e seus olhos se puseram escuros.

— Só pode estar brincando — disse entredentes.

— Não é a primeira vez que *Don* Martin vem para perturbar minha paciência, Diego, sei como lidar com ele.

— Sabe como lidar com ele... sabe lidar com ele? — O duque caminhava de um lado a outro, em volta dela.

— Por que está tão bravo?

— Ainda pergunta? Quase a vejo ser golpeada por aquele desgraçado e ainda quer que me mantenha calmo? Como pode estar surpresa com a minha reação?

Letizia o analisou por alguns instantes, o marido parecia realmente aborrecido, e levantou uma sobancelha em sua direção. Abriu a boca para falar, mas decidiu-se pelo silêncio. Virou as costas e partiu para a casa.

— Letizia... — chamou o duque.

Ela continuou a caminhar.

— Espere, Letizia!

Seus passos se tornaram mais pesados, suas mãos se fecharam. Ela podia sentir o marido vindo às suas costas.

— Letiz...

— O quê? — Virou-se. — O que quer? — Viu-o retroceder por seu tom de voz exasperado. — Quer que me ajoelhe e beije sua mão, agradecendo por me salvar? Quer que eu seja uma donzela indefesa? Uma esposa submissa que agradece cada migalha dada pelo grande Duque de Granada?

— Do que está falando? — sussurrou Diego.

— Estou me referindo a você... a você apenas, *Don* Diego. Acha que foi fácil estar aqui todos esses meses? Não tem ideia do que passei... não tem ideia do que o Castelo Navarro precisa... então, perdoe-me, Vossa Graça, se pareço aborrecida por ser salva. Salvei-me inúmeras vezes, muito antes de sua chegada — quase engasgou-se ao dizer.

— Não tenho culpa por estar vivo, Letizia.

O semblante da duquesa se transformou, como se tivesse levado um tapa.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque é o que penso. É a forma como me olha a todo tempo. Culpa-me por alguma coisa que não lhe permite nem mesmo trocar algumas palavras comigo.

— Ora, não seja ridículo, Diego... — Os olhos dela se estreitaram.

— Não sei o que espera de mim, mas não pedirei desculpas por ter sobrevivido, esposa. Acordei ferido e sem memória. Não sei quem sou e nem o que fui para você, apesar de poder ter uma boa ideia disso pela

maneira como me repele. Mas estou aqui agora... e precisamos lidar com isso.

Letizia encarava o chão, todo seu corpo doía por ter de enfrentar o marido. Sentia que queria estar em qualquer lugar, menos ali. Passou a apertar o tecido de seu vestido a fim de distrair-se.

— Não está mais sozinha, tem a mim agora.

A duquesa quis rir, mas sabia que isso seria altamente inapropriado por conta da seriedade da conversa.

— E temos de resolver esse abismo entre nós. — As palavras captaram sua atenção e a fizeram fitá-lo de imediato. — Proponho um acordo.

— Um acordo?

— Pode ser mais como um pacto, se preferir.

— Um pacto?

— Acaso consegue fazer algo mais além de repetir minhas palavras, esposa?

Os olhos de Letizia chamejaram em direção a ele, que continuou:

— Muito bem. Sei que estou displicente com respeito aos assuntos que envolvem a propriedade... — a duquesa levantou uma sobrancelha — certo, assim, proponho que nos próximos dias me atualize com respeito a tudo que envolve o Castelo Navarro, ou qualquer problema em nosso ducado. E, em troca... — respirou fundo antes de completar —, me dedicarei a ser um melhor marido do que fui antes de minha viagem.

— Mas isso é absurdo.

— Diga-me quão absurdo pensa ser.

— Você não tem como saber o quão horrível foi.

Diego manteve-se em silêncio por alguns instantes.

— Por isso me empenharei ao máximo, esposa. Em troca, tudo que peço é que cooperemos pelo bem de nosso título.

— O que pensa em fazer para ser um marido melhor?

— Ainda estou me organizando para isso.

Letizia o observou com os olhos semicerrados por um instante.

— Tudo que quer em troca é que eu lhe informe sobre a propriedade?

— Exato.

— Muito bem, aceito.

— Excelente! — O duque lhe ofereceu a mão, e ela aceitou, mesmo reticente. — Verá que não irá se arrepender, querida esposa.

Letizia apenas assentiu.
Ela já estava arrependida.

CAPÍTULO 05

— *Señor* Duque..., se me permite opinar...

— Infelizmente não permito, Santiago.

O velho mordomo coçou a barba por um instante e gesticulou com as duas mãos.

— Vai me desculpar a insolência, *señor*, mas darei minha opinião ainda assim.

Diego interrompeu o caminho de sua mão direita à boca do cavalo que alimentava para observar melhor o homem.

— Pois diga de uma vez.

— Bem... não acho que tenha sido uma boa ideia o que me pediu para fazer.

— Já disse que isso é responsabilidade minha, não recairá nenhum problema sobre você, Santiago, fique tranquilo.

— Mesmo assim, preocupa-me a reação da duquesa...

Como que por chamado divino, um grito ecoou desde o castelo. Ambos os homens se encararam enquanto Santiago fazia o sinal da cruz.

— Vamos, coragem, homem. Veja a minha vida... o que pode ser pior do que ser um duque desmemoriado?

— O senhor já viu a habilidade da duquesa com as armas, meu senhor? Pior do que não ter memória, é não ter cabeça.

Diego gargalhou com a sentença enquanto o velho olhou para a mansão, sem entender por que seu superior tanto ria de algo que provavelmente o desgraçaria.

Os passos ruidosos da duquesa logo foram ouvidos, aproximando-se rapidamente.

— Onde está? Diego, apareça!

Ele a ouviu desde o lado de fora do estábulo. Com uma calma invejável, o duque tomou para si uma das maçãs do cesto e foi para o lado de fora.

— Chamou, esposa? — Apoiou-se na coluna de madeira e mordeu a maçã.

— Acabo de ser informada que você mandou que os empregados levassem minhas coisas para o antigo quarto conjugal. — Apontando um

dedo, Letizia parecia controlar-se para não cometer um assassinato.

— Correção... empregados, não, apenas Santiago, nosso querido faz-tudo. Quem a escuta falar dessa forma pensará que estamos com a casa cheia de serviçais. Que falta de consideração!

O barulho de pés correndo chamou a atenção de Diego, era Santiago, que escapava pela saída lateral do estábulo. O duque apenas suspirou.

— Com que direito se intromete em minha vida?

— Com os direitos de um marido, devo salientar, *mi corazón*!

— Acaso... espere... não está pensando que iremos dormir na mesma alcova, está? — a duquesa disse as palavras com horror.

— Gosto que seja assim tão inteligente, mas, sim, esta é a ideia.

— Enlouqueceu? De onde surgiu tamanho disparate?

— Da nossa união sacramentada, *mi corazón*.

— Pare de me chamar disso.

— Disso o quê?

— Sabe muito bem do que estou falando.

— Não, não sei. — Por dentro, o duque não se aguentava de vontade de rir por vê-la com o rosto corado de raiva.

— Já chega. Saiba que jamais compartilharemos um quarto. Continuarei na ala oeste, com a porta muito bem trancada à noite.

Diego deu dois passos à frente, para a surpresa da duquesa.

— Vamos dividir os mesmos aposentos mais cedo do que pensa, isso é algo de que não abro mão.

— Vá sonhando. — A duquesa se foi, ganhando assim a última batalha, enquanto o combate interior de Diego apenas começava.

Letizia era um quebra-cabeças que ele estava disposto a montar, uma a uma, todas as peças. Seu plano de guerra pelo casamento era a estratégia militar mais antiga de todas: dividir para conquistar.

Ele jamais chamaria a atenção da esposa sendo doce e sensível... ao menos não nesse primeiro momento. Letizia precisava de medidas enérgicas.

No dia anterior, enquanto caminhavam juntos pelos campos de oliva, seu peito se inchou de orgulho ao perceber o quanto ela fez sozinha e desamparada. Foi difícil arrancar as palavras dela, mas soube por Santiago que a duquesa havia vendido as próprias joias para terem o que comer.

Afinal, como ele poderia ser alguém tão importante na sociedade e, ao mesmo tempo, ser tão pobre? O que fez com o dinheiro da família? E o dote de Letizia? Em suma, eram recém-casados.

Essas eram perguntas que ele iria responder em breve ao apurar mais a fundo como estavam as coisas. Sua primeira grande questão, entretanto, era descobrir como foi o seu relacionamento com a esposa antes de sua partida.

Pelos deuses, não precisava ser muito inteligente para saber que ele cometera grandes atrocidades, mas quais haviam sido?

Diego se viu com tanta coisa para pensar que, no mesmo instante, já lhe veio a já costumeira dor. Acordava com dor de cabeça todos os dias e raramente se lembrava do que sonhava. Era um homem sem memória e sem sonhos. Precisava se agarrar em alguma coisa. A esposa parecia a melhor das opções até o momento.



Fizera um pacto com o Diabo! A duquesa pensava, enquanto andava de um lado a outro em seu quarto.

— Maldito, mentiroso, trapaceiro, traidor... — Com a adaga, cortou um travesseiro ao meio, fazendo com que penas voassem para todo lado.

Era óbvio que isso não daria certo. Um acordo com Diego!

Mesmo sem memória, o marido continuava o mesmo enganador de sempre. Não podia deixá-lo se aproximar... *Cielo...* não poderia deixá-lo saber jamais que o casamento nunca foi consumado. Ele seria capaz de tratá-la ainda pior do que na noite de núpcias e nos dias que se seguiram. Sua vida voltaria a ser o inferno que foi naquela semana pavorosa.

Iria trancar muito bem a porta de seu quarto esta noite, da mesma forma que trancou para sempre o seu coração. O duque continuava o mesmo, e era só uma questão de tempo até que se recuperasse e voltasse a aterrorizá-la. Fechou os olhos e enxergou a si mesma chorando naqueles dias que se seguiram ao seu casamento... essa não poderia ser sua vida para sempre. Não poderia estar o resto de seus dias condenada a servi-lo. O mero pensamento a fez estremecer.

E agora que voltara com o firme objetivo de deixar seus dias sem paz... com aquele sorriso fácil e as mãos fortes calejadas que a seguraram com tanta firmeza, desta vez, sem machucá-la... não, não podia deixar-se levar por esse lado. Ele a arruinaria outra vez. Precisava pensar em uma forma de escapar de Diego, de se ver livre de seu próprio marido.



A mulher sentada à mesa o intrigava. Tinha um estilo próprio de usar suas roupas, com um *corset* por fora dos vestidos, e, no dia anterior, a tinha visto até mesmo cavalgar usando calças. *Santo Diós*, será que bateu a cabeça na guerra e ainda estava sonhando?

Juana era seu nome e ela tinha o olhar fixo sobre ele enquanto comia.

— A duquesa não virá se juntar a nós?

— Não, mandou dizer que usufruirá da companhia de Catalina esta noite — ouviu-a dizer com um sorriso enquanto cortava um pedaço da carne.

— A galinha?

— Isso mesmo.

O silêncio permeou o ambiente. Josefina, a cozinheira, não parava de andar de um lado a outro, carregando bandejas, enquanto Santiago mantinha-se impassível, próximo à porta.

— Não gosta muito de mim, não é mesmo? — questionou o duque diretamente a Juana.

— Honestamente, nunca fez nada para que eu gostasse. Mas isso não é muito da minha conta, não é verdade, Vossa Graça?

— De fato... e está com Letizia desde que...

— Desde a adolescência, Vossa Graça. Entretanto, cheguei ao castelo apenas depois que Vossa Graça foi à guerra.

— Entendo...

— Entende? Eu também gostaria de entender, Vossa Graça... — parou de falar abruptamente.

Continuaram a comer em um incômodo silêncio. Era possível ouvir os barulhos de suas bocas ao mastigar no recinto. Pela misericórdia, não havia nada mais deprimente do que isso.

Diego apertou os olhos sem compreender muito bem a mulher à sua frente. Josefina veio mais uma vez da cozinha trazendo uma baixela de bronze.

— Fiz sua sobremesa favorita, *señor* duque: arroz-doce.

Educado, ele sorriu para a cozinheira e deixou que ela levasse seus pratos do jantar e lhe servisse uma porção da iguaria. Ante a expectativa da mulher, levou uma colherada à boca.

— *Mmm*, está muito bom, Josefina. — A mulher sorriu e bateu palmas.

Não estava, aquilo o lembrava da comida do acampamento militar. Uma mistura pastosa, que lhe era servida de manhã cedo com aveia... de súbito, imagens dele ferido e recém-acordado lhe saltaram à cabeça. A confusão mental, as dores... quis correr para algum lugar amplo, pois o ar passou a lhe faltar.

— Com licença! — Sob os olhos atentos de Juana, partiu para fora da sala de jantar.

Quando não podia mais ser visto, o duque passou a correr. De repente toda a frustração tomou conta dele, o fato de não se lembrar de nada, de provavelmente ter arruinado as contas da família e ainda ter uma esposa que o odiava. Corria como se isso fosse resolver magicamente seus problemas.

Subiu a campina mais próxima e só parou quando seus pulmões começaram a arder. A cabeça latejava e o gosto do arroz com leite lhe trouxe náuseas. Tateou na escuridão as árvores ao seu lado e colheu azeitonas. Levou-as imediatamente à boca, o gosto ácido e amargo encheu sua boca de água e sentiu o sangue correr em suas veias outra vez. Não podia ver, mas sabia que a cor devia estar voltando ao seu rosto.

Decidiu sentar-se no chão e colheu um pouco mais dos pequenos frutos, levando-os com prazer aos lábios.

Nada, não conseguia lembrar-se de nada, por mais que tentasse. Bateu a mão em punho no chão, em desapontamento. Fechou os olhos de novo, respirando fundo dessa vez, e o rosto da esposa lhe veio à mente.

Tão bela quanto desconfiada. Essa tarde, enquanto discutiam, só conseguia pensar em como o cabelo dela lembrava o pôr-do-sol. E seu rosto agitado, enquanto bradava nervosamente seu desgosto, tinha as sardas movendo-se sobre a pele alva.

Os encontros diários e as reprimendas de Letizia eram seu prazer furtivo. Levantou-se de pronto e decidiu que não iria desistir. Já se encontrava melhor, depois de alguns instantes de descanso. E, com um novo objetivo em mente, partiu rumo ao lugar que prometera ir: ao quarto da esposa.



A duquesa encontrava-se deitada em sua cama na torre da ala oeste do castelo. Era um dos últimos quartos com a mobília completa. Ademais, foi um sacrifício subir com todas as suas coisas, mais uma vez, para o último

andar. Os baús contendo seu enxoval eram a última parte de seu orgulho que lhe restava, a parte que não havia sido vendida, é claro.

Não podia vender tudo, como tinha feito seu marido com os móveis da casa. Ainda era alguém na sociedade e eventualmente recebia convites para chás e piqueniques. E a temporada se aproximava. Tinha muito que manter e se preocupar até lá.

Os pensamentos inquietantes dominavam sua mente enquanto fechava o livro. Esperava que a noite revigorasse seu corpo e despertasse mais descansada no dia seguinte.

Estava próxima do sono quando um barulho de metal se chocando com pedra a despertou. Abriu os olhos e encarou a escuridão.

Não havia de ser nada.

Foi um som de respiração ruidosa que a fez sentar-se ereta na cama. E, enquanto abria as cortinas do dossel, uma voz masculina praguejando a fez arregalar os olhos.

— Maldita misericórdia!

Era o duque! Mas onde ele estava, exatamente?

Deixando a cama, Letizia buscou a lamparina e foi até a porta.

Estava trancada!

Ouvindo outra imprecisão, seus olhos se abriram, e não acreditaram no que viam. Sob a luz da lua cheia, Diego terminava de escalar a torre e entrava em seu quarto pela janela.

— Mas o que pensa que está fazendo?

— Boa noite, *mi corazón*, vim para que possamos dormir no mesmo quarto, como prometido.

Letizia abriu a boca a fim de dizer algo bastante inapropriado a uma duquesa, mas nenhum som saiu.

— Está louco, está completamente louco — falou e colocou a lamparina sobre a mesinha antes que a arremessasse sobre o convidado indesejado. — Saia, saia já do meu quarto.

— Não, não sairei. Letizia, já está tarde, e eu estou com muito sono.

— Pois que vá dormir com os cavalos, e não na minha cama. — Se ele não saísse, ela mesma faria questão de ir dormir em outro lugar.

Só que correria o risco de deixá-lo sozinho com todas as suas coisas... não... era perigoso demais. Tinha que dar um jeito de fazê-lo sair.

— Vossa Graça — ela disse com um suspiro —, peço encarecidamente que saia de meus aposentos.

— E eu peço que me dê um motivo para que não durma no mesmo quarto que minha esposa...

— Posso pensar em vários!

— Pois então me diga. — O duque se escorou no dossel e cruzou os braços.

Que ela o detestava, ele já sabia..., mas não diria jamais seu maior medo em estar no mesmo quarto que o marido. Ela não lhe daria esse gostinho.

— Muito bem, se quer dormir aqui... que durma no chão.

— Com muito prazer.

Para o total horror de Letizia, ele pareceu aceitar a ideia. Foi à cama, buscou um travesseiro e pegou um lençol de cima de um baú, deitou-se no chão, fechou os olhos e dormiu.

Simplesmente dormiu.

CAPÍTULO 06

Letizia não podia acreditar que, depois de tudo que aconteceu em sua vida nos últimos meses, acabou deitada no mesmo quarto que o marido... outra vez.

A lâmina gelada da adaga sob o travesseiro era a recordação exata de outra noite em que esteve num mesmo quarto com o duque. A que mudou a sua vida para sempre. O infeliz dia do seu casamento, que culminou em uma noite de desastres e tragédia.

Isabel, sua doce prima Isabel, havia conversado com ela dias antes, explicando exatamente o que ocorreria na noite de núpcias. No entanto, tudo aconteceu muito rápido, e somente os empregados sabiam das consequências daquela noite.

O riso seco de Diego quando o confrontou, assim que chegaram no castelo, sobre ele ser visto com a amante. O duque deixou bem claro que não se importava que fosse notado, foi quando Letizia percebeu que ele havia conseguido o que queria. Não se casou com ela por amor, e sim por interesse no dinheiro de seu pai.

— Achou mesmo que eu estava apaixonado por você? Por você? — Gargalhou o duque, que saiu pela casa em busca de mais bebida, não sem antes deixar bem claro o que pensava de seus atributos.

Quando Letizia pensou que a noite não poderia piorar, ele apareceu em seu quarto. Com uma garrafa de uísque na mão e as roupas desabotoadas na outra. Com terror, ela o viu se aproximar, completamente descontrolado, partindo para cima dela, segurando seu corpo com severidade e rasgando sua camisa de dormir.

Ela disse “não” uma, duas, três vezes, e então percebeu que o marido não ia parar. Que ninguém iria socorrê-la. O duque ficou ainda mais descontrolado quando notou que o que tinha entre as pernas não funcionaria. Letizia viu que o membro do duque estava flácido, como um vegetal podre.

Descompensado, Diego lhe desferiu um golpe no rosto que a fez gritar e cair sobre os travesseiros. Começou a sacudi-la e a berrar que era sua culpa, com o hálito de puro álcool e completamente furioso. Letizia temeu por si e

fez a única coisa que lhe veio à mente. Fechou os olhos com força e buscou a adaga sob o travesseiro, ferindo Diego no ombro.

O duque urrou de dor, e o sangue caiu sobre ela, manchando não só sua pele, como todo o lençol sobre a cama. Como uma criança ferida, o homem saiu pelo castelo afora, gritando pelo mordomo e gemendo de dor. Não permitiu que chamassem um médico, como explicar o que havia acontecido em sua noite de núpcias? O velho Santiago cuidou de Diego, e ninguém olhou por Letizia.

Havia esperado uma noite como a que a prima contou, e precisou se defender da forma que a irmã lhe ensinou. Acaso... não seria por isso que esteve ali o tempo todo a adaga que Juana lhe deu?

E, por conta disso, não conseguia dormir enquanto ouvia a suave respiração do homem deitado no chão, ao lado da cama. O que ele estaria tramando? Não estava fingindo dormir, disso tinha certeza, mas não tinha coragem de se permitir relaxar e ter uma boa noite de sono. Os eventos traumáticos voltavam à sua mente, e o culpado repousava perto demais.

Não entendia o novo Diego. Não entendia por que queria ser alguém melhor... Diego Navarro era quem era, e isso nunca iria mudar. Não o perdoaria jamais... e se odiava por ter sentido o que sentiu na cachoeira.

Cansada, a duquesa não percebeu, mas caiu no sono antes do amanhecer. Seus olhos se fecharam a duras penas e acabou abraçando o travesseiro que usava como escudo.

Foram os raios do sol alto no céu que a despertaram. A cortina aberta trouxe o vento cálido do dia, que mostrava ter começado há bastante tempo.

Abriu os olhos devagar e constatou pouco a pouco onde estava, a letargia do sono recém-interrompido a incomodava e, por um instante, se perguntou por que acordara tão apreensiva...

— Bom dia, esposa! — Viu-o sorrir, deitado no chão.

A voz de Diego a fez sentar-se de um salto na cama! É claro, o duque havia dormido no quarto com ela. Que perigo correria estando adormecida ao lado de ser tão nefasto!

— Oh, céus! — Pôs a mão na testa por um instante.

— É tão bom vê-la disposta esta manhã...

— Gostaria que Vossa Graça me deixasse sozinha, agora que já conseguiu o que queria.

— Bom, ainda me falta conseguir algo mais.

De olhos bem abertos, Letizia o encarou.

— A duquesa concederia a honra de cavalgar junto a mim?

— E eu tenho outra opção?

— Ótimo, pedirei que Santiago prepare os cavalos. Com a sua licença.

O duque fez uma leve mesura zombeteira e se dirigiu à porta com um leve caminhar e um assobio nos lábios.

— Ah, bom dia, *señorita* Juana. — Passou pela jovem, deixando-a de lábios e olhos abertos.

— Não pergunte, por favor. — Letizia cobriu o rosto com o lençol e se jogou sobre as almofadas.

— Mas tenho que perguntar, ora. — A dama fechou a porta atrás de si e caminhou rapidamente para a cama. — Acaso, você e o duque...

— Não! Nunca! Eu preferiria me atracar com um porco espinho. — A duquesa começou a se desenrolar do mar de roupas de camas e a ajeitar sua camisa de dormir.

— Desculpe-me se penso algo assim, mesmo que ele seja o seu marido...

— Nita, sabe muito bem que o detesto. Mas o homem colocou na cabeça que devemos dividir o mesmo quarto... o que quer que eu faça?

Juana observou a meia-irmã em silêncio. Ambas deram as mãos, a pele clara em contraste com a preta sempre as fazia rir quando eram mais jovens... agora as lembrava do abismo que, querendo ou não, as separava na sociedade.

— Desde que cheguei... tem algo obscuro em seu olhar. Não é mais como a Letizia que amava bordar e pintar.

— Eu mudei, irmã... coisas aconteceram e tenho uma propriedade que depende de mim.

— Quando vai dividir esse peso com alguém? Comigo?

— Não é um peso... é apenas a vida. E agora deixe de besteira, pois tenho um longo dia pela frente. — Saindo da cama, Letizia abriu o guarda-roupas e buscou um vestido simples, de lã pura, na cor azul. Com destreza, Juana foi até ela para ajudá-la a se vestir.

Ambas riram quando o vestido agarrou na cabeça da duquesa e se abraçaram com a tarefa pronta. Em sua mente, Letizia sabia que havia segredos que jamais seriam revelados à irmã.



— Aonde deseja ir? — questionou a duquesa depois de montar na égua preparada por Santiago.

Diego se viu sem fala por um instante, observando a esposa. Ela trajava um casaco de linho fino fechado e com capuz sobre um vestido azul que lhe iluminava os olhos. As mãos enluvadas apertavam firmemente a sela. Era uma bela visão, que o fazia pensar em coisas inapropriadas.

Na noite que passou tão próximo a ela, ele no chão e ela sobre a cama, foi inundado por seu perfume cítrico durante todo o tempo. Dormiu bem, apesar de estar no assoalho.

— Vossa Graça, não temos o dia todo — resmungou a duquesa.

— Perdoe-me, acredito que possamos ir em direção ao prado e, em seguida, ao vilarejo. Santiago me informou que muitos acreditam que estou morto, seria interessante mostrar-lhes que o duque está de volta.

— Como quiser! — Sem esperá-lo, ela partiu em direção à pradaria em um galope insistente e contínuo.

O duque não se permitiu ser deixado para trás e juntou-se a ela logo em seguida. Cavalgavam em uma disputa muda e veloz durante algum tempo. Passaram pelo campo coberto de mato e flores e logo estavam na estrada que rumava até a vila. Letizia desacelerou e permitiu que o duque se aproximasse. Ambos ficaram lado a lado em silêncio durante um tempo.

— Sabe, estar quieto não é uma das minhas grandes qualidades... — Diego começou.

— Não me diga.

— Sim, e gostaria de aproveitar para conversarmos.

— Sobre o que quer falar?

— Em primeiro lugar? Do castelo, dos arrendatários... Letizia, é claro que as coisas não vão bem.

— Mmm. — Ela continuou encarando a estrada.

— Estou de volta, quero ajudar, quero fazer a minha parte. Quero livrá-la desse fardo.

— Quer fazer a sua parte, Vossa Graça?

— Mas é claro! Obviamente devemos ter algum dinheiro no banco, e temos que começar a programar a reforma do castelo...

— Acha que já não pensei em tudo isso? — Com um meio-sorriso, a duquesa continuou: — Aguardarei ansiosa pelo momento em que tomará as rédeas de tudo e, diferente de mim, consiga arrancar alguma informação dos bancos sobre nossa situação financeira.

— Negaram-lhe crédito?

— Nem ao menos quiseram me receber. Creio que, com Vossa Graça, haverá uma melhor comunicação, de homem para homem, se é que me entende.

Os músculos de Diego se tensionaram e suas narinas exalaram um ruidoso suspiro. Como ousavam não receber uma mulher que necessitava de ajuda para pagar as contas? Uma duquesa, cujo marido estava desaparecido?

— Prometo fazer de tudo para resolver essa situação o mais rápido possível.

Chegaram ao vilarejo. Letizia foi a primeira a descer do cavalo e amarrá-lo próximo a uma taverna. Diego a acompanhou com os olhos todo o tempo, prestando atenção em cada um de seus movimentos. O que não lhe permitiu perceber que estavam chamando a atenção das demais pessoas no local.

“O duque...”

“O Duque de Granada está vivo...”

“O duque voltou da guerra...”

Ouviu as pessoas dizerem e só então olhou ao seu redor. Ofereceu o braço a Letizia, que o aceitou um tanto reticente.

— Bom dia — disse ele para a multidão que se aglomerava ao seu redor. — Aonde quer ir? — sussurrou para a esposa, que se encolhia ante tantas pessoas.

— Deixei alguns vestidos a cargo da costureira local, tenho que pegá-los.

— Pois a levarei até lá e esperarei na taverna mais próxima.

A duquesa assentiu e se deixou acompanhar até a casa da velha senhora. A mulher aceitava o pagamento da duquesa em frutas e verduras, concluiu o duque, vendo mais uma vez o quão necessitada estava a esposa.

Apertando os dentes, Diego deu as costas a Letizia e à velha costureira e se dirigiu para a taverna. O local era escuro, porém, limpo. Sentou-se à uma mesa e logo uma jovem moça veio toda faceira para servi-lo. Comeu *tapas* de presunto e torta de batata. Em relação à comida do exército, aquilo estava divino. Mandou que embrulhassem uma torta para levar, ele queria que Letizia a experimentasse.

Passou quase uma hora no local, sendo paparicado e cumprimentado por todos que entravam. Quando achou que já era tempo suficiente para que Letizia saísse da costureira, pagou e saiu outra vez para o ar livre. A esposa disse algo referente à temporada social estar logo à vista. Pois muito bem, ele faria questão de que ela fosse à melhor modista quando estivessem em Sevilha. Apenas o melhor para Letizia.

Um menino passou próximo a ele com ramos de flores na mão, estavam à venda. Em um impulso, comprou todas.

“Flores para as mais lindas damas”, havia dito a criança, e ele tinha a mais bela ao seu lado.

— Já terminou? — perguntou ao ver a duquesa com um embrulho em mãos e indo em direção ao cavalo.

— Sim. — Ela amarrou o pacote na sela e começou a preparar-se para montar.

— Tome, são para você.

— E por que isso? — A duquesa lhe devolveu um olhar desconfiado.

— Porque quem vendeu disse que deviam ser para a dama mais bela de todas.

A duquesa segurou as tulipas amarelas com certa relutância e as cheirou por um momento. Um sorriso transpassou em seu rosto, seguido por uma emoção que o duque não soube reconhecer.

— Quase me faz acreditar.

— Em quê?

— Que sou bonita. — Ela guardou as flores também na sela do cavalo.

— Pois diga-me quem ousou chamá-la de algo que não seja bela e o incitarei a um duelo.

Letizia sorriu, dessa vez com verdadeira vontade.

— Pois terá que duelar consigo mesmo, Vossa Graça.

E, sem mais, montou no animal e partiu rumo ao castelo.



Que espécie de covarde ele foi para a esposa antes de perder a memória?

Quem a deixaria em tal situação a ponto de ter de trocar frutas e verduras por consertos de vestidos e, o pior, aparentemente foi um cego, pois ousara chamá-la de feia.

Letizia Navarro, a duquesa de Granada, era qualquer coisa, menos feia.

Teimosa? Talvez.

Mandona? Muito.

No entanto, também era corajosa, determinada e tinha muito valor. Além de ser a dona do mais belo par de olhos de toda Andaluzia. Duas esmeraldas que dia e noite o fitavam com desconfiança. E ele atreveu-se a chamá-la de feia.

Uma mulher como Letizia merecia ser adornada com o mais fino ouro, paparicada com os mais belos versos de poesia erudita, deveria inspirar as mais belas peças de teatro.

E não ser chamada de feia.

Cielo Santo, estava a ponto de enlouquecer. Passou as mãos pelos cabelos uma e outra vez enquanto caminhava de um lado a outro no pátio a céu aberto do castelo. A lua devia estar rindo de sua estupidez.

O vinho descia amargo por sua garganta. Não foi jantar, não teve coragem de nem ao menos procurar pela esposa para saber se necessitava de algo. Um calhorda, isso é o que devia ser. Que preferiu ir à guerra em plena lua-de-mel.

— Encontra-se bem? Disseram-me que não quis jantar. — Ouviu a voz de Letizia em uma das entradas para o pátio, seus olhos se abriram ao enxergar o vinho em sua mão.

— Não estou bêbado. — Tentou apaziguá-la.

— Chamarei Santiago e... — Apressou-se para sair.

— Não..., esposa. Fique, por favor — sua voz soou ridícula e suplicante.

O que aparentemente funcionou, pois a duquesa dirigiu alguns passos em sua direção.

— É verdade? O que disse antes?

— Terá que me recordar, Vossa Graça, pois digo muitas coisas...

Ambos riram, pois ela imitou seu jeito de falar.

— O que disse sobre sua aparência, é verdade?

Ela assentiu, fechando os olhos por um momento.

— Sabe... todos os dias, antes de dormir... tento me recordar de alguma coisa... qualquer coisa... porque não faz o menor sentido para mim... essa casa, a forma como a deixei... *Diós*... como pude ser tão tolo.

— Não deveria martirizar-se tanto. — Suas mãos seguraram a dele. — Você se lembrará, no tempo certo.

— Será?

— Deixe nas mãos de Deus... — ela disse com enorme fé, e ele sorriu.

— Letizia... doce Letizia... — a mão do duque tocou o rosto dela, que se aninhou ao toque —, é tão bela... — Eles se encararam por um instante, os olhos grandes e verdes da duquesa com curiosidade e doçura, pela primeira vez. — Você é bela — murmurou Diego e seu dedo indicador fez caminho por toda a face de Letizia até pairar em seus lábios. Os rostos se aproximaram devagar, porque ele sabia que é isso que deveria ser feito.

A duquesa permitiu a aproximação, com sua respiração cada vez mais ritmada. A mão de Diego segurou-lhe suavemente o rosto agora e ele sabia que iria saborear aqueles lábios, caso contrário, sentia que iria morrer.

— *Señor* duque, desculpe-me se interrompo. — Santiago parecia estar sofrendo de uma forte gripe, pois pigarreou por longos instantes.

Maldito homem!

— O que passa, Santiago? — A duquesa, com suas paredes de pedra outra vez ao redor de si, se afastou dele.

— Há uma mensagem para Vossa Graça.

Os dois se observaram não mais com cumplicidade, mas sim com um mundo de erros e incertezas outra vez entre eles. A chama de Letizia se foi.

CAPÍTULO 07

— É um convite para almoçar. Quem é a *señora* Maria Rubio? — comentou o duque ao dispensar o mensageiro.

— *Doña* Maria? É a Viscondessa de Alba, nossa vizinha. Provavelmente ouviu a respeito de seu retorno e quer fazer uma gentileza.

— Sim... grande gentileza. — Letizia não entendia o sarcasmo do marido.

— E para quando é o convite?

— Para amanhã. — O duque entregou a pequena folha de papel à esposa.

Letizia observou a letra meticulosamente desenhada.

— Nesse caso, temos muito a aprontar.

— Não confirmei que iremos.

A duquesa pôs as mãos na cintura.

— Mas seria uma grande desfeita não irmos.

— Não sei se é uma boa ideia, Letizia, convite em cima da hora, passar o dia fora de casa com pessoas das quais não me lembro...

— Os Rubio o têm em muita alta estima, e pessoalmente, a última coisa que desejo é parecer rude a pessoas tão amistosas.

— É tão importante assim para você esse convite? — Ela assentiu. — Pois bem, iremos. — Algo dentro de si sentiu-se encantado por ele levar em consideração seu interesse em ir ao almoço.

— Sendo assim, me ocuparei dos preparativos. — Ambos se observaram por alguns instantes e Letizia se assustou, lembrando-se de como deixou que o marido se aproximasse há apenas alguns minutos. — Tenha uma boa noite.

A duquesa foi impedida de se retirar pelo marido, que lhe segurou o braço gentilmente. A mão do duque, quente e suave, levou um embaraço de emoções a ela, mesmo tocando-a por sobre o tecido da manga do vestido.

— Sim? — questionou.

— Nada... tenha uma boa noite também — ouviu-o dizer como quem faz uma confidência.

Passou pela cabeça dela perguntar se ele estaria dormindo no chão de seu quarto mais uma vez... Não adiantaria de nada trancar a porta se o homem podia escalar a torre e entrar pela janela, entretanto, achou melhor permanecer em silêncio.

E se ele supuser que está me fazendo falta? — pensou.

Não havia como impedi-lo, sendo assim, apenas esperaria para ver o que a noite lhe reservava. *Sim, era o melhor.* Decidida, deixou a porta do quarto destrancada e se manteve atenta.

Quando pegou no sono, porém, algumas horas depois de rolar de um lado a outro na cama, não havia nem sinal da presença do duque no aposento.



Ela deixou a porta destrancada.

A duquesa havia deixado a porta do quarto destrancada na noite anterior. Isso só poderia indicar uma coisa: que parte de seu plano havia dado certo. Letizia provavelmente ficara indecisa se devia trancar a porta ou não, visto que provou que nada o impediria de cumprir sua determinação de dormirem no mesmo cômodo. Mas o fato estava em que ela provavelmente deve ter achado estranho ele não ir. Teria sentido falta dele? Ou o ignorava por completo e apenas chegara à conclusão que seria inofensivo ele dormir no chão de seu quarto?

Não... ele ainda não beijara a esposa, mas sabia do fogo que havia dentro dela. Prova disso foi o momento em que ela permitiu que ele se aproximasse antes que Santiago os interrompesse. A mulher havia baixado a guarda a tal ponto que agora permitia que a tocasse.

Diego cantarolava as doces palavras em sua mente enquanto caminhava pela grama alta e verde do jardim em direção ao estábulo. Quando deu por si, estava assobiando.

— Despertou de bom humor essa manhã, Vossa Graça?

— Excelente humor, meu velho Santiago. — O duque bateu as mãos uma na outra e aproveitou para acariciar o cavalo a sua frente.

— *Señor*, é verdade que irá almoçar na casa dos de Alba?

E o que ficava em segredo nesse lugar?

— Sim, Santiago.

— Devo, então, preparar o cabriolé para Vossa Graça?

— O cabriolé?

— Sim, visto que o senhor vendeu a carruagem da casa já faz não sei quanto tempo... e não vejo como Sua Graça ir até a mansão dos de Alba cavalcando em selas.

Diego quis dizer um palavrão. Mais uma coisa que faltava na casa.

— Sim, homem, prepare o cabriolé. Que esteja o mais confortável possível para a duquesa.

— Sim, *señor* duque. — O homem tirou o chapéu de palha da cabeça e pareceu coçar os parcos fios brancos que lhe restavam. — Permita-me dizer, Vossa Graça, que o vejo muito mudado desde seu retorno.

Diego quis rir. Gargalhar, na verdade. Não fazia ideia de quem era, obviamente não devia ser o mesmo se nem ele sabia como era o seu normal.

— *Bueno...* e quão estranho assim estou?

— Olha... não quero parecer intrometido, *señor*, mas fico feliz que esteja tratando bem a duquesa... pode não se lembrar, Vossa Graça, mas eu o vi nascer e prometi a seus pais que sempre o serviria...

Aquilo tocou Diego. Até mesmo os empregados se deram conta de que havia algo de errado em sua forma de lidar com a esposa.

Que diabos sucedeu entre ele e Letizia?

— ...e também não preciso mais levá-lo bêbado ao quarto depois de chegar de suas noites de apostas... sabe, *señor*, minhas costas agradecem.

— A atenção de Diego agora se voltou para o velho, que ria e tossia ao mesmo tempo.

Espere, apostas? Virgen Santa, então deve ter sido assim que perdeu todo o dinheiro da família.

Buscando o jarro de barro que continha água, o duque ofereceu um copo ao velho empregado.

— Beba, Santiago. Está melhor?

— Sim, Vossa Graça, obrigado. — O homem bebeu tudo de uma vez só.

— Vamos, beba a água porque vai precisar molhar essa garganta. Preciso que me conte exatamente tudo sobre como eu era antes de ir à campanha militar.

— Tudo?

— Absolutamente tudo.

— Mas, Vossa Graça...

— É uma ordem. — Sentou-se em um banco de madeira enquanto Santiago o encarava com total horror, mas logo o velho começou a falar, e Diego agradeceu aos céus por estar sentado.



O Duque de Granada estava estranhamente calado durante todo o percurso para a casa dos de Alba, reparou Letizia. Devia estar agradecida por se ver livre das atrocidades que saíam da boca do marido, entretanto, sentia-se intrigada.

Decidiu aproveitar a oportunidade e reparar melhor no homem ao seu lado. O duque regressou mais magro, seu olhar era mais suave, e as mãos, mais calejadas. Sua pele estava mais bronzeada, provavelmente por conta do sol e do clima desértico da expedição em plena fronteira com o Marrocos. Poderia pontuar muitas outras coisas no marido que se mostravam diferentes, mas o assobio e o canto, logo em seguida, lhe chamaram a atenção.

Um tom ritmado na voz grossa, com a letra que levava algumas palavras inapropriadas, fazendo as orelhas de Letizia ficarem vermelhas.

— Vossa Graça... está cantando? — a duquesa pigarreou.

— Acho que sim.

No entanto, uma ideia surgiu na mente de Letizia.

— Então se lembra de algo... a canção, no caso.

— Não faço ideia do que seja. — O duque continuou a conduzir o cabriolé com cuidado, olhando fixamente para a frente. — De qualquer forma, acordei esta manhã com os versos em minha mente, e não consigo pensar em outra coisa desde então.

— Mas isso é excelente, sinal de que sua memória está voltando. — Ditas as palavras, Letizia deu-se conta do que elas significavam.

Um grande perigo a rondava. Se o duque recuperasse a memória, então não teria paz outra vez. Ao menos não como agora, quando viviam em uma guerra justa. As coisas com o velho Diego poderiam ser tudo, menos honestas.

Haviam saído do castelo no fim da manhã, por conta disso, chegavam na mansão do Visconde de Alba bem no início da tarde. Era um verdadeiro palácio andaluz, vistoso e arejado, com extensas janelas e grandes portões. Com um gramado bem cuidado e fontes em frente à entrada, os de Alba ostentavam o auge de sua riqueza.

Ao deixarem o cabriolé com um dos criados, eles aguardavam sob o opulento pórtico para serem recebidos.

Letizia se perguntava se a roupa que usava era elegante o bastante. Era um vestido em seda e musseline, verde-limão, com uma blusa branca de renda usada por baixo, junto ao *corset*, que deixava babados estilosos na gola e nos punhos. Um bolero de cor verde-musgo completava o traje, que era bem rijo, a cintura era marcada por um cinto preto também de seda. Enquanto reparava nos lados da casa, viu que o marido a observava.

— O que foi? — cochichou.

— Nada. — Deu de ombros.

— Não se lembra mesmo dos de Alba? — Ele negou com a cabeça. — Muito bem, deixe que eu tome a frente, então, e introduza as conversas. Qualquer coisa que não puder falar, diga que está com dor de cabeça. As notícias de seu ferimento devem ter se espalhado com rapidez.

Ela viu que ele continuava a observá-la atentamente até que um sorriso brotou nos lábios masculinos.

— Obrigado.

— Pelo quê? — continuavam a cochichar.

— Por cuidar de mim.

A duquesa sentiu-se corar dos pés à cabeça.

— Não estou cuidando de você, estou cuidando de nossos interesses.

Ela o viu abrir a boca para dizer algo mais, porém, foram interrompidos pelo mordomo, que abriu a porta e os anunciou.

— O Duque e a Duquesa de Granada, *señores* — o mordomo disse e abriu caminho para que eles passassem.

Foram recebidos pelo visconde e a viscondessa, um casal que chamava a atenção pela diferença de idade. O Visconde de Alba era um homem muito mais velho que sua esposa, enquanto ela era jovem e vivaz, com seus cabelos negros lindamente penteados e presos com uma enorme peineta de marfim. No recinto se encontravam outros grandes nomes da aristocracia que viviam na vizinhança e, enquanto cumprimentavam a todos com leves mesuras, Letizia reparou na presença de Martin Iglesias no canto da enorme sala, com um copo de uísque na mão.

— Oh, céus... — deixou escapar.

— Vamos tentar manter a classe, *mi bién* — ouviu Diego dizer bem próximo a seu ouvido.

Certo, ele também enxergava o perigo.

Parecia que eram os últimos convidados a chegar e todos esperavam para darem início ao grande almoço. Foram guiados para uma enorme sala de jantar. Letizia não estava acostumada com tanta pompa e sentia-se meio deslocada. Precisou buscar força nas incontáveis aulas de etiqueta que o pai insistiu que fizesse durante toda a vida para mostrar-se um tanto confiante com a situação.

O último a unir-se à mesa foi Martin Iglesias, que, graças ao santos, sentou-se ao lado da viscondessa e de um outro industrial ali presente. Apesar da idade, o visconde parecia um homem de mente aberta e moderna, pois recebia em sua casa não apenas a nobreza, mas também a burguesia. Os interesses de ambos pareciam andar juntos.

Vislumbrou Diego sentado à sua frente do outro lado da mesa, lado a lado com a viscondessa, e pareciam engajados em uma conversa repleta de

flertes e risadas.

O almoço começou a ser servido, e Letizia se viu encantada com a rica porcelana em que era servido o gaspacho, além das taças de cristal e baixelas de prata, coisas que tinha certeza de que um dia foram comuns no Castelo Navarro. Os criados se desdobravam para oferecer apetitosas batatas cozidas, enormes peixes e frangos assados ao molho de pera, carne de cordeiro cozida, torta de carne de porco, peças de presunto gordo, lentilhas, saladas de pepino e legumes cozidos. A fartura lhe encheu os olhos e discretamente tentava provar um pouco de cada coisa.

— Vê-se que tem bastante apetite, *Doña* Letizia — o visconde lhe dirigiu a palavra do assento principal.

— Fui ensinada por meu pai a jamais desagradar um anfitrião, *señor* Rubio. — Ela sorriu enquanto usava o guardanapo, e o visconde a cumprimentou, levantando a taça. Todos pareciam divertir-se com a interação.

— E, então, *Don* Diego, o que me diz do cerco em Melilla? — começou um homem que Letizia não reconheceu, mas tinha certeza ser alguém importante.

— Bom...

— Por favor, senhores... — a viscondessa interrompeu, pondo uma mão sobre o braço de Diego —, nada de assuntos tão brutais na hora do almoço, guardem a sede de sangue para o momento na biblioteca, com charutos e licores, ou seja lá o que vocês façam.

Os homens presentes deram suaves gargalhadas, que Letizia acompanhou com um leve respirar; quando observou Diego outra vez, viu que a viscondessa ainda tinha a mão em seu braço.

— Proponho falar de algo melhor, o retorno de *Don* Diego... meu primo, é claro.

A voz de *Don* Martin Iglesias a despertou do transe, quase levando uma onda de enjoo ao seu estômago.

— Sim, isso é algo muito melhor. Proponho um brinde: a *Don* Diego Navarro, o Duque de Granada, e ao seu heroico retorno à casa. — A viscondessa sorriu com a taça levantada enquanto o marido a observava atentamente, ela sorriu para ele em seguida.

O brinde foi feito e todos uniram-se à viscondessa, e Letizia pôde jurar que Diego preferia estar em qualquer lugar menos ali quando o viu

ajeitando a gola de sua camisa.

— E o que encontrou em seu retorno, *Don Diego*? — perguntou o visconde.

— Bom, a começar por alguns visitantes indesejados... — todos gargalharam enquanto Diego tomava uma taça de vinho —, mas o mais importante foi encontrar o castelo ainda de pé. — Todos voltaram a rir, apenas Letizia não achou nenhuma graça.

— O que meu marido quer dizer é que, apesar de gostar de aventuras, sempre é bom voltar para casa — ela disse, chamando a atenção de todos.

— É verdade, *mi bién*, é verdade. — Trocaram olhares breves.

— E então, quando haverá uma recepção em Navarro para celebrarmos seu retorno? — Martin questionou com um sorriso de intriga.

Letizia arregalou os olhos e quase cuspiu o vinho que tomava.

— Será um prazer recebê-los em nossa propriedade quando queiram, mas, de pronto, informo que nossa recepção não chegará nem perto da calorosa estada aqui, *señor* de Alba — Diego respondeu, ignorando o primo. Todos voltaram a sorrir, alguns batendo leves palmas por causa do bom humor de Diego.

O momento foi interrompido, para a felicidade de Letizia, com a chegada dos criados com as sobremesas. Os pratos principais foram todos retirados e substituídos por tortas de morangos, pêssegos e abacaxis em calda, amêndoas, biscoitos doces, figos secos, pedaços de queijo e por dois bolos, que foram dispostos cada um em uma lateral da mesa. O xerez era ofertado abundantemente pelos criados, mas ela decidiu manter-se sóbria. Deveria ficar atenta, por Diego.

Letizia amava doces, mas precisava conter-se para manter o decoro. Escolheu a torta de morangos e deliciou-se enquanto percebia que todos começavam a se dispersarem da mesa.

— Será um prazer mostrar a vocês nossa nova coleção de arte. Acompanhem-me. — Todos se levantaram, e Letizia quase chorou por ter de deixar o pedaço de torta pela metade.

Os convidados partiram com o comando do visconde e começaram a caminhar pelo corredor principal da casa. Obras de arte estavam reunidas nas paredes. Um quadro de Miguel Cañizares chamou sua atenção por um momento — era um retrato da antiga viscondessa — datado de muitos anos

atrás. Achou-o bonito e decidiu compartilhar sua impressão com *Doña* Maria, entretanto, não a viu em nenhuma parte do corredor.

Com o cenho franzido, Letizia percebeu que Diego também não se encontrava. Respirou fundo e viu que os cavalheiros e as demais damas estavam entretidos à frente, no fim do corredor, com uma história divertida do visconde, e decidiu voltar a fim de talvez salvar o marido de algum infortúnio.

Quando esteve de volta no salão de entrada, observou que ambos, Maria e Diego, acabavam de entrar na biblioteca.

E se Diego ficasse em apuros com algo que a viscondessa perguntasse?

Aproximou-se com cuidado da entrada da sala e encarou a porta entreaberta. Seus olhos observaram o interior da biblioteca antes que suas mãos tocassem a maçaneta da porta.

— Estava morrendo de saudades — ouviu a viscondessa dizer enquanto ficava frente a frente com Diego.

A mulher começou a desamarrar os laços do próprio vestido e a se esfregar nele.

— O que você está fazendo? — perguntou o duque, já com as mãos para cima.

— Ora, Dieguito, vamos lá, já faz um bom tempo que não nos encontramos. — Nesse instante ela fez com que Diego colocasse uma de suas mãos sobre seu decote. — Não temos muito tempo, por isso me beije, rápido.

Ela tentou se aproximar, mas ele a segurou pelos ombros com um olhar um tanto confuso.

— *Doña* Maria, desculpe-me se a atenção que lhe dei no almoço pareceu indicar outra coisa...

A mulher gargalhou, agarrando-o pela cintura, e pôs as mãos no cóis de sua calça.

— Suas moedas de ouro estão em cima da mesa, como sempre. Não se faça de louco, este é nosso acordo. Agora me beije, que quase morri pensando que podia perdê-lo nessa maldita empreitada militar.

Foi o bastante para Letizia, que virou de costas para a porta. Diego era ainda mais baixo do que ela pensava.

Como se já não tivesse motivos suficientes para não confiar no marido. Não ia chorar, não ia nem ao menos fazer uma cena.

Ela esperaria o momento certo de ter sua revanche, mas, enquanto isso, não poderia deixar de se perguntar por que certas lágrimas tomavam seus olhos.



— Dessa vez é você quem está calada, esposa.

— Não vejo necessidade de falar, Vossa Graça.

Permaneceram em silêncio por mais algum tempo enquanto o ruído do cavalo em trote ligeiro os distraía.

Diego sentia-se enojado com o acontecido na biblioteca da viscondessa. Aparentemente eram amantes e a buscava por puro interesse, atrás de dinheiro. Que espécie de homem ele era? E Letizia? Como fora capaz de trair a esposa dessa forma no passado?

Ainda estava em estado de alerta pela preocupação que tivera de alguém entrar na sala e um escândalo acontecer. Foi preciso uma boa dose de argumentos para se livrar da viscondessa, que parecia ter mãos de polvo.

Um trovão clareou o céu e o caminho à sua frente, fazendo a duquesa dar um salto ao seu lado.

— Acalme-se, logo estaremos em casa. Não permitirei que molhe um só centímetro de seu corpo.

— Não estamos nem na metade do caminho.

— Gostaria de ter aceitado a oferta da viscondessa de pernoitar em sua mansão?

— Não! — Letizia disse, enfática, para logo em seguida ficar em silêncio outra vez.

Outro trovão cortou o céu, clareando a estrada logo à frente, dando-lhes a visão de três homens de péssima aparência, e armados.

— Diego... — a duquesa sussurrou.

— Estou vendo — ele respondeu, continuando controlando a velocidade do cabriolé.

— Você vai parar?

— Só se eu quiser perder a cabeça...

Um dos bandoleiros se adiantou e apontou a faca em direção a Letizia.

— Droga... — o duque murmurou, fazendo o cavalo diminuir a velocidade. — Como vão, cavalheiros? — disse com um sorriso nervoso no rosto.

— Desçam da carruagem — um deles ordenou, o mais corpulento de todos.

— Veja bem, nós temos um problema... — começou a falar.

— Não vejo problema nenhum... desçam agora. Se quiser, ajudo a *señora* a descer. — As mãos sujas do bandoleiro se adiantaram em direção a Letizia, que fez uma expressão de horror.

— Ninguém toca nela, ouviram bem? — Os homens gargalharam enquanto outro trovão anunciou a tempestade que se aproximava. O duque passou a enxergar em tons carmim quando o homem se aproximou ainda mais e puxou Letizia.

No entanto, a duquesa foi mais rápida, e para surpresa de todos, ela o chutou. O sujeito cambaleou enquanto seus comparsas trataram de avançar sobre o veículo.

Era o começo de uma briga colossal, envolvendo Diego e os bandidos. O duque tomou a frente da esposa quando os malfeitores se aproximaram e foi puxado para fora do cabriolé. Ele bem que tentou manter uma luta em ação, mas acabou sendo dois contra um.

Um dos homens segurou o duque, enquanto o outro desferiu golpes em seu estômago. O terceiro homem avançou sobre Letizia com um sorriso malicioso. Diego tratou de tentar se livrar de seus algozes, porém recebeu um golpe que o fez ajoelhar-se.

— Letizia... — sussurrou em meio à dor.

Acabou fechando os olhos por um instante e foi quando o barulho de um tiro o apavorou. Um suor frio correu por todo seu corpo e gelou sua

espinha, ele pensou em como se tornara inútil a ponto de não conseguir defender o único bem que lhe restava.

Ouviu barulhos de relincho, era o cavalo sendo solto do cabriolé. A próxima coisa que viu, já não tão desorientado pela dor, foi os homens partindo, e Letizia correndo até ele.

— Letizia... — Sua voz foi quase um murmúrio.

— Consegue se levantar? Precisamos sair daqui antes que voltem...

A visão da esposa era como óleo borrado sobre uma tela... tentou respirar fundo, mas seus pulmões doíam pelos golpes que levou.

— Diego, preciso que fale comigo. Diego... — ao longe, a voz de Letizia soava grave e frenética.

Ele levantou a mão por um instante e se abaixou, esperando que a dor passasse. Alguns momentos depois observou tudo ao seu redor, na semiescuridão.

Levantando-se, o duque tentou recobrar o fôlego, e seus olhos se arregalaram ao ver uma pistola na mão da esposa.

— O tiro... — começou, entretanto as coisas não lhe faziam muito sentido.

— Atirei para o alto, eles correram levando o cavalo.

— *Cielo Santo...* Maldição... — Já plenamente restabelecido, ele ensaiou alguns passos de um lado a outro. — Bom, depois disso não há como ficar pior, há?

A resposta veio por meio de um trovão e das primeiras gotas de chuva. Ele viu a duquesa dar um suspiro e guardar a arma em uma espécie de fita de couro amarrada à perna direita. Não pôde deixar de contemplar a bela panturrilha ali mostrada, tonificada e delgada.

— Acho melhor começarmos a andar, temos um longo caminho até chegarmos em casa. — O duque a encarou seriamente. — Tem uma ideia melhor, Vossa Graça? — ela disse, puxando a barra do vestido, começando a caminhada sem esperá-lo.

— Não tive tempo de perguntar se está bem — disse Diego depois de se dar por vencido e acompanhá-la.

— Tirando o fato que perdi um dos poucos cavalos que ainda nos restava..., sim.

— Sinto muito pelo cavalo... — chutando uma pedra no meio do caminho, o duque bufou —, sinto muito por tantas coisas...

— Sente mesmo? — questionou Letizia, virando-se e encarando-o com as mãos na cintura.

Estavam longe do vilarejo e o fim da tarde junto à chuva trazia uma luz cinzenta ao dia.

— O que quer dizer com isso?

— Nada... acho apenas que estou cansada.

A chuva tornou-se mais forte à medida que ambos continuavam a caminhar. As roupas começavam a colar devido ao encharque, e os pés grudavam no chão lamacento. Andaram por um bom tempo em silêncio, Letizia caminhando poucos passos à frente e Diego tratando de segui-la.

— Olhe, um chalé! — indicou o duque, apontando para algum lugar à direita. Letizia tentou enxergar em meio ao aguaceiro que caía do céu e às nuvens que tornavam a tarde escura.

— Graças a Deus — murmurou ao examinar atentamente o local que o marido apontava e ver uma chaminé.

Os passos da duquesa se aceleraram nas poças e no chão barrento. De repente, ela se colocou em direção oposta à estrada, indo pelas árvores, pelo chão coberto de folhas secas e musgo.

— Letizia, o que está fazendo? — perguntou Diego, parado na estrada.

— Creio que será mais rápido se formos por aqui. Olhe, o chalé é logo ali na frente.

— Não acho uma boa ideia, melhor seguirmos o caminho e contornarmos a estrada.

— Vamos, homem, venha viver um pouco de aventur... — imediatamente enquanto falava, Letizia pisou no chão lamacento e seus sapatos ficaram presos, fazendo-a desequilibrar-se e cair pelo barranco.

— Letizia! — gritou o duque, correndo e tentando segurá-la, inutilmente.

O grito dela assustou Diego, a próxima coisa que ele viu foi a esposa caindo, rolando pela encosta repleta de lama e árvores. Tratou de fazer a coisa mais sensata: foi atrás dela.

Agradeceu por estar usando botas compridas, e não sapatos curtos, e se pôs a caminhar pelo barranco, o que se mostrou inútil, pois logo foi tragado pela chuva e pela terra, descendo ribanceira abaixo enquanto seu traseiro deslizava pela terra encharcada.

Teria dado boas gargalhadas se não fosse o fato de encontrar Letizia caída no sopé do barranco, com dificuldade em se erguer.

— Letizia, espere! — Levantou-se, ainda que todo sujo, e correu até ela. — Minha querida, não se mexa. Preciso saber se algo dói... foi uma queda e tanto.

Encolhida e de olhos fechados na chuva, Letizia levantou um dos braços, cuja mão Diego prontamente segurou e levou até o peito, ao se abaixar.

— Onde dói? — perguntou com o corpo ardendo de preocupação.

— Não sei... no meu orgulho, talvez.

— Venha, não se mova.

Para sua incredulidade, Letizia permitiu-se ser posta em seu colo. O corpo quente e dolorido estava agora em seus braços, e Diego, por um instante, pensou que era como estar em casa. Não importavam a chuva, a sujeira ou o fato de não se lembrar quem realmente era... ele tinha Letizia pela primeira vez consigo.

— Você tinha razão, *mi bién*. Estamos mais próximos do chalé agora.

Ele encarou o rosto da esposa próximo ao seu peito e a viu aconchegar-se ao seu corpo enquanto seguia pelo gramado em frente. Não estavam mais na estrada, o caminho agora era repleto de relva verde, e poucos metros à frente, se via o chalé.

Logo estavam na porta do humilde casebre. Bateu na porta por três vezes e, sem resposta, a chutou. Aparentemente era um local abandonado, ou usado apenas na temporada de caça. Havia uma lareira, uma mesa com cadeira e uma cama de palha, para onde rapidamente correu e depositou Letizia.

Protestando por sair dos acolhedores braços do marido, ela murmurou enquanto era colocada na cama limpa coberta com mantas de peles de animais.

— Frio... — Ele a viu se debater e seu coração se encolheu por um momento. Não havia nada que a esposa lhe pedisse neste momento que ele não corresse para lhe dar.

— Sim, doçura, sei que está frio. — Letizia parecia sonolenta, e isso o preocupou. Precipitou-se a desabotoar o vestido imundo e em situação deplorável que ela vestia.

— O que está fazendo? — perguntou de olhos semicerrados.

— Estou deixando-a confortável, não se preocupe. — Fez um rápido trabalho ao remover os tecidos e soltar-lhe até mesmo o espartilho.

Quando se deu por satisfeito, cobriu-a com todos os cobertores disponíveis sobre a cama e ouviu uma espécie de gemido favorável da esposa. O som suave e prazeroso que saiu da garganta de Letizia tocou-o intimamente.

De imediato ela se aconchegou sob os cobertores e fechou os olhos em um sono profundo. Fez uma nota mental para checá-la mais tarde e ter certeza de que ela não estava machucada. Enquanto retirava a própria roupa molhada, ao observar com mais atenção o chalé, encontrou uma camisa e calças velhas. Vestiu-as sem pensar duas vezes, afinal, eram roupas secas.

Sentou-se na cadeira próxima à mesa e pensou na confusão que havia feito com a própria vida. Desde que voltou para casa, era como se estivesse pagando pelos pecados de outra pessoa. Acaso não era assim que se sentia? Como se tudo que estava vivendo pertencesse a outro alguém?

Menos ela.

Observou a respiração calma e lenta de Letizia e soube que o que quer que tivesse que enfrentar, ele o faria com coragem, se isso resultasse em ganhá-la para si no final.



Letizia abriu os olhos devagar. Ouviu o crepitar do fogo e sentiu o cheiro de madeira queimada. Não sabia bem onde estava, mas seu corpo inteiro reclamava de algo. Moveu-se sob pesados cobertores e sentiu seu cotovelo esquerdo latejar. Praguejou e viu, graças às chamas refletidas na

parede, uma sombra se aproximar rapidamente. Levantou os olhos e encontrou Diego pairando sobre si.

— Como se sente?

— Acho que bem... meu braço dói um pouco. — Sua voz estava rascante.

— Foi uma queda e tanto, fiquei preocupado.

Ela tentou sentar-se na cama, mas viu que estava apenas em roupas de baixo.

— O que fez com minhas roupas? — perguntou com rispidez.

— Estavam molhadas demais, não quis correr o risco de que pegasse um resfriado. Não se preocupe, fui o mais cavalheiro possível. Caso deseje, encontrei uma camisa seca em um dos armários.

Ele lhe entregou a camisa de tecido rústico. Os dedos se tocaram e pararam, como se sentindo a pele um do outro. Ambos se observaram sob a luz do fogo na lareira.

— Poderia se virar, por favor, enquanto me visto? — ela pediu, e Diego apenas assentiu.

Ela o viu voltar para perto da mesa e dos armários do chalé, dando-lhe as costas. Letizia aproveitou e rapidamente se sentou na cama, colocando a camisa e abotoando-a com cuidado. A peça ficou enorme em seu corpo, porém, agora se sentia um pouco mais vestida.

— Obrigada — disse, apenas para ter outro acenar de cabeça do esposo como resposta.

Ela o viu sentado na cadeira e estava prestes a abrir a boca para falar quando um trovão irrompeu do lado de fora, lembrando-lhes que a chuva ainda não cessara. Foi Diego quem se adiantou a abordar o tema.

— Acho melhor ficarmos aqui até o amanhecer. Não chegaremos a lugar nenhum com essa tempestade.

— Concordo.

— Fui ao poço e peguei um pouco de água para o caso de você querer se limpar um pouco.

Foi quando Letizia se deu conta que estava coberta de terra seca. Os cabelos, um verdadeiro emaranhado, graças à queda na lama.

Sentando-se na cama, ela logo se pôs de pé e foi em direção ao balde perto da lareira. Quando se abaixou, suas costas reclamaram e ela soltou um gemido de dor.

— Inferno — disse, brava consigo mesmo pela queda.

— Permita-me ajudá-la. — Ela viu o marido se prontificar a buscar panos secos sobre a mesa e molhá-los na bacia cheia de água.

Logo o teve junto a si, limpando seu rosto com cuidado e ajudando-a a lavar os cabelos.

— Não se preocupe, eu...

— Por favor, esposa, deixe-me ajudar. — Seu tom de súplica convenceu Letizia.

Seu toque era delicado e possessivo ao mesmo tempo. Ele a fez sentar-se na cama outra vez, com os pés no chão, e limpou com o pano desde seus tornozelos nus às suas mãos arranhadas. Ficaram frente a frente quando Diego levou o pano ao seu pescoço e rosto, e Letizia observou a feição séria e compenetrada do marido em sua tarefa. O queixo quadrado e com um leve furo parecia retesado, os dentes, apertados por alguma inquietação. Os olhos castanho-escuros, com nuances profundas de âmbar, focavam em seu rosto, deixando-a perturbada. Não gostava de ser o centro das atenções de ninguém, não mais. E a atenção de Diego estava completamente nela neste instante.

Ele levou o balde para perto de sua cabeça e colocou seus cabelos vermelhos na água. Sentiu-o penteá-los com os dedos e se permitiu a carícia leve por um instante. Ele parecia saber o que fazia, como se já houvesse cuidado de mil mulheres em sua vida. A ideia fez Letizia respirar com força. Era óbvio que não era a única para o marido, jamais seria. Decidiu espantar os pensamentos... e espantar o próprio Diego de perto de si.

— Creio já ser suficiente... — Ela puxou o próprio cabelo e segurou a mão do marido, que tocava os fios.

Ele se voltou, e ambos se observaram. Ela o viu engolir em seco ao olhá-la e tocá-la na bochecha delicadamente. A carícia da mão quente em sua face a fez suspirar e a pegou de surpresa.

— Letizia...

Sem mais, Diego aproximou o rosto cada vez mais do seu, ela sabia o que ele pretendia, e se surpreendeu ao não querer repeli-lo. Talvez porque fosse para ser, ou talvez porque sentisse o mesmo — ela podia jurar — que ele sentia: o coração acelerado por estarem perto um do outro.

Os lábios de Diego tocaram os de Letizia primeiro com suavidade, como se pedissem permissão. Passaram a brincar com sua boca,

encostando, abrindo e fechando enquanto a pulsação da jovem se tornava cada vez mais ritmada. O passo seguinte foi dado por ela, que retribuiu encostando também seus lábios nos dele e pondo uma das mãos em sua nuca. Diego gemeu com o toque e intensificou o contato de suas bocas. Logo o duque estava lhe mordiscando e fazendo com que abrisse os lábios. E lá estava ela, para lembrança de Letizia, a língua brincalhona e invasora do esposo, que, dessa vez, lhe enchia de algo que ela não sabia nomear. Sentia o corpo inteiro tremer e se colocar quente, o sangue em suas veias parecia correr mil vezes mais rápido e o coração... ah, o coração poderia saltar para fora do peito, tamanha a euforia.

Letizia não sabia que um beijo poderia ser assim... não sabia que Diego poderia ser assim.

— Por favor... não — disse, colocando as mãos sobre os ombros do marido, que se aproximava ainda mais de seu corpo.

— Letizia...

— Você me deixa confusa... eu estou confusa. Por favor, me deixe em paz.

— Não foi minha intenção... — o duque falou, passando as mãos nos cabelos despenteados pela chuva.

— Acho que esse é o problema, Diego, eu não sei quais são suas intenções.

O marido a encarou como se ela tivesse lhe dado uma bofetada. Para ela, não era nenhum problema, não quando já sentira o peso daquelas mãos antes.

O barulho da trovoada assustou a ambos, Letizia olhou pela fresta da janela e percebeu que a noite já adentrara o céu. A ela, só restava voltar a deitar e dormir.

— Tenha uma boa noite, Vossa Graça.

Cobrindo-se dos pés à cabeça, ela lhe deu as costas enquanto se deitava na cama, mas, com os olhos fechados e os lábios marcados pela paixão de Diego, ela sabia que não conseguiria dormir. Sua mente repassou os instantes atrás enquanto ela escutava o duque mover-se no quarto. O arrastar da cadeira, o soprar da lareira... De tudo, Letizia estava consciente.

Assim como estava consciente de como o duque a tratou desde que retornou e o quanto não era imune às suas investidas, apesar do passado. Assim como estava consciente também do genuíno olhar preocupado dele

com ela após sua queda e da forma como foi cuidada por suas mãos... e lábios. Quem era esse homem que regressou e a inquietava de tantas maneiras?

Letizia percebeu quando Diego se deitou no chão, ao lado da cama, na noite gelada e chuvosa. Ela escutou seu suspiro e sabia que ele não tinha nada para se cobrir.

Era errado vingar-se de um pecador que não sabia quais eram seus pecados?

A resposta veio quando ela se aprumou e sua voz ecoou por toda a cabana:

— Marido, venha para a cama.

CAPÍTULO 08

Primeiro Diego pensou estar sonhando.

Apenas quando Letizia disse pela segunda vez para que ele fosse se deitar ao seu lado na cama foi que realmente acreditou que aquilo era verdade.

Não disseram nada mais um ao outro. Ela lhe deu as costas e voltou a dormir. Talvez tenha se apiedado de deixá-lo no chão frio após tantos percalços. Ele não quis iniciar uma batalha na qual decidiriam quem iria dormir onde. Apenas fez o óbvio, como estavam acostumados.

Foi deitar-se ao lado dela que fez começar o seu inferno. Não podia parar de pensar no corpo macio e quente tão próximo ao seu. A forma da mulher suave e bem apessoada que ele carregou nos braços lhe invadia a mente. Letizia era curvilínea e alta, seus cabelos longos e molhados cheiravam às flores secas do outono e seu traseiro, mesmo sob as cobertas, era proeminente. Olhou ao alto, como que pedindo ajuda divina para aguentar a noite que começava. Ela era a tentação mais deliciosa de todas, sua própria esposa.

E o beijo, *madre mia*, o beijo que compartilharam essa noite o incendiou por completo. Poderiam existir lábios mais perfeitos que os de Letizia?

Impossível.

Beijá-la havia sido como sair do próprio corpo e regressar, uma experiência tão poderosa que o assustara. Se antes a esposa o intrigava, agora ela o atraía. Não havia outro remédio a não ser achar uma maneira de conquistá-la.

Não sabia como iria dormir esta noite, apenas velar o doce sono da duquesa já fazia seu sangue ferver por completo. Ele iria fazer Letizia sua ou então não se chamava Diego Navarro, Duque de Granada.



Pássaros cantando trouxeram a Letizia a consciência do amanhecer. Sentia-se preguiçosa, algumas partes do corpo ainda doloridas pelo tombo, por isso não abriu os olhos. As cobertas a mantinham quente, como em uma redoma cálida e deliciosa.

Ouviu um leve farfalhar ao seu lado e sentiu a respiração de alguém muito próxima. Isso a fez abrir os olhos de uma só vez.

Encontrou Diego encarando-a, com seus olhos castanho-dourados como os de um gato.

Ambos se encontravam frente a frente, tão próximos que podia sentir o calor emanando do corpo másculo e grande ao seu lado. Não havia nada de errado, eram marido e mulher..., entretanto, eram muitas outras coisas mais um para o outro.

— Bom dia, esposa — ouviu-o dizer com voz rouca e arrastada.

Seu corpo inteiro se arrepiou.

— Bom dia — acabou respondendo, sem dar-se conta muito bem do porquê.

Continuaram a se olhar em silêncio, o duque parecia querer escrutinar cada detalhe de seu rosto. Ele sorriu com o canto dos lábios e levantou a mão em direção às suas bochechas. Letizia arregalou os olhos e alçou os dedos de encontro aos dele. Ambas as mãos se tocaram, despertas, quentes e intuitivas.

O duque se apossou da mão dela e beijou-lhe o dorso, os lábios se demorando na pele alva e suave. Estavam como que presos por encanto, magia pura e simples. Letizia sentiu-se enfeitiçada pelo marido, e isso alertou sua mente dos perigos que corria.

— Creio que é melhor nos apressarmos e irmos para casa. — Retirou-se da cama abruptamente, deixando o frio da manhã tocar seu corpo descoberto. Puxou para si uma das compridas e firmes peles, pois a camisa que vestia deixava as longas pernas à mostra.

Deu as costas ao marido e, enquanto buscava seu vestido sobre uma das cadeiras, seco por passar a noite próximo à lareira, ela ouviu o farfalhar das roupas de cama, provavelmente ao mesmo tempo em que o próprio Diego se levantava.

— Letizia... — começou a dizer o duque, seguido de um leve pigarro —, sobre ontem à noite...

— Não quero que me beije, nunca mais — a duquesa falou de modo cortante. — Não com os mesmos lábios que beija suas amantes.

Quando virou, encontrou-o de boca e olhos extremamente abertos em surpresa. Nada além do esperado.

— Afinal, pensou que eu não os havia visto? Sorte sua não ter sido flagrado pelo visconde, ou teria amanhecido com formigas na boca esta manhã.

O duque parecia desconcertado demais para pronunciar qualquer palavra.

— Gostaria que me deixasse a sós um momento para que eu possa me vestir — falou simplesmente. O marido atendeu ao pedido depois de continuar encarando-a por mais alguns segundos, batendo a porta atrás de si.

Letizia queria sorrir como um soldado que ganha uma batalha importante, mas apenas a amargura fazia morada em sua mente neste instante.

Enquanto se vestia, espantava os pensamentos dolorosos de que jamais teria um casamento feliz ou seria amada, como um dia sonhou. Como quando foi tola o suficiente para acreditar em Diego.

Pensou na prima Isabel e em como ela se mostrou feliz em seu curto casamento. Era notório para toda sociedade andaluza que o Barão de Altamira foi perdidamente apaixonado pela esposa e, também, era de amplo conhecimento de todos que esse amor levou o casal à perdição. Após um escândalo familiar, o barco que levava Eric Casanova, o barão, em uma fuga impensada, explodiu, enquanto à sua prima Isabel, restou refugiar-se em um convento a fim de aturar a infindável solidão após a morte do

marido. Isabel atentara contra a própria vida, jogando-se no mar das ilhas Canárias. Os corpos de ambos, do barão e da baronesa, jamais foram encontrados.

Letizia gostava de pensar que o mar havia abrigado a paixão deles, apesar de que se lembrar da prima sempre enchia seus olhos de lágrimas, como agora. Queria poder ser forte e seguir adiante, como Juana, que nem ao menos se dignava a falar sobre o assunto, porém, como esquecer alguém tão especial como Isabel?

Deixando de lado os devaneios, Letizia terminou de se vestir, deixando alguns tantos botões do vestido abertos nas costas. Nada a faria pedir a Diego que abotoasse suas roupas. Quando ficou pronta, abriu a porta do pequeno chalé e se surpreendeu ao encontrar um sol tão resplandecente, sem nenhum sinal do aguaceiro do dia anterior. Ao olhar para o lado, viu o marido completamente vestido com suas próprias roupas.

O Duque e a Duquesa de Granada partiram em sua caminhada de volta para casa. Com a sorte a seu favor dessa vez, encontraram um gentil agricultor que lhes ofereceu carona em sua charrete. Mais do que depressa, ambos se apossaram dos lugares cedidos pelo homem que ia na frente, orgulhoso em dar carona a um casal da aristocracia.

Em silêncio, o par viajava lado a lado, sentindo o sacolejar do veículo.

— É a quinta vez que suspira em menos de dez minutos, esposa. Posso saber o que tanto a inquieta?

— Quero chegar logo em casa. Céus, Juana deve estar desesperada pela total falta de notícias...

— Por acaso importa-lhe tanto assim o que pensa sua dama de companhia?

A duquesa moveu as mãos uma na outra em seu colo. Encarou o marido como se avaliasse bem se devia ou não seguir com a conversa.

— O que foi? — ele questionou.

— Juana não é apenas minha dama de companhia.

Diego a observou com os olhos atentos.

— Ela é minha irmã.

O homem pareceu chocado por um instante e, ao contrário do que Letizia pensava, não a encheu de perguntas a respeito do que obviamente foi um caso extraconjugal de seu pai. Melhor assim, não estava para assuntos profundos esta manhã.

Foi possível ver os três habitantes da propriedade na escadaria do castelo no instante em que a charrete fez a curva na estrada, depois de um par de horas tortuosas sentada lado a lado com o marido. O banco não era muito grande, ao contrário do outro ocupante. O corpo robusto de Diego a fez sentar-se encolhida por todo o caminho.

Por fim, haviam chegado. Enquanto se encaminhava para a entrada, ela sabia que não poderia esconder nada do olhar inquisitivo da irmã.



Um bom soldado precisa reconhecer quando há necessidade de mudar de estratégia no campo de batalha. Para ele, era preciso reformular todos seus planos de guerra para com a esposa.

Maldito seja, ela o havia flagrado com a viscondessa. A mulher praticamente se jogou sobre ele, deixando-o com pouco espaço para reação. Pensou ter tido uma vitória com o beijo dado na noite anterior, porém regressara mesmo à estaca zero.

Ou não. Percebia o desejo de Letizia, sabia que ela sentia algo quando ele se aproximava. Mesmo que agora, de volta à propriedade Navarro, ela se mostrasse ainda mais distante.

Precisava pensar em algo com urgência, precisava se aproximar. Mas como se aproximar se a tal irmã, Juana, bancava o cão de guarda da duquesa?

A menos que...

É claro, ele poderia fazer isso. Poderia comer pelas beiradas e assim chegar ao prêmio mais apetitoso de todos.

Se Letizia queria fazer a irmã de escudo... ele avançaria com outras armas.

Foi pensando nisso que o duque seguiu a passos decididos do seu quarto até o salão principal, onde encontrou Letizia e Juana conversando enquanto costuravam longos e brilhantes vestidos.

— Boa tarde — esperou que ambas desviassem o olhar dos tecidos sobre o enorme sofá —, como estão passando?

— Bem — ambas responderam em um murmúrio uníssono.

— Excelente.

Diego seguiu de pé enquanto as damas continuavam atentas às agulhas e linhas. Com um pigarro, lhes chamou a atenção outra vez.

— Precisa de algo, Vossa Graça? — Letizia perguntou de forma estranhamente complacente enquanto guiava a irmã para que a mesma marcasse um ponto com a agulha no tecido.

— Na verdade, sim, gostaria de fazer um convite à *señorita* Juana.

Ambas as damas se encararam e, em seguida, observaram o homem parado na sala.

— *Perdón?* — perguntou a jovem.

— Gostaria de saber se aceita cavalgar junto a mim pelo prado esta tarde.

A jovem arregalou os olhos e fitou a duquesa, que apenas deu de ombros.

— Vossa Graça, temo não ser uma boa companhia...

— Saiba que ficarei encantado com sua presença nesse inocente passeio pelas margens da propriedade. Há quanto tempo está por aqui?

— Cinco... seis meses...

— Isso é mais tempo do que minha memória consegue se lembrar, óbvio que será uma ótima companhia. Posso pedir a Santiago que prepare os cavalos?

Ela não viu outra opção além de aceitar o convite, para satisfação do duque. O olhar intrigado de Letizia foi algo que o homem jamais iria esquecer. Assim que deixou as damas a sós, um sorriso diabólico surgiu em seus lábios. Santiago prontamente começou a selar os cavalos, e os animais estavam prontos para partir do estábulo.

— Posso saber o que pretende? — A voz da duquesa o tomou de surpresa e deu um leve susto em Diego.

— *Santa Madre de Diós*, Letizia, acaso quer se aproveitar de uma viuvez precoce?

O olhar divertido da esposa chamou a atenção, como assentisse à afirmativa.

— O que pretende, marido?

— Não sei o que quer dizer com isso.

— Ora, vamos. Levando Juana para cavalgar assim, do nada?

— Gostaria de cavalgar junto a mim, Letizia?

— Prefiro andar descalça sobre fogo vivo. — Os olhos chamejantes da duquesa deixavam isso bem claro.

— Então tem sua resposta. Acaso quer que eu vá me distrair por aí com os serviçais? Não há nada demais em se divertir um pouco, sabia, esposa?

Ela estava prestes a responder-lhe, mas a chegada da irmã os interrompeu.

— Ah, aí está você, Juana. Vamos, pois o dia está propício para uma excelente cavalgada. — Ele ofereceu o braço à jovem, que o dispensou com um aceno. Diego sorriu e ambos caminharam até os cavalos preparados.

— Então, Juana, o castelo é do seu agrado? — questionou o duque enquanto cavalgam pela baixa vegetação do prado, algum tempo depois.

— É uma grande propriedade, Vossa Graça, tenho certeza de que ainda há lugares que desconheço.

— Não é uma exploradora?

— Perdão? — Ela o encarou com uma careta.

— Uma exploradora, alguém que está sempre em busca de coisas novas.

— Gosto de comodidade.

— É mesmo?

A jovem apenas assentiu enquanto ambos continuavam a cavalgada.

— É uma exímia amazona, Juana.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Quem lhe ensinou a montar assim tão bem? — O duque estava quase desesperado pela falta de assunto, a mulher era um túmulo.

A resposta dela veio através de um dar de ombros e Diego respirou fundo. Estava sendo mais difícil do que ele imaginara.

— Bom... pois está de parabéns — continuou ele.

— O que Vossa Graça deseja de mim? — respondeu ela, cortante.

— O quê? — Surpreso, Diego arregalou os olhos.

— Sabe, *Don Diego*, não sou estúpida como muitos pensam ou desejo que pensem. Sei que, mesmo sem memória, o senhor continua tão traiçoeiro quanto uma raposa, então este passeio se tornará muito menos enfadonho se formos direto ao ponto e me disser o que deseja. — Juana sorriu, um sorriso presunçoso com os olhos brilhando de astúcia.

Diego engoliu em seco e decidiu frear o animal até chegar a um leve trote.

— Realmente é mais esperta do que eu imaginava, *señorita Juana* — ela concordou com um menear de cabeça —, mas acaso não posso estar interessado em apenas saber mais sobre minha cunhada?

A sobancelha esquerda da jovem se levantou ao ouvir a informação confidencial.

— Então é isso, está interessado em fofocas, *señor*?

— Não, longe de mim...

— Pois muito bem, cresci na fazenda dos Fuentes e fui criada pelo administrador das terras, junto à sua família. Minha mãe morreu quando nasci e meu pai... quanto a ele... Vossa Graça já sabe bem quem é.

— Entendo..., mas quero que saiba que não está aqui para satisfazer minha curiosidade sobre mexericos, *señorita Juana*. Ao contrário, tem minha completa admiração e respeito.

Ele percebeu que a dama o observou com olhos hesitantes.

— Agora, com respeito a Letizia...

— Então esse é o motivo? Quer chegar a ela passando por mim?

A maldita mulher o chamou de raposa, entretanto, ela era um ser ainda mais perigoso.

— A duquesa e eu estamos juntas desde crianças. Muito antes de sabermos nosso parentesco. Ela visitava a fazenda todo outono. Nos tornamos amigas, depois irmãs.

— Letizia é minha esposa, quero me aproximar dela. Apenas isso.

— Enquanto eu quero protegê-la. Não a conhece como eu a conheço, *Don Diego*. Essa mulher que o senhor vê agora não é a mesma que vi crescer.

Diego permaneceu em silêncio, pensando em uma resposta decente por alguns instantes.

— Temos algo em comum então, *señorita*. Ambos queremos o melhor para a duquesa. Aceitaria minha amizade em vista disso?

Juana soltou uma mofa em resposta.

— Não tão rápido, *señor* duque. O que quer que tenha acontecido entre o senhor e Letizia no passado... me faz estar aqui para garantir que não se repita.

Sem mais, a dama balançou as rédeas do cavalo, indicando ao animal que era hora de ir. Com uma elegância digna da nobreza, o duque viu Juana partir. Não estava bravo, pelo contrário. Via-se contente em perceber que a esposa era querida por alguém e que não esteve sozinha nos últimos meses, quando mais precisou. No mais, havia voltado à estaca zero. A cunhada era esperta demais para se deixar levar pelo seu plano. Teria que continuar pisando em ovos com a duquesa. Precisava de algo para espairer e de uma nova estratégia. Pensando nisso, Diego partiu rumo à cachoeira.



— E então, como foi? — perguntou a duquesa, que andava de um lado a outro no pátio do castelo

— Esteve todo esse tempo aflita à minha espera? — zombou Juana com o cenho franzido.

— Ora, não vá se fazer de desentendida. O que queria Diego com essa tal cavalgada?

— Matar sua curiosidade, nada mais. Incrível como a curiosidade das pessoas se aguçam quando se trata de bastardos.

— Diego a chamou para cavalgar porque queria saber sobre... sua vida? Mas que diabos...

— Não exatamente, porém, já estou acostumada com tantos olhares por cima do nariz de todos tentando decifrar minha origem.

— Diego não faz o tipo mexeriqueiro...

— Não faz mesmo, o interesse dele está em outra coisa, ou melhor, em outra pessoa.

Letizia observou a irmã por um instante, até que seus olhos se abriram, consciente do que ela queria dizer.

— Quem, eu?

Juana imitou a voz da duquesa e apontou para si mesma em escárnio.

— Preste atenção: o duque está estranhamente fascinado por você desde que chegou. Seus modos são gentis, quase poéticos. Me faz pensar que parece até mesmo... outra pessoa.

— Isso é ridículo. É apenas a falta de memória...

— Pois bem, você é tola de não ter percebido isso antes.

— Perceber o quê?

— Que seu marido a deseja!

Os lábios de Letizia se abriram, porém nenhum som saiu de sua boca.

— Entre Diego e eu nunca haverá nada.

— Entre você e o velho Diego nunca haveria nada... pois, muito bem, trate de pensar o que irá fazer com o novo Diego.

— Juana! Não percebe que, assim que o palerma recuperar a memória, ele voltará a ser o mesmo de antes?

— E o que aconteceu antes, minha irmã? O que houve quando ficou sozinha nesse castelo por uma semana com seu marido?

A duquesa levantou o queixo com altivez. O inferno congelaria antes de ela deixar qualquer pessoa saber de seu tormento ao lado do marido, especialmente Juana. Tinha certeza de que a irmã seria capaz de uma loucura, se soubesse.

— Não quero falar sobre isso.

— Quando falará?

— Quando for necessário, coisa que nesse momento não é. — Ela viu a irmã revirar os olhos. — E por acaso, onde está o duque? Não voltou com você?

— A última vez que o vi estava cavalgando em direção oposta ao prado.

— Preciso falar com ele. — Saindo pela tangente do assunto, Letizia achou melhor ir atrás do marido do que continuar falando com Juana.

— Quer que a ajude a preparar um cavalo?

— Não, irei a pé. Creio que sei onde ele está.

Letizia deixou o castelo a passos rápidos e decididos. O fim da tarde se aproximava e o sol agora entregava uma brisa gostosa e revigorante. Ela não precisava falar urgentemente com Diego, precisava apenas lembrá-lo de ir ao banco e verificar quanto dinheiro de seu dote ainda tinham. Isso claramente poderia esperar até a hora do jantar. Entretanto, a duquesa não confiava no marido e, depois do incidente na casa dos Viscondes de Alba, ela gostaria de estar completamente a par dos passos do duque.

Caminhou pelo sinuoso trajeto admirando as oliveiras e roubando uns tantos frutos para provar. Amava o gosto da azeitona em sua boca, o leve ardor com azedo em sua língua a fazia sempre corar.

No entanto o que encontrou ao chegar na cachoeira a fez empalidecer, para em seguida colocar em seu rosto dezenas de tons de vermelho. Pisou entre os galhos e folhas secas no chão, completamente hipnotizada pela visão à sua frente.

Na cascata de água, em plena luz do dia, sob o manto solar mais idílico que um dia ela já vira, Diego nadava... completamente nu.

A cena a deixou paralisada por alguns instantes. Nunca em sua vida vira um espécime masculino de forma tão destapada. Em sua mente, estar ali parecia hedônico, errado e completamente imoral.

Que homem se desprovia de seus recatos e deixava-se levar a ponto de nadar completamente nu?

Lembrou-se que homens não tinham recato. Eram livres para fazer o que quisessem. E o homem em questão, com os olhos fechados sob a cascata de água, mostrava-se ainda mais livre de pudores. Seus braços eram fortes, e o peito largo, repleto de fios molhados, a fez engolir em seco. O caminho de pelos levou seu olhar a um local instigante e ao mesmo tempo íntimo demais. Não se atreveu a ver, desviou os olhos por um instante e, quando encarou outra vez, o marido havia se jogado na água, nadando em longas braçadas.

Letizia correu para trás de uma pedra, não se deixaria ser pega por Diego. Ela poderia imaginar seu olhar presunçoso ao encontrá-la ali, e não daria esse gostinho a ele.

Ver o corpo nu do duque estava lhe causando estranhas sensações... seu coração acelerado via a cena proibida sem piscar. Rápido demais, o duque nadava ao mesmo tempo em que o pensamento de Letizia se tornava cada vez menos inocente. Ela havia sentido os braços robustos do marido a

abraçando, além dos lábios a beijando no chalé há pouquíssimos dias. O mesmo corpo nu que nadava de um lado a outro sob a cachoeira estivera ao seu lado na humilde cama de palha... Parou e pensou em cada momento em que esteve perto demais do marido.

Céus, aquilo não era certo, uma dama não deveria ter pensamentos tão impuros assim. Só que ali estavam, imagens em sua mente de Diego nu, tão vivo e poderoso que a fez perder o ar por um instante. Pôs a mão sobre a pedra quente em que se escondia e teve certeza de que era assim que se sentia: em chamas.

Para seu total infortúnio, o duque pareceu cansar-se de estar entre as águas e se moveu até a margem da lagoa... em sua direção. A boca de Letizia se abriu em pleno horror, mas, quando parecia que o homem se aproximava cada vez mais, algo o fez parar e dar a volta. Ela o viu apoiar as mãos na cintura e levantar o rosto para o sol, como uma ode ao pecado, um prazer em adorar a si mesmo. E ela pôde ver agora mais de perto cada centímetro da pele dourada de Diego.

Sob a luz do sol, com gotas caindo como se imitassem a própria cascata de água em que estava, a pele do duque resplandecia. Seus olhos fitaram desde os tornozelos bem torneados, as coxas poderosas e bem definidas, nádegas proeminentes, até as costas que exibiriam as marcas do que ela fizera em seu ombro na noite de núpcias.

No entanto não havia nada ali.

Letizia procurou em ambos os ombros de Diego e seus olhos nada viram, além de costas perfeitamente desenhadas, sem nenhuma cicatriz.

Não era possível, ela o feriu na noite em que se casaram. Ela o esfaqueou no ombro direito com um punhal, teve sangue do marido em suas mãos.

Como era possível...?

Então pensou em todas as coisas que a afastaram do antigo Diego e que a aproximavam do novo Diego, o que retornara de Melilla. Em como o homem que regressara era diferente... *quase como se fosse outra pessoa.*

— Não é ele... — sussurrou.

Mesmo que sem memória, mesmo que desprovido de qualquer coisa, Diego ainda seria Diego. Ele ainda seria arrogante, mentiroso, manipulador e mesquinho. Ele não seria terno, generoso e engraçado.

O homem a sua frente não era o verdadeiro Diego, o Duque de Granada.

Seu corpo tremia e suava enquanto a constatação lhe percorria a mente como o tique-taque de um relógio. Foi quando ela teve certeza de que precisava agir.

— Não é ele... — murmurou uma última vez, deixando o torpor de lado.

De pé, Letizia calmamente retirou a pistola que levava em sua liga de couro na coxa. Apontou para o homem e disse em tom de alarme:

— Quem é você e o que quer na minha propriedade?

CAPITULO 09

O homem que acreditava ser Diego Navarro, o Duque de Granada, ouviu a voz da duquesa às suas costas e franziu o cenho. Sua cabeça ameaçava começar a doer... como sempre.

Virou-se devagar e ficou sem saber se levava as mãos às suas partes íntimas descobertas ou ao alto, para evitar um possível tiro.

— Letizia! Com mil demônios, o que pensa estar fazendo?

— Vista-se! — Apontou com a arma para as roupas jogadas entre as pedras.

— Letizia, doçura... não sei muito bem o que está passando nessa linda cabecinha, mas...

— Não estou para brincadeiras, Diego, ou quem quer que você seja. Vista-se e me diga quem realmente é.

Desnortado com a ação da esposa, Diego tratou de vestir-se rapidamente. Letizia, por sua vez, tapou os olhos com uma mão enquanto erguia a arma com a outra.

— Creio ser um pouco tarde para pudores!

Completamente vestido, o duque aproveitou e se aproximou da mulher, que tomou um susto com sua presença.

— Solte essa pistola.

— Não enquanto não me disser quem é você.

— *Maldición!* Sobre o que está falando? Acaso não sabe quem sou?

Eles estavam frente a frente. Com jeito, Diego aproveitou e segurou a mão da duquesa que empunhava a arma.

— Apelo para seu bom senso, esposa, e peço mais uma vez que largue essa arma.

— Não sou sua esposa, não somos nada, porque você não é Diego Navarro — disse com voz alterada.

— De onde tirou isso? — Ele agora tinha as duas mãos em seus braços.

— Diego Navarro... o verdadeiro Duque de Granada, tem uma coisa que você não tem.

— E o que seria? — Ele sorriu. — Posso apostar o que quiser que tenho bem aqui tudo que um homem precisa e deve ter.

— Não seja cínico! A cicatriz, você não tem a cicatriz de Diego.

Ela agora tinha a total atenção dele para o assunto. Seus olhos piscavam, buscando entender do que ela reclamava. Uma cicatriz? Como era possível uma cicatriz sumir?

Cicatrizes não sumiam.

— Não tenho uma cicatriz?

— Sim, no ombro direito. Diego tem uma cicatriz, enquanto você não tem uma só marca.

Santo Diós!

— Não pode ser...

— É o que estou tratando de entender — a duquesa se desvencilhou de seus braços e finalmente abaixou a arma —, mas posso tentar entender sem você em meu caminho. Tem até o anoitecer para sair de minhas terras.

— O quê? Não, Letizia, espere. — Partiu atrás dela. — Precisamos conversar sobre isso, não sou um falsário, eu realmente não me lembro de nada.

— Se assim for, alguém deve estar procurando por você enquanto meu verdadeiro marido pode estar de volta a qualquer momento.

Ela parecia mais alarmada do que ele com essa afirmação. A duquesa se pôs a correr de volta ao castelo. Era inútil ir atrás dela neste momento.

Atordoado, Diego sentou-se sobre uma pedra e colocou as mãos na cabeça.

Ele não era o duque?

Não podia ser verdade.

Todos o reconheceram como tal, desde o exército até sua própria esposa. Como duas pessoas completamente iguais podiam existir dessa forma? E se ele não era Diego Navarro... quem ele realmente era?

Talvez o verdadeiro Diego tivesse a resposta a essa pergunta e talvez o próprio duque soubesse como ele perdeu a memória, afinal, estavam no mesmo lugar... ao mesmo tempo, para serem confundidos.

Madre mia, que confusão!

Sua mente era um embaraço, quanto mais pensava, mais perguntas surgiam. Quando deu por si, era início da noite e ainda estava sentado à beira da cachoeira com uma baita dor de cabeça.

Letizia! Precisava se resolver com a duquesa. Não tinha para onde ir e necessitava do máximo de informações possíveis sobre o verdadeiro duque

e como encontrá-lo. Enquanto isso, um pensamento também o enervava: se ele não era o Duque de Granada de verdade, ele também não era o marido de Letizia e não tinha nenhum direito de conquistá-la.

Seu peito se apertou porque, desde que acordou no acampamento militar, ela foi a coisa mais preciosa que encontrou. Letizia não ser sua só fazia tudo aquilo se tornar um pesadelo ainda maior.

— Onde está a duquesa? — perguntou a Santiago assim que entrou na sala de jantar.

— Na biblioteca, *señor*.

Partiu rumo à sala e ouviu o velho preocupado às suas costas:

— Não pretende jantar, *señor* duque?

— Não tenho apetite no momento, Santiago. — Caminhou mais alguns metros e deu a volta para falar olho no olho com o homem. — Assegure-se que ninguém interrompa a duquesa e eu.

— Claro, *Don* Diego.

Quando abriu a porta da biblioteca, encontrou uma Letizia completamente diferente da que já havia visto. Com uma garrafa de vinho e uma taça próximas a seu corpo, ela tinha a cabeça baixa e os ombros caídos. Mesmo sentada, sua feição era de cansaço e talvez... dor? Ele não conseguiu identificar ao certo.

— Letizia — chamou-a suavemente.

— Veio se despedir? — ouviu-a dizer sem nem se dar o trabalho de levantar os olhos para vê-lo.

— Não, vim para conversarmos.

— Não há nada a dizer.

— Sim, há muito o que dizer. Joga essa informação sobre mim e quer que eu apenas a aceite e vá embora? Para onde?

— Não me interessa. — Ela finalmente levantou o rosto em sua direção e ele pôde enxergar lágrimas secas em sua face.

A duquesa andara chorando.

Ele precisou de toda a sua força de vontade para não correr até a mulher e tomá-la em seus braços.

— O que disse há pouco na cachoeira. Falou a sério, verdade?

— É claro que é sério. Não há possibilidade de que você seja Diego.

— *Madre de Diós!* — Ele soltou uma série de imprecações, chamando a atenção de Letizia, enquanto andava de um lado a outro no chão atapetado.

— O que isso significa, então?

— Significa que Diego está vivo e bem em algum lugar... e que minha vida não vale nada outra vez.

— *Cariño*, não diga isso... — aproximou-se dela sem nem ao menos perceber que o fazia —, estou aqui. Aqui para o que você precisar.

— O que quer dizer com isso?

— Quando cheguei... as coisas estavam em péssimas condições, você estava sendo atormentada por homens inconvenientes, todos pensavam que Diego estava morto. Isso fazia de você uma duquesa viúva desfavorecida.

De repente, ele tinha um novo plano, uma nova forma de continuar junto a ela, de acalmá-la e ao mesmo tempo permanecer ao seu lado. Que Deus o ajudasse, ele não podia abandonar Letizia, não agora.

— Se eu for embora, se todos souberem que seu marido ainda está desaparecido, tudo voltará a ser como antes.

— Acha que não sei disso? — Levantou-se e se afastou dele, limpando o rosto com as palmas das mãos. — Sem o duque, não há nada que eu possa fazer. Céus, talvez seja melhor abandonar tudo e voltar para a casa de meu pai em Sevilha.

— É isso o que deseja? Viver à margem da sociedade? Deixar para trás Navarro e tudo que lutou nos últimos meses para manter com tanto afinho?

— Não sei, está bem? Não sei de mais nada. Não sei nem ao menos porque estou tendo essa conversa com você, pois já lhe disse para ir embora do castelo.

— Pois creio que essa seja uma péssima ideia.

Ele a viu engolir em seco.

— Ah, é mesmo?

— Sim, e trago-lhe uma ideia melhor. — Ele aproveitou o seu silêncio e continuou: — Tudo só piorará se souberem que o duque ainda está desaparecido. Então, vamos evitar isso a todo custo.

— Como?

— Fazendo de mim o Duque de Granada.

Letizia abriu a boca em espanto.

— Desculpe, acho que não consegui entender... você quer continuar sendo... meu marido?

— Perante todos? Sim. Para você? Não. Tudo que quero é ajudá-la a continuar se reerguendo enquanto eu mesmo tento encontrar uma forma de

recuperar minha memória.

— Deixe-me ver se entendi... você quer fingir para as pessoas que é o verdadeiro duque.

— Sim.

— Até quando?

— Até que o verdadeiro duque apareça, ou até que eu saiba quem realmente sou.

— Isso é loucura!

— Pense bem, Letizia, posso usar todo poder em minhas mãos em seu favor. Posso ir ao banco e fazer com que você tenha direito a qualquer bem ou dinheiro do ducado, além disso, não será importunada por Martin Iglesias ou qualquer outro homem que busque uma amante. Ademais, pode fazer qualquer mudança no castelo que deseje.

— E o que você ganharia em troca?

Sim, o que ele ganharia? Não poderia ganhar Letizia no final, porque ela já era casada com outro homem, um homem que a abandonara e lhe fizera mal, mesmo assim isso não lhe dava o direito de se interpor em seu casamento.

Dava?

— Um lugar para ficar até eu saber quem realmente sou.

A duquesa apoiou-se em uma das enormes estantes de livros por um momento. Ele a viu cerrar as pálpebras e suspirar, e logo em seguida afastar-se do móvel, caminhando em sua direção.

— Como posso saber que o que está dizendo é verdade? Que não irá me trancafiar em um porão e jogar a chave fora?

Permitiu-se rir por um instante.

— Não acha que, se eu tivesse algum plano sórdido em mente, já não o teria posto em prática?

— Não sei o que pensar.

— Não há muito o que pensar, Letizia, a grande verdade é que terá que confiar em mim.

Silêncio absoluto na sala.

— E se você me trair?

— É um risco que terá que correr, por isso se chama acordo.

Ele a viu respirar fundo, colocando a mão na cabeça.

— Creio que o que me oferece é a melhor escolha no momento.

— Prometo informar a você cada um de meus passos. — Ela assentiu.
— Temos um pacto, então?

— Não vejo outro jeito.

Ele ofereceu a mão a ela, que aceitou após uns instantes relutando.

— Verá que não vai se arrepender. — Sem resistir ao toque da mão suave nas suas, ele aproveitou para depositar um leve beijo nos dedos da duquesa, que no primeiro momento se assustou e em seguida retirou a mão com delicadeza.

— Sei que ainda temos muito o que conversar, mas estou cansada e prefiro ir para meu quarto.

— Entendo.

Algo ainda o intrigava, por isso, quando Letizia abria a porta da biblioteca, ele falou:

— Se me permite... como tem tanta certeza?

— Do que está falando?

— Da cicatriz... em mim — pigarreou —, em Diego.

— Porque fui eu quem a criou.

Sem mais, ela o deixou a sós, preso em seus próprios pensamentos.



Letizia andava de um lado para o outro no vestíbulo desde que Diego — como era estranho continuar chamando-o assim — partiu essa manhã.

Após uma breve conversa no pátio, ficou decidido que o duque iria a Granada, a cidade mais próxima, e visitaria o banco e o cartório para ter certeza sobre as finanças da família e os imóveis.

Entre a ida e a volta, Diego gastaria todo o dia. Já era noite e a preocupação começou a abater a duquesa.

“*Terá que confiar em mim*”, havia dito o desconhecido que habitava sua vida há poucas semanas. Letizia não era boa em confiar, não mais, principalmente nos homens.

E se ele fosse realmente um farsante e ganhara tempo para ir arrancar o dinheiro que lhe restava?

E se ele tivesse fugido?

Tantas perguntas permeavam a mente da duquesa que não a deixaram perceber que os demais habitantes da casa a observavam com curiosidade.

— *Doña* Letizia, desculpe incomodá-la, mas Josefina gostaria de saber se a senhora não vai mesmo jantar. — Com a galinha Catalina no colo, Letizia se alarmou com a chegada do mordomo.

— E o que há de tão especial para a janta que não para de me incomodar, Santiago?

— Ensopado de frango...

— Ora, faça-me o favor, homem... — A duquesa abraçou o pequeno animal em seus braços, como se pudesse fazê-la não ouvir a afirmação do velho.

— Diga a ela que guarde um prato para o duque, estou sem fome.

— Sim, senhora.

Vários minutos passaram enquanto Letizia brincava e murmurava coisas à galinha em seu colo a fim de se distrair.

— Vamos, Diego... não me decepcione... — sussurrou para si mesma, como uma prece.

— Ainda acordada? — A voz de Juana interrompeu seus pensamentos.

— Sim, não tenho sono.

— Você sabe que isso em seus braços é uma galinha, e não um bebê, não sabe?

— Sua implicância com Catalina não tem nenhuma graça.

A jovem, que se colocou ao seu lado, lhe deu um doce e raro sorriso. O barulho de um relinchar de cavalo fez Letizia arregalar os olhos.

— Oh, graças a Deus! — Estava prestes a sair porta afora quando se lembrou do pequeno animal. — Tome, cuide dela um instante.

— Mas eu já estou indo... dormir. — A frase não foi muito bem compreendida pela duquesa, que pôs a correr em direção à entrada do

palácio.

Lá estava ele, o homem com o qual fizera um acordo. Não tardou muito em alcançá-lo aos pés da escadaria principal. Desmontava o cavalo com um gemido, quando seus olhares se encontraram, e pôde comprovar o que um dia de viagem fazia a um homem. Suas roupas estavam amassadas e empoeiradas, o rosto suado não se encontrava com as feições leves e divertidas de que ele tanto se orgulhava.

— Você parece exausto.

— Não duvide que estou, parece que dei a volta ao mundo em um só dia.

— Obrigada — murmurou a duquesa, captando a atenção de Diego.

— Pelo quê, doçura? — Estavam agora frente a frente enquanto ele ainda segurava as rédeas do cavalo.

— Por retornar... eu acho. — Seu coração não sabia muito bem o que estava sentindo, uma mistura de felicidade com ansiedade.

— Tem minha palavra de que sempre retornarei para você. — Ele ajeitou um fio de cabelo rebelde no rosto de Letizia enquanto ela o presenteou com um pequeno sorriso.

Ambos se observaram em silêncio.

— Para mim, é uma tortura descobrir que não sou mais o dono de seus sorrisos.

— Está enganado, não tenho dono.

Ele suspirou.

— Apenas um tolo não tomaria para si tamanha preciosidade. — Sua mão roçou suavemente o queixo tímido.

A impressão de que estavam sendo observados foi o que rompeu o instante de cumplicidade. No alto da escada estava Juana, que libertou a galinha e cruzou os braços.

— Sua irmã já sabe... que não sou... bem...

— Ainda não, não sei muito bem como irá reagir. Ela pode ser um tanto... protetora, quando se trata de mim.

— Jura?

Letizia sorriu.

— Deve estar faminto, irei verificar o que há na cozinha para que se alimente e descanse.

— Precisamos conversar.

— Tudo bem, irei despachar Juana e nos encontramos na sala de jantar.
Com um último olhar eles se despediram enquanto ele partia em direção aos estábulos.



Havia uma obscena quantidade de comida preparada especialmente para ele quando se sentou à mesa da sala de jantar. Tudo muito simples, com a habitual modéstia que pairava no castelo.

— É estranho chamá-lo de Diego quando sabemos a verdade, mas creio melhor continuar assim — a voz de Letizia soava sussurrante e tímida quando se sentou à mesa em frente a ele.

— Concordo, quanto menos pessoas souberem da verdade, mais chances teremos de êxito.

— Em algum momento precisarei contar a Juana, Deus sabe que ela terá um ataque quando descobrir que demorei a contar-lhe. — Ela coçou a sobrançelha um momento e ele analisou o gesto lentamente enquanto mastigava.

— Não me diga que foi você quem cozinhou o ensopado.

Letizia sorriu ante o comentário.

— Não, mas saí pegando qualquer coisa comestível na cozinha e trouxe para cá. Josefina e Santiago já se recolheram, achei injusto acordá-los.

Diego assentiu, provando um pedaço de queijo e vinho. Sobre a mesa, estava o ensopado de frango, queijo, ovos cozidos, azeitonas, pão e a sopa de legumes, aproveitada do almoço. A duquesa o esperava, pacientemente, comer com despachada voracidade. Para ele, a cena lhe enchia de prazer mundano. Era como se eles fossem marido e mulher, e Diego houvesse

retornado cansado após um longo dia de trabalho e ambos jantassem juntos, com a esposa servindo-o e discutindo amenidades.

O quão longe disso eles estavam.

— E então? — Ela tamborilava os dedos sobre a madeira, sem esconder a ansiedade.

— Há dinheiro... muito dinheiro no banco.

— De quanto estamos falando?

— Mais de cem mil pesetas.

— *Virgen Santa*... isso é muita coisa. — O olhar de Letizia parecia perdido. — Ele não conseguiu gastar todo o meu dote... — Em seguida levantou-se e começou a gargalhar, próxima à mesa. — Ele não teve tempo de gastar todo o dote antes de sumir...

— Letizia...

— Oh, não, espere. Você sabe o que isso significa? Há tantas coisas possíveis a serem feitas com esse dinheiro... e o maldito não conseguiu gastar... — Seu sorriso era bobo e irônico ao mesmo tempo.

— Você está bem?

— Estou mais do que bem... acho que pela primeira vez em muito tempo estou feliz. — A duquesa sentou-se outra vez e estendeu a mão em direção a Diego. — Obrigada.

De mãos dadas sobre a mesa, seus olhos se tornaram cálidos outra vez. Que tortura para ele era tê-la tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Letizia sorria esperançosa enquanto os mais sujos pensamentos fluíam pela mente dele, afinal, tinha sangue nas veias. Queria tomá-la sobre a mesa, beijar seus doces lábios outra vez e descobrir o caminho sinuoso de seu colo...

— Diego, está me ouvindo? — A voz um pouco mais elevada o fez sair do devaneio.

— Sim, sim, perdoe-me.

— Nos vemos pela manhã, então. — Tomou uma das velas de sobre a mesa e partiu em direção ao corredor principal do castelo.

Diego não sabia por que, mas esta noite dormiria com um sorriso nos lábios.

CAPÍTULO 10

Diego despertou de um terrível pesadelo. Soldados corriam por todo o lado, armas eram disparadas enquanto ele estava no meio do campo de batalha, amarrado. Homens lutando e sagrando passavam ao seu lado, porém, ninguém o ajudava. Ele sentiu-se sufocar, sentiu que morria.

Até que acordou e era dia claro.

— *Buenos días, Don Diego.* — Santiago intrometeu-se em seu quarto, como fazia todas as manhãs.

— *Buenos!* — respondeu pensativo.

Levantou-se da cama, com agilidade, e sua cabeça girou por um momento, a dor que sempre o acompanhava dando sinais de que não daria trégua mais um dia. Encarou a janela, e o que viu o deixou intrigado. Juana treinava com arco e flecha em um alvo de madeira nos jardins. As mulheres dessa casa, de fato, praticavam atividades um tanto incomuns.

— Ah, *señorita* Juana — o velho murmurou ao seu lado. — Excelente pontaria, não acha?

A jovem escolheu este exato momento para apontar a flecha em direção ao toco, acertando bem no alvo. Ele é que não iria querer estar na mira dela um dia.

— *Don Diego*, já quase me esquecia. *Doña* Letizia o aguarda na biblioteca. Pediu que o avisasse assim que o senhor acordasse.

Foi em busca do relógio de bolso sobre a mesinha e arregalou os olhos com o quão tarde era.

— Mas só me acorda agora, homem?

— Ela pediu que o deixasse dormir mais que o normal, visto que provavelmente estaria cansado pela viagem de ontem.

— Pois deixemos para descansar quando estivermos mortos.

O homem fez o sinal da cruz com a frase de Diego.

— Deixe de bobagem, Santiago.

O mordomo o ajudou a vestir-se como fazia todas as manhãs. Para Diego, aquilo era altamente desnecessário, ele tinha mãos, não precisava de ninguém o mimando dessa forma, não era um bebê. No entanto, agora que

sabia que não era o verdadeiro Duque de Granada, era melhor manter o mínimo das aparências.

Encontrou a duquesa absorta em vários livros na biblioteca.

— *Buenos días!* — falou, e não obteve resposta. O que de tão interessante haveria ali? Com um leve pigarro, ele finalmente teve a atenção necessária.

— Ah, *buenos*, Diego, como dormiu? Bem?

Mais valia ter você ao meu lado... ele pensou, porém, não ousaria dizer. Seu desejo pela Duquesa de Granada era algo que agora deveria ficar guardado a sete chaves e tratado com muitos banhos gelados.

— Dormi excelentemente bem, obrigado, e muitíssimo agradecido por pensar em meu conforto essa manhã.

— Ora, não foi nada. — Levantando-se de trás da mesa, ela fez um gesto em sua direção. — Venha, senta-se, tenho algo a lhe mostrar.

Cuidadosa, Letizia foi até a porta e a trancou, depois voltou a se aproximar de Diego e da montanha de papéis sobre a mesa.

— Essas são todas as pessoas a quem devemos... bom, todas as dívidas que consegui encontrar até hoje. — Pôs a mão em seu braço por um instante. O toque ardeu em sua pele, mesmo sobre as camadas de roupas que usava. — Andei fazendo algumas contas... creio que, com o dinheiro do banco, podemos pagar ao menos as mais urgentes e, se guardarmos... deixe-me ver onde anotei... — seu tom atarefado o contagiou, ele sorria em ver sua animação —, ah, claro, se guardarmos vinte por cento, ainda poderemos contratar mais gente para o castelo, além de sobrevivermos apenas com os aluguéis dos arrendatários por alguns meses.

— Fantástico. — Sua mente trabalhava em mil ideias junto a ela, talvez melhorar as condições de plantio e assim atrair mais arrendatários para as terras.

— E devo tudo graças a você. Ah, Diego, estou tão feliz, obrigada. — Ela o abraçou.

O doce perfume cítrico dela o envolveu. O cabelo cheirando a flores, a pele macia em contato com o seu corpo, tudo o deixou extasiado e o enlouqueceu. Enquanto tentava se desvencilhar, mesmo que delicadamente, descobriu que não conseguia. A renda do vestido da duquesa agarrou no broche da lapela do terno que usava, se qualquer um dos dois puxasse, o vestido rasgaria.

— Puxa vida! — disse ao perceber a confusão em sua roupa. — Meu Deus, Diego... — Acabou sorrindo para ele.

Estavam tão perto que podiam sentir a respiração um do outro, quando a duquesa levantou os olhos, era como se uma floresta inteira o estivesse encarando em um dia de sol. Tão verdes, tão profundos, tão belos.

Como resistir? Diego a beijou.

Começou como todos os beijos começam, com o despertar do desejo. Ele tinha boas intenções de deixá-la ir, ver-se livre do infortúnio com as roupas, mas não estava preparado para seu olhar meigo e divertido com a situação, ou a forma que a mão dela se colocou em seu peito para ganhar equilíbrio outra vez, ou quando o traseiro encostou em suas coxas a ponto de cair sentada em seu colo.

Diego a beijou porque ela era irresistível.

E seus lábios adoráveis o receberam de forma branda, lentos e pudicos. Primeiro um leve encostar, como um pedido de permissão, seguido de uma avalanche de sensações. Quente, cada vez mais quente, é como parecia o ar ao redor deles. Não podia soltá-la, não podia mais deixá-la ir, quando ela mesma se prontificou a brincar com sua boca, a morder seu lábio inferior de modo atrevido.

Quando deu por si, a tinha em seu colo, apertada em seus braços, arfante e disposta. Sua língua brincava com a dela e o levava a querer mais, muito mais.

— Não posso — falou ao separar seu rosto do dele. — Desculpe, não posso.

Diego manteve suas testas juntas enquanto recobravam o fôlego.

— Letizia... — foi tudo que conseguiu dizer.

— Espere — sussurrou a duquesa, como quem fazia uma travessura. Suas hábeis mãos desenrolaram os tecidos agarrados pelo broche. — Agora sim.

Sem mais motivo para proximidade, Letizia se aprumou e, com a ajuda de Diego, se levantou.

— *Diós mio*, isso foi uma baita confusão.

Não conseguia falar, só conseguia concentrar-se em como ela era perfeita, no encaixe maravilhoso de seus corpos momentos atrás.

Corada, a duquesa não o encarava mais nos olhos.

— Preciso pedir perdão por minha ousadia...

— Não, não precisa.

— Sim, é necessário. Ainda sou uma mulher casada e... isso não é correto. — Tocou o próprio rosto antes de se virar. — Preciso ir. Depois nos falamos, peço licença.



Duas semanas depois, Letizia ainda recordava a si mesma que devia manter distância de Diego. O que se tornava cada dia mais difícil, visto que ambos passavam horas confabulando sobre os rumos que o bem-vindo dinheiro daria ao castelo.

Primeiro ela decidiu não mais deixar a porta da biblioteca trancada e sentar-se a uma distância segura do dito homem.

Depois ela passou a pensar que não importava o que acontecesse ou quão boas as notícias fossem, não haveria mais abraços.

E, por último, se respeitadas todas as suas regras, evitariam aquilo em que ela pensava antes de dormir... os beijos de Diego.

A duquesa analisava essa situação como algo passageiro, afinal, pensamentos não duravam para sempre. Mesmo que estes a fizessem rolar sobre a cama alta da torre até quase o amanhecer.

Em contrapartida, uma verdadeira revolução foi iniciada no castelo. Começou com a cobrança dos arrendatários, que Diego passou a acompanhar pessoalmente junto a Santiago, impondo presença e respeito. Josefina, a cozinheira, pela primeira vez em dias não se queixou de dores, pois agora tinha uma ajudante nos afazeres domésticos. E enquanto isso, mais materiais chegavam para trazer modernidade à plantação de olivas.

De um dia para o outro, Letizia viu a movimentação na propriedade crescer. Os salários estavam sendo pagos adiantados e havia mais opções de comida no jantar, à noite. Os estoques de ração para os animais estavam cheios e corria o boato de que na propriedade Navarro existia emprego outra vez.

Havia muito que ser feito, por isso Letizia não deixava de agradecer por ter a irmã do lado. Como agora, ao levarem água e refrescos para os trabalhadores no campo. Homens em roupas simples, suados e cobertos de terra, se preparavam para uma nova colheita.

Um em especial lhe chamou a atenção. Era Diego, que conversava com um dos arrendatários. Vestia calças escuras, tinha as mangas da camisa arregaçadas e alguns botões abertos. Desviou os olhos quando a recordação do torso nu lhe veio à mente. A cada vez que o encarava, as sensações lhe subiam pelo corpo.

Tinha medo do que sentia e aonde os pensamentos podiam levá-la.

Juana e a duquesa desmontaram dos cavalos e buscaram nas cestas amarradas aos animais os pedaços de pães, bolos e as jarras contendo água e refresco.

— Senhores, *buenas tardes*! — Os homens pararam o que faziam por um instante e acenaram para a duquesa com o máximo respeito. — Um agradecimento da casa Navarro pelo seu trabalho — disse, entregando as cestas a dois jovens rapazes.

Viu Diego observá-la, sorrir e caminhar em sua direção.

— Que visita agradável, duquesa. — Ele fez uma mesura e, sem que percebesse, arrancou um sorriso de seus lábios.

— Considere como um incentivo.

— Ainda assim, não deixa de ser agradável vê-la por aqui.

— Vocês dois vão ficar apenas olhando?

Ambos gargalharam enquanto se juntavam a Juana, ajudando a servir os quitutes.

Mais tarde naquele dia, Letizia se perguntava o paradeiro de Diego.

— E o duque? — questionou Letizia a Santiago depois de perder o jantar enquanto verificava os sacos de rações que chegaram no estábulo.

— Já se recolheu, *señora*. Deseja que o acorde?

— Não, não é necessário, também irei me deitar. — Caminhando em direção à torre, a duquesa estranhamente pegou-se sentindo falta de Diego.

Passou tempo demais entretida com os afazeres.

Assim que chegou ao quarto, encontrou a irmã esperando-a.

— Pedi que preparassem uma bandeja com pão, queijo e carne para você. Não vai parar em pé se trabalhar tanto e não comer direito.

— Já sei, já sei... — segurou as mãos da jovem —, obrigada.

— Pelo quê?

— Por tudo.

Juana fez um gesto com a mão, não fazendo muito caso do assunto. Cansada, a duquesa se permitiu receber ajuda para o banho e a troca de roupas. Sob o olhar atento da irmã, ela comeu grande parte dos alimentos dispostos na bandeja e soltou um largo suspiro, indicando satisfação ao terminar.

— Gostaria que eu escovasse seus cabelos?

— Você vai me mimar demais desse jeito. — Ambas sorriram.

A duquesa sentou-se em frente à penteadeira do quarto, onde os castiçais iluminavam melhor seu rosto. Juana começou com leveza e esmero a tarefa de pentear os cabelos da irmã.

— Não estão tão embaraçados — disse.

— Isso porque os penteia sempre que pode.

Um cúmplice silêncio pairou entre as irmãs enquanto isso.

— Jamais pensei vê-lo desse jeito.

— Quem? — perguntou a duquesa inocentemente, apesar de desconfiar da resposta.

— O duque, de quem mais estaríamos falando?

— Ah, sim, claro. Também estou surpresa, está se saindo muito trabalhador.

— Isso não é da natureza deles.

— E qual seria?

— Bem, a aristocracia não está acostumada a pegar no pesado. Me admira ver tanta disposição em um homem que nunca trabalhou na vida.

Letizia engoliu seco. As diferenças entre o duque e Diego eram mesmo gritantes, mas ainda não era o momento de Juana saber a verdade.

— Bom, acredito que ele enxergue a perda da memória como uma segunda chance.

— Sim, creio que seja isso. No entanto... o que fará quando perceber que ser um duque é ter o mundo a seus pés?

— Creio que isso só o tempo dirá.

— É verdade... por agora, fico feliz que ele esteja se dedicando. — Levantou a sobancelha um instante, como que pensando bem sobre sua próxima frase, e em seguida soltou: — E que bom que de certa forma estão conseguindo conviver.

— O que disse? — Virou-se na cadeira, olhando a irmã nos olhos.

— Você e Diego são marido e mulher, isso nunca irá mudar. Mesmo que nunca haja amor... que pelo menos haja um acordo entre vocês.

— Um acordo?

— Não o estou defendendo... certamente há muitos erros do passado para compensar... só estou dizendo que estou feliz em vê-la feliz, Letizia.

— Entendo... — murmurou, pedindo a Deus que aquela conversa terminasse o mais rápido possível. Quando Juana escondeu um bocejo entre as escovadas seguintes, a duquesa encontrou sua deixa.

— Já é suficiente... você também parece cansada.

Juana suspirou e sorriu.

— Tudo bem, vou deixá-la em paz. — Depois de colocar a escova sobre a penteadeira, ela deu um leve beijo na bochecha de Letizia. — Durma bem, preciosa.

Quando a porta do quarto se fechou, a duquesa respirou fundo por finalmente estar sozinha. Ainda que não completamente, pois as palavras da irmã ecoavam em sua mente.

Você e Diego são marido e mulher, isso nunca irá mudar.

O fato de Diego Navarro, o verdadeiro Duque de Granada, ainda estar em algum lugar do mundo e prestes a retornar a qualquer momento a aterrorizava dia e noite. Viver com essa possibilidade era como ter uma nuvem grande e cinzenta acompanhando-a a cada instante. Ela sabia as consequências... não mais alegria, não mais liberdade, não mais ver a terra crescer. Seria como o fim de um sonho, o início de um pesadelo. Viveria apenas sob o manto do título, não tendo poder nenhum sobre sua vida.

Essa parte, essa pequena parte em que tinha Diego ao seu lado, lhe parecia o paraíso. Temia pela pessoa que seria quando o verdadeiro Diego retornasse.

Enquanto isso, ainda havia essa forte atração que sentia a cada vez que Diego se aproximava. Duas pessoas iguais e seu corpo comportava-se de

modo totalmente diferente. Agora podia entender a forma como reagiu ao estranho desmemoriado que apareceu no castelo.

Sua alma pressentiu que era alguém distinto, alguém em quem podia confiar e alguém por quem estranhos sentimentos se mesclavam, nunca havia sentido algo assim. Sempre se considerou normal... tinha os desejos de uma vida a dois, naturais a qualquer dama que pensava em se casar e ter filhos.

Pelos santos, tudo havia se perdido. Estava amarrada para sempre a um homem que desprezava e que deixara claro que ela era menos do que as solas de suas botas.

Afinal, quem era ela? Apenas uma jovem tola que um dia sonhou em unir-se a um cavalheiro por amor? Seus sonhos agora estavam todos guardados em um lugar ao qual não tinha mais acesso. O amor jamais seria para ela, a paixão, muito menos.

No entanto, o que era a paixão que sentia com os beijos de Diego? Os lábios quentes e certos em fazê-la tremer. Seu coração se acelerava mais que uma locomotiva cada vez que pensava nos interlúdios apaixonados que experimentou.

Então era isso? Viveria para sempre uma vida amargurada, sem paixão... sem saber o que existiria além das simples carícias que os lábios de Diego haviam rapidamente lhe oferecido?

Permitiria que o marido lhe roubasse mais isso? O Duque de Granada tomou tudo que era dela para si, como um acordo de Fausto. A ele, caberiam sua juventude, sua riqueza e sua vontade de viver. Enquanto a ela, restaria apenas o desejo do conhecimento de tudo que o amor e a paixão poderiam oferecer. Não haveria nada para ela nas noites frias e escuras de que recordar-se. Nem um só momento bom, nem uma só lembrança apaixonada. Ninguém nunca a amaria, se devotaria a ela, ofereceria risadas cúmplices e juras de amor. Não envelheceria ao lado de alguém cuja vida fora boa o bastante para viver.

Até isso Diego Navarro roubou dela.

Olhando-se no espelho, a duquesa afastou as iniciantes lágrimas de seus olhos. Ela não era uma menina, era uma mulher. E, por mais que soubesse seu destino, a palavra final seria dada por ela, custasse o que custasse.

Levantou-se da cadeira e andou de um lado para o outro, nervosa com a ideia que lhe surgiu à mente. Havia coisas que ela poderia fazer que o

Duque de Granada jamais seria capaz de lhe tomar.

Mas e se ele a recusasse?

E se a achasse demasiado ousada?

Não valia a pena tentar... e rir por último na maldita peça que se tornaria sua vida quando o duque retornasse?

Buscando o penhoar de seda branco-pérola sobre a cama, ela se vestiu. A camisola era uma das raras peças de seu enxoval que se permitia usar.

Talvez hoje houvesse alguma utilidade para a roupa.

Com um castiçal na mão, ela saiu do quarto, descendo as escadas da torre com cuidado. Torceu para não encontrar ninguém, certamente, se alguém a visse, perderia o arroubo de coragem que a tomara.

Respirou fundo e abriu a porta do quarto escolhido com cuidado. Chamou-o pelo nome por duas vezes e, quando ele se sentou sobre a cama sem entender muito bem o que acontecia, ela sorriu.

— Letizia, o que faz aqui? — questionou Diego com a voz grossa pelo sono.

— Quero que me seduza.

CAPÍTULO II

Desta vez, tinha que ser um sonho.

Sob o manto escuro da noite, seu sono havia sido interrompido pela voz de Letizia. Tal qual uma sereia, ela docemente o chamava para o amor. Não soube muito bem em que parte se deu conta de que a mulher à sua frente era real.

Talvez fosse o vento frio vindo da janela que tocou sua pele, ou o tremular das chamas das velas na mão da dama, mas o que ele sabia era que ela se encontrava deslumbrante.

A luz prateada envolvia a pele alva da duquesa, que se vestia toda de branco, em tecidos escandalosos e macios.

— Letizia...

Diego começou, seus olhos bem abertos a cada amostra de curva voluptuosa sob as roupas.

— Não, espere. Deixe-me falar.

Ele não ousaria interrompê-la em um momento como esse.

— O duque roubou tudo de mim. Nós nunca fomos felizes em nosso matrimônio. Ele... fez algumas coisas detestáveis comigo. Uma delas foi mentir... e fingir que me amava apenas para ficar com o meu dote. Ele não é alguém bom..., mas a verdade é que ainda estou unida a ele.

Diego sentia a respiração ir e vir com intensidade enquanto sua mandíbula se tensionava ao imaginar Letizia nas mãos de um crápula.

— Eu fui ingênua e tola..., mas não serei mais assim. Porque, quando eu estiver miserável e infeliz junto ao duque, eu quero me lembrar que alguém me possuiu... de verdade, pelo que eu sou. Que alguém me desejou e talvez me amou... ao menos um pouco.

Ele engoliu em seco.

— E eu quero que esse alguém seja você. Porque disse que eu deveria confiar em você... e agora eu confio. Com toda a minha alma.

Não era um sonho. Ele sabia.

Letizia jamais seria tão específica em seus sonhos, nem ao menos se mostraria tão vulnerável. A força da natureza que era aquela mulher tão admirável estava lhe implorando por algo. E era algo que ele, o mais

desprovido dos homens, poderia dar. Ele o faria, principalmente porque não havia uma só coisa na terra que Letizia pedisse que ele não fosse capaz de lhe dar.

Diego se levantou apenas em ceroulas com a certeza de que a duquesa corava ante a visão de seu torso nu. Sorriu suavemente e se aproximou rápido, com a destreza de um gato.

— Desculpe se pareço ousada ou...

Calou-a com um dedo sobre seus lábios e passou por sua boca, fazendo uma carícia sensual e tocante.

— Farei o que quiser — ele sussurrou.

— É a minha primeira vez, eu nunca... o duque e eu não... bom...

Atônito, Diego parou por um instante, encarando-a. Se já havia pressão em seu corpo para o que quer que fosse acontecer entre os dois, isso agora elevava as coisas a outro nível.

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por me dar a honra de ser seu primeiro.

Ele tomou o castiçal de sua mão e o colocou sobre uma cômoda próxima à parede. Ao regressar até a duquesa, não esperou mais. Ele a beijou. Beijou com o cuidado de quem tocava em uma joia rara. Seus lábios iniciaram uma lenta e conhecida dança e eram incrivelmente delicados sobre os dela. As bocas roçavam levemente uma sobre a outra quando ele falou:

— Serei gentil, serei tudo que você quiser que eu seja, porque você merece.

Tocou os fios do cabelo da duquesa com enorme ternura e passou a roçar o pescoço com os lábios, beijando e sussurrando palavras meigas, arrancando suspiros dela.

— Não importa o que aconteça, pertenceremos um ao outro deste momento em diante.

Levou a mão de Letizia à sua, guiando-a diretamente ao lado esquerdo de seu peito. O toque dos dedos magros e cálidos o arrepiou dos pés à cabeça.

— Consegue sentir? É o meu coração batendo por você.

Ele a beijou outra vez com maior voracidade e ainda assim, gentil. Letizia apoiou as mãos nos ombros de Diego, o leve toque o levando à

loucura. Toda ela o deixava alucinado, desejoso por mais.

Sem nenhum esforço, ele a tomou nos braços, arrancando um gritinho que o fez sorrir. Entretanto, quando estavam deitados lado a lado na enorme cama, não havia mais risos, apenas um forte desejo entre os dois.

Com a luz prateada da lua vinda através da janela e as velas que iluminavam parcialmente o quarto, o ambiente era propício para uma noite entre amantes.

Diego soube que aquele seria o momento de que se lembraria em seu leito de morte. Do olhar de Letizia sobre ele enquanto gentilmente soltava o laço de seu penhoar e descobria a indecorosa camisola que ela vestia.

Suas mãos pousaram sobre o fino tecido, revelando a pele macia quase cremosa da mulher em sua cama. Seus lábios, em seguida, começaram a explorar a parte descoberta de seu corpo. Pernas, coxas, suas mãos iam subindo, assim como a seda da fina camisola. Sua boca capturou a da duquesa, mais exigente dessa vez, enquanto suas mãos continuavam a explorar o pequeno corpo.

Esta noite ele não deixaria nem uma só parte de Letizia sem ser beijada, reverenciada. Enquanto isso, ela devolvia suas investidas com abandonada paixão.

Seu corpo inteiro ardia de desejo e loucura por ela, mas tudo era sobre Letizia, este momento era inteiro dela.

Conforme eram retiradas, as peças de roupa eram jogadas pelo cômodo sem nenhuma preocupação. Houve mais beijos e carícias, além de sussurros leves ao luar. Como um experiente amante, Diego a guiou pelo caminho sinuoso do prazer, resultando em um instigante deleite.

Ele a levou a momentos mágicos e sensações novas. Tomá-la foi quase uma experiência espiritual. Sua alma unida à dela com assombroso regozijo.

Entre suspiros e rendido pelo momento, ele respirava sob os atentos ouvidos da duquesa, que se deixava levar pelo mais mundano dos prazeres. Eram iguais na afeição, não importando o que o mundo lá fora dissesse, eles se completavam.

Diego a acalentou em seus braços, murmurou palavras doces e prometeu que tudo ficaria bem. E ficou. Com beijos longos e cálidos, ele a curou, fez com que visse além da dor. Mudou-a para sempre.

Ele não a deixou ir. Reteve-a em seus braços mesmo quando a paixão passou. Mesmo quando ela lhe disse que estava bem, com os olhos cobertos de lágrimas. Manteve-a em seus braços com medo de que o momento terminasse, com medo de que o que acabara de acontecer fosse mentira. Porque lhe custava acreditar que, depois de haver perdido tanto na vida, ele ganhara tão valioso presente.

Com mãos atenciosas, ele cuidou de Letizia. Saltou da cama por um breve momento e a limpou com uma toalha e água morna da bacia próxima à cama. Ela ronronou com sono, tal qual um felino dócil e saciado.

— Durma, *mi bién* — disse quando a abraçou de novo, e ela, como que esperando o aviso, adormeceu aconchegada em seu corpo logo depois.



A duquesa despertou com uma densa sensação de calidez e um leve desconforto no corpo. Sentiu braços firmes e quentes ao seu redor e levantou a cabeça apenas para encontrar os olhos de Diego abertos, vigilantes sobre ela. Na janela, o matiz de azul no céu indicava que em breve amanheceria.

— Dormi demais — falou sob o abraço apertado.

— Ainda temos tempo. — Ele acariciou seu rosto e beijou o topo de sua cabeça. — Descobri minha coisa favorita no mundo.

— E o que é?

— Abraçá-la.

Ela ofereceu um sorriso cúmplice ao seu amante e virou-se dentro do conforto dos fortes braços, deixando-os frente a frente. Desinibida, pousou sua mão sobre o largo peito, acariciando os pelos.

— Faz cosquinha?

— Não, causa-me outras coisas.

Ela percebeu o lampejo de desejo em seus olhos e sorriu outra vez. Tinha poder sobre ele, isso era bom.

— *Mi dulzura...* precisamos conversar.

A voz séria de Diego a pôs em alerta. Ela conseguia imaginar muito bem ao que ele se referia e sabia que o momento chegara. Ele merecia isso, merecia saber a verdade.

— Diego...

— Ouça-me, tem que pôr para fora isso que guarda aí dentro há tanto tempo. Está te fazendo mal, *mi bién*. É como veneno, está tratando de te corroer por dentro.

O ar pareceu faltar a Letizia. Pressentindo a indisposição da amada, Diego aconchegou sua cabeça no ombro acolhedor. Ela envolveu seu torso com um dos finos braços, enquanto ele esperava calmamente que ela começasse a falar.

E, quando ela começou, não pôde mais parar.

— Tudo teve início em um baile, na casa de minha prima Isabel. Ela é a Baronesa de Altamira. Papai estava muito orgulhoso de ter conseguido casar a sobrinha com alguém da nobreza, isso lhe abriria muitas portas, além de facilitar um bom casamento para mim. — Ela continuava aninhada em seu corpo enquanto falava: — Foi lá que eu conheci o duque. Senti-me encantada e logo ele estava indo à nossa casa para me cortejar. Ele beijava minhas mãos com gentileza e sempre se sentava a uma distância segura, graças aos olhares atentos de Juana. — Ela sentiu o peito do homem ao seu lado tremer quando ele deu uma leve risada.

— Ela deve ter sido uma guardiã e tanto nesses encontros.

— Sim, ela foi... até que um dia... — Parou de falar de repente.

— Um dia...

— Papai estava em casa e acabamos indo até a estufa desacompanhados... quando dei por mim, o duque estava me beijando, me segurando com força, papai chegou e viu tudo. Obviamente você já sabe o que aconteceu. Nós nos casamos poucas semanas depois. Só agora percebo que foi tudo armado. Ele estava desesperado por dinheiro e eu era a filha de um industrial rico, louco para pôr os pés na nobreza.

— Que canalha...

— Ele não foi um canalha, foi esperto. Canalha ele foi após nosso casamento. Céus, eu o vi beijar uma cortesã em nossa recepção, e a noite de núpcias foi um desastre.

Mais silêncio.

— Você disse que havia feito a cicatriz nas costas do duque... como aconteceu? — perguntou a ela com calma, um tempo depois.

— Eu o enfrentei quando chegamos aqui, então ele foi sincero pela primeira vez, falando que tudo que ele queria de mim era o meu dote. Eu me senti tão estúpida, tão tola.

— Por isso o feriu?

— Não, o feriu quando ele tentou me estuprar.

Letizia viu os olhos de Diego se arregalarem e o braço ao seu redor se retesar, sentiu o corpo inteiro ao seu lado tenso.

— Crápula, maldito, o matarei se um dia o vir na minha frente.

Estava defendendo-a, alguém estava fazendo algo por ela com respeito àquela noite pela primeira vez. Isso, de certa forma, aqueceu seu coração.

— Ele estava bêbado. Talvez por isso não tenha conseguido... o membro dele não... ele não conseguia...

— Funcionar? — ajudou-a.

— Sim. E, em um certo momento, ele passou a me culpar, e talvez por isso tenha começado a me bater. Ele parecia descontrolado, eu temi por minha vida. Usei minha adaga contra ele.

— *Santo Diós...* o perigo que você correu ao lado desse animal.

Letizia sorriu sem sentir vontade alguma.

— Ele disse que eu estava me vingando por ele ter me enganado — suspirou —, o duque fez de tudo para transformar minha vida em um inferno, na semana seguinte.

Ela continuou a contar que, quando o duque esteve recuperado e sóbrio, fez com que se vestisse de empregada e trabalhasse junto a Josefina para servi-lo. Ela dormiu na torre desde então, porque era o único quarto onde ela tinha certeza de que ele não conseguiria entrar, por ter apenas uma porta.

— E, então, ele foi para a guerra...

— E você está em meus braços agora. Segura.

— Sim.

E ela tinha certeza de que estava protegida nos braços de Diego, o homem igual a seu marido, apesar de não saber por quanto tempo. O

pensamento a fez estremecer e refletir por um instante.

— Como pode ser?

— O quê?

— Você e o duque... serem idênticos?

— Eu estive pensando sobre isso e só há uma explicação plausível — ela aguardou ansiosamente pela resposta —, somos irmãos. Gêmeos idênticos.

— Tem certeza? — com o cenho franzido, ela questionou a possibilidade.

— Que outra explicação pode haver? Não existem duas pessoas iguais no mundo, a não ser que sejam filhos dos mesmos pais.

— Se há um segredo de família deste porte entre os Navarro, então só um lugar pode escondê-lo: a biblioteca.

— Ainda não tive tempo de procurar nada lá.

— Não se preocupe, eu o ajudarei.

Sem pensar em problemas, ela adormeceu outra vez sob os carinhos e promessas protetoras.

Foi o som estridente do galo cantando que fez Letizia sentar-se na cama com um sobressalto.

— *Madre de Diós*, dormi demais.

Atordoado, Diego fez um afago em suas costas, o que a derreteu um pouco.

— Diego, preciso ir.

— Ainda é cedo.

— Mas é cedo que os empregados se levantam, e Juana também. *Mi Diós*, Juana! Ela acorda com as galinhas.

Arrastando o lençol consigo, Letizia se pôs de pé. Na cama, ficou um Diego espreguiçando-se, completamente à vontade com sua nudez. Ao virar-se e dar de cara com a cena, a duquesa corou e abaixou os olhos.

— Tem certeza de que não quer ficar um pouco mais? — Ele mordeu o lábio inferior e apontou para o espaço na cama vazio.

— Enlouqueceu? Santiago deve estar às portas para acordá-lo.

Com um suspiro, se levantou e foi até ela.

— Quero visitar seu quarto esta noite. Prometo que serei discreto.

— Não sei, preciso pensar — sua voz soou apressada enquanto tratou de vestir rapidamente a camisa e enrolar-se no lençol. — Diego, pare... —

Tentou inutilmente desengatar-se do abraço que ele lhe dava enquanto a beijava apaixonadamente. — Preciso ir — disse entre risos e suspiros. — Tenho que ir — falou quando conseguiu estar próxima à porta.

— Letizia — chamou-a do meio do cômodo —, você é linda.

A duquesa sorriu, seu rosto se abriu como uma manhã de verão.

Fora do quarto, ela caminhou lentamente entre os corredores, pedindo a Deus para não encontrar ninguém. O castelo nunca lhe pareceu tão imenso, com tantas portas e caminhos. Saiu para o pátio, onde literalmente correu em direção ao corredor que o ligava à torre. Fechou a porta de seu quarto e encostou-se, respirando fundo e com um sorriso ao recordar a noite que tivera.

Seus lábios ainda podiam sentir a pressão da boca de Diego.

— Onde você estava? — perguntou Juana, saindo de dentro do quarto de banho com um olhar inquisidor.

CAPÍTULO 12

— *Virgen Santa!* Quase me mata de susto, Juana. — Com um pulo a duquesa pôs a mão sobre o peito.

— Você está de camisola?

— Sim, estou... acordei indisposta no meio da noite. Fui fazer um chá de raiz de valeriana, mas acabei não encontrando nada, então, estava apenas caminhando pelo castelo.

— Isso é bem fantasmagórico. — A jovem olhou ao redor. — Sua cama está arrumada.

— Pois é, eu mesma a arrumei. Sinto-me muito inquieta desde que as mudanças começaram na propriedade.

— Ah, Letizia, você se preocupa demais. Venha, deite-se e durma mais um pouco. Ainda é cedo, e você pode descansar. Pedirei a Josefina que prepare algo reforçado e eu mesma trarei. O que deseja? Bolo e frutas?

— *Gracias*, Nita, mas acho que não conseguirei voltar a dormir. No entanto, eu agradeceria muito se você pudesse me ajudar a trocar de roupa.

As irmãs se abraçaram enquanto Letizia respirava fundo, aliviada.



— Por acaso tivemos um furacão na propriedade e não fiquei sabendo?
— questionou Diego vendo Letizia desaparecida atrás de uma pilha de papéis na biblioteca. Ele fechou a porta ao entrar.

— Não consigo encontrar... — a duquesa murmurou enquanto ele se aproximava.

— Diga o que não encontra, *mi corazón*.

— Ah, você está aí! — Finalmente percebeu sua presença e ganhou um beijo de Diego na ponta do nariz.

— Sim, estou. E o que seria tudo isso?

— O que combinamos de fazer, ora. Estou procurando algum documento que indique que o duque não é o único herdeiro dos Navarro.

— E o que encontrou até agora?

— Mais dívidas! — Suas mãos cobriam os olhos em total horror.

— Realmente não é o que esperávamos.

— Tem de haver uma forma de provar seu nascimento.

— Bem, querida, levando em conta minha aparência, eu sou a maior prova de todas. O que eu gostaria mesmo era de recuperar a memória.

Ele observou o rosto da duquesa se consternar.

— Ainda temos isso. Como tem se sentido nos últimos dias?

— Não estou doente..., mas meu sono se tornou irregular e cheio de pesadelos.

E as malditas dores de cabeça, mas isso ele não contaria a ela.

— Talvez fosse o momento de chamarmos um médico...

— Não, não, o médico do acampamento militar já me instruiu de tudo. Devo me preocupar apenas se tiver dores de cabeça ou desmaios.

— O acampamento militar... gostaria de saber mais sobre o que você se lembra.

— Posso contar o que você quiser, será um prazer. — Ele invadiu o espaço da duquesa, cheirando seu pescoço e distribuindo leves beijos...

— *Mmm*, vai me contar a história como Sherazade seduzindo o rei? — ela indagou.

— Minha duquesa é atrevida. — Gargalhou em seu ouvido. Ela gostou, ele tinha certeza.

— Diga outra vez.

— O quê?

— Você sabe — sussurrou.

— Minha duquesa — Diego sorriu ao dizer próximo à sua boca.

Uma batida na porta interrompeu o momento e Letizia o empurrou com força para longe dela, levando alguns papéis junto.

— Entre.

— Ah, você está aí, pensei que estivesse na plantação — Juana disse, olhando para Diego.

— Acabo de retornar, posso fazer algo por você?

— Não, obrigada. Apenas vim avisar que o almoço será servido em breve.

— Obrigada, Juana, já vamos para o salão.

A jovem estava prestes a sair quando seus passos retrocederam e ela encarou o casal outra vez.

— Eu os vejo com muitas atividades aqui na biblioteca.

Diego pôde sentir o sangue se esvaír de seu rosto.

— Sim, temos estado ocupados. — Letizia sorriu para a irmã.

Como ela conseguia sorrir?

— Pergunto-me se não precisam de ajuda. Posso ser útil no que precisarem...

— Obrigada, Nita, é muita bondade sua, mas passamos a maior parte do tempo discutindo qual conta pagar primeiro.

Foi a vez de Diego gargalhar.

Ambas as damas o encararam. Pigarreando, Diego falou:

— Acredito que já podemos ir para o almoço. Minha duquesa? — Ofereceu o braço a Letizia, que se permitiu acompanhá-lo; na porta, ele ofereceu o outro braço a Juana, que o encarou como se ele tivesse perdido a cabeça. A jovem aguardou que ambos saíssem da sala e os acompanhou pelo corredor.



A duquesa vestia uma camisola nova esta noite. Uma rica peça de seu enxoval, ousada o bastante para uma lua-de-mel que nunca se concretizou. A seda cobria quase todo o seu corpo, e a renda lhe dava um ar indecoroso que a fazia corar.

Andava de um lado a outro, à espera de Diego. Soltou uma imprecação, pois não haviam conseguido ter tempo de estarem a sós outra vez e combinarem se ele viria a seu quarto ou não esta noite.

Letizia esperava que ele viesse.

Com a ajuda da irmã, tomou um banho ainda mais caprichado, usando um pouco de óleo para o corpo e perfumando-se em seguida. Inocentemente, Juana penteou seus cabelos e eles estavam soltos e desembaraçados, caindo sobre seus ombros. Apertou as bochechas para ganhar um pouco mais de cor e acendeu a lareira, além de lamparinas extras, queria o quarto bem iluminado esta noite. Colou o ouvido na porta trancada e nada escutou, nem um só passo.

Talvez Diego fosse cavalheiro demais e visse sua hesitação nessa manhã como um sinal para deixá-la em paz. Entretanto, talvez ela não quisesse que ele fosse completamente cavalheiro com ela...

Cielo, havia feito amor com o homem. Era agora uma mulher por completo, tinha feito um esforço descomunal para não passar o dia sorrindo como uma boba na frente de Juana e dos empregados. E tinha sentido falta dele quase todo o tempo em que não estiveram no mesmo ambiente. Ele era seu amigo e amante.

Um gemido masculino lhe chamou a atenção, virou-se a tempo de ver Diego terminando de escalar a torre e jogar as pernas dentro do quarto.

— Por todos os santos, você está tentando se matar? Por que não usou a porta, como uma pessoa normal?

Ouviu-o dizer enquanto se aprumava e recuperava o fôlego:

— E encontrar o dragão me espreitando do lado de fora da porta? Eu disse que seria discreto.

— De que dragão você está falan... não chame Juana assim.

— Precisa admitir, querida, sua irmã, se pudesse, te guardaria a sete chaves. A torre, ela já tem.

Letizia sorriu para ele e foi ao seu encontro. Ele a puxou para um beijo encantador e quente, que deixou seu corpo quase dolorido por mais.

— O que temos aqui? — Seus dedos tocaram as pontas rendadas da camisola em seu colo, fazendo-a corar e suspirar ao mesmo tempo. — Amo o fato de deixá-la corada.

— Não estou acostumada com pessoas me vendo assim...

— Vamos fazer disso um hábito, então. — Beijou-a de novo.

Dessa vez tocaram-se sob a claridade das lâmpadas e da lareira, com o tempo a favor, sem pressa ou inibições. Diego permitiu que ela retirasse cada uma de suas peças como quem descobre um tesouro. E quando timidamente beijou seu torso nu, foi como a realização de um sonho. Desde que o vira na cachoeira com tanta intimidade, sonhara em tocar cada milímetro do corpo masculino.

Ela agora sabia, havia paixão de mulher dentro de si e queria explorar cada uma das fantasias que sua mente sugeria.

Felicidade atingiu Letizia quando, por fim, Diego a reteve em seus braços outra vez. Não restavam nem mesmo centímetros de distância entre eles. Eram braços e pernas unidos, saciados, envoltos em densa luxúria e voracidade.

Afagava os cabelos dele enquanto Diego a abraçava e deitava a cabeça em seu colo, beijando-lhe as formas femininas.

— Você está com problemas para dormir? — questionou a duquesa, sentindo prazer ao massagear a cabeleira negra como a noite.

— Com você me mimando desse jeito? Como poderia? — Sorriu com a voz zombeteira.

— Estou perguntando a sério. Como você se sente com o problema da perda de memória?

— O problema da perda de memória... bom, vamos ver... — ele se colocou sobre os cotovelos e a encarou nos olhos —, não é doloroso, ao menos não fisicamente. É apenas angustiante. Às vezes tenho palpitações porque me sinto prestes a lembrar de algo, costuma acontecer quando acordo. Tenho pesadelos com o exército... — suspirou e voltou a deitar-se abraçado a ela.

— Quero saber, me conte tudo. Você não está sozinho.

Uniram as mãos, palma com palma, então ele beijou a mão inteira de Letizia.

— Obrigado, minha duquesa.

— Conte-me — insistiu.

Com um suspiro alto, ela o viu se mexer e coçar a barba por fazer.

— Não me lembro de nada. Infância, mãe, pai... tudo que lembro é de estar em meio à guerra. Minha cabeça latejando e homens por todo lado caindo, correndo, sangrando. Tomei um tiro de raspão no braço e desmaiei, batendo a cabeça em uma pedra. O comandante disse que me tiraram de uma pilha de corpos. Lembro-me da batalha nos sonhos... e depois dos dias me recuperando no acampamento.

— Você está vivo, isso é o que importa. — Abraçou-o como se pudesse expurgar todos os demônios que o atormentavam. — Você está vivo e bem.

— Vivo e seu.

Encarou-o com os olhos derretidos pela paixão.

— Sim, vivo e meu.

Eles começaram tudo outra vez. Os beijos, as carícias e a fuga para onde só existiam os dois. Para Letizia, não havia um só lugar no mundo como os braços de Diego.



Ele sabia que tê-la seria sua perdição, só não imaginava estar completamente rendido à Duquesa de Granada.

Jamais se culparia por tê-la levado para a cama, de fato, morreria se não a tocasse. O pedido o surpreendeu, a realização do desejo o levou à loucura. Observava o dossel, sentindo que a qualquer momento a madeira cairia sobre sua cabeça tal qual a verdade que eles escondiam.

Letizia não lhe pertencia. Diego, o verdadeiro Diego, poderia entrar nesse instante pela porta, reclamar a esposa e, apesar de ser um verdadeiro patife, ainda assim estaria em seu direito.

Agora que sabia como realmente foi o casamento entre os Duques de Granada, moveria céus e terras para protegê-la.

Diabos, o que poderia ele fazer? Não era ninguém. Não se lembrava de onde vinha, não tinha para onde ir, não sabia quem realmente era. Duvidava ter direito a alguma herança, mesmo que essa existisse. O maldito destruiu o patrimônio da família... sua família. Precisava encontrar mais informações sobre os Navarro; se sua mente não cooperava, algo material teria que ajudá-lo.

Letizia se moveu e disse seu nome enquanto dormia.

Diego.

Não se chamava assim. Nem mesmo o nome que usava era seu.

Essa situação tinha que mudar.

Enquanto isso, ia fazer de tudo para que a mulher que confiou a ele sua paixão fosse feliz.

— Vamos, *mi bién*... acorde. — Tocou o rosto da duquesa suavemente.

— O que foi? — sua voz soou grogue e o fez rir.

— Venha. Vamos fugir, você e eu?

— Fugir? — Agora tinha a total atenção dela, com os olhos bem abertos.

— Tenho uma surpresa para você.

— *Mmm*, quanto mistério...

— Vista-se e me encontre no pátio.

Como incentivo, deu um leve tapa em sua nádega, que a fez corar nos mais diferentes tons rosados.

Com um plano em mente, ele se retirou da cama aquecida pela noite e saiu do quarto, pé ante pé. Depois de vestir-se corretamente com roupas mais adequadas ao dia, foi até a cozinha e preparou uma cesta com frutas, queijo, pão e vinho. Tudo com muito cuidado, para não fazer barulho.

No pátio, Letizia o esperava apoiada em uma das enormes pilastras. Usava um de seus simples vestidos, mas que, para ele, a deixava sempre deslumbrante. O cabelo estava preso em uma trança... ele teria que cuidar disso mais tarde.

— Para onde vamos?

— A um lugar só nosso.

Quando chegaram à margem da cachoeira, Letizia tinha um sorriso no rosto. Com a água ainda gelada pelo frio da manhã, Diego cuidou para que

um pano limpo fosse estendido no gramado, sob uma árvore, e ambos se sentaram, deixando-se levar pela sonolência. A duquesa se permitiu ficar em seus braços outra vez, recostados sobre um grande tronco. Ele não conseguia dormir, tinha medo de assustá-la com algum pesadelo, do mesmo modo queria deixar bem vivo em sua mente cada momento que passasse ao lado dela. Não se permitiria nenhum desperdício.

Vê-la dormir se tornou seu hábito favorito. Seu rosto era esculpido com delicadeza, o nariz fino, banhado pelas sardas, a boca, carnuda e rosada. Sem a expressão orgulhosa e altiva, fazia-o pensar nas ninfas, criaturas mitológicas que habitavam a natureza... como agora, tendo Letizia recostada em seus braços diante da gigante cachoeira.

Permitiu-se um leve sono por algum tempo, quando despertaram, o sol já estava alto.

— Um banho faria bem, não? Está calor — disse a ela depois de sorrirem um para o outro

— Acho que você só está inventando razões para me ver sem roupas.

— Este é um bom motivo também.

De pé, eles se beijaram docemente e as mãos de Diego começaram a vagar pelos tantos botões e fitas que marcavam os limites das peças que a duquesa usava. Lentamente a despiu e descobriu seu corpo.

— Espere — ela disse, interrompendo o beijo.

— O que foi?

— Não vou ficar sem minha combinação. Seria escandaloso demais.

— Então vai me achar deveras indecente. — Passou a despir-se em frente a ela até estar nu.

— Meu Deus... e se alguém nos vir? — Com o rosto rubro, Letizia aceitou a mão oferecida por ele.

— Então você estará salva pela combinação, e eu terei todas as minhas vergonhas de fora.

Ele riu, vendo o pudor tomar conta de seu rosto.

— *Madre mia*, está gelada — ela resmungou ao entrar na água.

— Não se preocupe, *mi bién*, eu a mantereí aquecida — respondeu ele ao senti-la arrepiar-se.

Foi uma promessa que ele se deliciou em cumprir. Entre mergulhos e beijos, ele a tomou para si com ousadia e despudor. Nadaram juntos e se permitiram rir entre as águas. Cada vez que seus olhares se encontravam, o

coração de Diego batia mais rápido em resposta, involuntariamente, com insensatez e descuido. O sorriso de Letizia ao mergulhar e voltar sempre para os seus braços o contagiava. Ele percebia o quão livre ela se sentia, mesmo com tantas responsabilidades na propriedade. Sabia que, se o duque voltasse, o tempo e a convivência com ele a quebrariam. Tinha que ter uma forma de impedir que o maldito tivesse algum poder sobre ela.

No entanto, que futuro tinham? Viveriam eternamente como amantes?

Mesmo que Letizia morasse em uma casa diferente que o duque, isso quando e se ele voltasse, e se ela quisesse abandonar o Castelo Navarro, ele sabia que não era justo para com ela viver às escondidas. Letizia não suportaria.

Tomou a decisão de ser dela por quanto tempo ela o quisesse.

— Está tão sério.

Viu-a voltar de um mergulho e pôr as mãos sobre a pedra na qual estava sentado.

— Eu estava pensando em você... em nós... saindo às escondidas. Como se o que fizéssemos fosse errado.

Seu semblante se tornou significativamente severo por um momento.

— Eu sei as consequências... eu pensei em tudo...

— E...

— Ainda assim não me arrependo.

— Essa é a minha duquesa! — Mergulhou na água e encontrou o corpo molhado sob o tecido da combinação.

— Já contou à sua irmã? Sobre nós?

— Diego, você sabe como mudar de assunto. Termine o que começou, maldição.

— Adoro quando você pragueja!

Ele a viu ruborizar de novo.

— Estou falando sério — disse, colocando os braços em volta de seu pescoço.

— Eu também. — Viu-a abrindo a boca para protestar, entretanto, continuou a falar: — Por mais preocupada com minha segurança que você esteja, devo salientar o fato de que a relação de vocês duas ficará marcada para sempre se não disser a verdade a ela. Vocês parecem do tipo que contam tudo uma à outra.

— Sua segurança? Você não conhece Juana.

— Posso lidar com a fúria dela. — Depois de pensar um pouco, continuou: — Eu a vi praticar tiro ao alvo com arco e flecha recentemente... acho-a admirável.

— Nita e eu crescemos de modos diferentes. Eu a estimo ainda mais por não se ressentir.

— Pelo quê?

— Por haver sido deixada de lado, de certa forma. Eu não teria o mesmo espírito.

— Mais um motivo para dizer a verdade a ela.

Um som impaciente saiu da garganta de Letizia, fazendo Diego rir mais uma vez.

Eles continuaram a nadar juntos por um bom tempo, entre carícias e interlúdios amorosos. Com o sol em todo o seu esplendor, eles sentiram fome e cansaço e voltaram para a árvore, comendo todo o conteúdo da cesta preparada por Diego. Deram comida um na boca do outro e brincaram entre si, com as nuvens ensolaradas como testemunha.

Jamais voltaria a pisar na cachoeira sem pensar nos momentos ao lado de sua duquesa.



Se todos na casa sentiram sua falta e a de Diego nos afazeres do castelo durante o dia, foram discretos o suficiente para não comentarem. Ao menos, não na frente deles.

Retornaram logo depois do almoço, com os cabelos encharcados e sorrisos cúmplices. A duquesa sentiu um cansaço tão tranquilizante após as

atividades do dia que se permitiu uma sesta. Quando abriu os olhos, depois do longo sono, a noite já havia engolido o dia lá fora.

Aos pés da cama, Juana a observava.

— Você pode ser tremendamente assustadora quando quer. Ficou o tempo todo velando meu sono? — Sentou-se na cama, tratando de despertar o corpo.

— Trouxe seu jantar, você dormiu por longas horas.

— Acho que ando mais cansada do que pensava.

— Tenho tentado falar isso com você por diversas vezes, mas você escuta?

— Desculpe — murmurou enquanto recebia das mãos da irmã a bandeja em seu colo.

Tratou de comer a sopa de tomate junto ao pão, servidos sob os olhares atentos da jovem ao seu lado.

— Não quer um pouco?

— Já jantei... à mesa, com o duque. — Revirou os olhos. — *Cielos*, o homem não cala a boca um instante.

Letizia não conseguiu segurar o riso, mas tratou de disfarçar, colocando mais comida na boca. Juana observava atentamente cada colherada.

— Acaso ficou no sol o dia todo ao sair com o duque?

Quase se engasgou ao ouvir a frase, porém, se recompôs rapidamente, decidindo dizer algo para suavizar seus pensamentos.

— Fomos caminhar bem cedo pela propriedade e perdemos a noção da hora. Acabei me esquecendo de levar um chapéu.

— Entendo... logo se vê que está muito corada.

A duquesa apenas resmungou algo em resposta e continuou a comer até que se viu satisfeita.

— Deixei vestidos limpos no armário, sei que não gosta que mexa no que trouxe de seu enxoval, mas foi preciso lavá-los. Guardarei outra vez no baú, caso deseje. — Juana se movia de um lado a outro pelo quarto, atarefada, com toalhas e lençóis. Depois de guardar as peças, encarou-a de maneira estranha. — Seu cabelo está horrível. O que houve?

— Acho que é porque dormi com ele molhado.

— Péssima ideia, venha, deixe-me penteá-lo.

Participou junto à irmã do ritual que faziam todas as noites: Juana a ajudava a sair do vestido e colocar uma camisola longa e confortável para

logo em seguida escovar seu cabelo frente à penteadeira.

— Você é tão boa para mim. — A jovem sorriu através do espelho. — Sim, é verdade, mas você é mais do que isso. É decente, generosa e cuida de mim como uma irmã mais velha deve cuidar — Letizia continuou.

Juana era sua melhor amiga, confiaria a ela sua vida, se necessário. Não podia guardar seu mais importante segredo da irmã. Diego estava certo, ela merecia saber a verdade. Contudo, antes disso, precisava ir até o passado e revelar como tudo começou. Não podia esconder mais nada dela.

— Nita... — chamou.

— Sim, preciosa.

— Precisamos conversar. — Interrompeu o movimento da escova em seu cabelo e se levantou, levando a irmã com ela.

E, sentadas na cama, uma do lado da outra, com as mãos unidas, Letizia tomou coragem e contou a Juana tudo que havia se passado entre ela e o duque. Começou a falar e sentimentos e sensações desabrocharam de dentro de si, levando-a do riso nervoso às lágrimas. Disse tudo que havia ocorrido e foi ouvida com atenção. Não podia olhar nos olhos da irmã, porque não tinha certeza se queria saber o que encontraria lá.

Raiva?

Angústia?

Pena?

Com certeza, o último sentimento seria o mais insuportável de todos.

— Por favor, me desculpe por não dizer antes. Precisa entender que estive muito tempo envergonhada pelo que aconteceu...

Ela sentiu a energia brutal emanando de Juana quando a irmã se levantou e imprecações começaram a sair de sua boca.

— Maldito... mil vezes maldito. — Andando de um lado para o outro, a jovem poderia transformar alguém em pedra apenas com o olhar. — Canalha, patife... aquele pulha. Verme de duas patas!

— Espere, Juana, não se precipite.

— Me precipitar?

— Sim, porque... tem mais.

— Mais? Não preciso ouvir mais nada. Eu vou matá-lo!

CAPÍTULO 13

Letizia sabia que um desastre se aproximava quando a viu deixar o quarto ainda soltando xingamentos por onde passava.

— Juana! — Parecia que as pernas da jovem haviam ganhado a força de cem cavalos. — Juana, espere! — Não conseguia alcançá-la.

A duquesa desceu as escadas da torre enquanto ajeitava o penhoar sobre a camisola. Quando chegou ao pátio, não havia mais rastros da irmã. Decidiu partir em direção ao quarto de Diego.

— Santiago, onde está o duque? — perguntou ao mordomo quando o viu passando pelo corredor, ele discretamente desviava o olhar e agia com a naturalidade de quem está acostumado a ver nobres em roupas de dormir.

— Ah, *Doña* Letizia, Vossa Graça está na biblioteca. Que engraçado, a *señorita* Juana me fez a mesma pergunta...

Com pernas trêmulas, Letizia correu pelos corredores até a biblioteca. De longe, viu a porta escancarada; quando entrou, seu coração deu um salto.

— Juana, abaixe essa arma — falou com voz entrecortada.

— Essa tradição familiar de apontar a pistola em minha direção não tem nenhuma graça. Vamos, Juana, eu não valho tudo isso para você ir parar no garrote.

— Você não..., mas ela vale.

— Bom, apesar de concordar com você nesse sentido, ainda assim eu gostaria de não estar incluído na mira, se você disparar essa arma. — Com as mãos para cima, Diego parecia tranquilo, mas ela sabia que ele não estava.

— Me escute, Juana... escute com atenção, o que você está prestes a fazer é um grande erro.

— Você ainda não contou, não é mesmo? Ah, céus, então estou realmente em maus lençóis. — A voz de Diego distraiu as irmãs, e Juana se viu olhando entre um e outro.

— Do que ele está falando?

— Ele está dizendo a verdade. Que, sim, Diego é um canalha, mas o homem que está a sua frente não é culpado pelos pecados dele.

— Você o está defendendo apenas porque ele perdeu a memória? Como pode?

— Juana, minha irmã, eu imploro. Abaixе a arma e conversemos como pessoas civilizadas.

— Não, eu nunca confiei no duque, e estava certa em vir para cá depois do seu casamento, uma pena ter demorado tanto.

— Nita, preste atenção... — Diego a chamou pelo apelido e fez os olhos da jovem chamejarem. — Muito cedo? Tudo bem. Veja só, há um excelente motivo para você não atirar em mim, além do fato de você não ser condenada à morte.

— O que poderia ser mais importante do que vingar os absurdos que você cometeu contra minha irmã?

— Eu não sou o homem que você pensa que eu sou.

Um silêncio pairou na sala, e Juana olhou em direção à irmã. Letizia, por sua vez, caminhou pela biblioteca até estar ao lado de Diego. O casal se deu as mãos por um momento.

— Este não é o melhor lugar para se estar agora, querida...

— Não provoque, Diego. Ela não vai correr o risco de atirar podendo acertar a mim.

— Não duvide da minha pontaria, irmã.

— Mas claro que não, ninguém aqui está duvidando disso. Vamos, *mi bién*, diga logo a ela.

Juana os observou com o olhar interrogativo.

— Você... por algum acaso... você está se deitando com o duque? Depois de tudo que ele te fez?

A mira continuava apontada a Diego. A duquesa se aproximou ainda mais dele.

— Eu juro pelo nosso pai que, se você o acertar, eu jamais te perdoarei.

— E a ele? Como pôde perdoá-lo?

— Porque ele não é Diego! — gritou Letizia.

Juana piscou e abriu os lábios.

— O que está dizendo?

— Ele não é o duque, é o irmão gêmeo que voltou da guerra sem memória.

Aflita por confessar, Letizia se aproximou da irmã.

— Abaixe a pistola, vamos conversar. — Tocou gentilmente o braço que empunhava a arma. — Eu juro que é verdade, vamos, Nita, acalme-se e eu explicarei tudo.

A jovem finalmente se permitiu ser levada até uma cadeira, onde se sentou sem deixar de encarar Diego por um só instante.

— Guarde isso em um lugar seguro — pediu Letizia a Diego, que envolveu a arma em um pano e a colocou dentro da gaveta.

— Então... não é o duque? — Juana não parava de observar Diego. Ele, por sua vez, ofereceu um lugar para a duquesa sentar-se em frente à moça na mesa e se manteve de pé, com os braços cruzados. — Co...como isso é possível?

Era a primeira vez que Letizia via a irmã sem palavras. A língua afiada era sua maior marca.

— Ainda não sabemos os detalhes mais importantes... — segurava a mão da irmã sobre a mesa —, mas o mais provável é que o duque não seja o único herdeiro dos Navarro... e bom, Diego... — olhou para o homem ao seu lado, quieto pela primeira vez na vida—, continuo chamando-o assim porque não sabemos seu nome de verdade. Tudo que sabemos é que, de alguma forma, o duque e ele estavam no mesmo lugar, na mesma hora e provavelmente foram trocados de lugar.

— Então, Diego ainda está...

— Em algum lugar, vivo e bem — completou Letizia.

— Você estava prestes a matar o homem errado, querida — terminou Diego.

Juana o observou com cautela dessa vez.

— Nada de “querida” também? Está cada vez mais difícil me comunicar com a *señorita*.

— E como soube que... ele não era ele? — aparentemente chocada, Juana tinha dificuldades em se expressar sobre Diego.

— Por que... bem... a verdade é que...

— Não tenho uma cicatriz onde... o duque deveria ter — intrometeu-se Diego.

Juana olhou dele para Letizia por uma, duas vezes. A jovem viu a irmã corar e abaixar a cabeça, sem poder encará-la nos olhos.

— Ele a seduziu? Diga-me, o que aconteceu? — Levantou-se para logo em seguida sentar-se outra vez.

— Diego, por favor. Peço que nos deixe sozinhas...

— Não, *mi bién*. Sua irmã quer saber quais são minhas intenções com você, e eu sou homem o suficiente para enfrentá-la e dizer que são as melhores possíveis.

— Ela já é casada...

— Juana! Isso é problema meu.

— Vocês são amantes! — disparou ela.

— E eu não sou mais criança. Pare de me tratar como tal. — De pé, as irmãs se observavam com olhares orgulhosos. — Deixe-nos a sós, Diego. — Ele tentou protestar, inutilmente. — Por favor.

Com passos hesitantes, ele deixou a biblioteca e fechou a porta, mas não sem antes segurar a mão de Letizia e beijá-la.

— Vamos, fale de uma vez o que está pensando — a duquesa disse ao se sentar outra vez.

— O que estou pensando? O que *você* está pensando? Não percebe que o que está fazendo é uma insensatez?

— Fui eu que quase enlouqueci ao me casar com Diego, assim, acredito que tenho o direito às minhas próprias decisões.

— Então quer falar de Diego? Eu sempre lhe disse que ele era uma péssima escolha. Maldita a hora que *Don* Fuentes abençoou esse casamento...

— É tão difícil assim?

— O que quer dizer?

— Chamá-lo de pai? É tão importante manter a pose de mulher inalcançável?

— Isso é tudo que eu tenho, não percebe? — Havia tantas coisas na voz de Juana nesse momento: desespero, mágoa, raiva, que, pela primeira vez desde que eram adultas, Letizia parecia prestes a vê-la chorar. — O que ganha agindo dessa forma? Não entende que se tornará alguém como eu se todos souberem do seu caso?

A duquesa pensou ser possível ouvir um alfinete cair no chão com o cortante silêncio que se fez na sala.

— E qual é o problema em ser você?

— Não acredito no que está dizendo... — debochou a jovem. — Avise-me quando decidir sair de seu pedestal... duquesa. — Fez uma medida e deu as costas, indo em direção à saída.

Quando a porta se abriu, foi possível ver o vulto de Diego em seu casaco preto.

— Nunca lhe disseram que é errado ouvir as conversas dos outros? — escutou a irmã dizer.

— Não sei, não me lembro.

Ouviu um suspiro feminino.

— Juana, espere, por favor. — Era Diego de volta a seu campo de visão, na porta da biblioteca. — Não sou o que pensa. Não sou o duque, muito menos um aproveitador. Permita-me ser um amigo.

— Ora, por favor, me deixem em paz. — O farfalhar das saias indicava que ela caminhava para longe da sala.

Do umbral, Diego observava Letizia com as mãos na cabeça.

— Não posso acreditar que brigamos...

— Ah, *mi corazón*...

Ela o viu entrar na sala, fechando a porta atrás de si e indo até ela. Ele a levantou e, em seguida, a aninhou em seus braços, enquanto se sentava com ela em seu colo, no sofá.

— Ela é tudo que tenho desde que éramos pequenas, papai nunca nos privou de estarmos juntas e... — Seu raciocínio se perdeu pelas lágrimas.

— Eu sei, eu sei, amor.

— Achei que ela, mais do que ninguém, me entenderia. — Com a voz embargada, continuou: — Tudo que eu quero é me ver livre de Diego. É como um pesadelo.

— Shii, shii... acalme-se, *mi bién*... verá que logo estarão às boas de novo. Sua irmã se preocupa com você e a ama de forma incondicional. Não aguentará ficar muito tempo distante. — Beijou-a levemente na testa. — E, quanto ao duque, não se preocupe. Estarei com você a cada passo do caminho.

— Diego... — chamou com a voz mais firme. — Decidi não voltar para ele. Nunca mais.

E era verdade. Não iria se permitir estar à mercê de tanta humilhação e desrespeito outra vez. Se fosse para viver com a reputação arruinada pelo resto da vida, ela viveria. Ao fim, o duque teria que enfrentar a sociedade sozinho por ter sido abandonado pela esposa... Para Letizia, não havia vingança maior do que essa.

Diego a embalou e a manteve em seus braços sob um choro leve e doído até que a duquesa pegou no sono. Ela sentiu-se ser carregada enquanto sonhos suaves se aproximavam de sua mente. Naquela noite ela também dormiu na torre, abraçada ao seu amante.

Acordou triste e assustada de madrugada, e ele a abraçou ainda mais, oferecendo seu corpo e carinho para acalmá-la. Palavras de amor e conforto foram sussurradas, e ele a manteve aquecida até o amanhecer.

CAPÍTULO 14

Foi um café da manhã silencioso.

Enquanto Josefina e sua ajudante corriam de um lado a outro para servir o duque e a duquesa, o tilintar dos talheres era o único ruído na sala.

— A *señorita* Juana pediu para avisar que está indisposta, *Doña* Letizia.

— Obrigada, Maricarmen! — A jovem criada fez uma mesura e se retirou.

Letizia suspirou pela ausência da irmã. Fora uma noite conturbada, que se tornou unicamente suportável graças a Diego.

— Talvez se eu conversasse com ela... — começou Diego.

— Não, é uma péssima ideia. Juana é arisca como um cavalo indomado. Ela virá no tempo dela. — Balançou a cabeça a fim de se distrair. — Enquanto isso, temos outras coisas para pensar. — Deu um leve pigarro e falou mais baixo: — Temos que continuar procurando... sobre você.

— Já reviramos aquela biblioteca, não há nada lá que nos ajude.

— Mas tem que haver alguém que saiba... disso.

Concordando, Diego continuou a comer. Continuaram a conversar sobre amenidades e a manhã transcorreu sem mais incidentes.

Letizia decidiu passar o dia ao ar livre. Passeou pelo jardim e recolheu algumas flores com a ajuda de Santiago. Ficou em silêncio todo o tempo para que o pobre homem não sofresse com a sua inquietação.

Caminhou pelos estábulos e deu de comer aos cavalos. Mesmo com a ajuda que o dinheiro do dote trouxera, ainda havia muito a se fazer na propriedade.

— E agora, Catalina? — Segurava a galinha, sentada em um monte de feno. — Quando será que ela vai voltar a falar comigo?

— *Diós mio*, você é tão dramática. — A voz de Juana se ouviu.

Letizia olhou para trás e viu a irmã caminhando em sua direção. Logo Catalina estava no chão e as mulheres corriam uma para os braços da outra.

O abraço foi apertado e cheio de significados.

— Preciso dizer que sempre é uma visão e tanto ver você conversando com uma galinha.

— Não é uma galinha qualquer, é Catalina. Ela é quase da família.

— Não me ofenda desse jeito, por favor. — Ambas tentavam manter a seriedade, porém acabaram rindo.

— Pensei que fosse demorar mais tempo para falar comigo.

— Você é a única irmã que tenho, como poderia deixá-la de lado?

Elas se abraçaram outra vez.

— Isso não quer dizer que não me preocupe com o que está fazendo. Afinal, o que pretende?

As damas se sentaram sobre o feno, de mãos unidas.

— Foi minha a iniciativa de estar com Diego. — Juana a escutou atentamente. — Bom, nós acabamos seduzindo um ao outro..., mas ele é paciente, amoroso e respeitador.

— Está apaixonada pelo seu cunhado.

— Não, ninguém está falando em amor, Nita. — De pé, Letizia começou a caminhar pelo estábulo. — Houve uma parte minha que foi quebrada com o que o duque fez... e Diego veio para trazer cada peça a seu lugar. — Ela viu a irmã levantando uma sobrancelha, prestes a abrir a boca. — Estou falando de paixão, de liberdade, de me sentir bem e viva. Posso ser eu mesma ao lado dele. Ao lado do duque, eu não podia ser ninguém.

— Sabe as consequências, não sabe? Você pode estar agora mesmo esperando um filho dele.

— Nós tentamos... nós... quero dizer, Diego é quem cuida dessa parte.

— Ruborizada, Letizia uniu os dedos das mãos e abaixou a cabeça.

— Eu imagino. E quando o duque voltar?

— Não importa o que aconteça, não voltarei para ele.

— Você abandonará o duque? Teria essa coragem?

— Prefiro eu mesma escolher qual desgraça irá me ocorrer. Sei muito bem que não haverá nenhum caminho fácil para mim daqui em diante, Nita.

— Estarei com você, não importa a estrada que escolha.

— Ah, Juana...

As irmãs se abraçaram e choraram juntas. Não havia força mais poderosa do que a de uma mulher se curando, e era assim que Letizia se sentia a cada dia.



Vários dias se passaram enquanto a inquietação de Diego só aumentava. Não por estar ao lado de Letizia, ela era seu porto seguro, um guia em dias escuros, mas sim porque seguia não sabendo quem era. Sentia-se atormentado dia e noite pela falta de memória. Todos ao seu redor sabiam sobre suas próprias vidas, enquanto ele nem ao menos tinha a noção de seu próprio nome. Nada, absolutamente nada lhe vinha à mente, nem uma só lembrança. Tudo que o assombrava eram os pesadelos que começava a ter.

Imagens tão nítidas, cenários tão reais presos a sua mente que ele quase podia tocá-los, dormindo. Cenas em que estava no meio de um campo de batalha... que um homem lhe pedia ajuda, enquanto outros tentavam matá-lo. Tudo isso o deixava aflito, imerso em um sono agitado e profundo.

Por sorte, seus dias eram ocupados nas terras, com os arrendatários e todas as coisas que havia para consertar no castelo. E logo viajaria com Letizia para Sevilha a fim de estarem presentes na tão aguardada temporada social.

Não conseguia ficar parado, percebeu que se mostrava sempre pronto a fazer alguma coisa, fossem serviços braçais, fosse analisar a papelada na biblioteca. Outra coisa que o incomodava eram suas roupas. Pareciam sempre apertadas e engomadas demais... por conta disso, se viu indo na cachoeira para um banho vespertino mais vezes do que podia contar. Seus poucos momentos de liberdade, onde não se permitia pensar em nada.

Para um homem sem memória, não pensar em nada era fácil.

— Tem certeza de que não deseja me acompanhar? — perguntou à duquesa enquanto preparava o cavalo para uma ida ao vilarejo.

— Não, não tenho nada que fazer por lá, mas traga morangos, caso tenha no vendedor de frutas.

— Morangos?

— Um pequeno luxo que há muito não tenho.

— Será um prazer.

Deu um leve beijo nos lábios de Letizia e arrumou seus fios ruivos rebeldes atrás da orelha.

— Já lhe disse hoje o quanto você é linda? — perguntou enquanto seus narizes se roçavam.

— Apenas meia dúzia de vezes. — Riu com sua voz sedutora.

— Terei que remediar isso o mais rápido possível esta noite. — Beijou-a outra vez e, em seguida, montou no cavalo.

O caminho para a vila já era conhecido. A estrada com buracos e as árvores frondosas sempre o distraíam. Fazia notas mentais de seus deveres no castelo a fim de ocupar a cabeça. Não ter uma só memória era uma tortura.

O vilarejo era simples e pequeno. As pessoas o recebiam com a devida pompa, alguns ainda chocados com o assombroso retorno. Ele mesmo se surpreendia por encenar tão bem uma vida que não lhe pertencia, sem enlouquecer no caminho.

Cumprimentando a todos, resolveu suas pendências, foi à taverna e tomou cerveja, porém, não a ponto de perder os sentidos, e lembrou-se do pedido de Letizia.

Tudo por ela e para ela.

Escondidos em uma barraca no fim da rua principal, lá estavam os morangos. A fruta apumada e vermelha parecia olhá-lo com escárnio enquanto sujava suas mãos e partia-se em sucos melados.

— Nunca pensei que fosse o tipo de homem que fazia atividades tão ordinárias.

A voz masculina o fez levantar a cabeça da banca. Já a ouvira uma vez, sabia que pertencia a um palerma.

— E o que há de mal em comprar morangos? — respondeu, virando-se e ficando frente a frente com Martin Iglesias.

— A guerra o fez se encantar com a vida doméstica, meu caro? — O homem deu uma gargalhada seca, mas Diego não achava graça em nada. —

Ah, obviamente devem ser para a duquesa. Minhas mais sinceras saudações a *Doña* Letizia.

Diego comprimiu a mandíbula e estreitou os olhos.

— Repita o nome dela e lhe partirei ao meio, seu patife — respondeu se aproximando e largando o saco com as frutas sobre a banca.

— Quanta animosidade! Para que tudo isso, meu caro? — Não se acovardando, Martin se aproximou e disse próximo ao ouvido de Diego: — Quando sabemos muito bem quem é.

E partiu com uma de suas gargalhadas tenebrosas, achando graça de si mesmo.

Foi preciso muito autocontrole da parte de Diego para não socar o rosto irônico. Sua família se mostrava uma grande linhagem de miseráveis. Primeiro o irmão, que provavelmente se achava o dono do mundo, e depois o primo, que seguia o mesmo caminho.

O que será que lhe reservava o futuro, quando descobrisse a verdade sobre si mesmo? Esperava ser, no mínimo, alguém de quem pudesse se orgulhar. Qualquer sinal de decência e honra entre os de sua família seria bem-vindo.

Talvez fossem seus próprios pensamentos, ou mesmo o encontro com Iglesias, além de uma dor de cabeça que o espreitava após a bebedeira na taverna, porque quando retornou a Navarro, não sentiu vontade de fazer muita coisa.

O cansaço lhe era familiar, era o mesmo de quando acordou no acampamento militar, algo que tinha mais a ver com a mente do que com o corpo. Talvez não devesse estar tomando tanto álcool assim, e quem sabe Letizia estivesse certa, quando disse que deveria procurar um médico. Tinha medo do que descobriria e isso o enlouquecia mais do que a própria falta de conhecimento.

— Encontra-se bem? — Era a voz da duquesa, que se aproximava em leves passos.

Sua mente logo se voltou a pensamentos melhores, com o som harmonioso da doce voz. Ele virou-se e a viu um tanto hesitante no outro lado do pátio. Com a visão dela, tudo se transformou dentro dele, agora existia luz, doces memórias e o desejo que sempre o perseguia quando estavam frente a frente.

— Sim. Por que pergunta?

Viu-a se aproximar com as mãos escondidas por trás das roupas e um sorriso nos lábios macios e carnudos. Com os lampiões acesos ao redor do pátio, a luz prateada da noite refletia nos grandes olhos esmeralda de Letizia e iluminava os cabelos vermelhos como o fogo ao redor do belo rosto.

Ele se sentia queimar cada vez que ela se aproximava e, quando o tocou no braço, mesmo sobre o tecido da camisa que vestia, ele soube que não haveria um só dia que não pensaria nela.

Mesmo que sua memória se apagasse outra vez, ele ainda assim se lembraria dela, a sentiria, seria guiado em sua direção como um ímã repleto de paixão e luxúria.

— Vi-o muito quieto no jantar e quase não tocou na comida. Sente-se mal? Não esconda de mim. — A mão dela foi diretamente à sua testa, como se medisse a temperatura; interrompendo o gesto, ele beijou a palma delicada e feminina. — Está um pouco quente.

— É assim que fico cada vez que você se aproxima.

— Calado?

— Não, *mi bién*... ardendo por dentro. — E a beijou.

Não começou casto e delicado como a maioria dos beijos que ele lhe dava, mas com a firme promessa de que isso levaria a algo mais. Diego devorou a boca de sua amada, mordendo os lábios levemente e introduzindo a língua sem piedade. Abraçou-a pela cintura enquanto seus torsos colidiam, causando um delicioso contato. Beijava-a com fervor e anseio, como se seus lábios fossem apetitosos, como se, com o beijo, pudesse lhe tocar o coração. A resposta da duquesa não se mostrou tímida quando as mãos da jovem o envolveram pelo pescoço, acariciando sua nuca. Ele sentiu seu pulso dar um salto pela excitação. A resposta instintiva dela a ele se fez tão poderosa que, mesmo estando no meio do pátio sob a luz da lua, onde qualquer um que passasse poderia vê-los, não havia outro lugar onde aquilo devia terminar.

A duquesa deu um leve grito de surpresa quando se viu ser jogada nos braços de Diego e gargalhou enquanto ele brincava e falava coisas em seu ouvido. Ambos riam ao mesmo tempo em que ele subia as escadas da torre e chutava a porta, abrindo-a com violência.

Não se importou que o esforço o fez ficar um pouco tonto e disfarçou muito bem uma leve pontada na cabeça enquanto tirava os nós do vestido de Letizia. Esqueceu-se de tudo, mantendo-a em seus braços, protegidos

pelas cortinas do dossel da cama. Seu coração batia em um ritmo errático e sua pele formigou quando a duquesa disse seu nome em meio à névoa de paixão que os dominava no escuro do quarto.

Sentia-se como se tivesse o mundo nas mãos... foi quando descobriu que seu mundo inteiro era Letizia.

Ela respondeu a tudo com ansiosa paixão, por vezes curiosa, e já não tão tímida. Seus corpos se conheciam, sabiam o que gostavam e tinham o desejo a seu favor. Nem uma só parte de suas vontades foi deixada de lado.

— Você ainda está quente — murmurou Letizia, apoiando seu rosto no peito largo e salpicado de pelos. — Tem certeza de que se sente bem? — Suas pernas se mexeram e uma de suas coxas foi parar próxima ao seu abdômen, o corpo cálido e reconfortante o abraçando.

— Sempre estou bem quando estou com você. — Tomou sua mão e a beijou, seguindo o caminho de seu pulso e braços, deixando um rastro de intenso ardor no caminho da pele branca.

Ficaram em um silêncio encantador, com mãos acariciando os corpos um do outro e leves beijos sendo trocados. E esses momentos ao seu lado, como os que estavam vivendo agora, eram os favoritos de Diego. Nada mais parecia existir além de ambos e o carinho que havia entre eles.

— Como foi a ida ao vilarejo hoje?

Outra pontada de dor apareceu enquanto pensava em seu encontro com Martin Iglesias. O homem era tão querido por ele quanto uma diarreia.

— Normal, encomendei as rações, fui à taverna... encontrei meu primo — a última parte, disse com uma mofa.

— Martin? Céus, não me diga que brigaram outra vez? — Ele a viu apoiar o rosto sobre um dos cotovelos.

— Por falta de vontade não foi. O maldito nunca sabe quando calar a boca.

— O que foi que ele disse, afinal?

— Nada de relevante... a não ser... — parou por um momento, lembrando-se das palavras do idiota —, ele disse algo estranho.

— Como assim, estranho?

— Algo como... eu sei quem você é.

Letizia sentou-se na cama com os olhos atentos.

— O que ele poderia querer dizer com isso?

— Provavelmente não é nada, deveria estar tentando mexer com a minha cabeça por saber que estou desmemoriado. Aliás, toda a Andaluzia não fala em outra coisa. — Puxou-a para seus braços de novo. — Venha, *mi bién*, descanse.

Ele a fez repousar outra vez, usando as palavras mais para si mesmo do que para ela. A última coisa que sentiu ao dormir foi o aroma tão característico dos cabelos da duquesa.

A primeira coisa que se lembrou foi o cheiro de sangue.

Sangue por todo lado. Um homem caído precisando de ajuda. Um homem igual a ele.

E, então, tudo começou a vir, como tiros de canhão em forma de imagens. Sua infância, sua juventude e, por último, como a peça final de um quebra-cabeça, sua idade adulta. Estava tudo ali, tinha sua vida de volta.

Ele não sabia por quanto tempo dormiu, mas, quando abriu os olhos, estava encharcado de suor e com a cabeça prestes a explodir. Ao seu lado, graças aos céus, Letizia dormia placidamente, sem se dar conta do que se passava ao redor.

E o que acontecia?

Sentou-se na cama com as mãos na cabeça. As imagens continuavam indo e vindo, a cada instante um novo acontecimento sendo adicionado. Com cuidado, saiu da cama e deu uma olhada na duquesa... talvez pela última vez compartilhando tal intimidade.

Não havia uma só parte em seu corpo que doía mais do que a que percebia que em breve ficaria sem Letizia.

Lolitschai, moça ruiva.

A palavra lhe veio à mente no exato momento em que a observava dormir e, de certa forma, o fez sorrir.

Sua *lolitschai* dormia como um anjo. Dormia, mas não era sua.

Ainda estava escuro quando ele se encostou na parede próxima à janela, viu o amanhecer ao mesmo tempo em que tratava de organizar tudo que acontecia dentro de si. Observou, enquanto o sol nascia, os montes ao redor do castelo, o caminho que serpenteava em direção à cachoeira, a plantação que crescia graças ao trabalho duro das últimas semanas e os jardins bem cuidados pelas mãos de Santiago e Letizia.

Outra vez, Letizia.

Enquanto amanhecia lá fora, dentro dele já era dia, tudo às claras e devidamente explicado. Sabia que o caminho que tomaria não teria mais volta.

— Diego, volte para cama. Ainda é cedo — ouviu a duquesa dizer, fazendo com que se virasse e lhe desse um sorriso triste.

— Andrés, *mi bién*. Me chame de Andrés.

Enrolada entre os lençóis, ela sentou-se e coçou os olhos.

— O que houve? — Aproximou-se da cama e a viu mudar a feição, como o dia de sol que se torna nublado.

Talvez tenham sido seus passos firmemente estabelecidos por saber quem era, ou quem sabe seu olhar estivesse diferente, na verdade, nunca iria saber, o certo é que, assim que se sentou ao lado dela na cama, Letizia deduziu a verdade.

— *Virgen Santa!* Você... se lembra, não é? Sua memória, ela voltou.

— Sim. Não, não chore. — Os olhos cheios de água o encaravam com curiosidade. — Chamo-me Andrés Zahur, a propósito.

— Andrés... — murmurou o nome como quem prova um alimento pela primeira vez.

— Sim, *lolitschai* — ambos tocavam o rosto um do outro com ternura e interesse —, e prepare-se, porque há mais.

Como foi pedido, ela fez. Respirou fundo e secou os olhos. Quando a sentiu pronta o suficiente, ele disse:

— O duque está morto.

CAPÍTULO 15

Não havia uma só parte de seu corpo que não estivesse em alerta. Com o olhar incrédulo, a duquesa observava o homem sentado à sua frente como se estivesse vendo-o pela primeira vez. Os músculos de seu pequeno corpo se encontravam rígidos, seu coração, batendo descompassadamente enquanto uma das mãos tocava sua garganta.

O que ele havia acabado de dizer?

Tentava compreender as palavras que se repetiam em sua cabeça.

— Morto? — Um leve tremor em sua voz indicava o choque. — Como? Quando? Como tem certeza? — Seus olhos piscaram.

— Eu o vi, *mi bién*. Eu o retive sem vida em meus braços.

— Vocês se encontraram? Como isso foi possível?

— Melilla! — pronunciou o nome da cidade de forma solene. — Eu estive lá... quando as tropas de Sua Majestade enfrentaram as tribos ao redor do Marrocos. Chame do que quiser... azar, um golpe da vida, mas eu estive no meio do fogo cruzado sem poder fazer nada.

— Você estava lá como um soldado?

— Não. Mas estive próximo o suficiente para saber que não se pode confiar em quem quer que seja.

— Por que diz isso?

— Porque o homem que matou seu marido era da mesma infantaria que ele.

— Diego foi assassinado? — ela praticamente gritou, ficando ainda mais ereta na cama.

Andrés se pôs de pé, caminhando de um lado a outro, enquanto Letizia puxava o lençol próximo da cabeceira da cama, vestindo-o com o pouco pudor que lhe restava. Não era uma conversa que ela gostaria de ter nua.

— Talvez seja melhor eu explicar as coisas desde o começo, *lolitschai*.

— É um nome engraçado.

— Significa mulher ruiva na língua rom.

Os olhos de Letizia se estreitaram.

— Toda minha infância, tudo que me lembrei... é que fui criado em meio aos ciganos. Minha primeira lembrança de meus pais é no

acampamento, quando eu tinha seis anos.

— *Madre de Diós...*, mas você não é cigano.

— Sim, sou um *gadjo*, como eles chamam, mas minha mãe me dizia que não teve coragem de me deixar de lado e que eu valia ouro. Isso era tudo que ela falava quando eu perguntava sobre meus verdadeiros pais. — Recostado no dossel da cama, ele continuou: — Vivi com eles de acampamento em acampamento, lugar em lugar. E estávamos em Melilla depois de uma longa temporada próximo a Gibraltar. O povo com que eu vivia gostava do mar. E era justamente nas montanhas de Melilla que estávamos, muito próximos do oceano, quando a notícia de que uma batalha irromperia por ali chegou. Levantamos o acampamento, mas as crianças tinham saído para brincar. Tínhamos que reunir todos antes de ir embora.

Letizia escutava atentamente.

— Fui para dentro da montanha, onde o caminho era mais estreito por conta das árvores, quando ouvi um disparo, seguido de um grito. Corri em direção a isso, porque pensei que poderia ser uma das crianças. Quando cheguei mais perto, me escondi atrás de uma moita e vi dois soldados. Um estava com um pano vermelho cobrindo metade do rosto e o outro... o outro tinha um rosto igual ao meu. Era Diego, que acabava de ser atingido no peito. Quando o arrastei para a moita, depois que o assassino correu, ele ainda respirava. Seus olhos se agitaram quando me viram, mas logo perderam a vida.

Letizia ofereceu sua mão para ele.

— Você deve ter se sentido tão assustado...

— Foi ainda pior logo em seguida. Ouvi pessoas se aproximando, eu sabia que eram mais soldados, porque seus passos não eram como os da minha gente no acampamento. Eu tomei para mim a placa de identificação e vi o nome de Diego. Queria saber quem ele era, por que estava ali e por que éramos tão parecidos. Fiz sem pensar, talvez este tenha sido o meu erro. Voltei a correr e dessa vez dei de cara com o soldado encapuzado, o assassino de Diego. *Mi bién*, você tinha que ver os olhos dele. Parecia estar vendo um fantasma. — Andrés gargalhou secamente. — Ele atirou e errou, talvez pelo susto, mas o tiro pegou apenas no meu braço. Mesmo assim foi o suficiente para me fazer desmaiar e bater a cabeça. Quando acordei, foi ainda pior, porque eu estava caído, no meio da batalha. Não podia ver, não

podia entender, não podia correr. Corpos estavam empilhados sobre mim... um horror.

— Como você saiu de tudo isso?

— Quando acordei, me disseram que estive em coma por várias semanas. Só quando as tropas se realinharam outra vez, no Egito, eu soube exatamente quem eu era. Fui reconhecido por muitos oficiais. E ainda havia a placa de identificação de Diego comigo para corroborar.

— *Santo Diós...* é quase inacreditável. Então Diego está mesmo morto, isso quer dizer...

— Que agora você é a duquesa-viúva e uma mulher livre.

Ela ouviu as palavras e demorou a entendê-las. Quando uma lágrima escorreu por sua bochecha, ela compreendeu por que chorava.

— Não precisarei voltar para ele... não preciso...

— Não, *mi bién*, ele não pode mais feri-la.

O homem idêntico a seu marido, que há semanas habitava sua mente e pensamentos, a abraçou.

— Oh, céus... ah, *Diós...* — Ela soluçava.

— Shii, shii, vai ficar tudo bem, *lolitschai*. Você está segura agora.

Graças a Deus.

Sua mente repetia sem parar. Foi preciso a certeza de que Diego estava morto para que ela tivesse a esperança de que sua vida poderia continuar. Foi um momento sublime em que Andrés a tomou nos braços, sentando-a em seu colo, permitindo que ela extravasasse com delicadeza e privacidade aquilo que a corroeu por tanto tempo.

O choro cessou aos poucos, com ele murmurando coisas belas para ela na língua cigana e prometendo mais uma vez que tudo ficaria bem.

— Desculpe fazer disso um momento emocional mais para mim do que para você — murmurou, tentando controlar os soluços finais. Ele sorriu, e ela sentiu seu coração derreter. — Deve ter sido muito difícil relembrar tudo isso de uma só vez.

— Não se preocupe, estou bem.

— Você não estava bem ontem.

— Não — finalmente admitiu.

— Por que mentiu? Poderíamos ter chamado um médico, eu poderia ter feito alguma coisa.

— Não queria preocupá-la. E, finalmente, estou bem agora. Não se martirize tanto.

Começaram a vestir-se para o dia que se iniciava e a iminente viagem que iriam fazer. A temporada social começava em Sevilha, e não havia mais fuga, tinham que enfrentar a sociedade. Letizia sentia-se bem mais aliviada agora que Andrés — sim, este era seu nome, e combinava com ele — havia recuperado a memória. Ela acreditava que ele enfrentaria a todos com muito mais coragem e certeza se soubesse quem realmente era.

— E o que deseja fazer agora? Acha que já é o momento de contar a todos sobre a morte de Diego? — Os olhos de Letizia se arregalaram. — Você é o novo duque, agora mais do que nunca. O que pretende fazer com o castelo? Os arrendatários...

Comigo? Quis perguntar, mas não teve suficiente coragem.

— Para ser sincero, estive pensando nisso quase toda a noite. Proponho que continuemos como estamos, ao menos no início da temporada social. Quando todos souberem que Diego está morto, nossa vida mudará, muitos se aproximarão, enquanto outros farão o caminho contrário. Não sei bem em quem devo confiar.

— Sabe que sempre poderá confiar em mim.

Houve silêncio por alguns instantes.

— Quer continuar fingindo ser Diego mesmo tendo recuperado a memória?

— Sim, porque quero protegê-la. Não se esqueça que há um assassino à solta. Alguém que matou o duque e tentou me matar, e certamente não deve estar satisfeito por eu ter voltado para casa.

A duquesa sentiu o coração pesado pela possibilidade de alguém fazer mal ao homem que tão atraentemente lhe dava carinho todos os dias. De súbito, percebeu que, se Andrés morresse, ela se sentiria mais viúva dele do que de Diego.

— E quanto a nós? — Colou o rosto ao dele, as testas se encontrando.

— Nós? — viu-o questionar com o cenho franzido.

O coração dela deu um salto e o sangue congelou nas veias. Céus, como foi estúpida em pensar que o que tinham era algo sério.

Certamente Andrés devia pensar que, se ela o enlaçava, era para continuar sendo duquesa, ou algo ainda pior. Ela foi quem se jogou sobre

ele para nutrir sua curiosidade nas artes da paixão. Eram amantes e nada mais. Nunca se prometeram o céu ou as estrelas.

— Letizia... — ouviu-o dizer em tom de desculpas.

— Não... não é nada. Desculpe se o incomodo. O que quero dizer é que agora temos que viajar. O dia está começando e há muito o que fazer.

— Letizia...

— Preciso que saia.

Sim, saia, não suportaria que ele a visse desmoronar.

— Juana deve estar chegando para me ajudar com os últimos preparativos. Nos encontraremos na mesa de café.

— Tem certeza? Você parece nervosa.

— Estou bem, não se preocupe. Apenas agitada com tantas notícias novas.

Viu-o se aproximar e a segurar pelos ombros com carinho, então lhe deu um leve beijo na testa.

Não nos lábios.

Era o que faltava para ela aceitar que o que tinham precisava terminar.

Letizia ouviu os passos de Andrés para fora da torre e, quando teve certeza de que ele havia ido, se permitiu chorar. Era o que queria, o amava, pela primeira vez tinha certeza, apesar disso, não era correspondida. *Cielo*, por que permitiu que esse homem adentrasse profundamente em sua alma, minando suas barreiras, tocando seu corpo com maestria e desejo? Por que se deixou levar pelas sutilezas sensuais de Andrés, seu jeito dominador que, de certa forma, a libertou de tantas amarras e pudores?

Cada uma de suas carícias havia ficado marcada nela, a salvaram de si mesma, da miséria emocional em que vivia, ela acreditou. Cada vez que se lembrasse de cada toque, de cada sentimento, isso não iria fazê-la sofrer, iria matá-la por dentro aos poucos. Estava arruinada para qualquer outro homem. Para qualquer outro amor.

Ouviu a porta ser aberta e começou a enxugar suas lágrimas com rapidez.

— Vim para ajudá-la a se arrumar... Letizia, o que foi? — Logo Juana estava a sua frente com olhar especulativo e preocupado.

— Nita... sou eu, o problema sou eu. — Enxugar as lágrimas se mostrou inútil, elas começaram a cair outra vez. — Eu sou uma estúpida.

— Ah, *Diós*... você finalmente se deu conta.

— Eu me apaixonei por ele... e minha vida acabou. — As últimas palavras sendo ditas quase como grunhidos.

E Juana, que não tolerava dramas, respirou fundo e abraçou a irmã, pois era para isso que as mulheres daquela família serviam, para apoiarem umas às outras.

Quem visse a Duquesa de Granada duas horas depois, jamais imaginaria que ela teve um colapso de paixão há tão pouco tempo. Trajando um sóbrio vestido de viagem, ela entrou na carruagem junto à irmã, sua fiel dama de companhia.

— E onde está Diego? — perguntou ao novo cavaleiro, que a ajudava com as malas no momento.

— *Perdón, Doña* Letizia, *Don* Diego pediu para avisar que irá se atrasar.

Ela respirou profundamente com a notícia. O trem não esperava ninguém, nem mesmo um duque.



Havia algo que ele precisava fazer antes de partir.

Andrés passou os últimos dias pensando em como obter informações sobre o antigo Duque de Granada, seu pai, e assim achar algo que comprovasse que duas crianças nasceram na família Navarro. Agora ele tinha certeza de que conhecia alguém que podia ajudá-lo.

— Santiago — chamou ao entrar na biblioteca e ver o homem ajeitando livros e pastas.

— Ah, *Don* Diego, pensei que já houvesse partido. O que posso fazer pelo senhor? — Deixando tudo que carregava de lado, o velho se colocou o

mais ereto possível.

— Santiago, temos que conversar. — Fechou a porta atrás de si. Agora havia novos criados no castelo, e criados sempre eram dados a mexericos. Para a sua sorte, ele pedia aos céus que Santiago fosse um mexeriqueiro e tanto. — Quantos anos você tem?

— *Vaya, señor...* eu nasci há tanto tempo atrás que nem compensa fazer as contas.

Diego sorriu, mas não se esqueceu do que tinha a fazer.

— E há quanto tempo está com os Navarro? — Aproximou-se da mesa e sentou-se na beira, oferecendo a cadeira ao homem. Quanto mais confortável ele ficasse, mais poderia falar.

— Há muito tempo também... mais de cinquenta anos. Eu cresci na região e vim trabalhar como cavalição com o meu pai quando eu era adolescente.

— De cavalição a mordomo. É um salto e tanto. — E de mordomo a faz-tudo, ele ficou tentado a dizer, mas seria uma grande ofensa ao homem.

— *Bueno...* o velho duque, que *Diós lo bendiga*, gostou de mim e fez com que eu aprendesse a ler e a escrever, e me trouxe para trabalhar dentro da casa. Disse que precisava de gente de confiança. Mas, espere, o senhor sabe de tudo isso. Já me ouviu contar essas histórias várias vezes.

— Não, Santiago, ao contrário do que pensa, eu nunca ouvi nenhuma dessas histórias.

O homem arregalou os olhos.

— Certa vez você disse que me conhecia desde que eu nasci... então deve saber tudo sobre minha vida, verdade?

— Com todo respeito, *Don Diego*, acabei me inteirando de muita coisa sobre o senhor, mas conte comigo, pois minha boca é um túmulo.

— Então pode me dizer onde consegui essa cicatriz? — Andrés mostrou uma pequena cicatriz na cintura e o velho se aproximou para ver.

— Não faço ideia. É recente? Eu nunca a vi, *señor*, onde foi que a conseguiu?

— Nadando próximo demais a pedras no mar em Jaén, quando eu tinha quinze anos. — O homem o observava com cuidado. — E que tal essa? — Foi a vez de abaixar as calças e mostrar a panturrilha queimada. — Essa, você com certeza sabe.

— *Señor*, eu nunca vi nada disso...

— Me queimei saltando a fogueira na noite de San Juan, dez anos atrás. Mas a próxima você talvez me ajude a entender... porque eu não tenho nada aqui, nenhum presentinho deixado pela duquesa em nossa noite de núpcias. — Ele arrancou a camisa e mostrou os ombros perfeitamente moldados, sem nenhuma cicatriz.

— *Valgame, Diós bendito...* não pode ser.

Santiago se levantou com rapidez e fez o sinal da cruz por duas vezes. O homem pareceu atormentado, andando de um lado para o outro.

— Mas não pode ser... como... *mi señor*...

— Só há uma resposta para isso, Santiago, e acho que sabe qual é...

— Mas não é possível...

— É possível. Eu não sou o Diego Navarro.

Um silêncio prolongado se interpôs na biblioteca até que o mordomo o quebrou com a voz desesperada:

— Vossa Graça... o *señor*... é o outro menino. É o que nasceu morto.

— Sim, Santiago, sou eu... e estou bem vivo.

Quebrando todos os protocolos e regras de etiqueta da sociedade nas relações criados e patrões, o velho, com uma agilidade impensada, se aproximou de Andrés e tocou em seu rosto como se visse nele uma assombração.

— Eu... eu... o peguei no colo morto, *mi señor*. Não entendo...

— Santiago..., preciso que me ajude. Respire fundo, homem... — Ele fez o velho se sentar outra vez e foi até a mesinha, onde colocou um pouco de uísque e ofereceu a ele. — Isso, beba bastante. Está melhor? — Ele fez que sim. — Muito bem. Você é a única pessoa que pode me ajudar a desvendar esse mistério. O que aconteceu quando eu nasci?

Depois de tossir por algumas vezes, o mordomo começou a falar:

— Chovia muito na noite em que você... vocês nasceram. O duque, seu pai, mandou chamar um médico, mas ele não conseguiu chegar. Quem fez o seu parto foi a parteira da região, que morava aqui por perto. Ela era cigana, seus pais não estavam muito certos se deveriam confiar nela para fazer o parto, mas a mandaram chamar assim mesmo, era o que tinham. Então, veio o primeiro choro... O duque ficou todo orgulhoso quando saiu a notícia de que era um menino. Mas em seguida... em seguida vieram os gritos da duquesa, nós percebemos que algo não ia bem... foi logo quando a parteira

saiu do quarto com você nos braços. Um bebê que não chorava, não tinha os olhos abertos, não respirava.

— Não entendo... como não fui sepultado pela minha família? Como fui crescer em um acampamento cigano?

— A parteira levou você com ela. O duque e a duquesa... estavam arrasados demais. Eles concordariam com qualquer coisa que dissessem a eles... e concordaram com ela levando-o para um banho ou algo assim... seu corpo seria devolvido... agora entendo bem por que não foi.

— *Cielo Santo*... quer dizer que fui praticamente roubado?

— Acho que foi algo assim, *señor*... ou talvez Lucia tenha ficado com medo de devolvê-lo quando viu que estava vivo.

— Lucia era o nome dela? É o mesmo nome da mãe da mulher que me criou.

— Então sabemos muito bem por onde você esteve.

— *Diós*... — Com a mão sobre a cabeça, Andrés sentiu que precisava sentar-se. Seus olhos encaravam o rosto assombrado de Santiago.

— *Mi señor*... perdoe-me se pareço atrevido..., mas se o *señor* está aqui, onde está *Don Diego*?

Não foi fácil para ele dar a notícia trágica ao velho homem. Andrés percebeu que, se havia alguém que gostasse verdadeiramente de Diego, mesmo com todos os seus defeitos, esse alguém era Santiago.

Bom, *alguém* tinha que gostar dele.

O velho mordomo tratou de tentar esconder, mas seu olhar se voltou baixo e austero. Por dentro, Andrés se torturava, pensando em quanto tempo demorou até se dar conta que a resolução do mistério estava bem à sua frente todo o tempo, ajudando-o a se vestir, servindo as refeições e intrometendo-se levemente nos assuntos. Santiago foi a chave de tudo.

Bastava agora solucionar outro mistério: quem era o assassino de seu irmão?

CAPÍTULO 16

Letizia esteve estranhamente quieta durante toda a viagem.

Observou Andrés enquanto o coche de aluguel os levava à residência do pai dela, em Sevilha. Ela trajava um respeitável vestido rosa, com flores bordadas e rendas. A duquesa parecia gostar de se vestir muito de rosa, reparou ele. Fez uma nota mental de confirmar se esta era a cor favorita dela.

O que mais lhe chamou a atenção, no entanto, foi o fato de Juana ser a pessoa mais falante durante toda a viagem. Ela tentava inutilmente conversar sobre o tempo, a moda e até mesmo o castelo. Foi quando Andrés percebeu que talvez algo estivesse realmente errado com a duquesa.

— Andrés... — pigarreou Letizia, finalmente deixando de encarar a janela da carruagem e o olhando nos olhos pela primeira vez em um longo tempo de viagem. — Não se esqueça, *papá* se chama Ramiro.

— Não me esquecerei. — Ela assentiu ao mesmo tempo em que o seu olhar tinha algo que ele não conseguiu decifrar. Seria dor? Medo? — Sente-se bem, Letizia?

— Sim, perfeitamente bem.

— Andrés? — falou Juana, em uma vã tentativa de falar baixo ao ouvido de Letizia.

— Falamos disso depois — murmurou de volta para a irmã.

E, antes que ele pudesse tentar alguma outra comunicação com a duquesa, o coche parou em frente à uma enorme casa.

Ele queria mesmo conhecer o homem que havia entregado a filha tão facilmente nas mãos de um crápula.



Era estranho estar de volta àquela que, por tanto tempo, foi sua casa.

Reencontrar o pai fez bem ao seu coração. Ele estava um pouco mais roliço do que de costume, principalmente agora que ela e Juana não estavam por perto para vigiar o que ele comia ou deixava de comer, mas o abraço paterno lhe fez lembrar uma outra vida, de tempos mais fáceis.

Como ela estava emotiva hoje.

Depois de entrar e rever o pai e alguns empregados, ela e Juana subiram para o que agora seria seu quarto pelos próximos dias. Foi o momento em que a irmã não lhe deixou escapar e teve que contar que Andrés recuperou a memória. Juana lhe deu um de seus olhares intrigantes, porém, não disse nada mais. Era, sem sombra de dúvidas, a pessoa mais desconfiada que Letizia conhecia.

Depois de se refrescar com a ajuda das criadas, decidiu usar um vestido leve de linho e renda valenciana, a saia, de um roxo escuro, tinha uma faixa preta de seda que dividia o quadril, era bastante apropriado para um chá da tarde em casa.

Agora que estava de volta a Sevilha para a temporada social, tinha que prestar mais atenção em como se vestia e se portava. Não poderia abusar das liberdades que a privacidade do castelo Navarro permitia. Por isso, seus melhores vestidos estavam na mala, além de agora finalmente sentir-se bem em usar aquilo que reservou de seu enxoval.

Talvez logo tivesse que usar preto.

Por Deus, o que seria dela quando toda sociedade soubesse que Andrés era, na verdade, o gêmeo de Diego? E que esteve ao lado dela por tanto tempo... Logo as pessoas comentariam que ambos devem ter se deitado...

Cometeu fornicção com o próprio cunhado.

Será que o pecado se tornava maior quando se gostava de fazê-lo? De uma coisa ela tinha certeza, seria o escândalo do século. Ademais, cumpriria com prazer o ano de luto. Vestiria preto por toda a vida se necessário fosse para ter a certeza de que o marido jamais voltaria.

— Ficaré com rugas se continuar a torcer o rosto dessa maneira, *lolitschai*.

A voz de Andrés a tirou de seus devaneios. Ele estava parado no meio do quarto, enquanto ela estava sentada na beira da cama. Seus trajes estavam muito bem alinhados, apesar da longa viagem de trem que fizeram.

— O que faz aqui?

Ele abriu os braços em um gesto de posse e autonomia para o quarto.

— Quero dizer... este é meu quarto — começou Letizia —, onde eu dormirei.

— Pois é por esse motivo que estou aqui. Nosso quarto — corrigiu-a com brandura.

— Andrés... — interrompeu-se com visível desconforto para continuar em seguida —, não acho que seja prudente continuarmos a... bem... ficarmos juntos.

Silêncio.

Um cachorro latiu na vizinhança, e o barulho de cavalos se ouviu distante.

Os olhos de Andrés nem ao menos piscaram enquanto a observava. Ele lhe presenteou um sorriso polido e uma meia mesura, para logo em seguida dizer:

— Como quiser, minha duquesa.

Antes mesmo de ele deixar o quarto, Letizia já estava arrependida do que fizera. Mais, estava desolada. Céus, o que tinha feito?

Talvez, dessa forma, estivesse repelindo ainda mais Andrés, em vez de aproximá-lo para quem sabe fazê-lo amá-la. Não sabia como proceder, nem o que dizer. Estava tão confusa... e apaixonada. E, além de tudo, agora estava sozinha.

Em breve, sua vida voltaria a ser como antes. Estaria na casa do pai de novo, solitária e com pouca perspectiva de buscar o amor.

Porque já o havia encontrado.



JANTAR na casa dos Fuentes o fez perceber o quão simples sua vida vinha sendo no castelo. Enquanto Josefina se desdobrava em preparar refeições apetitosas em meio à calamidade econômica da propriedade, na mansão de *Don Ramiro Fuentes* as coisas não podiam ser mais diferentes.

Sentou-se à mesa e encontrou gaspacho e salmorejo, seguidos de um guisado de linguiça com batatas, arroz com lentilhas, além de faisão recheado, pães, torta de batata, carne de porco ao molho de laranja e vegetais cozidos. Isso sem contar na infinidade de sobremesas que ele viu serem preparadas na cozinha enquanto dava uma volta pela casa ao lado de Juana: pudim de leite, torta de figo e morango, provavelmente a favorita de Letizia, além de arroz-doce e *natillas*, o famoso creme à base de gemas.

Sua boca se encheu de água e, enquanto o velho Fuentes se pavoneava com antigas histórias, contando como atingiu a glória como o rei das cerâmicas em toda a Andaluzia, ele experimentava cada delícia como se fosse sua última refeição. Não sabia o que comer, assim escolhia um pouco de cada coisa e dava leves pitacos quando solicitado. Seu maior feito essa noite seria conseguir ficar sem balançar a cabeça para tudo que lhe falavam, essa estava sendo sua resposta padrão.

Vinda da cozinha, a criada trouxe uma bandeja de azeitonas em uma rica baixela de prata e parou ao lado da duquesa, como se aguardasse instruções.

— Olhe, *papá*, prove as azeitonas que trouxemos especialmente para o senhor.

Don Ramiro deixou de levar um pedaço da torta de batata à boca e virou-se em direção à filha. Seus olhos brilharam e o duque viu o peito do homem estufar. A criada caminhou em sua direção e o serviu com várias azeitonas verdes roliças. Nenhuma só alma respirou nesse momento, todos aguardavam a reação de *Don* Ramiro. O industrial, por sua vez, fez um longo ruído de aprovação, e Letizia sorriu e bateu palmas de alegria.

— Gostou?

— São excelentes, minha querida. Que terra abençoada você tem. — De repente, o homem levantou sua taça e soltou um leve pigarro. — Ao Duque e à Duquesa de Granada, minha pequena, que finalmente está tendo a vida de rainha que tanto merece.

Juana e Letizia acompanharam o brinde, enquanto Andrés sofreu de uma súbita crise de tosse.

— O que você tem? — sua amada lhe perguntou com olhos preocupados.

— Acho que ele se engasgou... — Juana se levantou e se pôs às suas costas, dando fortes tapas em suas omoplatas —, respire, *Don* Diego... respire.

— Estou bem... — O criado mais próximo logo se prontificou para servir um pouco mais de vinho, que ele bebeu imediatamente. — Obrigado.

— Agente firme — ouviu Juana sussurrar em seu ouvido rapidamente antes de voltar para o lugar.

E foi o que ele fez. Quando a conversa de *Don* Ramiro beirava ao interesse de sua ida à guerra, Letizia prontamente o ajudava, dando um jeito de desviar o assunto para as colheitas ou para os bailes que iriam a partir do dia seguinte. Até mesmo Juana se intrometeu, falando da fazenda e sobre como aproveitou os últimos meses em companhia da irmã.

— Espero que tenha trazido todas as suas coisas, pois ficará comigo a partir de agora — *Don* Ramiro disse para a jovem.

A moça ficou em silêncio, entretanto, não abaixou a cabeça.

— Ora, não faça essa cara, Juana, agora que o marido de Letizia está de volta, não há mais necessidade de uma dama de companhia integralmente. Você poderá visitá-la em breve.

— Sim, *Don* Ramiro.

Aparentemente, os limites de liberdade de Juana terminavam onde o pai ordenava.

Quando o jantar terminou, *Don Ramiro* estava demasiado cansado para um drinque, assim que o homem subiu para dormir, o restante da família fez o mesmo. Ao entrar no quarto, Letizia, já vestida em uma de suas camisolas que o deixava desesperado, o encarou com os mesmos olhos da tarde. Por que os olhos dela voltaram a ser temerosos, Andrés não sabia, porém, o que ele sabia era que sua duquesa precisava de tempo.

Já fazia vários dias que ele tinha entendido que ela era uma mulher complexa demais ao tomar decisões. E agora, com o conhecimento de que era viúva, a cabeça de Letizia devia estar girando outra vez. Quando a dança em sua mente terminasse, ele estaria lá para segurar sua mão.

— Eu... eu... nós... — ela murmurou com seus lábios carnudos, e quase o fez rir.

— Dormirei no chão, *mi bién*. Farei o que a faz feliz.

Os ombros da dama relaxaram com o anúncio, porém, ao negá-lo, mal sabia a duquesa que estava iniciando uma nova guerra de sedução.

— Ah, me esqueci de dizer que a vida toda me acostumei a dormir nu — dito isso, já puxou para fora da calça a camisa, jogando longe o terno e o colete.

— Não... ah, não... — viu que ela se pôs vermelha e de olhos arregalados —, não irei permitir que você durma com suas... miudezas de fora.

— Querida — começou ofendido —, se há uma coisa que eu posso garantir, é que não há nada miúdo por dentro dessas ceroulas. Inclusive, não há nada que já não tenha visto.

— Não importa, seria desrespeitoso, um pecado, dormir assim.

— Um pecado? — De onde essa mulher tirava tamanha sandice? — Já ouviu falar em Adão e Eva?

— Sim, e veja só como terminou tanta saliência.

Foi a vez de ele gargalhar. No entanto não iria se dar por vencido. Tirou as roupas e jogou todas sobre uma das poltronas do enorme quarto.

— Você não prefere dormir em um dos sofás? — Ele a viu se aproximar com um lençol na mão e um travesseiro.

— Só se eu quiser destruí-los.

Com cuidado para não se aproximar muito dele, ela jogou o lençol e o travesseiro em seus braços. Riu por dentro, porém, não disse nada. Ela rapidamente se deitou na cama, entrando debaixo das cobertas e se tapando

até o queixo. A vela na mesinha de cabeceira foi apagada, deixando o quarto iluminado apenas por um lampião próximo à porta.

Quando se deitou, ele tinha certeza de que Letizia fingia dormir. Acomodou-se no chão acarpetado e, coberto pelo lençol, colocou as mãos sobre a cabeça. Contou os minutos mentalmente, não iria desistir muito fácil. Soltou longos e provocantes suspiros, enquanto a mulher deitada acima dele nem ao menos ousava respirar.

Demorou quinze minutos para que a duquesa se manifestasse de alguma forma.

— Andrés... — ouviu-a murmurar e rolar na cama.

— *Mmmm..* — respondeu, como se estivesse com sono.

— Não consigo dormir.

— Conte carneirinhos.

— Já tentei.

— Bom, isso é realmente um problema.

Ele conseguiu distinguir um leve farfalhar da roupa de cama e sabia que ela estava se aproximando um pouco mais da beira.

— Não seja presunçoso. Afinal, se é tão bom em dormir, por que ainda está acordado?

— Acho que comi demais. — Ele sabia que ela o observava pela escuridão, então, acariciou seu próprio torso.

— Você também? Cometi o pecado da gula com tantas opções para comer.

— Pois comigo ocorreu o mesmo, que Josefina não nos ouça.

Ambos riram com vontade.

Após as risadas, um silêncio se estendeu no quarto, ambos altamente conscientes de seus desejos.

— Letizia?

— Sim.

— Me dê sua mão.

Ela cometeu a falha de confiar nele, um sedutor nato. Ofereceu a mão de boa-fé. Andrés beijou a palma de sua duquesa e a ouviu suspirar. O pequeno grito que saiu dela logo em seguida, quando a puxou para seu corpo, fazendo-a cair da cama diretamente em seus braços, foi ainda mais sensual para ele.

— Diga que não me quer.

Na luz prateada vinda da janela aberta, ele a viu molhar os lábios, então, tocou gentilmente o local onde antes a língua dela percorreu.

— Andrés... — ela arfava.

— Diga que não me quer e a deixarei em paz... para sempre.

Os olhos grandes e verdes o fitavam assombrados. Ela não se mexia sobre seu corpo, graças a Deus, ou ele não saberia do que era capaz. O silêncio entre os dois poderia ser cortado com uma faca, assim também como o desejo. Quando as palavras finalmente saíram de sua boca, ele já pensava em desistir.

— Eu o quero — sussurrou.

Não foi preciso nada mais. A antecipação do que ele sabia que vinha a seguir era quase insuportável. Pecado seria não deixar correr solto o prazer que havia entre eles quando se encontravam. Quando se tornavam um só.

Seu olhar partiu dos olhos dela para os lábios, para em seguida ir ao torso feminino que ele tanto gostava. Fazia questão de acariciar todo o corpo com os olhos, as mãos, a boca. Letizia era todo um evento, merecia ser honrada, adorada como uma deusa olimpiana do amor.

Quando a hora chegasse, ela saberia que carregava consigo seu coração, tudo era dela.

— Você deve estar muito desconfortável no chão, vamos para a cama.

— Não, ou então acordaremos toda a casa.

Ele podia apostar seu futuro ducado que ela estava corada.

— Venha, *lolitschai*, serei seu escravo esta noite.

— Andrés... — murmurou, desnorteada pela paixão.

— Diga outra vez, diga meu nome.

— Andrés!

A voz finalmente dizia seu real nome, e era como os sinos do paraíso.

E ele ensinou a ela como amá-lo com maestria e luxúria, despudor e descaramento. Como apenas dois amantes no poder da escuridão poderiam fazer.



— Desculpe-me — murmurou depois de um longo tempo em que ambos se tocavam com gentileza, saciados e cúmplices da loucura prazerosa que os dominava.

— Pelo que, *mi bién*?

— Por tentar afastá-lo.

— Shii, shii, não se preocupe. — Ele lambeu suas lágrimas salgadas e a beijou.

— Não sei o que estou sentindo. — *Nem o que você sente* — pensou ela com tristeza.

— Está tudo bem. Me terá para sempre, *corazón*.

E, antes de dormir, ela se questionou quanto tempo o *para sempre* deles duraria.

CAPÍTULO 17

— Bom dia! — com o humor renovado, Andrés sentou-se à mesa, cumprimentando Juana, que manteve o olhar fixo no jornal que lia.

Aparentemente, diferente das outras damas da sociedade, a jovem à sua frente gostava de levantar-se cedo, e não dormir até o meio do dia, como muitas delas faziam. Mas, para ele, já estava mais do que provado que esta não era uma dama qualquer.

— Faria o favor de me passar o açúcar?

— Pegue você mesmo — ouviu-a dizer.

— Então é isso? Nada de amizade ainda? Pensei que dado o que aconteceu ontem... — Parou de falar quando a viu bocejar.

— *Mmm* — ela apenas fez um ruído com a garganta.

— Deixe para lá.

A mesa do café também era farta, mas, diferente do dia anterior, ele preferiu comer apenas uma fatia de bolo com uma xícara bem forte de café. Os pequenos pedaços de damasco no quitute saltaram por sua língua, deixando-o com vontade de comer mais do que devia.

— E *Don Ramiro*?

— Está no escritório, ele toma café lá quase todos os dias.

Bom, então talvez fosse o momento de conhecer mais o pai de Letizia.

Não foi difícil encontrar o escritório, portas grandes de mogno antes da escada, como Juana havia lhe mostrado no dia anterior. Com duas leves batidas, ouviu sua entrada ser permitida e um ambiente masculino ricamente decorado entrou em seu campo de visão. O local era robusto, repleto de estantes e com sofás de veludo, caros e convidativos.

— *Buenos días, Don Ramiro* — sua voz soou educada e polida. Não estava ali para diversão, tinha uma curiosidade em mente.

— *Buenos*, meu rapaz. — O homem se levantou de sua cadeira. — A que devo a honra de sua presença em meu humilde covil? — Andrés manteve o sorriso nos lábios, se aproximando. — Não me diga que devo chamá-lo de Vossa Graça enquanto tomamos um bom licor.

— Dispensarei ambos; um, porque somos família; dois, por ser apenas o meio da manhã.

— Então sente-se. — Ambos se deram as mãos e se sentaram em seguida. — Nunca é cedo demais para um bom licor. — Mostrando a pequena taça em sua mesa, *Don Ramiro* ofereceu a bebida outra vez.

— Não, obrigado.

— Muito bem, muito bem. E como vai tudo? Estou vendo que você e a minha menina se acertaram muito bem. Estou feliz por vocês.

— É mesmo?

— Mas é claro, quem não estaria feliz em ver a filha como uma duquesa, vivendo até mesmo em um castelo. Espere até que todos os vejam no baile esta noite, serão invejados por toda a alta sociedade.

— A vida é muito mais do que um título, *Don Ramiro*.

— Concordo, mas um pouco de nobreza não faz mal a ninguém, não é mesmo?

— Perdoe-me por discordar, meu caro, mas de que adianta a nobreza se não há felicidade?

Fuentes o fitou com olhos escrutinadores e um tanto desconcertados.

— Há algo que queira dizer, filho?

Que sou o homem que quer ficar para sempre com sua filha e fazê-la feliz — pensou ardentemente. A situação estava mais insustentável do que ele imaginava.

— Apenas que, no que depender de mim, Letizia será muito feliz, *señor*.

— Assim espero, meu rapaz. Assim espero. — Recostando-se melhor na cadeira, o velho Fuentes tinha agora um olhar um tanto perdido. — Sabe, depois que minha sobrinha Isabel se foi, que *Diós la bendiga* — fez um sinal para o céu — e Letizia se casou, passei um tempo pensando que iria morrer sozinho.

— Por sorte o senhor ainda tem Juana.

Don Ramiro arregalou os olhos, como se um palavrão tivesse sido dito, e Andrés se arrependeu por um momento por ter tocado no assunto.

Ah, diabos, agora já era.

— *Bueno...* sim, é verdade. Agora, pelo menos, tenho Juana para cuidar de mim em minha velhice. — Em seguida, colocou o dedo indicador sobre os lábios, como um pedido de silêncio.

— E se ela decidir se casar?

Para surpresa de Andrés, o velho bateu a mão na mesa com indignação.

— Não, Juana, não. Se e quando esse dia chegar, não permitirei que qualquer rapazote a leve de mim.

— É um pensamento um tanto egoísta, não acha?

Isso, Andrés, mexa na ferida, faça o velho odiá-lo.

— Tenho meus motivos.

Dando de ombros, ele decidiu mudar de assunto. Ainda que *Don* Ramiro fosse um tanto omissos no que concernia à felicidade de suas filhas, ele não era de todo mal. Era apenas um homem acostumado a ter tudo o que queria.

Que Deus o ajudasse quando, no tempo apropriado, fosse a vez dele de tornarem-se sogro e genro.

Sim, porque ele não deixaria Letizia escapar mais por muito tempo.



O primeiro baile da temporada social aconteceria esta noite, na mansão do Marquês de Cabanes. Os convites para os primeiros eventos da temporada começaram a surgir na casa dos Fuentes antes mesmo da chegada dos Duques de Granada. Todos os olhos estariam voltados ao casal mais improvável de todos, e muitos se interessavam em saber da saúde do duque que, segundo a maledicência do povo, estava muito diferente.

Letizia não conseguia entender como as pessoas mexericavam tanto sobre sua vida, mas o que ela sabia era que os olhares estariam atentos a ela e a Andrés esta noite. Isso lhe causava um terror enorme.

A vida parecia mais fácil no Castelo Navarro, com suas plantas e galinhas para cuidar. Percebeu que, mesmo com tantas dívidas, era feliz. Era livre, até certo ponto, vivendo no castelo.

Ainda não tinha se dado conta que talvez não fosse regressar para lá. No momento em que Andrés revelasse a verdade a todos, ela não poderia mais viver sob o mesmo teto que ele.

Que confusão sua vida havia se tornado.

O dia transcorreu entre preparativos, que deixaram os empregados da casa em polvorosa. Primeiro um banho foi preparado para ela, já durante a tarde, sabonetes e óleos árabes perfumados lhe suavizaram a pele. Sua antiga criada pessoal e Juana cuidaram de seu cabelo. Tudo com o esmero necessário e digno de uma duquesa.

— Quem guarda sempre tem.

Havia dito Juana ao abrir com ela o baú em que estavam as peças mais valiosas de seu enxoval. Hoje, pela primeira vez em meses, se deu ao luxo de usar combinações e espartilhos novos. Tudo da melhor qualidade.

Quando esteve pronta, quase não se reconheceu no espelho. Seu cabelo estava preso em um alto coque, firmado por uma peineta de ouro, cravejada de brilhantes. Além disso, usava o vestido mais caro que comprou para sua nova vida de duquesa. De um tafetá verde-esmeralda, deixava sua clavícula à mostra, onde ela depositou um luxuoso conjunto de colar e brincos de diamante em forma de gota. Longo e não tão rodado, o vestido acentuava os quadris e o busto. Como era um baile, a mantilha poderia ser deixada de lado, em vez disso, usaria uma capa de seda azul-marinho.

Tantos foram os preparativos em seu quarto que nem ao menos se deu conta da hora. Foi preciso uma criada bater à porta, avisando-a que seu pai e Andrés a esperavam. Já estava atrasada.

Ele a aguardava aos pés da escada, trajando um elegante fraque negro, que ressaltava uma sofisticação pessoal que Letizia não havia reparado ainda. Para ele foi necessário um piscar de olhos, para ter certeza do que estava vendo, ao observá-la descer os degraus. Sorriu ante seu olhar admirado.

— Já disse o quanto é linda, *lolitschai*? — Ele ofereceu a mão quando se aproximou e os dedos enluvados se uniram.

— Apenas uma dúzia de vezes. — Sentiu um arrepio quando a mão foi beijada.

— Prepare-se para ouvir ao menos uma dúzia mais esta noite.

— Está bem.

Uma tosse seca os distraiu do momento, era *Don Ramiro* quem se aproximava em um traje de baile e com uma cartola nas mãos.

— *Mi tesoro*, está divina esta noite. Será invejada por todas as damas e cobiçada por todos os cavalheiros.

— Mas que todos saibam que é somente minha — Andrés murmurou em seu ouvido com o hálito tão quente e sussurrante que a fez estremecer. Se não fosse pela mão dele amparando-a, não sabia se conseguiria se mover. Suas pernas tinham virado geleia de repente.

O caminho até a mansão do Marquês de Cabanes foi feito de forma descontraída e confortável na carruagem dos Fuentes. A casa onde sucedia o prestigiado baile era esplendorosa, com uma ampla escadaria na entrada. Após entregarem seus casacos e capas, foram acompanhados até um imenso salão, muito bem iluminado por enormes lustres no teto, além de castiçais por todos os lados. Na parede, espelhos refletiam os convidados, que, elegantemente vestidos, rodopiavam ao som dos músicos ou conversavam amenidades em pequenas rodas.

Vários olhares se detiveram sobre o casal assim que sua presença foi notada. Os cochichos foram abafados pelo som dos violinos e do piano. Com um toque na região baixa de suas costas, Andrés confortou Letizia por um momento, até que sua mão pousou possessivamente em sua cintura.

— Vai dar tudo certo, *mi bién*.

Ela assentiu em resposta.

Logo foram interceptados por um casal sorridente de meia-idade, o homem tinha um bigode volumoso, que deixava sua expressão engraçada, enquanto trajava um elegante terno de baile, e a mulher usava um opulento vestido de veludo vermelho, acompanhado de rubis pelo pescoço e orelhas. Letizia os reconheceu como o Marquês e a Marquesa de Cabanes, ambos a cumprimentaram com o mesmo sorriso no dia de seu casamento. Olhou para o lado e viu que Andrés já sorria polidamente para o casal. Com o coração acelerado, decidiu intervir antes que ele cometesse qualquer gafe por não os reconhecer.

— *Don Emilio*, *Doña Marisol*, é um prazer vê-los. Muito obrigada pelo convite.

— Como poderíamos deixá-los de fora? Sejam bem-vindos ao nosso humilde lar.

— Com sua licença, *señora*, mas sua casa é qualquer coisa, menos humilde. — Andrés disse ao seu lado, acompanhado de seu habitual charme.

Céus, ele parecia ainda mais com o irmão agindo desse jeito.

O casal de marqueses gargalhou, e Letizia abanou-se com o leque.

— Tem razão, *Don Diego*, tem razão — a marquesa completou após as risadas.

— Permita-me roubar seu esposo por um momento, *Doña Letizia*, há assuntos urgentes que precisamos tratar. E, quando digo urgente, é que um uísque não pode esperar.

Ela ouviu a risada suave de Andrés enquanto ele tocava sua mão, apertando-a de leve. O desespero tomou conta de Letizia, que fez de tudo para manter um semblante sorridente. Buscou o pai com os olhos e o encontrou já de conversa em um grupo de cavalheiros, incluindo Martin Iglesias.

Poderoso Deus, dai-me forças. Esta seria uma noite e tanto, e estava só começando.

— Voltarei para o seu lado o mais rápido possível — prometeu Andrés, murmurando em seu ouvido e depositando um leve beijo em sua mão enluvada. Ele se deixou levar pelo marquês, enquanto um tremor tomou conta de seu corpo.

— Que linda é a vida de recém-casados, não é mesmo? — A marquesa sorriu, dando-lhe um dos braços. — Vamos, querida, todas nós queremos conhecê-la melhor.

Enquanto perguntava a si mesma quem seriam *todas* essas pessoas, ela buscou Andrés com o olhar. Ele se dirigia a uma sala particular com outros homens. Certamente para a sala de jogos.

Letizia foi apresentada à nata da sociedade andaluza enquanto era conduzida pela mão da marquesa. Tantas conversas sobre chás, bailes, moda e até mesmo a próxima feira de abril deixaram-na um tanto desnorteada. As mulheres questionavam sua opinião como se avaliassem cada uma de suas palavras. Percebeu que o tempo que passou nos últimos meses evitando trivialidades e lutando por manter o castelo de pé com as próprias mãos tornou esse tipo de conversa demasiado frívola para ela.

Com seu melhor sorriso, no entanto, ela seguia opinando de acordo com que os assuntos iam surgindo.

— Damas, muito boa noite.

A voz masculina que interrompeu a conversa não precisou ser estudada por Letizia. Ele a atormentou por tempo demais para ter certeza de quem era sem nem ao menos precisar encará-lo.

— *Don Martin Iglesias*, boa noite — uma das damas o cumprimentou, e Letizia quase não pôde reter a bile que lhe subia pela garganta.

— *Don Martin*, que honra é ver que decidiu se juntar a nós — a marquesa falou com um brilho nos olhos.

— Perdoe-me, *Doña Marisol*, mas minha aparição não tem nada de inocente.

Ah, não tem mesmo.

— Vim para pedir que a duquesa me coloque em seu cartão para a próxima contradança.

Letizia parou de respirar e literalmente se sentiu sufocar, por mais que se abanasse com o leque em suas mãos. Olhou ao homem pela primeira vez no exato momento em que ele terminava de lhe fazer uma pomposa mesura.

— Sinto-me lisonjeada pelo interesse, *Don Martin*... — Começou, porém foi interrompida por uma sombra forte e máscula ao seu lado.

— Pois eu infelizmente terei que discordar de minha esposa.

Era Andrés, de peito estufado e cara fechada.

Graças a Deus, Jesus, obrigada.

— Lamento informar, *Don Martin*, mas a próxima dança de minha esposa pertence a mim.

— *Bueno, señor* duque, será um prazer esperar até que terminem a dança e...

— Que pena, *Iglesias*, no cartão de dança de minha esposa não há espaço para você. Agora, se me permitem... — Ofereceu o braço a Letizia, que observava tudo sem palavras.

Ambos deixaram um *Martin* em estado de puro ódio e partiram para o meio do salão de baile. A próxima valsa estava prestes a se iniciar.

— Você viu a expressão dele? — Ela queria rir, gargalhar, na verdade.

— *Mi bien*, não só vi, como gostaria que Goya pintasse um quadro daquela expressão para eu pendurar em cima de nossa lareira.

— Não acho que ter um quadro de *Martin* seja de bom tom.

— Por aquela expressão? Aliviaria os dias difíceis me fazendo dar boas risadas.

Letizia levou a mão aos lábios para esconder o proeminente sorriso.

A valsa começou e, sob o som suave, ambos rodopiaram pelo salão ao lado dos outros pares.

— Onde aprendeu a dançar tão bem? — questionou Letizia.

— Com a mesma mulher que me ensinou a ler e escrever. Ela era uma *gadja*, como eu. — Os olhos da dama se estreitaram, e Andrés riu. — Amo vê-la com ciúmes, *lolitschai*, entretanto, não se preocupe, ela era muito mais velha e nossa relação foi pura como a água.

— Não estou com ciúmes.

— Ah, não? Pois eu estou. — Andrés atraiu-a para mais perto de seu corpo. — Maldito Iglesias, como pôde se atrever a convidá-la para uma dança?

— Deixe de se preocupar com isso And... Diego — corrigiu-se.

— Não posso deixar, há coisas que talvez não saibamos...

— O que quer dizer?

— Que Iglesias me preocupa.

— Ele disse algo? — perguntou e viu-o negar com a cabeça. — Notou algo diferente?

— Vi-o ao lado de um homem há pouco, nos corredores... e senti algo no ar.

— Algo no ar?

— Sim, como um vento gelado em minha nuca. Era como se eu já tivesse visto antes o homem que o acompanhava..., mas não consigo me recordar onde.

— Talvez o tenha visto no vilarejo...

— E esse mesmo homem estaria em um baile da alta sociedade? Não, seria coincidência demais.

Dançavam com agilidade e classe, como se fossem nobres de berço. Enquanto se perdiam em sua própria conversa e cumplicidade, arrancavam olhares admirados de uns e cobiçosos de outros, no salão.

— Se ao menos eu pudesse me lembrar de onde o conheço...

— Crê que seja algo referente a sua memória? Que não tenha voltado completamente?

— Não, não creio que seja isso. É apenas uma questão de ligar os pontos corretamente.

Continuaram a bailar ao som cadenciado e a divertirem-se na medida do possível. Ao final da valsa, enquanto davam a habitual caminhada pelo salão, Andrés murmurou:

— Não permita que Martin se aproxime, não confio nele.

— Eu tampouco.

— Fique com as matronas, ali, à esquerda — apontou com o queixo —, elas são tradicionais demais e não gostam dos novos ricos que se metem entre a nobreza. Estará protegida dos avanços de Iglesias ao lado delas.

— Mas eu sou filha de um industrial.

— Você agora é uma duquesa, terão que tratá-la com o rigor das regras.

— Ele fez uma mesura, assim como os outros cavalheiros ao seu lado, e beijou a mão enluvada de Letizia antes de deixá-la partir. Os observadores mais próximos viram a cena escandalizados.

Obedecendo a Andrés, Letizia seguiu com pés quase flutuantes em direção às senhoras mais velhas e tradicionais da alta sociedade. Todas a encaravam com curiosidade atrás de seus leques e glamorosos vestidos.

— *Señoras...* — disse com o máximo de valor que encontrou dentro de si.

As mulheres a cumprimentaram com mesuras hesitantes, uma duquesa era um título muito mais elevado que o de todas ali presentes.

— Venha, minha jovem, estávamos realmente enfeitiçadas vendo-a valsar com o duque.

Letizia sorriu, porque sabia que agora poderia pôr em prática tudo aquilo que passou a vida inteira sendo ensinada.

CAPÍTULO 18

Andrés voltou à sala de jogos com os punhos apertados, pois não via Martin Iglesias em nenhuma parte. Estava se esquivando das investidas dos cavalheiros ali presentes, que o queriam ver em uma mesa de jogo. Por conta disso, fazia-se de simpático e apenas assistia, o que levantava uma onda de curiosidade entre os homens, pelo grande Duque de Granada rejeitar uma partida.

Maldición, e ainda havia isso com que preocupar-se.

A sala de jogos tinha um quarto do tamanho do salão de baile lá fora, mas era ricamente decorada com uma elegante e fina tapeçaria, cortinas pesadas e cadeiras forradas em veludo. Um lustre, com aparentemente um metro e meio de altura, iluminava o meio da sala. Criados em uniformes negros transitavam pelo chão acarpetado com as melhores bebidas e petiscos, entretanto, ele não sentia fome. A ânsia que sentia era outra. Em seu interior, sabia que estava prestes a finalizar um capítulo importante de sua vida ligado a Diego Navarro.

Afinal, que outra pessoa poderia ter encomendado a morte do duque além de Martin? Quem se beneficiaria com Diego morto e deixando o Ducado Navarro sozinho? Obviamente seu sucessor imediato, Iglesias.

O que o homem não contava, pensou Andrés, rindo por dentro, mesmo que sua expressão denotasse seriedade, é que ele mesmo era seu próprio trunfo. Vendo as cartas sendo jogadas nas mesas em sua frente, ele encarava tudo como um jogo. E, quando essa partida terminasse, apenas um se manteria de pé, e não toleraria outro resultado que fosse não ele mesmo o vencedor.

Reconhecendo o habitual vento gelado na nuca de quando se sentia ameaçado, Andrés deu a volta, encarando a porta, e lá estava Martin Iglesias com o olhar sorridente de um abutre prestes a atacar. O homem o observou por um momento e saiu para o corredor.

Era um desafio claro, que ele se viu obrigado a aceitar.

Caminhando a passos rápidos e sem pedir licença aos outros cavalheiros, foi atrás de seu rival. Não havia alma no mundo que o

impedisse de atirá-lo ao chão, caso visse o homem se aproximar de Letizia outra vez.

— Iglesias! — chamou-o no corredor enquanto este caminhava a passos lentos, como se esperasse tê-lo em seu encalço.

Próximo à entrada do salão, Martin parou, ainda dando as costas a Andrés, que começou a se aproximar.

— Fique longe dela — disse com os dentes apertados e os dedos se contorcendo.

— Ou então...? — Virando-se, os homens agora se encaravam frente a frente. Com um sorriso polido no rosto, Martin era a própria visão do perigo.

— Ou então não me importarei de fazer um escândalo.

— Você realmente se acha muito esperto, não é mesmo?

— Você não sabe nada sobre mim.

— Ah, eu sei, sei muito bem quem você é, rapaz. E espere só eu revelar ao mundo, até mesmo sua adorada dama irá detestá-lo. Não sobrar nada para você.

Andrés apertou os punhos, um braço de cada lado do corpo. De nada adiantaria trocar farpas com o desgraçado. Por outro lado, Martin era vaidoso, e a vaidade era inimiga da inteligência. Talvez se ele desse corda ao homem, Iglesias se enforcasse sozinho. A verdade estava a seu favor, ele era o próximo Duque de Granada, enquanto Martin era um assassino.

O assassino, é claro!

Andrés encarava Martin com os olhos bem abertos, e nesse instante, o homem voltou a sorrir presunçosamente.

— Vamos ver até onde vai a sua arrogância — ele disse. Andrés quis rir. Poderia dizer o mesmo dele.

Sem tempo, viu Iglesias partir em direção ao salão e, obstinado, foi em seu encalço. Com os olhos atentos, procurou por Letizia e viu que ela fez exatamente o que ele lhe pedira, rodeou-se das matronas.

Mulher esperta.

Antes que pudesse dar mais algum passo rumo à sua amada, a música foi interrompida abruptamente, substituída pelo ruído de algo metálico tocando em taças de vinho. Todas as cabeças do salão viraram-se em uma só direção. Lá, estava Martin Iglesias, todo apumado, tendo a atenção de todos.

— *Señoras, señores*, muito boa noite.

Quis revirar os olhos, mas sabia que isso seria considerado demasiado inapropriado. Ele sabia o que estava prestes a acontecer e mandou as regras de etiqueta às favas. Tomou um gole de champagne pego do garçom que ainda circulava pelo imenso salão e se armou de coragem. Ia precisar.

— Não sei se todos aqui me conhecem, mas me chamo Martin Iglesias e sou um grande admirador da moral e dos bons costumes em nossa sociedade...

Por que todo crápula sempre se apoiava na moralidade?

— Sendo assim, por honrar a tudo isso, considero meu dever informar a todos que há um impostor entre nós.

Murmúrios chocados foram ouvidos por todo lado.

Tudo bem, era agora.

— Este homem — apontou diretamente para ele e, em seguida, pôde ver o olhar preocupado de Letizia. Ela era tudo que lhe importava nesse momento —, este homem, que há meses transita entre nós, entre nossos decentes lares e que reside no Castelo Navarro, ele não é Diego Navarro.

Andrés viu que todos o encaravam com olhares questionadores.

— Ele, que voltou para casa sob o pretexto de perda de memória, como todos sabem — continuava Iglesias —, não passa de um impostor.

— O senhor, por algum acaso, enlouqueceu? — O Marquês de Cabanes tomou a palavra, pondo-se à frente de todos.

— Não, não perdi a cabeça. Porque posso provar tudo que estou dizendo.

Foi nesse momento que Andrés viu o homem que acompanhava Martin sair de entre a multidão bem-vestida e pôr-se ao lado dele.

— Este homem que aqui me acompanha é um nobre soldado de Vossa Majestade. Ele esteve no campo de batalha junto ao verdadeiro Duque de Granada e pode afirmar o que eu digo: Diego Navarro está morto. Esse homem aqui na frente de todos vocês é um usurpador!

Andrés olhou mais uma vez para Letizia e viu que ela começou a se mover em sua direção, ele fez que não com a cabeça, e ela parou. Não poderia deixá-la se envolver nisso. Sua duquesa precisava sair desse escândalo intacta.

Ao redor, os cochichos não cessavam.

— Navarro, diga algo para se defender, em nome de Deus. Esse homem só pode estar sob possessão demoníaca.

Gritos ecoavam ao redor com a afirmação do marquês; enquanto isso, um homem alto e de ombros largos se aproximou da confusão.

— Ele está certo... Eu não sou Diego Navarro — falou com voz firme, para que todos ouvissem.

— Santo Deus!

— Não pode ser.

As pessoas falavam ao seu redor, algumas em tons exasperados.

— Sua afirmação é verdadeira, em partes, *Don Iglesias*. — Caminhando para o meio do salão, Andrés ganhou a atenção de todos. — Não sou Diego, aliás, é, sim, verdade que Diego Navarro está morto. — Vozes horrorizadas tomaram conta do recinto. — Mas, se Diego está morto, é porque este homem o matou. — Apontou para o soldado ao lado de Martin.

O homem arregalou os olhos e encarou Iglesias em súplica, que, em contrapartida, se manteve impassível.

— É você, não é? O homem com o lenço vermelho no rosto. Eu estava lá por coincidência do destino. Eu vi quando atirou em Diego, não tente negar. Nós tivemos nossas identidades trocadas apenas porque eu queria entender quem era aquele homem que morreu em meus braços. E só há uma explicação para sermos idênticos... Diego Navarro e eu somos irmãos.

O Marquês de Cabanes se encontrava impassível nesse momento. A Viscondessa de Alba permanecia inquieta ao lado do marido. Todos os presentes pareciam horrorizados com a história.

— É mentira! Você está mentindo, e eu posso provar. Vamos, homem, diga a ele a verdade! Diga que você o viu matar o Duque de Granada.

O soldado abriu a boca e a fechou ao mesmo tempo. Com os olhos arregalados, seus pés ganharam força e ele correu em direção à saída, mas foi pego pelo homem alto e forte que Andrés viu se aproximar.

— Não tão rápido. — O tal segurava o fujão pelo colarinho.

— Eu... eu...

— Diga a verdade, homem!

Iglesias gritou, e Andrés podia jurar que o soldado estava prestes a mijar nas calças.

— E o senhor, quem é? — Andrés perguntou ao homem alto.

— Sou Javier García, chefe da guarda civil. E minha experiência em serviço diz que algo cheira muito mal nessa história.

— Talvez o mais adequado seja que essa história se resolva na estação da guarda civil.

— Não! Eu não irei para o garrote por culpa desse miserável. — O soldado começou a gritar, apontando para Martin. — Foi ideia dele, ele me mandou acabar com a vida do duque.

Andrés se sentiu impressionado pela rapidez com o que homem confessou. Ele achou que demoraria mais algum tempo, ou que talvez a sorte não fosse estar tanto ao seu lado.

— Maldito! Não veem que não passa de um homem desesperado? É claro que irá dizer qualquer coisa — Iglesias tratava de tentar se defender.

Javier Garcia puxou a mão livre para dentro de seu casaco e tirou dela um apito. O barulho fez com que dois guardas entrassem rapidamente no salão.

— Segurem esse homem — falou, referindo-se ao soldado. Com passos rápidos como os de uma raposa, se pôs frente a frente a Martin. — O senhor também vem comigo, *Don* Iglesias.

— Ora, seu... — começou a dizer.

— Se o senhor resistir, terei que usar as algemas.

O olhar de Martin Iglesias poderia transformar alguém em pura chama nesse momento. Andrés não sentia vontade de sorrir, pelo contrário, observou Letizia do outro lado do salão, que encarava tudo com as mãos nos lábios.

Agente firme, lolitschai.

— *Don* Diego... ou melhor, como devo chamá-lo? — perguntou Javier enquanto segurava o braço de Martin.

— Andrés... Andrés Navarro. — E sentiu o alívio de dizer ao mundo seu verdadeiro nome.

— *Don* Navarro, preciso que o senhor venha e se explique também.

— É claro, irei, contanto que o assassinato de meu irmão não fique impune.

— Dificilmente ficará, não enquanto eu for o chefe da guarda civil.

Andrés começou a caminhar junto aos homens, e os murmúrios se tornavam cada vez mais altos. Entre a multidão, encontrou *Don* Ramiro com um prato de bolo nas mãos, estupefato com os acontecimentos.

— Leve Letizia para casa, eu explicarei tudo ao senhor assim que possível. — O homem assentiu levemente, parecendo sem palavras, com a boca suja de merengue.

Quando o séquito de homens se foi e os cochichos se tornaram verdadeiras conversas altas e claras, os olhares caíram sobre Letizia. Muitos se perguntavam coisas e a encaravam com curiosidade.

Sendo assim, ela fez exatamente aquilo que foi treinada a fazer.

Fingiu um desmaio.



Duas semanas depois, Andrés ainda não havia aparecido na mansão Fuentes. Os jornais de toda Andaluzia só falavam de uma coisa: o escândalo dos Navarro.

Para uns, Diego foi a verdadeira vítima da história, e Andrés não passava de um usurpador que se aproveitou da situação; outros exaltavam a superação do novo duque e se sensibilizavam com a história. No entanto, para ambas as situações, ficava clara a inocência da duquesa. Os artigos a pintavam como uma dama enganada e incapaz de mentir.

Quão longe da verdade eles estavam.

— Você precisa comer alguma coisa — reclamou Juana no jantar, vendo-a brincar com os talheres.

— Não sinto fome. Se ao menos eu soubesse como Andrés está...

— Se esse rapaz se preocupasse realmente com você, *mi hija*, já teria aparecido.

— Obrigada pelo incentivo, *papá*.

— Estou falando sério, Letizia, não me importa se ele é um duque ou o próprio rei. Não o quero em minha casa, não depois de enganá-la por tanto tempo. Quem ele pensa que é?

— Está errado, *papá*! — Levantou-se desgostosa. — Andrés é o cavalheiro mais honrado que já conheci, além do mais, ele nunca mentiu para mim. Ao contrário do duque com quem o senhor tanto quis que eu me casasse, ele, sim, me tratou como uma verdadeira rainha.

Ela deixou a mesa sob o olhar atônito de *Don Ramiro*.

— O que ela quis dizer com isso? — ouviu o pai perguntar a Juana.

Se a irmã respondeu algo, a duquesa não ficou tempo suficiente para ouvir.

Em seu quarto, Letizia se sentia inconformada pela falta de notícias. Era ainda mais desesperador para ela não ter ideia de onde poderia começar a procurá-lo.

Talvez se ela fosse à guarda civil e conversasse com o tal Javier García, pudesse ter alguma pista de onde Andrés havia se metido... Esta era uma ideia tola demais, nem mesmo Juana concordaria com algo assim.

Foi enquanto pensava e tentava dormir na enorme cama que ouviu o barulho vindo da janela. Começou com um pequeno som e transformou-se no ruído de um emaranhado de folhas rompendo-se e na voz de um homem praguejando.

Ela conhecia aquela voz.

— Andrés! — chamou, indo em direção à janela.

Antes mesmo de conseguir chegar ao destino, ele surgiu na sua frente. Suado pelo esforço de escalar até seu quarto, abriu um sorriso ao vê-la tão próxima. Letizia, por sua vez, tratou de trazê-lo para perto de si, e ambos se abraçaram em um aperto cheio de prazer e saudade.

— Por onde andou? Por que não veio antes? Estive tão preocupada... — tentava dizer enquanto ele a cobria de beijos nos lábios.

— Não importa, o que conta é que finalmente os trâmites que me prendiam acabaram e podemos viver em paz agora — disse, colado à sua boca.

— Por que não usou a porta, como uma pessoa normal?

— Velhos hábitos não morrem. — Eles gargalharam.

Ele a beijou outra vez, uma mão unida à espinha dela, enquanto a outra tocava seu ombro com suavidade. Ele sussurrou palavras bonitas, alisando

seu cabelo, mostrando o quanto ela lhe fizera falta. Ela enterrou seu rosto no pescoço de Andrés, sentindo o cheiro tão familiar do homem amado.

— Podemos viver em paz agora — ela o ouviu dizer outra vez, abraçando-a.

— O que quer dizer com isso?

— Que podemos retornar a Granada, o Castelo Navarro é nosso. O rei reconheceu, está tudo certo.

Letizia o abraçou apertado antes de tomar a decisão de se separar dele e sentar-se na cama com os olhos baixos. Ela não poderia viver assim, não do jeito que ele queria.

— Letizia? — Ele tocou o seu queixo gentilmente. — O que há, *lolitschai*?

— Não posso ir com você, Andrés. Não entende? Não podemos continuar com o que éramos antes.

— E a que se refere?

— A vivermos como amantes.

Encarou-o e viu as narinas dele aumentarem de tamanho ao mesmo tempo em que ele parecia comprimir os lábios. Céus, o que foi que ela dissera? Apenas a verdade.

— Amantes? Acha que é esse o futuro que quero para você? — Ele se agachou e ficou frente a frente, com seu rosto quase colado ao dela.

Ouviu-o soltar um palavrão antes de segurar seu rosto com as mãos grandes e cálidas:

— Quero você como minha amante para aquecer minhas noites geladas e para dar a satisfação que meu corpo tanto precisa. Além disso, quero você para encher meu peito de alegria ao vê-la sorrir, ou de orgulho ao vê-la cuidar tão bem do castelo. Quero-a comigo como amante, esposa e dona do meu coração. Eu a amo demais, Letizia, acho que sempre te amei desde o instante em que a vi. Só estive um pouco perdido para não ter dito antes.

— Andrés... ah, Andrés... eu pensei... pensei tantas coisas... — beijou-o com lágrimas nos olhos —, também o amo, amo demais.

E ela amava, de verdade, como se o que eles tinham fosse um pedacinho do céu. Um paraíso bem aqui na terra.

— E então? Fará de mim um homem honrado?

Ela riu entre os soluços e o beijou outra vez.

— Eu me casarei com você e serei tudo aquilo que quiser que eu seja.

— Apenas quero que seja minha, *lolitschai*.

O beijo, dessa vez, foi mais ousado, cheio de malícia e desejo, como estavam acostumados. A paixão florescia entre eles como galhos inquebrantáveis. Dariam frutos dia a dia, porque eram recheados de amor.

— Precisaremos esperar o fim do luto oficial — falou Letizia, um pouco depois, quando estavam abraçados.

— E quanto tempo é isso?

— Cerca de um ano.

Andrés a encarou como se ela tivesse se transformado em um touro.

— Tempo demais, *lolitschai*.

— Seis meses então, e ainda assim arrancaremos comentários maldosos de alguns.

— Três meses, e não se fala mais nisso.

Com um suspiro, Letizia mordeu o lábio e sorriu ante o abraço apertado em sua cintura.

— Certo, três meses. Nada mais do que isso.

EPÍLOGO

Um mês foi o tempo necessário para que o casamento acontecesse. Com uma licença especial expedida em Sevilha, a Catedral de San Lorenzo foi o lugar escolhido para as bodas. O casamento transcorreu bem, com um almoço na casa dos Fuentes, onde apenas os novos ricos industriais compareceram. A nobreza parecia ainda repudiar a união de ambos, mas não seria por muito tempo, afinal, tratava-se de um duque e de uma duquesa.

Casaram-se, mas não sem antes requererem a aprovação de *Don Ramiro*, que surpreendentemente se mostrou reticente a entregar a mão da filha mais uma vez ao Duque de Granada.

— Não cometerei o mesmo erro, *mi hija* se casará com quem ela escolher — havia dito quando Andrés apareceu para pedir a mão de Letizia.

A duquesa-viúva, no entanto, que ouvia atrás da porta junto à irmã, irrompeu no escritório, dizendo que desejava se casar com o novo duque e que nada a faria mais feliz.

— Quero a ele, *papá*. Andrés me fará feliz — ela disse ao velho Fuentes, que não teve outra opção além de abençoar a união.

Viviam agora na ala sul do castelo, pois toda a ala norte passava por reformas intensas. A propriedade Navarro já não era mais a mesma, com um tom obscuro e caindo aos pedaços. Havia muito mais fartura, tanto de risos quanto de trabalho. O castelo era um local de prosperidade e, olhando para o futuro, Andrés pensava até mesmo em usar o dinheiro investindo na indústria. Ele via muitas possibilidades nas grandes fábricas na cidade. Em breve, teriam espaço para finalmente se reintegrarem à sociedade, oferecendo bailes e jantares no castelo.

Agora, com liberdade para serem exatamente quem eram, Letizia e Andrés gastavam o tempo juntos, planejando os próximos passos para a propriedade. Caminhavam entre os pés de azeitona, iam juntos aos vilarejos e até mesmo arrumavam tempo para uma escapada até a cachoeira. Além dos convites para visitas dos vizinhos nobres e orgulhosos, que pouco a pouco passaram a chegar. Para infelicidade da Viscondessa de Alba, todas as mensagens enviadas ao castelo eram sumariamente rejeitadas.

Foi em uma escapada dos deveres sociais na cachoeira, Letizia pensava, que o bebê agora em sua barriga havia sido feito. O abdômen ainda se encontrava plano e rijo, mas os enjoos matinais e as tonturas que a impossibilitaram de andar a cavalo sozinha foram o alerta necessário de que um herdeiro era esperado.

Ela sorria, pensando em tudo isso, enquanto uma chama forte e quente a aquecia no jardim. O clã cigano em que Andrés havia vivido os visitava, a pedido dele. Apesar de não ter mais ao lado as pessoas que o criaram, ele ainda amava a cultura em que cresceu.

— Que bom encontrá-la sorrindo, *lolitschai*. — Tomou-a nos braços, de forma que ficasse com as costas em seu peito.

— Tenho muitos motivos para sorrir.

— Isso me faz feliz.

Ambos continuaram a observar todos comendo, bebendo e dançando ao redor da enorme fogueira. O som do violão espanhol, o *cajón*, e das palmas, acompanhavam a dança flamenca dos homens e mulheres.

— Letizia!

A voz alta e preocupada de Juana tirou o casal de seu transe romântico. A jovem vinha correndo de dentro do castelo, segurando as saias e quase mostrando os tornozelos.

— Juana, o que houve?

— Uma carta, chegou uma carta para você no fim da tarde. Eu estava arrumando as coisas quando vi e...

— Tudo bem, não se preocupe. Abrirei quando tiver tempo.

Ela viu a irmã respirar fundo e tocar-lhe o braço com carinho.

— Você vai querer abri-la agora.

Ela e o marido se entreolharam, Andrés deu de ombros.

— Tudo bem, vamos.

Partiram em direção ao interior do castelo.

Com Juana na frente, entraram na biblioteca em silêncio. A jovem foi até a mesa e pegou um envelope como se ele pudesse queimá-la, e entregou a Letizia.

A duquesa se separou dos braços do marido e caminhou até a mesa depois de tomar nas mãos o envelope. Olhou-o e viu o lacre de cera com a letra C. Virou e encontrou o nome do remetente e sentiu o coração dar um salto no peito.

— Não pode ser...

— Não acreditei também quando vi... por isso a chamei com tanta urgência.

— Se for uma brincadeira, é algo de muito mau gosto.

Mais intrigada do que curiosa, Letizia abriu o lacre e encontrou a resposta a todas as suas perguntas.

“*QUERIDA PRIMA,*

Há muito queria ter-lhe escrito essa carta, e já começo pedindo perdão por deixá-la tanto tempo sem notícias.

Estamos felizes e bem vivendo em nossa antiga colônia, na capital da agora República Mexicana. É uma longa história, a forma como chegamos aqui, mas ainda assim conseguimos sobreviver e desfrutar de nosso amor.

É com imenso orgulho que informo que você é agora prima da terceira mulher a cursar medicina na Escola Nacional de Medicina da Universidade Nacional do México. Meu sonho se realiza graças ao apoio de Eric e meu incansável desejo de ajudar os demais.

Espero um dia poder te contar o caminho que nos trouxe até aqui, mas, por agora, tudo que lhe digo é que, se estamos vivos, é pelo amor.

Que esta carta aquiete seu coração e traga paz tanto a você quanto a tio Ramiro. Por favor, mande notícias sobre sua vida em Granada. E envie todo o meu carinho a Juana.

*Com a mais sincera afeição,
Isabel Casanova.*

OBSERVAÇÃO: Esta é a foto do batizado de Sofia, minha filha.

— MAS..., mas... *Diós*... — Letizia sentou-se na cadeira com os olhos perdidos.

— O que aconteceu, *mi bien*? — O marido se aproximou, tocando-lhe os ombros.

— Isabel... está viva, e pelo visto, Eric também.

A notícia foi recebida por instantes de silêncio entre os ocupantes da sala até que uma incontável crise de riso tomou conta da duquesa, seguida por seu marido e Juana. As jovens se abraçaram sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Andrés, por outro lado, acompanhava a cena fascinado.

— Há alguma notícia do *señor* Zalo? — questionou Juana, para espanto de Letizia.

— Não, querida.

Ambas observaram a foto enviada junto à carta em silêncio, com admiração.

— Bom, e o que faremos agora? — questionou Andrés.

— Acho que devemos responder imediatamente. — Ambos balançaram a cabeça com cumplicidade enquanto Letizia se ajeitou outra vez sobre o espaldar da cadeira. Com a pena em mãos, ela parecia decidida quando começou:

“Cara Isabel,

Não imagina o quanto há para contar...”

Fim

NOTA DA AUTORA

É com muito prazer que trago até vocês a história de Letizia e Andrés. Se você chegou ao final desse livro, muito obrigada por confiar em meu trabalho e permitir que eu fizesse parte da sua rotina.

Como autora de romance de época, é difícil equilibrar a pesquisa de fatos históricos com a narrativa romântica, então, aqui vão minhas desculpas pela licença poética tomada em algumas situações. Qualquer erro ou inveracidade histórica aqui encontrada, é de minha inteira responsabilidade.

Uma curiosidade é que na Espanha, ao contrário da Inglaterra, o casamento entre cunhados no século XIX era permitido. Que felicidade para Letizia e Andrés, não é mesmo?

Não era comum a nobreza ir à guerra, principalmente os duques, mas me achei no direito, como autora, de criar um personagem tão singular (e nefasto) como Diego Navarro, que amasse o exército e uma boa batalha. (Acreditem, era a única coisa que ele amava mais do que a si mesmo).

Também havia muito mais burocracia para a concessão e passagem de um título a um parente perdido, entretanto, a magia dos romances fez com que o rei da Espanha o concedesse de forma bastante simples e clara.

Além disso, não é incomum que bebês nasçam letárgicos, com um caso de morte aparente, mas, nos nossos dias, o avanço da medicina possibilita que essas crianças recebam o melhor tratamento possível para permanecerem com vida. No meu coração de autora, Andrés foi um lutador, ainda pequenino, que decidiu despertar apenas alguns instantes depois de nascer e fazer esta história possível. Obrigada, doutora Denise Medeiros, pela explicação sobre bebês natimortos.

Todo meu respeito e admiração ao povo rom e à cultura cigana. Desde já, peço desculpas por possíveis falhas. O fato de Andrés ter sido criado por ciganos foi uma grande homenagem da minha parte.

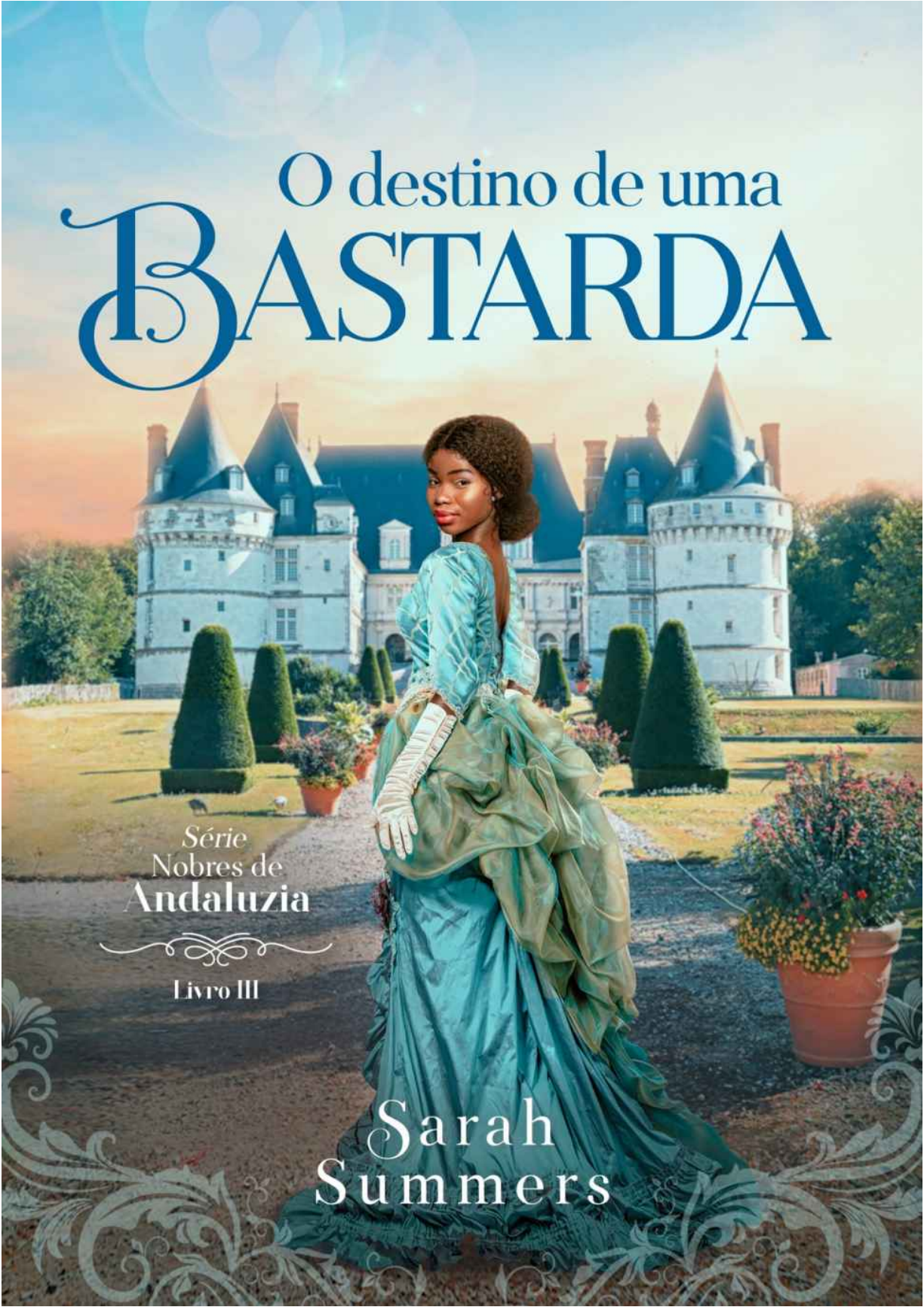
No mais, ficam aqui meus agradecimentos a minhas leitoras betas maravilhosas: Nariane, Ivone, Jeanne e Camila. E a Stefany Nunes, que se tornou uma amiga querida e leu esse livro quase sobre meus ombros enquanto eu escrevia.

Obrigada, Tatiana Mareto e Karina Heid, pelo amor e cumplicidade de sempre.

Obrigada, papai e mamãe, por cada vez mais se esforçarem para compreender meu amor pela escrita e a segunda profissão que escolhi. Sei que é difícil entender o que faço nas tantas horas trancada no quarto. Acreditem, é assim que sou feliz.

E, por fim, mais uma vez obrigada a você, leitora, a grande razão de esta história e eu existirmos. Que o amor de Andrés e Letizia aqueçam sempre o seu coração.

Sarah Summers



O destino de uma BASTARDA

Série
Nobres de
Andaluzia

Livro III

Sarah
Summers

Nunca pense que seu amor é impossível, nunca diga "eu não acredito no amor". A vida sempre nos surpreende.

— DON QUIXOTE – MIGUEL DE CERVANTES

CAPÍTULO 01

Ela estava em um lugar proibido.

Escondendo-se entre a multidão de homens, havia uma dama em trajes masculinos. Era tarde da noite e nenhuma jovem de respeito deveria estar fora de casa, não a uma hora dessas, muito menos trajando calças.

Por sorte, Juana não era uma dama qualquer.

Forçou a si mesma a não observar ao redor com os olhos arregalados, surpresos. Tinha que fazer de conta que para si tudo aquilo era normal, apenas mais uma noite na rotina de um homem comum da sociedade. Entretanto, o motivo que a levava a fugir de casa a altas horas era mais que incomum. Era desespero.

Recebeu há alguns dias uma carta de seu irmão mais velho, Agustín, onde dizia que Juan Manuel, o irmão mais novo, havia viajado a Sevilha. Tudo não passaria de notícia comum se as últimas frases não fossem tão perturbadoras.

“Juan Manuel aparentemente está metido em problemas. Anda de taverna em taverna desde que a noiva morreu. Preocupa-me sua viagem a Sevilha. Deixe-me saber se ele foi visitá-la.”

A verdade é que Juan Manuel já estava há vários dias na cidade e não foi encontrá-la. Assim, Juana se achou no dever de procurar pelo irmão caçula. Começou pelos lugares mais óbvios, os bordéis da cidade. Com muito esforço conseguiu informações sigilosas com uma das cortesãs: que um homem com a aparência de Juan Manuel estava na cidade para meter-se em lutas clandestinas.

Aquilo a preocupou de tal forma que lá estava ela, em uma taverna suja e de baixa reputação, para observar homens suados e com hálito podre se amontoarem, bradando palavrões e fazendo apostas, enquanto aguardavam pelos lutadores.

Na medida em que buscava fazer aquilo que melhor sabia — passar despercebida — Juana sofria com os empurrões e o mal cheiro do local.

O espaço se tornou ainda menor quando um senhor de cabelos brancos e roupas maltrapilhas saiu de uma das portas e gritou:

— Cavalheiros, é chegada a hora!

Os homens passaram a uivar e bater palmas em uma expectativa desconhecida a ela. Toda a multidão masculina então se organizou como por feitiçaria em um círculo, e, enquanto era empurrada para os fundos do local pelos corpos que buscavam os primeiros lugares, Juana soube que qualquer que fosse o espetáculo, ele estava prestes a começar.

O velho, que parecia comandar toda a atração, contou algumas moedas recebidas de última hora e começou a bradar por calma. Em seguida uma porta à esquerda se abriu, e ele apresentou o homem baixo, porém forte, a quem chamavam de Pedro.

O coração de Juana deu um salto, pois tudo indicava que logo o outro lutador entraria no espaço, e ela não responderia por seus atos se ali estivesse seu irmão.

A porta à direita foi aberta, o mesmo lugar de onde o velho saíra poucos minutos antes, e de todos os sentimentos que Juana imaginou sentir, nenhum deles era alívio ao ver que o oponente de Pedro não era Juan Manuel. Trajando apenas calças largas e surradas, quem lutaria essa noite era ninguém menos do que Zalo.

O único homem que ela não conseguia esquecer.



ELE ESTAVA SENDO SEGUIDO.

Podia sentir bem no fundo de seu ser, como uma coceira na nuca que o incomodava sempre. Alguém às suas costas o vigiava. Enquanto fazia quem quer que fosse que o seguia perambular para lá e para cá pelas ruas pedregosas da cidade, Zalo pensou na noite que tivera.

Mais uma luta fácil.

Chegara a ser injusto, tanto para o seu oponente quanto para quem os assistia. Todos apostavam alto contando com sua imensa força e agilidade, porém o que viram foi um oponente que se deixou ir ao chão no primeiro golpe. Zalo quis rir, mas já não achava graça de muita coisa na vida fazia algum tempo.

Ele poderia muito bem ter enrolado um pouco mais para ganhar, dado algum entretenimento, deixando que o outro homem, o tal de Pedro, lhe desse uns tantos golpes. Entretanto, ele não estava ali para benevolências. O que queria era apenas seu dinheiro para mais uma noite entre a bebida e a comisseração.

Antes disso, porém, havia que se resolver com o intruso em seu caminho.

Depois de serpentear por algumas ruas, adentrou em um beco escuro e vazio. Ao fim do caminho, encostou na parede e esperou por seu perseguidor.

Os passos se mostraram mais leves do que ele esperava, porém firmes. Ele pensou se teria misericórdia da pessoa que o incomodava; talvez aquilo lhe trouxesse até alguma diversão, uma boa briga, afinal de contas. Quando o sujeito deu a volta para sair da ruela, ele se interpôs no caminho.

— Há algo que deseja comigo?

O homem era baixo e trajava uma capa negra que lhe escondia o rosto. Tinha certeza de que o havia assustado, pois deu três passos para trás e Zalo estava certo de que ia colocar-se a correr.

— Não tão rápido! — Agarrou-o pela capa, e como um rato fujão, o viu mostrar sua verdadeira face.

O desconhecido revelou ter cabelos compridos cacheados e uma figura diminuta, escondida em roupas masculinas de boa qualidade.

— Mas que diabos... — perguntou-se e precisou agir rápido para impedir que seu perseguidor escapasse. Ou melhor, perseguidora. — Você... é uma mulher?

Zalo se aproximou ainda mais, enquanto a figura em seus braços paralisou ante seu questionamento. Levou os fios encaracolados às mãos e sentiu um doce perfume feminino o dominar. Era o aroma de flores silvestres.

— Vire-se! — ordenou à desconhecida, que relutante trouxe o rosto ao seu campo de visão, de forma bem lenta.

Ela tinha os olhos caramelo, na cor do mais puro mel. E as maçãs de seu rosto eram proeminentes, enquanto ele podia jurar que ela apertava os dentes.

— O que quer de mim?

A mulher nada disse, e de cabeça baixa, tentou ir uma vez mais.

— Não tem nada a dizer? Bom, só há uma coisa que tenho a lhe oferecer.

Ele a abraçou pela cintura e segurou em seu queixo. Com os lábios abertos de surpresa, ela o viu se aproximar para em seguida beijá-la.

Nada casto, ou doce. Ele não era um bom rapaz que cortejava donzelas e aquela em seus braços jamais seria uma, mas os lábios encostados nos seus tinham o sabor das uvas frescas e a leveza de uma flor. Ele quis rir da timidez com a qual a mulher em seus braços lhe correspondia, entretanto logo a sentiu tremer sob si e lutar. Um soco em seu abdome o fez perder o ar por um instante, e ela aproveitou para se desvencilhar de seu abraço.

— Já o vi ser mais cavalheiro, *señor* Gonzalo.

A voz. Aquela voz que o atormentava todas as noites.

Não podia ser. Ele estava vendo coisas, imaginando, só poderia ser isso.

Aquela mulher... ela não deveria ter a voz da única dama que ele não poderia ter.

— Juana?

CAPÍTULO 02

Ela se preocuparia com o beijo e com o misto de sensações que os lábios do homem lhe despertaram mais tarde.

No momento, ela tinha um problema maior. Apesar de não chamar o que sentia nesse momento de problema. O senhor Montoya estava em sua frente, vivo, são e salvo.

Quantas vezes imaginou esse momento? Onde o encontrava novamente, e talvez fosse permitido algo mais do que furtivos olhares para aquele homenzarrão. Seu peito se enchia de alívio — e alguma coisa mais que ela não sabia como explicar — ao descobrir que ele estava bem.

Após a luta, a qual o *señor* Montoya ganhou de forma esplêndida, ela não se contentou apenas em saber que estava bem. Ela tivera que segui-lo, precisava certificar-se de que aquilo não fora uma miragem, um devaneio febril.

Gonzalo Montoya estava vivo e acabara de tratá-la como uma mulher de rua. Céus... havia tanto o que pensar. Juana não estava acostumada a sentir tantas coisas ao mesmo tempo.

— Pelos céus... — Ele a segurou pelos braços, quase fazendo-a levantar os pés do chão. — Diga quem é você.

Ela levantou a cabeça com coragem e o encarou nos olhos pela primeira vez.

— *Señor* Montoya... — começou a dizer.

— *Madre de Diós*... — Soltou-a como se sua pele estivesse em chamas.

— *Señor* Montoya, preciso...

— Juana, o que faz fora de casa a uma hora dessas? Acaso está louca?

Ela não abaixou a cabeça para a pergunta, não abaixava a cabeça para nada.

— Creio que não é da sua conta.

— Não é da minha conta? — Viu-o virar-se com um suspiro. — Sabe a sorte que tem por ter sido eu a encurralá-la neste beco?

— Sabia quem era. Eu estou seguindo-o desde a taverna...

— Estava na taverna? — A voz alta a assustou.

— Por que acha que estou vestindo roupas masculinas? Crê que gosto de vestir-me assim por puro esporte?

Zalo coçou a cabeça e andou de um lado para o outro.

— Não sei o que pensar, *señorita*, além de que está louca.

— Não estou louca, estou desesperada.

— Pelo quê? Por arranjar confusão?

Com um grunhido de impaciência, ela ajeitou a capa e deu as costas ao gigante. — Adeus, *señor Zalo*.

Começou a andar na rua pedregosa e fria quando o escutou dizer:

— Aonde pensa que vai?

— Para casa. Em uma coisa tem razão, foi um erro persegui-lo. — Voltou a andar, depressa dessa vez.

— Está realmente pensando que vou deixá-la ir sozinha para onde quer que vá a uma hora dessas?

— Caso ainda não tenha percebido, posso muito bem dar conta de tudo sem ajuda.

E partiu, deixando-o sem fala mais uma vez. Enquanto caminhava pelas esquinas, ela sentia a presença do homem às suas costas. Em seu interior queria negar que a gentileza que lhe dirigia o *señor Montoya* lhe chegava ao coração, mas tratou de afastar esses pensamentos.

Os assuntos do coração eram tolices para ela.

No último quarteirão, já avistando a mansão Fuentes, virou para trás e o viu bem próximo, com seu olhar duro e as mãos nos bolsos.

O homem não sabia quando era a hora de desistir.

O *señor Zalo* a alcançou no instante em que suas mãos tocaram o portão da casa.

— Juana, falo sério. Não deveria estar pelas ruas a essa hora da noite.

— Obrigada, *señor Zalo*, por sua preocupação, mas como já disse, posso me virar sozinha.

— É na escuridão que se encontram os maiores perigos, *señorita*.

— Fala como se fosse um verdadeiro especialista das trevas.

— É porque vivo nelas.

Com um simples menear de cabeça ele se despediu. E enquanto entrava furtivamente em casa, Juana sabia que não dormiria tão cedo essa noite.



HAVIA CHEGADO HÁ um mês na cidade, não sabia bem o porquê. Por melhor que fosse a vida no México, Zalo entendia que nada ali lhe pertencia.

Eric, seu único e grande amigo, formara uma família, lutara para estar ao lado da esposa e agora recebia os frutos, com uma linda garotinha que era adorada por todos na casa em que moravam, incluindo ele mesmo.

A vida ao lado dos Casanova sempre foi confortável e agitada, mas nada daquilo cabia a ele. Demorou muito tempo para que percebesse que isso o incomodava.

Quando partiu de casa, em rebelião contra seu velho pai, Zalo não tinha muitas ambições. Pelo contrário, quanto menos posses tivesse, mais fácil seria ir de um lugar para o outro. Ao que parecia, naquela época, quando conheceu Eric, isso era tudo do que precisavam. Bebidas, umas tantas pesetas e o mar como companhia.

Só que viver migrando de um lugar para outro cansava. E isso ficou bem claro para ele enquanto via o melhor amigo fincar raízes. No entanto, quanto mais os Casanova lhe abriam espaço em suas vidas, mais sufocado ele se sentia.

Mais uma vez, nada daquilo era dele.

E o que ele possuía, afinal? Uma reputação duvidosa, algum dinheiro no banco e uma força descomunal que assustava sujeitos a perder de vista. Não era como Eric, que tinha prole, alguém que herdaria seu nome, e uma reputação a zelar. Nem mesmo isso ele tinha.

Irritava-o admitir, mas a felicidade do amigo passou a incomodá-lo.

Não que desejasse mal a Eric, longe disso. Preferia perder um braço a nutrir sentimentos cobiçosos pela vida do amigo, porém mais uma vez, lhe doía perceber que não tinha nada.

Foi pensando nisso que decidiu partir, a fim de encontrar um lugar para si, sossegar por seu próprio esforço. Isso o levava ao agora, de volta a Sevilha. Algo o puxara de volta à Andaluzia como um imã, como um livro inacabado que implorava por um final.

Zalo não tinha casa, mas não sabia explicar por que Sevilha lhe parecia um lar.

— Juana... — murmurou sozinho, enquanto se recostava no feno do estábulo onde estava. Uma casa abandonada era seu abrigo desde que chegou. Para um homem que não tinha nada, aquilo era um palácio.

O nome dela lhe veio à mente enquanto recordava os eventos recentes. Como foi possível encontrá-la justamente nessa situação? O que ela estava pensando, pondo-se em perigo dessa forma?

E o que *ele* estava pensando, tratando-a como uma rameira?

Nem mesmo a cortesã mais desejada teria lábios tão doces e suaves como os dela. Antes, quando não ousava sonhar em tê-la, era mais fácil viver. Ele nem ao menos cogitava a hipótese de tocá-la, ou de atrever-se a desejá-la. Mas agora... agora tudo ruiu. Ele sabia que gosto ela tinha, o sabor doce de sua língua e a seda de sua pele ao ser tocada, mesmo que sobre as roupas.

— Juana... — recitou outra vez, como um poema, um soneto, um versículo sagrado.

Ela era ouro, joia rara, um diamante rico e brilhante.

E como todas as coisas boas, sabia que não era para ele.

CAPÍTULO 03

— Juana...

Entre o conforto de algodão e cetim, além da suave respiração de seu doce sono, ela ouviu ser chamada. Entretanto, não podia ser assim tão tarde, pois acabara de conseguir fechar os olhos e dormir.

— Juana...

A voz fina e melancólica a incomodava de novo, e como antes, ela a ignorou. Em seu sonho, os campos verdes estavam floridos com os primeiros botões de flores da primavera. O vento tocava seu cabelo solto e encaracolado. Em seu interior ela tinha a certeza de paz e dias felizes. Olhou para trás e avistou um chalé de onde a chaminé emanava fumaça, indicando que assim que entrasse encontraria um lugar cálido próximo à lareira, talvez com uma generosa xícara de leite quente e biscoitos.

Por muitas vezes tinha esse sonho, era o seu segredo mais secreto, seu lugar seguro, seu lar.

— JUANA!

A voz, agora cortante e mais alta, acabou assustando-a e a fez abrir os olhos.

— Finalmente! Pensei que estivesse doente ou algo assim.

— Acaso a casa está pegando fogo, para me despertar dessa forma?

— Eu é que pergunto... como é possível ainda estar na cama a uma hora dessas, sendo que todos os dias se levanta ao raiar do dia como se o colchão pegasse fogo?

— Que horas são?

— Já passam das dez... — a duquesa disse abrindo as janelas e fazendo com que seus olhos ficassem incomodados com a claridade.

— Não pode ser! — A jovem arregalou os olhos e sentou-se, encostando no respaldo da cama.

— Ah, pode ser sim... e sabe o que é mais interessante? São esses folhetos que encontrei em sua penteadeira...

— Andou mexendo em minhas coisas? — falou com revolta.

— Não tenho culpa se anda deixando-as em qualquer lugar...

— Jamais toquei em algo seu sem sua autorização.

— E eu jamais pensei que você seria capaz de cometer tamanha sandice...

De pé, Juana estendeu a mão.

— Devolva.

— Não sem antes me dizer o que pretende com esses papéis.

A jovem suspirou ao ouvir a pergunta da irmã. Não era para Letizia descobrir seus planos dessa forma. Ninguém deveria perceber suas intenções, na verdade.

Os folhetos nas mãos da duquesa faziam parte de um pensamento que Juana ainda estava analisando, e seus pensamentos não pertenciam a mais ninguém, apenas a ela mesma. Sua mente era o único lugar onde tinha certeza de que nenhuma outra pessoa poderia dizer-lhe o que fazer. E os papéis, ora, os papéis não eram da conta de ninguém, além dela.

Há algumas semanas foi à feira com uma criada e, entre frutas e verduras, ouviu enquanto ela e a prima conversavam. Juana não era de se intrometer na conversa dos outros, mas também não era surda. Como na maioria das vezes em que escutava algo sigiloso, era porque não havia como não ouvir.

As duas comentavam com entusiasmo o fato de Rosa, a prima da criada que acompanhava Juana, estar de casamento marcado. Ambas comemoravam o fim da solteirice de Rosa aos seus vinte e nove anos. Tudo isso graças a uma suposta agência para damas solteiras.

As orelhas de Juana se aguçaram enquanto escolhia cenouras e batatas, e as mulheres trocavam murmúrios sobre a dita agência que aparentemente se localizava em Madrid. Todos os trâmites ocorriam por correspondência, incluso o arranjo entre os noivos.

Rosa, ao que parecia, depois de muito se comunicar via cartas com um pretendente promissor, encontrou-o pessoalmente e foi pedida em casamento. Agora ela falava do assunto com orgulho e mostrava seu anel de noivado a quem quisesse ver, em plena feira.

É óbvio que para Juana aquilo pareceu um grande absurdo à primeira vista. Quem se submeteria a algo tão desesperador quanto buscar um marido via cartas? Além de perigoso, o fato para ela mostrara-se inaceitável.

Contudo, na semana seguinte, lá estava Rosa, mais uma vez na feira gabando-se do fato de que em breve se tornaria uma mulher casada. E tudo

isso pela bagatela de algumas moedas e um noivo escolhido por ela mesma.

O fato é que a história não saiu da cabeça de Juana, e quando perguntou à criada sobre a prima alguns dias mais tarde, a jovem ficou prontamente animada e lhe mostrou os folhetos e formulários da dita agência casamenteira que tinha guardado. Sem jeito sobre como lidar com a animação da jovem, Juana levou os panfletos para o quarto.

Foi quando seus pensamentos começaram a ganhar forma.

— Estou esperando, Juana...

— Trate já de me dar os papéis.

— Não deixarei que fique sem me dar uma explicação. Se o que li é verdade, você está procurando um marido por... correspondência?

Juana enrolou-se no robe pendurado no dossel da cama e andou em direção à irmã. Letizia, por sua vez, mudou-se para o outro lado do quarto, caminhando com sua habitual graça e altivez de duquesa.

— Não estou procurando um marido por correspondência.

A jovem de cabelos vermelhos deu um longo suspiro aliviado, para logo em seguida arregalar os olhos quando ouviu Juana dizer:

— Estou *pensando* em buscar um marido por correspondência — afirmou.

— Juana, minha irmã... ouça bem o que lhe direi, e o farei com todo o carinho: você enlouqueceu?

— Não, não enlouqueci. Eu apenas... ah, você não entenderia.

O olhar da jovem duquesa se suavizou e sua expressão pareceu um tanto aflita.

— Então me faça entender. — Aproximou-se em seguida.

Com um suspiro e um olhar enigmático, Juana sentou-se outra vez na cama, sendo acompanhada por Letizia logo em seguida.

— O que é tão importante que esconde aí a sete chaves, Nita?

Elas se deram as mãos e cruzaram os dedos uma na mão da outra, como estavam acostumadas a fazer desde crianças, quando queriam apenas estar juntas, mesmo em silêncio.

— Eu quero mais, Letizia.

— Mais do quê?

— Mais do que ser uma dama de companhia.

— Você não é uma dama de companhia nessa casa, sabe disso.

— Então quero ser mais do que sou... do que sempre me fizeram ser.

Os lábios de Letizia se abriram e fecharam em seguida, como se sabiamente soubesse que a irmã tinha muito mais a dizer.

— Às vezes me sinto... e não é porque não seja feliz com o que tenho. Não sou ingrata, Deus sabe que eu poderia viver de uma forma muito pior..., mas eu queria mais... queria ser tão mais.

— Nita...

— *Don* Ramiro me dá tudo de que preciso para viver..., mas às vezes sinto como se nada fosse meu. Tudo que tenho pode ser tirado em um piscar de olhos. Se um dia *Don* Ramiro faltar... não há ninguém para cuidar de mim.

— Eu cuidarei. Você é minha irmã, você tem a mim.

— Eu agradeço..., mas continuarei com muitas coisas belas, que não me pertencem.

— Mas o que é meu é seu. Sempre foi assim.

Juana fechou os olhos por um momento, negando com a cabeça.

— É diferente, você sabe disso.

Ambas as mulheres se olharam nos olhos, ainda de mãos dadas. E mesmo com os dedos entrelaçados, as palmas das mãos tocando-se, tinham consciência que um mundo inteiro as separava.

— É tão injusto... Lutarei por você, Nita, sabe disso. Sempre terá um lugar ao meu lado.

— Quero ter algo por mim mesma.

— E por isso precisa casar-se? Sabe que, como duquesa, posso lhe oferecer o que quiser em minhas terras e...

Juana a interrompeu, levantando a mão.

— Irmã, me deixe ajudá-la!

— Não há espaço para mim no seu mundo, Letizia. Como não consegue enxergar isso?

— Você é minha irmã, sempre haverá espaço para você.

Ela estava prestes a chorar, Juana tinha certeza. Letizia tinha a voz mais aguda que o normal e apertava sua mão com ainda mais firmeza.

— Quero me casar, para ter filhos que serão meus, uma casa que será minha, uma rotina só minha...

— E quanto ao amor? Você quer um amor para você também, certo? Acha que poderá encontrá-lo em meio às correspondências? Se quiser, posso ajudá-la...

Foi necessário todo o esforço mental de Juana para que ela não revirasse os olhos ao ouvir as palavras da irmã. Letizia vivia em um verdadeiro conto de fadas em seu novo casamento. Andrés Navarro, o Duque de Granada, beijava o chão em que a esposa pisava. Não a surpreendia o fato de Letizia enxergar uma possível história de amor em cada canto.

— O amor não precisa estar incluso no que eu planejo. Não necessariamente — disse a frase final para suavizar a reação da irmã, que parecia chocada.

— Entendo... — murmurou a duquesa.

— Sei que está muito feliz em seu casamento, e isso me enche de alegria, mas o amor não encontra a todos com a mesma facilidade que encontrou você.

— O que está querendo dizer?

— Que talvez, para algumas pessoas, o amor não seja importante.

— E o que seria mais importante em um casamento, oras? — Letizia proclamou ultrajada.

— Respeito, cumplicidade, atenção, companheirismo...

— Você está definindo uma amizade.

— Um casamento entre amigos pode trazer mais vantagens que um casamento por amor.

Os olhos da irmã a fitavam abertos, correndo de um lado a outro como quem enxergava uma visão assustadora.

— Nunca pensei... jamais achei que você julgasse dessa forma.

Um choro de criança interrompeu o silêncio entre as duas.

— É Amaia, ela acordou um pouco chorosa pela manhã. Essa conversa não termina aqui.

Soltando as mãos uma da outra, as mulheres partiram cada uma para seus afazeres. Enquanto vestia-se, Juana viu a duquesa observando-a da porta.

— O que foi? — perguntou com um de seus raros sorrisos.

— Nita... o amor sempre importa.

Juana viu a irmã partir de seu quarto deixando as últimas palavras como proclamações fantasmagóricas. Como quem dita um aviso sagrado.

Balançando a cabeça, ela disse a si mesma que, apesar de parecerem reais, as palavras não eram importantes. Não quando vinham de alguém como Letizia, que pôde conquistar seu lugar no mundo com base no amor.

O amor não ajudaria Juana em nada, pelo contrário, apenas atrapalharia seus planos.

Planos.

Olhou para os papéis sobre a cama. Agora que a irmã os vira, perguntou-se a si mesma mais uma vez se teria tamanha coragem. E o que diria *Don Ramiro* quando descobrisse? O que pensaria seu pai ao saber que ela ousou fazer algo por suas costas?

Ela devia muitas coisas a ele. A casa, o conforto, o aprendizado... e o fato de ser uma bastarda. Juana não era estúpida, ela sabia como o mundo tratava os bastardos. Não era nada. Uma bastarda preta? Não era ninguém.

Céus, um pouco menos de sorte e ela teria nascido escrava na própria Espanha, um golpe do destino e ela ainda seria escrava em alguns lugares das antigas colônias.

Todos os seus atos tinham de ser muito bem pensados. Ela tinha um pai que a havia acolhido e cuidado dela, jamais poderia ir contra isso. Ao mesmo tempo, queria mais. Queria ser mais para tantas coisas que chegava a doer. Era mais afortunada que muitas outras moças, que liberdade era essa a que ela queria tanto se prender?

Olhando-se no espelho, Juana ainda se perguntava no que estava pensando quando tomou para si aqueles formulários, mas ao dar atenção ao seu rosto, os lábios carnudos e proeminentes lhe chamaram atenção.

Havia sido beijada. Não por qualquer homem, mas sim por Gonzalo Montoya. Ele salvou sua vida e ela nunca mais pôde esquecê-lo. Talvez fosse pela estatura além do normal que ele tinha, ou seu porte extremamente atlético, entretanto seus pensamentos sempre se voltavam para Zalo uma vez ou outra.

Ele era um homem exigente, pôde perceber. Ela não era experiente em beijar, mas teve a absoluta certeza quando os lábios do homem tocaram os seus que ele não era do tipo que aceitava qualquer beijo. Havia sido um roçar de lábios escandaloso e fugaz, que aqueceu seu interior de uma forma nunca sentida antes. Isso a assustou porque quase a fizera perder o controle de si mesma. Se ela perdesse o controle, quem estaria controlando-a? Zalo?

Isso a fez pensar mais do que qualquer outra coisa em sua vida.

Terminou de vestir-se e desceu rapidamente as escadas da mansão. Nos corredores podia-se ouvir a voz de Letizia acalentando a filha. Estava

próxima ao salão de entrada quando encontrou Andrés, o Duque de Granada, sentado em uma poltrona com o jornal nas mãos.

— Bom dia, Juana... — Buscou o relógio no bolso. — Boa noite, melhor dizendo. — E gargalhou como costumava fazer.

Suspirou encarando-o.

— O que é que há de bom? — respondeu e continuou a andar, ignorando-o. Ela e o cunhado não eram íntimos, mas tinham o acordo mudo de implicarem um com outro. Juana nem ao menos se lembrava como isso começou.

Decidiu não tomar café da manhã, já era tarde e foi à cozinha preparar uma bandeja com bolo, biscoitos e chocolate quente. Todos os dias pela manhã ela levava algo para *Don* Ramiro lanchar, muitas vezes ela o acompanhava na pequena refeição do meio da manhã e o observava trabalhar.

— Está atrasada — *Don* Ramiro disse quando Juana adentrou o escritório espaçoso e bem mobiliado.

— Desculpe, *Don* Ramiro. — Nomeava-o assim sempre, mesmo quando estavam sozinhos, porque tinha medo de esquecer-se e chamá-lo de *papá* na frente dos outros. — Trouxe seu bolo favorito.

— Está perdoada — o homem disse, finalmente tirando os olhos dos documentos e encarando-a.

Juana observou seu pai sorrir enquanto banquetearam-se com o pequeno lanche. E enquanto discutiam amenidades, sua mente não parava de pensar que se quisesse mudar algo em sua vida, teria que desagradar *Don* Ramiro de alguma forma.

E não poderia trazer problemas à sua vida nesse momento, não quando tinha um tão grande para lidar: encontrar Juan Manuel.

CAPÍTULO 04

Enquanto enfaixava as mãos no inóspito quarto da taverna em que lutava, Zalo se perguntou o que teria levado Juana a estar tão tarde nas ruas na noite anterior.

Não conseguira dormir, obviamente, não depois de ter tocado os lábios da mulher que nunca saíra de sua mente. A jovem de olhar destemido que parecia querer desafiá-lo sempre que o via.

Foi em uma tourada que ele a conheceu, enquanto estava em uma enrascada envolvendo o irmão de Eric, Alonso Casanova, o maior desgraçado que ele já conhecera na vida. E Zalo tinha uma longa lista de conhecidos desgraçados guardada.

O fato é que salvou a dama por duas vezes, e em ambas ela se portou de modo extremamente digno, o que lhe chamou a atenção. De certa forma, ele sentia que ela não era o tipo de mulher que precisava ser salva. Juana podia muito bem salvar a si mesma, não à toa tinha altas habilidades com o arco e flecha.

A mulher enganou toda Sevilha e serviu entretenimento de qualidade quando muitos pensavam que era um homem. Trajando uma máscara, ela foi o espetáculo das touradas por várias temporadas, em segredo. Só por isso merecia sua mais profunda admiração.

E quando tudo deu errado e todos descobriram quem realmente era o toureiro mascarado, ele esteve lá para resgatá-la da enorme confusão que se formou.

Talvez por isso não conseguisse esquecê-la. Talvez porque ela o lembrava de momentos dinâmicos e aventureiros.

— Está pensativo hoje, meu rapaz — ouviu o dono da taverna dizer ao entrar no pequeno e mal iluminado quarto. Em suas mãos havia uma bandeja com carne assada e vinho.

— Não vim para conversar — falou sem encarar o velho.

— Esse é o meu campeão! — O homem bateu breves palmas após apoiar a bandeja em cima de uma banquetta.

Zalo encarou a comida e logo em seguida o velho com uma expressão questionadora.

— O que foi? Ah, a comida? Considere como um agrado pelo dinheiro que você anda me trazendo todas as noites.

— Hmm — Zalo apenas suspirou e sentou-se para comer rapidamente. O homem continuou a observá-lo com demasiado interesse.

— Afinal, o que quer? Me achou bonito? Tenho a cara suja de algo? — falou com a boca cheia.

— Nada, nada, meu jovem... é apenas espantoso que haja um homenzarrão como você, sem casa, sem família... apenas por aí em busca de dinheiro e confusão.

Zalo deu de ombros antes de responder:

— E não é isso que fazemos todos nós, homens? Andamos por aí em busca de confusão e dinheiro?

— E mulheres, não se esqueça delas.

A imagem de Juana em roupas masculinas e coberta por uma capa na noite escura veio de volta à sua mente.

— Oh, então há uma mulher — o homem disse como se tivesse feito uma grande descoberta. — Sempre há, não é mesmo?

O semblante de Zalo se fechou no mesmo instante. Ele jogou o prato com os restos de comida sobre o banco e disse com a voz dura:

— Não há ninguém.

O homem pareceu finalmente entender que ele não estava em um bom dia para falatórios. Bateu na perna esquerda como quem tem uma ideia e foi em direção à porta.

— Já o aguardam lá fora.

— Estou pronto.

Mais uma noite, mais uma luta fácil e mais um dia em que se perguntava o que estava a fazer com a sua vida. Não podia voltar para onde nascera, há muito tempo aquela vida não mais lhe pertencia. Sem lugar para voltar, sem lugar para ir. Sua vida era um barco sem destino.

De que adiantava refletir sobre tudo isso, porém, se ele iria dar bons socos e sentir-se bem em alguns minutos? Tinha tudo de que precisava bem ali.

Quando adentrou o salão aos fundos da taverna, sentiu-se enjoado com o barulho ensurdecedor que os homens faziam com dinheiro nas mãos e gritando obscenidades em suas apostas. Zalo, pela primeira vez em tempos, sentiu-se desconfiado do local onde estava.

Havia se tornado um homem do mar, e não sentira enjoo nem uma só vez em seus tempos de marujo junto a Eric. Que ele se sentisse nauseado de uma hora para outra não era um bom sinal. Respirou fundo e olhou ao redor um instante. Apenas homens bradando seu nome, implorando por sua força e suor. Nada dela. Nem um só sinal dos olhos de Juana.

Que bom, porque ele tinha certeza de que aquela não era uma noite das melhores.



QUANDO ELA DEIXOU o conforto de sua casa essa noite para adentrar as perigosas e escuras ruelas de Sevilha tinha a certeza de que não era por causa dele.

Zalo.

O nome continuava a rondar sua mente assim como o interlúdio que tiveram. Não, não podia deixar-se levar por coisas tão mundanas. Ela era uma mulher em uma missão importante.

A vida de Juan Manuel poderia estar em jogo, e não era o momento de pensar em nada mais que isso.

Essa manhã enviara um telegrama a Agustín informando que não tinha nenhuma notícia do irmão mais novo, e que Juan Manuel nem ao menos apareceu para visitá-la. Isso a estava enervando em tantos sentidos que lhe tirara o sono e a fizera escapar da cama mais uma vez, em direção à conhecida taverna.

Não era por Zalo, era por seu irmão que estava ali. Juan Manuel tinha que aparecer em algum momento e aquela era sua única pista.

Quando chegou aos fundos da taverna, as coisas pareciam ainda mais caóticas do que da última vez que ali estivera. Os homens se mostravam ainda mais ferozes, as apostas ainda mais altas, e pela primeira vez uma sensação de perigo a percorreu. Não estava com medo, porém por precaução, escolheu permanecer no fundo e subiu em um caixote para acompanhar tudo com visão ampla.

Lá estava Zalo, com olhos fixos em seu oponente, um homem preto de um metro e oitenta, tão grande quanto ele. Dessa vez ele parecia ter encontrado alguém à altura para lutar. As apostas foram encerradas e os

homens se colocaram em posição. O ar de perigo parecia quase palpável aos olhos de Juana. Ela viu dois homens sorrirem no canto, enquanto contavam o dinheiro de suas apostas.

Quando o sino tocou, Zalo não se mexeu. O outro homem o rondava como um lobo prestes a provar sua presa mais indefesa.

Algo estava errado.

Os olhos de Zalo piscaram e ele deu dois passos para trás. Seu oponente investiu e lhe desferiu um soco direto no estômago. Sem regras, essa era a única lei das lutas clandestinas. Juana quase deixou o lenço que lhe cobria parte do rosto cair, com o choque de ver Zalo apanhar.

O homem gigante cambaleou, mas manteve-se de pé. Era como assistir uma luta de Golias contra Golias, exceto pelo fato de que Zalo parecia não reagir. Outro golpe no estômago, mais um no rosto e ele estava encurralado na parede. Será que ele ia se deixar vencer?

— Vamos, reaja! — viu a si mesma sussurrando.

O adversário de Zalo preparava-se para um golpe final quando soldados uniformizados invadiram o salão. Juana logo os reconheceu como a Guarda Civil. Um pandemônio formou-se com homens correndo de um lado para outro, tratando de tentar escapar da polícia enquanto apostadores faziam de tudo para não serem roubados. Uma briga generalizada tomou conta do local, entretanto Juana não se esqueceu do principal: Zalo.

Ele se encontrava de olhos fechados encostado na parede, parecendo incrivelmente fragilizado, apesar de sua estatura.

Sua visão privilegiada por estar em cima do caixote a fez ver o momento em que o homem que lutava com Zalo se aproximava dele com um punhal em mãos. Seu grito de horror soou alto o bastante para chamar a atenção de alguns homens ao seu redor.

— Não!

Sua negativa não impediu de enxergar Zalo sendo apunhalado de forma apavorante. Suas pernas ganharam vida e ela se viu jogada no meio dos homens que se perdiam na confusão, a fim de chegar até ele.

— Ei, docinho, venha comigo. — Uma mão segurou em seu braço e só então Juana percebeu que estava com o rosto e os cabelos descobertos.

— Solte-me — bradou e desferiu um tapa no sujeito. A dor fez o homem soltá-la. Estava livre, livre para correr e ajudar Zalo.

— Deixe ela comigo, parceiro. — Não havia dado nem ao menos dois passos em direção ao outro lado da grande sala quando braços pesados a envolveram. — Ei, gracinha, vamos ali atrás comigo um pouquinho. — O homem de hálito fétido começou a apalpá-la.

Lembrou de quando brigava com os irmãos, mais altos e mais fortes, e ela sempre dizia que não se importava em lutar contra eles um de cada vez. Era o que iria fazer para chegar até Zalo.

Exceto que dessa vez os braços que a envolviam a estavam deixando quase sem respirar. Começou a ser arrastada em meio à confusão. Gritou por ajuda, mas o som da balbúrdia era mais alto que sua voz. Estava prestes a perder as esperanças quando sentiu que o corpo que a rodeava ficou mole de repente, para em seguida ir ao chão.

Olhou para trás e encontrou um homem com o uniforme da Guarda Civil. Ele era alto e de cabelos longos, presos por uma espécie de borracha na altura da nuca. Suas medalhas no peito indicavam uma alta patente.

— *Señorita...* — Observou-a, reparando em seus trajés. — Devo chamá-la de *señorita*, suponho.

— Sim... por favor, preciso de ajuda.

— Trabalha na taverna?

— Não...

— Então terá que se explicar na estação da Guarda Civil...

— Espere... por favor, espere. — Ela apontou para Zalo — Meu... meu amigo acaba de sofrer um atentado.

O homem suspirou e a observou atentamente por um momento. Ao redor, gritos eram dados, e apenas os mais bêbados restavam no salão.

— *Mi señor*, eu imploro. Ajude-me.

— Certo, leve-me até ele.

Desviando-se da confusão, enquanto cavalheiros trôpegos tentavam inutilmente correr ou evitar a iminente prisão, Juana levou o homem ao outro lado, onde Zalo estava caído no chão.

— Como se chama? — perguntou o oficial.

— Zalo, Gonzalo Montoya — disparou, tensa demais já tratando de verificar a ferida do homem em seus braços.

— Não ele, você.

— Chamo-me Juana.

O oficial a encarou com curiosidade antes de também abaixar-se e dar uma boa olhada em Zalo.

— Se ele não morrer, farei com que um médico o verifique na prisão.

— O quê? Vai levá-lo preso nessas condições? — perguntou ultrajada.

— Acredite, já prendi homens em situações piores.

— *Señor, señor*, temos mais de trinta homens para levar. — Um outro oficial apareceu, apressado.

— Trinta e um, contando com este daqui. — Os olhos dela se arregalaram e puro medo a invadiu.

— Não vou permitir que o leve.

Juana tirou a capa que escondia suas formas femininas e pousou-a sobre o corpo descoberto de Zalo.

O homem estava apenas em calças e sangrando, por *Diós*.

— Não creio que a *señorita* esteja em condições de dar nenhuma ordem aqui. Vamos, levem-no.

— Sim, *señor* Javier.

Foi quando a mente de Juana se atentou ao nome chamado. Aquele só podia ser Javier García, o chefe da Guarda Civil em Sevilha. O homem que ajudara a prender o assassino do anterior Duque de Granada.

O mundo era pequeno, mas ainda assim Juana queria se estapear por não haver pensado antes em quem poderia ser aquele oficial.

— Javier... *Señor* Javier García? — disse com o máximo de controle que sua mente lhe concedia, pois estava a ponto de gritar.

— Sim..., mas creio que não nos conhecemos, verdade? Eu certamente me lembraria.

— O senhor conhece meu... quero dizer, temos conhecidos em comum. Sou a dama de companhia da Duquesa de Granada, *Doña* Letizia Navarro.

— Pelos santos, mulher, o que faz em um lugar como este?

— Estou à procura de uma pessoa..., mas isso é algo que não lhe convém, *señor* García. — Ele pareceu impressionado por sua ousadia em repreendê-lo. — Agora, irá me ajudar ou não? Porque não permitirei que leve este homem sob custódia.

Javier levantou-se e andou de um lado a outro, dois oficiais da guarda se aproximaram e franziram o cenho ao verem o chefe coçar a cabeça e fitar a jovem dama ao chão com um corpo ensanguentado.

— Está bem! Mas saiba que o farei apenas por minha boa relação com o Duque de Granada. Terá que provar ser quem é, *señorita*.

— Tem a minha palavra.

— Por enquanto, vai ter que servir. — Com um suspiro, encarou os homens que olhavam atentamente a situação. — Homens, ajudem a dama a levar o sujeito para minha carruagem pessoal. *Señorita* Juana, pedirei que a escoltem até sua residência...

— Nem pensar. Onde Zalo for, eu irei.

Ela se agarrou à pele descoberta do homem que gemia de dor por um instante, sem conseguir falar. Ela não o abandonaria, nem permitiria que fosse preso. Não teria paz em sua mente se o fizesse.

A sala estava finalmente em silêncio, a frase de Juana ecoou no local como o pedido de um condenado que implora por piedade. Javier lançou outro suspiro em direção à jovem e assentiu.

Quando os homens fizeram com que ela soltasse o corpo de Zalo e começaram a carregar seu gigante amigo, ela soube que havia ganhado uma batalha pela qual valia a pena lutar.

CAPÍTULO 05

Zalo não se lembrava da última vez em que sentira tanta sede em sua vida. Sua boca estava seca como o mais árido deserto. Tentou levantar um dos braços, mas seu corpo parecia pesado como uma tonelada de sacos de batata. Seus olhos doíam, era como se tudo nele o aconselhasse a manter-se de olhos fechados e entregar-se à escuridão.

Não sabia o que tinha acontecido, mas só acordava desse jeito depois de uma boa noite de brigas e bebidas. Essa com certeza deve ter sido uma noite e tanto.

— *Señor Zalo...* — uma doce voz o chamava.

Era a mesma história todas as noites, ele sonhava com uma espécie de criatura mitológica de olhos cor de mel e pele aveludada. Em seu sonho ela corria por uma floresta, chamando-o docemente enquanto adentrava as árvores frondosas, olhando para trás, incitando-o a acompanhá-la.

— *Señor Zalo...* — ouviu a voz dizer outra vez e de repente um toque cálido e suave lhe veio sobre o rosto.

Espere um momento... como era possível ele sentir um toque tão real em um sonho?

Lá estava outra vez, a mão o acalentando e a voz implorando, chamando seu nome. Decidido, Zalo lutou contra as barreiras de seu corpo e abriu os olhos. E lá estava, a face que ele jamais esqueceria. A boca rosada, os cabelos cacheados e os olhos cor de mel o encarando.

— Olá, bem-vindo de volta — viu-a dizer com genuína afeição em seu rosto.

Foi tentar falar, porém teve um acesso de tosse.

— Cuidado, por favor, cuidado, não se esforce muito.

— Por... onde estive? — conseguiu dizer dessa vez.

— Onde esteve? — questionou Juana com o cenho franzido.

— Você disse: bem-vindo de volta.

Ele a viu sorrir e ajeitar-se na cadeira em que estava sentada, próxima à cama onde repousava.

Uma cama, um quarto... ele olhou ao redor. Estava em um quarto simples, onde uma cômoda se encontrava do lado esquerdo, a cama que mal

o cabia no meio e duas cadeiras velhas de madeira à direita. A porta se encontrava aberta e ele podia ouvir vozes de um corredor não muito longe.

— Sempre piadista — Juana disse, ajeitando-se melhor na cadeira.

— Eu tento... — pigarreou e desistiu de falar.

— Não se esforce tanto, graças a Deus o pior já passou.

— O que houve?

— Não se lembra? A luta. Você recebeu um golpe de punhal e...

De repente tudo começou a vir à tona em sua mente. A noite, sua conversa com o dono da estalagem, seu oponente da luta... lembrou-se que tudo girava e que sentia-se fraco, como agora.

— Eu... eu acho que fui drogado... pelo dono da estalagem. Ele me deu algo para comer e beber... e logo em seguida comecei a me sentir muito mal...

— Foi o que o médico pensou. Ele desconfia que um láudano o fez dormir por todo esse tempo.

— Há quanto tempo estou aqui? Onde estou? Preciso... — Fez um movimento para sentar-se na cama, mas foi como se tivesse recebido um soco no estômago.

— Não, não se movimente tanto, pois o doutor demorou um bom tempo te dando pontos.

— *Maldición* — rosnou Zalo. — A única pessoa tão boa com um punhal está a um oceano de distância.

— Sim... e também é a mesma pessoa que faria um excelente trabalho te remendendo.

Ambos se olharam ternamente ao lembrarem-se de Isabel, a Baronesa de Altamira, esposa de seu melhor amigo. A mulher era filha de um médico e aprendera com o pai a cuidar dos doentes. Agora era uma das primeiras mulheres em todo o México a colocar os pés na faculdade de medicina.

— Contarei tudo que queira, mas precisa prometer-me que ficará bem e de repouso pelos próximos dias. Estive muito preocupada, *señor* Zalo.

Ele acenou com a mão em uma mofa à sua formalidade.

E então começou a ouvir como foi realmente a noite em que se machucou. Como Juana não permitiu que fosse preso, apesar de moribundo, e também que a própria Guarda Civil o levara para uma pequena estalagem nos arredores de Sevilha, onde estava desde então.

— Dormi por um dia e meio?

— Sim, nós ficamos muito preocupados.

— Nós?

— O *señor* Javier García, chefe da Guarda Civil, tem vindo vê-lo desde a noite que chegou. Além do mais, é ele quem está arcando com as despesas médicas e também com a estalagem. Não tenho palavras para agradecê-lo por isso.

— Pois eu tenho contas a acertar com esse homem. Não quero saber de desconhecidos me bancando.

Ele a viu morder o lábio inferior, e uma pontada de desejo surgiu em meio a dor e a confusão em que se encontrava seu corpo. Poderia ficar horas encarando-a, pois a mulher o intrigava.

— Obrigado, Juana.

— Não há o que agradecer, *señor* Zalo. Creio que agora minha dívida com o senhor está paga.

— Nunca houve dívida alguma...

— Para um homem do mar, o senhor se esquece de seus próprios juramentos. Salvou-me mais de uma vez... era meu dever retribuir.

— Então apenas por isso ajudou-me?

Um silêncio percorreu o cômodo, e Zalo pôde ver como as bochechas de Juana se tornavam rosadas.

— O que quero dizer é que o faria por qualquer um — falou e levantou-se da cadeira, ajeitando a longa saia que vestia. — Tenho que ir, preciso estar em casa às duas para o almoço.

— Obrigado pela visita... e por tudo.

— Não há de quê, *señor* Zalo. E cuide-se bem, o médico virá vê-lo hoje à noite.

Ele apenas assentiu, aceitando a informação e espiando cada parte de suas feições para guardá-las na memória.

Ela estava pronta para partir, próxima ao batente da porta quando a chamou outra vez:

— Juana!

Viu-a virar-se, com um pequeno sorriso nos lábios, e parecia que o próprio sol havia iluminado a habitação.

— O que foi?

— Obrigado... mais uma vez.

Ela apenas assentiu e ele a viu partir, de certa forma, foi como se a luz que iluminava todo o ambiente também tivesse ido com ela.



O TELEGRAMA em suas mãos não trazia boas novas.

Agustín lhe escrevera informando que Juan Manuel mandara notícias, e não das melhores. O jovem de vinte e um anos aparentemente havia deixado Sevilha e partido em direção à capital, Madrid. Se as oportunidades para arrumar encrenca já eram grandes na Andaluzia, que dirá no centro do país.

O coração de Juana se apertou por um momento. Não entendia por que o próprio Agustín não ia atrás do irmão para levá-lo novamente à casa. Provavelmente as coisas estavam caóticas na propriedade onde ele era administrador e não poderia se ausentar nesse momento. O irmão lhe escrevia provavelmente para deixá-la avisada de que não devia mais esperar encontrar Juan Manuel em Sevilha, porém tudo que fizera fora deixá-la ainda mais preocupada com a situação.

Juan Manuel em Madrid... metendo-se sabe-se lá com que tipo de gente. Ela precisava agir.

— Aconteceu alguma coisa, Nita? — ouviu a voz de Letizia perguntando, parada na porta.

— Não... quero dizer, apenas meus irmãos, que um dia me deixarão louca. — Tratou de logo esquivar-se do assunto, enquanto não concluía o que deveria fazer.

— Mas esse é o mal de ter cinco homens como irmãos, não é mesmo? — A duquesa sorriu com graciosidade, Juana a acompanhou. — Por onde esteve essa manhã?

— Fui caminhar... apenas.

— Hmm, esse seu olhar não me engana. Está a aprontar alguma coisa. Afinal, com quem mais aprendi a escapar de um lugar para o outro?

— Um de meus irmãos me preocupa... só isso.

— Tudo bem, conte-me depois o que se passa nessa cabecinha.

— Com licença, *Doña* Letizia, o jantar está servido — a criada bateu à porta e lhes avisou com uma voz suave.

— Pelo que conheço de papai e Andrés, já estão sentados à mesa nos esperando. — Foi a duquesa quem falou e ambas gargalharam.

A refeição em família foi calma e harmoniosa como costumava ser. *Don* Ramiro estava encantado com o nascimento de Amaia, e agora todos os movimentos da criança tornavam-se assunto das reuniões familiares.

Por mais que o jantar entre os familiares fosse prazeroso, a mente de Juana não deixava de pensar em duas coisas: Juan Manuel e Zalo.

O primeiro, porque era jovem demais e poderia acabar ferido; o segundo porque já estava ferido e lhe corroía saber como passava. Por conta disso, mostrou-se distraída em meio aos risos e comentários.

— O que acha, Juana? — ela escutou a voz do duque dizendo seu nome ao longe e a conversa finalmente captou sua atenção.

— Perdão, o que disse?

— Parece estar demasiado distraída essa noite, querida — foi *Don* Ramiro quem lhe deu uma leve reprimenda.

— Desculpem-me. Poderia repetir o que dizia, Vossa Graça?

— Estava perguntando se não deseja ir conosco para casa, a fim de ficar por mais uma temporada.

Em silêncio, Juana olhou para *Don* Ramiro e afastou o olhar logo em seguida.

— Poderá ir, Juana, se assim desejar.

— Muito obrigada, *Don* Ramiro.

— Não seria excelente que Juana encontrasse algum pretendente em Granada? A primavera é um bom momento para casamentos ao ar livre...

— Letizia começou.

— Creio que Juana sabe muito bem que o dever dela é cuidar de mim e desta casa. Matrimônios não estão inclusos — o pai de ambas disse de forma cortante, trazendo mal-estar para a mesa. — Não é mesmo, Juana?

— Sim, *Don* Ramiro — a jovem concordou com um suspiro.

Letizia, por sua vez, abriu a boca a fim de protestar, mas a mão cálida do marido pousou em seu braço. Eles trocaram olhares confidentes enquanto o duque negou com a cabeça.

Juana, entretanto, sabia que havia batalhas pelas quais não valia a pena lutar. Ao menos não por enquanto. Ainda assim seu sonho lhe veio à mente, um local só dela, com uma família para cuidar com amor e carinho.

Ela se perguntava se, para mulheres como ela, sonhos podiam tornar-se realidade.

CAPÍTULO 06

Ela prometeu a si mesma que não estava saindo de casa para visitá-lo, por isso, quando a ideia de alugar um coche e ir até a estalagem lhe passou pela cabeça, ela logo a afastou. Afastou da mesma forma que deveria afastar-se de Gonzalo Montoya. O homem emanava perigo e descontrole, Juana podia sentir, porque tinha bom faro para ambos. E havia passado grande parte de sua vida mantendo-se longe de perigos e lutando para manter o controle de alguma coisa.

Por outro lado, o controle sobre as pessoas que amava lhe escapava por entre as mãos. Letizia já não era uma menina inocente que lhe seguia os passos orgulhosamente, e seu irmão mais novo... bom, Juan Manuel poderia estar agora mesmo em sérios apuros.

O telegrama de Agustín chegara dois dias atrás tirando-lhe a pouca paz que lhe restava. Enquanto analisava as flores em uma banca próxima à casa dos Fuentes, perguntava-se se o que tinha em mente era arriscado demais.

Talvez mais arriscado ainda fosse deixar que o tímido Juan Manuel, que sempre vivera na fazenda entre os animais, se perdesse em alguma esbórnica na capital. Ela tinha que encontrá-lo e certificar-se que ele estava inteiro e colocá-lo no primeiro trem de volta para casa. Para isso, sua ideia era ir até Madrid em busca do irmão. Como ela o faria sem que *Don* Ramiro soubesse, era o que mais a intrigava no momento.

O que faria quando chegasse a Madrid? Como o encontraria naquele mar de gente? Se ele ainda estivesse metido em lutas clandestinas, como descobrir de forma rápida e efetiva onde ficavam tais locais? Visitar os bordéis de Sevilha, onde era parcialmente conhecida, era uma coisa, agora ir de porta em porta nos bordéis de Madrid... era arriscado demais.

E se...

Não, tratou de afastar a ideia no mesmo instante, entretanto, quem melhor para instruí-la em como encontrar as ditas lutas do que o melhor lutador que ela conhecia?

Para isso teria que ir até ele e pedir sua ajuda, mais uma vez. Juana não gostava de pedir nada a ninguém, isso significava que ela deveria algo a essa pessoa. E o saldo das dívidas entre ela e o *señor* Montoya estava

finalmente equilibrado..., mas o que ela não fazia por seus amados irmãos, não é mesmo?

Com um plano em mente, observou as flores mais uma vez. Decidiu levar um ramo de cravos bem coloridos. É o que ela gostaria de receber, caso estivesse doente.

No entanto, não seria ousado demais levar flores para um homem? Muito mais sendo ela uma mulher solteira? De qualquer forma, seria ainda mais escandaloso ir visitá-lo de mãos vazias. Deixando os maus pensamentos de lado, pagou pelas flores e foi em busca de um coche de aluguel. Precisava se apressar, iria visitar Zalo.



ZALO TENTAVA LEVANTAR-SE da cama quando Juana bateu em sua porta.

— *Señor Zalo!* — ouviu-a chamar.

— Pode entrar. — Ele queria recebê-la de pé, entretanto seu abdome ainda reclamava cada vez que tentava se mover.

— O que está fazendo? — ouviu-a dizer horrorizada, encontrando-o apoiado na pequena cadeira, tentando manter-se ereto. — Venha, eu lhe ajudo a se sentar.

— Não preciso me sentar, preciso me exercitar.

— Foi isso que o médico lhe disse? — Juana perguntou quando encaixou seu ombro sob o braço de Zalo.

O contato o fez suspirar, pois pôde sentir o corpo dela junto ao seu, o perfume de flores lhe invadiu a mente.

— Não ficarei quinze dias prostrado em uma cama.

— Deve seguir as ordens médicas, *señor Zalo*.

Ele sentou-se na cama e ela afastou-se dele, trazendo um súbito frio ao corpo de Zalo.

— Se eu fizer o que aquele velho ranzinza quer, me tornarei um inválido.

— Mas o senhor está inválido. — Ele arregalou os olhos. — Acaso não percebeu a gravidade de seu ferimento?

— Já enfrentei coisas piores do que aquela lâmina minúscula. Não se preocupe.

— Não estou preocupada, o senhor já é grandinho o suficiente para se cuidar.

Aquilo doeu. Ele acreditou por um momento que ela estava com muita preocupação por seu machucado. De certa forma, aquilo deixava seu ego ferido, e era pior do que qualquer punhalada que ele pudesse levar.

— *Bueno...* — Recostou-se no espaldar da cama. — Se não está preocupada, o que a traz de volta?

Juana levantou a sobancelha esquerda e soltou um pequeno barulho com a boca que ele achou divertido. Prestar atenção em Juana estava sendo seu único entretenimento em meio à dor e ao cansaço da convalescença. Zalo observou os olhos dela caminharem sobre a cama, e viu um pequeno buquê apoiado próximo aos seus pés.

— Isso seria para mim? — Apontou para as flores.

— Oh... não... quero dizer, sim. São para você. — Ela lhe entregou os ramos de cravos das mais diversas cores. — Não achei apropriado vir visitá-lo de mãos vazias. Não precisa aceitar, se não quiser.

Se as flores tivessem sido entregues por qualquer outra pessoa, Zalo as descartaria e debocharia do gesto, mas ele jamais riria de Juana. Com ela? Provavelmente. Dela? Jamais.

— Eu as aceito. Obrigado.

Ele cheirou as flores por um momento e pensou que nunca em um milhão de anos se encontraria em uma situação como essa; recebendo flores de uma mulher. Se Eric ou os marujos do navio Casanova soubessem disso, gargalhariam por dias.

Juana assentiu e juntou as mãos uma na outra em um gesto ansioso.

— Estou encantado com sua visita, Juana, porém preocupa-me que isso possa de alguma forma manchar sua reputação.

— Quer que eu me vá? — Seus olhos pareciam escrutinar cada pedaço do seu rosto.

— De forma alguma, apenas me preocupo com você.

— Não precisa se preocupar, *señor* Zalo. Mulheres como eu, não importa o que façam, sempre terão a reputação que os outros desejam que tenhamos.

A frase foi recebida com silêncio. Sem saber muito bem o que dizer, Zalo apontou para a cadeira próxima à cama para que ela se sentasse. Juana obedeceu, tomando o cuidado de ajustar a saia. Ela usava um bonito vestido

de algodão roxo. Sua blusa era branca e o corset, moderno, ficava à vista em uma espécie de cinto. Combinava com ela, pensou.

— Ainda assim, *señorita*, me preocupo.

— Tomei minhas precauções. A porta está aberta, além disso pedi à esposa do estalajadeiro que venha nos servir um pouco de chocolate quente. Isso assegurará que nada inadequado ocorra nesse aposento.

Zalo apenas assentiu, é claro que ela havia tomado suas precauções, lhe estranharia se não fosse o tipo de mulher que pensasse em cada um de seus passos.

Um silêncio permeou o quarto enquanto ambos se encararam. Apesar de estar completamente vestido em calças e com uma comportada camisa abotoada, ele sentiu a necessidade de tapar-se com o lençol. Os olhos de Juana eram sempre questionadores, era como se vissem mais do que ele gostaria de mostrar.

— *Señor Zalo*, vim para verificar como anda sua saúde, mas também vim porque tenho uma curiosidade.

Se ela tinha interesse em algo, ele também tinha, em várias situações. Aliado ao fato de que ele ainda não sabia como ela tinha ido parar naquela taverna na noite em que se feriu.

— Então somos dois, *señorita*, mas deixarei que fale primeiro.

Ela pigarreou e pela primeira vez em... bom, pela primeira vez desde sempre, ele percebeu que a jovem parecia indecisa quanto ao que ia dizer.

— Na verdade, a dúvida é para uma amiga...

— Uma amiga?

— Sim. — Ela tossiu de verdade dessa vez.

— Encontra-se bem?

— Sim, sim... acho que é apenas a brisa vinda da janela que me pegou abruptamente. A questão, *señor Zalo*, é: se uma pessoa quisesse encontrar lutas... como as que o senhor participa, em Madrid, qual o melhor lugar?

Zalo piscou duas vezes, surpreso demais com a declaração da mulher.

— *Perdón?* — O questionamento saiu de sua boca antes mesmo que ele pudesse pensar em outra coisa.

— Sei que pode parecer estranho...

— Pareceria estranho vindo de qualquer pessoa... menos da *señorita* — suspirou. — Não terá uma palavra minha enquanto não disser a verdade.

— O que está querendo dizer...

— Estou querendo dizer que sei que não há amiga alguma — sua voz soou mais dura do que ele gostaria.

— Como...

— Como sei? Porque nenhuma dama jamais pediria por algo assim. Apenas você, Juana, que não é uma dama qualquer. Não há nenhuma outra como você.

Ele a viu corar por um breve momento para logo em seguida algo brilhar em seus olhos. Seria raiva?

— Não tomarei isso como um elogio, *señor Zalo*.

— Não? Pois deveria.

— Logo vejo que é uma perda de tempo essa conversa. — Ela levantou-se e ele a viu preparando-se para sair do quarto.

— É a minha vez agora.

— Sua vez de quê?

— De que responda uma pergunta minha.

— Como ousa? Pois se não respondeu nem mesmo a minha — sua voz soou alterada e seus olhos flamejaram. Zalo segurou-se para não rir. Ela ficava adorável com raiva.

— Façamos um acordo. Responderei o que quiser a respeito das lutas que frequento — ele viu um lampejo de interesse passar por seus olhos —, contanto que responda às minhas perguntas.

— Até onde sei, estávamos falando de apenas uma pergunta.

— É tudo ou nada.

Zalo a viu suspirar em rendição. Juana caminhou pelo quarto para sentar-se frente a ele outra vez.

— Muito bem, o que quer saber? — perguntou a dama.

Suas narinas se abriram em antecipação, não tinha ideia do que estava por vir, porém precisava saber a verdade através dela.

— O que fazia sozinha a altas horas da noite no dia... — viu-a levantar a sobancelha — naquele dia.

Ela respirou fundo, parecia pensar bem no que iria dizer.

— Pode guardar segredos, *señor Zalo*?

— Pode parar de me chamar de *señor Zalo*?

— Do que o chamarei então, *Diós mío*?

— Zalo... apenas Zalo.

— Não concordo, isso seria íntimo demais.

Zalo abriu os braços e afundou a cabeça no travesseiro um instante.

— Você quer mais intimidade do que isso? Mulher, por *Diós*.

De repente o clima do quarto pareceu quente demais para ambos. Ele prestou atenção no que havia dito e percebeu que nenhuma intimidade com Juana seria suficiente.

— Certo, señ... Zalo — disse ela balançando a cabeça, sendo finalmente derrotada.

— Juana. — Sua voz finalmente voltou a um tom informal. Já era difícil ser corpulento e forte provocando medo em desconhecidos. Não queria causar nenhum tipo de temor a ela.

— Bem... o que quero dizer — começou ela, captando a atenção dele — é que estou com um problema familiar.

Familiar? Ela tinha ainda mais sua atenção nesse momento. Juana tinha uma família. Queria saber cada coisa a respeito dela, principalmente se ela tinha problemas familiares.

Então ela começou a contar sobre seus cinco irmãos e a carta que recebeu do mais velho, Agustín, informando que o caçula, Juan Manuel, poderia estar em apuros em Sevilha.

— E então decidiu procurá-lo pelas tavernas da cidade?

Ela parecia estar escondendo algo mais, porém ainda assim assentiu.

— Foi a forma que encontrei de tentar ir até ele.

Esperto, porém extremamente perigoso.

— E tem certeza de que ele está metido com as lutas? — Ela assentiu.
— Bom, e quanto a Madrid...

— Recebi um telegrama de Agustín em que ele diz que Juan Manuel deu notícias falando que estava em Madrid, e pedindo para eu ficar despreocupada sobre encontrá-lo aqui.

— E então? Por que não está despreocupada?

— Porque Madrid é muito mais perigosa do que Sevilha para quem está nesse tipo de... diversão — disse a última palavra em um sussurro.

E tinha razão, a capital não era para amadores. Ele lutava por divertimento, pela adrenalina, mas muitos homens por aí não encontravam limites quando o assunto era violência. Muitas lutas eram até a morte.

— E quer saber sobre as lutas em Madrid por que... — De repente a ideia do que ela planejava fazer lhe veio à mente. Seus punhos se cerraram

e rangeu os dentes sem perceber. — Não! Não, Juana, é uma ideia tola, para não dizer, perigosa.

— Não depende de você, Zalo.

A forma como ela falou seu apelido o afetou.

— Não permitirei que cometa tamanha sandice.

— Não preciso da sua permissão.

— Pois muito bem, encontrarei alguém para quem você deva e farei o possível para impedi-la.

Ambos cruzaram os braços.

— Pensei haveremos combinado de que me contaria o que preciso.

— E eu pensei que a senhorita fosse mais inteligente do que demonstra.

Ele viu quando ela moveu os lábios para a direita, sinal de que ela havia se sentido insultada. O arrependimento pelas palavras logo lhe abateu.

— Desculpe-me, não quis ofendê-la.

O silêncio se seguiu enquanto a esposa do estalajadeiro apareceu sorridente com uma bandeja de chocolate quente e pedaços de bolo. Eles esperaram a mulher deixar os apetitosos pratos sobre a mesinha de cabeceira.

— Juana... — começou quando estavam sozinhos outra vez. Ela levantou a mão esquerda, interrompendo-o.

— Eu sei que não quis me ofender. Na verdade, me sinto lisonjeada por sua preocupação, entretanto a dispenso. Posso muito bem cuidar de mim mesma...

— Eu acho...

Uma voz masculina os interrompeu da porta.

— *Buenas tardes*. — Ele voltou-se em direção à voz e viu um homem alto e de cabelos pretos em um uniforme da Guarda Civil. — Espero não estar atrapalhando.

— E esse agora, quem é? — disparou, cansado de interrupções.

Estava com dor e preocupado, mas sua raiva chegou ao limite quando percebeu que o homem observava Juana atentamente.

— Zalo, este é o *señor* García. Ele é o chefe da Guarda Civil em nossa cidade. Foi ele quem me ajudou a trazê-lo a esta estalagem e pagou por todas as despesas médicas.

— Mmm — Zalo quase rosnou.

— É um prazer conhecê-lo, *señor* Zalo... — o homem começou.

— Gonzalo. Gonzalo Montoya — cortou.

— Claro, claro. Fico contente de que esteja se recuperando.

— Como vê, estou vivo.

Zalo não tirou os olhos de Juana enquanto trocava frases com o visitante desconhecido. Um incômodo silêncio se abateu no quarto. Era possível ouvir o barulho das charretes e de comerciantes berrando do lado de fora, na rua.

— Acredito que seja melhor eu partir. O cocheiro disse que não poderia esperar por muito tempo e...

— Posso levá-la em casa se desejar, *señorita* Juana.

— Não! — Juana e Zalo falaram ao mesmo tempo, sendo ele de maneira mais incisiva. Javier García observou a ambos com curiosidade.

— Agradeço sua oferta, *señor* García, mas não é necessário. — Levantando-se da cadeira, eles trocaram um olhar. — Zalo, eu...

— Retorne, Juana. Ainda não terminamos nossa conversa.

Ela deixou o quarto e Zalo apertou os punhos enquanto encarava o tal chefe da Guarda Civil. Ambos os homens se observaram em silêncio durante vários segundos.

— Diga-me quanto lhe devo e acabamos com isso de uma vez. — Ajeitando-se melhor na cama, Zalo se apoiou na mesinha e pôs-se de pé.

Não importava a dor ou o desconforto em suas entranhas. Ele não teria essa conversa deitado como um moribundo.

— Não me deve nada, *señor* Montoya. Encare-me como um bom samaritano, apenas.

Nem por um barril de xerez Zalo aceitaria algo de graça do homem.

— Eu recuso sua bondade, *señor* García. Assim como recuso qualquer outra coisa vinda do senhor. Farei com que receba o dinheiro que lhe devo.

— É um homem orgulhoso, *señor* Montoya — o homem disse com escárnio.

— Sou muitas coisas, orgulhoso é apenas uma delas.

— Entendo.

— Não, não entende, porém eu o farei entender. — Com três passos rápidos, que lhe custariam algumas horas extras de dor logo mais à noite, Zalo se pôs frente a frente ao visitante. — Fique longe dela.

— Quem? Juana? — O homem deu um sorriso de lado.

— Sim, da *señorita* Juana — enfatizou.

O silêncio encheu o quarto outra vez, até que foi quebrado pelo oficial.

— Nada como um desafio, não é mesmo, *señor* Montoya?

E se foi, antes de permitir que Zalo dissesse qualquer coisa.

Com inúmeras imprecações ele voltou para a cama, não sem antes se perguntar quantas vezes aquela situação iria se repetir em sua vida: querer algo que nunca lhe pertenceria.

CAPÍTULO 07

N o dia seguinte Juana se viu bastante atarefada, e passou boa parte da manhã pensando em uma forma de sair de casa sem chamar a atenção da família. Precisava terminar sua conversa com Zalo, agora que o plano de ir para Madrid se formava com ainda mais exatidão em sua mente. E tinha que partir para a capital o mais rápido possível.

Foi durante o almoço, entre as conversas amenas, que decidiu o momento de escapar. Sairia logo após a refeição, quando todos estivessem fazendo a sesta. Com sorte não demoraria e poderia retornar antes que despertassem de seus demorados cochilos.

Quando a casa finalmente ficou em silêncio, ela percebeu que era o momento ideal.

— Aonde vai? — Letizia adentrou o quarto enquanto ela vestia as luvas.

— *Cielo santo*, Letizia, me assustou. — Com a mão sobre o peito, deu meia-volta e viu a irmã encostada no batente da porta. — Vou à modista.

Devia ter deixado essa porta trancada.

— Que ótimo, pois vamos juntas. Assim posso comprar mais vestidos de verão para Amaia.

Juana ficou em silêncio, enquanto mordida os lábios nervosamente.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por quê? — Silêncio. — Nita, estou esperando.

— Bom... porque não quero que veja meus vestidos novos.

Letizia começou a rir, tomando o cuidado de entrar e fechar a porta olhando sobre os ombros, verificando se não acordaria a casa toda.

— Sabe o que parece? Que você está escondendo algum... Ah, meu Deus, é isso! Você não vai à modista, não é mesmo?

Juana suspirou e fechou os olhos por um instante.

— Letizia...

— Não me deixe morrendo de curiosidade e nem tente mentir para mim. Você me ensinou a enganar como ninguém, sei muito bem quando está escondendo algo.

Com um cair de ombros, Juana sentou-se na cama e deu uma leve batidinha no colchão indicando o lugar para que Letizia se sentasse. A duquesa por sua vez não perdeu tempo e se colocou ao lado da irmã.

— Certo, não vou mentir para você. Tem uma coisa acontecendo, e de certa forma, talvez você possa até mesmo me ajudar.

— Pois conte de uma vez.

— Tudo começou quando recebi a carta de Agustín...

E assim a jovem narrou a aventura na qual se metera envolvendo a busca pelo irmão mais velho e o encontro com Zalo. Evitando dizer, é claro, sobre o beijo trocado com o homem que agora convalescia.

— Não posso acreditar que tudo isso tenha acontecido enquanto você continuava a fingir que as coisas estavam bem. E aonde está indo agora?

— Vou visitar o *señor* Zalo. — Decidiu não contar ainda seus planos de fuga para Madrid. — Ele ainda está se recuperando e me preocupo com sua saúde.

— Entendo... como fez para visitá-lo, da última vez?

— Usei um coche de aluguel...

— Use meu cocheiro dessa vez. É mais seguro. Ficarei de guarda caso *papá* se levante mais cedo da sesta. Melhor, podemos sair juntas. Irei realmente à modista enquanto você visita o *señor* Zalo.

— Faria isso por mim?

— Isso e muito mais, Nita. — Elas deram as mãos.

— Obrigada, irmã.

— Precisa aprender a dividir o que passa aí dentro. — Letizia tocou a têmpora de Juana, que sorriu. — Venha, vamos antes que papai ou Andrés despertem.

As mulheres se prepararam para a excursão secreta arrumando-se prontamente. Juntas, subiram na carruagem e fizeram o percurso com um sorriso cúmplice de quem aprontava travessuras.

— Dê minhas estimas de melhoras ao *señor* Zalo — Letizia disse quando o coche parou em frente à modista e ela desceu do veículo. — E não deixe de perguntar por Isabel e Eric.

Juana apenas assentiu. Mexendo as mãos e entrelaçando os dedos uns nos outros, ela observou o caminho em direção à estalagem. Letizia organizou os preparativos para a saída rápida, e graças aos céus não fez

muitos questionamentos sobre a montanha de coisas que levava em uma trouxa.

Havia livros, um bolo e cobertores decentes, enrolados com cuidado para melhor conforto de Zalo. Estar doente poderia ser ainda mais desesperador quando se era uma pessoa tão ativa como o *señor* Montoya.

Quando a carruagem chegou, Juana fez o que sempre fazia. Cumprimentou os donos da estalagem e pediu uma bandeja com chocolate quente para os dois. Subiu as escadas e bateu na porta suavemente.

— Entre — a voz grossa soou do outro lado, levando a ela uma sensação indescritível de antecipação.

— Olá, Zalo — disse assim que abriu a porta por completo, deixando-a escancarada. — Posso entrar?

— Fique à vontade. — Ele estava sentado com os pés para fora da cama, como quem observava a janela. — Vi quando sua carruagem chegou.

— Essa posição não é incômoda? Talvez se ficasse deitado...

— Não estou tão mal assim. Cada dia me sinto mais forte, e já disse que o ferimento não foi tão profundo.

— Certo.

— Nada de flores hoje? — Ele se recostou, colocando as pernas sobre a cama. Parecia cômodo com sua presença.

— Não, mas trouxe algo ainda melhor. — Entrando completamente no quarto, Juana pôs a pequena trouxa sobre a única mesa do ambiente e começou a desfazer o nó.

— Estou curioso.

— Não fique tão animado. Talvez não goste tanto assim do que é. — Ela começou a retirar os objetos do vistoso tecido que os envolvia. — Sei que ficar de repouso pode ser inteiramente entediante, por isso trouxe alguns livros, além de um... — olhou para os lados vendo se não havia ninguém passando no corredor — além de um cobertor melhor, pois estes lençóis são muito finos e as noites parecem ser geladas. E também trouxe um bolo, pois aquele que comemos na última vez que estive aqui... por *Diós*, estava horrível.

Zalo gargalhou enquanto assentia para a jovem à sua frente.

— Não sou de reclamar, mas tocou em um ponto sensível.

— Se aquele bolo é uma pequena amostra da culinária desse lugar, é possível que você não se recupere tão cedo. — Ele riu outra vez enquanto

Juana passou a lhe entregar cada um dos objetos.

— Obrigado, Juana, de verdade.

— Ora, Zalo, não há de quê. Acredito que faria o mesmo por qualquer pessoa.

— Não, não o faria — ele falou dessa vez, sério, captando a atenção da jovem.

— Como disse?

— Por você? Talvez. Porém não sou tão magnânimo em me preocupar com outras pessoas, Juana. Isso é uma qualidade exclusiva sua, e muito admirável.

Ela sentiu suas bochechas arderem e abaixou a cabeça enquanto entregava um livro ao homem. Suas mãos se tocaram junto ao exemplar com capa de couro. Mesmo com a mão enluvada ela pôde sentir o calor dos dedos de Zalo ao tocarem os seus.

O silêncio preencheu o quarto enquanto ambos se observavam.

— *Don Quijote*? — Zalo finalmente disse.

— Sim, é o meu livro favorito. Achei que talvez... bom, espero que você goste da história.

— Lembro-me de lê-lo quando era adolescente..., porém muita coisa se apagou em minha mente.

— É uma pena.

— Por que não lê um pouco para mim?

Os olhos de Juana se arregalaram e suas mãos passam a suar frio. Ela não gostava de ler para ninguém. Quando era pequena, seus irmãos riam da forma como ela o fazia. Não conseguia ler rápido como eles e às vezes se embaralhava com as palavras. Graças a Isabel, ganhou confiança para ler em voz alta outra vez, mas sozinha em seu quarto. Os livros haviam se tornado sua melhor companhia nas noites solitárias e insones.

— Não acho que seja uma boa ideia... minha voz...

— Adoro sua voz. E de certa forma me acalmaria, pois me encontro muito agitado, sem nada para fazer aqui.

Bom, se isso o ajudasse a se acalmar de alguma forma... ela poderia se esforçar para ser bem entendida.

— Muito bem, se assim deseja...

Sentou-se na cadeira próxima à cama e o viu sorrir quando ela abriu o livro no primeiro capítulo.

— “Num lugar da Mancha, de cujo nome não me quero lembrar, vivia não há muito tempo um desses fidalgos...” — começou e surpreendeu-se ao notar que relaxava, com as palavras aumentando e as frases surgindo em cada parágrafo.

Zalo parecia atento a cada fala sua. Não ousou desviar os olhos da jovem que pigarreava nervosa a cada vez que se lembrava que sua leitura tinha plateia.

Quando a esposa do estalajadeiro chegou, ambos gargalhavam com uma pequena passagem do livro. A mulher pediu licença e trouxe a realidade ao casal, cujo laço ali se formava.

Quando a mulher saiu, Juana prontamente serviu o bolo trazido e feito com tanto esmero pela criada.

— Acredito que já esteja na hora de ir, não posso demorar muito — ela disse enquanto Zalo banquetear-se com o quitute —, mas não gostaria de sair daqui mais uma vez, sem que me diga...

— Sobre as lutas — ele completou.

— Exatamente.

— Ainda não tirou da cabeça essa ideia absurda de ir a Madrid atrás de seu irmão?

— Pode parecer absurda para você, mas para mim é uma questão de vida ou morte.

Ela viu o homem à sua frente suspirar, em contrapartida sua ansiedade só aumentava em busca da informação que tanto queria.

— Se lhe disser o que quer... voltará para me visitar?

— Decerto que sim. Voltarei até que esteja melhor — prometeu, não sabia bem o porquê.

— Muito bem. Só consigo pensar em um lugar onde você poderia começar a procurar seu irmão.

Ele lhe falou de uma taverna chamada “*Dos copas*” e da cautela que ela devia tomar ao frequentar esse local.

— Muito bem. Obrigada, Zalo, pela informação. Tomarei cuidado.

— Quando pretende ir?

— Ainda não decidi, não é uma viagem fácil para se fazer sozinha.

— Ao menos está consciente disso.

Ela assentiu.

Ambos se despediram sorridentes um para o outro, com a promessa de que Juana voltaria no dia seguinte para a leitura de mais um capítulo de *Don Quijote*.

— E então, como ele está? — perguntou Letizia quando entrou na carruagem.

— Bem melhor, ao que parece.

— Isso é muito bom.

No caminho de volta, Juana pensou em como conseguiria viajar para Madrid de forma rápida e sem levantar suspeitas. Encarando a irmã sentada adiante, a resposta lhe veio mais rápido do que ela imaginou.

— Letizia... preciso de um favor.

No céu, o barulho rascante de uma trovoadas indicou uma chuva iminente. Se foi a chuva ou o pedido da irmã, não se sabe, mas a duquesa logo entendeu a seriedade da situação. Juana não pedia favores.

— Parece grave.

— A verdade é que não te contei tudo sobre minhas visitas ao *señor* Zalo.

Alarmada Letizia cravou sua atenção nos olhos da jovem à sua frente.

— E que favor seria esse?

— Você descobrirá... leve Andrés à biblioteca e conversaremos a portas fechadas. O que quero pedir envolve vocês dois.



AS VISITAS de Juana foram a melhor parte de sua rotina nos três dias que se seguiram. As dores e o desconforto em seu ferimento estavam melhores a cada vez que acordava pelas manhãs, entretanto quanto mais cedo ele se curasse, mais cedo as visitas de Juana terminariam. Isso seria uma lamentável perda de oportunidade para estar ao lado dela.

Zalo sabia que não tinha nenhum direito de mentir, ou fazê-la acreditar que ainda estava em estado de pura convalescência, mas a verdade era que nos três dias seguintes ele já conseguira se levantar sem incômodo e sentia menos dores na região do ferimento. Além disso, o médico lhe visitou certa noite e disse que a ferida estava cicatrizando bem e que ele se encontrava completamente fora de perigo.

Então por que insistia em continuar deitado à espera dela? Não era justo para Juana, nem para ele, que deveria buscar um propósito para sua vida com urgência.

Entretanto, lá estava mais um dia esperando-a, para passarem a tarde na companhia um do outro. Ele se perderia nos olhos dela, enquanto Juana leria mais um capítulo envolvendo *Don Quijote e Sancho Panza*. Ouviria a voz dela se tornar delicada e atenta a cada uma das palavras do livro, além disso ririam juntos e ele descobriria cada vez mais que Juana tinha uma risada agradável e deliciosa.

Sabia que era perigoso estarem sozinhos em um quarto, ainda assim era tentador demais não estar ao lado dela.

Avistou a carruagem dos Fuentes da janela e se antecipou para deitar-se na cama e cobrir-se com o cobertor trazido por ela. Aproveitou para deixar a porta aberta de uma vez. Ouviu os suaves passos no corredor e então lá estava:

— Olá, Zalo — disse sorrindo.

— Juana, como tem passado? — Tentou ao máximo controlar a empolgação na voz, parecia um menino de doze anos, por Deus.

— Bem, e você, como se sente hoje?

— Melhor, obrigado por perguntar. — Decidiu não mentir, não de tudo.

Ela sorriu mais uma vez, agora com o canto dos lábios, de uma forma tímida, no entanto tão particular. No instante seguinte, viu-a coçar uma das têmporas e morder o lábio inferior. Alguma coisa a incomodava, urgia saber o que era.

— Aconteceu algo, Juana?

Os olhos da dama se apertaram e o encararam com ainda mais curiosidade.

— Não, em absoluto.

— Parece incomodada com algo...

— Sim, quero dizer, não. A verdade é que vim apenas me despedir.

Ele não esperava por aquilo. No mesmo instante sentiu-se abandonado, com um frio que lhe percorreu a espinha.

— Despedir?

Juana suspirou antes de voltar a falar.

— Estou partindo para Madrid esta noite.

O silêncio que se seguiu no quarto era incômodo e cortante.

— Vejo que não deixou de lado seus planos.

— Na verdade, esse sempre foi o meu objetivo. Além de me despedir, gostaria de agradecer por todas as dicas de como poderei achar meu irmão na capital.

Ela estava partindo, talvez nunca mais se vissem. Zalo sentiu uma dor, não física, porém maior que a de qualquer ferimento. O que quer que acontecesse a Juana nessa viagem, seria sua culpa.

Ele, de certa forma, a incentivou a ir.

— Saiba que ainda acho essa uma ideia absurda.

— Sou consciente da sua opinião, e agradeço por sua preocupação.

— Há algo que eu possa fazer para convencê-la a ficar?

— Não, não há.

Levantou-se da cama e caminhou devagar até ela. Seus olhos pareciam perdidos ao vê-lo se aproximar. Em seguida tomou a mão direita enluvada e pousou-a em seus lábios. Paralisada, Juana aceitou a carícia, deleitando-se com o contato e com seu atrevimento, e permitindo que Zalo envolvesse as duas mãos na sua logo em seguida.

Seus olhos estavam repletos de carinho, porém sua voz saiu cortante ao dizer:

— Cuide-se bem, Juana.

Ela nada falou. Assentiu quando teve as mãos livres de novo. Caminhou lentamente até a porta e virou-se ao dizer:

— Adeus, Zalo.

E, simples assim, ela saía de sua vida. Para sempre.

Afinal, o que ele queria? Não poderia oferecer a ela um conto de fadas. À mulher nenhuma, para ser sincero.

Deixara-se levar pelas visitas de Juana, por seu interesse e sua personalidade ímpar, mas afinal, o que queria? Reclamá-la para si? Ela era grandiosa demais para alguém como ele. Só Deus sabia como estar ao lado dela nos últimos dias foi a melhor e a pior coisa que já lhe ocorreu. A tortura de sentir o suave perfume de flores invadir o quarto a cada vez que ela chegava, além do temperamento forte e humor afiado. Era como se tivesse encontrado a luz em meio à noite. Antes ele vivia nas trevas, agora, havia se tornado a própria escuridão.

Ele seguiria solitário, como sempre vivera, e guardaria esses momentos como a joia mais preciosa de seu baú de recordações.

Entretanto, ainda havia uma questão a duelar com sua consciência: porque por mais que Juana soubesse defender-se muito bem, ela ainda era uma mulher sozinha adentrando nas covas de leões.

E se qualquer coisa acontecesse com ela, Zalo jamais se perdoaria.

CAPÍTULO 08

— Me sinto mal de fazê-los passar por isso — Juana disse enquanto o apito de partida do trem soava na estação.

— Não se preocupe, passaremos a noite em um hotel e viajaremos amanhã bem cedo. Não é incômodo algum. — O cunhado fez um gesto com a mão, indicando pouca importância para o assunto.

— Mas uma coisa é eu mentir para *Don Ramiro*, outra é envolver vocês nisso. Não sei como agradecer. — As irmãs se deram as mãos.

— Isso me lembra nossos tempos de fuga para assistir às touradas. Estava com saudades de um pouco de emoção. — Elas riram.

— Pronto, Juana, já está tudo preparado. Você ficará em uma cabine confortável e segura — foi Andrés quem falou, entregando a passagem a Juana. — Tem certeza de que não quer ficar em nossa casa na capital?

— Absoluta. Não quero incomodar mais do que o necessário. E também é um risco a menos para *Don Ramiro* descobrir.

— Muito bem, então assim que chegar procure pelo hotel Vila Real. Um telegrama foi enviado comunicando sua chegada. Estará segura lá.

— E não se esqueça que pode ir para o castelo quando quiser. Estaremos te esperando.

— Certo, muito obrigada. — Olhou-os com gratidão e carinho.

— Bom, agora que estou te ajudando com isso, será que podemos finalmente ser amigos? — questionou o duque com um sorriso nos lábios.

— Talvez... — Juana suspirou — Tudo bem.

— Ótimo, me dê cá um abraço, cunhada. — Ele se aproximou e Juana arregalou os olhos enquanto se esquivava.

— Não é para tanto, ainda não fiquei louca.

Letizia cobriu a boca com a mão para disfarçar uma risada. O apito os lembrou que era o momento de partir.

— Prometa que irá tomar cuidado — a duquesa falou com olhos suplicantes.

— Prometo. — Fez um sinal de juramento com as mãos.

— Não sei onde estou com a cabeça por aceitar isso, mas boa viagem, Juana. — Eles apertaram as mãos uns dos outros.

De dentro do vagão, ela deu adeus à irmã e ao cunhado, e quando a paisagem se tornou rural, longe do caos e do ruído da cidade, ela soube que sua aventura havia começado.

Não estava preparada para ficar na primeira classe.

Achou um exagero da parte do duque colocá-la em um lugar tão luxuoso. A cabine era grande e confortável, havia uma cama com dossel, poltronas, um armário para suas roupas e era ornada em veludo vermelho. Era realmente demais para uma viagem de apenas uma noite. Amanheceria em Madrid e quase não conseguiria desfrutar nenhum daqueles luxos.

Sentindo-se com fome, decidiu ir ao vagão restaurante. Havia jantado pouco, tamanho o nervosismo para deixar a mansão Fuentes junto a Letizia e Andrés. Talvez uma sopa de legumes fizesse bem antes de dormir.

O local estava repleto de gente. Querendo passar o mais despercebida possível, Juana logo escolheu uma mesa próxima à parede do vagão. Um jovem garçom veio prontamente atendê-la, ele tinha a pele preta como a dela e talvez por isso anotou seu pedido com um leve sorriso nos lábios. Quanto a ela, evitou olhar para os lados e encarar quem quer que estivesse ali.

Seja uma sombra. É o que sempre pensava.

Ninguém se incomodava com uma sombra.

O prato principal chegou com extrema rapidez. Ao colocar uma colherada de sopa na boca, Juana quase gemeu. Estava deliciosa e cremosa da maneira como ela gostava. Sentiu o sabor de cada ingrediente, tentando adivinhá-los mentalmente.

Quando estava próxima de terminar sua refeição, um homem bem-vestido e com um semblante de impaciência se colocou frente à mesa.

— *Buenas noches, señorita.*

Juana apenas acenou com a cabeça.

— Perdoe-me incomodá-la em seu jantar... *bueno...* não há maneira fácil de dizer isso. Alguns passageiros estão incomodados com sua presença em nosso restaurante. Por conta disso, creio ser melhor que a *señorita* se retire. Eu prometo providenciar para que termine sua refeição no conforto de sua cabine.

Juana abriu a boca e a fechou logo em seguida. O ar lhe faltou a cada palavra dada por aquele homem, provavelmente o gerente do restaurante.

Ela poderia dar uma resposta mal-educada, como estava acostumada a fazer, porém estava cansada demais para isso. O conteúdo em seu estômago se tornou como pedra instantaneamente, e ela sentiu o mundo ao seu redor girar.

Não era bem-vinda entre os ricos e esnobes que ali estavam. Por melhor que fossem suas roupas e não importava que houvesse pagado sua passagem com o mesmo dinheiro que o deles, ali ela não tinha valor.

Com a bravura que a fazia tão singular, limpou os lábios com delicadeza no guardanapo e se pôs de pé, contudo uma mão grande e quente pousou em seu ombro, fazendo-a sentar-se outra vez.

— Fique exatamente onde está, Juana.



— ZALO... — ela disse, sem entender.

Zalo estava fazendo um esforço sobre-humano para não arremessar aquele homenzinho para fora do trem.

Aproximava-se calmamente de Juana quando ouviu-o mandando-a sair do restaurante. Quem ele pensava ser? Quem aquelas pessoas pensavam que eram? Ele estava com os punhos fechados e os dentes apertados, pronto para defendê-la do que fosse. Queria revirar as mesas e cadeiras com a frustração, por pensarem que de alguma forma eram melhores que Juana.

Ela era melhor que todos ali presentes, juntos.

— *Señor... señor...* eu... — gaguejou o homem.

— Ela fica — Zalo disse entredentes.

— Claro, claro. Não sabia que a dama estava acompanhada. Era para a própria segurança dela, *señor*. — Olhando para os pés e balançando a cabeça, o homem parecia uma pimenta, de tão vermelho.

Após serem deixados a sós, Zalo se sentou frente a frente com Juana. Ela o observou com olhos atônitos. Ele, por sua vez, ajeitou-se na cadeira e chamou um garçom, que prontamente o atendeu.

Juana observou Zalo fazer seu pedido e começar a comer, como se ele fosse uma miragem em pleno deserto ou como se sua mente divagasse após ingerir ópio. Com o cenho franzido, ela questionou:

— O que faz aqui?

— Dê um segundo — mordeu um pedaço de pão — e já responderei. Deixe que primeiro passe a minha vontade de estragar o jantar de cada uma dessas pessoas.

Eles chamavam a atenção no vagão. Pessoas cochichavam umas com as outras, os encaravam com olhares reprovadores.

— Zalo, estou a falar sério. O que faz aqui?

— Não tenho nenhum lugar para ir, por que não Madrid?

Juana suspirou profundamente e se levantou da mesa, arrastando a cadeira de forma barulhenta.

— Juana, espere! — Era tarde, ela partiu em direção ao outro vagão. — Maldição de pãozinho gostoso. — Deu uma última mordida e andou atrás dela. Com largas passadas logo a alcançou entre as portas das cabines.

— Juana...

— Foi Letizia quem pediu para que você viesse? — Virou-se e o encarou com olhos faiscantes.

— O quê? Claro que não. Por que pensa isso?

— É a única explicação lógica para sua presença. Onde é sua cabine? Precisa descansar, ainda não está completamente recuperado de seu ferimento... — Com um cair de ombros ela olhou em seus olhos pela primeira vez.

— Estou bem, estou realmente bem. Não se preocupe. Uma semana naquela cama foi mais que suficiente para me recuperar.

— Eu não entendo...

— No seu lugar eu também não entenderia. Mas aqui estou, porque...

Não poderia dizer que era por que se preocupava com ela, poderia? Não, Juana era orgulhosa demais para aceitar isso.

— Porque sinto que é minha obrigação ajudá-la... depois de tudo que fez por mim.

— Zalo... não é necessário.

— Certo, podemos fazer isso do jeito fácil ou do jeito difícil, você é quem decide, porém a verdade é que estou aqui porque quero ajudá-la a encontrar seu irmão.

— Mas...

— Afinal, quem melhor do que eu para procurar alguém metido em lutas clandestinas?

Juana suspirou e massageou as têmporas. Ele estava quase vencendo, tinha certeza disso.

— Jamais poderei pagar por isso.

— Acredite quando digo que não irei cobrar. Nunca lhe fizeram algo sem que esperassem algo em troca?

Os olhares de ambos se cruzaram em meio ao corredor vazio. Zalo observou com atenção quando Juana levantou uma sobrancelha tentando decifrá-lo.

Acaso nunca haviam feito algo para ela sem segundas intenções?

Não que ele não duvidasse de suas próprias intenções com Juana. Estava indo a essa viagem primeiramente porque se preocupava por ela. Era amiga dos Casanova, maldição. Mas era também porque, no fundo, mesmo que não quisesse admitir, não conseguia se afastar daquela dama.

Que os céus o ajudassem a esconder de Juana o que se passava em sua mente a cada vez que a via.

— Algo deve querer em troca... por me ajudar — disse com seu olhar desconfiado de sempre.

— No momento? Quero apenas que fique em segurança aonde quer que vá, mas se insiste tanto em uma relação baseada em favores, pensarei em algo.

— De acordo. Me sinto melhor assim.

Ele assentiu.

— De qualquer maneira, obrigada, Zalo, por se dispor a me acompanhar. Farei o possível para que nossa estada em Madrid seja rápida e você volte logo aos seus afazeres.

Aos afazeres dele? Que afazeres? — pensou.

Não tinha para onde ir nem para onde voltar. E Deus era testemunha de que ele precisava de um pouco de aventura de volta à sua vida. Há muito havia abandonado o trabalho no mar, e tentava se realocar com os hábitos de terra firme.

A verdade é que invejava qualquer um que tivesse uma casa para qual regressar.

— Já é tarde e precisamos descansar, a encontrarei amanhã para acompanhá-la no café.

— Durma bem, Zalo.

— Boa noite, Juana.

Sua cabine era próxima à dela, reparou. Enquanto se preparava para dormir, Zalo se perguntou quanto tempo mais poderia ficar perto dela sem enlouquecer.

CAPÍTULO 09

Juana surpreendeu-se ao conseguir ter uma boa noite de descanso, confortável, apesar de estar em um trem.

Viva as comodidades da primeira classe!

Ela e Zalo desembarcaram na estação Atocha, em Madrid, às oito horas da manhã. Conseguiram rapidamente um coche de aluguel entre a multidão que se amontoava na saída do lugar. Recostada no assento da aconchegante carruagem, Juana observava com atenção cada canto das ruas através das vidraças do veículo. Para alguém que nunca havia deixado a Andaluzia, tudo era intenso e surpreendente.

Havia damas nas ruas, andando juntas e vestindo-se de forma moderna, como ela gostava, com cintos, saias e blusas. Seus olhos se iluminaram ao ver os edifícios majestosos e, em seguida, a principal praça do país, Puerta del Sol. Juana suspirou de admiração quando a carruagem passou em frente ao museu do Prado.

— Gosta do que vê? — Foi Zalo quem quebrou o silêncio no veículo com um de seus sorrisos fáceis.

Juana apenas assentiu, encantada demais para dizer qualquer coisa.

— Se quiser, podemos fazer algumas visitas para que você conheça a cidade.

Os olhos de Juana se abriram, brilhando ao ouvir a ideia.

— De verdade?

— É claro, podemos fazer o que você quiser enquanto estivermos aqui.

Seu coração se encolheu por um momento. Nunca havia pensado nessa possibilidade. De ter alguém a sua disposição para fazer algo. Mais. De poder escolher o que fazer a seu bel-prazer. De certa forma, sentiu-se importante, notável.

— Eu não quero incomodá-lo mais que o necessário, Zalo.

— Vamos deixar clara uma coisa de uma vez por todas: não é incômodo algum estar aqui com você. Muito pelo contrário, terei gosto em mostrar a cidade. Deixe-se levar, *mi flor*.

— Do que me chamou?

— De flor. É o que você me lembra, a mais bela das flores.

Juana não soube o que dizer, ninguém nunca a havia elogiado assim. Ela abaixou a cabeça em vez de responder.

— Juana... — sentado ao seu lado, Zalo tocou em seu queixo e a fez encará-lo — estou dizendo a verdade. É o que penso.

— Não sei muito bem o que dizer... — Ela desviou o olhar com um meio sorriso.

— Então te deixei sem palavras? Isso é um grande feito.

— Pode ter certeza de que pensarei em algo para responder-lhe em algum momento, apenas fiquei surpresa com sua declaração.

— Pois acostume-se, Juana, pretendo lembrá-la muitas vezes mais do quanto bela você é.

Não conseguiu pensar em nada mais pelo resto do caminho. Não após as palavras de Zalo. Não depois de uma parte de si derreter-se com o toque gentil daquele homem. Buscava entender por que seu coração se acelerava a cada vez que ficavam juntos.

Quando a carruagem parou, ela observou um imponente edifício de fachada suntuosa e com uma enorme fonte na entrada. Um *concierge* já se adiantava para abrir a porta da carruagem.

— Não sei se é uma boa ideia — ela disse.

— Do que está falando? De vir a Madrid?

— Não, do hotel.

— Não é o hotel que indicou o duque? Tenho certeza de que estamos no local certo.

— Sim, claramente este é o hotel, mas eu me sentiria mais confortável em uma estalagem, ou algo menos... menos...

A mão de Zalo pousou na sua em seu colo

— Apenas o melhor para você, Juana. Apenas o melhor. — A porta foi aberta e um serviçal uniformizado do hotel os aguardava. — Venha. Não permitirei que nada aconteça enquanto estiver ao meu lado.

Por maiores que seus temores fossem, algo em seu interior lhe dizia que ela podia confiar nele. Não por sua força física descomunal, mas sim por seu coração.

Ao deixarem a carruagem, Zalo lhe ofereceu o braço, que ela aceitou, pois não queria travar mais uma batalha em seu dia. Ele estava vestido com roupas finas e seu cabelo comprido estava preso por uma borracha elástica

na nuca, como de costume. Não fosse por conhecê-lo, Juana poderia dizer que ele era a figura de um nobre espanhol.

O interior do hotel era ainda mais luxuoso do que sua fachada poderia anunciar. Com lustres carregados de cristais, um piso em mármore branco e poltronas de veludo azul. Uma escadaria com corrimãos dourados deixava tudo com um ar ainda mais sofisticado.

No instante em que pisaram no saguão, as cabeças começaram a voltar-se para eles. Pessoas pretas não eram tão comuns na Espanha como eram nas antigas colônias da América, entretanto, mesmo os que viviam no país eram apagados pela marginalização. Havia até mesmo o estúpido ditado que dizia: “*caso veja um negro, peça um desejo*”. Como se fossem raros, uma aberração que os caracterizava como uma figura mágica.

Há muito Juana havia aprendido a driblar os olhares, a curiosidade das pessoas e a absurda cobiça masculina, contudo, aprender a lutar contra algo não era o mesmo que acostumar-se.

— *Buenos días!* — Um jovem em um elegante terno os atendeu em uma bancada à esquerda no saguão. Ao menos, este conseguiu disfarçar o olhar de espanto ao vê-los.

— Olá. Querida? — questionou Zalo.

— Sim — falou Juana como se lembrando-se de algo. — Uma reserva em nome de Juana Vasquez.

— Sim... um pedido do Duque de Granada, creio. Recebemos um telegrama por parte dele — o homem sorriu antes de dizer. — *Bueno*, e onde está a *señorita* Vasquez?

Ela sentiu todo o corpo de Zalo enrijecer ao seu lado, enquanto por sua vez só sentiu vontade de dar uma gargalhada nervosa.

— Eu sou a *señorita* Vasquez. Juana Vasquez, é um prazer conhecê-lo também.

Juana tinha certeza de que se pudesse, Zalo colocaria o homem à sua frente em chamadas apenas com o olhar. O atendente abriu e fechou a boca três vezes até perder-se em um acesso de tosse.

— Eu... eu... — tentava dizer.

— Podemos enfim ser levados ao quarto?

— Na verdade... quero dizer... nós não podemos aceitar que uma moça solteira fique sozinha no hotel.

Ela viu Zalo apertar os dentes. *Cielo santo*, ele ia partir o homem em dois a qualquer momento.

Uma mulher solteira dando entrada em um hotel já seria escandaloso, uma mulher solteira e preta teria todos os empecilhos jogados contra ela.

— Escute aqui, e direi isso muito claramente para que entenda: irá registrar a mim e a minha esposa, o *señor* e a *señora* Montoya. Não importa se até mesmo o rei não a tenha recomendado, ela terá um quarto neste hotel. Fui claro? — disse cada palavra entredentes.

Um silêncio constrangedor surgiu entre eles. Juana sentiu suas orelhas arderem. O funcionário do hotel ajeitou a gravata antes de voltar a falar.

— Nesse caso... se a dama não é solteira, o senhor e sua esposa poderão...

— Quero a suíte principal, com quartos conjugados. Ouviu bem?

Juana observava enquanto Zalo tomava a frente e assinava os papéis da estadia.

— Agora, em nome de Deus, podemos subir? — disse com um suspiro.



FÚRIA RETORCIA seu interior fazendo-o praguejar a todo instante. Foram levados para um dos últimos andares do hotel, para quartos interligados e espaçosos. Zalo se sentia impotente e raivoso. Queria bater em algo, melhor, em alguém. Queria destroçar cada olhar, furtivo ou não, dado a Juana de forma reprovadora.

Como as pessoas podiam não enxergar a beleza que ela era? Quão estúpidos todos eram por ver com os olhos e não com a alma? Esse foi um dos motivos que o fez se rebelar contra o pai e ir viver sua própria vida, desonrando o nome da família. Ele não se importava com aparências, e sim com o que sentia.

Jamais se perdoaria se vivesse uma vida baseada em mentiras.

Não percebeu, mas andava de um lado ao outro no quarto. Uma batida na porta lhe chamou a atenção. Olhou ao redor e percebeu que era a porta que comunicava seu quarto ao de Juana e prontamente a abriu.

— O que foi? Aconteceu mais alguma coisa? — Seu tom saiu mais aflito do que ele gostaria.

A jovem à sua frente lhe encarou com seus olhos cor de mel de forma questionadora, com uma de suas sobancelhas levantadas, como de costume.

— Não, não aconteceu nada. Vim porque quero saber se já está pronto para partirmos — falou imperativa.

Observou-a completamente por um momento. Juana havia trocado sua roupa de viagem e claramente havia se refrescado. Ela agora trajava uma blusa branca de algodão e saia longa marrom, com um cinto que lhe marcava bem a cintura. Uma tentativa de não chamar muito a atenção usando cores apagadas, entretanto para Zalo ela sempre seria o total motivo de sua consideração.

Era inexplicável a forma como aquela mulher o afetava.

— Já? Não deseja repousar um pouco? Podíamos providenciar um almoço farto e então você poderia descansar da viagem...

Juana levantou uma das mãos em desacordo.

— Melhor não. Minha intenção é aproveitar cada tempo disponível para procurar por Juan Manuel.

Com um suspiro, Zalo assentiu.

— Está bem, deixe-me preparar algumas coisas e já partiremos.

— Obrigada, Zalo.

— Mais uma vez, Juana, não há de quê.

Logo estavam em busca de um coche de aluguel outra vez. Com um assobio, Zalo rapidamente alcançou seu objetivo.

— Escrevi um telegrama a Agustín, meu irmão mais velho, informando que vim para Madrid. Podemos passar no edifício dos correios?

— Como quiser.

Ele a ajudou a subir na carruagem e assim passaram a atravessar a cidade entre o mar de veículos e cavalos. Era encantador para ele observar Juana conhecendo Madrid. Os olhos dela pareciam querer gravar cada impressão das novidades à sua frente.

O prédio dos correios ficava na praça Puerta del Sol, que fervilhava de gente no momento. Com rapidez eles entregaram o telegrama e voltaram à carruagem.

— E agora, por onde começamos? — questionou Juana.

— Vamos pelo mais simples. Começaremos pelas tavernas mais famosas e esperemos contar com a sorte.

E foi o que fizeram. Passaram a percorrer o centro da cidade de taverna em taverna olhando, perguntando e observando a tudo e a todos. A pé, Juana tinha ainda mais tempo para olhar ao redor e conhecer de perto os costumes *madrileños*.

Após cinco estabelecimentos, o olhar de Juana se tornou um tanto cabisbaixo, o que consternou Zalo.

— Ei, nada de derrotas. Estamos apenas começando.

— Eu sei.

De volta ao hotel no final da tarde, ambos pareciam esgotados.

— Entre e refresque-se, Juana, pedirei que tragam um jantar reforçado para nós dois.

— Podemos... quero dizer, podíamos... hmmm... jantar juntos? Quero dizer, é uma suíte bem grande para comer sozinho e...

Algo se acendeu no interior de Zalo que ele não soube reconhecer, mas sabia que havia gostado da ideia.

— É claro, estarei aqui para jantarmos juntos. — Como um cavalheiro ele a cumprimentou com um chapéu imaginário e partiu em direção ao seu próprio quarto.

De volta à sua suíte, Zalo se preparou para o jantar dos dois.



O DIA HAVIA SIDO uma completa perda de tempo.

Haviam andado por todos os principais locais no centro de Madrid e não encontraram Juan Manuel. Supôs que não deveria ser tão fácil encontrar seu irmão na maior cidade do país, entretanto não imaginara ser tão difícil assim.

Afinal, não são os homens previsíveis? Não estava esperando contar apenas com a sorte, mas sim com os instintos básicos de todo sexo masculino: jogos, violência e mulheres. Juan Manuel devia de estar em algum lugar que remetesse a isso.

E ela iria encontrá-lo e fazê-lo voltar para casa, depois de uns bons chutes no traseiro. Que falta fazia seu arco, nenhum irmão ousava desobedecê-la quando ela o tinha nas mãos.

Enquanto escolhia as roupas que iria usar no jantar, um envelope já conhecido caiu de sua maleta.

Eram os papéis da agência de casamentos. Ela tinha nas mãos o endereço do local que poderia mudar sua vida, e era ali mesmo em Madrid. Coçando os olhos, Juana pensou melhor... Zalo era esperto demais, não conseguiria dispensá-lo facilmente para verificar os escritórios da tal agência.

E no fundo ela se perguntava se queria mesmo aquilo, ou era apenas a curiosidade e a ilusão de uma vida nova. Tinha medo de atrelar-se a alguém e perder sua parca liberdade.

Mas que liberdade havia em depender da caridade material e emocional dos outros?

Encarou os folhetos mais uma vez, lendo o nome da agência escrita em letras grandes e bem delineadas:

AGÊNCIA FINAL FELIZ

Era melhor deixar de lado essas tolices e concentrar-se no que viera fazer em Madrid.

Juana largou os papéis sobre a penteadeira e continuou a se arrumar para o jantar de logo mais. Optou por um vestido em tom marfim de algodão e renda valenciana, que lhe marcava bem a cintura com um cinto bordado à mão por ela mesma. Percebeu seu nervosismo ao ver suas mãos tremerem enquanto atava os fios rebeldes de seu cabelo.

Prendia a última mecha de seus longos cachos quando ouviu um leve bater na porta que comunicava seu quarto ao de Zalo.

Pensou em quão inapropriado seria jantar no mesmo cômodo que um homem, sem nenhuma outra companhia, entretanto Gonzalo havia deixado bem claro que eram um casal para quem quisesse ouvir no hotel.

Tinham que manter a farsa. E por *Diós*, ela não iria para o restaurante do hotel de nenhuma maneira.

Abriu a porta e encontrou Zalo vestido impecavelmente em um terno com um colete azul de cetim, com arabescos dourados.

— Boa noite.

— Olá, Juana, está divina esta noite.

— Você e seus galanteios.

Ainda parados à porta, ele tomou sua mão e retirou sua luva de forma delicada, depositando um beijo no dorso da mão, levando arrepios a lugares inapropriados de seu corpo.

— Cheguei cedo demais? — observou a mesa do quarto vazia.

— Acredito que o jantar deva estar por chegar.

Um silêncio pairou na suíte, ambos se encarando em uma mescla de curiosidade e compostura.

— O que achou de seu primeiro dia na capital?

Um sorriso se abriu nos lábios da jovem.

— É tudo tão diferente e bonito... é como se aqui fosse algo em uma dimensão maior, entende? Acho que não dá para explicar...

— Eu te entendo. Nos acostumamos a ver as mesmas coisas em casa e por mais que amemos nosso lar, é sempre surpreendente quando saímos e vemos coisas novas.

— Exatamente. Você disse o que ando sentindo desde que cheguei. Como...? Mas é claro, você é um marujo, sabe muito bem sobre conhecer novos lugares.

— Correção, era um marujo — ele disse, adentrando ainda mais no quarto enquanto Juana fechava a porta. Sorriu ao se virar para ela outra vez.

— E o que tem a dizer dos tempos no mar, senhor ex-marujo?

— Foram bons, mas eu acabei ficando velho demais para a coisa toda.

— Velho demais? Ora, Gonzalo, por favor.

Um brilho resplandecente acendeu nos olhos de Zalo e só então Juana percebeu que o chamou pelo primeiro nome.

— Eu... eu... desculpe...

— Não peça desculpas, meu nome fica bem em seus lábios.

Mais silêncio entre os dois, dessa vez com ela corando dos pés à cabeça.

A sorte parecia a seu favor, pois quem quer que fosse que trazia a comida decidiu aparecer neste exato momento batendo na porta.

— É o nosso jantar — Juana disse, entretida com os olhos de Zalo.

— Você ainda não me contou como estão Eric e Isabel no México — Juana falou, quebrando o silêncio que havia voltado assim que os camareiros deixaram o quarto.

Falar de Isabel Casanova sempre mexia em uma ferida recém-cicatrizada em seu peito. Ela havia sido uma amiga leal e bondosa para Juana, e por um bom tempo os Fuentes pensaram que ela e o marido haviam morrido em circunstâncias trágicas. Foi apenas no ano anterior que os Casanova entraram em contato por meio de cartas avisando estarem sãos e salvos. E Zalo estivera o tempo todo ao lado deles, vivendo as mais diversas aventuras.

— Não poderiam estar melhor. Eric comprou uma propriedade na capital e continua com suas importações. E Isabel está cursando a universidade, isso quando não divide o tempo cuidando da pequena Sofia.

— E como é a menina? — perguntou animada.

— É o raio de sol da casa. Puxou à mãe, pois só faz o que bem entende. — Ambos riram. — Quanto a Eric, é um pai babão, faz as vontades de ambas, mãe e filha.

— Às vezes me pergunto se é possível alguém ter força suficiente para fazer o que aqueles dois fizeram.

— Não acredito que seja apenas uma questão de força, mas talvez...

— De amor? — completou ela, olhando profundamente o homem à sua frente.

O farto jantar foi servido, sendo uma salada de San Isidro como entrada, com o famoso cozido madrilenho como prato principal. Ela, com sua próxima pergunta na ponta da língua, porém não tinha coragem de fazê-la. E se descobrisse que o grande Zalo não acreditava no amor? O que isso causaria nela?

E por que lhe importava, de qualquer forma?

Deu um leve pigarro antes de continuar seu questionamento:

— E então, o que o fez desistir da vida no mar?

— É como eu disse, estava ficando muito velho para a coisa toda...

— Por que sinto que há mais nisso que não está querendo me contar?

— É porque não consigo mentir para você, oras. — Ele arrancou uma risada afogada dela.

— Então há mais?

— Bom, talvez eu tenha me cansado de uma vida tão desregrada.

— Sim, Zalo, porque participar de lutas ilegais é viver completamente dentro das normas. — Ambos sorriram enquanto comiam.

— Estar cansado de uma vida desregrada não quer dizer abandoná-la completamente. — Ele deu uma gargalhada, achando graça de si mesmo.

— E o que pretende com isso?

— O que quer dizer?

Juana pôs os talheres sobre o prato e limpou levemente os lábios com o guardanapo.

— Agora que não é mais um homem do mar, agora que deseja se estabelecer... o que pretende fazer?

— Quer a verdade? — Juana assentiu. — Não faço a mais mínima ideia. Acho que por isso me envolvi com as lutas. Não sei para onde ir, ou o que fazer com tanto tempo livre pela primeira vez em minha vida. Acho que tenho até medo de descobrir.

Juana o fitou com um de seus olhares enigmáticos e em seguida sorriu mais para si mesma do que para ele.

— O que foi? Não acredita no que eu disse? Pois é verdade...

— Sim, sim, acredito. Esse é o problema. Faz com que eu sinta inveja.

— Ela o viu franzir o cenho. — Exatamente, inveja. Poder ter seu próprio dinheiro, ir para onde e quando quiser... são coisas simples, mas que desconheço.

Ela tinha a total atenção dele. Zalo deu um gole na taça de seu vinho tinto e fez uma careta, como se sentisse dor.

— Nunca pensei que... nunca passou pela minha mente que sua vida como dama de companhia fosse tão... limitada. — A mão dele pousou sobre a dela na mesa.

— Não sou uma dama de companhia, apenas... — respirou fundo, porque era agora. Ia encontrar o desprezo nos olhos daquele homem de uma vez por todas. — Sou uma bastarda. Ramiro Fuentes é meu pai.

Zalo deu um longo gole no vinho, mais uma vez. Os olhos de Juana não saíram dos dele. Ela procurava por tudo ao mesmo tempo: decepção, nojo, até mesmo raiva, mas não encontrou nada. Não havia nada lá, nem mesmo pena.

— Temo desapontá-la, Juana, mas eu já imaginava.

— Céus... — começou a dizer, baixando a cabeça.

— Não, não quero que se sinta mal com isso, mas ouvi uma ou duas conversas entre Eric e Isabel, além do mais, eu sei juntar dois mais dois, principalmente depois da reação de *Don* Ramiro à sua queda nas touradas.

Ela respirou fundo. Nada saía como imaginava.

— É tão óbvio assim?

— Não, não é óbvio. Digamos que eu seja um homem esperto. — Ele saiu de sua cadeira e se ajoelhou em frente a ela e segurou em seu queixo, levantando sua cabeça. — Ei, não quero vê-la se martirizar nem por um só instante por conta dessa situação. Isso não define você, Juana... você é muito mais do que as regras dessa sociedade estúpida impõem.

— Você diz como se conhecesse muito bem a alta sociedade.

Zalo se levantou e sentou-se em seu lugar outra vez.

— E não somos todos afetados por ela? Claro que a conhecemos. Estive ao lado do Barão de Altamira por muito tempo para saber do que a sociedade é capaz.

Juana assentiu, havia se esquecido disso.

— Vamos lá, conte-me o que faria — ele pediu, mudando de assunto.

— O que eu faria?

— Sim, o que faria se tivesse seu próprio dinheiro, e pudesse ir aonde e quando quisesse.

Ela parou por um instante, mordendo o lábio em deleite com a mera ideia de viver uma vida só dela. Um sorriso se abriu automaticamente nos lábios quando a imagem de seus sonhos lhe veio à mente.

Ela negou com a cabeça.

— É uma coisa estúpida, não vale a pena dizer.

— Algo que lhe traz esse sorriso não pode ser estúpido. Vamos, me conte.

Sorrindo outra vez, tomou coragem e começou a falar placidamente, como uma oração:

— Eu compraria para mim uma pequena propriedade, nada muito ostentoso. Construiria um chalé, com uma grande lareira e teria alguns animais para cuidar. E teria que ser em algum lugar próximo a Granada, pois quero ver de perto minha sobrinha crescer. Além disso, queria que fosse próximo a uma campina, para eu poder ter uma bela vista... — Seu sorriso murchou e ela balançou a cabeça, espantando os próprios pensamentos. — É algo simples e estúpido, eu disse.

— Não... não é estúpido. É lindo, Juana... como você. — A mão de Zalo tocou a sua outra vez e ela viu um brilho diferente nos olhos do homem, que não conseguiu distinguir.

Quando ambos foram afastar a mão um do outro, uma das taças caiu sobre a mesa, manchando o tecido branco com um tom carmesim, ao mesmo tempo que uma batida foi ouvida na porta. Ambos se levantaram e começaram a falar ao mesmo tempo.

— Deve ser o camareiro com a sobremesa, vou atender — disse Juana.

— Eu limpo isso aqui — Zalo disse com a voz distraída enquanto buscava retirar a taça da mesa.

Foi rápido, mas ao mesmo tempo destrutivo. Juana não imaginava, mas o momento mágico que compartilhou com aquele homem em sua alcova iria se perder naquele instante.

Ela foi em direção à porta e abriu, recebendo o simpático camareiro que carregava uma mesinha repleta de quitutes. Não resistiu e tomou para si uma cereja, que lhe encheu de água na boca com o sabor doce tão característico.

Quando regressou, Zalo estava de costas, próximo à sua penteadeira. Ela sabia que seu ar era sombrio por conta de seu punho direito fechado e seus ombros rígidos.

— Zalo?

Ele virou-se e ela teve a certeza de que algo não estava certo. E quando ela viu o que estava nas mãos dele, teve certeza de que a noite terminaria bem ali.

— Você vai se casar?

CAPÍTULO 10

Havia um silêncio rondando a alcova. O camareiro ajeitava a mesinha de doces ao lado da mesa posta para o jantar. Apenas o tilintar de talheres e porcelanas era ouvido.

Nos extremos do quarto, Zalo e Juana se encaravam. Os olhos do homem buscavam respostas enquanto suas mãos folheavam cada um dos papéis.

— Zalo... — ela chamou. Ele, entretanto, lhe fez um sinal com a mão para que esperasse enquanto começou a andar de um lado ao outro.

Esperou com impaciência que o camareiro deixasse a suíte e então bufou, sem nem ao menos saber por que estava tão nervoso.

Na verdade, sabia. Sentia-se traído pela mulher à sua frente. Um misto de sensações preenchia seu interior.

Uma agência de casamentos.

Juana ia casar-se através de uma agência de casamentos, e não fizera o favor de contar-lhe em nenhum momento. Em algum lugar havia um maldito desgraçado que estava correspondendo-se com ela, prometendo-lhe o mundo, a vida que ela acabara de dizer que queria.

— Eu posso explicar... — Juana começou a dizer.

— Acho que não há muito o que dizer, há? — Caminhou em sua direção, e lhe entregou os papéis quando estavam frente a frente. — Por que seu noivo não está aqui, ajudando-a a encontrar seu irmão? Ou isso é apenas um pretexto para que venha a Madrid? É claro, você veio aqui para encontrar-se com ele! E eu sou estúpido por vir ajudá-la. — Foi em direção à porta rapidamente, quando escutou a voz de Juana.

— Zalo, espere. — Ele parou, por ela. — Não há noivo algum. Por favor, me escute.

Às suas costas, sentiu quando ela se aproximou e tocou-lhe o ombro, um roçar suave que quase o fez perder o rumo. Virou-se e fitou seus olhos, aqueles olhos doces, cor de caramelo, que sempre o fisgavam quando os tinha a sua frente.

Ela queria que ele a escutasse? *Cielo Santo*, se ao menos ela soubesse que ele seria capaz de lhe prometer qualquer coisa. Estava louco, agia de

forma irracional quando se tratava dela.

Apontou para uma das cadeiras em um pedido mudo para que ela se sentasse, porém viu-a endireitar os ombros e manter-se de pé.

— Fale, estou ouvindo — foi o que conseguiu dizer.

— Não estou noiva, nem pretendo estar... nunca, creio. — As últimas palavras foram ditas com uma voz falha. — É verdade que a agência existe, e que por um momento me interessei em saber mais sobre o trabalho que fazem, mas eu juro que não há ninguém. Nunca me correspondi com um futuro pretendente e nem ao menos procurei pelo local. E estou dizendo isso porque acho que devo a você essa explicação.

Zalo engoliu em seco. Não entendia que espécie de fúria era essa que o assolou ao pensar em Juana com planos de casar-se com outro homem. Ela era boa demais para ele, sabia disso... ela seria boa demais para qualquer infeliz sortudo que um dia chegasse a conquistá-la.

— Peço perdão por minha reação exagerada, Juana... e também por intrometer-me onde não me convém.

— O que está dizendo? — Ela deu dois passos em sua direção, mas Zalo caminhou até a porta.

— Somos amigos, apenas isso. Eu não devia ter mexido em suas coisas... além do mais, você não me deve explicações de nada.

— Amigos? — Os olhos dela dançavam de um lado a outro como se buscando algo em sua feição.

— Sim, amigos.

Ele a viu abrir os lábios e fechá-los como se quisesse dizer algo, no fim apenas levantou uma das sobrancelhas, como costumava fazer.

— Sinto que devo partir e deixá-la em paz, para descansar.

— Mas já? Nós nem comemos a sobremesa, o que farei com esse monte de comida?

— Desculpe, Juana, estou cansado. Pedirei que tragam algo ao meu quarto para que você não tenha que comer tudo sozinha.

— Não me importa a comida, Zalo, vamos conversar mais sobre isso.

— Isso o quê? — ele disse com os braços abertos.

Sabia sobre o que deveriam falar? Sim. Se ele conversaria sobre isso com ela? Nem morto.

Viu decepção em seus olhos. Talvez ela também sentisse, essa faísca tórrida e sorradeira que os enlaçava toda vez que estavam frente a frente.

Essa corrente de ar diferente que os envolvia e transformava os silêncios em pura chama.

Será que ela sentia o mesmo? Ainda que ela quisesse conversar a respeito, ele não cederia. Era um terreno perigoso demais.

Zalo jamais se aproveitaria de Juana dessa forma.

— Tudo bem, será como você quiser. — Ela regressou até a porta e a abriu bruscamente. — Boa noite, Gonzalo.

Ele caminhou pelo quarto com toda a coragem que lhe restava e quando passou ao seu lado, precisou de uma força sobre-humana para seguir em frente ao sentir o perfume de flores tão característico dela.

— Boa noite, Juana.

A porta foi fechada com força. E em seu interior, sabia que algo havia mudado entre eles.



JUANA DESPERTOU MUITO ANTES do amanhecer no dia seguinte. Era o que estava acostumada a fazer, levantar-se cedo, arrumar-se, ir para a cozinha coordenar o café da manhã de *Don Ramiro* e assim por diante.

Sua rotina era a mesma todos os dias. O fato era que no momento tivera uma abrupta mudança e não sabia muito bem como lidar com o que estava acontecendo. Alguma coisa a inquietava.

Uma comichão, uma centelha de algo intangível, porém sentido. Tormento era uma palavra melhor. Não conseguia mais esconder de si mesma que sentia coisas estranhas quando estava próxima a Zalo.

Sentiria ele o mesmo? Teria o mínimo de afeição por ela?

Juana não sabia por que, mas a reação dele ao ver os papéis da agência de casamentos a deixou intrigada. Amigos não reagiam com tanta passionalidade em situações como aquela. Reagiam?

Não tinha ideia do que pensar. Queria ter alguém com quem falar sobre seus confusos sentimentos, mas todos a quem confiaria o menor de seus pensamentos estavam distantes.

Teria que guiar-se sozinha enquanto a viagem durasse.

O som suave de batida na porta interrompeu seus devaneios logo após o desjejum. Trajando um conjunto de saia e bolero verde-claros e uma

confortável blusa de algodão branca, Juana foi atender.

— Bom dia. — O homem à sua frente parecia ter tido uma péssima noite de sono.

— Bom dia, Zalo — respondeu sem muita animação.

Ambos passaram a se olhar em um desagradável silêncio. Onde estava o conforto que a presença dele sempre lhe trazia? Sentia que ainda estava ali, mas lhe faltava algo mais, o que não sabia explicar.

— Espero que tenha feito um bom desjejum, vamos andar bastante hoje.

— Sim, comi o suficiente.

Mais silêncio.

Ela tinha certeza de que quase podia ouvir o bater dos ponteiros do enorme relógio na parede.

— Podemos ir? — disse finalmente, com um suspiro. Zalo apenas assentiu.

E assim partiram para mais um dia em busca de Juan Manuel. Na carruagem, restava o silêncio incômodo, enquanto Juana apreciava cada paisagem nova na grande cidade e se deliciava com as pequenas novidades encontradas.

Foram de taverna em taverna outra vez, com o cuidado de sempre estarem próximos. Zalo, protetor, não tirava os olhos dela em nenhum momento e estava sempre atento à menor de suas necessidades.

A noite se aproximava quando eles entraram em um movimentado bar próximo aos subúrbios. Havia andado todo o dia, parcialmente em silêncio. Falando o necessário um com o outro enquanto em seu interior a esperança de encontrarem Juan Manuel não era assim tão forte como antes. Madrid era grande demais e já haviam passado por quase todos os locais prováveis onde ele pudesse estar... quase todos.

— Ele não está aqui — murmurou com um suspiro.

— O que disse? — perguntou Zalo, se abaixando e colocando seu rosto próximo ao dela. O cheiro almiscarado e masculino lhe preencheu a mente, enquanto o ruído de homens rindo e falando alto, além da fumaça de cigarro, os rondava.

— Que Juan Manuel não está aqui — falou mais alto para que ele ouvisse. — Acho que podemos ir embora.

Não estava gostando daquele lugar, os homens estavam em sua maioria bêbados ou fedendo a bebida. E a gritaria a incomodava, homens batiam uns nas mãos dos outros, jogavam cartas e pareciam sumariamente descontrolados.

— Mas acabamos de chegar. Vamos ao menos conversar com algum funcionário... — Ele pareceu observar melhor sua feição incomodada. — Quer esperar lá fora? Posso mostrar o retrato de Juan Manuel sozinho.

Ela assentiu, gostando da ideia.

Sem mais demora lhe deu as costas e caminhou em direção à porta. Quando se aproximou do exterior, sentiu um estalo na nádega que lhe esquentou a pele. A risada de dois homens próximos a ela, no batente da porta, lhe chamou a atenção.

Alguém lhe deu um tapa... em sua... sua... não conseguia nem ao menos descrever o local.

Virou-se com os olhos capazes de transformar o mais vivo dos seres humanos em pedra e encontrou seu algoz encostado na parede, sorrindo triunfante.

— Olá, gracinha, está perdida? — As mãos do homem pareciam ganhar vida própria, pois antes que Juana pudesse ter qualquer reação, ele ia com seus dedos em direção ao seu busto.

Ela ia.

Contudo foi interrompido por ombros grandes e braços musculosos. No instante seguinte, Zalo tinha o indivíduo sob seu jugo, segurando-o pelo pescoço e dobrando seu braço direito de uma forma a lhe infligir o máximo de dor.

— Eu vou te ensinar uma lição que vai fazer você respeitar as damas... — Zalo disse entredentes.

O homem soltou uma lufada de ar enquanto cuspiu em uma risada medonha.

— Qual é a graça, imbecil?

— Ela... não é uma dama. — disse o homem com voz débil.

Juana ouviu um rugido gutural sair da garganta de Zalo, que por sua vez elevou o corpo do homem do chão e saiu empurrando-o até a parede.

— Gonzalo, não! — Ela partiu em sua direção, porque temia que uma desgraça ocorresse. — Não o machuque.

A taverna, na completa balbúrdia, havia mergulhado em um silêncio sepulcral.

— Mas, Juana... — Os olhos dele se nublaram em confusão.

— Apenas vamos embora, por favor. — Seu tom era suplicante.

Todos no local estavam parados encarando a situação, até mesmo os serviçais. Ela odiava isso, tornar-se o centro das atenções. Sem nenhuma vontade de continuar sendo palco para o ridículo, Juana rumou para a porta e saiu para a rua, onde o início da noite a esperava com ventos frios.

— Juana! — Ouviu a voz de Zalo ao fundo depois de alguns instantes de caminhada. — Juana, espere. — Continuou a andar. — Diacho de mulher, quer fazer o favor de esperar? — Com passadas largas a alcançou e a virou para si.

— O quê? — sua voz era alta, cortante.

— Você ainda pergunta? O que foi aquilo? Por que me impediu?

— Eu impedi você de cometer uma loucura.

— Eu estava te defendendo. Agora proteger você se tornou loucura?

Eles gesticulavam e falavam alto cada vez mais próximos um do outro, chamando a atenção dos transeuntes.

— Eu nunca pedi que você fosse meu protetor. — Com seus dedos magros ela começou a bater no peito de Zalo. — Eu não preciso disso!

— E supõe-se que eu deva assistir um homem assediá-la e não fazer nada? O que deseja que eu faça? Bata palmas?

— Eu... eu desejo...

Estavam frente a frente, corpos colados, rostos próximos demais enquanto gritavam um com o outro na noite que se tornava cada vez mais escura. Zalo, no entanto, a tomou pela cintura enquanto seus rostos começaram a se tocar, primeiro pela testa, nariz e então faltavam centímetros para os lábios unirem-se.

— Desejo que me solte... — Juana disse num sussurro, vacilante enquanto se abraçava, tremendo de frio.

— Ei, você, grandão! — Uma voz masculina chamou a atenção de ambos, que se viraram rapidamente.

Zalo soltou-a de seu abraço, porém manteve uma mão em seu ombro.

— E você, quem é? — perguntou Zalo mal-humorado.

— Sou alguém que quer fazê-lo muito rico, meu rapaz.

— Perdão?

Juana observava tudo com renovado interesse. Zalo, no entanto, tinha o cenho franzido enquanto seus olhos escrutinavam o homem. Era um senhor robusto, de olhos claros e cabelos escuros. Trajava um elegante terno e seus sapatos brilhavam como a própria lua acima deles.

— Você por algum acaso tem profissão, meu jovem?

— Desculpe, mas creio não ser da sua conta o que faço ou deixo de fazer. — Tirando seu próprio paletó, Zalo cobriu os ombros de Juana.

Ela o acompanhou, deixando para trás o homem, que não satisfeito, gritou:

— Seria um desperdício não usar músculos como os seus. Tudo o que precisa fazer é lutar para mim.

Ela e Zalo viraram as cabeças ao mesmo tempo ao ouvirem o comentário.

— Do que ele está falando? — Juana murmurou para Zalo, que deu de ombros.

— O que você está querendo dizer com isso? — ele gritou para o homem.

O estranho se aproximou deles com um sorriso astucioso.

— Eu sabia que não era um caso perdido. Devo dizer, meu jovem, você me impressionou com a sua força. Podemos usá-la para ganhar muito dinheiro.

— Vou perguntar pela última vez, o que quer de mim? — a voz de Zalo soou baixa e cortante. Juana decidiu não se intrometer.

— Meu trabalho é transformar joias brutas como você em um verdadeiro diamante lapidado. Eu já vi que você gosta de uma boa briga, mas que tal lutar valendo dinheiro? — O homem tirou um saco de moedas do bolso. — Muito dinheiro!

— Zalo... — Juana começou, mas foi interrompida por ele.

— Pense bem antes de negar isso também, Juana, pode ser a nossa chance de encontrar seu irmão.

— Ah, a dama está à procura de alguém?

— Não é da sua conta! — falaram ao mesmo tempo para o homem.

Juana reuniu-se com Zalo alguns passos à frente do homem, tratando de segurá-lo pelo braço, e percebeu que suas mãos não podiam nem ao menos circular o punho dele.

— Minha resposta é não. Há uma semana você estava sangrando desacordado em meus braços, não vou permitir que se machuque, principalmente por minha causa.

— Há uma semana *você* pensou que eu estava morrendo, e olhe só como estou hoje. Quem é a exagerada aqui?

— Me chame do que quiser, mas eu prefiro não arriscar.

— Não percebe que já está se arriscando demais? — A jovem levantou uma sobrancelha em desafio. — Juana, me escute. Cada dia que passamos aqui é um risco a mais para *Don* Ramiro descobrir que você não está onde deveria estar. Já parou para pensar que colocou mais pessoas da sua família sob ameaça nessa sua empreitada? Como ficará a reputação de Letizia junto ao pai de vocês se ele descobrir a verdade?

— *Don* Ramiro nunca a perdoaria, mas...

— Mas nada. Estamos pulando de taverna em taverna desde que chegamos e essa é nossa primeira chance sólida de ir a um lugar onde seu irmão possa estar. Deixe de ser uma turrona, mulher, me escute.

Um silêncio pairava entre os dois, enquanto pessoas e carruagens passavam ao lado.

— Eu acho que a *señorita* deveria escutá-lo.

— Fique quieto — ambos falaram outra vez, ao mesmo tempo.

— Certo... pois então aceite, contanto que tenha certeza de que está bem para lutar e que tomará cuidado.

Ela ganhou um inesperado beijo na bochecha como recompensa por sua fala. Foi rápido, barulhento e quente.

— Ei — Zalo disse para o homem —, conte-me mais sobre sua proposta.

CAPÍTULO II

O local indicado para a luta era um dos bairros mais pobres de Madrid. Ao Sul, a cidade era repleta de prédios, casas miseráveis, cortiços e tinha um odor podre no ar. Era a completa imagem do perigo.

“*Señor, eu vou até aqui.*” Havia dito o cocheiro assim que começaram a circular pela rua principal do lugar. O combinado era que os esperasse pelo tempo que fosse necessário.

— Talvez tivesse sido melhor eu vir vestida de homem — disse Juana, enquanto descia da carruagem.

— Agora é um pouco tarde para nos arrependermos disso.

Ela assentiu. Estavam desde o dia anterior ansiosos por este momento, Zalo sabia, desde que encontraram Ignacio após a pequena confusão na taverna. O homem havia prometido muito dinheiro pela luta, mas não tinha ideia do real interesse deles em participar de todo o espetáculo. Alguma coisa fazia seu coração doer a cada vez que um dia terminava e ele tinha de encarar o rosto desapontado de Juana por não haver encontrado seu irmão.

Isso talvez terminasse hoje, mas de qualquer forma, primeiro precisavam sair vivos do lugar em que estavam se metendo. Zalo não confiava em Ignacio, algo nos olhos do homem lhe dizia que ele venderia até mesmo a própria mãe pelo melhor dos preços. O homem poderia ser capaz de tudo.

Caminharam pela rua parcialmente iluminada até um prédio abandonado de três andares, ao lado de uma loja de roupas decadente. Foram pelo lado esquerdo do edifício, entraram em um beco sem saída e bateram na porta lateral, como o homem havia indicado. Havia lixo e entulho ao redor e o cheiro era deplorável.

— Zalo...

Ele se virou prontamente enquanto esperavam a porta se abrir.

— Sim, querida.

— Não estou gostando desse lugar. — Mesmo com a má iluminação ele podia ver os olhos bem abertos da jovem e como ela mordia os lábios nervosamente. O gesto sempre lhe atingia com uma pungente necessidade

de aproximar-se dela, nesse momento, porém, reparou no seu receio em permanecer no local.

— Você quer ir embora? Ainda há tempo de desistir de tudo — disse segurando a mão dela a fim de trazer algum conforto.

Ela pareceu ponderar sua proposta por um momento, e em seguida balançou a cabeça negativamente.

— Não, não quero desistir dessa chance de talvez achar Juan Manuel.

A porta foi aberta e Ignacio apareceu com seus lábios sorridentes de quem acabou de encontrar uma mina de ouro.

— Olá, meu rapaz, fico feliz que tenha vindo.

Zalo apenas assentiu para o homem.

— Vou levá-lo a um lugar reservado para que possa se preparar, você e sua senhora. — Tirou o chapéu em direção à Juana.

Eles entraram no prédio. O local cheirava a mofo e estava repleto de poeira. As lamparinas deixavam bem claro que há muito ninguém vivia ali, talvez por conta disso a casa estivesse à mercê de pessoas como Ignacio.

— O espetáculo ocorre no beco, mas vou deixá-los aqui nesse quarto. Há uma garrafa de vinho especial para você, meu lutador. — Ele ganhou um tapinha do homem que mais parecia saído de algum desenho do jornal.

Havia realmente uma garrafa de vinho esperando-o, assim como uma cama velha e um enorme espelho no canto. Ele viu Juana sentando-se em uma cadeira que em seguida se partiu em duas, fazendo-a cair no chão.

— *Diós mío!*

— Você está bem? Machucou algum lugar? — Ele tocou seus braços, ombros e pernas após colocá-la de pé rapidamente.

— Apenas meu traseiro... que ficará dolorido por um bom tempo.

Suas mãos no mesmo instante partiram de suas pernas ao local indicado por ela para uma rápida e preocupada massagem, mas tudo que ele ganhou foram tapinhas em suas mãos.

— Ei, o que pensa que está fazendo?

— Desculpe-me, eu apenas... fiquei preocupado.

— Pois demonstre sua preocupação de outro jeito, espertinho.

Um silêncio pairou entre ambos, deixando apenas o som de passos na casa ficar cada vez mais evidente. Enquanto se olhavam, Juana começou a rir, provavelmente de si mesma.

— Eu caí igual uma fruta podre. — Sua gargalhada era deliciosa. Zalo não resistiu e começou a sorrir, vendo-a descontrair-se.

— Não seja tão má consigo mesma..., mas foi uma queda e tanto. — A gargalhada de ambos provavelmente ecoava pela casa.

Para ele, Juana estava irresistível, relaxada na sua presença. Zalo deu um passo em sua direção, aproximando seus corpos. Ainda sorrindo, ela segurou em seu braço esquerdo para tomar fôlego.

— Eu... eu... — falou, diminuindo o riso e olhando-o nos olhos.

— Sim, você.

— O que foi, Zalo?

— Estou olhando para você... vendo o quão bela é.

— Já disse isso.

— Acho que nunca me cansarei de dizer.

Então, de súbito, ele a tomou pela cintura, fazendo-a arregalar os olhos e quase perder o equilíbrio. As mãos de Juana agora tocavam seus ombros. Cada toque deixava sua pele em chamas. Ela talvez não soubesse, mas ele tinha certeza de onde queria que aquilo fosse parar. Era o que sua mente pensava a cada instante desde que a encontrara outra vez nas ruelas de Sevilha.

Ele tinha que fazê-lo, tinha que beijá-la outra vez. Era como uma febre em seu interior, uma vontade acima do céu e da terra.

— Zalo... o que está fazendo? — Juana questionou assim que o corpo másculo se colou ao dela.

— Irei beijá-la, Juana..., mas acho que isso você já sabe.

— Zalo... — A voz saiu em um sussurro.

— Diga que não, Juana, e me afastarei, diga que não deseja o mesmo e a deixarei em paz.

Ela não disse. Ao invés, tocou seu rosto com uma das mãos e fechou os olhos. Era toda a permissão de que ele precisava.

Zalo não começou tomando-a com rudeza, mas distribuiu suaves beijos em seus olhos, nariz, bochechas e enfim, na boca.

Provou os lábios com ambição. Algo além de um momento nos braços um do outro. Queria descobrir todos os segredos de Juana, saber o que a fazia rir e consolá-la quando chorasse. Queria ser aquilo que a sustentava, o sol e a chuva que caía sobre seu corpo. Era com esse propósito que a beijava.

— Gonzalo... — ela gemeu seu nome e quase o fez cair de joelhos.

Beijar Juana estava sendo ainda melhor do que sua memória recordava. Dessa vez não era algo imposto, fugaz e escondido... sabiam quem ambos eram, estavam decididos a tocarem-se.

Nunca um simples beijo o havia deixado tão agitado. E nunca havia se sentido tão possessivo com os lábios de uma dama. Queria gritar, rugir de satisfação por tê-la em seus braços. Tão permissiva, tão doce... quase uma aprendiz do prazer.

Juana correspondia com timidez enquanto a boca exigente tomava a dela, mordiscando, provando e se deliciando. Ele poderia viver esse mesmo momento pelo resto da vida.

Uma batida na porta os assustou, fazendo com que se separassem bruscamente.

— Se apresse aí, grandão! — a voz de Ignacio soou do outro lado.

Zalo observava Juana atentamente sob as luzes das duas lamparinas deixadas na mesinha do pequeno quarto. Ela arfava, seu peito subindo e descendo, chamando sua atenção enquanto suas bochechas coravam fortemente.

— Isso que eu chamo de um beijo para dar sorte — afirmou rindo, enquanto ela ainda o observava de forma séria.

A mente de Juana devia ser um emaranhado de responsabilidades misturadas à culpa. Nesse momento ela devia estar ponderando todas as consequências que beijá-lo lhe trazia. Como ele gostaria de fazê-la perceber que nada de ruim aconteceria estando ao seu lado.

— Um beijo para dar sorte? — ela questionou.

— Sim, agora estou ainda mais motivado a ganhar a luta.

Zalo removeu o terno e jogou-o sobre a cadeira mais próxima. Em seguida, começou a desabotoar o colete, e depois sua camisa.

— O que... que... está fazendo? — Ela o observava com os olhos arregalados, dando dois passos para trás.

— Não posso lutar de terno e gravata, não é mesmo?

Após jogar as peças de roupa sobre a cadeira, ele retirou os sapatos e as meias. Estavam frente a frente, com alguns passos de distância, ele apenas em suas calças. Os olhos de Juana se abaixaram como se analisando-o por completo enquanto as maçãs de seu rosto se tornavam ainda mais rubras.

Ele a viu abaixar a cabeça por um instante e cruzar os dedos um nos outros. Zalo sorriu ante a timidez da mulher mais corajosa que ele já conhecera.

— Creio que é melhor irmos — Eles ouviram vozes masculinas em um tom agitado. — Os apostadores já devem ter chegado. Vamos? — disse, virando-se para a porta.

— Zalo, espere!

Ele a sentiu se aproximando das suas costas, e fechou os olhos quando os dedos longos e magros tocaram sua omoplata. Foi uma carícia suave e gentil. Quando a mão de Juana serpenteou sobre seu ombro, precisou respirar fundo para se controlar.

Virou-se e a encontrou muito próxima, à medida que uma mão tocava seu braço e a outra apoiava-se em seu peito. Quase como se descobrisse um universo novo na pele dele.

— Você disse que dá sorte — ela ponderou, olhando para a sua boca.

Pelos santos, acaso ela queria enlouquecê-lo?

— Sim. — Engoliu em seco.

— Então precisamos garantir que a sorte esteja com você. — Juana ficou na ponta dos pés com a clara intenção de aproximar os lábios dos dele. A única coisa que os impedia era a estatura de ambos, o que ele fez questão de mudar imediatamente. — Seja o meu campeão — disse com voz rouca.

Zalo abaixou a cabeça e provou outra vez dos lábios saborosos de Juana. E enquanto sentia uma explosão de prazer por tê-la em seus braços novamente, tudo que conseguia pensar era em como aquilo se assemelhava ao paraíso.

Quando Juana o abraçou pelos ombros, acariciando-o com doçura e um toque de curiosidade, ele não se segurou. Ela soltou um gritinho de surpresa quando ele a elevou do chão, fazendo com que o circundasse com as pernas, na altura de sua cintura. Ele a tinha em seus braços, por *Diós*, e não sentia vontade de soltá-la nunca mais. Reteve-a contra a parede enquanto seus torsos se tocavam e seu coração pulou dentro do peito em genuína satisfação.

Ele prolongou o momento ao máximo, sorrindo contra seus lábios, se aconchegando ainda mais no corpo pequeno e quente dela. Segurou sua mandíbula com suavidade ao mesmo tempo que distribuía beijos por seu

pescoço e no colo, sobre o tecido de seu vestido. Ele a ouviu dar uma leve gargalhada e não resistiu a olhá-la nos olhos com divertimento.

— O que foi?

— Sinto cócegas... quando você faz isso.

— Isso o quê? — Ele repetiu a ação, beijando-a com ainda mais cautela, roçando a pele de seu rosto com a barba por fazer, arrancando mais uma ou duas risadas.

Uma batida forte na porta interrompeu o momento, trazendo a realidade e arrancando uma imprecação dos lábios dele.

— Acho que chegou o momento de sabermos se você realmente está com sorte hoje.

— Caso não esteja, precisarei de mais beijos depois da luta — ele disse tão logo a colocou no chão e a viu ruborizar de novo.

— Cuidarei de suas roupas para você.

— Isso é bom, não há como explicar muito bem um homem como eu chegando no hotel sem camisa e sapatos.

Ambos sorriram um para o outro.

— Podemos falar disso depois... apenas se você quiser.

Ela levantou uma sobrancelha como costumava fazer em suas expressões enigmáticas, seguidas do mais belo sorriso.

— Tudo bem.

Ele a beijou outra vez, rápido, leve e doce. Em seguida precisou de um esforço sobre-humano para dar-lhe as costas e abrir a porta. E foi quando um pandemônio começou. O ruído de vozes masculinas em coro era ensurdecedor, coisa que minutos antes não havia por ali, mas as lutas eram assim, todos apareciam no horário certo marcado, nem um minuto a mais, nem um a menos. Olhou para trás e encontrou uma Juana receosa, observando a movimentação da casa com seus olhos escrutinadores de sempre. Zalo lhe ofereceu a mão, que ela aceitou de bom grado.

— Pensei que tivesse fugido, grandão. — Ignacio apareceu no corredor mal iluminado. — A luta ocorrerá no beco de onde vieram. Dinheiro alto, como eu disse, sessenta por cento é meu, o resto é seu.

Zalo duvidava que o homem fosse lhe pagar corretamente, mas ainda assim concordou.

Andou pelo prédio com Juana em seu encalço até a sala por onde entraram. O barulho agora era ensurdecedor, pelas vidraças sujas ele podia

ver homens se amontoando do lado de fora, braços erguidos cheios de dinheiro, e a expectativa que inflamava o local.

— Não acho uma boa ideia você sair. — Virou-se para Juana.

— Mas como procurarei por Juan Manuel?

— *Bueno...* se me permitem interferir... — ambos olharam para Ignácio, que limpava as mãos gordurosas de alguma comida nas roupas. — *A señorita* pode acompanhar toda a luta de dentro, das janelas.

Silêncio dominou o ambiente.

— Me incomoda concordar com ele..., mas não quero que corra nenhum perigo — falou para ela, como se o homem não estivesse ali.

— Não quero ser uma distração durante a luta. Ficarei bem aqui, não se preocupe. — Ele uniu as mãos as dela e as beijou com cuidado.

Com um pigarro que parecia querer expulsar os pulmões para fora do corpo, Ignacio os interrompeu.

— Vamos, meu rapaz, deixe para comemorar depois. Isso se você ganhar, é claro.

— Zalo sempre ganha! — Juana disse com audácia.

O peito de Zalo se encheu de orgulho ao vê-la defendendo-o. Ele queria levá-la de volta àquele quarto e tomá-la em seus braços outra vez. Melhor, ele não via a hora de chegarem ao hotel e estarem a sós para enchê-la de beijos e carícias inapropriadas.

Com um suspiro, ele se afastou. Uma última olhada para Juana e ela assentiu, confirmando que tomaria cuidado enquanto a luta ocorresse. Dois passos adiante e então Ignacio abriu a porta. Ao redor, homens gritavam, jogavam dinheiro sobre ele e o adversário, que andava de um lado para o outro, esperando-o.

Era chegada a hora de quebrar alguns ossos.



A LUTA COMEÇOU e o coração de Juana se encolheu. Distraiu-se observando Zalo rodear o adversário enquanto desviava de suas investidas. Seu peito se acelerou com a real possibilidade de ele ficar seriamente machucado, e tudo isso por sua culpa.

— Vamos, Zalo... — murmurou para si mesma.

Ela quase se esqueceu do real motivo de estar ali. Desviando os olhos de Zalo por um momento, começou a buscar em meio aos homens presentes o rosto conhecido do irmão. Viu muitas coisas entre eles, olhos cobiçosos por dinheiro, prazer pela violência bruta e a completa falta de moral.

— Infelizmente temos de tratar de negócios, minha cara.

A voz de Ignacio surgiu às suas costas, fazendo com que ela se virasse. O homem sorriu, não da forma amistosa de antes, mas com ganância e uma dose de perigo que Juana soube reconhecer muito bem.

Ela não estava a salvo ali.

— Do que o senhor está falando?

— Disse muito bem, senhor. Sou o seu senhor agora. — Ele tirou um charuto do bolso e o cheirou. — Não é apenas com seu amiguinho brutamontes que eu quero fazer dinheiro.

Juana engoliu em seco, pois tinha alguma ideia de para onde isso estava indo.

— Você vai trabalhar para mim em um dos meus bordéis, ouviu bem? Sua dívida começa esta noite e prepare-se, porque ela é muito alta. — Com alguns passos ele segurou em seu queixo com crueldade. — Uma beleza exótica como a sua precisa ser bem aproveitada.

Ela cuspiu no rosto do homem, fazendo com que ele tirasse as mãos dela.

— Eu não serei parte dos seus negócios sujos!

— Ah, não? E quem irá me impedir? Zalo está ocupado demais trabalhando para mim. — Apontou para a janela.

Juana respirou fundo, enquanto o medo e o pânico cresciam em seu interior.

— Adrián, leve-a de uma vez.

Sentiu uma presença vinda dos fundos da sala, atrás de si, e em seguida mãos masculinas seguraram seus braços.

— Não! — disse com veemência.

Ignacio fez um sinal com as mãos para que o homem a levasse enquanto acendia o maldito charuto, como se destruir sua vida fosse a coisa mais simples do mundo.

Juana não se deixaria levar, não sem uma boa luta.

Primeiro começou a se debater, o que em grande parte foi inútil, pois quem a segurava tinha mais força do que ela. Em seu esforço para tentar se

soltar, chegou a ter os pés levantados do chão.

Foi arrastada pela casa escura, enquanto seus gritos eram engolidos pela confusão lá fora. Sua fúria se acendeu ainda mais quando uma gargalhada de Ignacio ressoou pela casa abandonada. Aquele imbecil não poderia mesmo achar que se tornaria seu dono de uma hora para outra.

Estava no fim de um cômodo que levaria à entrada da casa quando viu ao seu lado um pedaço de madeira. Segurou-se com força no batente da porta e conseguiu alcançar a viga enquanto o tal de Adrián a arrastava.

Não por muito tempo.

Ela usou a tábua para desferir um golpe na barriga do homem, que urrou ao soltá-la, mas isso não foi o suficiente. Desferiu outro golpe, dessa vez na cabeça, levando-o ao chão.

Com o pedaço de madeira em mãos, passou a correr pela casa. Deu de cara com Ignacio na porta que levava ao beco, direto para Zalo.

— Onde pensa que vai, minha pombinha? — O homem fumava o charuto como quem tinha a plena certeza de que ela não iria escapar.

Com um brado vindo do fundo da garganta, Juana usou o toco de madeira para afastá-lo, jogando o homem contra a parede. Com rapidez, enquanto Ignacio se retorcia de dor, ela foi em direção à porta e encontrou o beco em puro caos.

Três coisas aconteceram ao mesmo tempo: a porta do beco se abriu, a luta terminou e o apito da Guarda Civil começou a soar em meio à algazarra.

Ela sabia o que viria, sabia no que tudo aquilo se transformaria. Havia visto a polícia invadir uma luta antes. O adversário de Zalo jazia derrotado no chão, em tempo recorde, como sempre. Tensa, seu corpo se convulsionou para a frente e gritou com o máximo que seus pulmões permitiam:

— Zalo!

Ele ouviu seu grito desesperado e a procurou em meio à multidão; quando a encontrou, Ignacio a tinha, envolvida em seus braços curtos, completamente quieta com uma pistola encostada em sua cabeça.

O coração de Juana quase parou.

Ela viu Zalo correr em sua direção entre os homens que fugiam, alheios ao perigo que ela corria.

— Não tão rápido, meu rapaz. — Ignacio continuou apontando a arma diretamente para sua cabeça quando Zalo se aproximou, já dentro da casa.

— Sem gracinhas, ou eu estouro a cabeça dela.

— Você vai morrer de qualquer jeito, Ignacio. Se fizer algo a ela, só vai fazer com que doa mais.

— Vamos, meu jovem, você e eu temos um futuro brilhante pela frente ganhando dinheiro com as lutas. Vai deixar que uma rameira como essa atrapalhe tudo?

— Ora, seu desgraçado... — Zalo se aproximou de Ignacio, que apontou a pistola em sua direção.

— Mais um passo e eu estouro seus miolos... — O homem sorriu diabolicamente. — Acha que tenho medo de você? Vai ser do jeito difícil, então.

— Não, vai ser do meu jeito! — disse Juana, aproveitando que Ignacio se distraiu, mordendo o braço que segurava a arma. Quando o homem retraiu o corpo, aproveitou para roubar-lhe a pistola.

— Juana, me dê essa arma. — Zalo se colocou a seu lado.

— Não, essa vingança é minha.

E atirou.

CAPÍTULO 12

Eles aproveitaram a confusão causada pela chegada da polícia para fugir pelos fundos do edifício. Pularam de uma janela e logo estavam na lateral direita da casa, onde não havia ninguém.

Juana atirou em Ignacio. Sem nenhuma piedade, o que indicava que ele provavelmente não voltaria a andar tão cedo. Era tudo em que Zalo pensava enquanto corriam entre as casas simples e a lama malcheirosa das ruas.

Corriam em meio à escuridão, enquanto o apito policial se tornava cada vez mais distante.

— Zalo... vá...

Ouviu a voz arfante e reparou que ela não estava mais ao seu lado. Olhou para trás e encontrou Juana trêmula, encostada na parede da entrada de um cortiço.

— Não vou sem você, sabe disso.

— Não consigo correr igual a você... minhas pernas não estão me obedecendo...

Ele tocou seu rosto com delicadeza. Juana estava pálida e tremia de um jeito que o assustou.

— Correrei por nós dois, venha, confie em mim.

Ele a fez subir em suas costas e continuou a correr pelas ruas escuras. Alguns homens passavam por eles, mas o bairro em que estavam e a hora da noite não deixavam abertos questionamentos.

Não que se importassem, o vital no momento era colocar Juana em segurança.

— *Señor Zalo...* — o cocheiro de olhos esbugalhados disse ao vê-lo carregando Juana nas costas.

— Sem perguntas, leve-nos para o hotel, já.

— Sim, *señor*.

Colocou-a com cuidado dentro do coche, tentou tirar o terno para cobri-la contra o frio da noite, e só então percebeu que se encontrava semidesnudo.

Aquela seria uma entrada e tanto no hotel.

— Diga como se sente.

De olhos fechados, Juana deu de ombros. O sacolejar do veículo indicava que estavam cada vez mais longe do perigo.

Ele odiou vê-la assim, encolhida no canto, presa em um casulo de emoções. Queria saber o que tinha acontecido, como aquele maldito do Ignacio se atreveu a colocar uma arma em sua cabeça. Nunca deveria tê-la deixado sozinha, a ideia dessa luta foi um erro.

Talvez, e lhe custava admitir, a insistência de Juana em procurar o irmão não fosse tão sensata. Não importava, daria o espaço que ela quisesse a fim de recuperar-se.

— Juana, eu...

— Não quero falar sobre isso, Zalo, por favor.

Olhava atentamente a janela do coche enquanto ele estava louco para ampará-la.

— Posso andar — disse quando a tomou no colo ao saírem do coche. Era madrugada e estavam na porta do hotel.

— Não quero que ande. Além disso, ajudará na encenação.

— Que encenação?

Um funcionário se aproximou.

— *Señor...*

Zalo apenas acenou com a cabeça.

— Sofremos uma emboscada. — Sentiu-a amolecer o corpo em seus braços e recostar melhor a cabeça em seu peito.

Boa garota.

— *Santo Diós*, entre, *señor...* — Com voz desesperada, o homem abriu a porta do hotel para Zalo, que se empertigou e entrou com toda a dignidade, descalço e descamisado no saguão.

Não havia hóspedes no local, mas ainda assim Zalo sentiu vontade de rir ao ver os olhares estarecidos dos funcionários presentes.

— A dama não se encontra bem, gostaria que um banho fosse providenciado em nossas suítes, além de um jantar quente e fresco.

O recepcionista apenas assentiu, encabulado demais com a situação para dizer qualquer coisa. Zalo subiu a grande escadaria do hotel com rapidez, e logo estavam na segurança da suíte que compartilhavam. Depositou Juana sobre a *chaise* e abriu a janela para que o ar corresse.

— Gostaria que me dissesse como se sente — pediu com o tom de voz mais suave que encontrou, ajoelhado na frente dela. — Ou que me dissesse

qualquer coisa... por favor.

Demorou um pouco, mas ainda que mantivesse o olhar perdido e os joelhos abraçados, ela falou:

— Me deixe sozinha.

E assim ele o fez. Não importava que quisesse gritar de frustração, ou bater em alguma coisa... não havia nada que Juana lhe pedisse que ele não fizesse.



JUANA ESTAVA CANSADA.

A camareira havia preparado um banho e trazido um farto jantar, tudo em completo silêncio. Talvez fosse sua feição, que não devia estar das melhores, que indicava não querer conversar com ninguém. Ela sabia muito bem como exhibir um semblante fechado e assustador. Tivera a vida toda para treinar com os cinco irmãos.

Sentou-se na cama por um momento, não queria comer. Respirou fundo. Estava bem e segura... por que então sentia algo corroendo seu interior? Como uma bola de ar crescendo em seu estômago, que quase não a deixava respirar.

Estava bem.

Estava segura.

Repetiu para si mesma mais uma vez. Talvez dormir ajudasse, entretanto, como dormir se sua mente dava voltas e voltas ao redor dos últimos acontecimentos?

Uma batida na porta a retirou de seus devaneios.

— Juana, abra, preciso saber que está bem.

— Estou bem — respondeu a Zalo.

— Muito engraçado. Abra a porta.

Com um suspiro e um nó ainda maior no estômago, ela vestiu um robe de seda branca e foi atender à porta.

— Estou bem, como pode ver! — Ela abriu passagem para que ele entrasse.

O homem não pensou duas vezes antes de passar.

— E o jantar? Por que não está comendo?

— Poderia fazer a mesma pergunta a você.

Decidiu fechar a porta, estava cansada demais para pensar no decoro. E todos naquele lugar achavam que eram marido e mulher, de qualquer forma.

— Quis ver como você estava primeiro. — Seus ombros caíram e ele fez uma expressão de dor. — Sinto muito pelo que aconteceu.

— Zalo, por favor...

— Deixe que me desculpe. Meu dever é protegê-la e acabei colocando-a em risco.

— Zalo, não há nenhum dever... — Não conseguia encará-lo, não sabia por quê.

O nó em seu estômago subiu para seu peito, que começou a doer. O que era aquilo? Acaso estava doente?

— O que foi? O que você tem? — perguntou e se aproximou rapidamente dela.

— Nada... apenas me sinto... estranha.

— Foi uma noite e tanto, precisa comer algo para continuar a ter forças. Negou com a cabeça e se afastou dele.

— Já disse, não quero jantar. Não sou uma criança, posso ficar sem uma refeição. Apenas... — deu-lhe as costas — apenas me dê um tempo.

Juana encarava a mesa de cabeceira ao lado da cama, com cuidado. Queria pensar em qualquer coisa, menos na noite que tivera. Jantar estava em último lugar nos seus planos.

Foi quando a primeira lágrima caiu.

Achou estranho o rosto molhado, o soluço repentino e então foi como um rio, desbravando-lhe a alma e inundando seu coração.

— Juana? — ouviu-o dizer. Alguns passos e logo sentiu a presença do seu gigante amigo atrás de si, quente e consoladora.

— Zalo... — Virou-se e pulou em seus braços. — Ah, Zalo...

Juana aceitou o abraço do homem, tão preocupado com ela. Assim como aceitou as próprias lágrimas, que desceram nublando sua visão e fizeram suas palavras, sempre tão prontas a sair, darem lugar às sensações.

Há quanto tempo ela não se permitia sentir?

Surpreendeu-se quando Zalo a tomou nos braços e a embalou, sentando-se com ela na cama como se fosse uma criança ferida e necessitada de cuidados.

Ela deixou que as comportas de seu coração se abrissem e sua fortaleza fosse ao chão. A torre de emoções que erguera com tanto cuidado ruía.

O homem abraçado a ela a embalou e murmurou palavras doces. Beijou-lhe a têmpora e prometeu que tudo iria ficar bem.

Ela precisava acreditar nisso.

Ao mesmo tempo em que a tempestade veio, ela passou. Suas lágrimas diminuíram até tornarem-se leves lamentos, um fungar afogado, um respirar mais profundo. Tirado de algum lugar, entre sua calça e sua camisa de algodão, Zalo lhe entregou um lenço, e ela começou a limpar os vestígios em si mesma.

— *Cielo* santíssimo, eu o molhei inteiro.

— Poderia cair a mais torrencial das chuvas e eu não me importaria — ele disse com firmeza.

Zalo arrumou uma mecha de cabelo que estava revolta em seu rosto.

— Como sempre, um galanteador — ela respondeu com voz embargada.

— Apenas com você. — O comentário atingiu o objetivo e a fez corar dos pés às orelhas.

Um silêncio reconfortante surgiu entre eles. Era como um bálsamo de alívio depois de uma longa tribulação. Juana sentiu seu coração voltar a bater suavemente, apesar de ainda haver algo em seu estômago contorcendo-se. Soube disso quando as palavras começaram a escapar de seus lábios:

— Ele... ele disse que iria me colocar para trabalhar em um de seus bordéis.

O rosto de Zalo transformou-se em um instante, o queixo duro e o olhar bravo.

— Quem disse isso?

— Ignacio.

— Mil vezes maldito! Minha vontade é de voltar àquela casa e terminar o serviço. — Ela o sentiu endurecer sob si.

Foi quando reparou que seu corpo estava todo em contato com o de Zalo, podia sentir as poderosas coxas sob as suas, com a pouca roupa que usava. Ele emanava poder e cólera.

— *Diós mío*, veja como estamos sentados... — Mexeu-se, tentando se levantar, o que foi inútil, pois Zalo a prendeu em seus braços.

— Termine de falar — disse entredentes.

Com um suspiro, ela continuou:

— Havia outro homem lá; Adrián, eu acho. Ignacio disse que a partir daquele momento eu lhe devia muito dinheiro e que para pagar tinha... tinha que... bom, você sabe.

— Eu devia ter acabado com aquele pulha com minhas próprias mãos.

— Então Adrián me agarrou.

— O quê?

— O outro homem, o que trabalha para Ignacio, ele começou a me arrastar pela casa para me levar embora. Foi quando eu peguei um pedaço de madeira e bati nele com toda força e o deixei inconsciente no chão. Em seguida foi a vez de Ignacio e, bom, o resto você já sabe.

— Você é uma lutadora, Juana, tenho muito orgulho de você.

— Eu nunca havia atirado em alguém antes.

— Como assim?

— Quero dizer, eu treinei a vida toda com alvos..., mas jamais havia usado uma arma contra alguém.

— Ele mereceu, Juana. Tinha a intenção de fazer mal a você. Foi para sua própria defesa.

Estremeceu sob o toque suave de Zalo em seu rosto e ficou ainda mais consciente do calor emanando do corpo do homem sob si. Qualquer um que os visse sentados daquele jeito pensaria que eram casados, em mais uma noite de cumplicidade.

E Zalo era isso essa noite: seu cúmplice.

— Estou feliz que esteja bem... que esteja sã e salva.

— Também estou feliz que não tenha se machucado na luta.

— Hmmm, nunca distribuí socos tão leves. O homem não tinha um terço do meu peso.

Sorriram um para o outro.

— Preciso me levantar.

— Tudo bem.

Embora tivesse dito aquilo, Juana não se mexeu. Tampouco ele fez algum movimento para mudarem de posição.

Ela riu outra vez, corando com a proximidade.

— Zalo, precisamos...

— Eu sei...

E a beijou.

Gloriosamente. Com a destreza de um grande conquistador, e Juana não tinha intenção nenhuma de resistir. Acariciava os lábios dela com os seus de forma majestosa, apagando todo o mal que esteve presente outrora. Ele devorou a boca de Juana com exigência, em seus lábios havia um gosto predominante de hálito fresco e uísque.

Quando deu por si, estava sendo recostada sobre a cama, com delicadeza e cuidado. Em nenhum momento Zalo jogou o corpo forte e avantajado sobre o seu, mas tratou-a com carinho e gentileza, distribuindo beijos por todo seu rosto e murmurando palavras doces.

Ela o atraiu outra vez para sua boca, queria senti-lo, queria mais. O beijo se tornou algo intenso em seu interior, como ela nunca sentira antes. Uma necessidade, uma fome por alguma coisa que não sabia muito bem o que era.

Juana passou os braços pelos ombros de Zalo e sentiu a plenitude de seus músculos enquanto ele lhe provocava, mordiscando-lhe os lábios e descendo a alça de sua *chemise*, bem devagar.

— Juana... — ele murmurou seu nome como quem recitava antigas baladas de amor. Foi beijada no ombro, e sorriu com as pequenas cócegas que a barba por fazer de Zalo lhe proporcionava. Sentia-se plena, livre, nos braços daquele homem.

— Temos que parar... — Com dedos trêmulos, colocou no lugar a alça de sua roupa enquanto se levantava da cama, deixando-a sentada, com todo cuidado.

— Zalo... o que houve?

— *Diós*... — De pé, ele agora tinha os cabelos soltos e revoltos. — Estive a ponto de desonrá-la, mulher.

— Mas...

— Não posso ser esse tremendo patife, seria injusto demais com você.

Aproximou-se dela e depositou um suave e lento beijo em sua testa, para seu total desespero.

— Durma bem, estarei aqui, caso precise de alguma coisa.

Ela o viu andar para longe, para a porta, quando falou:

— Mas eu preciso!

Estremeceu, sabia disso mesmo que estivesse de costas para ela. Unindo-se a ele, ficando às suas costas, Juana disse:

— Você falou que conversaríamos sobre isso depois... bom, agora é depois. — E o tocou no ombro, fazendo com que se virasse.

— Juana...

Seus olhares se encontraram em meio à guerra interior de Zalo. Ele queria tratá-la como um cavalheiro. Ela o queria em seus braços; queria ser tudo, menos uma dama.

— Precisamos parar... — Zalo disse com uma voz lenta e arrastada, os olhos esbanjando sofrimento.

— E se eu não quiser que você pare? — falou em um sussurro.

Ela soube que havia selado seu destino quando Zalo a tomou nos braços, arrancando-a do chão e guiando-a direto para a cama. Era demais para qualquer um dos dois resistir. O ar do ambiente logo transformou-se, não deixando nenhuma dúvida do que aconteceria em seguida.

Ele a tomaria para si, tomaria tudo que ela quisesse dar. Seu corpo e sua mente, as dádivas da vida e qualquer crueldade vivida. Tudo seria de Zalo a partir de agora.

Juana queria saber, queria entender como era a união de um homem e uma mulher. E enquanto o homem que escolhera para receber seu bem mais precioso lhe cobria de beijos e retirava com cuidado seu robe, ela soube que nunca se arrependeria deste dia.

Havia algo em Zalo que lhe enchia de certezas, lhe cobria de uma vontade esquisita de ser algo mais. A verdade é que Juana jamais havia se sentido assim junto a nenhum homem, por isso a convicção de ser ele seu parceiro escolhido.

Zalo a colocou na cama com cuidado e em seguida se deitou ao seu lado, dando um suspiro alto.

— Você me enlouquece — falou, virando-se e apoiando um cotovelo sob a cabeça enquanto acariciava seu colo com malícia.

Juana estava de olhos fechados, sentindo as mãos grandes tocando-lhe a pele com maestria. Quando as carícias pararam, seus olhos se abriram em questionamento. Ele a estava observando com olhos lascivos.

— O que foi? *Por Diós*, não ouse parar agora. — Aproximou-se, colocando-se na mesma posição que ele e seus corpos ficaram deitados frente a frente.

— Estou apenas pensando qual a melhor forma de fazer isso sem machucá-la. Sou um homem grande, não quero ser desastrado e...

Calou suas palavras pondo um dedo em seus lábios, que ele tratou de lambar em seguida. Suas mãos se uniram e ela beijou a palma masculina com carinho e devoção.

— Eu confio em você — disse para o deleite dele.

Zalo pôs-se de pé e começou a retirar as peças de roupas do corpo. Juana prestou atenção em tudo, cada músculo descoberto, cada cicatriz, cada história que aquele corpo contava. Estar com ela, com certeza seria um capítulo a mais.

Quando deu por si, ele estava sobre seu corpo, apoiado nos braços e pernas a fim de não ser um peso para sua constituição feminina.

— Está segura disso?

Em resposta a ele, Juana apenas assentiu com um tímido sorriso. De forma atrevida, elevou a mão até seu torso, tocando, descobrindo a pele macia e coberta de pelos. Zalo suspirou e disse algo ininteligível. Juana riu, pois seu olhar era sofrido, de quem parecia estar no limite.

Ele beijou a palma de sua mão, que antes o tocava, e em seguida elevou os braços dela para cima do travesseiro, prendendo-a gentilmente. Os beijos recomeçaram, mais exigentes dessa vez, além de mais sensuais. Era a promessa do algo mais que ela tanto se perguntava o que seria.

Finalmente iria obter a resposta.

As mãos de Zalo começaram a vaguear por seu corpo ao mesmo tempo em que puxavam a barra de sua *chemise*. Era a barreira final para estarem pele com pele, corpo com corpo, coração com coração.

Ela sentiu cada passo do caminho com segurança, com ele guiando-a, descrevendo o que iria fazer, tocando-a, levando-a ao limite. Era esplêndido, fervoroso, descomunal.

Todo o ato a fez descobrir um mundo novo de sensações, desejos e cobiça. Cobiça pelo corpo de Zalo, por seu carinho e proteção.

Ele a guiou todo o tempo, foi cuidadoso e pareceu controlar-se. O que a incomodou, de certa forma, queria senti-lo em todo o seu apogeu, mesmo que descontrolado, rude e selvagem, por isso, não se deixou abater quando em um certo momento fez com que ele se deitasse de costas e se pôs sobre seu corpo, beijando-o, descobrindo-o, almejando conquistar cada pedaço daquela montanha humana.

Ele não se deixou dominar por muito tempo, apesar de Juana quase ter logrado seu objetivo.

Quando enfim estiveram plenos, com seus desejos aplacados, ele a abraçou, colocando metade do corpo dela sobre o seu, fazendo com que sentissem as respirações e os corações batendo um do outro. Transformaram-se de toda maneira em um só.

— Você está bem? — disse, acariciando as costas femininas.

— Mais do que bem — sussurrou ela, com um sorriso nos lábios que ele não podia ver.

— Está tão calada... se de alguma forma a machuquei...

— Shiiiu, não é nada disso. É apenas o meu jeito de estar contente. — Ela o tocava todo o tempo, tinha a sensação de que jamais iria cansar-se disso.

— Amo o seu jeito. Queria que soubesse disso.

— É mesmo?

— Sim. Quieta, observadora, corajosa, protetora com aqueles a quem ama.

— Você conseguiu reparar tudo isso só nas poucas vezes em que nos encontramos?

— As atitudes, *mi flor*, falam mais do que qualquer palavra.

— É mesmo? — Ajeitou-se no enorme peito e sorriu ao sentir as cócegas que os pelos de Zalo lhe faziam.

Ele deu uma leve gargalhada enquanto a observava e foi como se um terremoto irrompesse sob seu corpo.

— Por falar em atitudes, há algo que muito me intriga.

— O que seria?

— Como, e digo isso com todo o orgulho que há dentro de mim, se tornou *El Fantasma*?

— Ah, isso... bem, é mais simples do que se imagina.

— Conte-me. — Passou a tocar os longos cachos soltos que se espalhavam sobre seus ombros.

— O filho da modista de Letizia é um dos cavaleiros da Real Maestranza. Foi ele quem nos levou pela primeira vez às touradas.

— E como foi acabar vestida de toureiro?

— Eu queria fazer alguma coisa, alguma coisa de verdade, sem julgamentos por eu ser quem sou. Algo em que todos me admirariam pelas minhas qualidades, sem olhar... bom, sem olhar para quem eu sou primeiro.

— Então decidiu se arriscar sendo *El fantasma*?

— Era para ter sido apenas uma vez, mas gostaram tanto, que acabaram pedindo que eu voltasse. Eles nem ao menos viam o meu rosto. Hoje em dia me arrependo do que fiz. Levei uma baita bronca de *Don Ramiro*.

— Juana...

— Isso me faz lembrar que você me salvou. — Puxou os lençóis sobre o corpo com maior rigidez e se virou para encará-lo. — *Cielo santo*, em quanta confusão nos metemos quando estamos juntos!

— Gosto disso.

— Do quê? De se meter em confusões?

— Não, de estar junto de você.

E a beijou, começando a seduzi-la outra vez.

CAPÍTULO 13

Zalo despertou com Juana em seus braços.

Imediatamente um sorriso surgiu em seus lábios. O corpo pequeno e quente se aninhava ao seu enquanto o véu escuro da noite os escondia da realidade. Não que ele não pensasse no que teriam que enfrentar, principalmente ele.

Vivera a melhor noite de sua vida, o momento mais íntimo ao lado de uma mulher... e virgem. Ele desonrara Juana.

Madre de Diós, o que tinha feito? Por acaso havia perdido a cabeça?

Sim, era o que tinha acontecido. Perdeu a cabeça no instante em que entrou no quarto essa noite. Senti-la cálida e disposta a estar em seus braços foi a sua perdição. Estava entre o céu e o inferno.

A pior parte?

Não se arrependia nem um pouco do que fizera. Quis estar com Juana tanto ou mais do que ela o desejara.

Só que não era dado a fugir de responsabilidades. Se antes sentia-se perdido, ao lado de Juana encontrara um caminho a seguir, e tudo isso dependia de uma só solução: casar-se com ela.

Sorriu outra vez ao pensar na ideia de tê-la como esposa. Passar o resto da vida com noites apaixonadas como essa não era má ideia. Iria cobrir Juana de mimos e ternura. E que Deus o ajudasse, a protegeria com unhas e dentes de sua própria família.

A partir de hoje ele soube que, aonde quer que fosse, Juana também estaria lá.

Aconchegou-a melhor em seus braços e a ouviu resmungar de olhos bem fechados. E o pensamento de tê-la para sempre foi a última coisa que passou por sua mente antes de adormecer.



A PRIMEIRA COISA que Juana pensou ao despertar na manhã seguinte era se havia dormido ao lado de uma enorme rocha.

Abriu os olhos devagar e deixou que a pequena fresta da janela indicasse que a luz do dia já dava o ar de sua graça. Não conseguia imaginar que horas eram, mas provavelmente deveria ser tarde. Mais tarde do que estava acostumada a levantar-se.

Sentiu o compasso da respiração sob seu corpo e elevou os olhos enxergando o homem no qual dormira agarrada. Ele estava desnudo, para seu completo deleite. O corpo masculino e viril estava deitado de lado, com os lençóis cobrindo apenas da cintura para baixo. Sua perna estava enroscada na de Zalo enquanto os braços dele lhe rodeavam os ombros e a cintura. Tão íntimo e possessivo que chegou a assustá-la.

Não resistiu à tentação da pele e dos músculos expostos e pousou a mão sobre o corpo dele. Primeiro no ombro, de forma bem leve, conhecendo e admirando. Seguido pelos bíceps e pelo antebraço, todos duros como as mais puras e antigas rochas. Depois sua mão passeou pelo peito coberto de pelos e uma cicatriz antiga a fez franzir o cenho, mas não a impediu de continuar sua inspeção pelo tórax seguido do abdome másculo.

— Gostando do que vê?

A fala a fez soltar uma imprecisão nada digna de uma dama, o que resultou na risada de Zalo.

— Ora, ora, se essa *señorita* não tem uma boquinha suja... — falou deslizando o dedo indicador por seus lábios. Ela sorriu. — Foi flagrada me contemplando, o que tem a dizer sobre isso?

— Não muito, apenas que já é tarde e... — Tentou se desenroscar do corpo de Zalo e levantar-se, porém, inutilmente.

— Nem pense nisso, *mi flor*... tenho planos que incluem você em meus braços por mais algum tempo — disse com a voz rouca enquanto a puxava de volta para a cama, trazendo arrepios à sua nuca.

A promessa de paixão incendiava os olhos de Zalo e lhe trouxe uma sensação quente por todo o corpo. Permitiu-se ser beijada e acariciada sem se importar com a hora, pois cada vez mais tardariam em levantar-se.

— O que é isso? — murmurou assustada enquanto Zalo se empenhava em torturá-la com os lábios em seu pescoço.

— Sou eu, *mi amor*. — Ambos riram, porém o ouvido de Juana continuava a buscar o ruído que lhe chamou a atenção.

Lá estava, outra vez, vozes alteradas e passos pesados.

— Gonzalo, pare! — Ela o empurrou com força. — Deixe-me escutar.

— O que foi?

— É o que estou tentando saber.

O silêncio do quarto agora permitia que ambos ouvissem uma alteração acalorada do lado de fora. Homens pareciam discutir em vozes cada vez mais transtornadas. A confusão parecia fora de controle e falavam tão alto que pareciam estar dentro do quarto.

“É este o quarto?”

“Sim, senhor, mas não posso permitir-lhe...”

— Juana! Abra essa porta!

Nem um só músculo da jovem se moveu. Conhecia de quem era aquela voz e só Deus sabia a desgraça que poderia acontecer a seguir.

— *Virgen Santísima*, é Agustín — sussurrou ela.

— Quem diabos é Agustín? — Zalo perguntou, pondo-se frente à cama enquanto vestia suas ceroulas.

— Meu irmão mais velho... — murmurou com o coração acelerado. Todo o seu corpo estava em alerta.

— *Bueno...* isso será divertido — ele falou com tranquilidade, procurando o restante de suas roupas.

— Não, não prevejo nenhuma diversão. — Ela ainda estava paralisada de medo, apertando o fino tecido do lençol que a cobria. — Saia pela porta de comunicação antes que ele arrombe a porta do quarto.

Tarde demais.

Após dizer as últimas palavras, a porta se abriu de uma só vez, batendo com força na parede. E Juana fechou os olhos, preparando-se para a batalha que viria, porque ali estava Agustín, de olhos arregalados ao vê-la coberta apenas por lençóis de seda e Zalo em suas ceroulas no meio do quarto. Ao lado dele ninguém mais ninguém menos que Juan Manuel, tão atônito quanto os empregados do hotel e demais hóspedes que espreitavam pelo corredor.

Houve um breve momento de pausa em que todos estavam chocados demais para esboçar qualquer reação, mas passado o estupor inicial, o quarto transformou-se num cenário de pura loucura.

— Eu sei que não há explicação para isso, mas se você me permitir um momento... — começou Zalo para ser interrompido logo em seguida.

— Seu desgraçado! — Agustín saltou para dentro da alcova e com os olhos brilhantes de cólera urrou ao agarrar Zalo. Primeiro pelas orelhas, em

seguida pelo pescoço.

Juana gritou ao ver o irmão derrubar Zalo sobre a cama e cair em cima do enorme homem apertando seu pescoço com toda a força.

— Com licença a todos, esse é um assunto familiar. — Ela viu Juan Manuel fechar a porta no nariz dos curiosos presentes no corredor.

De pé, Juana se aproximou da cena, implorando ao irmão mais velho que deixasse Zalo em paz. O amante por sua vez não parecia disposto a lutar, e ela não entendia isso. Gonzalo era duas vezes maior e mais forte que Agustín, apesar dos músculos do irmão não ficarem muito atrás. Não entendia por que ele não se defendia.

— Juan Manuel, faça alguma coisa, em nome de Deus!

— Já fiz, fechei a porta. Quando se vai cometer um crime não é interessante haver testemunhas.

— Ora, faça-me o favor. — Apertando o lençol junto ao corpo, ela foi em direção à briga, mas foi impedida logo pelo mais novo dos irmãos.

— *Santo Diós*, Juana, não posso crer que esteja sem trajes. — Ele a segurou e em seguida despiu-se de seu paletó, cobrindo os ombros femininos com o tecido negro.

— Mas ele vai matá-lo! — Sua voz se elevou enquanto tentava inutilmente alcançar Zalo. — Agustín, pare, você vai matá-lo!

— Essa é minha intenção. Como ousa deflorar minha irmã? Você não passa de um aproveitador.

— Me... deixe... explicar... — Zalo tentava dizer em um fio de voz. A garganta apertada pelo homem sobre seu corpo.

Em um golpe digno das melhores lutas de rua, Zalo pareceu recobrar as forças e livrou-se com facilidade das mãos que lhe agarravam pelo pescoço. Agustín, em total espanto, viu-se com o gigante descamisado às suas costas, segurando-o com os braços para trás.

— Não quero machucá-lo, *señor* Vasquéz, mas precisa me garantir que quando soltá-lo iremos conversar como dois homens civilizados.

— Não dá para dizer que ele não tem culhões — sussurrou Juan Manuel ao ouvido da irmã.

— Pare com isso! — Desvencilhou-se das mãos dele e deu alguns passos.

— Não se aproxime, Juana. Por Deus, você está sem roupas. Deitando-se como uma...

— Você não vai gostar do que vai acontecer se terminar essa frase — Zalo disse entredentes, reforçando o aperto nos braços do mais velho dos irmãos. O homem suspirou fundo a ponto de suas narinas crescerem.

— Gonzalo... solte-o, por favor.

Zalo assentiu e falou:

— Vá se vestir, *mi amor*, enquanto isso eu e seus irmãos conversaremos.

O carinho com que ele disse a frase não passou despercebido pelos irmãos de Juana. Ela, no entanto, fechou a cara.

— Nada disso, sei muito bem o tipo de conversa que ocorrerá aqui. Ninguém falará nada sem a minha presença.

Um silêncio recaiu sobre o quarto. Zalo soltou Agustín devagar, enquanto este massageou os próprios braços ainda com os olhos em chamas.

— Deixarei que ambos se vistam decentemente... vocês têm dez minutos. Estarei esperando no corredor. — Ele e Zalo se encararam por um momento. — Espero não ter nenhuma surpresa com isso. Vamos, Juan Manuel.

Os irmãos deixaram o quarto e fecharam a porta. Juana correu para os braços de Zalo no mesmo instante.

— Ele o machucou? — Pôs a mão sobre seu pescoço avermelhado com as marcas das mãos de Agustín. — *Diós*, não posso acreditar que isso esteja acontecendo.

— Está e enfrentaremos isso juntos.

— Mas... — Ele a calou com um dedo sobre seu lábio carnudo.

— Vista-se logo e prepare-se, temos uma batalha pela frente.

Juana assentiu, sabendo que o que ele dizia era verdade. Fora pega em flagrante, um escândalo no hotel mais luxuoso de Madrid. Teria sorte se o assunto não saísse nas colunas de fofoca no jornal da tarde.

No entanto não se sentia culpada, apenas perdida, embora seu estômago se retorcesse ao pensar no quão arrependido Zalo deveria estar por ter dormido com ela.



OITO MINUTOS e trinta e cinco segundos depois, os irmãos Vasquéz se encontravam reunidos no quarto da mais jovem.

Sentada na cama, Juana decorara quantas flores estavam bordadas em seu vestido, de tanto olhar para o tecido e torcê-lo entre os dedos. À sua frente, Agustín andava de um lado a outro murmurando pequenos palavrões. Juan Manuel, por sua vez, encarava todo o ambiente com atenção, sentado em uma poltrona próxima à porta.

— E esse patife, não vai aparecer nunca?

— Não o chame assim...

— Diga-me então, como devo chamar um homem que ousou desonrar nossa família? Pelos céus, Juana, eu sempre achei que você fosse menos tola do que isso. Como pôde deixar-se envolver em tamanho disparate?

— Não creio ser da sua conta, meu irmão... — Ela observou Juan Manuel sentado ao outro lado da alcova. — Afinal, onde você estava metido? Estive procurando-o por todos os lados...

— Eu? Oras, Juana, não me trate como uma criança...

— Tratarei como uma enquanto agir com descuido. Metendo-se em lutas clandestinas? O que estava pensando? Você poderia estar morto a uma hora dessas.

— Como sabe disso? — Juan Manuel franziu o cenho.

— Eu disse — Agustín informou, recostado em frente à lareira. — *Mi Diós*, Juana, diga-me que não veio a Madrid em busca de Juan Manuel.

— Eu... eu... fiquei preocupada. Faz pouco meses que Mercedes faleceu. E Juan Manuel não para de agir de modo inconsequente. Veja por si mesmo, estava a lutar pelas ruas...

— Lutar? Pois se assisti a duas lutas, e foi muito.

Juana se surpreendeu com a resposta do irmão.

— Eu pensei... pensei que estivesse em perigo.

— E não acha que já sou grandinho o suficiente para me cuidar sozinho?

— Juana, que Deus me ajude com a verdade, quero saber por onde andou procurando por Juan Manuel.

Silêncio.

— Juana...

— Você não vai querer saber — falou de forma desafiadora.

— Posso imaginar onde, já que encontrou esse tipo... esse...

— A culpa não é dela. — Zalo entrou no cômodo, pondo-se ao lado de Juana.

Ele a protegeria sempre, não importava o que tivesse de enfrentar.

— Me chame pelo meu nome, sou Gonzalo Montoya, e estou aqui para honrar com minhas responsabilidades.

— Ah, agora quer falar de honra...

— Sim, não sou o tipo de homem que sai desonrando donzelas por aí.

— Muito bem, *señor* Montoya, mas temos um dilema. O senhor desonrou minha irmã — foi Agustín quem falou, aproximando-se.

Ambos os homens se encararam com ferocidade, o clima no quarto se tornou pesado demais até para respirar.

Zalo não tinha medo de caras feias, no momento seu maior medo era perder Juana.

— Isso nos coloca em um impasse.

— Estou disposto a arcar com as consequências — Zalo disse.

— Bom, Juana, não me agrada a ideia de ter um valentão na família...

— Agustín começou a dizer —, mas você mesma escolheu seu destino. Providenciarei uma licença especial para que se casem ainda essa semana.

— O quê? — Juana esbravejou.

— Estou de acordo! — Zalo segurou a mão dela enquanto continuava encarando Agustín. — Garanto que sua irmã será muito bem cuidada por mim e que nada faltará a ela.

O mais velho dos Vasquéz suspirou.

Zalo pensou por um instante no celeiro em que estava dormindo em Sevilha e balançou a cabeça espantando a imagem. Tinha o suficiente para oferecer o melhor a Juana.

— É o mínimo que pode fazer, depois de desgraçar a vida dela.

Zalo não disse nada, preferiu respirar fundo e apertar os dentes para não dizer uma besteira. Querendo ou não, aqueles eram os irmãos de Juana, e ela os amava.

— Se eu entendi bem... — começou Juan Manuel — você agora será da família?

— Sim — Foi Zalo quem respondeu.

— Não! — Juana se levantou bruscamente. — Não irei me casar. Ninguém está me consultando para nada.

— Você não nos deixou muita escolha, querida irmã. — Agustín apertou as têmporas.

— Juana, seja sensata...

— Não, Juan Manuel, não quero me casar. — Ela olhou nos olhos de Zalo pela primeira vez enquanto ele tentava entender sua recusa. — Não quero prendê-lo a um casamento por uma coisa da qual também tenho culpa. Eu quis me entregar a você!

— *Santo Diós...* — Agustín começou, dessa vez bagunçando todo o cabelo e voltando a andar de um lado para outro.

— Juana, *mi flor*, me escute. Não posso deixá-la em um momento como esse. Por maior que seja a responsabilidade de ambos nessa história, é você quem será a maior prejudicada e isso não posso permitir. Não quando posso salvá-la.

— Alguém já parou para pensar que eu não quero ser salva?

— Alguém precisará salvá-la de si mesma, Juana, ao menos quando *Don Ramiro* souber dessa história — Agustín instigou.

Zalo a viu engolir em seco.

— Não, você não faria isso. — Ela partiu em direção ao irmão mais velho com olhos ferozes.

— É claro que farei, e agradeça a Deus por *mamá* e *papá* não estarem mais vivos para vê-la desonrada.

Ela pareceu derrotada por um momento, apenas um instante, ao ouvir a referência aos pais de criação.

— Bueno, é óbvio que algo precisa ser feito. Juana não quer casar-se, mas ainda temos um escândalo para remediar. Eu proponho um duelo. — Juan Manuel esfregou as mãos e encarou Zalo.

— Diga-me a hora e o lugar e estarei lá — respondeu o homem.

— O quê? Não. Claro que não teremos um duelo. Gonzalo, enlouqueceu? Não...

Os homens começaram a falar entre si, com suas vozes altas e rudes e o quarto transformou-se quase em uma zona de guerra, com impropérios sendo ditos e Zalo rebatendo a cada instante.

— Calem-se! — gritou Juana. — Não haverá casamento, nem duelo e nem muito menos vocês decidirão algo sobre minha vida como se eu não estivesse aqui para resolver por mim mesma.

— *Hermana...*

— Cale-se, Agustín!

— Creio que o mais adequado no momento é que vocês me permitam falar em particular com a irmã de vocês.

— Não acha que já teve tempo em particular com ela o suficiente?

— Agustín, francamente...

— Está bem, sairemos. — Juan Manuel tomou a frente e se aproximou do irmão, puxando-o para a porta. — Juana sempre fez o que quis. Duvido que dessa vez será diferente.

Agustín separou-se dos braços de Juan Manuel e aproximou-se de Zalo a passos lentos.

— Estarei a uma porta de distância. Não ouse bancar o esperto. Não sairá livre dessa.

Zalo nada disse, mas os irmãos de Juana lhe impressionavam por mostrarem-se tão protetores. Isso explicava a aura defensora que Juana tinha por Letizia e por qualquer um que tivesse o seu afeto.

Ela vinha de uma família de protetores.

Eles tinham pontos com ele por isso.

Acompanhou os homens até a porta e encostou-se nela após fechá-la. Juana sentou-se outra vez na beira da cama, com a cabeça baixa e a mão na nuca.

— Juana... — chamou. Demorou um pouco, porém ela alçou o olhar, encarando-o.

— Zalo, me desculpe. Eu não queria que nada disso tivesse acontecido. Juro que não fiz de propósito... Agustín, ele deve ter vindo porque lhe enviei a carta assim que chegamos aqui. Não pense que planejei uma armadilha, eu apenas...

— Shii, shii... calma, *mi flor*. Eu sei, sei que seria incapaz de planejar algo assim.

Ela assentiu com olhos desesperados.

— Juana, responda-me uma coisa. — Ela o fitou com seus grandes olhos caramelo. — Por que não quer casar-se comigo? Acaso sou tão mau partido assim?

Ela se surpreendeu alterando sua calma respiração.

— Zalo... — sussurrou quando ele se pôs de joelhos à sua frente, ficando na mesma altura dela.

— Me considera tão pouco? — Respirou fundo, o olhar vagueando por seu rosto. — Juro que nada lhe faltaria. Nem mesmo um só botão. Tenho mais dinheiro do que posso gastar, do tempo em que trabalhei junto a Eric. Além disso, eu a respeitaria, a protegeria com a minha vida e nossos filhos... nossos filhos seriam amados, bem cuidados e jamais conheceriam a desonra. Prometo que usaria todos os meus esforços para fazê-la feliz, pelo tempo em que eu viver.

— Eu... jamais o considerei pouco. Não é isso.

— Se quiser, terá a sua liberdade e eu terei a minha. Ou poderíamos ser livres juntos.

— Tenho medo, Zalo. Medo de prendê-lo a um casamento que, sem amor, faça com que nos odiemos um dia.

— Mas não era um casamento sem amor que você buscava naqueles folhetos da agência de casamentos?

Silêncio.

— Eu... eu...

— Gostamos um do outro, temos paixão. — Tocou-a gentilmente na coxa, o que a fez suspirar. — É muito mais do que a maioria dos casais têm quando se casam.

Ele esperou. Se olharam em silêncio por vários instantes, entretanto ela nada disse. Zalo havia lhe feito a maior proposta de sua vida. Apostara alto, e o silêncio lhe dizia que perdera.

Ela estava disposta a casar com um desconhecido que encontraria através de cartas, mas não com ele. No fundo, ele sabia. Ela era boa demais para escolhê-lo, mas não descansaria enquanto não finalizasse esse assunto de uma forma que a deixasse em paz, livre e contente.

— Entendo — respondeu em vista do silêncio da jovem.

Levantou-se, e enquanto ela o olhava desde sua baixa estatura, ele disse: — Seus irmãos querem um duelo e um duelo terão. Não fugirei ao meu dever.

Ela arregalou os olhos e os fechou em seguida.

Estava feito.

Deu-lhe as costas, porque seu coração começou a doer. Nenhuma rejeição jamais o afetara como essa. Talvez porque Juana havia sido o que ele mais quis em um bom tempo, na vida. Perdeu-a sem nem ao menos tê-

la. Não. Teve-a, e se lembraria daquela noite até que estivesse em seu túmulo, talvez por toda a eternidade, se vida ali existisse.

Abria a porta e já encarava os irmãos Vasquéz quando ouviu o débil sussurro às suas costas.

— Me casarei com você.

CAPÍTULO 14

A afirmativa de Juana trouxe para sua vida muitas atividades. Nos três dias que se passaram desde a chegada dos irmãos, ela se viu encurralada pelos preparativos do casamento e a superproteção deles a fim de manter “o decoro”.

Não era deixada em nenhum momento sozinha com Zalo, agora seu noivo. Ainda não se acostumara ao fato de que ia se casar. Mesmo que há pouco tempo pensara no fato de constituir família, a realidade era bem diferente de seus planos. Toda noite pegava-se pensando em como seria o futuro junto a ele.

“...*Temos paixão...*” havia dito. Mas seria a paixão suficiente pelo resto da vida? Talvez, quando sobrassem apenas o respeito e a cumplicidade, eles se tornassem companheiros na jornada que os esperava. Juana também esperava que a paixão demorasse a passar. Ainda podia sentir com vivacidade os toques das mãos grandes e quentes de Zalo em sua pele. E apesar de saber, finalmente, como era o encontro entre um homem e uma mulher, algo lhe dizia que havia muito mais a aprender. Porque seu corpo ansiava em oferecer-se, e mal podia esperar para receber ainda mais carícias.

Enquanto respirava fundo e fugia de seus próprios pensamentos, os dias passavam depressa. Após o choque inicial, ela, os irmãos e Zalo faziam as refeições juntos e conversavam sobre amenidades. Juan Manuel parecia o mais empolgado com o futuro cunhado, enquanto Agustín ainda destilava um pouco de seu veneno, e ego ferido de irmão mais velho, sobre seu futuro marido.

Futuro marido. Amanhã ela e Zalo seriam marido e mulher. Hoje fora à modista pela última vez, onde conseguira comprar por sorte de última hora um vestido de noiva. Uma pequena batalha havia sido travada entre Zalo e Agustín sobre quem pagaria pelos custos do casamento, e o argumento da família da noiva venceu. Teriam uma cerimônia simples e cheia de recato, mas que lhe garantiria um nome e poria fim aos mexericos.

Cielo santo, as pessoas a encaravam ainda mais no hotel depois do escândalo.

Era nisso que pensava enquanto se dirigia ao quarto de Agustín para dar-lhe boa noite e combinar o horário para a saída à igreja na manhã seguinte.

A porta estava entreaberta e ela pôde ouvir a voz dos três homens:



— SEM QUERER ME ENVOLVER NISSO, concordo com meu irmão. É algo grande para ocultar — Juan Manuel disse.

— De certa forma, agora que sei quem é realmente, me sinto mais seguro de entregá-la a você. Mas lhe repito, Juana deveria saber disso o mais rápido possível — Agustín afirmou em seu tom de voz grave.

— O que eu deveria saber? — questionou ela, entrando no quarto.

Os três se puseram de pé imediatamente. Seus olhos surpresos delatavam que algo ali os envolvia, algo secreto. Foi Zalo quem quebrou o silêncio que se seguiu por vários segundos.

— Que decidi passar nossa lua-de-mel aqui em Madrid. — disse, se aproximando. — Agora que não precisa mais se preocupar com Juan Manuel, podemos aproveitar a cidade como dois bons turistas.

Aquilo era amável da parte dele. Juana decidiu parar de olhá-lo com o cenho franzido em busca de explicações quando percebeu que tudo que o noivo fazia era pensando nela.

— É uma excelente ideia. Obrigada. — Suas mãos se uniram e ela ganhou um beijo nos nódulos dos dedos. Zalo se aproximou ainda mais enquanto sorria e tocou seu rosto com suavidade.

Um pigarro os fez darem-se conta de que estavam acompanhados. Agustín levantou-se da cadeira e se intrometeu entre ambos de maneira nada amistosa.

— E então, minha irmã, a que devo a honra de tão doce visita, a essa hora?

— Ah, sim, quase me esqueci. Vim para desejar-lhe boa noite e perguntar: a que horas devo estar pronta para irmos à igreja amanhã?

Um sorriso do tamanho do mundo se formou no rosto de Zalo. Ele deu um passo em sua direção, porém foi impedido por Agustín, que se intrometeu entre os dois novamente.

— Esteja pronta por volta das dez e meia, querida.

— Tudo bem — ela respondeu enquanto sorria para Zalo.

— Eu a levarei até seu quarto — ele devolveu.

— Mas é claro que não vai. Acha que serei assim descuidado justo no último dia? Juan Manuel a levará até a porta do quarto.

Zalo suspirou de uma forma que assustaria até o mais corajoso dos homens. Agustín, entretanto, apenas revirou os olhos.

— Sendo assim, vamos, para que você descanse, *hermanita*.

— Boa noite — Juana disse com os olhos fixos no noivo.

— Boa noite, *mi amor*. — Ela corou um pouco antes de se dar conta que Agustín estava revirando os olhos novamente.

— Eu gostaria que nossos outros irmãos estivessem aqui para ver você se derretendo toda para aquele grandalhão — Juan Manuel disse rindo, quando caminhavam pelo corredor.

— E eu gostaria que meu arco e minhas flechas estivessem aqui para eu dar uma flechada na sua cabeça. — Ele continuou a rir. — O que, pelos céus, é tão engraçado?

— Que quando você perceber, você nem vai saber o que te atingiu, irmã. Nem vai saber.

Ela entrou no quarto, deixando atrás de si a gargalhada espalhafatosa do irmão. O que ele queria dizer? Só Deus sabia.

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, Juana já estava com os olhos abertos, pensando em como sua vida mudaria a partir deste dia. A criada trouxe um farto desjejum, que Juana petiscou, pois não queria correr o risco de desmaiar de fraqueza quando estivesse no altar.

Com a ajuda da simpática camareira, banhou-se e fez um intrincado penteado em seus volumosos cachos. O vestido lhe caía como uma luva, era branco e sem uma saia esvoaçante, como as roupas modernas que ela amava vestir. Tinha uma pequena cauda que a fazia sentir-se especial e importante ao andar, uma renda sobre a seda na parte da frente e um bordado no busto que fazia com que seus seios parecessem maiores. Olhou-se no espelho depois de pronta e sentiu-se bonita.

Mais do que isso: sentiu-se preparada para ser a senhora Gonzalo Montoya.



CASARAM-SE na capela de San Miguel, próxima ao hotel em que estavam hospedados. Se Zalo tinha uma certeza na vida, era que jamais se esqueceria da visão de Juana caminhando até ele vestida de branco, com seu lindo sorriso nos lábios. Agustín sussurrou algo como “cuide dela” em seu ouvido e ele assentiu com a confiança de que cumpriria sua promessa.

Ficaram com as mãos unidas durante toda a cerimônia, os cunhados foram seus padrinhos e os únicos convidados. Após a celebração regressaram ao hotel, onde uma mesa no restaurante havia sido reservada para um café-da-manhã tardio. Antes de irem embora, comeram um bolo preparado especialmente para a ocasião e brindaram com champagne. Ele mesmo havia encomendado tudo pensando no melhor para Juana.

Ela merecia um casamento dos sonhos, muitos convidados, uma longa fila de pajens e uma festa digna da melhor coluna social de toda a Espanha, entretanto, fizera o possível para que ela tivesse o melhor, mesmo em circunstâncias especiais.

Era o meio da tarde quando enfim ficaram sozinhos no quarto. Ele entrou com ela em seu colo enquanto ambos gargalhavam e as pétalas de flores do buquê caíam no chão.

— Você e essa sua mania de me carregar.

— É sempre um prazer, *mi amor* — disse, colocando-a no chão.

— Acho que nunca comi tanto em minha vida. — Ela começou a tirar os grampos do cabelo andando de um lado a outro e deixando-os por toda parte.

Quando os cachos de Juana estavam soltos, ela se virou e encontrou Zalo parado, fitando-a com olhos ávidos.

— O que foi? — Fez a pergunta, porém imaginava qual seria a resposta.

— Amo seu cabelo. — Com passos curtos e lentos logo estava próximo a ela e passou a enrolar os dedos em seus cachos.

— Mmmm... acho que gosto que você goste do meu cabelo.

Então a beijou e o gosto de céu se apossou de seus lábios. Beijá-la era como tocar o mais fino algodão, o fazia delirar, perder o controle de si mesmo, pensar em dias bons e noites ainda melhores.

— Gonzalo... são apenas três da tarde... há sol lá fora... não podemos... — separou seus lábios dos dele — preciso trocar de roupa, tirar esse vestido e... — ela disse, corando.

Ele cobriu os lábios dela com os seus antes de dizer:

— Somos marido e mulher agora, podemos fazer o que quisermos. — Beijou-a de novo. — E quanto ao vestido, será um prazer tirá-lo para você.

Ela ficou com o rosto rubro por sua ousadia.

Tocando os ombros magros, rodeou o corpo de Juana como um leão rodeia sua presa e se colocou às suas costas, procurando pelo início do caminho de botões que prendiam sua pele dentro do vestido. Quando o encontrou, começou a abri-los com habilidade, um por um, ao mesmo tempo que distribuía beijos pela região que se desnudava, fazendo-a arrepiar-se de prazer.

— Gonzalo... — ela suspirou enquanto ele enchia o caminho de sua coluna de beijos.

Logo o vestido foi ao chão junto com o pudor e com as amarras que os impediam de ficarem juntos. Agora eram marido e mulher, pertenciam um ao outro pela vida, até que a morte os separasse. E Zalo esperava ter uma vida muito longa ao lado de Juana.

Pelos santos, mal podia acreditar que a tinha somente para si, que a sua realidade agora seria viver dia e noite com ela. Seu peito inchava de prazer e antecipação por tudo que viria a seguir. Daria a Juana a vida que ela tanto sonhava, e que Deus o ajudasse a ser o homem que ela merecia.

Depositou-a na cama com gentileza enquanto as roupas de ambos se perdiam uma a uma no chão. Tocou-a, reverenciou-a com as mãos e os lábios e se entregou ao prazer que era tê-la em seus braços. Ele não sabia muito bem as palavras certas para dizer que a adorava, mas deu o seu melhor abraçando-a e murmurando coisas doces em seu ouvido.

Foi suave e lento, ao mesmo tempo que feroz e malicioso, tê-la pela primeira vez como casados. Juana era curiosa e fazia questão de deixá-lo saber o que a agradava.

Frente a frente, olhando nos olhos um do outro quando a tormenta de paixão cessou, eles tinham as mãos unidas, dedos entrelaçados e sorrisos gentis nos lábios.

— Olá, *señora* Montoya.

— Pois não, *señor* Montoya.

Ele beijou sua palma com carinho.

— Eu a adoro, Juana.

— Mmm, *Don Gonzalo*, não é necessário me encher de palavras bonitas, já estou em sua cama — ela disse com um sorriso travesso.

— Sabe que vou mimá-la pelo resto de seus dias, não sabe?

— Ouvi dizer...

Zalo se aproximou, os corpos voltando a tocarem-se, a pele macia ficando arrepiada com o contato.

— Será tudo do jeito que você quiser... — beijou-a por trás da orelha.

— Teremos uma casa em Granada, ou em Jaén, para que fique próxima da sua irmã. Será um lugar repleto de flores, não tão bonitas como você, é claro. — Ouviu-a gargalhar docemente enquanto mordida o lóbulo de sua orelha. — Terá empregados para os afazeres da casa, uma cozinheira, um cavaleiro e talvez uma governanta, quando os bebês começarem a chegar...

— Mmmm, parece tentador... — ela disse, ronronando tal qual uma gata selvagem.

— E será conhecida como a mulher mais bela — beijou sua bochecha — a mais destemida — seguido de seu nariz — e a mais prendada de toda região. *Doña Juana Montoya*.

— Zalo...

— Sim, querida. — Roçou levemente seus lábios nos dela. — Diga-me.

— Obrigada. — Segurou-lhe o rosto com as duas mãos e reparou que ela tinha os olhos marejados. — Por ser quem é.

Juana não pôde ver, mas o peito de Zalo se contorceu em dor nesse momento.

“Conte a ela, conte a ela antes que seja tarde demais.” A voz em seu interior dizia, mas Zalo nada falou. Pelo contrário, em silêncio permitiu que Juana o abraçasse e tomasse a iniciativa de amarem-se.

Deixou que as más notícias chegassem por si mesmas.



NOS DIAS que se seguiram Juana não conseguiu encontrar, por mais que tentasse, momentos mais felizes em sua vida. Jamais havia tirado tanto

tempo para fazer coisas para si mesma. Além disso, Zalo a mimava demais, levando-a a lugares interessantes e divertidos. Passaram uma tarde inteira no Museu do Prado e um dia percorrendo o centro histórico da cidade, com suas esculturas e praças. Visitaram algumas igrejas e tiveram momentos absurdamente gulosos em uma confeitaria famosa.

Sentia que se pedisse a lua ao marido, ele faria questão de buscá-la direto do céu.

Corava a cada manhã ao recordar os momentos íntimos passados ao lado de Zalo, como descobriam um o corpo do outro e contavam segredos sussurrados, graças à liberdade da escuridão. Não tinham pressa para nada, apenas às vezes para tocarem-se e trocarem efusivos beijos em locais proibidos.

Sua nova vida começara e estava boa demais. Mesmo que ainda tivesse que prestar contas com o passado. Em dois dias iriam embora e precisariam regressar a Sevilha para enfrentar *Don* Ramiro e dizer-lhe sobre o casamento. *Diós*, teria que contar a Letizia também, que se casara mais do que de repente e a irmã não comparecera. Ela ficaria uma fera. Não mais do que *Don* Ramiro, disso tinha certeza. Não conseguia parar de pensar em tais coisas, quando a voz do marido lhe chamou a atenção. Estavam almoçando no restaurante do hotel e fartavam-se degustando um delicioso prato de arroz com frutos do mar.

— Está fazendo caretas já há algum tempo, devo me preocupar?

Juana sorriu, afastando os pensamentos preocupantes da mente.

— Estava apenas pensando que a viagem está acabando e vamos voltar à vida real.

— Será uma boa vida, *mi flor*. Prometo. — Segurou a mão e em seguida beijou-a.

— *Señor* Montoya? — Uma voz firme disse, tirando a atenção de Juana e Zalo um do outro. Era o funcionário da recepção do hotel.

— Há uma pessoa lhe esperando no saguão.

Ela viu o marido franzir o cenho, seguido de um olhar preocupado.

— Será um de meus irmãos que voltou? Nesse caso prefiro ir junto...

— Levantou-se, mas logo foi apaziguada por Zalo.

— Seja quem for, querida, não deve atrapalhar seu almoço. Termine de comer, retornarei em seguida.

— Tem certeza?

Ele assentiu e depositou um suave beijo em sua testa.

— Já volto.

Foi o que ele disse há vinte minutos, recordou Juana. Terminou de comer a sobremesa e agora balançava os pés sob a cadeira, enquanto respirava fundo vendo as pessoas ao seu redor cochicharem a seu respeito. Quando estava com Zalo não prestava atenção em mais ninguém. Com um suspiro, ajeitou o cabelo e a roupa brevemente para conferir se estava tudo no lugar.

Decidiu ir atrás do marido quando mais dez minutos se passaram. Levantou-se da mesa de uma só vez e rumou para o enorme e opulento saguão do hotel. Lá, encostado ao balcão da recepção, estava Zalo, com um olhar feroz e mãos agitadas que apontavam para um homem à sua frente. Tão alto quanto ele, o desconhecido estava vestido impecavelmente em um traje negro e sapatos muito bem lustrados, e trazia consigo uma cartola nas mãos.

Pensando em ajudar o marido, Juana partiu em sua direção. Aproximou-se devagar e ainda pôde ouvir a conversa, que não acontecia em um tom baixo, antes de anunciar sua presença.

— Não me importa o que ele deseja, diga que não irei tão cedo a seu encontro — ouviu Zalo dizer com impaciência.

— O que tem a perder? Acaso irá renegar seu próprio sangue? — o homem respondeu.

— Zalo? — ela chamou e o viu praticamente congelar à sua frente.

O marido arregalou os olhos e passou a mover o olhar freneticamente entre ela e o desconhecido.

— O que está acontecendo?

O homem a encarou com um misto de curiosidade e desrespeito, mas isso não importava, o que lhe interessava era Zalo, que parecia a ponto de explodir em um colapso.

— Juana... — o marido começou, encarando-a com olhos pesarosos. — Preciso que me escute...

— Bom, o recado está dado. O conde está à sua espera — o desconhecido disse e sem mais, partiu, dando um último olhar curioso a Juana.

— Zalo? Quem é aquele homem e o que ele quis dizer com “o conde está à sua espera”?

— Não é nada, querida, apenas negócios maus resolvidos e...

Ele segurou seu braço com carinho e partiu em direção à escada.

— Solte-me. Acaso pensa que sou alguma idiota? Se não me disser o que acontece, sairei em disparada atrás daquele homem e não descansarei até obter a verdade.

Ela falava sério, ele sabia disso.

Estavam em meio ao saguão cheio de gente, falando em sussurros nada harmoniosos.

— Vamos para o quarto e lhe direi.

— Agora, conte-me agora.

Zalo fechou os olhos com força e os abriu logo em seguida, como quem tem uma grande dor de cabeça.

— Gael... esse é o nome dele, o homem que acabo de encontrar. Ele é meu irmão.

Juana quase sentiu vontade de dar um tapa na própria testa ao finalmente reparar na semelhança entre Zalo e o desconhecido. Eram do mesmo tamanho, Gael, entretanto, era mais magro e tinha um ar menos feroz que o de Zalo.

— Nosso pai está morrendo... soube que estou em Madrid e mandou me chamar.

A verdade não demorou a atingir Juana. Ela veio como um raio em sua mente, ao mesmo tempo que as palavras de Zalo:

— Sou o filho mais novo do Conde de Villacañas.

CAPÍTULO 15

— Juana, espere! — Zalo andava a passos corridos atrás dela e por pouco não teve a porta do quarto fechada em seu rosto. — Me deixe explicar, por favor.

Ela andou de um lado ao outro da alcova. Seu olhar estava distraído, como se ela conversasse consigo mesma, apenas.

— Juana, olhe para mim.

— Não posso.

— Por que não?

— Porque estou pensando em diferentes formas de te matar e olhar para você só torna o desejo ainda maior.

— *Mi flor...* — Aproximou-se, tentando abraçá-la.

— Não me chame assim. — Desvencilhou-se de seus braços. — Solte-me. Estou falando sério, quero matá-lo. — Passou a olhar as gavetas e tirar coisas do lugar. — Não há nem mesmo uma maldita adaga por aqui. Onde está meu arco quando mais preciso?

— Juana, Juana... — Agarrou-a pelos ombros. — Olhe para mim. Sei que está chateada...

— Você não faz ideia de como me sinto, não posso colocar em palavras, apenas um tiro poderia começar a traduzir a sensação de...

— Sim, querida, isso, ponha para fora. Diga-me o que sente, mas não fique sem falar comigo, por favor.

— ...de traição! Você mentiu para mim! — Os olhos dela encontraram os dele e seu coração se apertou ao ver dor neles. — Você é filho de um conde. Não acha que isso era algo que eu deveria saber antes de me casar com você?

— Eu sei, eu sei que...

— Você sabe? Não, Zalo, você não sabe de nada, porque se você soubesse, não teria me escondido isso. — Ela bateu em seu peito. — Já disse para me soltar.

— Não vou soltar, não enquanto não prometer que irá me ouvir.

— E o que há para dizer? — Ela abriu os olhos como se o estivesse enxergando pela primeira vez — Céus... agora me dou conta, não sei nada

sobre você. Quem é, de onde veio, onde cresceu... somos completos estranhos e estamos casados. Como pude me deixar levar por tal coisa... e me solte, em nome de Deus.

Por fim ele a soltou. Não havia muito a fazer além de deixá-la esbravejar sua decepção e aquela era a última coisa que gostaria de ter feito: decepcionar Juana.

Sua mente o havia alertado diversas vezes para dizer-lhe a verdade. O próprio Agustín havia advertido que não se sairia bem dessa em esconder o fato de Juana. O cunhado tinha descoberto depois de uma noite no bar do hotel, em que escrevera seu nome completo na conta.

— Juana... eu realmente quero me explicar.

Ela pareceu exausta quando o olhou. Sentou e colocou as mãos sobre a nuca, com a cabeça baixa.

— Deixe-me te contar a história toda, desde o começo.

Fez um gesto para que ele prosseguisse, recostada à penteadeira. Seu olhar dizia que ele tinha apenas uma chance.

Uma chance de dizer a verdade e não a perder.

— Minha mãe morreu logo depois que eu nasci. Tifo. Meu pai... aparentemente a amava demais e nunca se recuperou. Não se casou de novo, porém tornou-se um homem amargo e controlador. — Olhava para ela, buscava seus olhos, entretanto só encontrava uma máscara fria. — Ele criou meu irmão e a mim com mãos de ferro. Tínhamos horários para tudo, as coisas eram feitas do jeito dele, inevitavelmente... Gael diz que nem sempre ele foi assim... que quando mamãe era viva ele foi um pai diferente. Talvez por isso ele o entenda melhor do que eu.

— Eu sinto muito pela sua mãe — Juana sussurrou com olhos cabisbaixos e desconfiados, como há muitos dias ele não via. — De verdade.

Zalo assentiu, havia começado a falar de uma parte de sua vida que guardava a sete chaves. Não gostava de falar do pai, não gostava de pensar na família e no que deixou para trás há muitos anos. O agora é que era sua vida, não importava de onde tivesse vindo. E essa era sua missão, convencer Juana do homem que era hoje.

— À medida em que fomos crescendo, as coisas foram se tornando mais insustentáveis. O conde deixava bem claro sua predileção por Gael, afinal ele era o mais velho e concordava com tudo que dizia e falava... Enquanto

eu, a cada ano que passava, não suportava mais estar lá. Não aguentava mais as malditas regras, as discussões e a pressão para ser igual a meu irmão. Depois que fui para a universidade nunca mais voltei. Foi onde conheci Eric e bom... o restante você pode imaginar.

Alguns instantes de silêncio fizeram Zalo duvidar que Juana ainda prestava atenção nele, mas logo em seguida ela falou:

— Seu pai é Hernando Jimenez, um dos homens mais poderosos de toda Andaluzia. Córdoba inteira come na mão dele... ele é rico como Crespo.

— *Mi amor...*

— *Cielo Santo*, e agora somos genro e nora.

— Sei que pode parecer assustador...

— Mas é assustador. Toda minha vida fiz de tudo para passar despercebida, para não arranjar problemas com os ricos e nobres. Minha vida inteira foi andar em uma corda bamba, sendo quem eu sou, uma bastarda. E agora...

— Agora terá uma vida tranquila, Juana, eu prometo. Não tenho intenção de me aproximar de meu pai, pelo contrário, tudo que desejo é esquecer que fui um Jimenez um dia.

— Mas você é um Jimenez, mesmo que não herde o título...

— *Mi amor, mi amor...* — Levantou-se e se aproximou dela. — Tudo que importa somos você e eu, e a vida que começaremos agora. — Ela se deixou abraçar, para alívio de Zalo. — Montoya é o sobrenome de minha mãe, é o que sou agora e o que tenho a lhe oferecer.

— Devo estar louca, porque aceito. Aceito o que tem a me oferecer. — Se olharam nos olhos. — Diga-me, Gonzalo, o que tem me feito para tornar-me fraca em seus braços?

— Não é fraca, é que agora divide comigo o peso do mundo em suas costas. E não está acostumada a isso.

Seu olhar se tornou vago, como se assimilasse o que ele acabava de dizer.

— Somos dois rebeldes. Dois revoltados selvagens que não aceitam que ninguém lhes diga como trilhar o caminho.

Concordando, Zalo a beijou com carinho e doçura enquanto a abraçava forte, sentindo a pele aveludada sob suas mãos calosas de um trabalho duro que lhe rendera bons frutos. Sua maior vontade era dar uma vida digna a

Juana, e não permitir que seu passado interferisse na construção de sua família.

— Você me perdoa?

Juana assentiu para seu completo alívio.

— Só preciso de um tempo para digerir isso. São muitas mudanças em tão pouco tempo... por acaso era disso que falavam você e meus irmãos quando os interrompi na noite anterior ao casamento?

— Sim... de alguma forma Agustín descobriu e me advertiu que você não reagiria bem.

— Eles me conhecem bem.

— Sim.

Ele deu um beijo na bochecha dela e continuou guiando os lábios até a boca enquanto ainda a abraçava pela cintura.

— O conde está morrendo? — questionou ela se separando, como se a seriedade do assunto impedisse uma maior intimidade.

— Ao que parece, sim.

— E há quanto tempo não se falam?

— Algo como uma década, mas ele sempre me vigiou de longe. Queria se intrometer em meus assuntos... o fato de saber que estou em Madrid é uma prova disso. O homem tem braços por toda a parte.

— Devemos ir vê-lo, então.

— Devemos?

— Se ele deseja vê-lo por estar morrendo, é seu dever como filho. Não importa o que tenha acontecido, Zalo, ele ainda é um ser humano e merece ter seu último desejo atendido.

Ele suspirou com a afirmação dela.

— Não havia pensado por esse lado... e não tenho nenhum desejo de ir vê-lo.

— Gonzalo, não diga isso. Querendo ou não, ele ainda é o homem que lhe deu a vida.

— Sim, e grande vida ele me fez ter, não é mesmo?

— Então não iremos visitá-lo?

Negando com a cabeça Zalo falou:

— Eu irei... creio que seja melhor que você vá para o castelo Navarro e nos encontremos lá antes...

— Iremos juntos. Vou com você visitar seu pai. Somos marido e mulher, não fugirei a nenhuma luta ao seu lado.

O peito de Zalo inflou em admiração pela mulher que escolhera como esposa. Visitar o pai não seria uma tarefa fácil, entretanto, com Juana ao seu lado, ele sentia que poderia enfrentar qualquer coisa.

— Prepare suas coisas, *mi amor*, vamos voltar para a Andaluzia.



ZALO FICAVA cada vez mais silencioso à medida que se aproximavam de sua casa.

Apesar de ter amado conhecer Madrid, voltar para as paisagens históricas da Andaluzia fazia com que Juana se sentisse segura e em casa. Coisa que as aventuras vividas na capital lhe haviam roubado.

E talvez voltar para casa fosse o grande problema de seu marido. Era claro que, apesar de ele dizer que não tinha mais proximidade com o pai, a animosidade com a família era grande. Bastava lembrar-se de como estava quando o encontrou conversando com o irmão, o futuro Conde.

Seguiam na carruagem, deixando a cidade de Córdoba e indo para a casa de campo do conde, próxima a Montoro.

— Há algo mais que preciso saber?

Esperou pela resposta do marido, que estava sentado à sua frente no veículo, porém Zalo encarava a janela do coche com os olhos perdidos.

— Gonzalo, estou falando com você. — Deu-lhe um leve chute.

— Sim, querida.

— Estou perguntando se há algo mais que preciso saber.

— Não, *mi amor*, não há nada mais. Apenas prepare-se para uma estada nada agradável pelos próximos dias na mansão Villacañas.

— Ao menos a paisagem é agradável.

— Consegue sentir? São as flores de laranjeira. Estão por toda parte aqui na província.

Ela sorriu, ele falava com orgulho do lugar de onde viera.

— Haverá muitas pessoas?

— Creio que não. Se o conde está doente, a casa não deve estar hospedando ninguém. O que é melhor. Não ficaremos por muito tempo, *mi*

flor, sendo assim, deixe as malas preparadas.

— Está bem.

O restante da viagem ocorreu em silêncio, com Juana de olhos atentos nas reações do esposo. Por fim, Zalo suava e mostrava-se incomodado com as camadas de roupas que vestia.

— Ei, estarei com você todo tempo — disse, oferecendo-lhe a mão.

— Obrigado, *mi amor*. Obrigado. — Beijou-lhe a palma para em seguida respirar fundo ao olhar pelo vidro do veículo.

A mansão era mais intimidadora e imponente do que Juana imaginara. Ocupava o centro de um amplo terreno coberto de verde, árvores frondosas e grama. Uma bela escultura resplandecia no meio do jardim onde a carruagem fazia uma volta. Observou com curiosidade a rápida movimentação de empregados aguardando a chegada de ambos desde a entrada da casa.

O último a sair foi Gael. Em um terno azul, suas botas cintilavam à luz do sol que já indicava o início da tarde. Juana alisou o tecido da saia para esconder sua ansiedade, enquanto Zalo descia da carruagem. Sentiu que faltavam apenas trombetas para anunciar sua chegada. Com os empregados a postos, viu Gael se aproximar ao mesmo tempo que o marido lhe ajudava a desembarcar do veículo.

O ar fresco do interior lhe soprou o rosto e enfim não sentia mais tanto calor, como o que teve que aguentar durante a viagem.

— Sejam bem-vindos. Olá, *hermano*! — Os irmãos se deram as mãos.

— Chegaram bem a tempo para o almoço. Estávamos todos esperando.

— Estávamos? — Zalo questionou.

— *Sí*! Temos visitas para o fim de semana. Apenas alguns amigos de sempre, que vieram aproveitar a estação.

— Está recebendo convidados mesmo com o conde adoentado?

— Pois se foi *papá* quem não quis quebrar a tradição de ser um grande anfitrião nessa época do ano...

Zalo suspirou e Gael sorriu para Juana.

— Acho que não fomos devidamente apresentados, sou Gael Jimenez.

— Juana Montoya! — disse com a certeza de que o impactaria.

Dito e feito. O homem arregalou os olhos e passou a olhar de um para o outro sem a menor cerimônia.

— Esta é minha esposa, Gael. — Zalo a abraçou pela cintura.

Assentindo, Gael primeiro livrou-se do olhar surpreso, para em seguida sorrir, um genuíno sorriso.

— Desculpe-me o espanto, mas pensei que jamais mulher alguma conseguiria prender esse meu irmão.

— Prendê-lo não é algo que eu esteja fazendo.

Gael e Zalo sorriram com o comentário.

— Além de tudo é espirituosa. Seja bem-vinda à sua casa *señora* Ji... Montoya. Permitam-me acompanhá-los até o salão, onde todos aguardam.

Ambos começaram a caminhar atrás do anfitrião.

— Até que não seria má ideia — sussurrou Zalo de braços dados com a esposa.

— O quê?

— Você amarrar-me qualquer hora dessas...

Juana o encarou com os olhos arregalados e o rubor logo tomou conta de seu rosto. Zalo por sua vez achou graça e continuou a caminhada.

Infelizmente, por mais que tentassem adivinhar, nada os prepararia para o que estava por vir.

CAPÍTULO 16

Quando a porta do salão se abriu, mais de duas dezenas de pares de olhos encararam a ele e a Juana. Ao seu lado, não a sentiu esmorecer nem ao menos por um segundo, pelo contrário, o olhar manteve-se altivo, quase superior. Por sua vez, Zalo decidiu dar-lhe a mão, em vez de manterem-se de braços dados.

Era sua resposta de que estava ali com ela e por ela.

— Damas e cavalheiros... creio que se lembram de meu irmão menor, Gonzalo. Ele está de volta a essa casa, depois de um longo período fora, junto com sua esposa, *Doña Juana*.

O silêncio que se seguiu quase deu a Zalo vontade de rir, embora não houvesse graça nenhuma. Ele observou cada olhar naquela sala e reparou nas diversas expressões que ali estavam, algumas espantadas, outras amistosas e umas tantas desdenhosas. A última lhe fez fechar a mandíbula e colocar sua pior versão em jogo.

— Com licença, deixem-me aproximar, preciso ter a certeza de que... ora vejam só, é ela mesma. — Uma senhora de meia-idade se aproximava com seu leque nas mãos, vestida de forma distinta. O que parecia ser o marido vinha logo atrás. — Mas veja, não é você, doce menina, a dama de companhia da Duquesa de Granada, *Doña Letizia*?

Ah, se o mundo soubesse...

Juana assentiu. Zalo podia jurar que ela queria soltar uma impreciação por ser o centro das atenções.

— Sou eu mesma... é um prazer revê-la, *Doña*... Marisol. Estou correta?

— Corretíssima. Que rapaz de sorte você é, essa jovem aqui é encantadora — a mulher disse, dando-lhe um tapinha no braço com seu leque.

— Mmm, querido — começou Juana —, essa doce senhora é a Marquesa de Cabanes e esse é seu marido, o Marquês, *Don Emilio*.

— *Señora* — cumprimentou-a.

— Ora, vamos deixar de lado toda essa formalidade, se estamos aqui entre amigos, não é mesmo? — a marquesa disse para todos. Alguns

murmúrios começaram a surgir e logo as conversas na sala estavam restabelecidas.

Ainda próximo deles, Gael o lembrou:

— O conde está esperando-o.

— Prefiro deixar minha esposa à vontade primeiro em algum dos quartos.

— Ora, não vá esconder essa beleza de nós, Gonzalo. E para ser sincera, eu deveria dar-lhe algumas palmadas por não se lembrar de mim. Eu peguei seu marido no colo quando ele era criança, sabia, Juana? Olhe só para o tamanho dele agora. Pode ir visitar seu pai, enquanto eu tomo conta dela. Não se preocupe.

Ele encarou Juana, que sorriu, já de braços dados com a marquesa.

— Pode ir, querido, estarei bem, não se preocupe — completou ela em um tom calmo, como se quisesse tranquilizá-lo.

Não gostava de deixá-la sozinha logo em seus primeiros instantes na casa, ainda mais repleta de convidados..., mas lembrou-se das várias vezes que Juana lhe dissera que não precisava de proteção.

Pelos céus, sim, a mulher podia defender-se muito bem sozinha.

Despediu-se dela e dos marqueses e rumou pelas escadas junto a Gael em direção ao quarto do conde.

Começara a desconfiar que fora envolvido em uma artimanha de seu pai. Ninguém que estivesse entre a vida e a morte desejaria ter tantos convidados em casa.

O quarto que o conde ocupava ainda era o mesmo, o maior e mais luxuoso dos vinte e sete da casa. Encontrava-se ao final do corredor principal. A porta estava entreaberta e um empregado acabara de sair, dando de cara com Zalo. O homem arregalou os olhos após reconhecê-lo e fez um leve cumprimento com a cabeça.

Há quantos anos não era reconhecido como o filho de *Don* Hernando Jimenez?

— Ele está ansioso para vê-lo — murmurou Gael com a mão no batente da porta.

— Eu deveria lamentar por não sentir o mesmo?

— Vamos, Gonzalo, você é muito melhor que isso. O velho não parou de chamar por você enquanto estava febril.

— Sim, provavelmente estava imaginando que tinha o cinto nas mãos e corria atrás de mim pela casa.

— *Papá* mudou muito nos últimos anos.

— Ele mudou quando percebeu que estávamos grandes demais para sermos controlados.

— Certo, então vá lá e diga isso para ele, mas veja-o.

Zalo suspirou. Aquilo parecia um pesadelo, estar de volta àquela casa depois de tantos anos, sentir os mesmos aromas, ver os mesmos empregados. Agradeceu aos céus por ter ido embora ou então pararia no tempo como seu irmão Gael parou, sempre servindo ao grande Conde de Villacañas.

Entrou no quarto a passos lentos, enquanto Gael fechava a porta. As janelas estavam abertas e permitiram que ele visse com tranquilidade que o homem que repousava sobre a enorme cama um dia fora o grande conde.

Era ele, *Don Hernando*, sem dúvidas, porém agora tinha a pele ainda mais enrugada, sem o aspecto bronzeado e vivaz de antes, e parecia até mesmo ter diminuído de tamanho. Sua feição fora de feroz a frágil. Ainda estava ali, ainda era seu pai, mas realmente não era o mesmo.

Zalo não sentiu nada, apenas pena. Não sentiu ódio, amargura nem rancor. Pôde perceber que não odiava o pai, apenas não concordava com as ações que um dia ele fizera.

— Olá, Gonzalo! — a voz antes imperativa, agora calma, lhe falou.

— *Don Hernando*, soube que o senhor queria me ver.

— O que precisa um homem fazer para ter acesso ao seu próprio filho?

— Você sempre teve acesso a mim, até onde sei. Seus espiões, seus amigos da alta sociedade, sempre lhe deixaram muito bem informado.

O velho fez um sinal com a mão indicando pouca importância.

— Isso é diferente. Uma notícia não é o mesmo que vê-lo frente a frente. Você se tornou um belo homem, filho.

— E o senhor está velho.

Don Hernando deu de ombros e riu.

— O que posso fazer? Aguarde e um dia estará em meu lugar.

— Tenho certeza que sim, mas serei diferente de você.

— Ainda não perdeu o costume de achar que é melhor do que eu e seu irmão, Gonzalo.

— E o senhor não perdeu o costume de achar que pode ordenar que eu faça apenas o que o senhor deseja.

O velho tossiu um instante e se levantou, apoiando as costas no espaldar da cama.

— Você veio sozinho? — perguntou com os olhos brilhando de malícia.

— Você já sabe essa resposta. Acredito que é por isso que estou aqui, não é mesmo? Quem lhe disse que me casei?

— Casou-se? Ora, mas não havia sido essa a notícia de que me informaram. Sendo assim, meus parabéns. E onde está a mais nova *señora* Jimenez?

— Montoya. A *señora* Montoya está lá embaixo, muito bem protegida das suas garras.

Silêncio.

— Eu entendo o seu rancor por mim, filho...

— Não tenho rancor por você, apenas não sofro de amnésia.

— Onde ela está? — insistiu o conde.

— Já disse, está lá embaixo, com seus convidados.

— E não há nada mais a me dizer?

— O que haveria? Pelo contrário, eu é que quero saber o que diabos estou fazendo aqui.

— Você está aqui porque é meu filho e quero dar fim a essa maluquice de você viver como se não tivesse família.

— Tenho uma família agora, minha esposa é minha família.

O conde não respondeu, apenas pareceu engolir em seco.

— Quero conhecê-la.

— Levante dessa cama e conheça-a por si mesmo.

— Não o criei para ser mesquinho, Gonzalo.

— Não, não mesmo. O senhor me criou para não ter sentimentos, mas adivinhe só? Eu não sou o senhor.

Sem mais, deixou o quarto.

O que foi fazer naquela casa?



O ALMOÇO TRANSCORREU com normalidade na enorme sala de refeições da propriedade Villacañas. Com todos deliciando-se entre os mais diversos pratos na elegante mesa, Juana perguntava-se como estava a conversa entre pai e filho.

A marquesa sentada ao seu lado tentava inclui-la nos assuntos, da sua parte, Juana preferia apenas observar os convidados. Estava acostumada demais a ficar atrás das cortinas, não a ser o centro do espetáculo. Uma ou duas pessoas a encaravam abertamente com curiosidade, enquanto os demais mostravam-se educados o suficiente para não serem chamados de rudes.

Quando os irmãos apareceram na entrada do salão, ela prendeu a respiração. Gael saudou a todos com gentileza enquanto sentava-se na cabeceira da enorme mesa. Zalo, por sua vez, tinha a expressão fechada, as sobrancelhas apertadas e os punhos cerrados. Procurou-a com o olhar por um instante e reparou que cada membro do banquete os observava atentamente. *Muito atentamente*, pensou Juana ao levantar uma sobrancelha, vendo uma dama de cabelos dourados dedicar um pequeno sorriso a Zalo e corar logo em seguida. Quando olhou de volta para o marido, que caminhava lentamente em sua direção, viu-o devolver um discreto aceno à mulher.

— Como foi? — falou baixinho quando ele se sentou ao seu lado.

O marido apenas fez um sinal indicando que não queria falar sobre aquilo no momento. Juana respeitou.

— *Don Gonzalo*, é um prazer vê-lo em tão boa saúde — um homem que Juana não reconheceu começou a dizer. — Não tínhamos notícias suas desde...

— Desde o escândalo com os Casanova — uma mulher completou com ar de mexeriqueira. Juana retesou, não era o momento de falar sobre o escape de Eric e Isabel.

— Sim, é verdade, ao contrário do que muitos pensam, é muito bom estar vivo. — Zalo disse e Juana quase se engasgou enquanto tomava um gole do excelente vinho.

— E por onde andou, meu rapaz? — foi o Marquês de Cabanes quem perguntou.

— Pela América, *señor*. Nossa antiga colônia é um lugar em desenvolvimento e muito interessante.

Uma chuva de exclamações passou a rodear a mesa. As pessoas, ao mesmo tempo em que ficavam chocadas, também estavam maravilhadas com o retorno de alguém tão misterioso quanto Zalo.

A refeição seguiu com os convidados questionando histórias das viagens de Zalo combinadas às opiniões dos ali presentes. Ao seu lado o marido segurava sua mão por baixo da mesa, buscando ou dando conforto, Juana não sabia. O que percebia era que voltar para casa estava sendo mais difícil para Zalo do que ela imaginara.

Após a sobremesa, com todos fartos da comilança, os convidados começaram a se retirar um a um. Grupos dispersaram-se juntos, homens foram para a biblioteca ou para a sala de jogos e as mulheres para um salão feminino. Juana sabia que teria uma longa tarde pela frente, sendo escrutinada de todos os jeitos pelas mulheres ali presentes. Queria falar com o marido antes de qualquer coisa.

— Precisamos conversar — disseram juntos enquanto se levantavam.

Ela sorriu, o marido não. Isso a deixou preocupada.

— Está bem, vamos até...

— Gonzalo, como vai? — A jovem em quem Juana reparou mais cedo, a de cabelos dourados, havia se aproximado. — Há quanto tempo não nos vemos.

— Olá, Aitana, estou bem, e você? — O sorriso de Zalo foi polido e educado em direção à jovem. — Conhece minha esposa?

Involuntariamente, Juana encarou a dama com curiosidade e com um breve sorriso. A mulher parecia não ser mais tão jovem para estar debutando, também não era tão velha para estar na meia-idade. Com seu cabelo loiro preso em um bonito penteado, ela trajava um vestido de musseline verde que combinava com seus olhos da mesma cor.

De certa forma, Juana sentiu que ambos eram mais chegados do que deixavam transparecer, pelos modos contidos do marido e seu leve pigarro ao observá-la outra vez.

— Sim, apenas pude vê-la na apresentação antes do almoço. *Doña* Juana, muito prazer.

Ah, então Gonzalo era chamado pelo primeiro nome e ela tratada com formalidade?

— Muito prazer, *señorita*... — deu-se conta que não sabia o sobrenome dela.

— Sánchez, Aitana Sánchez.

— Muito prazer, *señorita* Sánchez.

A dama sorriu para Juana, um sorriso muito mais contido que o dado a Zalo.

— Se me dão licença, preciso me reunir com minhas irmãs no salão feminino. — Partiu em direção ao corredor junto a um grupo de mulheres.

Juana estava prestes a abrir a boca para indagar a Zalo sobre Aitana, quando a Marquesa de Cabanes se interpôs entre eles.

— *Don* Gonzalo, perdoe minha intromissão — começou tomando Juana pela mão e enlaçando seu braço ao dela —, mas gostaria de roubar *Doña* Juana por um momento, prometo ser breve. Minha querida, não me acompanharia em uma caminhada pelo jardim? — A marquesa deu uma piscadela. — Estará de volta logo antes da sesta.

— É claro, *Doña* Marisol, será um prazer — falou enquanto ainda estudava as feições do marido. — Você se incomoda?

— Claro que não. — Zalo depositou um beijo em sua testa. Os lábios quentes junto ao toque lento e suave arrepiou sua pele.

Por que tudo naquele homem se transformava em algo sensual?

— Te espero para a sesta. — Sorriu com um olhar malicioso que deixava subentendido que sua pretensão não era dormir.

A marquesa por sua vez sorriu também e abriu o leque, mexendo-o como se precisasse de ar.

— Vamos, *niña*, um pouco de ar fresco sempre faz bem.

As duas caminharam pela casa em direção à saída. Logo puderam vislumbrar o enorme jardim que circundava a mansão. Uma visão que chegava a ser intimidadora tanto quanto a imponente casa que a acompanhava. O lugar em que caminhavam cheirava a pinho, grama e flores. Um vento agradável de início de tarde junto ao sol esturricante as envolvia pelo caminho. A marquesa abriu uma sombrinha enquanto um silêncio apazível acompanhava o caminhar de ambas.

— Desculpe se a arranquei assim sem mais nem menos da presença dos outros, mas é que às vezes tanta conversa sobre bordados e casamentos me tornam um pouco impaciente. — Olhou com cuidado para Juana. — Algo me diz que você não é do tipo que só pensa em bordados, não é mesmo?

— Não, não sou. Meus pensamentos costumam ser mais... práticos. Por assim dizer.

— Ora, minha querida, sempre imaginei que não fosse uma pessoa fútil.
— Juana arregalou os olhos. — Sim, vamos dar nome às coisas, certo?

Elas sorriram uma para outra enquanto continuavam a caminhar de braços dados.

— Pois conte-me como está a Duquesa de Granada, não a vejo desde antes do nascimento da pequena... como é mesmo o nome?

— Amaia. A bebê se chama Amaia.

— Isso, o marquês e eu enviamos uma caixa com lindos presentes infantis em comemoração. Um caso peculiar, o dela. Casou-se com o cunhado, o primeiro marido — disse com olhar denotando repulsa —, que homem detestável era, entretanto há de comprovar que alguns em nossa sociedade se casam por amor.

Juana assentiu.

— É esse o seu caso, minha querida?

Ela acabou fazendo uma careta sem saber o que responder.

— A verdade é que... houve um escândalo...

— Ah, sempre há um escândalo, não é mesmo? — soltou um risinho quando viu Juana corar.

— Amor é a última coisa em que estamos pensando no momento.

— Tem certeza? Porque o homem que eu vi parecia querer devorá-la com os olhos.

Como a conversa tornou-se tão íntima de uma hora para a outra? Juana se perguntou. Qual seria o propósito da marquesa? Apenas passar o tempo indagando sobre sua vida?

— Perdoe-me se pareço muito intrometida, a verdade é que tenho muito carinho por *Doña* Letizia e acredito que ela gostaria de verdade que eu a colocasse sob minhas asas em sua ausência. Não me leve a mal.

— Não estou levando, Vossa Graça, apenas é complicado falar de mim mesma no momento.

— Tudo bem, tudo bem... caminhemos apenas, então.

Continuaram a andar devagar nos corredores pavimentados do jardim, até que encontraram um banco, onde sentaram-se em silêncio.

Foi quando Juana lembrou-se da dama que acabara de conhecer, a marquesa parecia a pessoa ideal para matar sua curiosidade.

— Conhece a *señorita* Sánchez? — questionou com o melhor olhar inocente que conhecia.

— Terá que ser mais específica, pois existem três delas.

— A *señorita* Aitana.

— Ah, sim, claro. Um doce de menina, uma pena nunca ter se casado, apesar de ter sido o grande nome da temporada na época de seu debute.

— É mesmo? E o que houve? Por que nunca se casou?

— Se me lembro bem, ela foi prometida a um rapaz desde muito jovem, porém ele rompeu o compromisso...

— É mesmo? Era alguém importante?

— Não sei, deixe-me ver... minha memória não anda tão boa. — A marquesa abriu bem os olhos e fez um gesto com a mão como se deixasse para lá. — Bom, de que adianta, não é mesmo? Vamos deixar o passado no passado.

— Por que tenho a impressão de que a *señora* está me escondendo algo?

Marisol apertou os olhos e parou de abanar-se com o leque nesse instante.

— Você é muito mais astuta do que eu pensava, *señora* Montoya.

— Foi assim que aprendi a sobreviver, *Doña* Marisol.

— Entendo... — A mulher a observou com olhar orgulhoso e um sorriso leve nos lábios. — *Bueno*, a jovem em questão estava prometida a um dos irmãos Jimenez...

— Os filhos do conde? — Em seguida foi como se sua mente se abrisse.

— Gonzalo?

A marquesa apenas assentiu com um olhar caridoso.

— *Mi Diós*...

— Mas não se preocupe, *Doña* Juana, aquele grandão não parece ter olhos para outras saias além das suas.

Ela nada mais disse, apenas passou a recordar cada instante desde sua chegada à mansão horas antes. Em como o olhar da *señorita* Sánchez havia sido um dos mais surpreendidos quando foram anunciados, além de que a jovem não tirou os olhos de cima dela e de Zalo durante o almoço e a forma saudosista com que o cumprimentou.

Juana podia apostar seu arco como a dama ainda nutria alguma espécie de sentimento pelo marido. Pela forma com que o olhara, a mulher parecia adorar Zalo.

Algo dentro dela se mexeu, algo quente, irradiando sensações obscuras por seu corpo, ao mesmo tempo em que sentiu seu coração doer.

Fisicamente, ardia como fogo em brasa. Tinha a mais absoluta certeza que não aceitaria dividir o marido com ninguém, apenas cogitar a hipótese lhe causou horror. Precisava deixar isso claro a ele, que diferente dos outros membros da alta sociedade, não toleraria amantes e escapadelas.

Era tudo ou nada.

— Está bem, *mi niña*? Você me parece um pouco pálida. Talvez o sol nesse horário não lhe esteja fazendo bem.

— Sim, estou bem, mas acredito que o sol esteja ainda muito forte para aproveitarmos.

— É verdade, vamos, já deve ser a hora da sesta. Vá descansar, relaxe um pouco e verá como estará revigorada para o chá da tarde.

— Sim, vamos.

As mulheres passaram a caminhar de volta para casa com a mesma tranquilidade com que vieram. Ao chegarem no salão principal, não havia um só ruído na mansão repleta de gente. A sesta havia começado, era o momento de amenizar a pressão do dia, para muitos, em um rápido sono.

Juana partiu em direção ao quarto onde ela e Zalo estavam hospedados. Não havia sinal de pessoas transitando pela casa, nem mesmo os empregados. Quando chegou ao cômodo, estava com a respiração alta e o rosto corado pelo sol. Decidiu fazer o que a marquesa lhe havia sugerido, descansar. Para sua surpresa, Zalo se encontrava deitado sobre a cama com a leve respiração de quem dormia placidamente.

Sorriu ante a imagem. Seu homenzarrão repousava tranquilamente, os sapatos jogados no chão, os pés em meias e a camisa um pouco desabotoada deixando os pelos do peito à mostra. A feição adormecida do marido denotava paz. Seus músculos relaxados em uma pose confortável sobre os travesseiros lhe trouxe uma sensação de plenitude. Mais do que depressa, Juana tirou os próprios sapatos e soltou os cabelos para se juntar a Zalo na doce sesta.

Quando se deitou na cama, timidamente se aproximou dele, colocou seu rosto ao peito másculo, ouvindo as batidas pesadas do coração do homem. Um braço possessivo rodeou seus ombros enquanto Zalo murmurou palavras desconexas, o que a fez rir baixinho. E foi com um riso nos lábios que ela adormeceu.

CAPÍTULO 17

Juana despertou com a suave brisa do entardecer. Olhou ao redor, dando-se conta que não estava em casa. Ou melhor, isso a fez lembrar que não tinha uma casa para onde retornar. Ela e Zalo não haviam combinado para onde iriam depois que partissem da visita ao conde.

Enquanto se sentava, pensou no comportamento do marido desde que chegaram. Era como se tudo o afogasse em um mar de responsabilidades, as roupas estivessem apertadas demais e o ar rarefeito com a temperatura nas alturas. A vida não havia sido fácil para ele junto ao pai, retornar àquela casa deveria ser mais difícil ainda.

O barulho de água escorrendo chamou sua atenção até o quarto de banho. Levantando-se e esticando os músculos, foi para o local e não estava preparada para o que viu.

— Olá, *mi flor*, que bom vê-la acordada.

Zalo estava submerso na água. Glorioso como veio ao mundo, todo altura e músculos. A banheira era enorme, tal qual o homem que a ocupava. Pareceu mais relaxado ao observá-la e sorriu malicioso quando a viu ficar com o rosto da cor de um morango. Sua risada a fez perceber que a intimidade entre eles aumentava aos poucos.

— Venha até aqui — chamou com um gesto.

Um tremor delicioso percorreu seu corpo e esquentou suas pernas enquanto caminhava. Ela foi até a beira da banheira com ansiosa antecipação. Audaciosa, ficou de joelhos para estar quase à altura do marido. Zalo sorriu ainda mais quando se aproximou e tocou o rosto dela, a mão grande e molhada levando vibrações prazerosas ao seu estômago.

Então a beijou. Puxou-a para mais perto do corpo masculino e domou sua boca sem piedade. A língua explorando cada parte, enquanto seus joelhos se tornavam fracos pelo desejo de algo mais. Com vontade de tê-lo por inteiro, contentou-se apenas em tocar a garganta masculina, fazendo com que o marido soltasse um som gutural. A carícia dos lábios exigentes em sua boca, depois por seu pescoço, a deixou em chamas.

— Amo beijar você — Zalo murmurou enquanto explorava a região das orelhas de Juana e cheirava seu cabelo solto e encaracolado.

Ela, por sua vez, podia sentir a ardência do rubor em seu rosto, pela situação em que estavam. Íntimos demais, presos um ao outro, como se além das roupas, estivessem descobertos também na alma.

Entretanto, Juana não pôde deixar de reparar no que disse Zalo.

“*Amo beijar você*”. Era sempre algo relacionado ao seu corpo.

“*Amo tocá-la*”, “*Amo ouvir seus sons*”.

Nunca um “*Eu amo você*”.

Isso a fez recobrar a consciência de que o que viviam baseava-se em desejo. E apesar de antes ter estado disposta a casar-se sem amor, a cada nova experiência se perguntava como seria viver tudo aquilo com um ser amado. Se ela fosse amada... por Zalo.

— Mmm, está com roupas demais, *mi amor*. — Outra vez, a chamava carinhosamente de amor, mas o que aquilo realmente significava?

— Grandão, não temos tempo. Está quase na hora do jantar. — Colocou os braços em volta de seu pescoço.

— Sabe que consigo trazê-la para dentro dessa banheira com facilidade, não sabe?

— Sim, mas também sei que você é um homem muito inteligente e sabe como não irritar sua esposa, uma grande conhecedora das armas.

Zalo jogou a cabeça para trás em meio à gargalhadas.

— Está me ameaçando?

— Claro que não, é apenas um lembrete.

— Certo, está bem.

Beijou-a de novo, dessa vez bem breve, o eco do estalar dos lábios dominando o ambiente.

— Vamos embora amanhã bem cedo. — Seu semblante agora era mais sério.

— Mas acabamos de chegar!

— E não vejo motivos para ficarmos. O conde e eu não nos damos bem e aparentemente jamais vamos nos entender. O que mais há para fazer aqui?

— E toda essa gente hospedada? Se formos embora mal tendo chegado vamos levantar um falatório terrível.

Zalo a encarou com ironia nos olhos.

— Muito bem, vamos levantar ainda mais falatório.

Deixou os ombros caírem e deu um suspiro resignado.

— Faça como quiser. — Foi impedida de se levantar pela mão do esposo em seu cotovelo.

— Espere... quer mesmo ficar?

— Não é uma questão de querer ficar, é o fato de não querer arrastar um escândalo a todo lugar que vou.

Ele cerrou os lábios, exibindo uma fachada pensativa.

— O escândalo está galopando à nossa frente, *mi amor*, a cada vez que contamos a alguém que não seja *Don* Ramiro que estamos casados.

— Céus, sei do risco que estamos correndo. E Deus nos ajude se *Don* Ramiro ficar sabendo sobre o casamento por alguém que não seja nós mesmos, mas o conde é seu pai e...

— Da mesma forma que *Don* Ramiro é o seu.

Ela assentiu ao mesmo tempo que lhe deu um olhar impaciente.

— O que estou querendo dizer, é que talvez valha a pena insistir um pouco mais em saber o que ele quer.

— Mas isso não é difícil de saber, ele quer me controlar.

— Você não pode mais ser controlado, é um homem adulto. Se ao seu pai resta pouco tempo, você poderia ao menos dar uma chance a ele.

Zalo afundou na banheira com a clara intenção de terminar a conversa. Juana revirou os olhos e começou a se levantar, quando o marido a reteve pelo braço, atraindo-a para ainda mais perto.

— Muito adulto... — ela começou, e foi beijada em seguida.

— Ficaremos mais uns dias, se é o que deseja, mas saiba que o que há entre mim e meu pai não tem solução.

— Não quero pressioná-lo.

— Não está, acredite. Entendo que seria escandaloso da nossa parte irmos assim que chegamos. Você é uma melhor estrategista do que eu.

— Ah, é mesmo? Eu sou?

— Sim, é. — Beijou-a outra vez. — É o grande guia dessa relação...

— Cuidado, Gonzalo, posso me tornar muito vaidosa com tantos elogios...

— *Mi amor*, você poderia tomar para si toda a pretensão do mundo e ainda não seria suficiente para torná-la vaidosa.

Ambos sorriram um para o outro. E como se ela fosse tão leve como uma pena, ele a puxou para dentro da banheira, causando uma confusão de água, tecidos e corpos.

— Zalo, não! Vamos nos atrasar para o jantar.

— Se há uma oportunidade de aproveitar o fato de ser o anfitrião, não podemos desperdiçá-la — murmurou com os lábios colados aos dela e em seguida suas mãos passaram a vagar por todo o corpo de Juana.

E definitivamente eles se atrasaram para a refeição.

Quando desceram ao salão principal, todos os convidados os aguardavam para irem à sala de jantar. Juana quis desferir um golpe em Zalo pelo sorriso presunçoso que ele mantinha no rosto, uma clara evidência do porquê estarem atrasados. Não deixou de corar um só momento enquanto todos a observavam ser guiada pelo marido até a mesa.

O jantar transcorreu de forma rotineira, com os assuntos triviais que a alta sociedade amava conversar e pratos exuberantes sendo servidos. Juana manteve-se quieta e atenta a cada conversa. Muitos a achavam tímida, mas na verdade ela apenas não gostava de estar em lugares desconhecidos. Sentia-se insegura com todos ao redor, sem saber em quem confiar, por isso mantinha-se quieta observando e aprendendo. Era seu instinto de sobrevivência, afinal.

Depois da refeição, os grupos se dividiram. Zalo inclusive fez seu papel de anfitrião junto ao irmão, mesmo que a contragosto, enquanto ela permaneceu ao lado da Marquesa de Cabanes para um chá noturno. As mulheres começaram a partir para seus aposentos uma a uma quando já era bem tarde. Juana estava acostumada com os horários das visitas em casas de campo, pois cresceu ajudando a mãe de criação a deixar a fazenda dos Fuentes organizada durante a época em que recebiam convidados.

— Ah, estou tão cansada — reclamou a marquesa —, mas creio que uma outra xícara de chá me faria bem antes de dormir. — Ela serviu-se do bule, porém estava vazio. — Ora essa.

— Se a senhora quiser, posso procurar por uma criada e pedir para que leve até seus aposentos uma bandeja com chá.

— Faria isso por mim, criança?

— É claro, com todo o prazer.

As mulheres se levantaram e se despediram com gentileza. Juana estava encantada com a sinceridade e amabilidade com que a marquesa a tratava. Era o tipo de pessoa rara de se encontrar na alta sociedade.

Caminhou calmamente pelos corredores em direção à cozinha. O número de pessoas circulando pela casa havia diminuído

consideravelmente, apenas os homens continuavam jogando, bebendo e fumando sem parar na ala reservada a eles. Provavelmente, Zalo não iria para a cama tão cedo esta noite.

A cozinha estava vazia. Já devia ser mais tarde do que Juana imaginara e os poucos empregados que restavam acordados deviam estar espalhados pela casa auxiliando os convidados. Bom, sentia-se muito bem ao lado de *Doña Marisol*, e a mulher realmente queria uma xícara de chá.

Juana sabia que aquela não era sua casa, mas como esposa de um dos Jimenez-Montoya era vista também como anfitriã. Não queria deixar uma das convidadas mais especiais sem o chá. Decidiu preparar ela mesma, então.

A cozinha era espaçosa e repleta de aparatos pendurados na parede e no teto. Porcelanas finas eram agrupadas em um grande armário à direita enquanto à esquerda um forno preenchia o local. No centro havia uma mesa coberta por uma toalha em renda valenciana e alguns pratos de petiscos, provavelmente para serem servidos para os convidados que insistiam em não dormir. Juana não temia cozinhas. Outras damas talvez nem ao menos colocassem os pés naquela parte da casa, entretanto sua condição a fizera crescer entre os dois mundos. Muitos não a consideravam uma dama por ser uma bastarda, e na casa dos Fuentes não era uma criada... o que era ela afinal?

De costas para a entrada ela procurou entre as tantas latas na prateleira pelas ervas de chá quando ouviu passos. Eram pés masculinos, com certeza, desde criança tinha o hábito de guardar como eram os passos das pessoas. Convivendo com cinco irmãos mais o pai de criação, ela sabia muito bem o barulho que sapatos masculinos faziam.

Com os passos cada vez mais próximos, sentiu um frio percorrer seu estômago e uma latente necessidade de escapar. Havia muitas histórias onde, em uma casa cheia de gente, homens buscavam se aproveitar das criadas distraídas com as tarefas no cair da noite.

Juana não seria uma vítima.

Disposta a se defender, abandonou as latas e enquanto se aproximava das gavetas um pigarro soou às suas costas, seguido do som do atrito de madeira com madeira.

— É você, não é mesmo? — a voz masculina, um pouco rouca, falou.

Quando ela virou havia um homem parado próximo à mesa da cozinha, mas aquele não era um homem qualquer.

— *Señor* Conde... — seus lábios disseram enquanto suas pernas mais que depressa se afrouxaram em uma medida.

— Vamos, levante-se, levante-se. Se você é quem eu estou pensando não precisamos de tanta formalidade.

Ele definitivamente era o conde, teve certeza disso no instante em que pousou os olhos sobre o homem. Era velho, mas ainda assim alto, com os olhos escuros escrutinadores e o queixo largo. Era como enxergar Zuloaga alguns anos no futuro.

— É você quem eu penso que é? — o velho conde perguntou com um tom de voz inquisidor.

Juana não se deixou abater. Não iria entrar em uma briga com o sogro logo após conhecê-lo, entretanto não se acanharia e deixaria de mostrar seu valor ao nobre. Sem o título, ambos eram de carne e osso.

— Se o *señor* acredita que eu seja a mulher que desposou seu filho, então sim, sou eu.

O conde tinha uma bengala nas mãos, isso explicava o barulho da madeira. Ele se aproximou dela apoiando-se no objeto, causando um baque surdo no cômodo enquanto dava passos lentos.

— Então é você a quem devo chamar de nora. — Os olhos passearam por todo o corpo de Juana, como se inspecionando-a para em seguida dar-lhe um sorriso.

Não conseguiu saber se o sorriso era verdadeiro, tudo no conde a deixava em alerta e a obrigava a agir com cautela.

— Diga-me, como se sente em ser uma Jimenez? — pronunciou o sobrenome com orgulho.

— Com todo respeito, *señor* Conde, mas meu marido e eu utilizamos o nome de sua falecida esposa. Sou uma Montoya.

O homem bateu com a língua no céu da boca e em seguida deu uma gargalhada.

— Rebelde, igual a Gonzalo. Não à toa se encontraram nesse mundo.

Ela não desgrudou os olhos nem por um segundo do homem à sua frente. Finalmente conseguiu entender o que antes não via.

Aqueles não eram os olhos de um homem doente. Eram olhos de uma raposa esperta.

— Gonzalo não é um rebelde. É um homem íntegro, leal, altruísta e de bom coração.

— Certo, certo. Então o conhece há muito tempo, pelo que vejo.

— O tempo que o conheço é o suficiente.

Ambos ficam em silêncio por alguns instantes. O conde brincou com um prato de azeitonas pretas até que colocou uma na boca.

— Horríveis! — disse cuspendo sobre o lenço. — Já não se fazem mais as coisas como antigamente.

— Deixe-me ajudá-lo, *Don Hernando*...

Foi impedida por um gesto do conde.

— Não é necessário, já estou de saída. — O velho começou a caminhar em direção ao corredor, não sem antes dar a volta novamente e dizer: — Sabe, algo me diz que você é do tipo que não mostra aquilo que realmente é aos demais.

Juana engoliu seco.

— *Don Hernando*?

— Sim.

— Algo me diz que o *señor* não está morrendo.

O homem sorriu, mais para si mesmo do que para ela.

— E o que fará com essa informação? Acho que é agora, minha cara, que vamos saber quem você realmente é.

CAPÍTULO 18

Pai e filho se encararam mais uma vez na manhã seguinte.

Zalo suspirou ao entrar no quarto do conde. O homem se encontrava tomando o desjejum com a ajuda de um empregado, que logo foi dispensado com um gesto pelo patriarca da família.

— Mandou me chamar? — perguntou ao homem deitado à sua frente, a quem não sabia mais reconhecer como pai.

— Já faz muito tempo que não mando em alguma coisa com respeito a você, Gonzalo, mas fico feliz que tenha feito o favor de vir ver como está o seu velho pai.

— Graças a Deus por isso.

O conde sorriu de um jeito desdenhoso.

— E onde está minha nora? Ainda não a trouxe para que eu a conheça.

— Nem a trarei. Ainda não enlouqueci a ponto de deixar Juana se aproximar do senhor.

— Juana? É assim que ela se chama?

Zalo não respondeu.

— E posso saber o sobrenome dela? Talvez seja a filha de alguma família conhecida...

— Ela não é do seu meio. Felizmente a mulher com quem decidi compartilhar minha vida foi escolhida com base em caráter, não em sobrenomes.

— Besteira! É inteligente demais para não ter feito um bom casamento.

— Fiz um bom casamento, mas não por interesse, como você sempre quis.

— Sempre quis o melhor para você e seu irmão. Disso não pode me culpar.

— E o melhor para mim e Gael é uma vida baseada em aparência? Não, muito obrigado.

— Não seja mesquinho, se é o homem que é hoje em dia foi porque eu o criei para isso.

Zalo engoliu em seco, pensando em quão infeliz foi até juntar-se a Eric... até encontrar Juana. Então percebeu que sua vida não fizera o menor

sentido enquanto não se uniu à mulher com quem se casara. E em troca disso estava disposto a dar-lhe tudo: seu dinheiro, sua força, seu fôlego de vida. Ela era o que mais o importava. E seu pai nunca poderia compreender isso.

— Não vai dizer nada?

— Não há muito a dizer quando o senhor mesmo faz com que a conversa se torne um monólogo.

— Gonzalo, quero que entenda... — O homem tinha os olhos mais sensíveis dessa vez e a voz um tanto suave, mas foi interrompido pela chegada do filho mais velho ao quarto.

— Perdoem-me se atrapalho, apenas gostaria de saber como despertou esta manhã, senhor meu pai.

Zalo sentiu vontade de revirar os olhos com a formalidade de Gael.

— Não atrapalha, eu já estava de saída.

O conde abriu a boca para em seguida fechá-la outra vez, como se arrependendo-se do que ia dizer.

Quando Zalo saiu do quarto, sentiu-se como em todas as vezes em que interagira com o pai: com um assunto importante inacabado. Uma história sem fim. Perguntava-se se um dia essa sensação iria embora e poderia viver em paz.

Decidiu não se deixar levar pela energia pesada que o conde emanava e saiu em busca da esposa. O pai havia acordado tarde, e enquanto o velho ainda tomava o desjejum, os convidados da casa estavam reunidos no jardim sob tendas, tomando o lanche da manhã.

Lá estava Juana, próxima a Marquesa de Cabanes, ouvindo atentamente a conversa das mulheres ao redor e abanando-se com um delicado leque. Estava linda em um vestido azul de tafetá, e os cabelos que ele tanto gostava tocar, presos em coque baixo.

Ela não o viu se aproximar, por isso sentiu o arrepio e o pequeno pulinho que ela deu quando tocou em sua cintura, dizendo:

— *Buenos días, señoras.* — As mulheres o encararam com intensa curiosidade atrás de seus leques. — *Mi amor*, preparei uma surpresa. Pode me acompanhar?

Ele podia ver o tom rosado do rubor de Juana subir-lhe à face enquanto demonstravam tamanha intimidade em público. Ela apenas assentiu e o seguiu pelo jardim e logo depois dando a volta pela casa.

— Aonde está me levando?

— Para um tour particular — falou com o tom de quem aprontava alguma coisa. — Não existem apenas memórias ruins daqui, quero que conheça o lugar onde passei a maior parte de minha vida. — Segurou sua mão enquanto desviava de um arbusto na lateral da mansão.

— Ah, Zalo... nunca imaginei o contrário. É claro que quero conhecer mais de você.

— Juana... — Parou de andar bruscamente e se colocou na frente dela. — Sei que não falo muito sobre mim, e estou disposto a mudar isso.

— Estou interessada em qualquer coisa que você me ofereça. — Tinha sinceridade no olhar.

— E se eu quiser te dar tudo? — levou a mão dela até seu peito. — Se eu quiser te oferecer tudo que guardo aqui dentro, o bom e o mal, você aceitaria?

Ela tocou seu rosto e a carícia ardeu em sua pele, era assim toda vez que o tocava. Fechou os olhos enquanto os dedos passeavam por sua bochecha, mandíbula e por fim descansavam em seu peito, junto onde a outra mão repousava.

— Nada me faria mais feliz.

Não conseguiu se segurar e abaixou a cabeça, devorando a boca carnuda que sempre o levava à loucura, o perturbava. Juana despertava sua curiosidade, sua própria vaidade, como homem dominador que era.

Estava consciente das próprias batidas de seu coração, como os tambores caribenhos, ainda mais com as mãos da esposa sobre seu tórax. Quando a beijava, sentia um arrepio que lhe enchia de prazer e devoção. Se Deus assim o permitisse, ele beijaria aquela mulher pelo resto de sua vida.

— Zalo... não podemos... — ele calou as tentativas de falar com os lábios famintos que praticamente comiam os dela.

Zalo a fez caminhar de costas, confiando em seu passo, guiando-a até que a encostou na parede da casa e continuou beijando-a com voracidade e desejo.

— Olha o que você faz comigo. Veja o que você me causa. — As mãos femininas desceram por seu abdome, transformando o toque suave em puro fogo em sua pele, por baixo da camisa de algodão que vestia.

— Você me prometeu um passeio — ouviu-a dizer quando seus lábios se separaram. Passou a beijá-la pelo pescoço, deixando um rastro de paixão

até a orelha feminina.

— É mesmo?

— Sim, Zalo, além do mais — as mãos espalmadas em seu peito outra vez, agora o empurravam —, podemos ser vistos a qualquer momento — cochichou como se estivesse tramando cometer um crime.

Continuou a atormentá-la com os lábios, até que Juana o empurrou para valer, fazendo-o rir.

— Está bem! — Segurou-a pela mão outra vez e beijou o dorso quente e suave. — Vamos, o lugar que quero te mostrar é bem ali.

Continuaram a caminhar por alguns minutos até chegarem a uma construção pequena, com uma única entrada.

De repente o desejo se dissipou, deixando espaço à nostalgia e algo mais, que não conseguiu reconhecer. Conforme se aproximavam da entrada, o nervosismo tomou conta de Zalo.

— É uma igreja?

— Uma capela — respondeu ele. — Tudo bem para você se entrarmos?

Juana assentiu e ele empurrou a pesada porta de madeira. O local era iluminado apenas pela luz solar que entrava pelas janelas de vidro dispostas em ambos os lados.

— É linda. — Juana disse maravilhada.

Era sim, e ele havia quase se esquecido de como era entrar naquele local. Os bancos de madeira um atrás do outro, o corredor estreito que levava até o altar onde uma imagem de Jesus em marfim reluzia ao lado também de uma enorme cruz. Um altar bem conservado com flores frescas dizia que a capela ainda era usada, ao menos pelos empregados da mansão.

Zalo foi em direção ao último banco e sentou-se, indicando o espaço ao seu lado para que a esposa se sentasse também.

— Costumava vir muito aqui quando era criança.

— Vinha para as missas?

— Não. — Ele riu. — Nos momentos em que a capela estava vazia. Ela foi reformada pouco antes da condessa falecer. Foi um presente do conde para ela.

— A condessa... sua mãe?

Ele apenas assentiu.

— Zalo...

— Muitas das vezes Gael vinha comigo — ignorou o chamado dela — e comíamos as hóstias do padre antes das missas. Meu pai sempre se irritava... — ele riu e Juana o acompanhou —, acho que por isso éramos tão travessos. Era a única forma de chamar a atenção do conde.

— Deve ter sido difícil... digo, sem ela, a condessa.

— Eu me perguntava por que todos tinham mãe menos eu.

Juana segurou seu braço com as duas mãos e fez com que ele olhasse para ela.

— Tenho certeza de que se ela estivesse aqui, teria muito orgulho do homem que você se tornou. Ela teria... da mesma forma que eu tenho.

Foi inevitável para ele sorrir ante a afirmativa. Tomou as duas mãos dela e as beijou com carinho.

— Eu não a mereço, *mi flor*. — Passou o braço sobre os ombros de Juana e ficaram em silêncio por vários instantes. Um aproveitando a companhia do outro.

— Sabe o que estive pensando? — Saiu do casulo de seu abraço. — Que talvez mereçamos um ao outro.

Zalo sorriu para a mulher maravilhosa que tinha bem à sua frente.

— Se nos merecemos, gostaria de saber o que fiz para ter ao meu lado a mulher mais incrível que conheço.

— Bom, e quem vai saber o que eu fiz para merecer o mais indomável dos homens? E o mais gentil e corajoso também.

— Gentil? Céus, se os homens com quem trabalhei no navio de Eric a ouvissem dizer isso, minha reputação estaria arruinada.

De novo ele sentiu Juana rir em seus braços, leves tremores do pequeno corpo ao seu lado.

— Zalo.

— Sim, querida.

— Minha mãe morreu quando eu nasci. — Encarou-o com seus lindos olhos cor de mel. — Sei como se sente. Apesar de eu ter tido uma mãe maravilhosa que me criou como se eu fosse sua própria filha... eu por muito tempo me culpei pela morte da minha mãe biológica.

— *Mi amor*, você não teve culpa.

— Eu sei, agora eu sei, mas quero que saiba que sempre estarei aqui, por você.

— Obrigado, Juana.

A jovem lhe deu um de seus raros e brilhantes sorrisos e ele sentiu seu coração inteiro transbordar de paixão por ela. E algo mais, que ele não soube reconhecer, mas que era maior que tudo que um dia sentiu. Queria colocar o mundo aos pés de Juana, dar-lhe o melhor, o ouro, a prata, cobri-la com os melhores tecidos e realizar todos os seus sonhos, mesmo o menor deles.

— Venha, quero te mostrar outra coisa.

Após fechar a porta da capela, eles deram a volta pelo pequeno edifício até uma outra construção, situada aos fundos da igrejinha. Essa era guardada por um portão de ferro e estava coberta de flores. Pilastras no estilo árabe sustentavam a entrada.

— Aqui é onde minha mãe está enterrada.

— É assustadoramente lindo. — Juana observou cada canto do local.

Lá dentro, gravado em uma placa sobre o túmulo de granito e gesso, estava escrito:

“Victoria Montoya Jimenez - Condessa de Villacañas”

“Esposa amada e mãe devotada.”

— Sempre achei que vindo aqui, estaria mais perto dela.

— Ela pode estar onde você estiver, Zalo. É assim que me sinto sobre aqueles que se foram.

— É... pode ser.

— Há flores frescas aqui, e velas novas.

— O conde manda trazer regularmente para ela. Sempre foi assim. — Dando alguns passos para trás e buscando fechar o portão, ele continuou: — Venha, as surpresas ainda não acabaram.

— O que poderia ser melhor do que saber um pouco mais de você?

— Ah, querida, você nem imagina.

Foi com imenso prazer que ele a viu piscar por várias vezes ante a visão dos alvos no jardim, um arco e um saco de flechas repousavam sobre uma mesa nos fundos da casa.

— Você é maravilhoso, Gonzalo! — dito isso, o beijou. Pela primeira vez, e para total surpresa de Zalo, ela o segurou pela lapela do terno e ficou nas pontas dos pés buscando sua boca. Um beijo cálido, que o encheu de súbita alegria e prazer. Beijou-o com uma fome que contrastava com a aparência calma e contida que sempre mantinha.

— Bom, agora eu sei o que devo fazer para ganhar mais beijos como esse.

Sem mais esperar, ela começou a correr em direção ao material disposto sobre a mesa. Quando Zalo conseguiu alcançá-la, Juana já media as flechas e analisava o arco como um mestre analisa seu instrumento de trabalho.

— São do seu agrado? Se quiser, posso pedir que tragam outro para você.

— São perfeitos, obrigada.

Logo em seguida se preparou para atirar no primeiro alvo. Zalo lhe deu espaço e a deixou viver em seu pequeno mundo, onde era uma guerreira invencível. Acabou não resistindo e batendo palmas quando ela acertou o círculo em cheio, bem no meio. Juana olhou para ele com seu sorriso mais belo e foi quando ele se deu conta de que estava apaixonado.

Completamente e imensamente rendido, aos pés daquela mulher. E mais, ousou desconfiar que havia se apaixonado na primeira vez que a vira: a levava em casa, recebendo leves resmungos e o constante alerta de que não precisava de companhia.

Zalo riu para si mesmo, observando-a atirar mais uma vez, concentrada e atenta até mesmo à menor das respirações. Tudo estava envolvido quando se tratava do acerto da flecha em um alvo. Ela era a melhor e sabia disso.

— Acho que temos companhia! — falou alto o suficiente para ela ouvir entre um tiro e outro. Apontou em seguida para as damas que passeavam pelo mesmo caminho por onde eles dois vieram.

As jovens, provavelmente debutantes, encaravam Juana com fascínio e admiração. Foi quando Zalo teve uma ideia.

Caminhou lentamente até elas e disse:

— Gostariam de tentar? — E apontou para os alvos.

As três se entreolharam e deram leves risinhos. A menor e mais nova delas fez que sim e as outras a seguiram.

— Muito bem. — Levou-as até a mesa. — *Mi amor*, aparentemente consegui três aprendizes para você.

— Olá, garotas, querem arriscar?

As três balançaram a cabeça mais uma vez entre risadinhas. Logo, Juana estava lhes mostrando como era o arco e a postura correta para segurá-lo.

Ele permaneceu alguns instantes observando a mulher dar instruções às mais jovens, fascinado. Em seguida, buscando o relógio no bolso do terno,

viu as horas e decidiu voltar. Certamente o irmão devia estar querendo conversar sobre a casa e os assuntos que tanto postergou na última década.

Deu uma última olhada em Juana e a viu entretida demais com as jovens damas para uma despedida, assim, fez o caminho de volta para o interior da mansão.

Ainda estava chocado com a constatação a que chegara. *Santo Diós*, estava apaixonado. Parecia um adolescente, cujo apetite voraz por uma mulher nunca cessava.

— *Madre de Diós...* — murmurou com um sorriso nos lábios enquanto caminhava pelos corredores da mansão.

— Falando sozinho, Gonzalo?

Ouviu a voz feminina às suas costas e parou de andar. Dando a volta sorriu polidamente para a mulher que o aguardava.

— Olá, Aitana.

— Olá, como vai?

— Muito bem, obrigado. Posso fazer a mesma pergunta a você, como está? E a estadia na casa, tem sido boa?

— Estupenda, como sempre. O conde sabe como ser um bom anfitrião, mesmo que não esteja presente. E, bem, como está seu pai? Sabe o apreço que tenho por ele, e me preocupa sua saúde...

— O conde está... — pensou um instante — está como sempre. É um homem forte.

— Deus queira que ainda dure por muito mais tempo.

Um silêncio pairou entre ambos, trazendo um certo incômodo a Zalo. Sua história com Aitana não havia terminado do jeito que as duas famílias queriam. Ele rompeu o compromisso praticamente às vésperas do casamento e partiu sem rumo algum. Deixou-a sozinha e estigmatizada como uma mulher abandonada.

Algo em seu interior dizia que ele devia se sentir pior, sentir-se mal, mas a verdade era que não se casar com Aitana foi uma das melhores decisões que tomou em sua vida. Ela era uma mulher bonita, jovem, decente e doce. No passado, realmente pensara que não seria difícil encontrar um marido depois que saísse de cena. Aparentemente estava errado.

— Aitana... sinto que há algo que devo dizer, pelo que ocorreu anos atrás...

— Não, Gonzalo por favor, não. Não há nada a dizer. Você nunca retornou e bem... eu esperei por tempo demais. — Suas mãos moveram-se em concordância e seus olhos transpareceram tristeza.

— Por *Diós*, Aitana, jamais dei alguma esperança de que regressaria. Como pôde esperar por mim?

— Eu sei, sei que fui tola.

Ele não disse nada, porque concordava com ela nesse ponto.

Mais um pouco de silêncio e o corredor pareceu fechar-se ao seu redor.

— Sei que já se passaram anos, mas agora que retornou... poderíamos ser amigos?

— Sinto muito, Aitana, mas não pretendo ficar por muito tempo. Entretanto, é claro que ainda podemos ser amigos.

Os olhos da mulher se acenderam e um sorriso se abriu em seus lábios.

— Então, como amigos, me permite fazer uma pergunta?

— Fique à vontade.

— Ela o faz feliz? — soltou, assim sem mais.

Ela, a quem Aitana se referia, só poderia ser Juana.

Estava mesmo querendo saber a quantas andava seu casamento?

Abriu a boca para responder, mas o ruído de uma porta se abrindo o distraiu. Olhou para trás e nunca se sentiu tão feliz em ver o irmão.

Quando olhou para a frente outra vez, viu Aitana tão vermelha quanto os rubis que adornavam suas orelhas.

— Se me dão licença, *señores*.

Os irmãos, em silêncio, observaram a dama sumir pelos corredores.

— O que estava acontecendo aqui? — Gael questionou.

— Não faço a mínima ideia — Zalo respondeu dando leves tapinhas no ombro do irmão.

Não sabia, mas estava mais agradecido do que nunca.

CAPÍTULO 19

A casa estava em silêncio quando Juana deixou a tranquilidade do quarto e partiu pelos corredores da mansão. O bilhete havia sido bem claro quando disse:

“Encontre-me às duas da tarde.”

H.J.

Não precisava ser muito esperta para saber que o sogro a procurava. Passeando pela casa, reparou nos bonitos quadros ali pendurados. Obras de arte requintadas, além de enormes vasos de cerâmica. Nada que gritasse ostentação, mas sim um requinte muito bem dosado.

— *Doña* Juana, o conde a aguarda nos aposentos dele — uma criada lhe informou, guiando-a até a porta ao final do corredor.

Juana deu uma leve batida na madeira e ouviu um resmungo em resposta. Quando entrou no cômodo, reparou que aquele só poderia ser o quarto de um nobre. A cama de dossel no meio do aposento, as mesas de cabeceira estrategicamente colocadas, os abajures dourados e a rica tapeçaria completavam o ambiente impressionante e opulento.

— Vejo que recebeu meu recado — o homem sentado na poltrona na lateral do quarto, que acaso era seu sogro, disse.

— O senhor pediu e aqui estou.

— De fato, você está aqui. Muito obrigado por isso. Aproxime-se, minha cara.

Deu alguns passos em direção a ele e então se acomodou na cadeira que ele indicava.

— *Perdón* se atrapalho sua sesta, minha cara, entretanto achei esse o melhor horário para conversarmos... sem interrupções.

— Sem que Zalo saiba, no caso — completou.

— É tão engraçada a forma como você é direta. — O velho sorriu. — Diga-me, estaria disposta a me ajudar?

Respirou fundo, ali estava. Iria conhecer a verdadeira face do homem que deu a vida a seu marido. O que quer que ele propusesse, mostraria

quem ele era de verdade.

— E o *señor* quer ajuda para quê?

— Para me reaproximar de Gonzalo. Quero ter os meus dois filhos ao meu lado, antes de morrer.

— O *señor* não está morrendo.

— Uma pessoa pode morrer engasgada com uma azeitona a qualquer momento, quem pode me garantir que eu não esteja em meus últimos dias?

Juana respirou fundo outra vez. Não esperava por aquele pedido. Na verdade, esperava por chantagem, enfrentamento e até mesmo insultos. Uma reaproximação? Passou bem longe da sua mente.

— Tem ideia do que está me pedindo?

— E você, minha nora, tem ideia do que estará fazendo se recusar?

— Não pode me obrigar a fazer tal coisa.

— Por conta disso que estou pedindo sua ajuda.

— E por que agora? Por que depois de todos esses anos? Teve todo esse tempo sabendo onde Zalo estava, por que não foi atrás dele?

Aquilo pareceu ter atingido o conde como um tapa. Ficou em silêncio uns instantes, em seguida se levantou. Foi até uma das elegantes mesinhas de cabeceira e retirou de lá uma caixa de veludo.

— Não sou cego quanto aos meus erros, Juana. Muito pelo contrário. Sei que se não tenho mais a admiração do meu filho, é porque fiz por merecer, mas também acredito que todos têm direito a uma segunda chance.

— Aproximou-se dela até estar à sua frente. — Mesmo quando são tentados a fazer o contrário. — O conde dispôs a caixa aberta e seus olhos ficaram muito arregalados ao verem o conteúdo. — Vamos, minha querida, tudo isso será seu, basta me ajudar.

“*Tudo isso*” a que ele se referia era um conjunto de colar e brincos de diamantes.

Ela sabia, tinha certeza de que o conde não dava ponto sem nó. Ali estava uma oferta clara, baseada na única língua que os nobres conheciam.

— Você quer comprar seu próprio filho com um conjunto de brilhantes?

Os olhos do conde se tornaram escuros, quase... decepcionados?

— Assim você ofende, minha querida.

— E eu devo aceitar ser insultada com esse tipo de proposta?

Os ombros do homem caíram e ele pareceu derrotado por um momento. Em seguida seu olhar voltou ao normal, astutos e observadores como antes.

— O que mais posso lhe oferecer em troca?

— A verdade, talvez. Por que eu deveria ajudar um homem aparentemente capaz de tudo para ter o filho de volta?

— Bem, é exatamente o que você diz: sou capaz de tudo. — Sentou-se na poltrona outra vez. — *Mi Diós*, então Gonzalo arranhou uma mulher que não pode ser comprada com diamantes. Que grande sortudo.

Juana continuou parada, ereta sobre a cadeira, apenas escutando o que o sogro tinha a dizer.

— Eu os vi passeando pela capela ontem.

— Há algo que o senhor não veja nessa casa?

O velho gargalhou com a pergunta.

— Quando se é um conde, minha querida, ou se sabe de tudo ou se é engolido pelos demais.

Ficaram em silêncio, apenas se encarando por um momento.

— É uma bonita capela, a que fez para sua esposa, a condessa.

— Sim, Victoria adorava aquele lugar. Muito religiosa, não deixava de ir em nenhuma missa aos domingos. Além do mais... — ele parou de falar, com um olhar perdido e brilhante.

— Além do mais...? — Juana o incentivou a continuar.

— Ah, sim. Claro. Além do mais... até hoje era a única mulher que conheci tão íntegra em seus próprios princípios.

Entendeu o que ele quis dizer. O conde a elogiava, de certa forma, fascinado por sua recusa.

— Era diferente, *señor* conde, quando *Doña* Victoria estava viva?

Ele assentiu, refletindo.

— Ela era a luz dessa casa... a luz da minha vida. Quando ela se foi... não posso deixar de sentir que algo em mim também se apagou. — Ele a fitou como se os olhos não enxergassem absolutamente nada. Parecia imerso em suas próprias lembranças e realizações. — Sonho com ela quase todas as noites, sinto sua falta todos os dias.

— *Don* Hernando...

— Sei que errei com meus meninos, Juana. Principalmente com Zalo. Ele puxou à mãe, genioso, generoso e incapaz de aceitar ordens. Eu falhei com ele, e agora...

— Agora o quê, *Don* Hernando?

— Agora corro o risco de não ver meus netos. Sabe, Juana, se a partida de Zalo me fez refletir em uma coisa, é que não há nada pior do que morrer para um filho quando ainda se está vivo.

Juana nada pôde dizer. Estava entre a cruz e a espada. Como poderia chegar para o marido e pedir para que ele voltasse a ter boas relações com o pai, sendo que Zalo ainda o rejeitava? Seria como jogar sal em uma ferida aberta.

— Eu sinto muito não poder ajudá-lo, *señor* conde. — O homem assentiu, com a mão no queixo e sorriu para ela.

— Zalo não poderia ter escolhido melhor, minha querida. — Levantou-se e deu leves tapinhas em sua mão. — Não poderia ter escolhido melhor.

Em seguida a guiou até a porta e beijou sua mão ao se despedir.

— Nada de tristezas, ouviu bem? Afinal teremos um baile amanhã.

Juana engoliu seco com a lembrança de que o baile se aproximava. Estariam presentes não apenas os hóspedes da casa, mas também mais convidados da alta sociedade que moravam na região.

— Acaso está nervosa? Não se preocupe, algo me diz que se sairá muito bem no meio daquele monte de esnobes. — Ambos sorriram.

— *Don Hernando*... não posso ajudá-lo. Tenho que fazer aquilo que meu marido deseja que seja feito — o sogro concordou com um aceno —, mas isso não quer dizer que tudo esteja perdido. Se teve a coragem de se abrir para mim, como fez agora... o que o impede de fazer o mesmo com Zalo?

E partiu, deixando o conde boquiaberto na porta.

Ela precisou acalmar-se antes de voltar para o quarto. A conversa com o conde a deixou terrivelmente desconcertada. Não sabia se devia contar a Zalo ou não.

Melhor não — pensou.

Ainda assim, a inquietava saber que Zalo se ressentia com o pai quando ele só queria uma segunda chance. Isso a fez pensar em *Don Ramiro* e em como ela mesma tinha assuntos inacabados com o próprio pai.

Precisava dizer a Zalo que tinham que partir depois do baile, não podia adiar ainda mais para contar ao pai que havia se casado. Era muito grata por tudo que *Don Ramiro* lhe fizera e ainda fazia, não podia pagá-lo com ingratidão.

— No que tanto pensa? — ouviu Zalo dizer.

Juana se deu conta de que já estava no quarto, parada com as mãos na cintura no meio do cômodo e pensando alto demais, com o cenho franzido.

Olhou para o marido que jazia deitado como um rei entre os travesseiros, repousando após uma preguiçosa sesta.

— Em *Don Ramiro*. — Aproximou-se e se sentou na cama. — Não podemos adiar nossa partida por muito tempo, Zalo, acabo de me dar conta disso. Sei que insisti para que ficássemos um pouco mais, mas depois do baile toda a Andaluzia saberá quem sou e que estamos casados.

— É mesmo? — perguntou com ar sério.

— É, sim — respondeu quase resmungando. — O que está fazendo? Zalo, espere...

Juana foi puxada pelo marido para o centro da cama enquanto ele distribuía beijos por seu pescoço e orelhas. E logo ele a fez esquecer todas as suas preocupações.

Ao menos por um momento.



ZALO não se lembrava o quanto detestava estar em eventos sociais até que teve que servir como anfitrião de um ao lado do irmão.

O baile havia começado e os convidados não paravam de chegar. A cada instante uma nova carruagem trazia uma leva de nobres bem-vestidos e prontos para mesclarem-se em grupos, onde reparariam até no último fio de cabelo de cada pessoa ali presente.

Zalo afrouxou um pouco a gravata em seu pescoço. Aquele tipo de roupa o incomodava demais, perdera o hábito de arrumar-se com tanto esmero. Preferia quando estava livre em uma de suas camisas de algodão, no máximo apertada com um colete. A verdade é que se sentia sufocado em meio àquilo tudo. Não havia sido sempre assim, mas depois que entendeu que a vida na alta sociedade baseava-se em aparências, ele prometeu a si mesmo que traçaria um caminho diferente.

E ali estava seu destino.

Descendo as escadas com um olhar tímido, porém de cabeça erguida. Trajando um vestido dourado de musseline, com flores bordadas nas saias e no busto, combinando exatamente com o tom de sua pele.

Uma a uma, as cabeças começaram a girar para ver Juana descer os degraus. Ela dava cada passo com cuidado, como se soubesse que estava prestes a entrar em um ninho de cobras. Era como se o mundo inteiro tivesse se calado e apenas a melodia suave da orquestra continuasse, guiando-a até ele.

Seus pés ganharam vida partindo em direção a ela, enquanto ignorava os cochichos dos demais. Todos os seus impulsos o levaram a Juana. Estendeu a mão para ela quando a encontrou nos últimos degraus e o choque prazeroso que sempre o percorria ao tocá-la varreu seu corpo, mesmo com as mãos enluvadas.

— *Señora Montoya!*

— Olá, *señor Montoya!* — disse com um sorriso que sabia, era apenas para ele.

— Está linda esta noite, Juana.

Ela aceitou o elogio com um menear de cabeça.

O arranjo lento da valsa começou a ser tocado. O burburinho aumentou quando guiou Juana em direção ao centro do salão, onde alguns casais já ensaiavam o início da dança.

— Zalo... — Seu tom foi alarmado.

— Confie em mim. — Tomou-a nos braços com a mão em sua cintura.
— Finja que só estamos você e eu aqui.

— Não dá para fingir isso com tanta gente olhando e claramente cochichando sobre nós. — Viu-a captar algo do outro lado do salão. — *Cielo Santo*, Zalo, tem gente indo embora.

— Shii, shii, só eu e você, lembra? Se não posso dançar com minha esposa em minha própria casa, o que diabos estou fazendo aqui, então? — Sorriu. — Acalme-se ou a beijarei na frente de todos.

Juana respirou fundo enquanto eles rodopiavam pelo salão.

— Nunca me senti tão exposta. Nunca fui a bailes.

— Então está debutando? — Arrancou uma risada nervosa dela.

Continuaram a dançar lentamente pelo salão, com os olhos cravados um no outro. Zalo não podia perder o fôlego, não agora, que precisava sustentar Juana mais que nunca, mas a verdade é que tê-la nos braços em uma dança era como estar no paraíso.

A vida ao lado dela era boa.

As imagens dela girando, com a mão colada na sua em meio à toda sociedade ficariam gravadas para sempre em sua memória.

Diós, mais. No pós-vida seriam a sua lembrança favorita.

Durante o fim da dança, na típica volta pelo salão, Zalo encarou os olhares que os fitavam atentamente. Alguns curiosos, receptivos, outros assombrados e indignados. Para estes, queria distribuir sua revolta, gritar que em seus braços se encontrava a mulher mais maravilhosa do mundo e que ela estava sob sua proteção. Os Montoya estavam para ficar.

— *Buenas noches!* — Parou junto a um grupo que envolvia os Marqueses de Cabanes e mais algumas pessoas, que não conseguia se lembrar quem eram.

— *Buenas*, meu rapaz — um dos homens falou. — Acabo de saber que se casou recentemente. Meus parabéns.

— Sim, sou um homem muito sortudo por haver encontrado Juana. — Tocou a mão enlaçada em seu braço e sorriu para ela, que ficou da cor de um tomate.

— Nossa filha estava contando que *Doña Juana* é excelente no tiro ao alvo. Está louca para ganhar um arco quando chegarmos em casa. — Uma mulher de vestido laranja, tal qual uma abóbora, disse.

— Ensinei três lindas moças a atirar ontem à tarde, qual delas é sua filha? — Juana sentiu-se relaxar pela primeira vez.

— Aquela ali. — Apontou para um casal dançando. — A de vestido azul.

— Ah, sim, *señorita* Paula. Meus parabéns, é um encanto de menina.

Logo se envolveram nas conversas triviais do grupo. Ele sentiu o corpo da esposa relaxar enquanto sorria aos demais. A Marquesa de Cabanes, uma mulher de meia-idade um tanto empolgada com tudo, acabou levando Juana para conhecer outras pessoas.

Ela pareceu reparar em seu semblante preocupado, porque antes de ir disse:

— Não se aflija, ela estará segura comigo.

E assim ele viu a mulher de sua vida partir, corajosa como sempre, para enfrentar o grande desafio de ser apenas ela mesma.

— Você é um bobo apaixonado. — Ouviu o irmão dizer às suas costas.

— Estou apenas cuidando do que é meu.

Gael sorriu com sua afirmativa e lhe entregou um copo de uísque.

— Vamos, você parece estar precisando.

— Não me amole, Gael. Onde está sua noiva, afinal? Você não devia estar dançando com ela ou algo assim?

— María? Tenho uma contradança muito bem marcada no cartão dela.

— Não seria bom estar mais entusiasmado com esse casamento?

— Eu estou, não à toa vamos nos casar ainda esse ano.

Eles começaram a caminhar até um dos cantos do enorme salão, enquanto Zalo não tirava os olhos de Juana.

— Ao contrário de você, *hermanito*, eu sei muito bem meus deveres.

Zalo revirou os olhos.

Os músicos encerraram a canção e prontamente começaram a tocar outra, os violinos afinados e o fato de as mulheres estarem partindo para o meio do salão junto a seus leques fez Gael levantar as sobrancelhas.

— Bom, aí está minha contradança.

Zalo ficou sozinho um instante enquanto assistia a jovem María e o irmão se juntarem aos outros casais. Decidiu continuar a circular pelo salão, sempre procurando Juana com o olhar. A mulher ainda estava ocupada com as atenções da marquesa.

Não duvidava que o pai se ocultava em algum canto do segundo andar vigiando todos na festa, sem contar que a mansão estava cheia de passagens secretas, instaladas pelo próprio conde e muito usadas por ele e o irmão quando eram crianças, não o admiraria estar sendo vigiado nesse momento.

Em sua andança pelo salão encontrou Aitana parada sozinha num canto. Abanando-se com o leque, ela tinha olhos sonhadores para o centro, recheado de casais bailarinos.

— Aitana?

— Olá, Gonzalo. Como vai? — Tomou um pouco da bebida em sua taça.

— O que faz parada aí? Por que não está dançando?

A mulher deu uma leve gargalhada, intrigando-o.

— Solteironas não dançam, Zalo. Isso é um ritual apenas para as debutantes e algumas sortudas casadas.

Aquilo o deixou triste. Aitana era uma boa mulher, lembrava-se dela sempre com carinho e lhe entristeceu ver que havia deixado seus anos de juventude passarem por uma ideia que ela mesma se impôs.

Seu olhar sentimental pousou nele, o que era uma pena, pois não a convidaria para dançar. Ele sabia muito bem quais escândalos podia manejar, e aquele não era um deles.

— *Mi Diós!* — a mulher disse de repente, pondo a mão na cabeça.

— Aitana, está tudo bem?

— Não sei, tive uma súbita tontura. Está tudo girando... deve ser porque tomei *champagne* com o estômago vazio... ah, espere, está rodando de novo.

Zalo decidiu ampará-la com a mão e encostar as costas da mulher na parede.

— Há algo que possa fazer por você?

— *Bueno*, sim. Se vou desmaiar, não gostaria de fazê-lo em público. — Ela deu um meio sorriso.

— Muito bem, firme seu corpo em meu braço. Vou levá-la à biblioteca e então chamarei uma de suas irmãs.

Caminharam lentamente pelos cantos do salão até o corredor principal que ligava as outras alas da mansão. Passaram por dois ou três convidados no corredor e Zalo pôde reparar que Aitana se aprumava o máximo possível. A dama não queria parecer fraca ante os demais.

Quando chegaram à biblioteca, ela parecia pálida e com os olhos fixos nele, que a amparava com um braço.

— Isso, sente-se aí, Aitana. Devagar, muito bem. — Ajudou-a a acomodar-se no sofá espaçoso e convidativo.

— Ah, obrigada, Gonzalo, não sabe o quanto me sinto frustrada por estar dando esse tipo de trabalho a você.

— Não é trabalho nenhum, querida.

Zalo não sabia que mulheres mais velhas poderiam corar como adolescentes envergonhadas, mas ali estava Aitana, com as bochechas rubras.

— Me chamou de querida — disse com um sorriso.

— Aitana...

— Zalo — usou seu apelido. — Sente-se aqui... por favor.

— Não acho que seja uma boa ideia. Vou chamar suas irmãs para que a acompanhem.

— Você me deve, Zalo... ao menos isso.

Ele decidiu sentar-se porque estava disposto a explicar para ela que a via apenas como amiga e terminar a conversa que haviam começado.

— Aitana... — começou ao sentar-se —, creio que...

E foi impedido de falar, porque a mulher jogou-se sobre seu corpo e cobriu seus lábios com os dela. Rápida e esperta, isso é o que Aitana foi, com as mãos em volta de seu pescoço e praticamente sentada em seu colo. Zalo foi pego completamente de surpresa.

— Ah, Zalo... que saudade... — falou com a boca colada à sua.

Ele abriu a boca para negar enquanto suas mãos foram para os ombros dela, tentando afastá-la, porém ela aproveitou a oportunidade para enfiar a língua entre seus lábios, levando pânico a Zalo.

Aitana parecia ter braços de polvo, pois suas mãos começaram a vagar pelo corpo de Zalo e em seguida foram para as mangas de seu próprio vestido, abaixando-o. A boca da mulher tinha o gosto do *champagne* que ela bebeu junto ao de terror, por beijar outra mulher que não fosse sua esposa.

— Vamos, querido, faça o que quiser comigo.

Completamente chocado, Zalo aproveitou quando Aitana desembaraçou-se dos botões e laços de seu vestido para empurrá-la com moderada força para o outro lado do sofá e levantar-se.

Estava abismado com o que acabara de acontecer, e com pânico arraigado em seu estômago de ter feito algo tremendamente errado.

— Aitana, que demônios pensa que está fazendo? — explodiu, cortante, andando de um lado a outro sem tirar os olhos da porta ou da dama.

Ela por sua vez, ao ouvir o tom de voz zangado, parou o que fazia e o encarou com olhos cuidadosos.

— Gonzalo, eu...

— Não, não, Aitana. Está errada se pensa que teremos algo, que trairei a confiança de minha esposa. Porque, respondendo à sua pergunta, sim, estou muito feliz ao lado de Juana.

Ele viu o semblante da mulher transformar-se na face da fúria, seguido de pura vergonha.

— Eu pensei... pensei que talvez, você ainda fosse me querer... *Diós*, afinal não são todos os maridos que mantêm uma amante?

— Não serei jamais um desses homens da alta sociedade, vivendo de aparências. Você, mais do que ninguém, deveria saber os motivos pelos

quais eu fui embora.

Ela riu, sem achar graça de absolutamente nada.

— Eu... eu... — começou a dizer, e sua voz parecia estar embargada.
— Com licença.

Ele a viu partir enquanto ajeitava as próprias roupas.

Quando ficou sozinho, recostou-se na mesa, atordado demais com a situação.

O que acabava de acontecer, afinal? Aitana, a sempre boa moça Aitana, se jogara sobre ele com tudo, completamente sedutora e fatal.

Limpando os próprios lábios com as mãos, ele se achava incapaz de tirar o perfume da mulher de si, porém precisava. As manchas de batom denunciariam a qualquer um que o visse o que acontecera ali.

Estava chateado e apavorado ao mesmo tempo. Uma fúria brilhante lhe encheu o corpo ao apenas lembrar-se que Aitana supôs que a tomaria como amante. No todo, deve ter fingido passar mal ao vê-lo apenas para se ver sozinha ao seu lado.

Cielo santo, mulheres podiam ser ardilosas.

No instante seguinte, sentiu-se observado. Um instinto quase imperceptível, mas sim, ele sentiu a presença de outra pessoa na sala. Olhou de um lado para o outro e não viu ninguém. Devia ser coisa de sua cabeça, a não ser que...

— Há quanto tempo está aí? — questionou nervoso.

— A tempo de ver o suficiente — a voz disse depois de uns instantes de silêncio.

Em seguida a parede em frente de Zalo se moveu, a estante falsa se transformou em uma porta e Don Hernando saiu dela, trajando seu robe de seda azul marinho e um monóculo nas mãos.

— O que pensa que está fazendo? — O homem partiu com a velocidade que seus quadris permitiam em direção a Zalo.

— Você consegue andar rápido demais para alguém que está morrendo.

— Às favas com a morte. Quero saber o que estava pensando, fazendo o que acabei de ver. Não tem coração com a pobre moça?

— Aitana? A meu ver ela é independente demais para ser chamada de “*pobre moça*”.

— Quem se importa com essa pequena lambisgoia? Estou falando de Juana, sua esposa.

— Deixe Juana fora disso.

— Então admite que a estava traindo aqui? Em um local onde qualquer um poderia entrar e ver?

— Eu nunca traí Juana, nem pretendo.

— Você estava beijando outra mulher! — vociferou o homem e deu um tapa no tórax de Zalo.

— Não estou com humor para seus sermões, *señor* Conde.

— Pai! Eu sou o seu pai. Está mais do que na hora de se lembrar disso.

— O homem lhe deu um pequeno golpe nas pernas com a bengala. — Você estava beijando outra mulher, isso é inadmissível.

— Eu não devo explicações ao senhor.

— Como é?

— É isso mesmo que ouviu, quem o senhor pensa que é para vir me dar lição de moral?

Um silêncio surgiu entre pai e filho, o som da orquestra vinda do salão ao fundo deixando o clima ainda mais tenso.

O conde continuou a se mover, até sentar-se no sofá onde antes estavam Zalo e Aitana. Sua feição agora mostrava-se derrotada, quase triste, o que chamou a atenção do filho.

— Conheci sua esposa, sabia? E agora percebo que você não a merece.

— Nisso tem razão, poderia viver cem vidas e ainda assim não iria merecê-la. — Encostou-se na mesa ao centro da sala. — Como a conheceu?

— E isso importa? Só importa o fato de que ela é alguém que não merece o que estava acontecendo nessa sala...

— Escute, eu...

— Não quero ouvir suas desculpas. — O conde bateu com a bengala no chão. — Por que se casou, afinal?

Zalo abaixou a cabeça e começou a coçar a testa.

— Não tem um motivo? Oras, pensei que fosse mais homem do que isso...

— Eu a arruinei! — falou alto o suficiente para interromper o discurso do pai. — Não me contive. Quando dei por mim eu a havia desonrado e não havia outra coisa a fazer além de casar-me com ela. Afinal, foi ou não foi para isso que o senhor me criou? Para cumprir minhas responsabilidades?

O silêncio voltou a surgir entre eles. Pesado e intimidante, limitando a união entre pai e filho.

— E o que mais? — o conde perguntou.

— Mais o quê?

— Tem de haver mais! Você não se casaria apenas por uma questão de honra — disse com um sorriso cínico.

— Por Juana, sim.

— Ah, então há mais, não é mesmo?

— Quer saber se a amo? *Diós*, é claro que amo. Daria minha vida por ela. Não ouse colocar em questão aquilo que sinto por Juana. E quanto ao que acaba de ver... pelo amor de Deus, não passou de um aproveitamento de Aitana sobre meu cavalheirismo.

— Você já disse a ela?

— O quê?

— O que está dizendo a mim. Já disse o que sente?

— Não é da sua conta.

O conde gargalhou.

— Volte a repetir isso para si mesmo quando tiver filhos.

— Você não é um bom parâmetro.

O conde suspendeu o riso no mesmo instante. Sério, ele trocou de posição no sofá.

— Não quero passar o que me resta de vida desse jeito com você.

— Agora se lembrou que está morrendo?

Don Hernando pediu com um gesto que o filho parasse de falar e continuou:

— Eu amei sua mãe... muito. Mais do que qualquer um que nos conheceu pudesse imaginar. Aliás, eu ainda a amo. Amo tanto que dói. É insuportável viver todos os dias sem ela, sem as risadas, sem a cumplicidade, tudo que dela me cercava. Quando ela morreu, eu senti que morri junto com ela.

— Por que está dizendo isso?

— Por quê? Estou querendo dizer que o homem que te criou foi um fantasma. Que não me orgulho de quem me tornei. Para ser sincero, toda vez que penso em como Victoria me olha de onde quer que ela esteja, sinto vergonha. — O conde fez uma pausa, então continuou, em voz baixa: — Isso inclui minhas atitudes com você.

Zalo nada disse. Estava surpreso demais pela confissão do pai. Nunca nos últimos anos imaginou ter uma conversa desse tipo com ele.

— Não acha um pouco tarde para isso? — questionou.

— Ainda não estou morto, assim que não vejo tardança para nada.

— No meu caso, tudo que vejo é um homem que se arrepende após ver que as escolhas que fez para o filho não foram tão boas assim.

— Pode ser, mas também vejo à minha frente um homem jovem e orgulhoso como esse pai, e que se não se der conta a tempo, cometerá os mesmos erros que ele.

— Eu jamais importaria a um filho meu aquilo que não o fizesse feliz.

— Eu perdi quem eu amava com meus erros, Gonzalo, tome cuidado.

— Juana não morrerá, não como minha mãe.

— Não estava me referindo à condessa.

Pai e filho se olharam nos olhos de novo, dessa vez com verdade e o peito aberto a um novo caminho. Bastava apenas que dessem o primeiro passo.

— Preciso voltar para a festa, Juana está sozinha, entre os lobos.

O conde apenas assentiu e Zalo se foi, porém não sem antes deixar para trás um pedaço da mágoa que sentia pelo pai.

CAPÍTULO 20

Juana soube quando o marido se fez presente no quarto. Deitada e coberta da cabeça aos pés, ela estava semiadormecida quando sentiu que não estava mais sozinha. Soube disso não pelo barulho da porta ao abrir-se, nem pelos passos pesados do homem grande com o qual havia se casado. O que denunciou a presença de Zalo foi o cheiro, já tão natural dele. Uma mistura de pele masculina com perfume amadeirado e sabonete. O aroma tão familiar a despertou, primeiro trazendo conforto, seguido de uma enorme vontade de chorar.

Mal abriu os olhos e os fechou outra vez. Não queria delatar que estava acordada, assim, manteve o ritmo calmo de sua respiração e fingiu estar no mais plácido dos sonos.

O colchão estremeceu minutos depois com a chegada do marido à cama e acabou engolindo em seco enquanto o sentia se ajeitar sob as cobertas.

— Juana? — chamou às suas costas, o corpo grande e quente encostando no seu. Sua vontade de chorar voltou e precisou fazer um esforço hercúleo para controlar a ânsia que sentia de estapeá-lo.

Quando Zalo tocou seu braço, acariciando toda a extensão de pele descoberta pela camisola, ela quis maldizer a si mesma por seu corpo ainda reagir a ele.

No instante seguinte, o marido soltou um longo suspiro e recostou-se nos travesseiros. Ela quase soltou um suspiro de alívio, não fosse estar tão magoada e sentir todo o corpo à flor da pele.

O baile, o maldito baile dessa noite.

Foi apresentada a tantas pessoas que não conseguia se lembrar nem da metade dos nomes que lhe foram ditos. Alguns a trataram com genuína simpatia, outros com escandalosa curiosidade, enquanto outros claramente estavam sendo apenas educados ante sua presença.

E estava tudo bem, Juana sabia lidar com o desprezo, a curiosidade e a falsa educação das pessoas para com ela. O que não estava nada bem era o sumiço de Zalo no meio da festa. Olhou ao redor enquanto a Marquesa de Cabanes não parava de tecer gentis comentários sobre os convidados e não encontrou o marido. Queria estar ao lado de Zalo,

precisava do conforto da companhia dele em meio a tanta hostilidade disfarçada.

Pediu licença à marquesa e perguntou a um dos garçons se ele havia visto seu marido e foi informada que “*Don Gonzalo*” foi visto seguindo pelo corredor. Agora, qual dos corredores? Juana se decidiu pelo que levava em direção a ala masculina da casa, bem iluminado pelos castiçais.

Ela passou a andar sobre o carpete com cuidado a fim de prestar atenção e talvez escutar a voz do marido diretamente de uma das salas. Foi quando virou no corredor à direita e encontrou Aitana em frente a uma das portas, aos prantos.

A mulher soluçava e balbuciava coisas incompreensíveis, e ainda não notara sua presença, mesmo que se aproximasse rapidamente.

— Aitana, está tudo bem? — tocou-lhe gentilmente no braço.

Ela levantou a cabeça lentamente e então Juana pôde ver seus olhos vermelhos lacrimejantes e seu batom borrado nos lábios. Seu braço soltou-se do toque de Juana com brutalidade, como se sentisse repulsa.

— É tudo culpa sua! — acusou e partiu pelo corredor, não sem antes trombar com o ombro no de Juana, deixando-a atordoada.

O que era sua culpa?

O que Aitana fazia sozinha saindo daquela sala, afinal?

Olhou para os lados e encarou o corredor deserto. Talvez aquilo não fosse da sua conta, mas a voz que saiu logo em seguida pela fresta da porta aberta, essa sim era.

Zalo.

A voz dele se fez presente, alta e forte. Juana se aprumou e aproximou-se da porta, colando os ouvidos.

— Deixe Juana fora disso. — Seus ouvidos se atentaram ainda mais ao escutar seu nome sendo dito pelo marido

— Então admite que a estava traindo aqui? Em um local onde qualquer um poderia entrar e ver? — Era a voz do conde.

E aquela era a biblioteca. O que faziam Aitana, Zalo e o conde sozinhos naquele lugar?

— Eu nunca traí Juana, nem pretendo.

— Você estava beijando outra mulher!

A resposta às suas dúvidas veio em forma de uma torrente de ar que lhe atingiu como um soco no estômago. Um senso de alerta passou a percorrer

todo o seu corpo, como se estivesse consciente de cada batida de seu coração. Frio e calor atravessaram sua pele enquanto ouvia a conversa dos dois.

Você estava beijando outra mulher!

Zalo e Aitana estavam... se beijando?

Então aquilo era sua culpa. Os dois depois de anos se reencontraram e não poderiam dar continuidade à paixão que sentiam por sua culpa. Porque ela estava casada com Zalo.

Mas espere... *ela* estava casada com Zalo. Era sua esposa, a mulher a quem ele devotava todas as noites e amava com os olhos.

Ela sentia isso no mais mínimo de seu toque. Por *Diós!*

Então, como se já não estivesse ferida o suficiente, as palavras de Zalo vieram para dar um golpe de misericórdia em seu coração.

— Por que se casou, afinal? — o conde perguntou com sua voz mal-humorada.

Juana esperou a resposta como quem espera uma sentença de vida ou morte.

— Eu a arruinei! — Pedacos da primeira noite que tiveram juntos, começaram a passear por sua mente, relances vívidos, como se os tivesse vivendo agora. Zalo continuou a dizer: — Não me contive. Quando dei por mim eu a havia desonrado e não havia outra coisa a fazer além de casar-me com ela. Afinal, foi ou não foi para isso que o senhor me criou? Para cumprir minhas responsabilidades?

Foi como se mil facas tivessem sido enfiadas em seu peito. Dor, muita dor, se espalhava dentro de si. Ela nunca sentira algo assim. Nada nunca a ferira dessa forma.

Era esse o motivo, por isso não se deixava levar pelos demais. Quando se entrega seu coração a alguém, você permite que essa pessoa tenha a chance de lhe cortar a alma. E a sua agora encontrava-se em pedacos.

Foi em um leve torpor que ela deu alguns passos para trás e passou a se afastar da porta. Não podia ouvir mais nada, não queria, o que ouvira havia sido o suficiente. O bastante para entender que só estava na vida de Zalo por obrigação.

Diós mío, é claro que havia paixão entre eles, mas era só isso. Não, não era. Porque Juana era uma tola que havia se apaixonado pelo próprio

marido. Esquecera de vigiar as defesas de seu coração e o deixara entrar e fazer morada em sua mente.

Ela havia lhe entregado tudo, absolutamente tudo que tinha. Não era muito, mas era dela. Pela primeira vez em sua vida seu coração impedia sua mente de enxergar as coisas com clareza.

O que faria a seguir?

Devia confrontá-lo? E o que diria? Como ele reagiria?

Sentiu medo do que viria a seguir, pois se tudo era verdade, que razão havia para continuar com aquele casamento?

Pensou em mil coisas durante a noite, a ponto de não conseguir dormir. Ao seu lado, o marido respirava profundamente, de consciência limpa.

Quando amanheceu, Juana já estava de pé. Andava de um lado ao outro no quarto de vestir sem saber muito bem o que fazer e em uma olhada na janela viu o Marquês e a Marquesa de Cabanes prontos para partir em uma suntuosa carruagem. As malas já estavam todas organizadas na parte de trás do veículo e um criado ajudava a marquesa a entrar.

Juana soube exatamente do que ela precisava: uma carona.



O DUQUE e a Duquesa de Granada aproveitaram que a filha dormira cedo e organizaram um jantar à luz de velas, em um clima romântico na sala íntima. Letizia pediu à cozinheira que preparasse os quitutes favoritos do marido, enquanto se vestiu com esmero após um longo banho na nova e moderna banheira, instalada após meses de reforma no castelo.

Servido o jantar, os criados pediram licença e deixaram o casal a sós.

— Minha duquesa está atrevida esta noite — Andrés disse para em seguida beijar os dedos da esposa e sorrir com malícia.

— Apenas estou garantindo meu lugar na suíte ducal hoje. — Estavam sentados à cabeceira da enorme mesa, lado a lado, o que permitia a Letizia tocar o marido por baixo da longa toalha.

— Seu lugar na suíte ducal é cativo, *lolitschai...* e no meu coração também — afirmou, trazendo-a para si e iniciando um suave e lento beijo.

Uma sucessão de pigarros quebrou o clima romântico do casal. Andrés soltou uma imprecisão baixinho enquanto Letizia sorriu, segurando a mão

do marido.

— Diga, Santiago. — A duquesa acenou para o criado.

— Perdoem-me interromper, Vossas Graças, mas os *señores* têm visita.

— A essa hora?

— Sim, *señor* duque.

— Vou ver quem é — Andrés disse se levantando.

— Vou com você — a duquesa também se pôs de pé.

— Não é necessário, *mi amor*, termine de comer e... — ele a viu o encarando com olhos de quem não aceitaria ficar de fora. — Está certo, vamos.

De mãos dadas o casal partiu em direção ao hall de entrada. Sorriam um para o outro durante todo o caminho, eles não enxergaram a jovem aguardando no vestíbulo.

— Juana? — Foi Letizia quem viu a irmã primeiro.

Em um vestido de viagem, ela tinha as mãos cruzadas uma na outra.

— É o único lugar que pensei ir — a moça disse e então repararam em seus olhos vermelhos e inchados.

— O que houve? — questionou a duquesa.

Em seguida Juana tomou a atitude mais inusitada de toda sua vida. Talvez porque finalmente se sentia de novo segura e em casa, com pessoas que realmente a amavam, ou talvez porque não aguentava mais sofrer, a verdade é que depois de um longo dia de viagem, Juana atravessou o salão e correu para os braços... do cunhado.



FOI uma longa e delicada conversa entre irmãs.

Muitas coisas foram ditas e discutidas, e enquanto a duquesa ouviu atentamente cada palavra, Juana por sua vez abriu o coração para a irmã como nunca antes havia feito.

— Ainda não acredito que se casou.

Juana a observou com olhos tristes e cansados e apenas deu de ombros. A duquesa prosseguiu:

— Acho que tenho muito a contar a Isabel em minha próxima carta. — Ambas riram. — Sinto muito que ele tenha partido seu coração, Nita. Ele

que não apareça na minha frente ou sentirá todo o poder da minha pistola.

— As irmãs se deram as mãos.

— Obrigada pelo apoio... eu acho.

— Como eu não a apoiaria? Você é minha irmã. — Sentadas sobre a cama do espaçoso quarto de hóspedes as irmãs se abraçaram. — O que acha de dormirmos juntas como fazíamos quando éramos adolescentes?

— Mas e Andrés?

— Não se preocupe, ele me apoiará em qualquer coisa. Mesmo se eu quiser me pendurar no lustre do salão do castelo.

Juana a encarou com o cenho franzido.

— Tudo bem, isso não, mas você entendeu o que eu quis dizer.

E assim fizeram. Naquela noite o coração de Juana foi remendado pelo carinho incondicional de sua família.

CAPÍTULO 21

O sorriso da pequena Amaia transmitiu alegria a Juana.

Estava há mais de meia hora no quarto da bebê, mimando-a e sentindo o delicioso cheirinho infantil que emanava do pequeno corpinho. Estar de volta ao castelo a fez lembrar-se que ainda era uma tia, uma irmã, até uma cunhada. Ainda era Juana Vasquéz, houve vida antes de se casar com Zalo, haveria muito mais depois de separar-se dele.

Quanto mais tempo ficou entre os seus, mais teve certeza de que não poderia aceitar estar casada com um homem apenas porque ele a considerou um dever. Se Zalo a desposou por puro compromisso, pois muito bem, ela o liberaria dele.

— *Señorita* Juana? — A voz do mordomo interrompeu seus devaneios enquanto balançava levemente a bebê em seu colo.

— A *señorita* tem visita.

— Visita? Quem é?

— Não disse o nome, mas é um homem.

Pronto, era isso. Zalo a encontrara e esse era o momento da verdade. Iriam se enfrentar e pôr fim àquilo que foi o breve casamento deles.

Deixando Amaia no berço com um suspiro, ela seguiu para o vestíbulo.

E lá estava. Trajando um sobretudo negro e botas, de costas para o corredor, um homem que... não era seu marido.

— Javier? — disse, mais alarmada do que surpresa pela presença do chefe da Guarda Civil.

— Olá, Juana, como vai?

— Bem, mas... o que faz aqui?

— Estive procurando-a em Sevilha e quando fui à casa de *Don* Ramiro Fuentes me disseram que a *señorita* estava aqui, em Granada.

— Pois muito bem, aqui estou. Em que posso ajudá-lo, *señor* García?

— Juana... posso chamá-la pelo primeiro nome?

Não sabia se deveria permitir tal intimidade, porém o homem havia salvado sua pele uma vez. Isso queria dizer que lhe devia algo.

Ela assentiu.

— Vim porque não consigo esquecê-la. Tento e a única coisa em que penso é na *señorita*. Sua coragem e também na sua beleza.

— Não... não estou entendendo...

— *Señorita* Juana — ele se aproximou —, venho humildemente dizer que tenho uma posição de respeito perante a sociedade e que nada, absolutamente nada, faltaria a você pelo resto de sua vida. Me concederia a honra de lhe fazer a corte?

Não soube exatamente se o que ouvira havia sido o correto. Aquilo era um pedido para um cortejo?

— Sei que pode parecer abrupto e repentino meu pedido, mas...

— *Señor* García, pare. Pare aí mesmo o que está dizendo.

O homem calou-se, finalmente. Observava-a com olhos esperançosos, aos quais ela não conseguia nem ao menos encarar.

— Eu estou realmente muito lisonjeada pelo seu pedido, de verdade, mas creio não ser possível aceitá-lo.

— E por que não?

Com cuidado Juana levantou a mão que carregava sua aliança e pairou-a ante os olhos do homem.

— Já sou uma mulher casada.

O que veio a seguir foi um tipo de silêncio muito difícil de suportar. Javier fitou sua aliança com cuidado e em seguida a encarou com os olhos bem abertos.

— *Perdón...* eu... quero dizer... quando... como... — Atordoados, o homem precisou segurar sua mão para garantir a veracidade do fato. — Não sei o que dizer.

Sua voz grave não escondeu o tom decepcionado. Juana sorriu, não por achar graça da situação, mas para quebrar o clima difícil.

— Pois deixe que eu lhe diga, *señor* Javier, que estou casada há apenas alguns dias. Foi algo um tanto impensado, que no momento me fez muito feliz, porém agora me faz pagar amargas consequências. — Seu tom soou triste, no final.

— Não é algo muito otimista de se ouvir de uma mulher recém-casada. A *señorita*... perdão, a *señora* disse consequências?

— Creio que não tenho o direito de ocupá-lo com meus problemas conjugais, *señor* García, entretanto...

— Então há problemas? — perguntou, aproximando-se dela outra vez.

Juana soltou um longo suspiro e indicou uma das poltronas do salão para que eles se sentassem.

— Veja bem, *señor* García...

— Javier, me chame de Javier.

— Javier. Muito bem... como um homem da lei, poderia me ajudar a procurar um advogado?

— *Bueno*... é claro, eu faria qualquer coisa que a *señora* pedir, *Doña* Juana. Minha estima por sua pessoa não tem limites.

Ela corou ante o galanteio.

— Mas primeiro precisa me dizer para que quer os serviços de um advogado.

Mordendo o lábio inferior ela pensou se devia ou não dizer a verdade.

— É para um divórcio... meu divórcio.

Houve mais silêncio, até que Javier, com seus olhos profundos e alto porte, se colocou frente a frente à Juana.

— *Doña* Juana... não quero fazer pouco caso da sua dor, mas me permite fazer uma pergunta?

Ela assentiu, curiosa.

— Acaso ele a ama? — A boca dela se abriu em surpresa com o questionamento. — Mas que pergunta a minha, não é mesmo? É claro que não a ama, ou então não a teria deixado sozinha... não a estaria fazendo sofrer.

O chefe da Guarda Civil se ajoelhou e tomou sua mão com carinho, enquanto Juana percebeu que estava sensível demais a qualquer assunto que envolvesse o marido e seu casamento, pois seus olhos se encheram de lágrimas.

— O que quero dizer... é que você pode amá-lo, eu não me importo. Só permita que eu a ame... depois que estiver livre.

— Javier...

— Sei que é pedir muito, mas divorcie-se dele, ele não a merece. Case-se comigo. Eu moverei céus e terras para fazê-la feliz.

— O que está acontecendo aqui?

A voz de Zalo penetrou o vestíbulo com ferocidade, tirando-a do transe em que a proposta de Javier havia lhe colocado.



ELE ESTAVA CANSADO, sujo e com fome. Mais do que isso, estava confuso e bravo. A última coisa que esperava, quando finalmente chegou ao castelo Navarro, era encontrar sua mulher literalmente de mãos dadas com outro homem.

Aliás, as mãos unidas não eram o único problema. Pelo que ele tinha ouvido, havia planos de divórcio: o seu divórcio, e de um novo casamento. Quem aquele sujeitinho pensava que era para propor algo assim à sua esposa?

— Tire agora mesmo as mãos de cima dela — exigiu quando avançou em direção aos dois.

— Zalo, não! Nada de violência. — Juana se colocou na frente de Javier.

— Você vai defendê-lo? Que diabos está acontecendo aqui?

— Deixe-me, pequena, posso lutar minhas próprias batalhas. — Javier e Zalo ficaram frente a frente.

— Você a chamou de quê? — perguntou revoltado. — Não, não repita. Eu e você, agora, lá fora.

— Já disse que não quero briga — suspirando Juana ficou entre os dois homens outra vez. — *Señor* García, creio que seja melhor deixarmos essa conversa para um outro dia.

— Tem certeza de que estará segura ao lado... dele?

— Sim, tenho. Esse cão ladra muito e morde pouco.

— Sendo assim, com a sua licença. Não deixe de pensar em minha proposta. — Com a cartola em mãos, ele fez uma leve saudação para a jovem e em seguida se foi.

Zalo acompanhou o trajeto do chefe da Guarda com os olhos e só voltou a encarar a esposa quando teve certeza de que o homem estava dando a volta com a carruagem.

Quando marido e mulher se reuniram no salão outra vez, um pesado silêncio se estabeleceu. Juana tinha os braços cruzados e não encarava Zalo nos olhos. Ele por sua vez, buscava qualquer traço na esposa que justificasse os últimos acontecimentos em seu casamento.

Despertou em um quarto vazio, seguido pela notícia de que ela havia partido, o abandonado sem nem ao menos dizer adeus. O baile havia sido um transtorno para ele... só lhe restou imaginar que inevitavelmente deve ter sido um tormento ainda maior para Juana. Depois disso conseguiu pegar um trem para Granada apenas à noite. Ele sabia onde ela estaria, não correria para as asas do pai, não sozinha e com a notícia do casamento se espalhando.

— Não vai me dizer nada? — questionou Zalo.

Ela levantou uma sobrancelha e se afastou.

— Não sei, talvez você tenha algo mais importante a falar primeiro.

— Juana... o que quer que tenha visto, ou ouvido... podemos conversar sobre isso, podemos resolver juntos. *Mi flor*... por que fugiu?

Os olhos de Juana estavam cortantes quando perguntou:

— Como sabe que eu posso ter visto ou ouvido algo?

Maldición!

Zalo coçou a cabeça um instante e em seguida admitiu:

— Aitana me disse... que se encontraram na porta da biblioteca na noite do baile.

— Ah, Aitana... que prestativa, ela.

— *Mi amor*...

Ela não permitiu que ele falasse porque começou a balançar a cabeça negativamente, com os olhos fechados. Zalo sentiu um aperto no estômago, uma sensação de que algo terrível estava prestes a acontecer, sentiu-se assim desde que soubera da partida de Juana.

— Acho que esse é o problema, não é mesmo, Zalo? Nos casamos pelos motivos errados. Eu deveria ter exigido para mim mesma um casamento sem amor, onde eu sentisse apenas respeito e devoção pelo meu marido.

— O que está querendo dizer com isso?

— Estou dizendo que você partiu meu coração, e um coração partido não pode ser consertado. Quero o divórcio.

— Se quebrei seu coração... é porque você o tinha me dado. Então me ama. — Não levaria a sério essa história de divórcio, pois que Deus o ajudasse, as coisas se resolveriam.

— Não amo mais! — Limpou uma lágrima solitária do rosto e lhe deu as costas.

— Juana, olhe para mim. — Virou-a gentilmente, tocou seu braço. — Diga o que viu — pediu baixinho, limpando os olhos dela com seus largos dedos na pele macia e fina.

— Eu ouvi... sobre você e Aitana, na biblioteca. — Seus lábios tremeram, talvez de nervoso, talvez porque tentou segurar a emoção. — E ouvi quando disse que se casou comigo apenas por responsabilidade. Porque dormimos juntos.

Zalo deu alguns passos para trás praguejando e puxando os fios dos próprios cabelos.

— E o que mais? Não ouviu quando eu disse a meu pai que a amava? Que faria qualquer coisa por você? Quando a defendi de tudo e de todos?

— Não, não ouvi — vociferou. — Eu estava triste e confusa, porque você estava dizendo coisas que me magoaram.

Ela chorou.

E Zalo sofreu ao vê-la sofrer.

— Estou cansada. Não sou assim, não estou acostumada a ser isso — apontou para si mesma —, esse regador ambulante. — Limpou os olhos mais uma vez e suspirou.

Zalo sorriu da expressão usada e se aproximou dela, primeiro abraçando-a, depois beijando seu rosto por inteiro, até mesmo as lágrimas.

— Não venha me tocar com esses lábios que encostaram em sua amiguinha.

— É ciúme o que vejo, *señora* Montoya?

— Vamos, me solte. Quero o divórcio, já disse.

— Não, não soltarei. Não enquanto não entender que a própria Aitana criou uma armadilha para me levar à biblioteca. Em seguida se jogou sobre mim, enquanto eu estava totalmente apavorado por estar sendo beijado por lábios que não eram os da minha mulher.

Ela o observou com olhos atentos e incertos.

— E-ela o beijou?

— Eu juro, *mi amor*. E a empurrei o mais rápido que consegui. Se quiser, pergunte você mesma ao conde, ele viu tudo de sua saída secreta na biblioteca.

— Mas... mas... eu pensei que... — Calou-se.

Olhos nos olhos, ele viu sua chance de tê-la para sempre em seus braços... sem erros e arrependimentos. Bastava que ele fizesse tudo certo

dessa vez.

— Pensei que tinha te perdido. — Segurou as mãos magras enquanto falava. — Saí como um louco da mansão quando soube que havia partido. Perdi o trem da manhã por pouco, só consegui uma passagem para viajar à noite. E tive a noite inteira em claro para entender que não há nada que eu ame mais no mundo do que você, Juana. — Beijou a mão dela com ternura. — Eu estava perdido e me encontrei em você. Naveguei pelos sete mares, mas nenhuma aventura me pareceu tão atrativa quanto a de viver ao seu lado. Amo você com tudo que tenho, o lado bom e o ruim. Amo quem você é e o que ainda será, a cada dia que passarmos juntos.

— Zalo...

— Me deixe terminar... sou um bruto, eu sei. E pode ser que eu falhe por mais vezes com você..., mas preciso ter a certeza de que estará aqui comigo para lutar por nós... lutar por mim. Sou um desafio, uma montanha a ser escalada todos os dias, *mi amor*, basta você estar disposta a fazer essa caminhada junto comigo. — Beijou as duas mãos, como se a reverenciasse.

Ele esperou por uma resposta.

Que não veio.

Juana apenas o encarou com olhos brilhantes enquanto suas mãos estavam unidas. Zalo esperou um pouco mais, prendendo a respiração em expectativa.

Certo, mi amor, temos todo o tempo do mundo...

A resposta que recebeu não era a esperada. Juana desvencilhou uma das mãos e desferiu um tapa no rosto do marido.

— Isso é por ter beijado outra mulher!

Aturdido, Zalo cobriu a bochecha avermelhada pela intensidade do golpe.

— E isso é por finalmente dizer que me ama.

Então ela o beijou, um beijo lento e carinhoso, quase preguiçoso, mas que em seguida tornou-se ávido, ambicioso. Juana reclamava para si a boca de Zalo e ele fazia questão de acompanhá-la sem nenhum problema, a língua explorando toda a extensão de sua boca, enquanto seus lábios cobriam os dela, famintos. Logo começou a explorá-la com as mãos, atraindo-a para si firmemente pelas nádegas e gemendo baixinho quando ela mordeu seu lábio inferior.

— Diga outra vez — pediu ela enquanto distribuía pequenos beijos um no outro.

— O quê?

— Você sabe! — Ela ruborizou enquanto ele achava graça.

— Eu te amo — sussurrou em seu ouvido e ele sentiu-a estremecer.

— Errado, eu te amo mais.

Seus lábios estavam prestes a juntar-se outra vez quando um ruído de pigarro se fez presente, alertando-os que o mundo não parou de girar por conta deles.

— Nós sentimos muito por interromper — Letizia começou dizendo com toda a delicadeza, enquanto ao seu lado o marido tentou manter-se sério —, mas achei importante avisar que a carruagem de *papá* acaba de chegar, Nita.

— *Bueno*, uma hora ele ia ter que saber não é mesmo? — disse Zalo, quando Juana o fitou em desespero.

— Mas... não queria que fosse assim.

— Vai dar tudo certo, *mi amor*. Não se preocupe.

Mal acabaram de falar, *Don Ramiro* adentrou o vestíbulo de bengala e cartola em mãos. Lado a lado, os casais eram uma visão e tanto para o visitante.

— Assim, que é verdade... — o homem começou a dizer, enquanto puxava a gola de sua camisa por conta do calor.

— *Papá*, que prazer em vê-lo! — Letizia tomou a frente e foi em direção ao pai.

Zalo, por sua vez, abraçou Juana pela cintura e segurou em sua mão.

— Me dê licença... duquesa ou não, meu assunto hoje não é com você, Letizia.

— Venha, querida, vamos deixá-los à vontade para conversarem. — Andrés tentou puxar a esposa para seu lado, mas ela o repeliu.

— Não, não vou me afastar de Nita no momento que ela mais precisa. Escute aqui, *papá*, Juana tem todo o direito de escolher viver a vida dela. O *señor* não pode querer que ela fique uma solteirona para sempre.

— O que eu acho ou deixo de achar... é assunto meu. — Ele pareceu ter dificuldade em falar.

Letizia e Juana se entreolharam, analisando o pai.

— *Don Ramiro*... — Zalo começou, pondo-se à frente da esposa. — Tomo para mim toda a responsabilidade ao ter desposado Juana sem o seu consentimento. Sinto muito por isso, mas ficaríamos encantados em ter a sua benção a partir de agora.

— É verdade, *Don Ramiro*, Agustín já deu a dele.

— A minha... benção? — disse arfante. — Mas que diabos de calor é esse nessa época do ano? — *Don Ramiro* retirou o terno que vestia e revelou uma camisa branca amassada pela viagem, coberta de suor.

— *Papá*... sente-se bem?

— Sim, sim... só uma coisa esquisita no estômago.

A duquesa tocou a sineta e logo uma criada apareceu para atendê-los.

— Providencie algo gelado para meu pai tomar, por gentileza — ela pediu e se aproximou dele logo em seguida.

— Deixe-me dizer uma coisa, mocinha... estou... muito decepcionado com você. Depois de todos esses anos, do cuidado e carinho que lhe ofereci... — O homem tinha o dedo apontado para Juana.

— Desculpe-me, *Don Ramiro*, mas não concordo. Juana não lhe deve nada — Zalo disse.

— Gonzalo! — a esposa o repreendeu.

— Perdão, *mi amor*, mas é a verdade. Tudo que *Don Ramiro* lhe fez não foi mais que sua obrigação de pai. E a meu ver, poderia ter feito muito mais.

Don Ramiro escolheu esse momento para colocar-se vermelho como uma rosa, e arrancou a gravata em um suspiro mudo.

— Ingratos. Isso é o que vocês dois são. Um casal de ingratos. Eu sei da sua história... Gonzalo Jimenez... você também é um filho coberto de ingratidão por seu pai.

O barulho de uma carruagem se interpôs entre a discussão. Todos se entreolharam imaginando quem seria o novo convidado.

— Você está esperando alguém? — questionou Juana.

— Não. Não faço ideia de quem seja.

Todos aguardaram com suspensa curiosidade que o visitante se apresentasse no vestíbulo, enquanto os passos foram ouvidos desde a escadaria, na entrada do castelo.

Santiago e a criada vinham pelo corredor trazendo bandejas de petiscos e chá gelado quando viram as pessoas entrarem pela porta.

— *Madre de Diós!* — O mordomo fez o sinal da cruz.

— São os Casanova! — A criada deixou a bandeja cair e saiu correndo pelo corredor afora.

— Está me devendo algumas moedas, capitão, eu disse que a reação das pessoas seria essa. — Era Isabel Casanova, a Baronesa de Altamira, quem disse para o marido observando o choque espantado dos presentes no salão.

— Como sempre, minha esposa tem razão. — Eric saudou a todos enquanto segurava a mãozinha de Sofia, sua herdeira, que caminhava ao seu lado.

Um pandemônio tomou conta da sala, com todos se abraçando e se beijando, matando a saudade do casal que acabara de chegar.

— Não posso acreditar que estão aqui! — Letizia foi a primeira a abraçar a baronesa.

— Muito prazer, sou Andrés Navarro. — O barão e o duque se cumprimentaram.

— Mas ele é idêntico ao... — Isabel disse observando o marido da prima.

— Eu disse — Letizia vangloriou-se abraçada ao marido.

— Por que não avisou que viriam? Eu teria os esperado no porto. — Zalo e o amigo de longa data se abraçaram.

— Fizemos os arranjos rápido demais, e como você não para em lugar nenhum, não fazíamos ideia de para onde enviar o telegrama.

— Bom, agora ele terá que fixar-se em algum lugar — Juana disse ao segurar a mão do marido.

Os Casanova logo perceberam a formação do novo casal, e depois de um breve silêncio de surpresa, eles o cumprimentaram, cheios de afeição.

— Senti sua falta — Juana disse com Sofia no colo.

— Senti ainda mais. — Isabel sorriu.

— Isabel! Isabel! — Foi *Don* Ramiro quem entrou no meio de todos e buscou as mãos da sobrinha. — Ah, Isabel...

Com a loucura que o salão se tornou nos últimos minutos, não se lembravam mais da hostilidade antes ali presente. No entanto, o calor de Don Ramiro não cessou e isso ficou bem evidenciado quando ele abriu dois botões de sua camisa em meio a todos.

— Tio, sente-se bem?

— Eu... não sei...

O homem teria desabado no chão se não fosse o rápido amparo de Andrés e Eric.

— *Mi Diós*, precisamos de um médico! *Papá, papá*, acorde — Letizia bradava preocupada ao lado do pai.

— Um médico? Por sorte temos a melhor aqui — Zalo disse encarando Isabel, que já pedia ao marido que fosse buscar sua maleta entre as malas na carruagem e colocou-se ao lado do tio.



— E SE ELE MORRER? — choramingou Letizia ao seu lado, enquanto as duas rezavam de mãos dadas em frente ao quarto de visitas.

— Não, não pense assim. Ele não pode morrer, porque se ele morrer terá sido minha culpa.

— Nita, não! Creio que *papá* já vinha passando mal desde a viagem.

— Mas ele zangou-se porque ficou sabendo do meu casamento...

— Shii, shii, não, *mi amor*, não vai acontecer nada. — Zalo abraçou a esposa, tirou-a da porta e a levou para o outro lado do corredor. O Duque de Granada fez o mesmo com Letizia.

Ambas as mulheres estavam inconsoláveis. Quando a porta se abriu instantes depois, tinham a face inchada de tanto chorar. Isabel saiu com o semblante calmo e polido de sempre, o que deixava as coisas ainda mais enigmáticas.

— Como ele está? — perguntou Letizia indo para junto da prima.

— Está bem, não se preocupem. Tio Ramiro provavelmente comeu algo que lhe fez mal e agora está sofrendo as consequências disso, mas já prescrevi um elixir que vai ajudá-lo a melhorar mais rápido.

— Graças a Deus. — A duquesa a abraçou.

— Eu não disse que ia dar tudo certo, *mi amor*? — Zalo beijou a têmpora de Juana e permitiu que ela deixasse o abrigo de seu abraço.

— Obrigada, Isabel, obrigada. — Juana abraçou as duas mulheres à sua frente.

— Juana, ele quer vê-la — Isabel sussurrou no ouvido da amiga.

— E ele pode receber visitas?

A baronesa assentiu.

— Também quero vê-lo — Letizia disse enxugando as lágrimas —, mas vá primeiro, Nita, vocês provavelmente têm muito o que conversar.

Juana aceitou o lenço oferecido pelo marido e se ajeitou o máximo possível antes de abrir a porta do quarto. Lá dentro, *Don* Ramiro a esperava deitado no centro da enorme cama, trajando um pijama azul listrado. Parecia melhor, corado e bem-disposto.

— Você nos deu um baita susto, *señor* Fuentes. — Aproximou-se da cama.

Ele indicou que ela se acomodasse mais perto dele.

— Como se sente? — Juana questionou baixinho.

— Melhor, Isabel fez com que eu tirasse todo o meu café da manhã do estômago.

— Não é uma visão muito boa de se imaginar.

— Não, não é. — Eles riram. — Juana... eu achei... pensei que fosse morrer. — Os olhos do homem revelaram um medo que ela nunca tinha visto.

— Mas não morreu, pelo contrário, vai viver muito para mimar Amaia e Sofia pelos anos que estão por vir.

— E então eu percebi que... não fiz o suficiente por você, minha filha. — Os olhos dela se abriram com a menção do parentesco. — Sim, minha filha. Eu sou o seu *papá* e você deveria estar ao menos me chamando disso, em vez dessa besteira de *Don* Ramiro.

— Mas é que...

— Não, não, me deixe falar. Por muitos anos eu me senti confortável em tê-la só para mim. Tão confortável que esse se tornou o meu plano. Que você cuidasse de mim na minha velhice. Porque você me lembra demais a sua mãe... tão linda, tão forte, tão independente. — Juana já estava com os olhos marejados nesse momento. Nunca o ouviu falar da mãe. Pouca coisa sabia dela, ouvir dos lábios de seu pai era um verdadeiro presente — Eu me tornei egoísta, minha filha. Como alguém que encontra um tesouro e não quer dividi-lo. Eu não queria deixar você se casar, porque, de certa forma, a queria apenas para mim. E eu devia ter feito mais por você, Juana, muito mais.

— Mas o *señor* fez. E tudo que eu sou eu devo ao *señor*. Que nunca me abandonou e...

Ele balançou a mão direita em protesto. Em seguida segurou a mão dela com força, observando a aliança.

— E você, como filha de sua mãe, fez o que era da sua vontade. E eu não preciso perguntar, porque está em seus olhos, que esse moço te faz feliz.

— Eu o amo... *papá*.

Os olhos de *Don* Ramiro brilharam. Sem mágoas, ciúmes ou objeções, apenas amor... por sua filha.

— Me chame outra vez.

— *Papá*.

Eles se abraçaram e selaram uma relação nova: a de pai e filha de verdade. E quando Juana pensou em tudo que fizera para honrar a família, para deixar o pai feliz ou chamar sua atenção, ela percebeu que o que buscara mesmo era o amor incondicional de *Don* Ramiro. Ela sempre o tivera.

Estava completa.

Estava feliz.

EPÍLOGO

MESES DEPOIS

Era bom estar de volta.

Isabel Casanova chegou à conclusão, apesar da difícil caminhada para voltar à sociedade em que ela e Eric estiveram vivendo durante os últimos meses. Precisaram reafirmar quase a cada esquina quem realmente eram. Por sorte, com a prisão dos bandoleiros, capangas de Alonso, o nome dos Casanova estava limpo outra vez, e puderam ocupar a casa da família, no coração de Sevilha.

Aos poucos os convites começaram a chegar, e durante toda a temporada não houve mexerico maior do que o retorno do barão e da baronesa de Altamira. Assim, com a vida em dia, eles decidiram permanecer na Espanha por mais tempo do que o planejado. Isso levou-os diretamente a estarem presente nas festas de fim ano.

— Do que está rindo? — Eric perguntou, reparando em seu sorriso.

— Pode parecer loucura, mas estou achando graça da nossa felicidade.

— Bom, *señora* Casanova, eis uma coisa em que a *señora* é excelente.

— Hmm, e o que seria?

Estavam no jardim do castelo da prima. Apesar de imponente e antiga, a construção tinha o conforto de um lar e tornou-se o lugar ideal para os encontros familiares. Eric a abraçou pelos ombros e sussurrou em seu ouvido:

— A *señora* baronesa é maravilhosa em me fazer feliz.

— Mesmo que isso envolva minhas longas horas de estudo e minha conversa sem fim sobre procedimentos médicos? — questionou com o cenho franzido.

— Acredite quando eu digo que esse é o seu maior charme. — Gargalharam.

O olhar materno percorreu o lugar com presteza e seu coração ficou em paz ao ver a filha, não tão distante, recolhendo flores.

— Olhe só para ela, nem imagina quantas aventuras tivemos que viver para tê-la — falou suspirando. Acabou ganhando um leve beijo do marido na bochecha.

— E valeu a pena. Olhe só para nós hoje... ninguém apostaria uma só moeda que conseguiríamos.

— Bastou que apenas eu e você acreditássemos para dar certo. — Isabel sentiu a voz embargada.

— E então, pronta para voltar para casa? — Eric perguntou, escrutinando seu rosto mais uma vez. Ele havia ficado bastante atento ao fato de que talvez ela quisesse permanecer na Espanha após conseguirem restabelecer o sobrenome Casanova, além de reverem toda a família.

— É claro que estou pronta! Além do mais, minha casa é onde você e Sofia estiverem.

Eric sorriu e segurou seu rosto com ambas as mãos, antes de depositar um beijo em seus lábios. Em seguida foram até a filha, e Isabel pensou que não poderia atingir felicidade maior do que essa.

Foi o que também pensou Letizia quando observou o marido Andrés, ajoelhado no chão a alguns poucos metros de distância, de braços abertos, esperando que a pequena Amaia fosse até ele em seus curtos e desengonçados primeiros passos.

— Isso, minha garota! — o duque falou quando agarrou a menina. — Olhe só para ela, *mi bien*.

Era uma visão bonita para se gravar na memória. Letizia sorriu para o marido e se aproximou, vendo como ele embalava a filha em um abraço protetor.

— Você não se cansa de mimá-la, não é mesmo? — falou entre risos e aproximou-se deles.

— Nunca. Vou mimar vocês duas pelo resto dos meus dias. — Ele envolveu sua mão na dele.

— Então devo agradecê-lo por ter sido muito mimada na noite passada — sussurrou ao ouvido do marido e ganhou um olhar malicioso em seguida.

— Prepare-se para muito mais, *lolitschai* — Andrés murmurou de volta. Ela deu um leve tapa em seu ombro, abrindo um sorriso e ao mesmo tempo ruborizando.

— Minha duquesa — ele falou, ajeitando Amaia no colo.

— Diga, meu duque, o que deseja?

— Muitas coisas, mas que bom que temos a vida toda pela frente.

Ele a beijou com suavidade, mas logo foram interrompidos pelas mãos da filha, se interpondo entre os lábios.

— Onde está Nita? O almoço já será servido — Letizia disse entre mordidas na mãozinha de Amaia.

— Já deve estar saindo, não se preocupe. — Voltou a beijá-la, agora sem a interrupção da criança.

Aquele era um bonito dia para um almoço ao ar livre, Juana pensou.

Ela observava, da varanda do quarto de hóspedes na ala oeste do castelo, o vai e vem dos criados, para deixar tudo pronto sob uma imensa árvore no jardim.

Enquanto isso, o mais novo par de amigos jogava carteados em uma das mesas no enorme gramado. *Don Ramiro* e *Don Hernando* haviam encontrado muitas coisas em comum nos últimos meses de convivência familiar. Ambos quiseram dar palpites ou ajudar financeiramente a nova vida que ela e Zalo estavam construindo.

Entretanto, o marido soube muito bem como dosar a intromissão deles, porém acabou aceitando de bom grado a proposta do sogro, que lhe ofereceu um investimento na fábrica de cerâmica Fuentes. O Duque de Granada, esperto que só ele, também entrou na transação e agora aproveitavam os lucros de um bom negócio familiar.

Por fim, tudo que Zalo lhe prometera havia se cumprido. Viviam em um chalé em Jaén, com vista para uma bonita campina e tinham um jardim coberto de flores. Não era tão perto, a fim de dar-lhes privacidade, mas nem tão longe, para deixá-la com saudades da família por muito tempo. Era uma boa vida a que vivia e tinha muito mais a agradecer do que reclamar.

Olhou para a irmã e o marido dando de comer à pequena Amaia, e ela pensou com carinho no quanto amava aquelas pessoas.

— Está pronta? — Sentiu os braços grandes e fortes do marido abraçarem-na pela cintura, seguido do suave beijo em sua bochecha.

— Estou.

— E o que tanto observa?

— Não sei... acho que vou sentir falta.

— Do quê? — questionou Zalo com o cenho franzido.

— Da calma em nossa vida.

Ele continuou a olhá-la sem entender.

— Você sabe, uma criança sempre enche a casa de travessuras.

— Mas... — começou a dizer, parando logo em seguida. — Você... quer dizer que... — Seus olhos se arregalaram com o entendimento.

— Isabel confirmou essa manhã. Provavelmente nascerá no verão.

A resposta de Zalo foi beijá-la com um ímpeto de felicidade. Beijou-a até que seus lábios se cansaram, então arrancou os pés da esposa do chão e rodopiou-a no ar.

— Pare, pare, antes que me deixe tonta.

Eles riram um para o outro pelo motivo mais feliz de todos.

— Aposto que nossos pais competirão para ver quem mimará mais essa criança.

— Terão que duelar comigo, pois eu darei a minha vida por ela — garantiu. Deixando-a tocar os pés no chão outra vez, ele abaixou-se até estar frente a frente com o ventre, e beijou-o sobre os tecidos do vestido que ela usava.

— Ela?

— Sim. Ele, ela, não importa.

O coração de Juana se encheu de alegria com as palavras do marido. Com os olhos um no outro novamente, eles não deixaram de sorrir nem por um momento.

— Eu a amo, Juana.

— Shiii. — Ela pôs um dedo em seus lábios antes de beijá-lo. — Eu o amo mais.

Ela não soube ao certo se foi uma sina ou o acaso o que os uniu. Não importava. O que ela sabia é que eram o destino um do outro.

Fim

AGRADECIMENTOS

É com enorme felicidade que encerro essa jornada chamada “Nobres de Andaluzia.”

Terminar um livro sempre é satisfatório, mas acabo de descobrir que terminar uma série tem um sabor ainda melhor.

Obrigada a você que acompanhou meus queridos Nobres até aqui, e que se envolveu em cada uma de suas histórias. Eles não existiriam se não fosse por você.

Escrever Juana não foi uma tarefa fácil, houve uma dose de crise de identidade e muito sofrimento por antecipação ao ter na tela do computador minha primeira protagonista preta. Espero ter sido digna de compor essa história.

Além do fato das doses de licença poética ao imaginar a vida de uma mulher preta na Espanha no final do século XIX.

Meu maior sonho para esse livro foi o de criar Juana como uma força da natureza, então, para cada mulher que me leia, tenha um pouco de “Nita” em sua vida. Deixe-se levar pela Juana que há em seu interior e seja feliz.

Este livro jamais teria sido possível sem a ajuda de pessoas especiais como meu grupo de betas: Ivone, Camila, Jeanne e Jessica. Elas estão comigo sempre desde a primeira letra, obrigada, meninas.

Agradeço também a Karina Heid por ler esse livro previamente e trocar longos áudios comigo sempre que possível sobre como fazer essa história melhor, apesar do fuso horário do Oriente Médio.

Agradeço a Sarah Libna por criar uma capa tão merecedora de Juana, e ainda mais linda do que eu poderia sonhar.

E como sempre, agradeço a você, leitora, por sempre me acompanhar na aventura de escrever um livro. Nas suas mãos encontra-se um pedaço do meu coração, e o resultado de sonhos combinado com trabalho duro.

No mais, espero te encontrar em minhas próximas histórias.

Com carinho, sempre.

Sarah Summers

OUTRAS OBRAS

Obrigada por ler “Os Nobres de Andaluzia”. Se possível, passe a mensagem adiante e indique as histórias a uma amiga que ama ler. Essa sempre será a maior recompensa de um autor.

Se possível, deixe sua avaliação na página do box na Amazon. Você me ajuda muito fazendo isso.

QUER FALAR COMIGO?

Envie um e-mail: sarahsummerscontact@gmail.com

Para novidades e conhecer o meu dia a dia, me siga no **Instagram:**
[@sarahsummersautora](https://www.instagram.com/sarahsummersautora) ou acesse o **site:** www.leiamaisromance.com.br

CONHEÇA MEUS OUTROS TRABALHOS:: ROMANCES CONTEMPORÂNEOS

[Amor a La Mexicana](#)

[Felizes para sempre](#)

[A secretária & o CEO.](#)

[Ardente tentação](#)

[Contrato com o destino](#)

Antologia

[Amores Rebeldes](#)

ROMANCES DE ÉPOCA: (SÉRIE – NOBRES DE ANDALUZIA)

[A Promessa de Uma Dama](#)

[A Vingança de Uma Duquesa](#)

[O Destino de Uma Bastarda](#)

SOBRE SARAH SUMMERS

Sou capixaba e estou mais perto dos trinta do que dos vinte. Aos doze li meu primeiro romance e nunca mais parei, aos quatorze soube que amava escrever. Professora de espanhol, inglês e autodidata do sarcasmo (meu *Friends* favorito é o Chandler).

Amo karaokês e uma boa série nórdica. Moro perto da praia com três cachorros muito bagunceiros e meu único defeito é ler romances demais.

Na dúvida, me encontre sempre por aqui:
www.leiamaisromance.com.br